

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LIZ ANDRÉA DALFRÉ

**DOS "ESPLENDORES SUFOCANTES DO TRÓPICO" AOS
"COELHOS DA ESPÉCIE VEGETAL": os olhares de Domingo Faustino
Sarmiento sobre o Brasil**

**Curitiba
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LIZ ANDRÉA DALFRÉ

**DOS "ESPLENDORES SUFOCANTES DO TRÓPICO" AOS
"COELHOS DA ESPÉCIE VEGETAL": os olhares de Domingo Faustino
Sarmiento sobre o Brasil**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História, da Universidade Federal do Paraná,
linha de Pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade:
reflexão e sentimento na história, como requisito
parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof. Dra. Roseli Terezinha Boschilia.

Curitiba
2014

Catálogo na publicação
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Dalfré, Liz Andréa

Dos “esplendores sufocantes do trópico” aos “coelhos da espécie vegetal “ : os olhares de Domingo Faustino Sarmiento sobre o Brasil / Liz Andréa Dalfré – Curitiba, 2014.
320 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roseli Terezinha Boschilia

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Brasil – História – Séc. XIX. 2. Sarmiento, Domingo Faustino, 1811-1888. 3. Brasil-Argentina – Relações internacionais. I.Título.

CDD 981



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **LIZ ANDREA DALFRE** intitulada: **Dos "esplendores sufocantes dos trópicos" aos "coelhos da espécie vegetal": os olhares de Domingo Faustino Sarmiento sobre o Brasil**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *Aprovação*, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

Curitiba, vinte e cinco de agosto de dois mil e quatorze.

Prof. Dra Roseli Boschilia (Orientadora)
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto (UNICAMP)
1º Examinador

Prof. Dr. Marlon Jelson Salomon (UFG)
2º Examinador

Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado (UFPR)
3º Examinador

Prof. Dr. Luiz Geraldo da Silva (UFPR)
4º Examinador

A todas as mulheres da minha vida.
À minha mãe e à vó Edna, que estiveram
presentes ainda que ausentes.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas colaboraram ou incentivaram, de diferentes formas, a concretização deste trabalho. Recupero aqui, correndo o risco de muitos esquecimentos, alguns destes nomes.

Inicialmente, agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR pelos debates propiciados nas disciplinas, palestras e eventos dos quais participei. As professoras Ana Paula Vosne Martins e Karina Belotti oportunizaram importantes reflexões em suas aulas. Agradeço a Andréa Doré, que possibilitou um encontro especial com a teoria da história e ao professor Rodrigo Machado, do Departamento de Letras, pelas leituras promovidas por meio da disciplina sobre literatura latino-americana.

Ao meu orientador argentino, professor Ricardo Cicerchia, agradeço por ter me recebido no SEPHILA (Seminário Permanente de História de América Latina Contemporânea do Instituto de História Argentina y Americana Dr. E. Ravignani) e indicado caminhos e arquivos fundamentais; à sua esposa Patricia, pela hospitalidade e auxílio na obtenção da bibliografia; aos professores de sua equipe, especialmente Marcelo Garabedián e Laura Mazzoni, que me forneceram uma inestimável ajuda junto aos arquivos de Buenos Aires, facilitando o acesso aos acervos e tornando o caminho menos solitário.

Embora não tenha sido possível utilizar todo o material pesquisado nos arquivos de Buenos Aires, o empenho e a dedicação das pessoas que me atenderam e me auxiliaram merecem meu reconhecimento. Sem vocês, o percurso da pesquisa talvez não tivesse sido possível. Agradeço a Alejandro, Adolfo, Noelia e Florencia, do *Archivo de la Nación*; ao Juan e Julian, do *Museo Historico Sarmiento* e, especialmente, a Adriana Muro, responsável pelo Arquivo Histórico desta instituição; a Abel e Violeta, do *Instituto Dr. E. Ravignani*, e a Maria Ximena Iglesias, do *Museo Mitre*.

Agradeço ao Programa REUNI de Assistência ao Ensino e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão das bolsas de estudos no país e no exterior. Desde os quatorze anos de idade sempre precisei conciliar trabalho e estudo e nem sempre (quase nunca) foi fácil. Poder me dedicar integralmente (ou quase) à pesquisa foi uma ótima experiência. Espero que muitas pessoas possam continuar se beneficiando com esse tipo de programa.

Felizmente pude contar com amigos que colaboraram diretamente, por meio de debates, da indicação de textos, de reflexões em aulas e/ou que incentivaram esse trajeto

propiciando conversas em momentos de descontração em meio à tensão da escrita e dos prazos. Não poderia deixar de iniciar agradecendo a Patricia Daiane, amiga para todas as horas, que compartilhou os momentos bons, mas também os ruins destes últimos anos. Não fosse por você eu não saberia que Sarmiento imortalizou o Malbec. O companheirismo e a amizade dos amigos Ozias, Regy, Clóvis, Simone, Rosane, Jorge, Bia, Felipe, Raphael, Bruna, Everton, Artur, Viviane, Hector, também foram imprescindíveis. Sem essas pessoas especiais, o trajeto teria sido triste e solitário. Um agradecimento especial à paraguaisileira Clara Cuevas, que, além de fazer parte deste grupo especial de amigos, também é apaixonada pela(s) história(s) da América e assumiu a tarefa de correção do espanhol.

Anoto ainda a importância das contribuições de Ernesto Marczal, que gentilmente fotografou as correspondências do *Fondo Wenceslao Paunero*, do *Museo Mitre*, e de André Akamine que, de forma muito profissional, me auxiliou na leitura das correspondências, realizando grande parte das transcrições. Agradeço ainda a Maria Cristina Parzowski, pessoa-chave da Pós-Graduação de História, que sempre me socorreu em momentos de dúvida e dificuldades burocráticas.

Em alguns encontros promovidos pela ANPLAC (Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas) e pela ANPUH (Associação Nacional de História), tive a oportunidade de conhecer alguns historiadores que me auxiliaram a pensar os rumos da pesquisa. Muitos caminhos adotados nesta tese foram fruto das indagações e sugestões de José Alves de Freitas Neto (e seus orientandos) e de Gabriela Pellegrino Soares. Devo muito ainda a Maria Elisa de Sá Mäder, responsável pelo incentivo inicial e por diversas questões indicadas no decorrer da escrita.

Alguns professores tiveram uma participação ímpar no desenvolvimento desta pesquisa, como professores e como membros da minha banca de qualificação. Luiz Geraldo Silva, suas contribuições foram generosas e inestimáveis desde o primeiro momento. *Mozart: a sociologia de um gênio* foi uma indicação imprescindível. Joseli Mendonça, as discussões sobre biografia foram preciosas e procurei trazer para esta tese a premissa de que as reflexões teóricas e metodológicas auxiliam a ler as fontes com olhos menos ingênuos.

A Roseli, mais do que agradecer registro aqui a minha admiração pela sua postura como orientadora, pesquisadora e professora. Ao dedicar esta tese às mulheres de minha vida, você foi uma das inspirações. Sua presença em minha vida foi fundamental, não somente em termos acadêmicos, mas também nas escolhas profissionais e pessoais. Exemplo de mulher guerreira, sempre me apoiou e orientou em relação às diversas diretrizes teóricas e metodológicas que poderiam ser adotadas, na exploração das fontes, nas discussões

encaminhadas. Jamais impôs, sempre mostrou caminhos e possibilidades, concordando com aquilo que considerava adequado e indicando outras direções para as escolhas impetuosas e desconectadas do objetivo central. Você acreditou na viabilidade dessa investigação em momentos nos quais eu não acreditava. Obrigada por tudo!

Ao longo da escrita da tese e, sobretudo no último ano, os momentos de ausência foram mais frequentes, mas o importante foi saber que vocês estavam aí, apoiando a continuidade e aguardando pacientemente pelo fim. Mariangela, Laís e Vovô, sempre carinhosos, Grace pelas conversas bem humoradas, ao Mikael, companheiro de todas as horas e a Jill que, embora não possa ler esse agradecimento, tornou os meus dias de escrita menos solitários.

É difícil agradecer ao Luiz, pois as palavras jamais poderão expressar a imensa importância que ele teve nesta trajetória. A você agradeço pelo amor, companheirismo, apoio e pela imensa paciência demonstrada no decorrer deste final. Certamente não foi fácil aguentar os últimos momentos de escrita e ter que me dividir diariamente durante quatro anos com um sanjuanino genioso do oitocentos. Sem seu apoio, o caminho teria sido árduo.

RESUMO

O objetivo desta tese é analisar as impressões que o argentino Domingo Faustino Sarmiento construiu acerca do Brasil em diferentes momentos do século XIX. Diversos estudos apontam para as dificuldades em mapear as relações entre as Américas de línguas espanhola e portuguesa e, principalmente, em pesquisar os momentos de confluências e identidades entre elas. Esta análise visa demonstrar o interesse deste autor pelo Império brasileiro e os critérios que selecionou para analisá-lo. Ao longo do século XX, Sarmiento foi canonizado como um dos pensadores mais significativos e paradigmáticos do século XIX para a América Latina. Sua escrita se caracterizou por um estilo combativo e apaixonado e seus posicionamentos geraram inúmeras controvérsias e debates. Neste trabalho, questiona-se sobre os elementos acionados por esse autor para refletir sobre o vizinho de língua portuguesa, considerando o contexto de sua escrita. A reflexão teve seus pressupostos teóricos tomados da noção de conexão histórica, de Serge Gruzinski, devido à preocupação em postular as relações existentes entre as diferentes Américas, tomando como estudo de caso os escritos de Sarmiento; da noção de cultura desenvolvida por Edward Said, segundo a qual a cultura é o local de embate político, e as reflexões sobre trajetória propostas por Norbert Elias em *Mozart: sociologia de um gênio*.

Palavras-Chave: Domingo Faustino Sarmiento. Relações Brasil-Argentina. Visões sobre o Brasil.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to analyze the impressions that the Argentine Domingo Faustino Sarmiento built about Brazil at different times of the nineteenth century. Several studies point to difficulties in mapping the relationships between the Americas of Spanish and Portuguese, and especially on search times and identities of confluences between them. This analysis aims to demonstrate the interest of this author by the Brazilian Empire and the criteria selected to analyze it. Throughout the twentieth century, Sarmiento was canonized as one of the most significant and paradigmatic thinkers of the nineteenth century for Latin America. His writing was characterized by a combative and passionate style and their placements generated numerous controversies and debates. In this work, it asks about the elements triggered by the author to reflect on the Portuguese-speaking neighbor, considering the context of your writing. The reflection was the assumptions taken the notion of historical connection, Serge Gruzinski due to concern postulate the relationships between different Americas, taking as case study the writings of Sarmiento; the notion of culture developed by Edward Said, according to which culture is the site of political struggle and the reflections on the proposed trajectory by Norbert Elias on Mozart: sociology of Genius.

Keywords: Domingo Faustino Sarmiento. Argentina-Brazil relations. Visions of Brazil.

Sumário

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO.....	11
1. <i>ME ESTOY CIVILIZANDO</i> : alguns momentos da trajetória de Domingo Faustino Sarmiento.....	29
1.1. <i>El titán del Nuevo Mundo Americano</i> : entre a biografia e a história da nação	31
1.2. <i>Las esperanzas de un joven</i> : da criação de <i>El Zonda</i> ao segundo exílio.....	49
1.3. <i>Yo ya no soy sanjuanino</i> : o exílio no Chile	64
1.4. <i>A mis compatriotas solamente</i> : da viagem a <i>Recuerdos de Provincia</i>	91
1.5. <i>Yo sigo preparándome</i> : de Caseros à República Argentina	100
2. <i>LA TRANSICIÓN LENTA Y PENOSA</i> : independência, soberania e o reordenamento rio-platense	123
2.1. <i>La perspectiva crepuscular de una nueva época</i> : da independência às tentativas de reordenamento político na primeira metade do século XIX.....	124
2.2. <i>Somos argentinos y son argentinos</i> : alguns momentos do período rosista (1829-1852)	141
2.3. <i>Ermandad de ideas</i> : do contexto chileno do exílio à viagem de 1846.....	153
2.4. <i>Una apoteosis militar</i> : a batalha de Caseros e o fim do período rosista	167
2.5. <i>La verdadera libertad</i> : do governo de San Juan à década de 1880.....	184
3. <i>OJEADA SOBRE EL BRASIL</i> : os olhares de Sarmiento sobre o Império brasileiro	199
3.1. <i>¿Cómo evitar que se desplome un edificio tan mal cimentado?</i> As primeiras narrativas sobre o Brasil.....	200
3.2. <i>Las maravillas tropicales</i> : a viagem de 1846.....	210
3.3. <i>Los más gratos recuerdos</i> : de Montevideu ao Rio de Janeiro em 1852	227
3.4. <i>Un largo viaje</i> : dos Estados Unidos à Presidência da República Argentina.....	250

3.5. <i>Confidencial</i> : do período presidencial às últimas correspondências	264
CONSIDERAÇÕES FINAIS	286
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	294
LISTA DE NOMES	314

INTRODUÇÃO

No decorrer desta pesquisa, algumas vezes fui questionada por alguns amigos que apontavam, sempre em tom de brincadeira, o fato de eu estar estudando um tema circunscrito à história política tradicional ou ainda o fato de eu estar estudando um estadista que esteve à frente de políticas de extermínio contra grupos indígenas.

Esses questionamentos surgiram tanto pelo fato de Sarmiento ter sido presidente da República Argentina entre os anos de 1868 e 1874, além de ter ocupado outros cargos públicos durante essas décadas, como também por ele ter apoiado e encabeçado campanhas militares de ampliação das fronteiras do país, o que significou, naquele contexto, o extermínio de muitos indígenas.

Poderia justificar a escolha do tema dizendo que mesmo os estadistas e suas ações necessitam ser analisados pelo historiador. Poderia ainda, com o intuito de explicar a opção de estudo, enfatizar que gostaria de entender os motivos que legitimaram, na ocasião, os atos de extermínio de várias pessoas, em nome da ampliação do território e/ou de um princípio civilizador.

Embora esses itens perpassem em maior ou menor grau este estudo, o fato é que os motivos que conduziram a este tema foram outros. Desde a graduação me identifico com uma linha de estudos que pode ser denominada “história das ideias” ou ainda “história do pensamento social”.¹ Sempre me chamou atenção o fato de que alguns conceitos, categorias e noções perpassavam lugares e tempos, permanecendo com força em contextos muitas vezes distintos daqueles nos quais foram criados. Sempre considerei instigante tentar entender como grupos letrados se apropriaram destas noções e como as aplicaram de diversificadas formas e com propósitos também diversos, como para legitimar ideias de nação, criar imagens (ou afetos, desafetos, horizontes de expectativas, etc.)² em relação a espaços geográficos, culturais e étnicos.

¹ Entendo como pensamento social narrativas que apresentam ideias, noções e conceitos ou ainda prescrições e projeções sobre uma dada sociedade ou nação e se tornaram modelos explicativos persistentes e articulados a elementos históricos, étnicos e/ou espaciais e cujos autores se colocaram como responsáveis por uma missão política e patriótica.

² Esta expressão está sendo tomada de empréstimo a Reinhart Koselleck. De acordo com este autor, as categorias de “espaço de experiências” e “horizonte de expectativas” nos auxiliam a compreender as dimensões de espaço e tempo na história. Para este autor, as expectativas perante o futuro decorrem, primeiramente, da experiência passada, embora elas apareçam no presente. Sentimentos como desejo, inquietude, esperança, medo, “mas

Inicialmente, essa perspectiva me levou a Sarmiento. Tive grande curiosidade em tentar entender como a antinomia civilização e barbárie se tornou um referencial amplamente difundido e repetido ao longo do tempo nas narrativas que circularam pela América Latina.³

Civilização e barbárie foram noções que perpassaram a obra de vários pensadores ao longo dos séculos XIX e XX, bem como diversas tradições políticas.⁴ A opção por Domingo Faustino Sarmiento se deu após eu perceber que, embora ele não tenha sido o responsável pela criação dessa dualidade, foi certamente o grande difusor destes termos na América Latina a partir da obra *Facundo*.

Mas este foi somente o ponto inicial que me conduziu a Sarmiento. Somado a este interesse, cada vez mais eu percebia uma recorrência entre os historiadores na afirmação de que existia/existe uma grande distância cultural e um desconhecimento recíproco e pronunciado entre a América de língua portuguesa e a de língua espanhola.

Aos poucos, essa perspectiva foi ganhando corpo em minhas formulações iniciais. Interessei-me em investigar casos específicos em que esse distanciamento poderia ser relativizado ou até negado e as possíveis conexões que poderiam ser observadas entre os dois países a partir de determinados sujeitos históricos. Assim, optei por tentar compreender qual foi a relação estabelecida por Sarmiento acerca do Brasil e verificar se os momentos de contato com o Império brasileiro foram pontos de conexão ou distanciamento entre os dois países. A proposta, portanto, é analisar como Sarmiento observou e descreveu o país vizinho e os brasileiros em diferentes momentos de sua vida e o contexto em que esse contato ocorreu.

Essa opção não foi tranquila ou fácil. Escolher atores sociais para os quais existem poucas fontes certamente é difícil, mas escolher uma pessoa sobre a qual existe um amplo

também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem". KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006. p. 313.

³ De acordo com diversos autores, a imagem sarmientina *civilización o barbarie* é polissêmica e também pode se apresentar ou ser analisada a partir da ideia de complementaridade *civilización y barbarie*. Mas o que permaneceu como dispositivo simbólico fundacional no pensamento intelectual latino-americano e em várias tradições políticas foi o sentido de oposição, expressa em forma de combate "y sobre todo un llamado a la exclusión y al exterminio del otro". SVAMPA, Maristella. *Civilización o Barbarie*: de "dispositivo de legitimación" a "gran relato". Ponencia presentada en Seminario de Mayo: 200 años de historia argentina: El difícil proceso de construcción de una nación. Buenos Aires-AR, 12-14 de mayo de 2010. Disponível em: <<http://www.maristellasvampa.net/archivos/ensayo48.pdf>>. Acesso em: 07/01/2014. p. 1-2. Ver também ZILLY, Berthold. A barbárie: antítese ou elemento da civilização? Do *Facundo* de Sarmiento a *Os Sertões* de Euclides da Cunha. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; BERTHOLD, Zilly; LIMA, Eli Napoleão (Orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2001.

⁴ Maristella Svampa, por exemplo, enfatiza, para o caso argentino, a presença desta temática em diversas tradições políticas, como a democrático-populista, a liberal-conservadora, a tradição política de esquerda e a autoritária conservadora. Beatriz Sarlo demonstra a recorrência no campo intelectual. No Brasil, essa presença também foi marcante de acordo com Berthold Zilly. Ver: SARLO, Beatriz. Sarmiento en el siglo XX. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 367-392; SVAMPA, *op. cit.* e ZILLY, *op. cit.*

conjunto documental pode ser ainda mais complicado, já que é preciso tomar decisões que excluam determinados documentos, por mais interessantes que pareçam. Além disso, escolher um personagem histórico pouco conhecido o faz o dono da questão, já que o pesquisador se torna o maior especialista no tema. Entretanto, escolher uma figura amplamente conhecida, estudada e debatida, como é o caso de Sarmiento, é uma opção arriscada, pois muitas pessoas, invariavelmente, têm algo a dizer sobre a sua pesquisa e nem sempre em concordância com a sua proposta. Mas o desafio que se apresentou ganhou mais força que o medo dos riscos inerentes a ele. O maior risco, certamente, dizia respeito ao próprio Sarmiento, autor de uma escrita sedutora e instigante, cuja marca autoral é inconfundível.

É difícil não concordar com Adriana Amante quando ela afirma não existir maneira de que algum texto de Sarmiento não seja autobiográfico.⁵ Em uma correspondência dirigida a Bartolomé Mitre,⁶ ele escreveu: “Antes de tudo, em todas as transações da vida pública e privada quero ser eu, sempre eu, tal como a natureza me fez, e não deformado pelas pressões exteriores”.⁷ Ao longo de sua vida, fez valer esta afirmação, que marcou sua vasta produção escrita formada por livros, artigos, cartas, discursos, entre outros documentos.

Domingo Faustino Sarmiento é, sem dúvida alguma, um dos autores mais canonizados na América Latina, considerado um dos pensadores mais significativos e paradigmáticos do século XIX. Diversos estudos o identificam como fundador de uma história nacional argentina e como precursor da formação de um sentimento de nacionalidade e de pertencimento. Foi o principal autor da matriz referencial “civilização/barbárie”, cunhada em 1845 na publicação da obra que hoje conhecemos como *Facundo o Civilización y Barbarie*.

Sarmiento desenvolveu uma escrita de caráter combativo, sobretudo devido às condições políticas enfrentadas em sua terra natal na primeira metade do século XIX. Certa vez, afirmou: “escrever por escrever, é a profissão dos vaidosos e dos indiferentes em princípios e sem verdadeiro patriotismo; escrever para insultar é a dos malvados e a dos estúpidos; escrever para regenerar é o dever dos que estudam as necessidades da época em

⁵ AMANTE, Adriana. Sarmiento el boletín: del diario de campaña al libro de vistas y paisajes. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 191.

⁶ Ao longo deste trabalho serão citados muitos nomes de contemporâneos de Sarmiento. Para facilitar a leitura, segue uma lista com uma breve explicação sobre essas pessoas, ao final das referências.

⁷ Para uma maior fluidez textual, optei por traduzir o texto em espanhol no corpo do trabalho. O texto original segue em nota de rodapé. Nesta carta dirigida a Mitre do Rio de Janeiro, Sarmiento explicou o motivo que o levou a abandonar o campo de batalhas, após a Batalha de Caseros, no contexto da queda de Juan Manuel de Rosas. SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. In: _____. Campaña en el Ejército Grande. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XIV. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 56. “Antes de todo, en todas las transacciones de la vida pública y privada quiero ser yo, siempre yo, tal como la naturaleza me ha hecho, y no deformado por las presiones exteriores.”

que vivem”.⁸ Sarmiento acreditava no papel do escritor como agente transformador da sociedade. Ele vivenciou essa premissa durante toda a sua vida. Primeiramente, esse trabalho versará sobre essa escolha, a da escrita, que se manifestou em Sarmiento como ação, como arma política. Em *Campaña en el Ejército Grande*, escreveu: “Soldado, com a pena ou a espada, combate para poder escrever, que escrever é pensar; escrevo como meio e arma de combate, pois combater é realizar o pensamento”.⁹ A escrita de Sarmiento implicou ousadia e coragem, esteve permeada de riscos. Em seus textos é possível perceber anseios, medos, angústias, ressentimentos e desejos. Esses sentimentos, expressos por meio da escrita, demonstravam que a subjetividade do seu autor estava relacionada ao contexto de formação das identidades e de criação do estado argentino no século XIX.

Durante muitos anos, Sarmiento permaneceu desterrado. No exílio, muitos argentinos estabeleceram relações de sociabilidade por meio das quais formaram frentes de batalha utilizando a escrita como arma principal. A escrita dos desterrados redesenhou a nova pátria, criando uma oposição ferrenha e incômoda à Confederação Argentina sob a liderança de Juan Manuel de Rosas.¹⁰ Ao mesmo tempo em que lutaram por meio da escrita, estabeleceram as bases, ainda intelectuais, da nação desejada. Neste meio, Sarmiento foi uma figura de destaque. É sobre essa escrita entendida como provocação que tratarei aqui em um primeiro momento.

Mas a escrita de Sarmiento deve ser considerada em sua pluralidade. Ele visitou diferentes gêneros e suportes. Frequentou e permaneceu neles todos ao mesmo tempo. Escreveu artigos para periódicos, livros, discursos, diários, biografias e cartas. Refletiu sobre teatro, história, agricultura, educação, política, religião. A diversidade da obra sarmientiana foi expressa, parcialmente, em uma publicação recente. O volume IV da *História crítica de la literatura argentina*, organizado por Joé Nitrik e Adriana Amante e publicado em 2012,

⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Diálogo entre el editor y el redactor. *Mécurio*, de 27 julho de 1842. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. I. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 235. Este artigo foi analisado por GRAMUGLIA, Pablo M.; MENDONÇA, Inês de; SERVELLI, Martín. El gaucho malo de la prensa. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 262. “Escribir para escribir, es la profesión de los vanidosos y de los indiferentes sin principios y sin verdadero patriotismo; escribir para insultar es la de los malvados y la de los estúpidos; escribir para regenerar es el deber de los que estudian las necesidades de la época en que viven”.

⁹ SARMIENTO, *Campaña...*, p. 51. “Soldado, con la pluma o la espada, combate para poder escribir, que escribir es pensar; escribo como medio y arma de combate, que combatir es realizar el pensamiento”.

¹⁰ Ao longo da tese utilizarei as diferentes formas de nomeação atribuídas durante o século XIX ao espaço que hoje compreende a República Argentina, de acordo com o contexto de cada época e a forma como os contemporâneos se referiam à região. Para o período posterior à independência (1816), utilizei o termo Províncias Unidas do Rio da Prata; para o período de Rivadavia (1826), República Argentina; para o período do Pacto Federal (1831), Confederação Argentina, e para o período posterior à Batalha de Caseros (1852), utilizei novamente o termo República Argentina.

retrata um pouco dessa diversidade. Composto por 30 artigos, a introdução, um epílogo e uma bibliografia sobre o autor, a obra apresenta temas variados: de *Facundo* à arquitetura, passando pelo periodismo, biografia, desenho artístico, correspondências, enfim, os artigos tratam a respeito das diversas atuações de Sarmiento, sobretudo a partir de sua escrita, mas também a partir daquilo que foi produzido sobre ele, como a iconografia, as apropriações cinematográficas ou ainda as edições de algumas de suas obras.¹¹

Historiador, político, educador, periodista, escritor, militar, diplomata, crítico de teatro e literatura, pintor e missivista. Filho, irmão, pai, avô, primo, marido, amigo. Como bem pontuou Adriana Amante, não é que Sarmiento seja tudo isso além de escritor, mas sim que seu modo de escrever o constituiu nas outras práticas. “E seus interesses, suas exaltações, suas lutas, suas inquietudes e suas obstinações estão perpassados pelos recursos e procedimentos discursivos, estéticos e literários com os quais construiu sua obra. Ninguém acreditou mais do que ele no poder da escrita”.¹²

Mas este trabalho não trata somente da escrita de Sarmiento, ou melhor, não trata de toda e qualquer escrita deste autor, mas de um conjunto de textos bem específicos: aqueles referentes ao Brasil.

Diversos historiadores escreveram sobre as dificuldades em mapear as relações entre as Américas de língua espanhola e portuguesa e, principalmente, em pesquisar os momentos de confluências e identidades entre elas. O distanciamento cultural e político que esteve no cerne da formação histórica destes países, bem como a constatação de que, em diferentes contextos, o Brasil teve os olhos voltados para outros continentes, são alguns dos argumentos que já foram bastante utilizados e hoje são questionados como explicações definitivas.¹³

¹¹ JITRIK, *op. cit.*

¹² AMANTE, Adriana. Introducción: Sarmiento. In: JITRIK, *op. cit.*, p. 7. “Y sus intereses, sus desbordes, sus luchas, sus inquietudes y sus porfías están traspasados por los recursos y procedimientos discursivos, estéticos y literarios con los que construye su obra. Nadie creyó más que él en el poder de la escritura”.

¹³ Como exemplos de trabalhos que enfatizam a ideia de distanciamento cultural cito: PRADO, Maria Lígia Coelho. **O Brasil e a distante América do Sul**. Disponível em: <<http://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/4101/prado.pdf?sequence=2>>. Acesso em: junho de 2013. Alguns autores utilizam a ideia de denegação para tratar do distanciamento. Ver: KARNAL, Leandro. O Brasil e a América Latina denegada. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 28, p. 99-110, jul. dez. 2000; FREDRIGO, Fabiana de Souza. O Brasil no epistolário de Simón Bolívar: uma análise sobre o descobrimento entre as Américas. **História Revista**, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, v. 8, 2003. Fabiana Fredrigo utilizou o epistolário bolivariano para tal análise. Ela afirma que, embora sonhasse com uma América unida e forte, Bolívar não escreveu de forma substancial a respeito do Brasil em suas cartas, fator que levou a autora a concluir que “pouco parecia importar ao missivista o império brasileiro”, o que veio a confirmar, para ela, a tese da denegação. FREDRIGO, Fabiana de Souza. Notas metodológicas e trajetória de pesquisa: um estudo sobre o epistolário bolivariano (1799-1830). **Cadernos do Seminário Cultura e Política nas Américas**, São Paulo: USP, v. I, p. 44-65, 2009. Disponível em: <<http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP1.pdf>>. Acesso em: 21/02/2013. p. 48.

Como bem pontuou Gruzinski a partir da noção de *connected histories*, é preciso pensar para além das dualidades e das contraposições, pois as histórias são múltiplas, estão ligadas e se comunicam. Neste sentido, é importante ter em mente que as historiografias nacionais fizeram uso de uma retórica da alteridade que apagou em certa medida essas conexões históricas.¹⁴ Contrariando a tese do distanciamento cultural, pretendo mostrar como a América de língua portuguesa foi um dos temas de interesse de Sarmiento e sobre o qual ele escreveu, em diversas ocasiões.

Cabe perguntar, entretanto, se os argumentos dele se revestiram de um caráter negativo, positivo ou neutro, se existiram contradições, impasses, transformações ou (re)significações nestes posicionamentos. Estas questões iniciais levaram à elaboração de uma série de outros questionamentos que visam pensar sobre a relação que Sarmiento estabeleceu com a América portuguesa: quais aspectos do Brasil, dos brasileiros e do Império chamaram a sua atenção? Quais elementos o autor destacou na construção de alteridades? É possível identificar nas narrativas de Sarmiento um “nós” para a Argentina e um “outro” para o Brasil? Quais referências espaciais e raciais foram pensadas para o Brasil a partir desse olhar? Quais posturas intelectuais e políticas Sarmiento adotou em relação a esta parcela do território americano?

As respostas a estas questões consistem em uma contribuição para os estudos acerca das relações entre as diferentes Américas, principalmente se considerarmos o peso matricial dos debates propiciados pelo escritor argentino na América Latina.

Com o problema em mãos, o próximo passo foi a identificação e seleção dos documentos escritos pelo autor nos quais existem registros sobre o Brasil. Sua produção é muito vasta, como já foi comentado, e em meio a essa vastidão de narrativas foi necessário selecionar os documentos que possibilitariam a reflexão proposta. Esse percurso está atrelado à pesquisa realizada nos arquivos da Argentina. Em meio à grande quantidade de textos escritos por Sarmiento, encontrei referências ao Brasil, principalmente, nas correspondências, embora também existam artigos de jornal e diários nos quais esse assunto foi contemplado.

A quantidade de cartas escritas por Sarmiento e por seus contemporâneos é tão grande que temos a impressão de que nada mais se fazia a não ser escrever. A sensação que tive ao ter contato com as correspondências foi a de que Sarmiento escrevia o tempo todo, ininterruptamente. Foi surpreendente encontrar quantidade tão grande de missivas escritas por

¹⁴ GRUZINKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio. **Estud. av.** [on-line], v. 17, n. 49, p. 321-342, 2003. ISSN 0103-4014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300020>>. Acesso em: 05/06/2013. p. 323.

ele e por pessoas com as quais mantinha as mais variadas relações (amizade, familiares, políticas, intelectuais, educacionais, etc.). É difícil não concordar com Gustavo Bombini quando este afirma “se fossem publicadas apenas aquelas [cartas] que se encontram disponíveis duplicaríamos o conjunto dos 52 tomos de suas *Obras Completas*.”¹⁵ Bombini faz ainda uma pergunta reiterada aqui: como Sarmiento conseguiu escrever tantas cartas, levando em consideração a intensa atividade literária vinculada aos periódicos e livros, às diversas funções públicas assumidas durante sua vida, às viagens, à participação em diversos conflitos, às aventuras amorosas, aos momentos de leitura e reflexão?

É muito difícil, senão impossível, tentar precisar com que frequência Sarmiento escrevia cartas, pois temos que considerar o fato de que muitos destes documentos não foram conservados. Entretanto, não é exagero afirmar que o ato da escrita possivelmente era diário, embora não seja possível identificar o tempo dedicado à escrita das missivas. O que foi possível apurar por meio das correspondências é que Sarmiento reclamava o tempo todo de falta de tempo. E a atividade de escrita durante sua vida foi constante, como foi possível perceber a partir das datas das correspondências, que iniciam no final da década de 1830 e finalizam nos últimos meses de vida, em 1888. À medida que Sarmiento se tornou uma figura mais conhecida nos meios intelectuais chileno e argentino, é possível observar a existência de um número maior de correspondências conservadas e um número bem mais amplo de interlocutores.

As cartas de Sarmiento se encontram dispersas por vários arquivos e uma parte delas foi publicada. Muitas já foram estudadas a partir de diversas perspectivas, enquanto outras permanecem inéditas.¹⁶

A escrita epistolar não foi uma atividade exclusiva de Sarmiento. Peter Gay demonstrou como o período vitoriano, na Europa, foi uma época na qual os burgueses se dedicaram com grande afinho à escrita de missivas e diários. A pesquisa realizada nos

¹⁵ É impossível precisar a quantidade de cartas escritas por Sarmiento que foram preservadas. No arquivo do Museo Histórico Sarmiento, por exemplo, constam 7.000 peças, de acordo com informação concedida por Adriana Muro, responsável pelo arquivo histórico do Museo. BOMBINI, Gustavo. **El gran Sarmiento**: las cartas que develan al hombre de acción y su intimidad. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2001. p. 13. “Si sólo fueran publicadas aquellas que se hallan disponibles duplicaríamos el conjunto de los 52 tomos de sus Obras Completas”.

¹⁶ As correspondências de Sarmiento estão arquivadas em diferentes espaços de pesquisa. Em Buenos Aires, por exemplo, podemos encontrar cartas no Archivo General de la Nación, no Museo Histórico Sarmiento, no Museo Histórico Mitre, no Museo Histórico Nacional. Em 2010, o jornal *Lanacion.com* publicou a informação de que foi encontrada por uma bibliotecária “por casualidad” uma caixa com manuscritos de Sarmiento na biblioteca da Escuela n° 1 San Miguel del Monte, en La Plata, o que demonstra a existência de documentos que somente recentemente foram encontrados, ampliando ainda mais o acervo de textos escritos por Sarmiento. In: **Lanacion.com**. Cultura. Insólito hallazgo de cartas de Sarmiento. 03 dez 2010. Disponível em: <[www.http://www.lanacion.com.ar/1330315-insolito-hallazgo-de-cartas-de-sarmiento](http://www.lanacion.com.ar/1330315-insolito-hallazgo-de-cartas-de-sarmiento)>. Acesso em: 02/09/2012.

arquivos de Buenos Aires mostrou que tal atividade também foi comum nos círculos intelectuais argentinos, chilenos e uruguaios. Escrever cartas era uma prática cotidiana. Assim como Sarmiento, vários escritores possuem uma grande variedade de correspondências produzidas na época, como Bartolomé Mitre, Juan Bautista Alberdi, Juan María Gutiérrez, Victorino Lastarria, entre outros. Esses documentos, escritos em grandes quantidades e com intensidades diversas, guardavam algumas características em comum. Utilizadas muitas vezes como formas de proteção do “eu”, as correspondências poderiam conter teores confessionais, inclusive as cartas de cunho político, como será possível observar neste trabalho. Poderiam marcar diferenças de gênero, de *status* e de condição social, além de posicionamentos políticos.¹⁷ A análise das correspondências permite levantar inúmeras possibilidades sobre sentimentos, sensações e desejos. Elas também demonstram que os limites entre o público e o privado, preocupação historiográfica contemporânea, não parecem representar um problema na escrita do autor analisado.

No mais, as cartas mostram algumas curiosidades e formas de sociabilidade que podem parecer triviais em um primeiro momento, mas que revelam aspectos importantes da vida de Sarmiento no exílio e do próprio contexto histórico e social vivenciado por seus pares em meados do XIX em Valparaíso, em Santiago e posteriormente na República Argentina, nos Estados Unidos e mesmo no Brasil, o que certamente representa, se não um peso determinante, uma influência considerável em seu modo de olhar e analisar o mundo.

As cartas, portanto, são fontes privilegiadas para dar acesso a alguns sentidos conferidos pelos autores do passado ao próprio pensamento. Mas sobre elas muitas perguntas devem ser elaboradas, tanto quanto a sua espontaneidade como ao modo pelo qual elas chegaram até nós, ou seja, a lógica de organização de determinados epistolários (cuja seleção de cartas obedeceu ao critério do organizador), sobre as possíveis alterações em relação ao texto original, como também quanto ao tipo de narrativa que o autor construiu.

O contato com tal tipo de documentação, além de aguçar a curiosidade devido aos variados temas abordados e ao desejo de conhecer as respostas – desejo esse nem sempre satisfeito ao longo da pesquisa –, também exacerba os sentidos e, neste caso, dois aspectos podem ser considerados: 1. a materialidade das cartas; 2. as relações que podem ser estabelecidas a partir de cada uma delas.

Quanto à primeira questão, uma boa parte das correspondências de Sarmiento se encontra publicada em epistolários, o que nos distancia de sua materialidade por um lado, mas

¹⁷ GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. O traço comum, p. 337-376.

torna menos árdua sua leitura por outro. Esse trabalho de pesquisa, seleção, transcrição, correção e análise foi realizado ao longo do século XX por diferentes pesquisadores, funcionários vinculados a determinadas instituições e apaixonados pela produção sarmientina. Essas pessoas buscaram reunir as correspondências em coletâneas que foram publicadas, algumas contendo cartas escritas somente por Sarmiento; outras com determinados interlocutores evidenciando as trocas realizadas entre ele e amigos ou pessoas com as quais mantinha relações políticas, intelectuais, de amizade ou de parentesco. Esses vínculos, que dizem respeito ao segundo aspecto inferido acima, o das “relações”, serão estabelecidos no decorrer do texto, na medida em que as correspondências forem analisadas.

Retornando à questão da materialidade, nos arquivos de Buenos Aires é possível encontrar um grande número de correspondências em estado original ou microfilmadas, como no caso das cartas conservadas pelo *Museo Histórico Sarmiento*, que conta atualmente com 14.000 mil peças, de acordo com informações obtidas na instituição (sendo 7.000 mil peças de correspondências de Sarmiento). Uma parte dessas correspondências foi compilada em epistolários. Outra parte, entretanto, só pôde ser consultada pelo pesquisador na própria instituição. Em outras instituições, como no caso do Archivo General de la Nación, as correspondências encontram-se acomodadas em caixas de arquivo (*legajos*) ou dentro de pastas de cartolina, amarradas por um barbante. Neste caso, o pesquisador tem contato direto com o original, em geral em papel dobrado em 4º ou 8º, fazendo emergir diversas sensações não desvinculadas da experiência de leitura e investigação. Desde a textura e a dimensão do papel – que aguçam o tato – até a sensação de estar em contato direto com um objeto produzido no século XIX, tal experiência desperta para uma percepção de alteridade intransponível e, ao mesmo tempo, passível de ser tocada pela interpretação.

As cartas de Sarmiento variavam em tamanho, quantidade de folhas (algumas consistem em um pequeno bilhete contendo algumas frases, enquanto outras atingem o número de 10 páginas escritas), destinatário, tipo de papel e pena, datas e locais de produção. Muitas foram escritas em papéis grossos, tipo cartão, mas, no geral, as cartas originais com as quais tive contato foram escritas em papéis mais finos e, comumente, no que chamamos atualmente de papel bíblia. Esse tipo de papel dificulta a leitura, pois, dependendo do tipo de pena, as letras da face oposta penetravam no papel e se mesclavam à face que deve ser decifrada, tornando a leitura bastante difícil.

A observação das correspondências no original – em contraponto com as cartas editadas que comumente foram publicadas com as correções de escrita – também permitem a percepção dos detalhes de caligrafia, dando uma ideia da rapidez da escrita, das hesitações,

erros ou incertezas, por meio de palavras e frases riscadas ou incompletas, “onde certamente a velocidade da mão sucumbia ante a rapidez do pensamento e o turbilhão apaixonado das ideias a transmitir.”¹⁸ Um exemplo pode ser observado nas imagens a seguir. Elas retratam uma correspondência escrita em 1869 por Sarmiento quando ele ocupava o cargo de presidente da República Argentina e, talvez por isso, a conservação esteja bem melhor do que outras correspondências às quais tive acesso. Nesta carta, destinada ao Ministro Plenipotenciário da República Argentina no Brasil, Sarmiento tratou da Guerra da Tríplice Aliança. Além do conteúdo escrito, que será analisado no terceiro capítulo, é possível identificar as marcas da época, como o papel envelhecido, as marcas da dobra, o sobrescrito avisando “Contestada – Rio Janeiro Febrero 21”. Também observamos uma anotação que não foi feita por Sarmiento, talvez bem mais recente, indicando que a correspondência foi “copiada”. O aproveitamento do papel foi total, dando a ideia de que o assunto só foi encerrado porque o papel chegou ao fim.

¹⁸ *Ibid.*, p. 11. “Donde seguramente la velocidad de la mano sucumbía ante la rapidez del pensamiento y el torbellino apasionado de las ideas a transmitir”.

Copia
 Recibida
 al Sr. Wenceslao Paunero
 Ministro Plenipotenciario
 Buenos Aires Feb^o 12 de 1869.
 Mi estimado amigo:
 He recibido con regularidad
 sus cartas, en la ultima de
 las cuales se queja de no
 tenerlas frecuentes de aqui.
 Para evitar discrepancias le
 dire que se estienda en las
 suyas con el Ministro, de
 preferencia pues mis opinio-
 nes no deben servirle de guia
 sino las de aquel.
 La venida del Sr. Paranhos
 le mostrara que es aqui don-
 de se mueven los intereses
 de la Alianza; y como era

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 12 de fevereiro de 1869. 4 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3137, f. 1.

esperada de muchos días esta. Ma se funda desgraciadamente
 famos en suspension. Luego la ^{mis} hipotesis
 guerra ha terminado, como a ^{esto} por concludida la guerra
 aquellos incendios que vuelven dando por habitado el territo-
 a encenderse por un tipo mal no que amparamos, creese un
 atinguio, una nueva forma. Gobierno.
 Nos hemos quedado bien y mudos. Nuestros hechos tomados por base
 parados, y aun no estamos listos, mas paraguayos en la apun-
 para atacar. El enemigo suena que los que van a nuestro terreno.
 con el tiempo y las guerras, no separamos aun el país no
 y lo que el abaso le deprecie. Esto de punto de vista no está ser-
 El Sr. Paranhos venia a poner minada la guerra. Lo que
 permiso extensible a esto, pidiéndonos con un insulto
 diendo nuestro congreso para el gobierno, para un argumento
 hacer que se establezca un contra nosotros mismos. En la-
 gobierno con quien celebras par pui de formas que care-
 los puntos estipulados en cen de materia, volver a
 el tratado de alianza y am- crear la materia que habra
 ma la representación de la de revertir mas personas, un
 soberania del país. En este pueblo paraguayo, subyuga-

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 12 de febreiro de 1869. 4 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3137, f. 2-3.

en vista no solo de la situacion
 creada, sino de nuestra res-
 ponsabilidad ante el mundo,
 y nuestro propio país.
 Esperamos ver lo que el tenor
 Paranhos traiga, despues de ha-
 ber visto la realidad de las
 cosas, tanto para la rapida
 prosecucion de la guerra, como
 para inventar un pueblo del
 Paraguay que no tenemos. Ape-
 nas el Gen. Mitre mandó una
 expedicioncita afuera, trafo
 dos mil mujeres y niños. Este
 el lastre de toda politica. El
 hecho no lo tenemos oficial, pero
 el ministro residente brasileiro
 lo ha dado por averiguado.
 Sobre Pividal le hablaré des-
 pues. Desde luego presento a
 dificultades, y necesitamos
 mejores datos. Queda su
 afecto amigo (D. F. Sarmiento)

Deixando a materialidade dos documentos de lado e passando para o conteúdo, Fabiana Fredrigo, em sua pesquisa sobre Simón Bolívar, cuja documentação principal consistiu no epistolário do *libertador*, observou que ele não era dado a confissões nem escrevia deliberadamente sobre seus problemas de saúde, suas angústias e ressentimentos, a não ser de forma complementar ou acessória.¹⁹ Nas correspondências de Sarmiento isso se dá de forma totalmente inversa. Mesmo quando estava tratando dos problemas políticos e bélicos que atingiam as províncias da Confederação Argentina, em meio à narrativa costumeira, escrevia frases que demonstravam seu estado de espírito, tal como o comentário feito ao amigo Quiroga Rosas, quando escreveu acerca do contexto do final de 1841 e sobre as alianças firmadas pela Confederação com a Inglaterra: “estou me comendo de raiva ao escrever isto”.²⁰

Mesmo quando a carta não representa o instrumento capaz de transmitir o sentimento do autor, ela ainda pode ser explorada em outros sentidos para demonstrar a postura do seu autor. Em determinada missiva enviada por Sarmiento a Mitre, este fez o seguinte comentário ao referir-se a seus encontros com D. Pedro II, no verão de 1852: “Como lhe transmitiria em uma carta os assuntos variadíssimos daquelas conferências?”.²¹ Somente a angústia de não poder registrar na carta todos os momentos vivenciados naquela ocasião já consiste em um dado bastante significativo. A carta aponta para um episódio, uma informação e um sentimento que o autor fez questão de frisar como importante, que elegeu como digno de ser transmitido a outrem e, quiçá, de ser preservado à posteridade.

Assim, em um primeiro momento foi necessário selecionar as correspondências que de alguma forma pudessem indicar a visão de Sarmiento sobre o Brasil. Para responder as questões propostas, foi importante ainda traçar a trajetória do autor. Percebemos que elencar as características e a amplitude dos referenciais conceituais e políticos de Sarmiento quanto às noções de natureza, raça, política, entre outras, e o seu uso nas descrições sobre o Brasil, seria um recurso indispensável, mas para chegar neste entendimento fez-se necessário abordar aspectos de sua trajetória pessoal, bem como do contexto vivenciado por ele e por ele e seus contemporâneos.

¹⁹ FREDRIGO, *Notas...*, p. 55.

²⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga. Santiago? 1º de novembro de 1841? In: *SEGRETI, Carlos (comp.). La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I 1838-1854. Córdoba, Comisión Nacional de Homenaje a Domingo Faustino Sarmiento, 1988, p. 31. “Me estoy comiendo de rabia al escribir esto”.

²¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. In: SARMIENTO, *Campaña...*, p. 54; “¿Cómo le transmitiría en una carta los asuntos variadísimos de aquellas conferencias [...]?”.

Ainda em relação à seleção de fontes, em alguns momentos foi importante incluir cartas cuja autoria não é de Sarmiento, pois elas se mostraram úteis para elucidar determinados pontos de vista e elementos contextuais capazes de nos permitir uma maior compreensão das relações do sanjuanino com o Brasil e com seus interlocutores. Também selecionamos alguns documentos distintos do gênero epistolar por serem de autoria de Sarmiento e tratarem a respeito do Brasil, como artigos de jornal, diários e livros.

Portanto, além das correspondências que de alguma forma diziam respeito ao modo como Sarmiento entendia o Brasil, se tornou premente compreender melhor suas posturas e pensamento e, para isso, além do uso da bibliografia específica, algumas cartas foram importantes na revelação de contextos, angústias, anseios, pontos de vista e posicionamentos do autor analisado, auxiliando no mapeamento do seu perfil. E assim, concomitante à análise do olhar de Sarmiento sobre o Brasil, buscamos trazer à tona algumas questões relacionadas às posturas intelectuais e políticas, tarefa que culminou no primeiro capítulo desta tese.

Ao analisar a trajetória de Mozart, Norbert Elias chamou a atenção para a necessidade de construção de um quadro geral que demonstrasse com clareza as pressões sociais vivenciadas pelo músico no século XVIII, bem como as possibilidades de mobilidade social para os burgueses entre a nobreza de corte. De acordo com Elias, somente a partir desse quadro seria possível entender como o indivíduo elaborou respostas para as coerções e pressões sociais do seu tempo.²² Para saber como o indivíduo formulou determinadas respostas, seria então necessário compreender quais eram as questões que a sociedade de sua época lhe infligia, pois, sem saber quais eram as perguntas, como seria possível compreender o sentido das respostas? Tendo esse estudo como inspiração metodológica, no segundo capítulo procurei evidenciar o contexto social no qual Sarmiento viveu, com a intenção de compreender por que determinadas posturas foram possíveis e permitiram que um escritor de condição financeira modesta, oriundo de uma província do interior da República Argentina, se sentasse diante do Imperador do Brasil e discutisse sobre plantas, insetos e assuntos literários variados.

Quanto à bibliografia, nos últimos 20 anos ocorreu uma renovação do campo historiográfico nos estudos referentes à história intelectual e política na Argentina. Esse desenvolvimento se deu, especialmente, sob a influência de *linguistic turn*, da Escola de Cambridge ou a partir do uso de recursos da crítica literária. Nestas reflexões, há uma preocupação com o ingresso dos países ibero-americanos na modernidade e com os usos

²² ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

semânticos das palavras, sobretudo do vocabulário político utilizado no início do século XIX, no contexto da Independência e posteriormente a ela. Os estudos referentes à produção intelectual de Sarmiento e da *Geração de 1837* também passaram por uma renovação, a partir de tais perspectivas.²³

No Brasil, por sua vez, existe hoje uma vasta bibliografia acadêmica sobre tais temáticas. Antes da década de 2010, os artigos e textos escritos estavam mais voltados para reflexões em torno da obra *Facundo*.²⁴ Nos últimos anos, entretanto, observamos uma crescente preocupação com outras obras de Sarmiento, como *Recuerdos de Provincia*, *Viajes por Europa, África y América*, *Argilópolis*, *El Chacho* e *Conflicto y armonías de las razas en América*, e com as influências intelectuais deste autor e dos demais escritores da *Geração de 1837* e de sua posição frente à construção da nação argentina²⁵, além de muitos estudos de caráter comparativo.²⁶

²³ Sobre a *Geração de 37* tratarei nos dois próximos capítulos. Quanto à historiografia indicada anteriormente, cito como exemplo: CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados**: origens da nação argentina 1800-1846. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009; CICERCHIA, Ricardo. **Viajeros. Ilustrados y románticos en la imaginación nacional**. Buenos Aires: Troquel, 2005; PALTI, Elías. **El momento romántico**: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009; SABATO, Hilda (Coord.). **Ciudadanía política y formación de las naciones**: perspectivas históricas de América Latina. México: Fondo de Cultura/Colégio de México, 1999, entre outros.

²⁴ Entre estes trabalhos destaco o prefácio de *Facundo*, escrito pela historiadora Maria Ligia Coelho Prado, publicado na edição brasileira da obra. No referido texto, a historiadora apresenta um panorama sobre a vida e a obra de Sarmiento, pontuando elementos relacionados às opções políticas e intelectuais do autor. PRADO, Maria Lígia Coelho. Prefácio à edição brasileira. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo civilização e barbárie**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. Além destes trabalhos, existe um grande número de artigos e ensaios sobre o pensamento *sarmientiano* e, entre estes, muitos de caráter comparativo, como os trabalhos de Miriam Gárate e Berthold Zilly, que aproximam Sarmiento de Euclides da Cunha. Enquanto Gárate buscou refletir sobre um conjunto de questões comuns nos dois autores, como a dicotomia civilização/barbárie, Zilly problematizou a ideia de barbárie como antítese de civilização nos textos destes escritores. Tanto Gárate como Zilly utilizaram *Facundo* e *Os Sertões* em suas análises e Zilly buscou demonstrar no decorrer do seu trabalho que ambos os livros são fundadores. Ver: GÁRATE, Miriam. **Civilização e barbárie n'Os Sertões**: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2001, e ZILLY, *op. cit.*

²⁵ Como por exemplo: FREITAS NETO, José Alves de. A formação da nação e o vazio na narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX. **Revista Esboços**, Florianópolis-SC: UFSC, n. 20, p. 189-202, 2009; MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. **Civilização e Barbárie**: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai. 232 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Universidade Federal Fluminense-RJ. Niterói-RJ, 2006; PAMPLONA, Marco Antonio. Nação e modernidade nos escritos de Sarmiento e Nabuco. In: **A visão do Outro**: seminário Brasil – Argentina. Brasília: Funag, 2000; _____. MÄDER, Maria Elisa (Orgs.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**: região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2007. E mais recentemente: FRIAS, Ana Cristina Figueiredo de. **Las bayonetas inteligentes**: imprensa e opinião pública nos escritos de Domingo Faustino Sarmiento. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011; PORTO, Diego Gobo. O americanismo em Domingo Faustino Sarmiento: paradoxo e desilusão. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória-ES, 2010, e TERLIZZI, Bruno Passos. **Conceitos em disputa**: as linguagens políticas nas obras de Sarmiento e o conflito em torno do conceito de *americanismo*. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH, da Universidade Estadual de Campinas-SP. Campinas-SP, 2013.

²⁶ Beired estabelece uma aproximação entre Sarmiento, Tocqueville e Alberdi, no que concerne às ideias referentes à democracia na América. Pamplona também realiza uma análise comparativa refletindo sobre a noção

Apesar de tais trabalhos abordarem aspectos da trajetória intelectual, política e/ou periodística de Sarmiento, notamos a ausência de uma reflexão mais sistematizada e objetiva referente às relações entre ele e o Brasil. Além de ter escrito alguns textos sobre o Brasil em diferentes momentos de sua vida, o autor de *Facundo* realizou três viagens para o Brasil (1846, 1852, 1868). Na primeira, se destacou o olhar do viajante, que, na ânsia de entender diferentes contextos políticos, sociais e culturais, e incumbido pelo governo chileno de analisar diferentes sistemas educacionais e migratórios, construiu uma narrativa na qual descreveu aspectos da sociedade do Rio de Janeiro. A segunda viagem ao Brasil foi realizada em 1852 e culminou na condecoração formalizada por D. Pedro II devido à participação de Sarmiento na Batalha de Caseros, conflito que levou à queda de Juan Manuel de Rosas. A última viagem, datada de 1868, antecedeu sua nomeação ao cargo de Presidente da República Argentina em um momento bastante complexo para as relações entre Brasil e Argentina, uma vez que nesta época os dois países travavam acordos pelo fim da Guerra da Tríplice Aliança. O terceiro capítulo versará sobre esses textos.

Um trabalho atual sobre o assunto foi escrito pela crítica literária Adriana Amante, que em sua tese de doutorado estudou os desterrados que viveram no Brasil na época de Rosas.²⁷ Embora muitas fontes documentais utilizadas por esta autora também tenham sido adotadas aqui e apesar da existência de certa confluência em termos de reflexão, esta pesquisa nos possibilita avançar um pouco mais na compreensão acerca das relações entre Sarmiento e o Brasil, uma vez que a autora se preocupou com a situação dos exilados argentinos, de forma geral.²⁸ Sua análise não se estendeu ao momento presidencial de Sarmiento, momento esse

de nação e modernidade nos escritos de Sarmiento e Nabuco em um artigo, e de Sarmiento e Viana em outro. Eugênio Carvalho relaciona Sarmiento, Martí, Rodó e Bomfim a partir do debate que estabelecem sobre a natureza americana e as teses europeias referentes à sua inferioridade. Muruci, por sua vez, compara Sarmiento e Martí quanto às apropriações realizadas por esses autores em relação às representações presentes nas narrativas históricas dos Estados Unidos – como natureza e progresso – categorias essas importantes para a formulação de propostas políticas para pensarem o seu próprio país. BEIRED, José Luis. Tocqueville, Sarmiento e Alberdi: três visões sobre a democracia nas Américas. **História**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 59-78, 2003; CARVALHO, Eugênio Rezende de. Ideias e identidade na América: quatro visões. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 1, p. 7-28, julho 1975; PAMPLONA, Marco Antonio. **Nação e modernidade**. *Op. cit.*, e _____. Ambiguidades do pensamento latino-americano: intelectuais e a ideia de nação na Argentina e no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, n. 32, p. 3-31, 2003; SANTOS, Fabio Muruci dos. Nascidos no maravilhoso: o excepcionalismo americano nos escritos de viagem de Domingo Sarmiento e José Martí. **Revista de História (UFES)**, v. 19, p. 49-72, 2007.

²⁷ AMANTE, Adriana. **Poéticas y políticas del destierro**: argentinos en Brasil en la época de Rosas. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

²⁸ Outro trabalho de análise da produção dos argentinos exilados no Brasil é: SOUZA, Fábio Francisco Feltrin de. **Extremidades da nação**: violência, biopolítica e antimodernidade no discurso fundacional da Argentina. 247 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2011.

que considero indispensável para uma compreensão maior acerca do olhar que lançou ao Império brasileiro.

1. *ME ESTOY CIVILIZANDO*: alguns momentos da trajetória de Domingo Faustino Sarmiento

Em 1841, Domingo Faustino Sarmiento cruzou a Cordilheira do Andes, em direção a Santiago do Chile. Ele saía de San Juan na condição de exilado político, deixando para trás a direção de um colégio para moças e as lembranças da intensa atuação no editorial do periódico *El Zonda*. Após 15 anos de exílio no Chile, onde se constituiu como um grande escritor e polemizador, retornou à República Argentina, não mais como exilado, mas como figura de destaque nos meios literário e político.

A partir de 1855, além de escrever intensamente, também ocupou vários cargos públicos. Foi redator de diversos periódicos e professor da Universidade de Buenos Aires. Devido às polêmicas de sua atuação como governador da província de San Juan, novamente deixou o país, em 1865, não mais como exilado, mas como Ministro Plenipotenciário da República Argentina nos Estados Unidos. Viveu na América do Norte até 1868, momento no qual retornou à República Argentina como Presidente da República, em um contexto de grande tensão na América do Sul, ocasionada pelos impasses relacionados à Guerra da Tríplice Aliança.

Esse breve resumo fornece um panorama muito geral de alguns marcos políticos vivenciados por Domingo Faustino Sarmiento, que se tornou uma figura canonizada na América Latina. Para além dos marcos políticos, interessa identificar momentos-chave de sua formação intelectual, das sociabilidades que estabeleceu ao longo da vida, das opções políticas assumidas e até mesmo de algumas polêmicas que fomentaram uma determinada forma de entender a si mesmo e de se posicionar perante o mundo. A compreensão acerca da trajetória individual pode fornecer pistas para entender aspectos do seu posicionamento sobre o Brasil nos diferentes momentos em que escreveu sobre o vizinho luso-americano.

Nas últimas décadas, as pesquisas históricas cederam espaço para reflexões que privilegiam as subjetividades. O indivíduo voltou a ocupar um lugar central e a noção de experiência tornou-se valorizada no discurso historiográfico. De acordo com Giovanni Levi, a questão mais importante quando realizamos a análise de uma trajetória não é o ponto de ser ou não possível escrever sobre a vida da pessoa a ser pesquisada, mas sim o fato de que muitas vezes os historiadores entendem que os “atores históricos obedecem a um modelo de

racionalidade anacrônico e limitado.”²⁹ Reconstruir o percurso de um indivíduo, inserindo-o em uma cronologia ordenada, identificando uma personalidade estável, coerente, previsível e atribuir ações, pensamentos e sentimentos exclusivamente racionais, é certeza de frustração para o pesquisador.

Como resultado dessas reflexões, muitas biografias e trajetórias de vida têm sido produzidas no campo da história, possibilitando a ampliação e o enriquecimento do debate relativo à escolha de indivíduos como objeto de pesquisa. Nestes trabalhos, o objetivo não é construir um modelo de vida exemplar ou uma narrativa de cunho memorialístico, mas mostrar, como bem indicou Sabina Loriga, a “significação histórica geral de uma vida individual”³⁰ ou ainda mostrar processos mais amplos, de rupturas ou permanências, tomando como exemplo vidas singulares.

Considerando a importância atribuída atualmente pela historiografia ao indivíduo, que voltou a ocupar uma posição central, apontarei para algumas experiências que possivelmente foram importantes na conformação deste sujeito e na formação de determinados modos de observar.

O objetivo deste capítulo, portanto, é trazer à tona a trajetória de Domingo Faustino Sarmiento evidenciando os momentos mais marcantes na formação de sua visão de mundo e que serão acionadas para pensar o país vizinho.

Ao refletir sobre a trajetória de Mozart no século XVIII, Norbert Elias enfatizou a importância de conhecermos os anseios e desejos quando buscamos conhecer alguém. Disse ainda que esses elementos “não estão definidos antes de todas as experiências”, mas evoluem à medida que os sujeitos estabelecem relações e convivem com outras pessoas, “sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida”.³¹ Mas muitas vezes isso também pode ocorrer repentinamente, associados a experiências graves.

Entretanto, definir a posição ocupada por Sarmiento na sociedade chilena, argentina ou brasileira do século XIX não constitui uma tarefa simples. Primeiramente porque as identidades individuais se constroem e se reconfiguram a todo o momento e conforme cada situação. Os atores sociais, ainda que analisados em sua individualidade, são múltiplos e guardam toda uma carga de subjetividade. Eles se redefinem de acordo com as condições sociais, políticas e culturais de cada momento, a partir da interação com diferentes

²⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 169.

³⁰ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, pp. 225-249.

³¹ ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um Gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995., p. 13.

interlocutores. Não são necessariamente coerentes ou previsíveis, embora compartilhem regras e valores da comunidade à qual pertencem.

Segundo Levi, “a ilusão de uma identidade específica, coerente, sem contradição, não é senão o biombo ou a máscara, ou ainda o papel oficial, de uma miríade de fragmentos e estilhaços.”³² A proposta, neste sentido, é identificar elementos dessa miríade, que compreende diferentes aspectos da vida, como as expectativas, as esperanças, os anseios, os desejos, mas também as leituras, as opções políticas e intelectuais, as relações de sociabilidade, enfim, os posicionamentos e ações, compreendidos em seus aspectos mais amplos. Esse levantamento será importante para a compreensão de como Sarmiento, a partir de várias influências, relações, contradições e sentimentos, formou um olhar sobre o país vizinho de língua portuguesa.

Além das dificuldades inerentes ao ato de tentar traçar trajetórias, de tecer narrativas elencando determinados momentos e posturas em detrimento de outros, de buscar as matrizes ideológicas de alguém, é preciso considerar a grande diversidade de atuações experienciadas por Sarmiento, a sua inserção em uma multiplicidade de campos que resultaram em uma vasta obra escrita e em um grande número de polêmicas. Conhecer esses momentos ajudará a pensar sobre as opções, os caminhos intelectuais, políticos e até mesmo morais que orientaram a visão de mundo do autor, como se constituiu sua forma de ser, pensar e se posicionar perante os demais. Mas antes de marcar essa trajetória, é importante sublinhar os movimentos historiográficos acerca de Sarmiento.

1.1. *El titán del Nuevo Mundo Americano*: entre a biografia e a história da nação

Tanto autor como obra têm sido incansavelmente analisados por ensaístas, historiadores, críticos literários e sociólogos. Foram inúmeros olhares adotados desde o início do século XX até a primeira década do século XXI, oriundos de diferentes centros de pesquisa localizados na Argentina, nos Estados Unidos, no Brasil, entre outros países. Esses olhares buscaram interpretar, elucidar, explicar, contextualizar, enfim, enquadrar os textos

³² LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 173.

sarmientinos aos sabores historiográficos ou literários de cada momento histórico e a determinados projetos sociopolíticos.³³

Em termos acadêmicos, essas operações de leitura estiveram vinculadas à autonomização e à institucionalização do discurso universitário. Da conclusão de que *Facundo* seria a *Ilíada* latino-americana passou-se à defesa de que o escritor sanjuanino encarnou um tipo social ricamente individualizado, responsável por representar a totalidade de um processo e as tendências de um período histórico até chegar à ideia de que ele teria esboçado uma visão oficial da zona de contato e sua *mestizaje* cultural,³⁴ entre diversas outras abordagens. A escolha das obras analisadas também atendeu às demandas de cada momento, sendo que *Facundo*, *Viajes* e *Recuerdos* foram as mais contempladas.

Grande parte dessa historiografia, sobretudo aquela de cunho biográfico, buscou identificar Sarmiento a partir de sua relação com as origens da nação argentina. Muitos desses trabalhos fazem parte de um conjunto de textos, produzidos no início do século XX, que versaram sobre a construção do campo literário e sua relação com a formação das nacionalidades, principalmente a partir da constituição de uma historiografia literária local.³⁵

De forma geral, as biografias sobre Sarmiento, sobretudo aquelas escritas na primeira metade do século XX, apresentam elementos característicos ao gênero, tais como: a afirmação de que o biografado era visionário e excepcional, a genealogia da família, aspectos anedóticos, a ideia de que a sua consciência política foi despertada por um dado acontecimento, além de afirmações contendo juízos de valor. Neste tipo de biografia, nada é contingente, tudo é significativo e remete para um sentido e para uma tendência histórica. A história nacional e a biografia pessoal se cruzam. Os vínculos entre autor e construção da nação argentina são enfatizados. Neste sentido, Sarmiento foi considerado forjador da pátria. Termos psicologizantes e positivistas foram comuns e sua obra adquiriu, em muitos autores, um caráter beatificado e moralizante.³⁶

Um exemplo pode ser observado a partir da obra *El profeta de la pampa*, escrita por Ricardo Rojas em um contexto no qual os debates literários giravam em torno da formação e

³³ Sobre a importância e influência da obra sarmientina em diversas tradições políticas ver: SVAMPA, *op. cit.*

³⁴ Esses olhares foram elaborados por LUGONES, Leopoldo. **História de Sarmiento**. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1988; VIÑAS, David. Sarmiento: un gran burgués ni beato ni perverso. **Crisis**, Buenos Aires, n. 57, enero-febrero 1988. Citado por RODRÍGUES, Fermín. Las operaciones de la crítica. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la Literatura Argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 611, e PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999, respectivamente.

³⁵ No caso da Argentina, a institucionalização das letras se deu a partir de 1912, por meio da criação da cátedra de Literatura Argentina na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires.

³⁶ Rodríguez fornece vários exemplos que englobam uma ou várias destas características na historiografia sobre Sarmiento da primeira metade do século XX. RODRÍGUES, **Las operaciones...**, *op. cit.*

legitimidade das identidades nacionais.³⁷ Como o próprio título indica, nesta biografia o sanjuanino é apresentado como uma figura de caráter religioso, responsável por prever ou escrever com suas ações o futuro da nação. Sarmiento foi considerado por Rojas um “raro fenômeno humano”, um “titã do Novo Mundo Americano”, intérprete do próprio destino, por meio do qual “nosso drama social do século XIX” se personifica.³⁸ Nesta biografia, o indivíduo fornece acesso ao universal, concede sentido à história e cumpre o papel de unir a coletividade: “tal é nosso herói: hispano-americano do século XVIII. A quem a revolução da América no século XIX dá novo destino. Nele se interrompe e se renova a história”.³⁹

Rojas apresenta uma tendência que foi recorrente em outros autores. Para Lugones, “Sarmiento, mais que um homem, é uma época”.⁴⁰ Com o propósito de “glorificar a Sarmiento”, Lugones atribuiu grande importância ao sanjuanino como encarnação de uma era. De acordo com sua *História de Sarmiento*, “quando o tempo sobrepuser em uma só perspectiva os diversos planos históricos, aquele fenômeno genial denominará uma era”.⁴¹

O caráter de genialidade foi atribuído diversas vezes a Sarmiento. Lugones se propôs fazer um “estudo do personagem”, apreciando sua “magnífica multiplicidade”, para ele, “caso único do homem de gênio em nosso país”, sendo necessário se ater à fisionomia, às atitudes, aos gestos típicos “porque são contribuições ao estudo ainda inconcluso do gênio como fenômeno superior”.⁴²

³⁷ As primeiras obras sobre Domingo Faustino Sarmiento escritas e publicadas por Rojas foram **Bibliografía de Sarmiento**, de 1911, e **El pensamiento vivo de Sarmiento**, de 1941. Uma biografia mais sistemática foi publicada em 1945 sob o título **El profeta de la pampa: vida de Sarmiento**. Ricardo Rojas (1882-1957) foi ensaísta e crítico literário. Ocupou diversos cargos de docência universitária e pesquisa. É considerado um dos mais importantes escritores do movimento literário e político argentino conhecido como “primeiro nacionalismo cultural”. Nesta época, em diversos ensaios escritos pela chamada *Geração do Centenário*, um dos autores mais estudados foi Domingo Faustino Sarmiento. A *Geração do Centenário* constituiu um grupo de escritores que produziram ensaios, textos históricos e poesias relacionadas às comemorações dos cem anos da Revolução de Maio (1810) e da Declaração de Independência (1816). Essas produções contaram com incentivo estatal, que utilizou este momento para a construção de uma memória oficial argentina e para a consolidação de uma tradição literária de caráter nacionalista. Ver FUNES, Patricia. Leer versos con los ojos de la historia: literatura y nacion en Ricardo Rojas y Jorge Luis Borges. **História**, Franca, v. 22, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05/07/2011. doi: 10.1590/S0101-90742003000200006.

³⁸ ROJAS, Ricardo. **El profeta de la pampa**. Vida de Sarmiento. Buenos Aires: Losada, 1951, p. IX, XI, XII. “Raro fenómeno humano”; “titán del Nuevo Mundo Americano”; “Nuestro drama social del siglo XIX”.

³⁹ *Ibid.*, p. 31. “Tal es nuestro héroe: hispanoamericano del siglo XVIII. A quien la revolución de América en el siglo XIX da nuevo destino. En él se corta y se reanuda la historia.”

⁴⁰ Leopoldo Lugones (1874-1938) foi um literário de destaque no meio intelectual e jornalístico argentino. A biografia **História de Sarmiento** foi originalmente publicada em 1911. LUGONES, Leopoldo. **História de Sarmiento**. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1988. p. 36. “Sarmiento, más que un hombre, es una época”.

⁴¹ *Idem*. “Cuando el tiempo superponga en una sola perspectiva los diversos planos históricos, aquel fenómeno genial denominará una era.”

⁴² *Ibid.*, p. 35-36. “Estudio del personaje”; “magnífica multiplicidad”; “caso único del hombre de genio en nuestro país”; “porque son contribuciones al estudio todavía inconcluso del genio como fenómeno superior”.

Ao buscar validar a estética dos escritos sarmientinos, Ricardo Rojas transformou Sarmiento, até então reconhecido na Argentina como um homem público, estadista, militar e pedagogo, em um escritor nacional. Mas a análise biográfica de Rojas também difundiu a imagem que o próprio Sarmiento tinha de si mesmo em seus escritos. O que começou com Rojas ganhou proporções distintas ao longo do século XX na forma de entendimento do sujeito e de sua escrita.

À medida que ocorreu a profissionalização acadêmica, o discurso se tornou menos enaltecido da figura de Sarmiento, dando ensejo para a elaboração de estudos de cunho analítico e crítico por meio de uma grande diversidade de interpretações.⁴³ Alguns exemplos podem ser encontrados entre as décadas de 1930 e 1940, com os trabalhos de Alberto Palcos e Martínez Estrada. O primeiro ainda utiliza a ideia de gênio, em um discurso positivista que compreende Sarmiento como um símbolo da argentinidade, do americanismo que, entretanto, não encerra um conteúdo local, mas universal.⁴⁴

Ainda entre as décadas de 1930 e 1940, se destaca a análise de Martínez Estrada, autor do livro *Radiografía de las Pampas*, onde utiliza noções antropológicas e etnológicas recorrentes para o período. Estrada valorizou a produção sarmientina como um romance dos costumes e parte importante do pensamento sociológico argentino. Ele concebia a sua própria obra como uma continuidade corrigida das reflexões realizadas por Sarmiento.⁴⁵ Em seu texto, é possível observar algumas permanências relativas a categorias de análise que vigoravam em *Facundo*, como a ênfase nas grandes distâncias, no isolamento e no caráter desértico do país. A antinomia civilização *versus* barbárie continua sendo um prognóstico válido para a Argentina, uma força irreconciliável que atravessa o país, atuando em qualquer tempo e lugar. Estrada realiza “um exame que conduz à denúncia da persistência inalterada do atraso por debaixo da frágil fachada de civilização e de progresso”.⁴⁶

⁴³ Também surgiu na Argentina, no final do século XIX, uma corrente de pensamento chamada Revisionismo Histórico. De acordo com Pablo Alabarces, essa perspectiva, que iniciou como uma escola historiográfica, teve diversas variantes e encaminhamentos posteriores, sendo utilizada em formulações nacionalistas de diferentes contextos históricos, para fins de intervenção política e cultural, por meio da releitura do passado. Um dos eixos ordenadores desse pensamento é o resgate da figura dos caudilhos federais, sobretudo Rosas. Entre muitos revisionistas desenvolveu-se um antissarmientismo. Ver: ALABARCES, Pablo. Las lecturas revisionistas de Sarmiento. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la Literatura Argentina: Sarmiento**, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 293-314, e SVAMPA, *op. cit.*

⁴⁴ Alberto Palcos foi professor da Universidade de La Plata e membro da Academia Argentina de História. Possui estudos, biografias e várias publicações sobre Sarmiento e suas obras. PALCOS, Alberto. **Sarmiento**. La vida, la obra, las ideas, el genio. Buenos Aires: Aimece, 1962.

⁴⁵ ESTRADA, Ezequiel Martínez. **Radiografía de la pampa**. Paris/Madri/Argentina: ALLCA XX, 1997.

⁴⁶ Para uma análise da obra de Martínez Estrada e sua relação com a produção sarmientina, ver: GÁRATE, *op. cit.*, p. 151.

Entre as décadas de 1950 e 1960, destacam-se análises como as de David Viñas e Aldo Prieto, autores que adotam um discurso crítico, matizando a obra sarmientina e imprimindo uma versão secularizada ao sujeito.⁴⁷ Viñas defende a ideia de que Sarmiento não era um gênio, mas um personagem burguês que teria atuado a partir da sua posição dentro de uma classe social, interpretando as condições históricas concretas e suas contradições.⁴⁸ Prieto, por outro lado, localizou na autobiografia o lugar de nascimento do autor e de sua autoconsciência.⁴⁹

Como poderia a autobiografia testemunhar outra coisa que o grau de consciência de si mesmo que o indivíduo tem em cada etapa de sua vida? Mas, precisamente porque a autobiografia surge de uma compreensão concreta da vida – compreensão que integra em si mesma o próprio passado – possui a potência necessária para formar e transformar os acontecimentos históricos, potência contígua à própria vida.⁵⁰

Para Prieto, a história da literatura autobiográfica argentina condensa a história da elite no poder. A localização da consciência social e do consenso comum pode ser identificada no plano da consciência individual e, entre vários povos, “o argentino se singulariza como o melhor dotado, o mais susceptível, ou, se se quer, o mais urgido a definir-se frente a uma consciência social, por débil e imprecisa que está seja.”⁵¹

A partir da década de 1970, destacam-se análises como as de Noé Jitrik e Tulio Halperin Donghi, autores que ainda continuam escrevendo sobre o tema. Jitrik observa a obra sarmientina como uma forma de expressão, o autor é um produtor e sua escrita se define por transformações materiais. *Facundo* estaria então entre o passado familiar colonial e o futuro promissor da sociedade, entre o romantismo e o iluminismo, ou entre a tradição e um modelo

⁴⁷ VIÑAS, *op. cit.*; PRIETO, Adolfo. *La literatura autobiográfica argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

⁴⁸ David Viñas (1927-2011) se destacou na Argentina como escritor, dramaturgo, diretor de cinema e televisão, professor universitário, ensaísta e militante de esquerda. VIÑAS, *op. cit.*

⁴⁹ Adolfo Prieto nasceu em 1928 na província de San Juan. Foi professor universitário e pesquisador nas universidades de Córdoba, Cuyo e do Litoral. Também lecionou em universidades norte-americanas. De acordo com Alejandro Blanco, sua trajetória inclui uma das obras mais originais da história e da crítica da literatura argentina. Ver: BLANCO, Alejandro. Sociologia e literatura: a renovação da crítica na Argentina. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 21, n. 2, 2009. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702009000200013&lng=en&nrm=iso>. Access on: 15/05/2014. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702009000200013>.

⁵⁰ PRIETO, *La literatura...*, *op. cit.*, p. 15: “¿Cómo podría la autobiografía testimoniar otra cosa que el grado de conciencia de sí mismo que el individuo tiene en cada etapa de su vida? Pero precisamente porque la autobiografía surge de una comprensión concreta de la vida – comprensión que integra em sí misma el propio pasado – posee la potencia necesaria para formar y transformar os hechos históricos, potencia afín a la propia vida.”

⁵¹ *Ibid.*, p. 19. “El argentino se singulariza pronto como el mejor dotado, o el más susceptible, o, si se quiere, el más urgido a definirse frente a una conciencia social, por débil e imprecisa que ésta sea.”

ideal de sociedade futura almejado pelo autor, prevalecendo um movimento entre o mundo emocional e o ideológico.⁵²

Um dos mais referenciados pesquisadores do tema é o historiador Túlío Halperín Donghi. Além de diversos livros e artigos sobre o assunto, ele foi um dos organizadores de *Sarmiento author of a nation*, uma coletânea com reflexões de vários pesquisadores, como Ricardo Piglia, Beatriz Sarlo, Noé Jitrik, Sorensen Goodrich, Nicolas Shumway e o próprio Donghi.⁵³ Esta obra foi resultado de uma conferência internacional realizada na Universidade de Berkeley em 1988 em homenagem ao centenário da morte de Sarmiento. Os artigos também variam em termos de temas e fontes de pesquisa, versando sobre Sarmiento e sua relação com o contexto argentino, com a imprensa chilena, com a questão de gênero, com os conceitos que desenvolveu em sua extensa produção ou ainda sobre sua autobiografia, suas viagens e *Facundo*.

Firmín Rodríguez chama a atenção para as análises de Donghi realizadas entre as décadas de 70 e 80, onde prevaleceu a ideia de que Sarmiento utilizou-se da escrita para construir um lugar de autoridade para si, ao mesmo tempo em que tratou de criar as condições desse reconhecimento por meio de sua atuação como escritor e pessoa pública. Rodríguez também insere o trabalho de Donghi e de outros pesquisadores do tema em um tipo de produção acadêmica norte-americana que estabelece um processo de latino-americanização para a obra sarmientina, considerando-a parte de um “corpus latino-americano” de produção.⁵⁴

Na década de 80, destacam-se estudos realizados por críticos literários como Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano. Para esses autores, a perspectiva autobiográfica é forte e Sarmiento é entendido como um escritor que utilizou a literatura tanto com um fim político como também para a formação de um campo de autoridade e aceitação da figura pública do autor, lançando mão de um capital simbólico face à ausência de capital financeiro. A produção autobiográfica é analisada por meio de um olhar que suspeita do fato de um autor falar tanto de si. Altamirano e Sarlo trabalharam ainda com a noção de “estrutura de

⁵² Jitrik é crítico literário, atuou e atua em várias universidades argentinas. É o diretor da coleção **História Crítica de la Literatura Argentina**, cujo número 4 foi dedicado a Sarmiento, como já foi exposto.

⁵³ HALPERÍN DONGHI, Tulio *et al.* (Orgs). **Sarmiento: author of a nation**. Berkeley: University of California Press, 1994.

⁵⁴ RODRÍGUES, **Las operaciones...**, *op. cit.*, p. 627.

sentimento” de Raymond Williams para argumentar sobre a existência de uma afetividade fora do campo da consciência discursiva que articula e é articulada pelo texto literário.⁵⁵

Nas duas últimas décadas, como já foi comentado, as análises se voltaram, entre outros aspectos, para a reflexão acerca das linguagens políticas da região platina e da inserção dos países ibero-americanos na modernidade. A profissionalização da história no campo acadêmico na segunda metade do século XX e início do XXI, portanto, levou a estudos que consideram a complexidade do período e dos personagens históricos, problematizando as narrativas de Sarmiento (e de outros escritores da *Geração de 37*) e evidenciando as contradições, tensões e incertezas das ideias presentes nestes textos.

O contato com esses trabalhos possibilita conhecer algumas tendências relativas às diversas atribuições em torno desse ator social ao longo do tempo. Longe de pretender fornecer uma revisão exaustiva sobre o assunto, pois isso demandaria outra tese, minha intenção aqui é apontar para uma relação que me parece recorrente na historiografia sobre Sarmiento: a perspectiva que vinculou à história individual a história nacional.

Considero importante evidenciá-la, pois percebi certa ressonância da ideia de imbricamento entre história individual e constituição da nação em trabalhos de cunho historiográfico e/ou de crítica literária mais contemporânea. Muitos pesquisadores caracterizam as narrativas de Sarmiento e/ou sua postura política e intelectual como dotadas de um caráter emancipatório ou fundacional, ou seja, relacionadas a um ato criador que teria culminado ou significado um projeto de constituição de um Estado nascente ou apontado para a formação da nação.⁵⁶

Longe de pretender negar a importância de tais textos do ponto de vista analítico sobre a produção sarmientina ou referentes ao contexto argentino do século XIX, é, todavia, importante perceber que essa perspectiva está presente em vários trabalhos que constituem referência fundamental para aqueles que se dedicam ao tema, tornando ainda mais difícil entender o significado da experiência de Sarmiento em meio à formação da nação argentina, sobretudo para este recorte específico que consiste em compreender tal experiência a partir do olhar lançado ao Brasil.

⁵⁵ ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. **Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia**. Buenos Aires: Ariel, 1997. Para uma análise crítica sobre esses autores, ver: RODRÍGUES, *op. cit.*

⁵⁶ Alguns exemplos dessa perspectiva de análise podem ser observados em: PIZARRO, Ana. La emancipación del discurso. In: _____. (Org.). **América Latina: palabra, literatura e cultura**. V. 2. São Paulo/Campinas: Memorial/Unicamp, 1994. p. 21-34. Adolfo Prieto, por sua vez, escreveu que “[...] sua vida [de Sarmiento] foi essencialmente uma vida de serviço, um destino submetido à realização ou à frustração do destino geral de seu país”. PRIETO, *La Literatura...*, *op. cit.*, p. 51. “[...] su vida fue esencialmente una vida de servicio, un destino plegado a la realización o a la frustración del destino general del país”.

Neste sentido, a referência a tal questão tem o propósito ainda de permitir alguns questionamentos que podem ser úteis na análise pretendida e auxiliar a formação de um olhar menos ingênuo sobre o sanjuanino. Considerá-lo autor de um tipo de escrita emancipatória ou entendê-lo como um indivíduo cuja vida se constituiu imbricada aos desígnios da nação nos permite ter acesso às suas posturas e pontos de vista? Será que essa era a imagem que o ator social em questão tinha de si mesmo? E se era, de que forma isso agiu em seu modo de pensar? Até que ponto isso é significativo na forma como entendeu o país vizinho ou os políticos brasileiros com os quais teve contato?

A canonização de Sarmiento foi, em grande medida, posterior a sua existência, mas é importante observar os investimentos realizados por Sarmiento ainda em vida, em prol de uma imagem vinculada à história de sua terra natal, sobretudo visando ao reconhecimento dos seus pares. Esse caminho ajudará a entender melhor determinadas posturas assumidas por ele em vários contextos.

Um dos biógrafos de Sarmiento, Enrique Imbert, afirmou assertivamente ao declarar: “De Sarmiento sabemos, antes de tudo, o que ele mesmo nos contou”.⁵⁷ Em que pese as decisões e ações que certamente foram relevantes na constituição de uma identidade nacional, é importante lembrar que tal construção começou com o próprio Sarmiento e foi apropriada e reforçada posteriormente. De acordo com Rodríguez, “há então um projeto autobiográfico em Sarmiento que, apoiando-se no pacto de leitura que identifica autor-narrador-personagem, constrói estrategicamente uma imagem de si que se identifica com a imagem de uma nação por vir.”⁵⁸

Grande parte das informações sobre ele foi retirada de seus documentos escritos, sobretudo de suas autobiografias, mas também de outros textos com traços autobiográficos, como *Campaña en el Ejército Grande*, o qual abordaremos adiante. Portanto, é pertinente pensar sobre o quanto essa vinculação entre nação e indivíduo foi constitutiva de um modo de ser do próprio Sarmiento, o quanto ele se empenhou na tarefa de construir essa ideia e como utilizou essa postura em diferentes contextos, especialmente nas relações estabelecidas com o Brasil.

Para alguns biógrafos, Sarmiento figura como filho primeiro da Revolução, afirmação que enalteceu sua imagem como um continuador das mudanças consideradas radicais na

⁵⁷ IMBERT, Enrique Anderson. **Genio y figura de Domingo F. Sarmiento**. Buenos Aires: Eudeba, 1988. p. 12. “De Sarmiento sabemos, ante todo, lo que él mismo nos ha contado”.

⁵⁸ RODRÍGUES, **Las operaciones...**, *op. cit.*, p. 616. “Hay entonces un proyecto autobiográfico en Sarmiento que, apoyándose en el pacto de lectura que identifica autor-narrador-personaje, construye estratégicamente una imagen de sí que se identifica con la imagen de una nación por venir.”

América na primeira metade do XIX.⁵⁹ Ele mesmo dedicou várias passagens de seus textos a esta ideia, atribuindo um sentido mais amplo, menos individual e mais coletivo ao seu nascimento. Em *Recuerdos de Provincia*, sublinhou a “transição lenta e penosa de um modo de ser a outro; a vida da República nascente, a luta dos partidos, a guerra civil, a proscrição e o destierro”.⁶⁰ Seguindo o desenvolvimento desta reflexão, a história de sua família, em sua autobiografia, se apresenta intimamente vinculada à história da pátria. “À história da família se sucede como teatro de ação e atmosfera a história da pátria. À minha progênie, sucedo eu”.⁶¹

O vínculo entre o próprio nascimento e a Independência em relação à Espanha foi requisitado por Sarmiento. “Nasci em 1811, o nono mês depois do 25 de maio”⁶². Ele atribuiu um sentido providencialista ao seu nascimento e descreveu o período como um momento de ruptura, marcadamente revolucionário, no qual se imbricaram a história e a trajetória de vida, tanto a sua como a de seus pais.

Esta relação, entre a história do indivíduo e a história da pátria, foi costurada a partir de sua ascendência. Os pais de Sarmiento vivenciaram de forma intensa o contexto da *Revolução de Maio*, iniciada um ano antes do seu nascimento. José Clemente Sarmiento foi um fervoroso participante, herdeiro “das inquietudes revolucionárias”⁶³. Em sua primeira autobiografia, Sarmiento definiu o pai da seguinte forma:

Meu pai é um bom homem que não tem outra coisa notável na sua vida que ter prestado alguns serviços, em um emprego subalterno, na guerra da independência. Vinculou-se à batalha de Chacabuco, e por sua exaltação patriótica, seus contemporâneos lhe deram o apelido de Madre Patria.⁶⁴

⁵⁹ Ver, por exemplo: ROJAS, **El profeta...**, *op. cit.*, p. 31.

⁶⁰ Adiante, explicarei o contexto de publicação e algumas características desta autobiografia. SARMIENTO, Domingo Faustino. *Recuerdos de Provincia*. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. III. Buenos Aires, Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 118. “Transición lenta i penosa de un modo de ser a outro; la vida de la República naciente, la lucha de los partidos, la guerra civil, la proscripción i el destierro”.

⁶¹ *Idem*. “A la historia de la familia se sucede como teatro de acción i atmósfera la historia de la patria. A mi projenie, me sucedo yo”.

⁶² *Idem*. “Yo he nacido en 1811, el noveno mes despues del 25 de mayo”.

⁶³ BOTANA, Natalio R. Vida y obra de Domingo Faustino Sarmiento. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. **Obras completas**: artículos críticos y literários (1841-1842). Tomo I. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Matanza, 2001. p. XVI. “De las zozobras revolucionarias”.

⁶⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Mi Defensa*. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. III. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 16. “Mi padre es un buen hombre que no tiene otra cosa notable en su vida que haber prestado algunos servicios, en un empleo subalterno, en la guerra de la independencia. Se halló en la batalla de Chacabuco, y por su exaltación patriótica, le dieron sus contemporâneos el apodo de Madre Patria. [...]”

A mãe, Paula Albarracín, se tornou a provedora do lar, preocupada com a manutenção das tradições, cuidava dos filhos enquanto aguardava o retorno do marido, sempre envolvido com as vicissitudes das guerras de independência ou civis. De acordo com Sarmiento, a mãe era “[...] o verdadeiro tipo do cristianismo em sua acepção mais pura, a confiança na Providência foi sempre solução para todas as dificuldades da vida.”⁶⁵

Era o único filho homem e o mais novo entre quatro meninas.⁶⁶ Passou a infância e a juventude ao lado das irmãs, que viveram até a velhice. Afirmou em sua autobiografia: “[...] desde a tenra idade de quinze anos tenho sido o chefe de minha família”, uma vez que o pai nunca estava presente. Escreveu que tais elementos teriam exercido uma influência fatal em seu caráter. “Jamais reconheci outra autoridade além da minha”⁶⁷, declarou. Embora esse argumento estivesse relacionado ao contexto da produção de sua autobiografia, cuja intenção era a autoafirmação, ele aponta para o fato de que a infância do sanjuanino foi marcada pela presença feminina.

Sarmiento nasceu na cidade de San Juan, uma das províncias da região de Cuyo, a oeste do Vice-reinado do Rio da Prata e a leste da Cordilheira dos Andes.⁶⁸ Quando eclodiu a *Revolução de Maio*, Cuyo conservava uma estreita relação com o Chile.⁶⁹ Em sua autobiografia Sarmiento se referiu à sua terra natal nos seguintes termos:

⁶⁵ *Idem*. “[...] verdadero tipo del cristianismo en su acepción más pura, la confianza en la Providencia fue siempre solución a todas las dificultades de la vida.”

⁶⁶ Paula Albarracín e José Clemente Sarmiento tiveram treze filhos, mas somente cinco chegaram à juventude: Paula, Procesa, Rosario, Benvenida e Domingo Faustino.

⁶⁷ SARMIENTO, **Mi Defensa**..., *op. cit.*, p. 26. “Desde la temprana edad de quince años he sido el jefe de mi familia”; “Jamás he reconocido otra autoridad que la mía”. Contrariamente a esta informação, em **Recuerdos de Provincia** Sarmiento cita um episódio no qual prevaleceu a autoridade paterna em detrimento do seu desejo de permanecer ao lado do tio José de Oro quando contava com 15 anos de idade. SARMIENTO, **Recuerdos**..., *op. cit.*, p. 58.

⁶⁸ A província de San Juan, assim como Mendoza e San Luis, está localizada na região de Cuyo, a leste da Cordilheira dos Andes, fronteira com o Chile. Foi fundada em 1561, juntamente com Mendoza, formando o *Corregimiento* de Cuyo. Durante o período colonial, Cuyo esteve sob a administração da Capitania do Chile e se tornou fornecedora de mão de obra indígena para as *encomiendas* da capital, Santiago. Com as reformas borbônicas, ocorreram grandes mudanças em termos administrativos e políticos, de Potosí a Buenos Aires. Em 1776, Cuyo se tornou parte do Vice-Reino do Rio da Prata e do *Corregimiento* cuja capital era Mendoza. Com a *Revolução de Maio*, em 1810, as governações de Cuyo juraram obediência à Junta de Buenos Aires e San Juan foi agregada a jurisdição do Cabildo de Mendoza, nomeada nova capital de jurisdição em 29 de novembro de 1813. Durante o período colonial, a região de Cuyo foi um importante ponto de ligação entre o Atlântico e o Pacífico. Possuía rotas comerciais por meio das quais se transportavam minerais e produtos vindos da Europa para atender as minas do Potosí. Desenvolveu uma economia pautada no comércio de animais e produtos agrícolas com o Chile – do qual importava artigos – e com cidades do interior como Córdoba e Santa Fé, até chegar a Buenos Aires. Desde o final do século XVI, os conflitos com indígenas araucanos, a existência de um exército estabelecido ao sul do Chile, bem como a própria Cordilheira, fronteira natural, contribuíram para fazer emergir uma mentalidade de fronteira. Em termos econômicos e culturais, de acordo com Ricardo Cicerchia, prevaleceu a bifrontalidade do espaço cuyano. Ver: CICERCHIA, Ricardo. **História de la vida privada en Argentina**. Vol. IV. Cuyo: entre el Atlántico y el Pacífico. Buenos Aires: Troquel, 2006. p. 13.

⁶⁹ Além de discutir aspectos sociais, políticos e econômicos de Cuyo, nesta obra Cicerchia fornece um interessante panorama historiográfico da história da região, preterida a Buenos Aires durante muitos anos na

Nasci em uma província ignorante e atrasada, não [...] no bairro de São Pantaleão, mas em outro ainda mais obscuro, chamado Carrascal [...]. Nasci em uma família que viveu muitos anos em uma mediocridade muito vizinha da indigência, e que até hoje é pobre em toda extensão da palavra.⁷⁰

Sua percepção sobre Cuyo apareceu no testemunho juntamente com a concepção de pertencer a uma família que carregava o estigma de “uma mediocridade vizinha da indigência”.⁷¹ Sarmiento remeteu a ausência de fortuna à decadência social de sua família, elemento que se repete em vários textos ao longo de sua trajetória, tanto em cartas como nas suas autobiografias. Em diversas ocasiões, enfatizou as dificuldades que pesaram sobre sua família e que trouxeram, como consequência, uma série de limitações vinculadas, principalmente, ao acesso escolar.

Embora pese em seu texto uma grande ênfase à decadência de seus ancestrais, nas duas autobiografias, *Mi Defensa* e *Recuerdos de Provincia*, o pai, José Clemente Sarmiento, foi descrito como um bom homem. Escreveu um pouco sobre o pai, mas sua genealogia é preponderante a partir da linhagem materna. Sua mãe, Paula Abarracín, foi apresentada como grande modelo de moral, assim como os demais Abarracines e a família Oro, cujos laços de parentesco também provinham da ascendência materna.

Altamirano e Sarlo, ao se referirem à forma como Sarmiento escreveu sobre seu pai, explicam que “as poucas vezes que [o pai] aparece com nitidez é uma espécie de irresponsável, semirrústico, exaltado, inconstante e vítima de uma ‘imaginação fácil de ceder à exaltação do entusiasmo’, uma imaginação volúvel, um caráter débil”.⁷² Embora Sarmiento não tenha dado grande destaque à história paterna, em suas autobiografias e nas correspondências, o pai apareceu em várias ocasiões de maneira sutil, como alguém que não planejava suas ações, vítima de uma espécie de “má sorte”, mas também como um pai preocupado com a educação e a segurança do filho.

Nas correspondências, José Clemente Sarmiento aparece em uma condição de fragilidade e dependência em relação ao filho, que precisou pedir dinheiro para pagar a

historiografia argentina. O autor comenta diversos estudos e enfatiza que a historiografia de San Juan evidencia a hegemonia das correntes historiográficas tradicionais, que se concentraram em uma perspectiva com tendência a pensar a sociedade cuyana como paternalista, quase feudal, o que evidencia, para o autor, a necessidade de incorporação de novas vertentes historiográficas. *Ibid.*, p. 16-28.

⁷⁰ SARMIENTO, *Mi Defensa*..., *op. cit.*, p. 16. “He nacido en una provincia ignorante y atrasada, no [...] en el barrio de San Pantaleón, sino en otro más oscuro todavía, llamado el Carrascal, [...]. He nacido en una familia que ha vivido largos años en una mediocridad muy vecina de la indigencia, y hasta hoy es pobre en toda la extensión de la palabra.”

⁷¹ *Idem.*

⁷² ALTAMIRANO, *Ensayos argentinos*..., *op. cit.*, p. 153. “Las pocas veces que aparece con nitidez es una especie de irresponsable, semirrústico, exaltado, inconstante y víctima de una ‘imaginación fácil de ceder a la exaltación del entusiasmo’, una imaginación voluble, un carácter lábil.”

cirurgia do pai no Chile (ao menos essa foi sua justificativa). Esses momentos trazidos à tona pela narrativa de Sarmiento me levam a concluir que a análise de Altamirano e Sarlo se mostrou um tanto quanto excessiva ao enfatizar quase um repúdio do sanjuanino pelo progenitor.⁷³

Quanto à infância, nas biografias prevalece uma imagem de precocidade e excepcionalidade relacionada à leitura, imagem esta também alimentada por Sarmiento a partir de suas reflexões autobiográficas. Nestes textos, o autor buscou enfatizar os momentos relacionados ao aprendizado da leitura e à vida escolar. Em *Mi Defensa* e *Recuerdos de Provincia*, informou que suas primeiras lições de leitura haviam sido ministradas por volta de 1815, quando contava com quatro anos de idade, pelo tio José Manuel Eufrásio de Quiroga Sarmiento, futuro bispo de Cuyo. Seu pai teria sido responsável pelo gosto que adquiriu pela leitura, uma vez que tornou tal prática uma ocupação constante em sua vida. Ele tomava diariamente as lições da escola “e me fazia ler sem piedade durante minha infância a *Historia Crítica de España*, de Don Juan de Masdeu, em quatro volumes, o *Desiderio* e o *Electo*”, além de “outros livrotos abomináveis que não voltei a ver”. Tais leituras, mesmo que obrigatórias e contestadas posteriormente, “deixaram no espírito ideias confusas de história, alegorias, fábulas, países e nomes próprios”.⁷⁴

Em 1816, foi criada em San Juan a *Escuela de la Patria*, dirigida pelo professor Ignacio Fermín Rodríguez, onde Sarmiento realizou seus primeiros estudos formais, aperfeiçoou sua leitura, aprendeu a escrever e adquiriu conhecimentos de aritmética, álgebra, entre outros. Destacou que sempre era chamado para realizar leituras “de casa em casa para ouvir-me ler, colhendo grande quantidade de bolos, abraços e elogios, que me enchiam de vaidade”.⁷⁵ Nas autobiografias, o ato de ler se tornou um elemento emblemático de sua personalidade, fundamental em sua vida, “[...] no que adquiri certa celebridade”, explicou, a

⁷³ Sarmiento escreveu a Manuel Montt “Tengo a mi padre enfermo en ésta, y debe hacérsele hoy o mañana una difícil operación en la boca, que requiere la concurrencia de los medicos más habiles. Esta inopinada circunstancia me pone en algún embarazo pecuniario, y me fuerza a solicitar la generosidad de usted.” In: SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Montt. Santiago, 21 de julho de 1841. In: *SEGRETI, Carlos (Comp.). La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I, 1838-1854. Córdoba: Comisión Nacional de Homenaje a Domingo Faustino Sarmiento, 1988. p. 27.

⁷⁴ SARMIENTO, *Recuerdos...*, *op. cit.*, p. 119. “Y me hacía leer sin piedad por mis cortos años la Historia crítica de España por Don Juan de Masdeu, en cuatro volúmenes, el *Desiderio* i *Electo*”; “otros librotos abominables que no he vuelto a ver”; “han dejado en el espíritu ideas confusas de historia, alegorias, fábulas, países y nombres propios.”

⁷⁵ *Idem*. “De casa en casa para oírme leer, cosechando grande copia de bollos, abrazos y encomios, que me llenaban de vanidad.”

ponto de desenvolver certa fixação, “à qual devo a direção que mais tarde tomaram minhas ideias”.⁷⁶

De acordo com *Recuerdos*, tomou gosto pela leitura “de coisas estranhas ao ensino”, o que o colocava em uma posição superior aos colegas. Também enfatizou que dispensava especial atenção às explicações do professor, retendo o que ouvia e lia. De acordo com sua autobiografia, “o professor contou, em uma série de dias, a preciosa história de Robinson, e eu a repetia, três anos depois, integralmente”.⁷⁷ É importante sublinhar que na escrita retrospectiva o autor procurou construir uma identidade frente à comunidade com a qual estabeleceu o pacto autobiográfico. A ênfase no interesse pela leitura e pelas aulas, pela facilidade no aprendizado, na ideia de superioridade frente aos colegas e na valorização atribuída pelas famílias sanjuaninas ao prodígio que repetia as histórias integralmente anos depois, é uma forma de organizar a experiência, elencando eventos significativos para explicar como se chegou a ser o que se é.

Após frequentar a escola primária de San Juan, Sarmiento foi estudar em um colégio de Córdoba, o qual deixou algum tempo depois por motivos de saúde. Devido às dificuldades que encontrou para dar continuidade aos estudos de maneira formal, ainda na adolescência, a educação de Sarmiento ficou sob a responsabilidade do presbítero José de Oro. Sarmiento possuía uma relação estreita com a família Oro. “Minha infância está ligada à casa dos Oro por todos os vínculos que constituem uma criança membro adotivo de uma família”⁷⁸. Em 1825, devido a perseguições políticas sofridas por José de Oro, opositor do governo de San Juan, Sarmiento acompanhou-o ao povoado de San Francisco del Monte de Oro, localizado na província de San Luis. De acordo com sua autobiografia, com o auxílio do presbítero, Sarmiento estudou latim, geografia, fundamentos religiosos e morais, além dos acontecimentos da revolução de Independência. Neste povoado, José de Oro criou uma escola rural para atender a população da região e Sarmiento, que então contava com quinze anos de idade, o ajudou atuando como professor de jovens e adultos.

Em *Recuerdos de Provincia*, enfatizou a importância que teve José de Oro em sua formação. Atribuiu ao presbítero parte de suas ideias, de seu amor à pátria e aos princípios liberais. Essas parecem ser algumas das reminiscências mais valorizadas por Sarmiento.

⁷⁶ SARMIENTO, *Mi Defensa...* *op. cit.*, p. 16. “En lo que adquiri cierta celebridad por entonces, i para despues una decidida afición a la lectura, a la que debo la dirección que más tarde tomaran mis ideas.”

⁷⁷ SARMIENTO, *Recuerdos...* *op. cit.*, p. 120. “Cosas contrarias a la enseñanza”; “Contó en una serie de días el maestro, la preciosa historia de Robinson, y repetíala yo, tres años después, íntegra”.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 52. “Lígase mi infancia a la casa de los Oro por todos los vínculos que constituyen al niño miembro adoptivo de una familia.”

Recordou-se dos tempos em que vivia com o sacerdote em San Francisco del Monte de Oro, onde teve contato especial com a natureza e com “aquela vida selvagem em meio a pessoas rústicas”.⁷⁹ Afirmou que se sentia bem ao percorrer as redondezas em busca de lenha e receber atenção ao ser identificado como discípulo do presbítero e professor da escola local. Os momentos que passou ao lado de José de Oro “deixaram uma profunda impressão em meu espírito”⁸⁰, confessou.

Algum tempo depois, seus familiares o chamaram de volta a San Juan, pois o governo de Buenos Aires pediu que cada uma das províncias selecionasse seis jovens para estudarem no *Colégio de Ciências Morales de Buenos Aires*. De acordo com sua autobiografia, Sarmiento foi um dos selecionados para concorrer à bolsa de estudos, mas, mediante um sorteio, foi preterido por outros jovens, entre os quais estava Juan Bautista Alberdi, um dos seus principais interlocutores no futuro.⁸¹ Nos anos subsequentes, Sarmiento não conseguiu retomar seus estudos em instituições escolares. Sobre esse episódio, declarou com pesar: “uma rara fatalidade pesou sempre sobre mim, que parecia me fechar as portas dos colégios”⁸². Interessante notar que a referência a esta frustração tem sido recorrente em vários estudos como uma das principais marcas da individualidade do sanjuanino.⁸³ Diversos autores relacionam ainda sua dedicação e interesse pela educação durante a vida adulta às dificuldades de acesso à escola no período da adolescência, talvez como uma forma de compensação pelos esparsos recursos do passado e pelo ressentimento provocado por tal situação.

Sarmiento fez questão de enfatizar ao longo de sua vida o fato de não ter tido acesso a um ensino e a uma formação institucional completa. Essa recorrência, me parece, está menos relacionada à intenção do autor em criar um nexos entre a ausência de estudos e o interesse pela educação e mais com o propósito de se sobressair em relação aos críticos e adversários. Essa proposição evidencia muito mais um interesse no reconhecimento de suas habilidades autodidatas e no enaltecimento de sua vitória, mediante os infortúnios que pesaram sobre sua família no passado. Neste sentido, cabe questionar até que ponto essa ideia de ressentimento talvez não se apresente nas autobiografias muito mais como uma sensação de orgulho por ter,

⁷⁹ *Ibid.*, p. 58. “Aquella vida selvática en médio de jentes agrestes”.

⁸⁰ *Idem.* “Han dejado una profunda impresión en mi espíritu”.

⁸¹ Adiante comentarei a respeito de Juan Bautista Alberdi.

⁸² SARMIENTO, *Mi Defensa...*, *op. cit.*, p. 17. “Una rara fatalidad ha pesado siempre sobre mí, que parecía cerrarme las puertas de los colejos.”

⁸³ BOTANA, *Vida y obra...*, *op. cit.*

em meio a tantos contratempos, se sobressaído como escritor e estar no centro de tantos debates e controvérsias literárias, como será possível observar adiante.

Neste sentido, a consolidação de determinadas ideias e as iniciativas da vida adulta não foram, necessariamente, uma resposta automática às agruras da infância, como é possível ler em muitas biografias. É importante sublinhar a relevância de cada momento, pois as ações que adotou ao longo da vida, as opções direcionadas aos projetos educacionais ou a outros propósitos, significam pontos de vista e atitudes que revelam escolhas. Portanto, talvez seja mais profícuo observar os anseios e desejos relacionados a estas escolhas nos momentos em que elas ocorreram, uma vez que foram direcionadas ao meio social em que vivia esse indivíduo e não precederam a experiência que as tornou possíveis.

É importante ainda anotar que se, por um lado, é possível observar a força do ressentimento ou do orgulho em Sarmiento devido às dificuldades para frequentar a escola, como escreveu em vários momentos, por outro, também é fundamental ter em mente que a experiência de professor que adquiriu ao lado do presbítero José de Oro na província de San Luis foi uma lembrança recorrente, acionada como autoimagem definidora de uma identidade social, ao menos durante o período de escrita e publicação de *Recuerdos*. Em 1852, acionou esta identidade frente a D. Pedro II, como será possível observar no terceiro capítulo. Neste sentido, é possível auferir que o interesse pela educação talvez tenha sido fruto mais dos benefícios que alcançou com a condição de professor do que com o ressentimento por não ter frequentado escolas...

Entretanto, talvez seja mais proveitoso considerar que a experiência do aprendizado escolar e não escolar, a vivência de leituras e a prática de ensino que experimentou em San Luis (entre diversas outras atividades realizadas ao longo de sua infância e adolescência) contribuíram para a formação de sua personalidade, abrindo possibilidades para determinadas escolhas e encaminhamentos futuros.

Considerar a infância e a adolescência, portanto, não faz parte de uma tentativa de determinar o homem que Sarmiento seria no futuro, mas consiste em uma forma de mapear algumas das primeiras leituras, as experiências iniciais e as matrizes do pensamento. Experiências essas que podem ter sido confirmadas ou negadas posteriormente, de acordo com os interesses e possibilidades de cada momento. Mas considerar a infância é, sobretudo, uma forma de entender como essa pessoa se definiu retrospectivamente, o que valorizou como passado, pois isso certamente representa um indicativo de como se posicionou nos momentos da escrita de si, momentos esses nos quais também elaborou um olhar sobre o Brasil. E como

parte integrante deste tipo de análise, a observação das apropriações bibliográficas em torno de suas memórias é um elemento que pode enriquecer ainda mais a análise.

Em 1827, quando tinha 16 anos de idade, Sarmiento trabalhou, em San Juan, como comerciante na loja de sua tia, Ángela Salcedo y Mallea. Este teria sido, como indicou, um período de leituras bastante profícuo em sua juventude. Leu desde *Catecismos de Ackermann* à *Vida de Cícero*, de Middleton, à *Vida de Franklin*, além de Tomas Paine e a *Revolução dos Estados Unidos*, livro que o incitou a pensar em questões relativas ao governo e ao direito dos governados – embora não tenha visto aplicação para tal modelo em seu país, conforme mencionou posteriormente. Datam desta época as leituras de biografias, mas vale frisar que, ao longo de sua vida, Sarmiento escreveu e leu um grande número de biografias e autobiografias, gêneros que exerceram grande influência em sua escrita e em seu modo de pensar.⁸⁴

Nessa época, um de seus tios, o presbítero Juan Pascoal Albarracin, o influenciou em sua educação religiosa. De acordo com *Recuerdos*, durante um ano e meio tiveram conferências das 9 às 11 horas da noite, nas quais conversavam sobre as *Sagradas Escrituras*. Esse tio, segundo Sarmiento, era menos liberal que José de Oro e teria complementado sua formação religiosa. Além da *Bíblia*, discutiram *Teologia Natural* e *Evidência do Cristianismo*, de Paley, e *Verdadeira Ideia da Santa Sede*, de Feijóo. Em sua autobiografia, Sarmiento deixou transparecer que, na província de San Juan, a vida intelectual era orientada por aspectos tradicionalistas ditados pelo clero e pela religião. “Aquela educação racional e eminentemente religiosa, mas liberal, que vinha desde a origem transmitindo-se de minha mãe ao professor de escola, de meu mentor Oro até o comentador da Bíblia, Albarracín”.⁸⁵

Altamirano e Sarlo enfatizam que a experiência de leitura do período de infância e adolescência de Sarmiento teve um aspecto mais utilitário, instrutivo e moral ao invés da leitura prazerosa e descompromissada do aprendizado. Percorrer as páginas dos livros, de acordo com estes autores, foi a forma encontrada por Sarmiento para a aquisição do

⁸⁴ Sarmiento acreditava no caráter didático das biografias para o conhecimento da história. Ele escreveu diversas biografias ao longo da vida, como a vida de San Martín, de Lincoln, de Darwin, dos seus amigos Manuel Montt, Antonino Aberastain, Horace Mann, de seu filho Dominguito, dos caudilhos Aldao, Chacho Peñaloza, Facundo Quiroga e de Manuel Rosas. A biografia que talvez tenha exercido maior influência em Sarmiento foi **A vida de Franklin**, segundo ele próprio comentou. Sarmiento admirava esse personagem e em diversas passagens de seus escritos procurou identificar elementos de semelhança e proximidade entre esta biografia e a sua própria.

⁸⁵ SARMIENTO, *Recuerdos...*, *op. cit.*, p. 128, “aquella educacion razonada y eminentemente relijiosa, pero liberal, que venía desde la cuna trasmitiéndose desde mi madre al maestro de escuela, desde mi mentor Oro hasta el comentador de la Biblia, Albarracin”. Questões discutidas por ALTAMIRANO, *Ensayos...*, *op. cit.*, p. 120.

patrimônio simbólico que o salvaria do distanciamento de condições criado pela decadência familiar.⁸⁶

Dessa maneira, os livros que conseguia na biblioteca de San Juan e com amigos foram fundamentais em sua formação de leitor. E um livro conduzia a outro pelas referências, apontamentos e direcionamentos que trazia, possibilitando ao leitor em questão a composição de uma cadeia de obras que criaram uma determinada prática de leitura, conforme é possível observar em uma carta dirigida a Alberdi, na qual se refere aos poetas modernos:

Nascido nesta província remota do foco de civilização americana, não pude formar um gênero de estudos a este respeito, e se não fossem algumas pequenas observações sem regularidade, feitas na leitura de alguns poetas franceses que chegaram às minhas mãos, como igualmente ingleses e a luz que transmitia as observações de La Harpe em seu curso de literatura, quando não há suficiente quantidade de instrução para aproveitar, diria que as regras da arte me eram absolutamente desconhecidas.⁸⁷

A prática de leitura foi importante para a formação de um hábil escritor, o que sem dúvida alguma Sarmiento foi. Segundo ele próprio, “um amigo me dizia: ‘tal artigo seu está muito bom; na verdade nunca acreditei que seria capaz disso.’ – Nem eu, homem, foi minha resposta: vejo mas não acredito”.⁸⁸

Como enfatizou em sua autobiografia, grande parte dessa experiência foi realizada em 1827, período em que atuou como comerciante em San Juan. Considerou esse momento fundacional em sua condição de autodidata:

Uma senhora beata passava pela minha loja todos os dias para a missa e sempre me encontrava lendo, motivo pelo qual dizia a um amigo: “este mocinho há de ser libertino... – E por quê, senhora? – Porque faz já um ano que todos os dias a qualquer hora que passe, está sempre lendo, e não devem ser livros bons que o têm entretido”. Deste modo e sem professores nem colégios, adquiri alguns rudimentos nas ciências exatas, na história, na moral e na filosofia, etc. Sendo ainda muito jovem, falamos nos Andes com Don Ramon Barí sobre metafísica, e os estudos que ele estava fazendo então no Instituto, e me senti confiante para rebatê-lo, o qual fez esta pergunta: “E

⁸⁶ *Ibid.*, p. 117.

⁸⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Juan Bautista Alberdi. San Juan, 6 julho 1838. In: _____. **Páginas Confidenciales:** sus luchas, suas paciones, suas triunfos, las mujeres de sua vida. Buenos Aires: Editorial Elevación, 1944. p. 20-21. “Nacido en esta província remota de ese foco de civilización americana no he podido formarme um género de estudios a este respecto, y si no fueran algunas pequeñas observaciones sin regularidad, hechas en la lectura de algunos poetas franceses que han llegado a mis manos, como igualmente ingleses y la luz que puede suministrar las observaciones de La Harpe en su curso de literatura, cuando no hay suficiente caudal de instrucción para aprovecharla, diría que las reglas del arte me eran absolutamente desconocidas.”

⁸⁸ SARMIENTO, *Mi Defensa...*, *op. cit.*, p. 18. “Un amigo me decía: ‘Tal artículo de usted está muy bueno; a la verdad nunca lo hubiera creído capaz de eso’. Ni yo tampoco, hombre, fué mi respuesta; lo veo i no lo creo.”

onde aprendeu isso?”, pergunta que não esqueci nunca, porque me fazem perguntas análogas a cada momento”.⁸⁹

Se colocar como autodidata foi um argumento recorrente em seus textos. Esse recurso, evidenciado sempre como sinônimo de um indivíduo independente e autônomo em suas atitudes e ideias, é perceptível já em 1838, em uma carta enviada a Alberdi, na qual demonstrou interesse pelas ideias do *Salón Literário*.⁹⁰

Quando como eu, um jovem não pôde receber uma educação regular e sistemática, quando não aprendeu certas doutrinas a que uma pessoa adere por acreditar que são incontestáveis, quando se teve desde muito cedo o penoso trabalho de discernir, de escolher, se adquire uma espécie de independência, de insubordinação que faz com que não respeitemos muito o que a preocupação e o tempo sancionaram.⁹¹

A experiência de leitura de Sarmiento não se restringiu somente aos clássicos da literatura, da filosofia e da história. Durante o período em que frequentou a escola, realizou estudos sobre desenho, iniciando com o método proposto por Jean-Jacques Rousseau para o *Emilio*. Depois dessa experiência, decidiu aprender sem professores e modelos, mas, quando chegou ao Chile, teve contato com obras chilenas e desistiu. A explicação em sua autobiografia foi de que “me convenci de que não sabia nada e abandonei para sempre a pretensão de desenhar”.⁹² Mesmo desistindo da carreira artística, ensinou desenho e formou retratistas, entre os quais citou como um de seus alunos Franklin Rawson.⁹³ Mas desse conhecimento permaneceu um interesse pelas artes plásticas, tema recorrente em diversos textos.

⁸⁹ *Idem*. “Una señora beata, pasaba por mi tienda todos los días a misa i siempre me encontraba leyendo, con cuyo motivo decía a un amigo: ‘este mocito ha de ser libertino... – I por qué, señora? – Porque hace ya un año que todos los días a cualquier hora que pase, está siempre leyendo, i no han de ser libros buenos los que lo tienen tan entretenido’. De este modo i sin maestros ni colejos, he adquirido algunos rudimentos en las ciencias exactas, la historia, la moral i la filosofía, etc. Siendo aún muy joven, hablamos en los Andes con Don Ramón Barí sobre metafísica, i los estudios que él estaba haciendo entonces en el Instituto, i me tomé la confianza de rebatírselos, lo cual le arrancó esta pregunta: ‘I dónde has aprendido eso?’ pregunta que no he olvidado nunca, porque análogas me hacen muchas a cada momento.”

⁹⁰ Adiante escreverei mais sobre o *Salón Literário*.

⁹¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Juan Bautista Alberdi. San Juan, 6 julho 1838. In: _____. **Páginas Confidenciales...**, *op. cit.*, p. 20-21, “cuando como yo, no ha podido un joven recibir una educación regular y sistemada, cuando no se han bebido ciertas doctrinas a que uno se adhiere por creerlas incontestables, cuando se ha tenido desde muy temprano el penoso trabajo de discernir, de escoger se adquiere una especie de independencia, de insubordinación que hace que no respetemos mucho lo que la preocupación y el tiempo han sancionado [...]”

⁹² SARMIENTO, **Mi defensa...**, *op. cit.*, p. 17, “me convencí de que no sabía nada i abandoné para siempre la pretensión de dibujar”.

⁹³ Franklin Rawson foi um pintor sanjuanino que iniciou seu aprendizado com Sarmiento.

Em 1828, quando contava com dezessete anos, foi nomeado subtenente do batalhão de infantaria provincial sob protestos e chegou a pedir exoneração, solicitação que lhe rendeu “o calabouço e serviu de corpo de delito a uma causa criminal”.⁹⁴ Após esse episódio, de acordo com *Mi Defensa*, se inteirou dos partidos políticos e de suas propostas “e não me foi difícil escolher o que me convinha”, afirmou, pois “via em um os velhos retrógrados, os antigos godos, e os gaúchos ignorantes; em outro, os jovens, os antigos patriotas e os que advogavam pela liberdade.”⁹⁵ Ademais, o partido dos “jovens” era também o partido dos antigos patriotas, do qual seu pai havia sido um participante fervoroso. E concluiu, “nada mais necessitava, fui unitário desde então”, se incorporando ao exército do partido como tenente, sob liderança do general José Maria Paz. Durante dois anos atuou nas lutas civis ao lado dos unitários.

Durante 1831, o governador de San Juan, José Antonio Sanchez, se empenhou na tentativa de enviar Sarmiento ao *Colegio de Ciencias Morales* de Buenos Aires. Porém, com a derrota de seu grupo político, muitos unitários cruzaram a Cordilheira, assim como o sanjuanino que, ao ir ao encontro de José de Oro, desterrado no Chile, passou pela sua primeira experiência como exilado.

Durante o período em que esteve no Chile, Sarmiento trabalhou em uma escola municipal de Santa Rosa de los Andes e, após ter uma proposta de reforma escolar negada pelas autoridades, criou um estabelecimento de ensino em Pocuro para a instrução de jovens e adultos. Nesse local, conheceu María del Canto, com quem teve uma filha (Ana Faustina), em 1832, fruto de uma união não legítima. Como sua mãe faleceu algum tempo depois, Faustina foi enviada para San Juan para ser criada pela mãe de Sarmiento.

Em 1833, ainda no Chile, Sarmiento foi para Valparaíso, onde se dedicou a atividades relacionadas ao comércio. Neste mesmo ano também foi para Copiapó, onde trabalhou como capataz em uma mina de Chanarcillo durante mais de dois anos. Por motivos de doença, retornou a San Juan em 1836.

1.2. *Las esperanzas de un joven: da criação de El Zonda ao segundo exílio*

⁹⁴ SARMIENTO, *Mi defensa...*, *op. cit.*, p. 21, “calabozo i sirvieron de cuerpo de delito a una causa criminal”.

⁹⁵ *Idem*, “i no me fué difícil escojer el que me convenía”; “veía en uno los viejos retrógrados, a los antiguos godos, y a los gauchos ignorantes; en outro a los jóvenes, a los antiguos patriotas i a los que abogaban por la libertad”; “nada más necesitaba, fui unitario desde entonces.”

Ao retornar a San Juan, em 1836, Sarmiento começou a frequentar a associação *Sociedad Dramática Filarmónica*, criada um ano antes, de acordo com Verdevoye, por “uns homens cultos”.⁹⁶ A *Sociedad* apresentava peças teatrais e Sarmiento participou dela como ator, decorador do teatro e do salão de baile de San Juan. *O barbeiro de Sevilha* e *O convidado de pedra*, de Molière, foram algumas das peças encenadas na época, informação que possibilita conhecer um pouco mais a respeito do seu repertório de leituras.

Ao regressar do Chile para San Juan, Sarmiento, que estava com 25 anos de idade, se voltou inicialmente para atividades culturais, sobretudo vinculadas à *Sociedad Dramática Filarmónica*. Segundo Elias, ao investigar o sentido de uma vida, é importante observar o caráter social dos grupos com os quais convive o indivíduo.⁹⁷ No caso de Sarmiento, um momento marcante para a formação de suas concepções sociais, políticas e culturais refere-se à amizade estabelecida com Manuel Quiroga Rosas.⁹⁸ Durante o período em que esteve em San Juan, Quiroga Rosas disponibilizou obras de sua biblioteca aos sanjuaninos.⁹⁹ De acordo com Sarmiento em *Recuerdos*, as leituras levadas por Quiroga, “possuidor de uma seleta biblioteca” formada por “autores modernos”, consistiam em autores clássicos da literatura, da filosofia e da história – como Abel-François Villemain, Théodore Simon Jouffroy, Eugène Lerminier, François Guizot, Victor Cousin, Alexis de Tocqueville e Pierre Leroux. Como “síntese de todas as doutrinas”, a *Revue Encyclopédique*, além de “outros cem nomes até então ignorados para mim” e que “alimentaram por grande tempo minha sede de conhecimentos”.¹⁰⁰

Manuel Quiroga Rosas fazia parte da *Asociación de la Joven Argentina*, uma espécie de sociedade literária na qual os integrantes discutiam, refletiam e escreviam sobre os problemas do seu país. Em 1839, ele criou uma filial da *Asociación* em San Juan, assim como outros membros fizeram em outras províncias, como Benjamín Villafañe e Marco Avellaneda, em Tucumán, e Vicente Fidel López, em Córdoba.

Com Antonino Aberastain, Indalecio Cortinez e Quiroga Rosas, formou uma sociedade voltada à leitura e discussão de textos. De acordo com sua autobiografia, durante

⁹⁶VERDEVOYE, Paul. **Domingo Faustino Sarmiento: educar y escribir opinando (1839-1852)**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1988. p. 16.

⁹⁷ELIAS, op. cit., p. 16.

⁹⁸ Manuel Quiroga Rosas por vezes aparece na bibliografia e nas correspondências de Sarmiento como Manoel Quiroga, Quirogarrosa, José Quiroga, etc. Manteremos o uso que Paul Verdevoye utilizou, “Manuel Quiroga Rosas”, ou simplesmente “Quiroga Rosas”.

⁹⁹ Existe dissenso referente ao ano em que Manuel Quiroga Rosas esteve em San Juan. Paul Verdevoye fornece importantes pistas para concluir que sua estadia na cidade ocorreu antes de maio de 1839. Ver Verdevoye, p. 77, nota 24.

¹⁰⁰ SARMIENTO, **Recuerdos...**, op. cit., p. 133, “poseedor de una escogida biblioteca”; “síntesis de todas las doctrinas”; “otros cien nombres hasta entonces ignorados para mí”; “alimentaron por largo tiempo mi sed de conocimientos”.

dois anos se reuniram todas as noites para ler autores da literatura francesa, como Hugo, Dumas, Chateaubriand, Thiers, Lamartine, Louis Blanc, Saint-Simon, além dos autores citados anteriormente como parte da biblioteca de Quiroga, que permaneceu um ano na província. A partir destas leituras, formaram “um sistema de princípios claros e fixos, sobre literatura, política e moral.”¹⁰¹

Nessa época, os periódicos representavam importante veículo de circulação de ideias nas províncias da Confederação Argentina. Os sanjuaninos tinham acesso a impressos americanos e europeus, vindos de Buenos Aires e do Chile. A partir destes livros e periódicos, as ideias sobre sociedade, cultura e política eram discutidas entre os pares. Também foi por meio da circulação dos periódicos que Sarmiento teve acesso aos textos dos membros do *Salón Literario*.¹⁰²

A historiografia sobre Domingo Faustino Sarmiento costuma enfatizar como característica de sua escrita o modo direto de se dirigir aos seus interlocutores. Poderíamos acrescentar também o estilo ousado de sua pena e a recorrência ao caráter deficitário de sua posição social. Foi partindo desta postura que, em janeiro de 1838, Sarmiento escreveu para Juan Bautista Alberdi. Proveniente de uma família tradicional de colonizadores, Alberdi nasceu em 1810 na Província de Tucumán. Assim como Sarmiento, em sua infância Alberdi vivenciou o momento posterior à *Revolução de Maio* e compartilhou da atmosfera pós-independência, convivendo com militares, com o vocabulário, os projetos e as ideias revolucionárias.

Ao contrário de Sarmiento, Alberdi foi agraciado, durante o governo de Bernardino Rivadavia, em 1824, com a bolsa de estudos para o *Colegio de Ciencias Morales* de Buenos Aires, como já comentei anteriormente. Na futura capital federal, estabeleceu relações com personagens que seriam lembrados posteriormente pela intensa produção literária e pelo posicionamento político contrário ao rosismo.¹⁰³ Algumas destas figuras tornariam-se amigos pessoais de Sarmiento, como Vicente Fidel López e Félix Frías.¹⁰⁴

Em 1837, Alberdi havia publicado *Fragmento preliminar al estudio del derecho*, um esforço de reflexão a respeito do contexto argentino da época. Neste mesmo ano, foi criado

¹⁰¹ SARMIENTO, *Mi defensa...*, *op. cit.*, p. 18, “un sistema de principios claros e fijos, sobre literatura, política i moral, etc.”

¹⁰² VERDEVOYE, *op. cit.*, p. 21.

¹⁰³ Rosas foi governador da Província de Buenos Aires entre 1829 e 1832 e assumiu pela segunda vez esse cargo em 1835, permanecendo no poder até 1852. Esse segundo mandato é denominado pelos estudiosos do tema como período rosista. Esse contexto será desenvolvido na sequência e, principalmente, no segundo capítulo.

¹⁰⁴ Vicente Fidel López e Félix Frías eram integrantes do *Salón Literario*. Exilados no período rosista, foram inicialmente para o Uruguai e depois para o Chile, onde conheceram Sarmiento.

em Buenos Aires *El Salón Literario*.¹⁰⁵ Após a declaração da independência, foram criadas diversas sociedades culturais na região platina, como a *Sociedad del Buen Gusto*, a *Sociedad Literaria*, a *Asociación de Estudios Históricos y Sociales* e o *Salón Literário*, do qual também participaram Juan Bautista Alberdi, Esteban Echeverría, Vicente Fidel López, Juan Maria Gutierrez, Félix Frías, Manuel Quiroga Rosas, nomes recorrentes nos estudos referentes à Confederação Argentina do século XIX, uma vez que se tornaram figuras fundamentais no desenvolvimento do pensamento antirosista, da produção literária e política pós-independência, nas reflexões sobre a formação da nação e importantes interlocutores de Sarmiento. O *Salón Literário* teve suas atividades suspensas em setembro de 1837, devido à perseguição de Rosas, e muitos buscaram refúgio no Uruguai. No exílio, criaram a *Asociación de la Joven Argentina* ou *Asociación de Mayo*, da qual Manuel Quiroga Rosas fazia parte. Quando Sarmiento escreveu para Alberdi, em janeiro de 1838, o autor de *Fragmento* já era uma figura de destaque no meio intelectual de Buenos Aires.

“Ainda que eu não tenha a honra de te conhecer”, escreveu Sarmiento a Alberdi, enfatizou seu apreço se referindo ao “brilho no nome literário, que merece as belas produções com que sua poética pluma honra a república”. Relacionou o interesse pelo literato às suas sensações de poeta, uma vez que os versos de Alberdi animavam “a timidez de um jovem”.¹⁰⁶

A carta remetida a Alberdi foi assinada com o pseudônimo García Román. Essa não foi uma prática habitual das correspondências enviadas por Sarmiento. Ao contrário, ele fazia questão de identificar suas ideias. Alguns anos depois, em 1845, o uso do pseudônimo foi retomado em correspondências trocadas com Félix Frías e o motivo esteve relacionado à violação de correspondências durante o período rosista.¹⁰⁷ Entretanto, no caso da carta a Alberdi, o elemento secreto foi revelado ao destinatário e os motivos do uso de tal estratégia estavam distantes de serem políticos, pois se o rapaz foi corajoso o suficiente para enviar a carta, por outro lado, preferiu “ocultar seu nome” com receio de “submeter à indulgente e ilustrada crítica [...] a composição anexada”.¹⁰⁸

¹⁰⁵ Os Salões Literários consistiam em uma espécie de reunião, comum à época, para a qual convergiam diversas pessoas com o intuito de realizar leituras e desfrutar de conversas literárias, culturais e políticas.

¹⁰⁶ ROMÁN, García. Carta para Juan Bautista Alberdi. San Juan, 1º de janeiro de 1838. In: SARMIENTO, **Páginas Confidenciales...**, *op. cit.*, p. 19-21. “Aunque no tengo el honor de conocerle”; “el brillo del nombre literário, que le ha merecido las bellas producciones con que su poética pluma honra a la república”; “la timidez de un joven”.

¹⁰⁷ FRÍAS, Félix; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Epistolario inédito Sarmiento-Frías**. Barnechea, Ana María (Ed.). Buenos Aires: Instituto Filológico Dr. Amado Alonso/Universidad de Buenos Aires, 1997. p. 373-375.

¹⁰⁸ ROMÁN, García. Carta para Juan Bautista Alberdi. San Juan, 1º de janeiro de 1838. In: SARMIENTO, **Páginas Confidenciales...**, *op. cit.*, p. 19-21; “ocultar su nombre”; “someter a la indulgente e ilustrada crítica [...] la adjunta composición.”

Talvez o uso do pseudônimo estivesse relacionado a uma espécie de timidez (real ou fingida?), como pressupôs Verdevoye;¹⁰⁹ ou quem sabe Sarmiento estivesse imitando Alberdi nos artigos de *La Moda*, nos quais o tucumano assinava *Figarillo*.¹¹⁰ Fato é que o ato de usar pseudônimo era comum nesta época. Foi uma prática utilizada constantemente em revistas europeias e americanas, como é possível observar em *La Moda* e *El Zonda*.¹¹¹

Em maio de 1838, os jovens editores de *La Moda*, entre os quais Juan Bautista Alberdi, criaram a *Asociación de la Joven Argentina*. Alguns meses depois, Sarmiento escreveu nova carta a Alberdi: “Recebi com a maior satisfação sua favorecida de 14 de abril na qual se digna a fazer rápida referência à carta que sob o nome de García Román, dirige a você”.¹¹² Talvez por estar tentando uma aproximação com o literato e a entrada no universo das letras em Buenos Aires, talvez por humildade (elemento que muitos biógrafos descartariam), o sanjuanino afirmou: “Não posso me abster de manifestar o quão pouco digno sou do julgamento com o qual me favorece”.¹¹³ Embora tenha considerado justa a crítica de Alberdi, solicitou: “Eu desejava, não obstante, que você detalhasse, mesmo que parecesse enfadonho, suas razões nos versos que apontarei”, e pediu para Alberdi opinar novamente sobre determinados trechos de sua composição.¹¹⁴

Infelizmente as duas cartas contestatórias de Alberdi foram perdidas, mas, considerando a segunda correspondência encaminhada por Sarmiento, é possível concluir que o literato sugeriu determinadas leituras ao sanjuanino, ao que este respondeu: “Contestarei, a você, sobre a oportuna recomendação que me fez dos poetas modernos”.¹¹⁵ Afirmou conhecer Byron e Lamartine, autores que apreciava, “mas a leitura destes autores me desalenta ao par

¹⁰⁹ VERDEVOYE, *op. cit.*, p. 19.

¹¹⁰ *La Moda*, de acordo com o editorial, foi um “Gacetín de música, de poesía, de literatura, de costumbres”, criado e editado por literatos que também estavam envolvidos com o *Salón Literário*, como Juan Baustista Alberdi, Manuel Quirosa Rosas, entre outros. Paul Verdevoye chama a atenção para o caráter irônico e antirrosista deste periódico, que exaltava as virtudes cívicas e a importância da democracia (VERDEVOYE, *op. cit.*, p. 49).

¹¹¹ *El Zonda* foi um periódico que circulou em San Juan editado por Sarmiento, sobre o qual será tratado adiante. A palavra *Zonda* refere-se a um vale fértil localizado na serra onde os sanjuaninos se banhavam no verão. Também designa um vento da região.

¹¹² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Juan Bautista Alberdi. San Juan, 6 de julho de 1838. In: ———. **Páginas Confidenciales...**, *op. cit.*, p. 20-21. “He recibido con la mayor satisfacción su favorecida de abril 14 en que se digna hacer a la efímera producción que bajo el nombre de García Román, dirige a Ud.”

¹¹³ *Idem*. “No puedo abstenerme de manifestar cuán poco digno me creo del juicio com que me favorece”.

¹¹⁴ *Idem*. “Hubiera deseado no obstante que me hubiese detallado aunque le fuese molesto sus razones en los versos que apuntaré”.

¹¹⁵ *Idem*. “Contestaré, a Ud. sobre la oportuna recomendación que me hace de los poetas modernos”.

que é maior minha admiração por eles. É tão grande a poesia em seus versos! Como é possível imitá-los?”¹¹⁶

As correspondências fornecem importantes pistas referentes ao repertório de leituras realizadas e ao universo de interesses que cercaram os escritores deste período na América do Sul. Em relação à segunda carta trocada entre Sarmiento e Alberdi, podemos perceber ainda ideias referentes ao interesse na emancipação intelectual da Confederação Argentina. De acordo com Sarmiento: “Quanto à gloriosa tarefa a que se propõem os jovens deste país e que você me indica, de dar um encaminhamento peculiar e nacional a nossa literatura, acredito ser indispensável, necessário e possível”.¹¹⁷ Sarmiento tentou cumprir essa orientação nos anos seguintes, a partir da criação de *El Zonda*, ao menos era o que ele acreditava.

Entre 1839 e 1840, o sanjuanino deu início a algumas atividades que se tornaram preocupações centrais em seu pensamento e em suas ações intelectuais e políticas futuras. Em junho de 1839, assumiu a direção da *Imprenta de la Provincia de San Juan*, a convite de Timoteo Maradona, ministro do governador *rosista* Nazario Benavídez. No mês seguinte, inaugurou o *Colegio de Señoritas de la Advocación de Santa Rosa de América* e, com o auxílio de amigos da *Sociedad Dramática Filarmónica* e de Quiroga Rosas, criou o periódico *El Zonda*.¹¹⁸

Quanto ao colégio, com a morte do bispo Justo de Santa María de Oro, irmão de José de Oro, Sarmiento decidiu aproveitar o edifício já destinado a ser um colégio religioso. Convenceu o novo bispo, Don Eufrásio de Quiroga Sarmiento, seu tio, a ser presidente da *Sociedad Protectora del Colegio* e a Tránsito de Oro, irmã de José de Oro, a ser prefeita do estabelecimento.

¹¹⁶ *Idem*. “Pero la lectura de estos autores me desalienta ao par que es mayor mi admiración por ellos. ¡Es tan alta la poesía en sus versos! ¡Cómo es posible imitarlos!”

¹¹⁷ *Idem*. “En cuanto a la gloriosa tarea que se propone los jóvenes de ese país y que Ud. me indica, de dar una marcha peculiar y nacional a nuestra literatura, lo creo indispensable, necesario y posible.”

¹¹⁸ O primeiro periódico criado em San Juan, *Imprenta del Estado*, data de 1824 e esteve sob a responsabilidade do governador Salvador Del Carril. No mesmo ano, ele criou o diário oficial *Registro Oficial de la Provincia*. Após a promulgação da Carta de Mayo, em julho de 1825, Del Carril criou o periódico *El Defensor de la Carta de Mayo*, com a finalidade de explicar suas intenções e responder às críticas. Esse periódico, entretanto, teve somente dois números. Depois destes, existiram alguns periódicos em San Juan, como *El amigo del orden*, uma publicação política e literária fundada por Rudecindo Rojo e Francisco Narciso Laprida e publicado entre dezembro de 1825 e maio de 1827. Em 1826, foram publicados vários periódicos, como *El Tambor Republicano*, *El Observador*, *El Ingenio Sanjuanino*, *El repetidor* e vários *Boletines* que reproduziam decisões governamentais. Em 1829 surgiram *El Solitario*, *El Republicano*, *La Fragua Republicana* e outros *Boletines*. A característica do periodismo sanjuanino dessa época consistiu em interrupções e efemeridade. Após Rosas se tornar governador de Buenos Aires, ainda em 1829, o periodismo sanjuanino foi suspenso. A partir desta época, há uma diminuição do número de periódicos autorizados a circular na Argentina, devido à repressão *rosista*, diferentemente de periódicos de apoio ao regime, como *El Abogado Federal*, de 1836.

Assim, em 23 de março de 1839, a imprensa oficial da província publicou o *Prospecto de un establecimiento de educación para señoritas dirigido por D. Domingo Faustino Sarmiento*. No projeto, é possível antever várias propostas e ideias que, mesmo que incipientes, seriam retomadas posteriormente no Chile. O Colégio era uma espécie de pensionato católico destinado à formação de moças e contava com plano de estudo e rígida disciplina, “contra todas as resistências que as preocupações e o orgulho das famílias opunham”.¹¹⁹

A intenção do seu idealizador era oferecer às jovens ensinamentos sobre os afazeres domésticos, melhorar suas faculdades intelectuais e físicas, orientá-las para serem esposas tolerantes e mães ilustradas, colocando-as “ao nível das exigências da sociedade moderna”. Aulas de leitura, escrita, aritmética, gramática, ortografia, geografia, desenho, idiomas (francês e italiano), religião, moral, atividades físicas, música e aulas de baile faziam parte do currículo. Muitas dessas disciplinas foram ministradas pelo próprio criador do colégio.¹²⁰

Quanto ao periódico, *El Zonda* consistia, em termos físicos, em um papel dobrado ao meio, com três colunas de texto, quatro páginas com poucas variações tipográficas e sem avisos comerciais. Foi pensado também como recurso econômico, mas não fez sucesso quanto às subscrições, sendo que a edição que rendeu um número maior de assinantes contabilizou 50 assinaturas. O periódico teve, ao todo, seis números publicados para cinquenta leitores. De acordo com Paul Verdevoye, Sarmiento foi o autor da maior parte dos artigos, mas o pesquisador apresenta indícios da participação de Quiroga Rosas na redação.¹²¹

El Zonda se caracterizou como um periódico de crítica aos costumes por meio de tom satírico e irônico, de exaltação de virtudes cívicas e importância da democracia. Verdevoye analisou as proximidades e influências existentes entre *El Zonda* e *La Moda*, enfatizando que o tom irônico do semanário sanjuanino era semelhante àquele utilizado por Alberdi no periódico bonaerense. Entretanto, as publicações se diferenciavam quanto ao caráter pedagógico, pois *El Zonda* também publicava artigos voltados para a educação. Verdevoye também observou a concordância em termos de ideias em relação ao texto de *Dogma Socialista*, de Esteban Echeverría.¹²²

¹¹⁹ SARMIENTO, *Mi Defensa...*, op. cit., p. 25; “contra todas las resistencias que las preocupaciones i el orgullo de las familias oponían”.

¹²⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Prospecto de un establecimiento de educación pra señoritas dirigido por D. Domingo Faustino Sarmiento*, p. 6. Citado por VERDEVROYE, op. cit., p. 32. “Nível de las ecsijencias (*sic*) de la Sociedad moderna”.

¹²¹ De acordo com Verdevoye, os biógrafos divergem quanto ao redator dos textos. *Ibid.*, p. 25.

¹²² Retornarei a esta obra no segundo capítulo.

El Zonda recebeu influência quanto às críticas sociais e políticas que publicava de outros periódicos e obras que eram lidas e comentadas na época, como a *Revue Encyclopédique*, vinculação perceptível devido ao vocabulário utilizado nos artigos da revista. Palavras como igualdade, modernidade, fraternidade e liberdade foram recorrentes, além de expressões que parecem ter sido traduzidas diretamente da revista francesa. Também havia referência a pensadores como Pascal, Descartes, Bacon, Leibnitz, Ramus, Gassendi, Montesquieu, Rousseau, Saint-Simon, Voltaire, entre outros. Foi pronunciada a recorrência a algumas correntes europeias, “sem deixar por isso de manter-se fiel à jovem tradição de um pensamento americano”¹²³.

De acordo com Sarmiento, não se escreveu sobre política em *El Zonda*, informação contestada por Paul Verdevoye.¹²⁴ Os artigos publicados, sobretudo no último número, traziam referências e ideias relacionadas aos princípios que deveriam orientar a humanidade, principalmente os argentinos – de acordo com o ponto de vista dos redatores –, como progresso, democracia, educação, cosmopolitismo, entre outras. A crítica a algumas autoridades, ao descaso do juiz de polícia e à lentidão dos ministros da justiça foram algumas das temáticas abordadas na revista. Alguns artigos também tratavam da quantidade de analfabetos da província, inclusive noticiando em tom de denúncia que aqueles “[...] os que assinam a Constituição da República não sabem escrever seu nome”¹²⁵; da análise de algumas ações do governo por meio de frases e interrogativas questionando as possibilidades de progresso em um país no qual não havia preocupações com o comércio, indústria e educação, além de críticas ao desconhecimento das leis pela população.

O colégio e *El Zonda* foram importantes para que Sarmiento se colocasse em San Juan como um defensor da educação e homem de letras, além de torná-lo uma figura conhecida no meio político e intelectual local. Como bem enfatizou Paul Verdevoye, “*El Zonda* assinala a primeira etapa na vida de escritor de Sarmiento”.¹²⁶ Além disso, o semanário sanjuanino também consistiu em uma experiência importante em termos de periodismo, atuação na qual Sarmiento se especializaria no Chile. O próprio Sarmiento teve clareza em relação à importância de sua atuação nestas duas instâncias para sua inserção nos principais debates

¹²³ VERDEVOYE, *op. cit.*, p. 75; “sin dejar por eso de mantenerse fiel a la joven tradición de un pensamiento americano”.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 44-45.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 39-40. “Los que firmam la Constitución de la República no saben escribir su nombre”.

¹²⁶ VERDEVOYE, P. **Domingo Faustino Sarmiento: educar y escribir opinando (1839-1852)**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1988. p. 26. Seis números de *El Zonda* foram publicados antes do seu fechamento, de julho a agosto de 1839. Maiores detalhes materiais sobre o periódico, consultar Verdevoye, p. 27-28. “El Zonda señala la primera etapa en la vida de escritor de Sarmiento”.

políticos e sociais de sua região, conforme demonstram as palavras que dirigiu a Quiroga Rosas: “Amigo, *El Zonda* e o colégio me abriram o caminho para a amizade e consideração de alguns argentinos distintos, patriotas eminentes, que trabalham como nós com constância e decisão. Comunicamo-nos, nos entendemos e nos colocamos de acordo.”¹²⁷

A segunda metade de 1839 e o início de 1840 foi um período conturbado para muitos sanjuaninos. Juan Manuel de Rosas enfrentou diversas frentes de oposição, gerando um forte movimento de repressão. Além de observar diversos amigos serem exilados neste contexto, Sarmiento foi exonerado do cargo de diretor da *Imprenta de la Provincia* pelo mesmo Timoteo Maradona, ministro do governador, responsável pela sua contratação. Em nota enviada a Sarmiento, Maradona justificou a dispensa argumentando que ele deveria ter tempo para se dedicar ao colégio.¹²⁸ As publicações de *El Zonda* também cessaram no final de agosto de 1839.

Embora faltem registros históricos que permitam uma reflexão mais conclusiva sobre o assunto, pode ser que o dissenso entre Benavídez e Sarmiento tenha ocorrido devido às reclamações levadas a cabo pelo periódico referentes à cobrança de recursos do governo para sua publicação. Sarmiento forneceu uma explicação sobre o assunto em uma correspondência enviada a Quiroga Rosas:

Não creia que eu dormi. [...] enviei ao governo uma comunicação na qual exigia sua cooperação, pedindo que se designassem prêmios para o 9 de julho, se nomeasse uma comissão que examinasse este estabelecimento em seu regime, instituições, etc., e informasse ao governo e ao público; mas depois de mil demoras, este assunto passou para a sala onde dorme em quieta paz. Amém.¹²⁹

O acento irônico ao final demonstra a indignação do autor da carta, que aguardava a resposta e o auxílio do governo para o colégio, projeto considerado primordial. É importante observar aqui os desafios inerentes ao trabalho com este tipo de fonte e uma interrupção em

¹²⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosas. San Felipe de Aconcágua, 9 de abril de 1840. In: SEGRETI, Carlos (Comp.). *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I, 1838-1854. Córdoba: Comisión Nacional de Homenaje a Domingo Faustino Sarmiento, 1988. p. 7. “Amigo, *El Zonda* y el colégio me han abierto el camino a la amistad y consideración de algunos argentinos distinguidos, patriotas eminentes, que trabajan como nosotros con constancia y decisión. Nos hemos comunicado entendido y puesto de acuerdo.”

¹²⁸ VERDEVOYE, *op. cit.*, p. 66.

¹²⁹ 9 de julho foi a data da Declaração de Independência das Províncias Unidas do Rio da Prata, que ocorreu no ano de 1816. SARMIENTO, Carta para Manuel José Quiroga Rosas. San Juan, 30 junho de 1840. In: SEGRETI, *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I..., *op. cit.*, p. 9. “No crea que he dormido. A mi llegada de Chile, eleve al gobierno una comunicación en la que exigia su cooperación, pidiendo que se designasen premios para el 9 de Julio, se nombrase una comisión que examinase este establecimiento en su régimen, instituciones, etcétera, e informase al gobierno y al publico; pero después de mil demoras, este asunto ha sido pasado a la sala donde duerme en quieta paz. Amén”, p. 9.

relação ao assunto anterior se faz necessária. Esta interrupção é ditada pelo próprio documento. Ao procurar seguir a lógica da correspondência na tentativa de encontrar evidências fornecidas pelo autor referentes aos problemas que enfrentava em sua província, me deparei com o caráter subjetivo da escrita privada.

O tom ácido e crítico relacionado à indiferença das autoridades foi interrompido por especulações referentes à vida íntima de uma amiga que havia recém casado. As cartas de Sarmiento, neste sentido, corroboram uma tendência característica do século XIX no que diz respeito a este tipo de documento: a importância atribuída a questões mundanas, de foro íntimo.

Entrecortando a reflexão sobre o político, a carta enviada ao amigo tratou de um tema que, a princípio, poderia parecer de menor importância na narrativa caso se atribuísse maior importância aos elementos de foro público. A correspondência, entretanto, não apresenta uma ordenação hierárquica para os assuntos desenvolvidos, o que insere tanto o comentário de cunho político como o de vertente fútil no mesmo nível de importância na narrativa. Sarmiento informou a Quiroga ter “um triste assunto” para lhe comunicar, acreditando que tal notícia excitaria “sem dúvida sua compaixão”. De acordo com o autor da missiva, o marido de tal amiga – que não é possível identificar de quem se trata, pois o autor não citou o nome dos cônjuges, a única pista deixada foi uma referência à origem do esposo, um “santiagoense” – era um “miserável brutal” que havia “enchido de amarguras” e iria “arruinar para sempre a vida dessa coitada mulher”.¹³⁰

Após alguns comentários relativos aos entrevistos que se abateram sobre o casal, Sarmiento concluiu o parágrafo afirmando com desaprovação que, apesar das desavenças, “ontem reataram” e acrescentou “o germe das desavenças domésticas está no coração” e nada, para ele, poderia melhorar de fato a “penosa posição” na qual se encontrava essa amiga.¹³¹

Embora as correspondências do XIX se caracterizassem pelo tom romântico e sentimentalista, a referência a tal tema pode também ser interpretada como um recurso para aproximar os interlocutores, tornando a relação mais íntima ou mesmo para simular uma conversa a distância. Peter Gay, ao escrever sobre as correspondências do XIX, enfatiza o modo como essas narrativas se apropriaram de uma linguagem mais suave, simples e humana e como era lugar-comum escrever como se fala e explicitar os sentimentos.¹³²

¹³⁰ *Idem*. “Un triste asunto”; “sin duda su compasión”; “miserable brutal”, “llenado de amarguras”; “emponzoñar para siempre la vida de esa coitada mujer”.

¹³¹ *Idem*. “Ayer se han reunido”; “el germen de las desavenencias domésticas está en el corazón”, “penosa posición”.

¹³² GAY, *op. cit.*

No parágrafo seguinte, para minha surpresa, o contexto político retornou com intensidade. “Os assuntos políticos tomam cada dia um caráter mais sombrio e ameaçador. O mistério cobre com seu espesso manto todos os objetos”.¹³³ Na sequência, Sarmiento descreveu a ausência de informações referentes às lideranças da *Liga del Norte* e das ações de Rosas.¹³⁴ Sobre San Juan, informou: “Acredita-se que o governo está inclinado a sustentar os interesses chamados federais”. Nesta conjuntura, sua cidade natal, de acordo com sua análise, encontrava-se “desarmada”, “empobrecida”, “sem espírito público” e “intimidada” e concluiu referindo-se ao sentimento que assolava muitos moradores de San Juan no ano de 1840: “Estamos tristes até a morte”.¹³⁵

Sarmiento informou ainda a Quiroga Rosas que Benavídez havia sido reeleito e que possuía faculdades extraordinárias, informação que não é possível saber se representava realmente o pensamento de Sarmiento, pois nesta mesma missiva confessou sentir medo de dizer o que pensava. Ele citou o caso de um sujeito cuja correspondência havia sido aberta alguns dias antes.¹³⁶ A violação deste tipo de documento foi uma atitude criticada em diversos momentos pelo sanjuanino. Para se resguardarem, muitos escritores encontraram formas de proteção, como o uso de pseudônimos, ação também adotada por Sarmiento alguns anos depois, em cartas trocadas com Félix Frías.¹³⁷ Escreveu ainda ao amigo: “Você já pode presumir o que teremos que sofrer, muito mais quando três amigos, aqui, somos o objeto do mais terrível rancor por nossa linguagem e alguns atos avançados.”¹³⁸

Os “atos avançados” aos quais se referiu Sarmiento lhe renderam a prisão. As correspondências não esclarecem de forma definitiva os motivos do encarceramento, mas o que se sabe é que o governador de San Juan, Nazario Benavídez, mandou chamá-lo para solicitar explicações referentes aos artigos publicados no semanário. Após insistência dos amigos, Sarmiento pagou a fiança e foi liberado, mas *El Zonda* foi extinto. Muitos biógrafos

¹³³ SARMIENTO, Carta para Manuel José Quiroga Rosas. San Juan, 30 junho de 1840. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., op. cit., p. 9. “Los asuntos políticos tomam cada día un carácter más sombrio y amenazador. El misterio cubre con su espeso manto todos los objetos”.

¹³⁴ A Liga ou Coalizão do Norte foi uma aliança firmada entre opositores rosistas das províncias do norte da Confederação Argentina em 1840.

¹³⁵ SARMIENTO, Carta para Manuel José Quiroga Rosas. San Juan, 30 junho de 1840. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., op. cit., p. 10. “Se cree que el gobierno está inclinado a sostener los intereses llamados federales”; “Estamos tristes hasta la muerte”.

¹³⁶ Idem. “Tiene facultades extraordinárias”.

¹³⁷ Frías adotou o pseudônimo de Juan Andrés Ferrera e Sarmiento o de Adolfo ou Augusto Fisher. Ver: FRÍAS, **Epistolario inédito Sarmiento-Frías...**, op. cit.

¹³⁸ SARMIENTO, Carta para Manuel José Quiroga Rosas. San Juan, 30 junho de 1840. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., op. cit., p. 10. “Ya puede usted presumirse que tendremos algo que sufrir, mucho más cuando tres amigos, aquí, somos el objeto del más terrible encono por nuestro lenguaje y algunos actos avanzados”.

utilizam as autobiografias para explicar a situação, para a qual o autor forneceu o seguinte argumento: “O governo teve que fazer com que eu me calasse e me colocar na cadeia; porque viu que o governo da província escapava de suas mãos, e a autoridade passava para *El Zonda*, pela influência sobre a opinião pública”¹³⁹.

Em abril de 1840, Sarmiento acompanhou o tio, José Manuel Eufrásio de Quiroga, ao Chile, ocasião na qual o prelado foi consagrado. Também aproveitou a oportunidade para adquirir materiais para o colégio e para estreitar relações com pessoas vinculadas ao periodismo chileno. Sua experiência com *El Zonda* havia lhe demonstrado que tal atividade possibilitava o estabelecimento de laços, conforme informou a Quiroga Rosas.¹⁴⁰

Após explicar ao amigo que a viagem foi “necessária e inevitável”, enfatizou: “Eu me proporia, pois, aproveitar esta viagem de um modo útil a nossos compromissos, à melhora daquele país e à educação que dirijo, tudo o que conquistei muito além do que poderia imaginar”.¹⁴¹ Informou ainda ter adquirido livros, desenhos, coisas para o colégio e o ensino “que vão colocar aquele estabelecimento em um alto nível de perfeição.”¹⁴²

Se em San Juan Sarmiento estabeleceu importantes contatos, estes também não faltaram no Chile, nesta viagem na qual acompanhou o tio. Na carta enviada a Quiroga Rosas, forneceu indícios destas relações. Ele explicou que, caso desejasse, poderia se dirigir diretamente ao periódico *El Mercurio*. Ainda de acordo com o autor da missiva, para tratar de algum tema relacionado aos “nossos fins sociais”, poderia entrar em contato com José Calle, mendocino que vivia no Chile, redator do periódico chileno *El Mercurio*, “com quem estou em nome de todos nós em íntima conexão.”¹⁴³

Os contatos estabelecidos por Sarmiento no Chile em 1840 demonstram a existência de uma consciência política e de um projeto social em elaboração, compartilhado por compatriotas desterrados ou não. De acordo com Sarmiento, José Calle atuaria junto a *El Mercurio* “pelos interesses de nossos países”, sendo seguido por “nós”. Estas palavras não

¹³⁹ SARMIENTO, *Mi defensa...*, *op. cit.*, p. 25, “El gobierno tuvo que hacerlo callar i ponerme a la cárcel; porque vio que el gobierno de la provincia se le escapaba de las manos, i la autoridad pasaba a los RR del Zonda, por la influencia sobre la opinión pública”.

¹⁴⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosas. San Felipe do Aconcágua, 9 de abril de 1840. In: SEGRETÍ, *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I..., *op. cit.*, p. 7.

¹⁴¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosas. San Felipe do Aconcágua, 9 de abril de 1840. In: SEGRETÍ, *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I..., *op. cit.*, p. 7. “Lo que llenaba suficientemente mi falta y aquietaba um tanto los temores que podrían concebirse de que mi ausencia pasara perjuicio al establecimiento”; “Yo me proponía pues aprovechar este viaje de um modo útil a nuestros compromisos, a la mejora de aquel país y a la educación que dirijo, todo lo que he logrado mucho más allá de cuanto podía imaginarme.”

¹⁴² *Idem*. “Que van a poner a aquel establecimiento en un alto rango de perfección”.

¹⁴³ *Idem*. “Nuestros fines sociales”; “com quien estoy a nombre de todos nosotros em íntima conexión”.

estavam, ao que parece, somente relacionadas a intenções, pois, segundo o autor da carta, “devem me mandar logo uma publicação que se faz secretamente com este fim.”¹⁴⁴ Embora não tenha sido possível identificar se tal publicação foi enviada, a articulação destes indivíduos em torno de uma ideia em comum é bem clara.

O ano de 1840 foi um período de grande comoção para Sarmiento. Além do vínculo com o periodismo chileno, da atuação pedagógica no colégio e da experiência de redator de *El Zonda*, o sanjuanino foi arrebatado por uma grande paixão, momento relatado com grande ênfase em diversas correspondências.

Contando com 28 anos de idade, Sarmiento enviou uma carta para Tránsito de Oro, prefeita do colégio, por meio da qual tomou uma atitude que poderia alterar sua vida de forma significativa. Tal decisão, escreveu, “deve influenciar poderosamente minha sorte futura”.¹⁴⁵ A fonte de angústia do sanjuanino era Elena, jovem de quinze anos, aluna do *Santa Rosa* e filha de Tránsito de Oro. Na carta destinada à progenitora, embora o autor pressentisse “as justas objeções”, pediu “a mão de sua digna filha”. E solicitou: “Espero também que a Sra. tenha a condescendência de me fazer conhecer seu modo de sentir a este respeito, quando e da forma que julgar conveniente, suplicando que seja sempre um segredo entre a Sra. e eu, por acreditar assim necessário”.¹⁴⁶

O ato de escrever cartas tem uma longa história, porém, diferentemente de períodos anteriores, no século XIX – época do “culto à carta”, para utilizar a expressão de Georg Steinhausen – as correspondências adquiriram um acento mais humanizado, com a substituição de uma linguagem formal para uma forma de escrita pautada pela fala. Os textos das cartas se tornaram mais suaves e lacrimosos, aderindo à “linguagem do coração”.¹⁴⁷ O propósito aqui não é investigar tal percurso, mas estabelecer algumas reflexões a partir de elementos suscitados pelas correspondências de Sarmiento. O pedido de segredo direcionado a Tránsito de Oro é um deles. Embora possa ser realizado um mapeamento de algumas regras

¹⁴⁴ *Idem*. “Por los intereses de nuestros países”; “deben mandarme luego una publicación que se hace secretamente con este fin.”

¹⁴⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Tránsito de Oro de Rodríguez. San Juan, [sem dia e mês], 1840. In: SARMIENTO, **Páginas Confidenciales...**, *op. cit.*, p. 23-24. “Debe influir poderosamente en mi suerte futura.”

¹⁴⁶ *Idem*. “Las justas objeciones”; “la mano de su digna hija”; “espero también que Vd. tenga la condescendencia de hacerme conocer su modo de sentir a este respecto, cuando y del modo que lo juzgue conveniente, suplicándole que sea siempre un secreto entre Vd. y yo, por creerlo así necesario.”

¹⁴⁷ O ato de escrever cartas remete à Antiguidade. Porém, nesta época, ao invés de comunicações pessoais, as cartas cumpriam a função de documentos sociais; na Idade Média, caracterizavam-se por homilias e alusões clássicas; nos séculos XVII e XVIII, as missivas eram formais e destinadas a um público amplo. Somente em meados do XVIII, com a emergência do romantismo e do culto à sensibilidade, as correspondências assumiram um caráter pessoal, de transmissão dos sentimentos íntimos. Ver: GAY, *op. cit.*, p. 337-376; STEINHAUSEN, Georg. *Geschichte des deutschen Briefes*. Citado por Peter Gay, *ibid.*, p. 340.

cunhadas pelos próprios missivistas para a escrita de correspondências durante o século XIX, o escritor criava seus limites, impunha sua autocensura e a solicitação de segredo talvez seja uma dessas necessidades individuais.

De forma geral, o desejo de manter os sentimentos em segredo, característica comum às cartas pessoais do XIX, demonstram certa preocupação com a preservação da intimidade, dos desejos e anseios amorosos. Mas não temos como saber até que ponto tal receio preocupava o escritor da missiva. O objetivo da solicitação de segredo não foi explicitamente indicado na correspondência. Além da preservação da intimidade, podemos ainda inferir como hipótese que a manutenção da boa relação entre ambos, remetente e destinatário – que, para além das relações pessoais, possuíam um convívio vinculado às atividades do colégio –, deveria ser mantida em detrimento dos sentimentos do autor da carta. A necessidade de segredo talvez estivesse relacionada ainda ao cuidado que o escritor desejava demonstrar em relação à família Oro, de qual se considerava parte, e a Elena, filha da destinatária, no sentido de não expô-la à curiosidade de terceiros.

Da mesma forma, é importante lembrar que, ao pedir a mão de Elena, Sarmiento desnudava seus sentimentos ao menos para uma pessoa. A carta revelava um homem apaixonado, mas também uma postura decidida e ousada, de um indivíduo que nada mais tinha a oferecer a não ser “o desejo de fazer a felicidade” da mulher amada, o histórico de “um comportamento sem mancha e as esperanças de um jovem”, elementos que contrapõe à ausência de recursos financeiros. Tais qualidades, enfatizou o autor, “podem de algum modo suprir os dotes que a natureza e a fortuna me têm negado” e poderiam ainda, conforme acreditava, fazê-lo se sobressair a homens mais abastados: “ninguém poderá me sobrepujar a este respeito”.¹⁴⁸

Ao realizar este pedido de casamento, Sarmiento não sabia ainda que vivenciava momentos decisivos de sua vida. Não pela resposta que certamente ansiava, mas porque, alguns dias após a escrita desta missiva, partiria em exílio para o Chile.¹⁴⁹ Tratar deste assunto neste trabalho cumpre o objetivo de evidenciar que não somente as relações políticas e intelectuais são significativas na vida de alguém e que, na prática, estas relações não se separam, fator evidenciado pelas diversas correspondências trocadas entre Elena Rodríguez e

¹⁴⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Tránsito de Oro. San Juan, [sem dia e mês] 1840. In: _____. **Páginas Confidenciales...**, *op. cit.*, p. 23-24. “El deseo de hacer la felicidad”; “una comportación sin mancha y las esperanzas de un joven”; “pueden de algún modo suplir a los dotes que la naturaleza y la fortuna me han negado”, “nadie podrá sobrepujarme a este respecto.”

¹⁴⁹ Ao que tudo indica, Sarmiento partiu em exílio para o Chile em 19 de novembro de 1840, alguns dias depois de remeter a carta a Tránsito de Oro.

Sarmiento durante o período em que ele esteve desterrado pela segunda vez. Talvez a relação entre essas duas pessoas não tenha sido tão significativa na conformação de olhares lançados por Sarmiento em direção ao Brasil, mas a sua condição de proscrito certamente é um dado importante e, inicialmente, foi a partir das correspondências trocadas com Elena que o sanjuanino se constituiu como tal.

Diversas cartas escritas por Sarmiento entre 1840 e 1841 tratam deste tema: o exílio. Essa condição parece ter sido um dos grandes fantasmas que atemorizavam alguns argentinos neste período, ao ponto de se tornar tópico de brincadeira:

Você estranhará muito que eu o escreva de Santiago quando você me deixou em San Juan, em quieta paz e muito distante de sonhar que viria a visitar estes mundanos, na circunstância em que minha residência naquele país estava comandada pelas minhas atenções: mas circunstâncias imprevistas... fugindo dirá você... desterrado?... nada disso...¹⁵⁰

A brincadeira que Sarmiento fez com o amigo Quiroga Rosas se referia a um medo que foi lugar-comum na Argentina em 1840. Muitas pessoas estavam sendo exiladas desde o início do período *rosista*. Artistas, políticos do partido unitário, periodistas, entre outros, partiam para outros países.

Após o retorno da rápida viagem realizada em abril de 1840 ao Chile, Sarmiento escreveu novamente a Quiroga Rosas para contar sobre os tropeços que diariamente o acometiam e anunciou: “Enfim, amigo, farei o último esforço e permanecerei algum tempo mais”.¹⁵¹

De acordo com a historiografia argentina, o governo da província de San Juan suspeitava do envolvimento de Sarmiento com conspiradores unitários. Ele teve alguns encontros com o governador Nazario Benavídez para se explicar, mas acabou sendo preso, em novembro de 1840. Conforme Verdevoye, Benavídez deu ordem de prisão talvez com o intuito de protegê-lo ou ainda como medida preventiva.¹⁵²

Em *Mi Defensa*, Sarmiento afirmou que resistiu até o momento em que conseguiu se livrar da própria execução. De acordo com seu relato, um grupo de oficiais bêbados,

¹⁵⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga. San Felipe, 9 de abril de 1840. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 7. “Usted extrañara mucho que yo le escriba de Santiago cuando usted me dejó en San Juan, en quieta paz y muy lejos de soñar que vendría a visitar estos mundanales, en las circunstancias en que mi residencia en aquel país, estaba mandada por mis atenciones: pero circunstancias imprevistas... huyendo dirá usted... desterrado?... nada de eso...”

¹⁵¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosas. San Juan, 30 de junho de 1840. In: *Ibid.*, p. 9. “En fin, amigo, haré el ultimo esfuerzo y permaneceré algún tiempo más.”

¹⁵² VERDEVOYE, *op. cit.*, p. 73.

dirigindo-se a sua cela, pediu a entrega do preso, mas um dos auxiliares de Benavídez o salvou. “No dia seguinte a este fato, estava em marcha para Chile, desterrado, para me salvar do rancor dos meus inimigos que, em detrimento do governo, haviam jurado minha morte”.¹⁵³ Em 19 de novembro, Sarmiento saiu de San Juan em direção ao Chile, assim como muitos outros desterrados haviam feito. Nesta época, de acordo com Botana, Sarmiento “já via a si mesmo como um homem de ideias”¹⁵⁴.

1.3. *Yo ya no soy sanjuanino: o exílio no Chile*

Aos 19 dias de novembro de 1840, a sorte de Sarmiento tomou outro rumo, conforme anunciou em uma correspondência endereçada a Tránsito de Oro. “Enfim já se acaba (2 da manhã) este dia nefasto”.¹⁵⁵ O dia em questão representava um novo momento em sua vida: o fim da prisão, a fuga da morte, o primeiro dia de um exílio que se prolongaria por catorze anos no Chile. Fugindo daquilo que denominou “suplício de angústias”, informou que após alguns dias estaria livre. Fez algumas recomendações referentes à manutenção da saúde de sua irmã, Bienvenida, e de sua amiga, Elena. Na incerteza das vicissitudes que encontraria pela frente, pediu a bênção a Tránsito de Oro e solicitou a ela que lhe “encomendasse” a Deus.

Algumas semanas depois, dos Andes, escreveu para seu amigo Manuel Quiroga Rosas, narrando os acontecimentos que antecederam sua retirada de San Juan, sobretudo o enfrentamento com as forças das autoridades: “Depois da saída de nossos amigos de San Juan, eu permaneci em meu posto, feito o alvo dos tiros do governo e do ódio federal”. Nesta mesma carta, fez questão de enfatizar determinada postura diante das tropas federais:

Mas não me desmenti em um só momento, realizei minha tarefa com honra, se o patriotismo, se a abnegação e o sacrifício merecem ser honrados. Trabalhei sem cessar, acalmando os ânimos, seduzindo os amigos do governo e dirigindo a este finalmente uma respeitosa, enérgica e voraz representação, em que expunha ante seus olhos os males que ameaçavam a

¹⁵³ SARMIENTO, *Mi defensa...*, *op. cit.*, p. 26. “Ao día siguiente de este suceso, estaba en marcha para Chile, desterrado, para salvarme del rancor de mis enemigos que en despecho del gobierno habían jurado mi muerte”.

¹⁵⁴ BOTANA, *Vida y obra...*, *op. cit.*, p. XVIII; “ya se veía a si mismo como um hombre de ideas.”

¹⁵⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Tránsito de Oro. Sem indicação de local, 19 de noviembre de 1840. In: _____. *Páginas Confidenciales...*, *op. cit.*, p. 24 e 25. “En fin ya se acaba (2 de la mañana) este día aciago”.

província e os meios de conciliar os interesses dos de seu mando com os demais beligerantes.¹⁵⁶

De acordo com sua carta, mediante a tentativa de apaziguar o conflito, teve como resposta “a prisão, as grades da cela”¹⁵⁷. No âmago de detalhar para seu amigo “mil pormenores”, descreveu os momentos finais de sua prisão:

Todas as tropas formaram esse fatal dia na praça e em meio à bebedeira dos oficiais, à algazarra e aos gritos pediram, à uma, minha cabeça. Tive, pois, que sustentar uma luta terrível, entre as lanças daqueles desenfreados até que uma feliz casualidade salvou-me.¹⁵⁸

As duas correspondências marcam não somente a transição do sanjuaniano para o exílio, mas também o início de uma intensa atividade literária, evidenciada pela escrita de artigos para periódicos, de livros e cartas. Grande parte desta documentação foi conservada e pode nos auxiliar na reflexão sobre as ações do autor quanto à postura política, às ideias literárias, às redes de sociabilidade que estabeleceu e manteve enquanto esteve no Chile. Essa produção também é importante na medida em que nos fornece elementos para compreendermos as reflexões, opiniões, conselhos e impressões sobre o país natal, o país acolhedor e a nação vizinha de língua portuguesa.

A documentação utilizada nos próximos itens, referentes ao período do segundo exílio no Chile, pode ser dividida entre artigos e folhetins escritos para os periódicos e livros e, principalmente, correspondências trocadas com seus pares. A manutenção de tais documentos ocorreu de diferentes formas. Grande parte da produção de Sarmiento correspondente ao período que abrange os anos de 1840 a 1854 encontra-se publicada nas *Obras Completas*.¹⁵⁹

¹⁵⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Andes, 16 de dezembro de 1840. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I, *op. cit.*, p. 11-12. “Despues de la salida de nuestros amigos de San Juan, yo permaneci en mi puesto, hecho el blanco de los tiros del gobierno y del encono federal”; “pero no me he desmentido un momento, he llenado mi tarea com honor, si el patriotismo, si la abnegación y el sacrificio merecen ser honrados. Trabajé sin cesar disponiendo los animos, seduciendo a los amigos del gobierno, y dirigiendo a este finalmente una respetuosa, enérgica y veraz representación, en que exponía ante sus ojos los males que amenazaban la província y los medios de conciliar los intereses de la de su mando com las demás beligerantes.”

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 11-12. “La prisión, una barrra de grillos y el meditado asesinato del 18 pasado”.

¹⁵⁸ *Idem.* “Todas las tropas formaron ese fatal día en la Plaza y en medio de la borrachera de los oficiales, la algazara y los gritos pidieron, a una, mi cabeza. Tuve, pues, que sostener una lucha terrible, entre las lanzas de aquellos desenfreados hasta que una feliz causalidad hubo de salvarme.”

¹⁵⁹ Existem três edições das *Obras Completas* de Domingo Faustino Sarmiento. A primeira foi publicada entre 1884 e 1903, por Luiz Montt e Augusto Belín Sarmiento (neto de Sarmiento). Esta primeira versão recebeu várias críticas, pois foi finalizada de forma apressada, devido ao receio de que sua impressão fosse cancelada durante o governo de Roca. Na primeira edição, a intenção era iniciar com 53 volumes, completando posteriormente para 100 até chegar ao número 200. O organizador da coleção, Augusto Belín Sarmiento, foi acusado de ter sido infiel aos originais, suprimindo e/ou alterando muitos textos. Sarmiento havia deixado

Muitas cartas foram compiladas em epistolários. Outras, como é o caso das cartas escritas durante o período em que realizou sua viagem à Europa, foram publicadas em formato de livro de viagens.

Jorge Mayer e Ernesto Martínez – na introdução de *Cartas inéditas a Juan Maria Gutierrez y Félix Frías*, obra que reúne as missivas trocadas entre estes autores e Juan Baustista Alberdi – defendem que as correspondências e memórias constituem a melhor fonte para penetrar na intimidade dos principais personagens da história de forma imparcial.¹⁶⁰ Embora tais documentos possam ser utilizados pelo historiador como fonte histórica, sua imparcialidade é bastante questionável. As correspondências do século XIX representam um dos mais interessantes registros da experiência de intensa discussão trocada entre seus autores, que polemizavam de forma contundente, emocionada e até mesmo agressiva, mas elas nem sempre expressam a espontaneidade que aparentam. É evidente a existência de uma tensão entre o desejo de se expressar e a necessidade de ordenar a escrita de modo a controlar as palavras e os sentimentos.

As correspondências podem nos auxiliar a entender as ansiedades, angústias e incertezas que dominaram essa transição na vida de Sarmiento, entre a província natal e o Chile. Conforme já foi observado, para Norbert Elias conhecer os sentimentos que surgem ao longo da vida de uma pessoa, pode auxiliar o pesquisador a compreender os sentidos atribuídos por ela às relações estabelecidas cotidianamente.¹⁶¹ O exílio foi certamente a experiência mais marcante da vida adulta de Sarmiento e, neste sentido, foi crucial para a formação do seu pensamento político, do seu entendimento sobre sociedade, literatura, periodismo e para a formação de referências que o auxiliaram na leitura sobre o Brasil.

indicações ao seu neto referentes à ordenação e à organização dos seus papéis nas *Obras Completas*, o que ainda assim não deve ter tornado o trabalho mais fácil, devido à grande quantidade e diversidade de textos escritos pelo sanjuanino ao longo da vida. Os críticos também apontam para a existência de erros de datas e números (de periódicos, etc.). Augusto Belín se justificou quando da primeira edição remetendo as falhas à escassez financeira, às circunstâncias políticas e à ausência de tempo. De qualquer forma, é importante sublinhar que, seja de acordo com os critérios adotados por Sarmiento ou pelo seu neto, existe um direcionamento atribuído à coleção, seja a partir das temáticas, da cronologia ou dos contextos selecionados em cada momento. A segunda edição, da *Luz del Día*, é de 1948-1956 e não foi reeditada completamente, faltando os tomos L e LIII. A terceira edição, da *Universidad Nacional de la Matanza*, de 2001, se pautou na segunda edição e completou com o tomo L, da primeira, além de acrescentar um tomo de Índice General e Onomástico (LIII). Atualmente, existe um sítio na Internet (<http://www.proyectosarmiento.com.ar>), formado por quatro instituições privadas (Biblioteca Quiroga Sarmiento, Grupo de Estudios Sarmientinos, Comisión de Apoyo y Fiscalización de las Obras Completas, JuanaManso.org), que se propõe a realizar a primeira edição completa e comentada de suas obras com o objetivo de disponibilizá-las gratuitamente pela Internet. Para esta pesquisa, estou utilizando a edição de 2001 e algumas versões disponibilizadas neste sítio.

¹⁶⁰ MAYER, Jorge M.; MARTINEZ, Ernesto A. (Comps.). Introdução. In: ALBERDI, Juan Bautista. **Cartas inéditas a Juan Maria Gutierrez y a Félix Frías**. Buenos Aires: Luz del Día, 1953, p. 7.

¹⁶¹ Ver ELIAS, op. cit., p. 13.

Elena Rodriguez e Quiroga Rosas foram os primeiros interlocutores ou, pelo menos, os mais requisitados entre o final de 1840 e o primeiro semestre de 1841. Esse período pode ser compreendido como um momento no qual o sanjuanino estava se organizando, estabelecendo relações e criando vínculos. Mas esse novo contexto não foi vivenciado sem mágoas e sofrimento.

As primeiras cartas escritas por Sarmiento após a saída de San Juan estão marcadas pelo que podemos denominar “tom do exílio”. Um exemplo pode ser observado na carta escrita para Quiroga Rosas em dezembro de 1840, na qual anunciou: “Desde aquele dia [em que teve que partir de San Juan], o desterro tem sido meu refúgio e, como você, espero.”¹⁶²

Embora essas correspondências ainda demonstrem os planos e as incertezas, também permitem observar que Sarmiento não estava se dirigindo para terreno desconhecido, pois, em carta escrita um dia depois, informou a Elena Rodriguez seu paradeiro, os planos imediatos e o fato de estar entre conhecidos. “Creio desnecessário dizer que estou no Chile, entre bons amigos, descansado das minhas fadigas passadas”. E informou: “eu parto amanhã para Santiago”.¹⁶³

Sarmiento passou a viver em Santiago ainda no ano de 1840, em um pequeno quarto. As primeiras correspondências do ano seguinte demonstram incerteza em relação aos caminhos que deveria seguir. “Eu tenho estado flutuante durante algum tempo sobre a carreira que deveria abraçar para me estabelecer”. A Europa parecia ser uma possibilidade. “Estive animado para viajar à Europa, mas parece que não acontecerá”. A ação militar também foi uma opção descartada. “Depois disto deveria marchar a Talca e nem isto se realizou”. E concluiu. “Não obstante, creio que esta cidade, veja no mapa, será meu último asilo.”¹⁶⁴

As incertezas, as agruras e deleites de uma nova vida e, principalmente, a ausência da terra natal, foram registradas nas primeiras missivas escritas a Elena Rodriguez no início do exílio. Informou a ela que estava em Santiago, local onde poderia “viver tranquilamente”. Comentou que não vivia recluso e isolado, pois “tenho muitos amigos que me honram,

¹⁶² Quiroga Rosas também estava exilado no Chile, na província de Copiapó. SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Andes, 16 de dezembro de 1840, Andes. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 11-12. “Desde aquel día, el destierro ha sido mi refugio y, como usted, espero.”

¹⁶³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Elena Rodríguez. Andes, 17 de dezembro de 1840. In: *Ibid.*, p. 13. “Creo excusado decirle que estoy en Chile, entre buenos amigos, muy descansado de mis pasadas fatigas”; “Yo marchó mañana a Santiago”.

¹⁶⁴ Talca é uma província do Chile. SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Elena Rodríguez. Santiago, 17 de fevereiro de 1841. In: *Ibid.*, p. 16. “Yo he estado fluctuante durante algún tiempo sobre la carrera que debía abrazar para establecerme”; “Estuve con el ánimo de hacerme a la vela para Europa, pero parece que no se realizará”; “después de esto debí marcharme a Talca y ni aún esto se realizó”; “no obstante, creo que esta ciudad, vea el mapa, será mi último asilo.”

estudo, vou ao teatro, e tenho uma vida que podia chamar de boa se as recordações de meu país não viessem me entristecer de vez em quando.”¹⁶⁵ De acordo com Said, para o exilado, superar a tristeza de haver abandonado a pátria não é uma tarefa possível.¹⁶⁶ Neste tipo de narrativa, a ênfase sempre recai em algo deixado para trás, no passado, nas lembranças da terra natal, mesmo quando, a exemplo de Sarmiento, novas relações são estabelecidas.

Neste sentido, as primeiras cartas de Sarmiento no Chile confirmam aquilo que Cristina Iglesia escreveu sobre os documentos epistolares dos exilados argentinos do período *rosista*. De acordo com a autora, essas pessoas

insistem sempre em superar o exílio e enfatizam em suas cartas os momentos de chegada: se estabelecer em um lugar implica, para eles, estabelecer continuidades no passado e tentar articular a sociabilidade doméstica e pública no presente do novo país.¹⁶⁷

A descrição do novo local de moradia foi um elemento comum nas correspondências dos exilados. Talvez na tentativa de recompor a sensação de intimidade doméstica, de criar a impressão de familiaridade e pertencimento. Se no século XIX a casa representava a centralidade da morada familiar, o distanciamento da segurança representada por este ambiente deveria ser suprido, criando-se para isso a mesma sensação em outro espaço. María Sánchez de Mendeville¹⁶⁸ lembrou o conforto de sua habitação de Buenos Aires nas cartas que escreveu durante o exílio, ao passo que tentou recuperar alguns objetos para decorar sua moradia em Montevideu. “Assim, minha casinha vai se compondo e se ajustando com comodidade. Imagine três caixotes vazios de vinho uns sobre os outros, cobertos com uma colcha velha...”.¹⁶⁹ Justa Cané deu explicações sobre o cômodo em que sua família viveu no Rio de Janeiro, em carta enviada a Juan María Gutiérrez em 1841: “tenho um quarto do tamanho do da vovó; nele tem uma cama grande, quatro camas pequenas, uma comodazinha,

¹⁶⁵ *Idem*. “Por ahora resido en Santiago, tengo como vivir pasablemente, tengo muchos amigos que me honran, estudio, voy al teatro, y paso una vida que podía llamar buena si los recuerdos de mi país no vinieran a entristecerme de cuando en cuando.”

¹⁶⁶ SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 45.

¹⁶⁷ IGLESIA, Cristina. Contingencias de la intimidad: reconstrucción epistolar de la familia del exilio. In: DEVOTO, Fernando; MADERO, Marta (Dir.). **História de la vida privada em la Argentina**. Tomo I. País antiguo. De la colonia a 1870. Buenos Aires: Taurus, 2006, p. 209. “Insisten siempre en superar el desarraigo y enfatizan en suas cartas los momentos de llegada: establecerse en un lugar implica para ellos, instalar continuidades en el pasado e intentar articular la sociabilidad doméstica y pública en el presente del nuevo país”.

¹⁶⁸ María Sánchez de Mendeville ou María Sánchez de Thompson foi uma bonaerense que se empenhou na luta pela independência. Em sua casa ocorriam reuniões políticas e literárias relacionadas aos temas da *Revolução de Maio*. Durante o governo de Rivadavia, se envolveu com atividades relacionadas à educação e à caridade. Durante o período *rosista*, se exilou em Montevideu e no Rio de Janeiro.

¹⁶⁹ SAID, **Reflexões...**, *op. cit.*, p. 45.

uma estante, duas mesas.”¹⁷⁰ As cartas, portanto, constituem documentos interessantes, pois apontam para as dúvidas, dificuldades e incertezas de uma vivência que passou a ser itinerante.

Sarmiento não foi tão generoso com os futuros leitores ao ponto de descrever o interior de sua habitação em Santiago, a não ser em sua posterior autobiografia, na qual afirmou viver “em um quarto dismantelado, debaixo do Portal, com uma cadeira e dois caixotes vazios que me serviam de cama”¹⁷¹. Nas correspondências, fez questão de detalhar para Elena Rodriguez o exterior do seu apartamento, descrevendo os baixos relevos, os pilares de mármore e os crocodilos que jorravam água pela boca na praça onde acontecia “a vida em Santiago”. Comentou que estava vivendo em frente aos bazares de rua e sobre as lojas de luxo. Do outro lado da praça, à frente do quarto em que morava, estava o palácio do governo, a cadeia, entre outras construções que formam “uma vista belíssima”.

O estabelecimento de novos vínculos não deu conta de substituir os antigos, conforme confessou a Elena Rodriguez: “Nunca você chegará a sentir este desassossego, este mal-estar que encontra uma pessoa longe de seu pai, de sua mãe, de seus amigos, de tudo que por toda sua vida está ligado com suas ideias e suas reminiscências”. O fato de conseguir se inserir entre um determinado grupo no Chile não substituiu os laços, pois o passado dos novos amigos lhe era desconhecido. Embora pudesse haver amizade, não havia familiaridade. “E em troca estar em meio a uma sociedade que é nova e desconhecida, rodeado de novos amigos cuja história de ontem não conhece, que não sabe se um tem pai, nem como se chama sua mãe. Oh! Isto é amargo!”¹⁷²

A tensão entre o conhecido/desconhecido se fez presente. Construções, lugares, natureza, elementos que transmitissem a sensação de familiaridade eram recordados. “Quando eu olho em San Juan um muro, uma porta, uma árvore eu recordo por um lado um acontecimento”. Tudo vira motivo de recordação. A dor do exílio era compensada pelo registro minucioso das reminiscências triviais. Mas as lembranças também diziam respeito às

¹⁷⁰ Justa Cané foi esposa de Florencio Varela, escritor unitário exilado durante o período *rosista*. CANÉ, Justa. Carta para Juan Maria Gutiérrez. Rio de Janeiro, julho de 1841. Citada por IGLESIA, Contingencias..., *op. cit.*, p. 210-211. “Tengo un cuarto del tamaño del de abuelita; en el hay una cama grande, cuatro catres, una comodita, un estante, dos mesas...”

¹⁷¹ SARMIENTO, *Recuerdos...*, *op. cit.*, p. 149; “en un cuarto dismantelado, debajo del Portal, con una silla y dos cajones vacíos que me servían de cama.”

¹⁷² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Elena Rodríguez. Santiago, 02 de fevereiro de 1841. In: SEGRETÍ, *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I..., *op. cit.*, p. 14-15. “Nunca llegará usted a sentir este desasosiego, este malestar en que se halla uno lejos de su padre, de su madre, de sus amigos, de todo lo que por toda sua vida se ha ligado con sus ideas y sus reminiscencias”; “y en cambio echado en medio de una sociedad que le es nueva y desconocida, rodeado de nuevos amigos cuya historia de ayer no conoce, que no sabe uno si tienen padre, ni cómo se llama su madre. ¡Oh! ¡Esto es amargo!”

peças e sua história, “os nomes e feitos de uma família inteira e por último um conto, um passeio, um amigo, etc.”¹⁷³

A dor da distância e a descrição das experiências cotidianas na terra natal não foram requisitadas somente por Sarmiento. Este foi um mecanismo para lidar com a ausência compartilhada por outros exilados do período *rosista*. Cristina Iglesia sublinhou que “o mundo das pequenas alegrias e os pequenos triunfos cotidianos irrompe na escrita como compensação simbólica pela grande felicidade pública que a derrota de Rosas implicaria a seus oponentes”.¹⁷⁴

No novo lugar, as pessoas, as construções e a natureza não remetiam ao conhecido. O caminhar pelas ruas da cidade, os sons e odores que compunham a paisagem não acionavam lembranças da terra natal. “Mas aqui, se observo um edifício nada em minha imaginação se associa a ele, nem a terra tem aquele odor que é peculiar ao lugar onde uma pessoa nasce! Uma boa moça é uma coisa morta pra quem não a conhece nem sabe onde vive!”¹⁷⁵

Os exilados também encontravam formas de amenizar a sensação de ausência e perda. Assim, Sarmiento pediu a Elena que convidasse algumas ex-alunas suas “que não esqueceram que tiveram um diretor” para que pintassem quadros, pois “queria ficar rodeado de objetos” que o fizessem “lembrar aqueles dias felizes do colégio”¹⁷⁶

Elena Rodriguez talvez tenha sido a principal testemunha do sofrimento de Sarmiento no início do período de exílio. Para ela, ele escrevia sobre seus sentimentos, seus desejos, anseios e recordações, como nos mostra o fragmento a seguir:

Eu também tenho meus dias felizes; mas repetidas desgraças os têm estragado. Não. Você não saberá nunca o que se sofre com uma alma ardente, com uma imaginação pronta para conceber esperanças que são queridas como uma namorada e as ver frustradas em cada passo; por motivos tão indignos de recordação. Você não apreciará nunca a intensidade das dores do homem que, vivendo para os demais, sacrificando seus próprios interesses, encontra um sentido na palavra pátria e que não obstante a vê desaparecer em meio a males tão espantosos, que não espera nada para ela, e

¹⁷³ *Ibid.*, p. 16. “Cuando yo miro en San Juan una tapia una puerta un árbol yo recuerdo por una un suceso [...]”; “los nombres y los hechos de una familia entera y por el último un cuento, un paseo, un amigo, etcétera.”

¹⁷⁴ IGLESIA, *op. cit.*, p. 203. “El mundo de las pequeñas alegrías y de los pequeños triunfos cotidianos irrumpe en la escritura como compensación simbólica de la gran felicidad pública que la derrota de Rosas implicaría para sus opositores.”

¹⁷⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Elena Rodríguez. Santiago, 02 de fevereiro de 1841. SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 15. “Pero aquí si miro un edificio nada viene a mi imaginación a asociarse a él, ni la tierra tiene aquel olor que le es peculiar al lugar donde uno nace! ¡Una buena moza es una cosa muerta para quien ni la conoce ni sabe donde vive!”

¹⁷⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Elena Rodríguez. Santiago, 17 de fevereiro de 1841. In: *Ibid.*, p. 16. “No se haya olvidado que tuvieron un director”; “quisiera rodearme de objetos”; “acordar de aquellos días felices del colegio”.

que a idolatrando a vê se degradar e rebaixar-se a seus olhos como um marido veria se corromper a mãe de seus filhos!¹⁷⁷

Os sentimentos relacionados ao exílio foram apropriados, ressignificados, alimentados durante o *período rosista*. Havia uma “comoção no ar” vinculada às sensibilidades do desterro, tanto para aqueles que estavam em Montevideu como para os que se estabeleceram no Brasil e no Chile. “Não há amigo, esposas, pais, nem irmãos a não ser na pátria. O desterrado em todas as partes está sozinho”.¹⁷⁸ Estas palavras, traduzidas de um texto de Lamennais por exilados argentinos que estavam no Uruguai, foram publicadas no periódico *El Iniciador* e corroboram a ideia de que tal temática estava na ordem do dia. Eram constantes as queixas referentes à falta de dinheiro, à ausência da família e dos amigos, à inércia ocasionada pela condição de proscrito, à sensação de ter sido excluído da ação política e social. De acordo com Cristina Iglesia, “com suas vidas pendentes de futuro, feridas pela espera, os exilados não podem pensar no futuro político da pátria a não ser como o final de uma agonia pessoal”¹⁷⁹

A Elena, Sarmiento escreveu sobre aspectos do seu cotidiano no Chile, mas, principalmente, chorou a saudade de sua terra natal. A nova moradia, a paisagem, a saudade de sua pátria, seus ressentimentos, o colégio, os estudos, desenhos de sua antiga pupila, de suas irmãs e conselhos sobre como ela deveria agir em sociedade, foram temas constantes. A recriação do clima doméstico foi uma forma de manter o vínculo rompido bruscamente pelo exílio.

Entre os assuntos recorrentes destas primeiras correspondências teve destaque o *Colégio de Señoritas Santa Rosa*. Embora Elena tenha sido a principal interlocutora no que se referiu a este assunto, Quiroga Rosas também recebeu cartas de Sarmiento lastimando a sorte do estabelecimento. O fim de sua atuação no estabelecimento para moças foi uma ausência recordada nas cartas com grande pesar. A queixa recaía na sensação do que ficou “e sem poder remediar e, mais ainda, sem tentar sequer evitar, recordando de minha boa San Juan, do

¹⁷⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Elena Rodríguez. Santiago, 02 de fevereiro de 1841. SEGRETI, *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I..., *op. cit.*, p. 14. “Yo también he tenido mis días felices; pero repetidas desgracias los han acibarado. No. Usted, no sabra nunca lo que se padece con un alma ardiente, con una imaginación pronta en concebir esperanzas que son queridas como una novia y verlas frustradas a cada paso; por causas tan indignas de recuerdo. Usted, no apreciará nunca la intensidad de los dolores del hombre que viviendo para los demás sacrificando sus propios intereses, halla un sentido en la palabra pátria y que no obstante la ve sumirse en medio de males espantosos, que no espera nada para ella, y que idolatrándola la ve degradarse y envilecerse a sus ojos como un esposo vería corromperse a la madre de sus hijos!”

¹⁷⁸ LAMMENNAIS. Palabras de un creyente. Citado por IGLESIA, *op. cit.*, p. 203. “No hay amigo, esposas, padres, ni hermanos sino en la pátria. El desterrado en todas partes está solo”.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 219. “Con sus vidas pendientes del futuro, heridas por la espera, los exilados no pueden pensar el futuro político de la pátria sino como el final de una agonia personal.”

colégio e de quantos objetos encerra que me interessam”.¹⁸⁰ Sarmiento perguntava sobre o aprendizado do francês, do italiano e da geografia. Fazia recomendações a Elena relacionadas à “moderação de conduta”, ao “bom desempenho nos deveres” e à “assiduidade nas tarefas”. Prometia que, de Santiago, se comunicaria com ela e com outras alunas, sobre “assuntos que possam lhes interessar”.¹⁸¹ Lamentou o destino do colégio, que fechou suas portas algum tempo depois da partida do seu fundador.¹⁸²

Sarmiento possuía uma relação nitidamente marcada pelo desejo de aprofundar a intimidade com Elena e sempre manifestava uma palavra de carinho para com ela. Os assuntos políticos não eram tratados nas cartas que enviou para esta interlocutora. As trocas de correspondência entre eles, entretanto, não ultrapassaram o mês de abril de 1841, embora não existam informações precisas sobre os motivos que ocasionaram essa interrupção.¹⁸³ Já Quiroga Rosas foi um interlocutor mais constante no primeiro ano que Sarmiento viveu no Chile. Eles construíram uma relação marcada por uma amizade na qual os comentários políticos referentes às ações de Rosas na Confederação Argentina se mesclavam a informações sobre suas famílias, sobre projetos futuros relacionados à educação e ao periodismo, sobre as novas amizades e mexericos dos mais diversos. Ainda assim, Quiroga Rosas também “desapareceu” das correspondências após novembro de 1841.¹⁸⁴

Nas correspondências trocadas entre Sarmiento e os primeiros interlocutores quando de seu estabelecimento no Chile, no final de 1840, o tom do exílio era forte. Entretanto, com o passar do tempo, essa temática passou a ser intercalada com as informações e comentários a respeito da sua organização diária. Um exemplo diz respeito ao projeto de abrir uma escola em Santiago, para o que o governo chileno o encarregou de visitar estabelecimentos de ensino. “Vou ter este aprendizado; depois poderei ser útil a minha pátria”, decidiu.¹⁸⁵ A

¹⁸⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Elena Rodríguez. Andes, 17 de dezembro de 1840. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 13. “Y sin poderlo remediar, y lo que es más, sin intentar siquiera evitarlo acordándome de mi buen San Juan, del colegio y de cuantos objetos encierra que me interesan.”

¹⁸¹ *Idem*.

¹⁸² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Santiago, 15 março de 1841. In: *Ibid.*, p. 19; _____. Carta para Manuel José Quiroga Rosas. Santiago, 18 de julho de 1841. In: *Ibid.*, p. 26-27 e _____. Carta para Manuel José Quiroga Rosas. Santiago, 31 de julho de 1841. *Ibid.*, p. 28.

¹⁸³ Após o exílio de Sarmiento, Elena Rodríguez se casou com um primo chamado José Antonio Sarmiento (que também era primo de Sarmiento). Infelizmente, não foi possível acessar as respostas dadas por Elena ou por sua mãe sobre o pedido de casamento. Embora tenham trocado várias correspondências no início do desterro, Sarmiento e Elena só voltariam a se encontrar novamente 1865.

¹⁸⁴ Não encontrei até o momento informações referentes aos motivos que ocasionaram o fim das trocas epistolares entre Sarmiento e Manuel Quiroga Rosas.

¹⁸⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Santiago, 06 de abril de 1841. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 21-22. “Voy a hacer este aprendizaje;

necessidade de ordenação da própria existência se tornou premente ao passo que o “tom do exílio” se apresentou cada vez de forma menos intensa. As críticas ao governo rosista, entretanto, aumentaram em termos de quantidade e aspereza.

Embora estivesse exilado no Chile e considerasse San Juan e a Confederação Argentina sua pátria, não ficou deslocado dos centros intelectuais e políticos de Santiago e Valparaíso. Entre 1841 e 1851, atuou intensamente como periodista, publicando artigos que o transformaram em uma figura de prestígio e, ao mesmo tempo, de polêmica neste país. Entretanto, esse trajeto não foi nem imediato, nem tranquilo.

Em março de 1841, afirmou ter boas relações em Santiago.¹⁸⁶ Como Sarmiento, outros argentinos também estavam exilados. Os locais mais procurados por eles foram Montevidéu, Santiago, Valparaíso, Rio de Janeiro e algumas cidades da Bolívia e do Rio Grande do Sul. A escolha dos lugares de refúgio poderia estar relacionada com os contatos já existentes no local, com os conselhos dos amigos e com as necessidades familiares para aqueles que partiam com a família ou que não desejavam se distanciar muito dela, mas também com a língua e a história comum no caso daqueles que se estabeleceram em países dos antigos Vice-reinados. Dessa forma, criou-se uma rede de sociabilidades e de solidariedade entre os exilados.

Essa rede criada no desterro foi alimentada pelos debates políticos sobre as mazelas que infligiam a pátria e foi acrescida por diversos sentimentos relacionados à condição de proscrito, como o ressentimento, o rancor e a saudade. Conforme Amante, ocorreu um deslocamento geográfico e o desterro se converteu então em outra forma de imaginar a nação, pois os limites da comunidade foram reelaborados de acordo com o poder ao qual se opunham e conforme as necessidades de reintegração no local de desterro, formando o que ela denominou como “representação peregrina da comunidade imaginada”.¹⁸⁷

Após sua chegada a Santiago, Sarmiento estabeleceu contatos com diversos jovens que circulavam pelos ambientes intelectuais e literários da cidade. Alguns eram argentinos e, entre esses, diversos também estavam exilados, como Vicente Fidel López, Félix Frías e José Posse.

A partir de uma correspondência enviada a Quiroga Rosas no início de 1841, demonstrou que não estava sozinho no Chile e que não era uma voz ímpar: “Emprendemos

después podré ser útil a mi patria” e SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Santiago, 18 julio de 1841. In: *Ibid.*, p. 26-27.

¹⁸⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Santiago, 15 de março de 1841. In: SEGRETI, *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I..., *op. cit.*, p. 19.

¹⁸⁷ AMANTE, *Poéticas...*, *op. cit.*, p. 42.

uma grande obra, uma obra de liga americana em que discutiremos todos os interesses americanos, os princípios que devem reger a liga, etc.” Embora por meio desta carta não seja possível afirmar quem participou de tal projeto, o interesse em atuar na política e a audácia são elementos de destaque nas intenções de “dar uma sacudida tão horrorosa no tirano [Rosas], que muito frios devem ser os homens que não simpatizem conosco”. Nesta ocasião, Sarmiento deixou clara sua percepção sobre a grandiosidade e a falta de modéstia da ideia: “Somos alguns e todos cheios de pretensões até os olhos”.¹⁸⁸

Além dos exilados argentinos, Sarmiento também estabeleceu contatos com chilenos, muitos dos quais ocupavam uma posição de destaque na imprensa e/ou na política chilena, a exemplo de José Victorino Lastarría e Manuel Montt. Alguns destes contatos foram fundamentais nas polêmicas que travou, mas também nas amizades cultivadas ao longo da vida.¹⁸⁹

De acordo com Sarmiento, foi o mendocino José Lisandro Calle, um industrial da vitivinicultura, também exilado no Chile, redator de *El Mercurio*, que, por sua influência, permitiu que Sarmiento tivesse acesso a este periódico como escritor.¹⁹⁰ Segundo o sanjuanino, foi Calle “o primeiro em reconhecer suas qualidades de escritor [...] e a lhe facilitar a oportunidade para produzir”.¹⁹¹

¹⁸⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Santiago, 19 de fevereiro de 1841. In: *Idem*. “Hemos emprendido una grande obra, una obra de liga americana en que discutiremos todos los intereses americanos, los principios que deben regirla, etcétera”; “y, en seguida, dar tan horroroso sacudón al tirano, que muy fríos deben ser los hombres que no simpatizen con nosotros”; “somos algunos y todos retobados de pretensiones hasta los ojos”.

¹⁸⁹ De acordo com José Victorino Lastarría, em janeiro de 1841 um amigo comentou sobre um emigrado argentino “muy raro” que gostaria de lhe apresentar. Assim, Lastarría conheceu Sarmiento quando este vivia em um quarto da Plaza Mayor, em Santiago. Lastarría se autoatribuiu a responsabilidade pela inserção do sanjuanino no campo das letras chilenas. Quando Sarmiento conheceu Lastarría, havia recém-chegado ao Chile. Lastarría, por sua vez, era um jovem advogado, professor e periodista. Filho de uma figura reconhecida no Chile devido à participação na luta pela independência, Lastarría teve uma educação apurada. Estudou no Liceo de Chile, no Instituto Nacional e na Academia de Leyes y Práctica Forense. Em termos políticos, estava vinculado ao partido liberal chileno, o que o afastava politicamente de Sarmiento, ligado ao partido conservador. Lastarría teve um posicionamento de destaque no meio intelectual chileno, como liberal, contrário à herança colonial e ao autoritarismo do período de Portales, entre o final da década de 1820 e o início de 1830. Ele defendia a ideia de que a ilustração seria a base para o progresso social. De acordo com as considerações de Lastarría, ele teria gostado do artigo de Sarmiento sobre a batalha de Chacabuco e a teria encaminhado a Manuel Rivadeneyra, responsável por *El Mercurio*. Apesar das diferenças de pensamento e de sustentarem alguns debates e ideias distintas, estabeleceram uma amizade que perdurou até o fim dos seus dias.

¹⁹⁰ José Lisandro Calle era filho de Felipe Antonio Calle, galiciano que vivia em Mendoza e se sobressaiu na produção vitivinícola e no transporte em tropas de carretas. Ele foi um dos primeiros periodistas de Mendoza. Assumiu cargos públicos ligados aos unitários, auxiliou na criação de *El Mercurio* de Valparaíso e foi seu redator em 1830. Quando Mendoza caiu nas mãos dos rosistas, Calle partiu para o Chile. Foi um dos primeiros incentivadores de Sarmiento em relação à escrita como periodista e foi também um dos principais defensores da incorporação de San Juan e Mendoza ao Chile, assunto sobre o qual será tratado no segundo capítulo.

¹⁹¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Los emigrados. In: Campaña en el Ejército Grande. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XIV. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001, p. 253. “El primero en reconocer cualidades de escritor [...] y facilitarle la ocasión de producirse.”

O primeiro texto de Sarmiento a ganhar repercussão entre os letrados chilenos foi *12 de febrero de 1817*¹⁹², um artigo sobre San Martín e a batalha de Chacabuco, publicado em fevereiro de 1841 no periódico *El Mercurio*, de Valparaíso, o mais importante órgão de imprensa do país na época.¹⁹³ O texto foi muito bem recebido e lhe abriu as portas para o periodismo chileno.¹⁹⁴ Sobre esse assunto comentou com Quiroga Rosas: “O *12 de febrero* que te mando me fez um favor de grande expectativa. O conserve, ele é a origem da minha boa fortuna e dos serviços que prestarei a minha pátria”.¹⁹⁵ Isso significa que, em menos de três meses, Sarmiento já possuía um artigo reconhecido no Chile, por aqueles que viriam a ser seus pares. Algum tempo depois, ele se tornou o principal redator de *El Mercurio*. Suas publicações neste periódico levaram a um aumento de circulação do mesmo, que era lido em salões, cafés e tertúlias.

Diferentemente do que era hábito, Sarmiento assumiu o periodismo como profissão. Para ele, os periódicos representavam um meio de comunicação de grande valor. Ele defendeu a importância desse tipo de produção, independente da situação política. Durante o período em que viveu no Chile, o periodismo foi central em sua vida, principalmente entre 1841 e 1845, época na qual teve atuação intensa na imprensa diária. Colaborou com um grande número de periódicos, alguns fundou e redigiu, como *El Progreso*, um periódico ministerial conservador, primeiro diário de Santiago, que teve início em novembro de 1842 e do qual Sarmiento foi redator.¹⁹⁶ Outros exemplos de periódicos nos quais Sarmiento atuou são *El Nacional*, *Periódico Político e Literário*, *Crónica Contemporanea de Sud-América*, *Diário Comercial*, *La Crónica*, *periodico político e literário* e *La Tribuna*. A maioria dos artigos que escreveu foi publicada em *El Mercurio*, de Valparaíso, e em *El Progreso*. Seus textos também eram publicados em periódicos de outros países. “Nos diários da Bolívia já vi reproduzidos

¹⁹² Este artigo não foi o primeiro escrito pelo sanjuanino no Chile, mas certamente o primeiro a ter grande repercussão em Santiago e Valparaíso. Nele Sarmiento narrou, a partir da voz ficcional de um tenente de artilharia que se dirigia aos chilenos, a participação chilena na Independência.

¹⁹³ No momento em que Sarmiento chegou ao Chile, em 1841, *El Mercurio* estava sob a responsabilidade do impressor espanhol Manuel Rivadeneyra. O periódico era mantido com os artigos que produzia a partir dos noticiários europeus, aos quais tinha acesso pelo porto de Valparaíso. Também publicava artigos a partir das correspondências que os amigos enviavam de Santiago.

¹⁹⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Obras completas**: artículos críticos y literarios (1841-1842). Tomo I. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Matanza, 2001. p. 18-30.

¹⁹⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Santiago, 15 de março de 1841. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 19. “El *12 de febrero* que le mando me ha hecho un obsequio de grande espectación. Conserve por si el es el origen de mi buena fortuna y de los servicios que prestaré a mi patria.”

¹⁹⁶ *El Progreso* era propriedade da família do ex-presidente do Chile, Joaquín Prieto Vial. Sarmiento foi redator deste periódico entre novembro de 1842 e maio de 1843 e entre março de 1844 e outubro de 1845.

alguns de seus artigos”, escreveu Félix Frías a Sarmiento¹⁹⁷. No periodismo chileno, escreveu sobre costumes, teatro, arte, problemas sociais, política, questões literárias, o papel da imprensa, entre muitos outros assuntos. Tornou vários temas públicos e polêmicos, inserindo-os na ordem do dia, como a gramática e o romantismo. Em um curto período de tempo, se tornou um escritor influente e popular.

Sarmiento chegou ao Chile no contexto das eleições presidenciais. A imprensa consistia em um importante meio de divulgação e propaganda dos ideais dos partidos concorrentes: liberais (*pipiolo*s) e conservadores (*pelucones*). Os artigos de Sarmiento chamaram a atenção de algumas pessoas ligadas à administração do presidente José Joaquín Prieto Vial, cujo mandato se estendeu de 1831 a 1841. De acordo com sua autobiografia, o partido conservador enviou uma comissão para tentar convencê-lo a defender seu candidato, Manuel Bulnes, por meio da imprensa. À frente dessa comissão estava Manuel Montt, então Ministro do Interior e das Relações Internacionais, Ministro da Justiça e da Instrução Pública, uma das principais figuras do gabinete presidencial chileno, conhecido como protetor dos emigrados.

Sobre esse assunto, Sarmiento escreveu: “Estudei a olho de pássaro os partidos do Chile”.¹⁹⁸ Informou ainda que conversou com compatriotas, buscando informações sobre os diferentes partidos e as ideias que propagavam. “Quem você acredita que será o presidente?”¹⁹⁹, perguntou a Quiroga Rosas. Informou também ao amigo que “se a presente administração não estivesse para ser tirada aos empurrões do palácio, eu poderia tirar partido de suas boas graças”.²⁰⁰ Sarmiento se referia ao gabinete de Prieto Vial, responsável pelo convite para a escrita de textos em defesa do novo candidato. Mas os motivos da escolha pelo partido conservador estiveram relacionados, de acordo com o que demonstram as correspondências, com a Confederação Argentina principalmente. Escreveu ao amigo: “Bulnes nos convém. Aborrece a Rosas de morte; os liberais se dobram a ele por aqui.”²⁰¹ Refletiu sobre as implicações políticas que tal decisão acarretaria, já que os liberais, de acordo com Sarmiento, submetiam-se a Rosas, ao contrário de Bulnes.

¹⁹⁷ FRÍAS, Félix. Carta para Domingo Faustino Sarmiento. Valparaíso, 19 de fevereiro de 1844. In: *Ibid.*, p. 46. “En los diarios de Bolívia he visto ya reproducidos algunos de sus artículos”.

¹⁹⁸ SARMIENTO, **Recuerdos...**, *op. cit.*, p. 149. “Estudí a ojo de pájaro los partidos de Chile”.

¹⁹⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Santiago, 15 de março de 1841. In: SEGRETÍ, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 19. “¿Quién cree que sea el presidente?”

²⁰⁰ *Idem*. “Sy [sic] la presente administración no estuviese para ser echada a empujones del palacio, podría sacar partido de sus buenas gracias”.

²⁰¹ *Idem*. “Bulnes nos conviene. Aborrece a Rosas de muerte; los liberales se le pliegan aquí.”

Enfatizou ainda, em sua autobiografia, que, devido às perseguições sofridas na Confederação Argentina, receava que os chilenos o considerassem perturbador e desordeiro, um opositor aos governos constituídos e, por isso, se aproximou dos “amigos do governo” representados por Manuel Montt.²⁰² A ascensão de Sarmiento entre os grupos letrados do Chile também está ligada à relação que estabeleceu com Manuel Montt, na ocasião ministro do presidente Prieto Vial.

As correspondências de Sarmiento, portanto, permitem traçar um mapa das relações que estabeleceu no Chile. Não somente referente às pessoas que conheceu e com as quais compartilhou experiências, mas esses documentos dimensionam a importância atribuída pelo escritor acerca de determinadas pessoas, os limites (ou a ausência deles) entre o público e o privado, a construção de relações mais formais ou íntimas, um repertório de assuntos discutidos e mesmo a confiança depositada em alguns interlocutores em detrimento de outros. Neste sentido, por exemplo, as primeiras cartas trocadas com o chileno Manuel Montt se caracterizaram por um estilo mais formal quando comparadas às demais correspondências de Sarmiento nesta época, o que advinha, certamente, da relação inicial que estabeleceu com esta figura pública ao se fixar no Chile.

As primeiras missivas enviadas pelo sanjuanino para Montt tratam de uma temática que foi abordada de forma cuidadosa pelo remetente: a solicitação de dinheiro.²⁰³ Esta relação inicial, entretanto, transformou-se em uma amizade que percorreria quarenta anos. Durante esse tempo, os interlocutores mantiveram trocas epistolares, mais frequentes em alguns momentos e menos em outros.

Portanto, alguns meses após sua chegada no Chile, Sarmiento se envolveu com a política local, favorecendo a candidatura conservadora do general Manuel Bulnes por meio de textos publicados no periódico pró-governamental *El Nacional* e em *El Progreso*.

Embora grande parte das reclamações dos exilados girasse em torno das dificuldades em não poder agir em seu país de origem, ou seja, em relação à sensação de inércia oriunda da condição de exilado, a atividade periodística se converteu, para muitos, em um campo de intensa ação política e foi neste campo que Sarmiento se destacou nos anos de exílio.

Sarmiento descobre definitivamente a vocação que tem “afinidade química” com sua pessoa, e esta convicção de haver dado com o meio preciso no qual desenvolver suas aptidões intelectuais se mostra manifesta na soltura das

²⁰² SARMIENTO, *Recuerdos...*, *op. cit.*, p. 149.

²⁰³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Montt. Santiago, 05 de dezembro de 1842. In: SEGRETI, *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I..., *op. cit.*, p. 38.

formas, na liberdade de temas, na solvência e na autossuficiência com que o periodista se inclui, de maneira quase brutal, em um campo totalmente novo que ia chegar a dominar.²⁰⁴

Se a escrita dos exilados e, principalmente, de Sarmiento consistiu em uma forma de ação política, as correspondências reforçam tal argumento. Muitas informações eram obtidas por meio dos vapores que atracavam e partiam de Valparaíso, trazendo e levando cartas de exilados argentinos. Os assuntos variavam entre ataques ao governo rosista, ideias relacionadas a atividades que poderiam ser adotadas contra Rosas e conspirações variadas. O exílio se constituiu, para muitos, na possibilidade de lutar contra uma situação que consideravam atrasada e reelaborar, ao mesmo tempo, as diretrizes da nova nação, ainda idealizada. Neste contexto, a experiência com a escrita para periódicos foi fundamental para a formação e circulação das ideias de Sarmiento. Ele era solicitado para auxiliar na luta contra Rosas, fosse colaborando com o envio de dinheiro e alimentos aos feridos dos campos de batalha das províncias argentinas, com artigos ou ainda com a postura crítica que assumiu como exilado.²⁰⁵

A preocupação com a educação foi uma temática constante nos artigos, livros e projetos de Sarmiento no Chile. Em uma correspondência de abril de 1841, se referiu ao projeto de abrir um colégio em Santiago. Em outra missiva do final do mesmo ano, comentou sobre o interesse do governo chileno e dele próprio na criação de uma escola normal.²⁰⁶ Ainda em 1841, Sarmiento inaugurou em Santiago a *Escuela Normal de Maestros*, a primeira da América Latina, da qual foi diretor e organizador designado pelo governo chileno. No início de 1842, foi nomeado diretor da *Escuela Normal de Instrucción Primaria*, de Santiago. Fundou, com Vicente Fidel López, o *Liceo*, um instituto de ensino. Para quem ainda estava se estabelecendo (e fazia questão de enfatizar isso), Sarmiento, rapidamente, ascendeu a cargos importantes na área da educação.

²⁰⁴ GRAMUGLIA, Pablo M.; MENDONÇA, Inês de; SERVELLI, Martín. El gaucho malo de la prensa. In: JITRIK, **História Crítica...**, *op. cit.*, p. 267. “Sarmiento descubre definitivamente la vocación que tiene ‘afinidad química’ con su persona, y esta convicción de haber dado con el medio preciso en el que desenvolver sus aptitudes intelectuales queda manifesta en la soltura de formas, la libertad de temas, la solvencia y la autosuficiencia con que el periodista se inserta, de manera casi brutal, en un campo totalmente nuevo que iba a llegar a dominar”.

²⁰⁵ Como é possível verificar nas correspondências: GREGORIO DE LAS HERAS, J. Carta para Domingo Faustino Sarmiento. Santiago, 1º de outubro de 1841. SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 29; GANA, José Francisco. Carta para Domingo Faustino Sarmiento. Santiago, 1º de outubro de 1841. In: *Ibid.*, p. 30.

²⁰⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosa. Santiago, 06 abril de 1841. In: *Ibid.*, p. 21-22; SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Indalecio Cortínez. Santiago, 2 de novembro de 1841. In: *Ibid.*, p. 32-34.

É preciso considerar que sua relação com Manuel Montt e sua proximidade com o partido conservador, associadas a sua experiência como redator de *El Zonda* e como criador e diretor do *Colegio de Señoritas* de San Juan, possibilitaram a união de suas intenções e ambições pessoais com interesses políticos do grupo conservador reunido em torno de Manuel Bulnes.

Ainda em 1843, Sarmiento foi designado membro acadêmico da *Facultad de Humanidades de la Universidad de Chile*, por uma proposta de Andrés Bello. Nesta mesma instituição, apresentou uma obra sobre gramática, posteriormente publicada como livro, sob o título *Memoria sobre ortografía americana*, adotada em partes pelo governo chileno.²⁰⁷

A partir da escrita de artigos sobre diversificados assuntos para os periódicos, da publicação de livros, de suas polêmicas, de sua atividade pública, assentou-se como um pensador conhecido e debatido, cuja escrita se tornou símbolo de autoridade e “base de sua futura projeção política e institucional na Argentina”.²⁰⁸

Apesar da intensa atividade de escrita no Chile, em janeiro de 1842, ou seja, pouco mais de um ano após sua chegada ao país de exílio, Sarmiento ainda se sentia como alguém que estava se fixando, como esclarece ao amigo Indalecio Cortínez. Neste momento de sua vida, surgiram as primeiras oportunidades de ocupação de cargos públicos, sobretudo voltados para a educação. Assim, ao comunicar sua nomeação como diretor da *Escuela Normal de Instrucción Primária*, também informou sobre a chegada da sua família ao Chile. “Naqueles momentos de alarme em que não se falava senão de matanças e degolas, os consultei se queriam vir para cá, prontamente me responderam e estão vindo para cá.” Para o amigo, disse estar gostando da chegada dos seus familiares e tinha interesse que suas irmãs se aperfeiçoassem “em certos ramos de ensino”.²⁰⁹ Nesta carta, o sentimento de proscrito já não aparecia da mesma forma como nas correspondências de 1841. Sarmiento, em tom aparentemente grave, concluiu: “Eu já não sou sanjuanino”.²¹⁰

Em outra missiva, encaminhada ao primo Faustino Soriano Sarmiento no ano seguinte, Sarmiento forneceu algumas pistas de como se sentia neste momento no país de desterro. Explicou sobre sua participação na Universidade do Chile, onde tinha a missão de assistir e

²⁰⁷ Para uma cronologia detalhada das produções e atividades de Sarmiento no Chile, ver: FERNANDEZ, Javier. Cronología. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes*: edición crítica de Javier Fernández (Coord.). 2. ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996. p. 617-634.

²⁰⁸ GRAMUGLIA, *op. cit.*, p. 260. “Base de su futura proyección política e institucional en la Argentina”.

²⁰⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Indalecio Cortínez. Santiago, 20 de janeiro de 1842. In: SEGRETÍ, *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I..., *op. cit.*, p. 36. “En aquellos momentos de alarma en que no se hablaba sino de matanzas y degüellos, les consulté si querían venirse por acá y sin más acá ni más allá, me cogieron la palabra y se han largado para acá”; “en ciertos ramos de enseñanza”.

²¹⁰ *Idem*. “Yo ya no soy sanjuanino”.

presidir aos exames do Instituto e demais colégios particulares, conceder os títulos de bacharel e doutor, organizar e impulsionar a educação primária. “Na faculdade de ciências e humanidades eu fui nomeado membro, sendo o único estrangeiro que mereceu tal distinção.”²¹¹ Do tom do exílio, no primeiro ano de fixação no Chile, Sarmiento passou ao tom do estrangeiro recebido com distinção. E complementou: “Creio que não será inútil para este país meu nomeamento e o título que me forneceram, pois proponho dedicar todos os esforços para merecer esta alta distinção.”²¹² Propôs se voltar à elaboração de métodos de ensino, a traduções, entre outras atividades.

As correspondências indicadas anteriormente demonstram que Sarmiento, à medida que constituiu vínculos que culminaram na nomeação para determinados cargos, na atribuição de atividades voltadas, sobretudo, para a escrita e a educação e ao assumir tais atribuições, criou laços afetivos com o país do exílio, se colocando como um escolhido dentre muitos outros estrangeiros que na época também vivenciavam a experiência do desterro.

Sarmiento estabeleceu contatos que, em curto período de tempo, lhe renderam amizades, atividades periodísticas, mas também desafetos. Por um lado, seus textos causavam entusiasmo ou comoção. Félix Frías, por exemplo, escreveu ao sanjuanino: “Li seu primeiro artigo em *El Progreso*. Me parece magnífico, como tudo que sai de sua pluma e espero com impaciência os outros três”²¹³. Mas, já no primeiro semestre de exílio no Chile, foi objeto de críticas. Comentou com Quiroga: “Minha carreira é um pouco azarosa: sou objeto do ódio de alguns, do zelo de outros, da aprovação de muitos e da amizade de alguns”.²¹⁴ Afirmou ainda que o motivo de tantos cuidados e desafetos estavam relacionados com sua produção em *El Mercurio*. Além de lhe render uma boa reputação entre grupos ilustrados, pois até mesmo periódicos da oposição o elogiavam, também lhe rendeu insultos pelas ideias e afirmações propagadas.

A bibliografia sobre Sarmiento, de forma geral, evidencia os ataques e críticas que recebeu ao longo de sua vida, sobretudo no que se refere às atribuições de vaidade. Ao que parece, Sarmiento edificou sua reputação pautado pela detração, ou seja, tais críticas foram

²¹¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Domingo Soriano Sarmiento. Santiago, 20 de agosto de 1843. In: *Ibid.*, p. 42. “En la facultad de ciencias y humanidades he sido creado yo miembro de ella siendo el único extranjero que ha merecido esta distinción”.

²¹² *Idem*. “Creo que no será inútil para este país mi nombramiento y el título que me han acordado; pues me propongo dedicar todos mis esfuerzos a merecer esta alta distinción”.

²¹³ FRÍAS, Félix. Carta para Domingo Faustino Sarmiento. Valparaíso, 19 de fevereiro de 1844. In: SEGRETÍ, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 45. “He leído su primer artículo en *El Progreso*. Me parece magnífico, como todo lo que sale de su pluma, y espero con impaciencia los otros tres.”

²¹⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosas. Santiago, 8 de junho de 1841. In: *Ibid.*, p. 25. “Mi carrera es un poco azarosa; soy el objeto del odio de unos, de los celos de otros, de la aprobación de muchos y de la amistad de algunos”.

propícias para a construção de sua fama e o enaltecimento de seu nome. Como ele mesmo afirmou, “o caso é que em meio a estes embates faço uma reputação, de que poderei me aproveitar para fazer uma fortuninha”²¹⁵.

No Chile, os desafetos estavam relacionados com sua postura na escrita dos artigos para os periódicos, pois nenhum campo da vida pública ou privada lhe passou despercebido.²¹⁶ Sarmiento escrevia em um tom combativo, como se fosse um chileno reconhecido. Tratou de forma crítica inúmeros temas, enfrentando com autoridade, a qual muitas vezes se autoimpôs, escreveu como alguém que compreendia profundamente os problemas chilenos.

Entre as polêmicas nas quais se envolveu, foi notório o embate estabelecido com Andrés Bello sobre o uso da gramática.²¹⁷ Em seguida, se debateu em uma polêmica sobre o romantismo com escritores do periódico *El Semanario*. Em 1843, propôs uma reforma ortográfica, que foi apresentada na Universidade do Chile e aprovada em 1844. Apesar da aprovação, foi bastante criticada pela imprensa.²¹⁸

Outro exemplo são os embates travados com José Victorino Lastarria. Como já foi comentado anteriormente, ao chegar ao Chile, Sarmiento defendeu a candidatura conservadora de Manuel Bulnes por meio de artigos publicados em *El Progreso*, de Santiago. *El Siglo*, por sua vez, de propriedade de Lastarria, representava a oposição liberal. Os dois, que mais tarde seriam amigos, trocaram correspondências ofensivas e declararam uma guerra periodística. Os redatores de *El Siglo* consideravam Sarmiento um “emigrado cuyano necessitado, sem linhagem conhecida em seu país, nem vinculações de peso com famílias chilenas distintas”.²¹⁹ As polêmicas com o periódico *El Siglo* permaneceram até o período de sua viagem ao exterior, no final de 1845.

Essas polêmicas e conflitos suscitados a partir das ideias expostas nos periódicos afetavam a Sarmiento pessoalmente à medida que os argumentos saíam do campo das ideias e

²¹⁵ *Idem*. “El caso es que en medio de estos embates me labro una reputación, de que podré aprovecharme para hacerme una fortuna.”

²¹⁶ GRAMUGLIA, *op. cit.*, p. 268.

²¹⁷ Em 1842, Sarmiento publicou um artigo no qual criticava a importância atribuída ao uso correto da gramática, enfatizando que “un idioma es la expresión de las ideas de un pueblo”. Andrés Bello contrariou tal afirmativa, mas a crítica que mais irritou o sanjuanino foi ter sido chamado de “estrangeiro”. Sarmiento não considerava esse argumento legítimo, já que não se referia diretamente à ideia que havia desenvolvido. Ver: SARMIENTO, Domingo Faustino. Primera polémica literaria. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. I. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 150-178.

²¹⁸ Existiu inclusive um periódico criado com o propósito de desacreditar Sarmiento. O *El Desmascarado* teve somente uma edição em 1843.

²¹⁹ PAGLIAI, Lucila. Facundo: La historia del libro en vida de Sarmiento. In: JITRIK. **História Crítica...**, *op. cit.*, p. 50. “Emigrado cuyano necesitado, sin prosapia conocida en su país ni vinculaciones de peso con familias chilenas distinguidas”.

se transformavam em brigas pessoais. As correspondências mostram de forma enfática como essas contendas afetavam o sanjuanino, criando mágoas e desafetos. Entre as críticas, a atribuição de “estrangeiro” se tornou uma das piores ofensas para o sanjuanino. É importante considerar que as polêmicas estavam relacionadas não somente com o fato de Sarmiento ser estrangeiro, mas também com sua posição política de defesa do governo conservador.

Uma das tentativas de Sarmiento construir uma imagem positiva foi em 1843, com a publicação da autobiografia *Mi Defensa*, quando tinha 32 anos de idade e havia sido preso por desentendimentos com Domingo Santiago Godoy. A importância de mencionar o contexto de tal conflito se relaciona com o fato de que tais eventos resultaram em um grande ressentimento do sanjuanino, expresso em diversos textos posteriores, e deram ensejo à escrita desta autobiografia, importante veículo de memória que diz muito sobre seus interesses e desejos no momento da escrita e, portanto, no período em que produziu alguns textos sobre o Brasil.

O debate teve início com um artigo publicado pelo sanjuanino em *El Progreso*, sobre a obra teatral *Adel el Segrí*, em dezembro de 1840. No artigo, o autor narrou a história de uma bela moça, “a estrela de Andaluzia”, enamorada de um “lindo e gentil jovem, entretanto de origem desconhecida” e do trágico assassinato no qual o amado matou o irmão da moça que havia descoberto os planos de fuga do casal. Ao ser questionada pela família, a moça negou sua “paixão clandestina” para impedir que o amado fosse acusado pela morte do irmão. Diante de tal negativa, a família da moça decidiu encerrá-la em um convento. “Pois, se não confessa, ao monastério! [...] e sem mais nem menos, a linda Isabel, a estrela de Andaluzia, se sepultou em um monastério”.²²⁰ A mãe, ao visitar a filha no convento para tentar convencê-la a confessar o nome do assassino encontrou

uma santa abadessa muito mal vestida, mas cujo coração palpitava quando ouvia falar de amores; porque ela havia entendido um pouco deste doce assunto em seus dias de juventude, e a austeridade da vida monástica não havia curado seu coração de uma paixão contrariada, pois era ela também uma vítima da autoridade paternal; era uma monja Zañartu, maldizendo dia e noite a vida monástica e sentindo falta dos prazeres do mundo.²²¹

²²⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. “Adel El Segri”, “Um baile de tunos”. In: _____. **Obras completas: artículos críticos e literários (1842-1853)**. v. II. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Matanza, 2001. p. 48-49. “La estrella de Andalucia”; “lindo e [sic] cumplido joven, aunque de origen desconocido”; “clandestina pasión”; “¡Pues si no confiesa, al monastério! [...] y si más ni más, la linda Isabel, la estrella de Andalucia, va a sepultarse en un monasterio”.

²²¹ *Ibid.*, p. 49. “Una santa abadesa muy mal vestida, pero a quien le palpitaba el corazón cuando oía hablar de amoríos; porque ella había entendido su poco de este dulce asunto en sus días juveniles, y la austeridad de la

Segundo Sarmiento, a história da monja enclausurada pela família e impossibilitada de viver seu grande amor havia sido contada por José de Oro (que já havia morado em Santiago). No Chile eram conhecidas as histórias de duas monjas que possuíam este mesmo sobrenome. Elas eram filhas de um antigo corregedor chileno da segunda metade do século XVIII, Manuel Luis de Zañartu, responsável pela realização de obras urbanas e religiosas. Também possuíam laços de parentesco com o clérigo e advogado Rafael Valentín Valdivieso Zañartu, que viveu entre os anos 1804 e 1878 e ocupou diversos cargos públicos em Santiago, como o de deputado. Enfim, a família Zañartu estava representada por figuras importantes nos contextos social, político e religioso chilenos. Ao escrever a história para o jornal, Sarmiento fez referência a uma das mulheres desta família. Segundo Meglioli, a história da monja fazia parte do repertório da tradição popular chilena e, de acordo com tal versão, uma monja de nome Zañartu havia sido enclausurada pelo pai no convento, onde morreu de desilusão.²²² Para piorar ainda mais a situação, uma das irmãs Zañartu, a mais velha, octogenária na época, ainda vivia no convento.

O artigo referente à peça teatral escrito incomodou o clérigo Rafael Valentín Valdivieso Zañartu, que respondeu em 22 de dezembro em *El Semanário* de Santiago.²²³ A partir daí, ele e Sarmiento trocaram ofensas, explicações e justificativas por meio dos periódicos.

Após essas trocas de textos ofensivos, Domingo Santiago Godoy – figura pública de Santiago que havia conhecido Sarmiento quando esteve em San Juan – tomou para si as dores do acalorado debate, justificando ser parente da monja. De acordo com Meglioli, Godoy se pronunciou em várias tertúlias de Santiago, acusando o autor do texto de crimes como o

vida monástica no había curado su corazón de una pasión contrariada, pues era ella también una víctima de la autoridad paternal; era una monja Zañartu, maldiciendo día y noche la vida monástica y echando menos los goces del mundo.”

²²² Para maiores detalhes sobre a polêmica entre Sarmiento e Domingo Santiago Godoy ver: MEGLIOLI, Mauricio. **La polémica de la monja Zañartu y Mi defensa**. In: Biblioteca Sarmiento.org.: vida y obra de Domingos Faustino Sarmiento. Disponível em: <<http://bibliotecasarmiento.org/2009/05/21/090501/>>. Acesso em: 15/10/2011.

²²³ Rafael Valentín Valdivieso Zañartu afirmou que o autor do texto ofendeu uma pessoa que não merecia tal descrédito. Em 28 de dezembro, Sarmiento respondeu ao clérigo em *El Progreso*, por meio de um artigo intitulado “Contestación al Clérigo Valdivieso sobre la monja Zañartu”, no qual explicou que sua intenção não foi caluniar ninguém, mas narrar um “dicho vulgar” de uma história conhecida no país. Segundo Sarmiento, “mucho más dice la tradición, y mucho más sabe todo Santiago sobre esse malhadado asunto”, “no nos lhome calumniadores porque por incidencia hemos nombrado a una monja muerta”. Explicou ainda que nada disse de ofensivo, embora seu texto tivesse sido provocativo: “¿Qué aristocracia es esta que se cree responsable de los errores, y si se quiere, delitos de sus antepasados?” A única calúnia do comunicado teria sido a que o clérigo fez a ele quando supôs, de acordo com Sarmiento, que ele comparou a monja, a qual considerava uma santa, a uma pessoa de costumes corrompidos. Em sua resposta, Sarmiento enfatizou ainda a liberdade de expressão dos periodistas e questionou as hierarquias sociais vigentes. SARMIENTO, Domingo Faustino. “Contestación al Clérigo Valdivieso sobre la monja Zañartu”. In: _____. **Obras completas**: artículos críticos y literarios (1842-1853). v. II. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Matanza, 2001. p. 76-78.

assassinato de vítimas inocentes em San Juan, acusação que irritou muito o sanjuanino. Desde então, Sarmiento e Godoy iniciaram uma nova contenda, por meio da troca de textos que circularam pelas tertúlias.

A irritação de Sarmiento aumentou quando ele descobriu que Godoy o acusava na Bolsa, local onde se reunia a elite chilena. Para retrucar e tentar se proteger das acusações, o sanjuanino divulgou um panfleto neste mesmo local, onde se referiu a Godoy como covarde e miserável. Em janeiro de 1843, Sarmiento denunciou Godoy, exigindo sua prisão pelas injúrias que manchavam sua reputação, principalmente como educador. Na tentativa de comprovar as acusações, ele entregou ao juiz uma lista de testemunhas que haviam presenciado as prédicas de Godoy. O juiz despachou uma ordem de prisão para Godoy, que também havia denunciado Sarmiento por injúrias. Sarmiento também foi preso, acusado de injúria pelo seu adversário. Durante o período em que permaneceu preso, escreveu *Mi Defensa*.²²⁴

Para resolver a contenda, o juiz solicitou a mediação do argentino Vicente Fidel López e do chileno Manuel Carvalho. Carvalho apoiou Godoy e López apoiou Sarmiento. Cada qual queria que o outro se desculpasse publicamente, o que parecia impossível para ambos. Mediante tal impasse, decidiram pela não continuidade dos processos, os quais foram arquivados.

Em fevereiro de 1843, *Mi Defensa* foi publicada como folhetim em *El Progreso*, com um total de 16 páginas e, posteriormente, saiu em formato de livro. *Mi Defensa* foi uma das formas encontradas por Sarmiento – que se sentia injustiçado e caluniado devido às acusações de Godoy – para responder a seu opositor e, ao mesmo tempo, se retratar perante a sociedade chilena.

Eu sei que posso e que devo dizer tudo o que a meu bom nome interessa, para satisfazer aos que bem querem; para dissipar as prevenções dos alucinados pelas calúnias que contra mim se vertem, ou a indiscreta franqueza da minha linguagem escrita, formaram opiniões erradas com respeito a meu caráter; para desarmar e confundir, enfim, aos que contam com meu silêncio, com a impossibilidade de que, ao que parece, me encontro

²²⁴ A bibliografia sobre tal evento diverge quanto à importância do mesmo no contexto chileno de 1842/1843. De acordo com Adolfo Prieto, Sarmiento exagerou, pois nem o debate na imprensa era tão violento quanto o sanjuanino afirmou nem ele era tão conhecido a ponto de necessitar salvaguardar sua reputação. Meglioli, entretanto, afirma que observou o contrário ao analisar as fontes sobre tais acontecimentos. MEGLIOLI, *op. cit.*, p. 1, e Prieto, *La Literatura...*, *op. cit.*, p. 51.

de me justificar e de parar seus disparos. Eu devo a mim mesmo estes cuidados, estou sozinho contra muitos.²²⁵

Sarmiento enfatizou, com certa insistência, o fato de ter adquirido seus conhecimentos de maneira autodidata, embora seja perceptível um certo ressentimento em sua narrativa, por não ter conseguido frequentar a escola. Domingo Santiago Godoy teria afirmado que o sanjuanino estava se civilizando no Chile. Ele prontamente concordou com tal afirmação, explicando que seus amigos riam de sua torpeza de modos, da sua falta de elegância, dos seus descuidos e que para muitos assuntos necessitava de um tutor para auxiliá-lo:

Dom Domingo S. Godoy descobrirá matéria muito ridícula em todas estas simples confissões, mas quero lhe dar armas mais honestas das que tem usado até agora comigo. Cada dia lamento a falta que sinto das luzes em certas matérias, luzes que só podem ser adquiridas nos colégios e que já é demasiado tarde para remediá-las. Meus pobres estudos têm sido, pois, desordenados e incompletos.²²⁶

Mas se o ressentimento foi recorrente nos textos de Sarmiento, seu discurso nunca se encerrou neste sentimento. Após comentar sobre as dificuldades de acesso à escola, sempre argumentava que tal dificuldade não o havia impedido de obter uma formação pautada na ilustração e digna de nota. Ainda em *Mi Defensa*, suas colocações foram apresentadas nos seguintes termos: “Na infância, nas viagens, no desterro, nos exércitos, em meio às lutas dos partidos, na imigração enfim, não tenho conhecido mais amigos que os livros e os periódicos; não frequentei mais tertúlias que as dos homens de instrução”²²⁷.

²²⁵ Na primeira página de *Mi Defensa*, Sarmiento faz uma leitura do quadro *A calúnia de Apeles*, de autoria de Sandro Boticelli (1445-1510). O quadro narra uma cena na qual aparecem vários personagens ao redor de Calúnia: a Adulação, o Artíficio, a Credulidade, a Astúcia, a Ignorância, a Verdade, entre outros. Na segunda página, cita um trecho do texto de Madame Roland, do livro *Memórias de Madame Roland*, uma mulher que teve um papel ativo na Revolução Francesa e morreu na guilhotina, em 1793. Em seguida, o texto apresenta as divisões: *mi infancia*, onde Sarmiento narrou alguns aspectos de sua infância e educação; *el militar e el hombre de partido*, texto no qual narra os momentos de conflitos vivenciados em San Juan, sempre em tom de defesa, bem como as posições e ações políticas que adotou em cada contexto; *el hijo, el hermano y el amigo*, onde explicou sobre como sustentava sua família no exílio. SARMIENTO, *Mi Defensa...*, *op. cit.*, p. 14. “Yo sé que puedo i que debo decir todo lo que a mi buen nombre interesa, para satisfacer a los que bien me quieren; para disipar las prevenciones de los alucinados por las calumnias que contra mí se vierten, o la indiscreta franqueza de mi lenguaje escrito, han formado opiniones erradas com respecto a mi carácter; para desarmar i confundir, en fin, a los que cuentan com mi silencio, con la imposibilidad en que, al parecer, me hallo de justificarme i de parar sus tiros. Yo me debo a mí mismo estos cuidados, estoi solo contra muchos”.

²²⁶ *Ibid.*, p. 19. “Don Domingo S. Godoy hallará matéria de mui fino ridículo en todas estas candidas confesiones, pero quiero darle armas más honestas de las que ha usado hasta ahora conmigo. Cada dia lamento la falta que siento de luces em ciertas materias, luces que solo pueden adquirirse en los colejos, i que ya es demasiado tarde para ponerse a remediála. Mis pobres estudios han sido pues desordenados e incompletos.”

²²⁷ *Idem*. “En la infancia, en los viajes, en el destierro, en los ejércitos, en medio de las luchas de los partidos, en la emigracion en fin, no he conocido mas amigos que los libros i los periódicos; no he frecuentado mas tertúlias que las de hombres de instrución.”

Sarmiento foi, sobretudo, um escritor habilidoso. Se por um lado se ressentia por não ter frequentado a escola, questão reforçada por diversos autores, por outro, conduzia o leitor para o caminho da valorização de tal ausência, em função do resultado final. Ao falar de si mesmo com certa (ou falsa?) humildade, já que assumia as acusações que lhe eram deferidas, optou por uma narrativa que legitimasse sua formação informal. Se o caminho da escola – elemento valorizado em um pensamento ilustrado – não foi possível, essa ausência culminou em um pensamento autônomo, argumento utilizado para legitimar sua educação não ilustrada e, ao mesmo tempo, desautorizar a fala do seu oponente. Neste sentido, é importante indagar até que ponto esse ressentimento atribuído a Sarmiento por ele não ter tido acesso à escola, tão recorrente entre vários analistas, não poderia ser entendido muito mais como um sentimento de orgulho que o autor possuía por ter vencido inúmeros obstáculos e se tornado um homem de letras, mesmo sem uma formação institucional.

Mas, a esta desordem mesmo, devo grandes vantagens, pois, que não tendo professores nem outro guia que meu próprio juízo, eu tenho sido sempre o juiz mais que o admirador da importância de um livro, suas ideias, seus princípios. Desta falsa posição nasceu a independência do meu pensamento e certa propensão a criar ideias próprias sem respeitar a autoridade dos outros.²²⁸

Em *Mi Defensa*, disse necessitar de uma reputação para oferecer à sociedade. No afã de construir uma imagem positiva acerca de si, elaborou sua autobiografia, que constituiu uma espécie de currículo. Ao se colocar como vítima, tentou se impor como herói nesta narrativa que só foi possível no contexto do exílio. Sarmiento soube eleger os inimigos que possibilitaram seu enaltecimento e aproveitou cada momento para edificar uma imagem de si.²²⁹ Mas a preocupação em se justificar diante da opinião pública não foi marca exclusiva. De acordo com Adolfo Prieto, tal inquietação esteve presente em grande parte das obras autobiográficas argentinas produzidas no século XIX, embora tenha sido inaugurada pelo sanjuanino em *Mi Defensa*.²³⁰ Em uma das cartas enviadas a Posse, Sarmiento desabafou:

Ademais minha posição é boa, ou melhor, não é má. A gente de peso, os literatos maduros, se reconciliaram comigo e me admitem em suas filas. A imprensa deste ano tem tratado de questões muito importantes, liberdade de

²²⁸ *Idem*. “Pero a este desorden mismo, debo grandes ventajas, pues, que no teniendo maestros ni más guía que mi propio juicio, yo he sido siempre el juez más bien que el admirador de la importancia de un libro, sus ideas, sus principios. De esta falsa posición ha nacido la independencia de mi pensamiento, i cierta propensión de crearme ideas propias sin respetar la autoridad de los otros.”

²²⁹ GRAMUGLIA, *op. cit.*, p. 276.

²³⁰ PRIETO. *La Literatura...*, *op. cit.*, p. 21.

culto, matrimônios mistos, até a *Revista Católica* discute comigo com a maior cortesia. Dizem que cada dia ganho mais em prudência e moderação, sem que por isso deixem de vez em quando de descarregar sobre mim os insultos mais brutais.²³¹

O vínculo com o periodismo se tornou talvez a principal forma de sobrevivência para o sanjuanino, mas as reclamações sobre a falta de dinheiro foram comuns nas cartas do escritor no período anterior à viagem de 1845. Embora tivesse construído vínculos profissionais e de amizade, parece que conseguir dinheiro não era algo assim tão fácil. Em carta a Manuel Montt, por exemplo, pediu dinheiro para a cirurgia do pai e para o estabelecimento de sua família no Chile. A solicitação de dinheiro quando da vinda de sua família pareceu ser um assunto um tanto quanto constrangedor para ele quando tratado com Manuel Montt. Além do cuidado com o qual abordou a questão, disse a Montt que preferiu escrever a falar pessoalmente.²³² Mediante um novo pedido de dinheiro, Sarmiento justificou gastos com a enfermidade do pai. Explicou ainda que contava com o salário de diretor da *Escuela Normal*, mas este estava demorando além do esperado; contava também com o salário referente à inspeção das escolas dominicais, atividade que foi cancelada; e com a redação de *El Mercurio*, que não estava lhe rendendo dinheiro, pois havia deixado de colaborar com o mesmo desde a criação de *El Progreso*.²³³

Também escreveu sobre a falta de dinheiro para o amigo Indalecio Martinez nos seguintes termos: “O dinheiro anda sempre sem que eu saiba por que se esquivando destas pecadoras mãos que tanto gostam de manusear o ingrato”²³⁴. Em outra ocasião, tentou vender um piano ao primo.²³⁵

Em 1845, comentou com Posse que aguardava a chegada de uma prensa para publicar seus “librejos” (constituídos por *Conciencia de un niño*, *Vida de Jesucristo*, *Arte de leer* e *História romana*) e, se conseguisse, negociaria uns tratados de gramática para deixar na

²³¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para José Posse. San Felipe, 29 de janeiro de 1845. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 51. “Por lo demás mi posición es buena, o más bien no es mala. La gente de peso, los literatos maduros, se han reconciliado conmigo, y me han admitido en sus filas. La prensa este año ha tratado cuestiones muy graves, libertad de culto, matrimonios mixtos, hasta la *Revista Católica* discute conmigo con la mayor cortesía. Dicen que cada día gano más en prudencia y moderación, sin que por eso dejen de cuando en cuando de descargarme los insultos más brutales.”

²³² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Montt. Santiago, 05 de dezembro de 1842. In: *Ibid.*, p. 38.

²³³ *Ibid.*, p. 38-39.

²³⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Indalecio Cortinez. Santiago, 20 de janeiro de 1842. In: *Ibid.*, p. 36. “La plata ha andado siempre sin que yo sepa porqué esquivándose de estas pecadoras manos que tanto gustan de manosear a la ingrata.”

²³⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Domingo Soriano Sarmiento. Santiago, 02 de dezembro de 1841. In: *Ibid.*, p. 45.

Facultad de Humanidades. “Construirei um patrimônio, que com um periódico sobre ensino, me dará do que viver.”²³⁶

As relações de sociabilidade e amizade estabelecidas, a grande produtividade textual, os desafetos e embates, longe de demonstrarem que a experiência do exílio foi algo fácil ou rápido de ser superado, implicaram a própria experiência da proscricção. A importância dada para muitos momentos desse contexto foi no sentido de construir uma reflexão que possibilitasse, ainda que de forma parcial, alcançar alguma percepção referente à amplitude de projetos, expectativas, desejos, anseios e tensões que estiveram presentes na vida de Sarmiento ao longo de sua trajetória até 1845, data em que partiu em direção à Europa. Sarmiento anotou suas impressões sobre o Brasil utilizando muitos filtros e parâmetros que, certamente, não teriam sido os mesmos casos tivesse partido de San Juan para o Rio de Janeiro sem a fase da proscricção.

Em 1845, Sarmiento publicou *La vida de Aldao* e *Facundo o civilización y barbárie*. Embora minha intenção não seja discutir esta última obra, pois fugiria do propósito do trabalho, é interessante traçar um rápido perfil da história de *Facundo*, pois foi principalmente esse texto que serviu à canonização do autor. Além disso, é fundamental ter em mente que, alguns meses após sua publicação, Sarmiento desembarcou no Brasil.

Facundo é considerado um dos livros de fundação da literatura argentina e hispano-americana. Foi o texto mais estudado de Sarmiento e recebeu inúmeras definições: biografia, panfleto político, estudo sociológico, obra de fundação da nacionalidade argentina, etc. Embora as ideias ali expostas estivessem presentes também em outras produções do autor, o texto foi objeto de canonização no decorrer do tempo, chegando mesmo a ser considerada a obra definitiva de Sarmiento. Esta valorização ocorreu devido ao alcance que obteve na época de sua publicação – que deu margem para elogios e críticas –, aos debates que provocou, à circulação alcançada e à indexação de determinadas representações.²³⁷

O texto se originou de forma circunstancial, seguindo a urgência da escrita periodística diária. Em 1845, Juan Manuel de Rosas enviou um representante diplomático ao Chile chamado Baldomero García. Ele solicitou a intervenção do governo Bulnes em relação à posição dos argentinos exilados no que se referia, principalmente, à publicação de artigos

²³⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para José Posse. San Felipe, 29 de janeiro de 1845. In: *Ibid.*, p. 51. “Me haré un patrimonio, que con un periódico sobre enseñanza, me dará pasablemente de que vivir”.

²³⁷ De acordo com Pagliai, a canonização de *Facundo* teve início a partir de 1880. Entretanto, ela tece uma interessante rede de leitores e comentaristas que transformaram *Facundo* em uma obra de importância na região do Prata logo após a sua escrita, sobretudo como texto combativo no contexto rosista, embora o seu alcance logo após a publicação tenha sido reduzido. PAGLIAI, *op. cit.*

antirosistas que também circulavam na Confederação Argentina em detrimento à censura. Andrés Bello, Oficial Maior do Ministério de Relações Exteriores do Chile, publicou uma nota oficial em *El Araucano* informando que o governo chileno não tinha autoridade para impedir a atividade da imprensa.

A tensão se tornou ainda maior, pois não só os argentinos não cessaram suas atividades como, em resposta à chegada de Baldomero García ao Chile, Sarmiento deu início às publicações de um folhetim em *El Progreso*, entre 2 maio e 7 junho de 1845, sob o título *Civilización i barbarie. Vida de Juan Facundo Quiroga*. Sarmiento considerava o folhetim um importante recurso para atrair a atenção dos leitores. Para piorar ainda mais a situação, um exilado argentino atacou um empregado da legação argentina nas ruas de Santiago e tirou sua cinta colorada, símbolo do rosismo. Ele foi preso, mas os jornais continuaram suas atividades. O periódico *El Diario de Santiago* foi o único a apoiar Rosas, com o propósito de atacar os argentinos, especialmente Sarmiento.²³⁸ A missão argentina foi um fracasso e, em 1846, Baldomero García retornou ao seu país.

Ainda em 1845, o folhetim de Sarmiento foi publicado como livro.²³⁹ Ao título original foi acrescentado “*aspecto físico, costumbres i ábitos de la República Arjentina*.” De acordo com Pagliai, o extenso título foi resultado do interesse do autor em alcançar um público mais vasto, para além do Chile e da Confederação Argentina.

É importante ter em mente a intencionalidade do autor na montagem do texto, sobretudo quando decidiu pela sua publicação em formato de livro. A obra é uma biografia do caudilho Facundo Quiroga. A introdução, narrada em tom épico, possui uma característica panfletária cujo objetivo é atrair a atenção dos leitores; na primeira parte, o autor descreveu aspectos físicos, hábitos e ideias da República Argentina, a partir de uma linha descritiva, que entende o homem como produto do meio, cuja influência se encontra em Alexis de Tocqueville e nos viajantes e naturalistas europeus do XVIII e do XIX. Ao analisar a paisagem argentina, Sarmiento a relacionou ao unitarismo, atribuindo essa ideia à uniformidade, à constância e à indivisibilidade do território. Enfatizou a originalidade e a

²³⁸ JAKSIĆ, Iván. Sarmiento y la prensa chilena del siglo XIX. **História**, Santiago: PUC-CH, v. 26, p. 117-144, 1991-1992. Disponível em: <<http://revistahistoria.uc.cl/estudios/3227/>>. Acesso em: 20/01/2014. p. 139.

²³⁹ Como folhetim, Pagliai enfatiza que o alcance de *Facundo* foi fragmentado, já que era publicado em um periódico diário, mas a temática gerou diversos debates no meio intelectual chileno. Como livro, existiram dificuldades quanto à distribuição. A carga para Montevidéu e para o Rio de Janeiro seguiu um longo percurso pelo mar; os livros despachados para a Europa naufragaram; pela Cordilheira dos Andes entraram clandestinamente 500 volumes na Confederação Argentina, mas o transporte era precário e arriscado. Além disso, Juan Manuel de Rosas proibiu o livro e ele só pôde ser mais amplamente divulgado na Confederação após a Batalha de Caseros (1852). Apesar das dificuldades iniciais de divulgação, a autora enfatiza a existência de inúmeros dados referentes à recepção. PAGLIAI, *op. cit.*, p. 55-61.

especificidade dos habitantes presentes nos tipos existentes na região (cantor, baqueano, rastreador, gaúcho).

A segunda parte consiste em uma biografia do caudilho Facundo Quiroga, associado a Rosas, mas também seu adversário, assassinado em uma emboscada em 1835. Sarmiento deu a entender neste texto que Rosas seria o assassino de Facundo, o que gerou diversas polêmicas na época. Facundo foi apresentado por Sarmiento como um produto típico dos pampas argentinos que culminavam em um tipo primitivo de bárbaro. Na terceira parte, Sarmiento criticou a política rosista e indicou um projeto político alternativo para a Argentina após a queda de Rosas.²⁴⁰

Em *Facundo*, Sarmiento interpretou o processo histórico argentino a partir da antítese civilização/barbárie. A publicação colocava em evidência dois termos aparentemente antagônicos e transferia para o debate público a tensão que implicavam, já que essas noções se tornaram matrizes do pensamento social latino-americano e um dos grandes eixos organizadores da vida nacional que perdura até a atualidade, ainda que com alterações e ressignificações.

Para a escrita de *Facundo*, Sarmiento utilizou, como inspiração e referências, reflexões de naturalistas, viajantes, militares, geógrafos, poetas e baqueanos. Em diversas correspondências, solicitou informações aos amigos para a composição da biografia. Contou com a sua memória, com documentação fragmentada e com a oralidade de terceiros.²⁴¹ E escreveu no calor da hora. A mistura desses ingredientes gerou um texto rico em seu conteúdo político, mas com informações inexatas e erros históricos. Esse foi um dos motivos das várias críticas, embora o sanjuanino tenha feito dos erros factuais uma marca registrada de sua escrita, geralmente imposta pela urgência.

É importante lembrar que o texto de *Facundo* sofreu diversas alterações ao longo das quatro publicações realizadas pelo próprio autor, transformações estas que estiveram relacionadas com as necessidades e interesses de cada momento. O autor atribuiu grande

²⁴⁰ Ver MÄDER, **Civilização e Barbárie...**, *op. cit.*, e PRADO, **Prefácio...**, *op. cit.*

²⁴¹ Em correspondência encaminhada a Sarmiento, seu amigo de San Juan, Antonino Aberastain, escreveu explicando sobre os caminhos que estava seguindo para conseguir informações sobre Facundo Quiroga para Sarmiento. Segundo Aberastain: “Para llenar el de recoger datos sobre la biografía de Facundo Quiroga, he visto a todos los riojanos capaces de darlos. He obtenido que don Amaranto Ocampo, mui instruído en todo, escriba algo; pero van con calma, a pesar de mis instancias. Don Pantaleón García [...] se ha propuesto suministrarme datos exactos. Ya me ha dado muchos hechos, y bajo su dictado estoy haciendo apuntes los más luminosos que puede usted obtener jamás. También he escrito a la Sierra a don José María Martínez, que dicen pasó su infancia con él y tiene tan buena memoria. [...] En fin, algunas anécdotas y hechos recojo que mandaré a usted. He emprendido a don Francisco D. García para que escriba a Oro a fin de que proporcione a usted muchos datos que tiene.” ABERASTAIN, Antonino. Carta para Domingo Faustino Sarmiento. Copiapó, 16 de março de 1845. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 64.

importância a esta obra, depositando nela a expectativa de ser respeitado como escritor. “Sempre na linha de ganhar adeptos com a escrita, nem com os anos e a fama Sarmiento destituiu a *Facundo* dessa função promotora original de sua pessoa, de suas ideias, de sua política, de suas variadas ambições e aptidões”.²⁴² Em sua primeira viagem ao exterior, na qual passou pelo Brasil, *Facundo* era o principal item de sua bagagem.

1.4. A *mis compatriotas solamente*: da viagem a *Recuerdos de Provincia*

É preciso considerar, ao analisar a trajetória de Sarmiento, a interdependência com outros grupos sociais de sua época. Conforme Elias, esse elemento é importante para que seja possível discernir o que uma pessoa, envolvida por tal sociedade, poderia ou não fazer.²⁴³ Neste sentido, após as diversas contendas sofridas, Sarmiento considerou a possibilidade de ir para a Bolívia, mas Montt o convidou para viajar ao exterior. Assim, ainda em 1845, Sarmiento foi contratado pelo governo chileno para realizar uma pesquisa acerca dos sistemas educacionais e de colonização nos países europeus e nos Estados Unidos. Esta viagem já havia sido proposta por ele ao então Ministro da Instrução Pública, Manuel Montt, em 1842, mas este considerou mais conveniente criar primeiro a *Escuela Normal de Instrucción Primária*, cuja direção coube ao próprio Sarmiento. Na decisão pela viagem também pesaram para o governo chileno as dificuldades diplomáticas que vinha enfrentando nas relações com a Confederação Argentina, em função da campanha antirosista levada a cabo por Sarmiento por intermédio dos periódicos, da qual fizeram parte a publicação de *Facundo* e os debates suscitados por este e por outros textos. O convite, portanto, ocorreu em um contexto de pressões do governo rosista em relação à atividade dos periodistas argentinos exilados no Chile. Para Pagliai, o resultado dos debates em torno da publicação de *Facundo* no Chile não foi favorável ao autor, elemento que corroborou a decisão de Montt.²⁴⁴

Para Javier Fernández, os textos sobre Juan Manuel de Rosas, publicados por Sarmiento, devem ser considerados mediante sua produção geral, constituída de artigos cujos assuntos eram os mais variados. Conforme esse autor, os artigos do sanjuanino “contra o

²⁴² PAGLIAI, *op. cit.*, p. 39: “Siempre en la línea de ganar adeptos con la escritura, ni aun con los años y la fama Sarmiento destituyó al *Facundo* de esa función promotora original de su persona, de sus ideas, de su política, de sus variadas ambiciones y apetencias”.

²⁴² Pagliai neste artigo discute as várias alterações pelas quais passou *Facundo* no decorrer da vida de Sarmiento e busca relacionar tais mudanças aos contextos por ele vivenciados em cada momento. *Ibid.*, p. 33-66. Grifo meu.

²⁴³ ELIAS, *op. cit.*, p. 19.

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 53.

ditador bonaerense foram uma escassa parte das centenas que escreveu durante esses anos.”²⁴⁵ Ao que parece, Fernández tenta relativizar a importância que Sarmiento atribuiu ao rosismo em sua escrita. Entretanto, partindo do ponto de vista das correspondências, parece evidente que as questões políticas que assolavam a Confederação Argentina, com especial atenção para Rosas, foram assuntos prioritários, embora em grande parte das cartas nas quais tal questão foi abordada também seja possível observar a existência de outros temas. De qualquer forma, quanto à viagem, parece claro que a decisão final “não dependia senão da contingência e de quem pudesse facilitá-la”²⁴⁶. O vínculo com o governo chileno poderia ser um “facilitador” para Sarmiento conhecer outros países. Além disso, neste contexto, “Sarmiento acredita ter em *Facundo* sua melhor carta de apresentação”.²⁴⁷

Em 28 de outubro de 1845, Domingo Faustino Sarmiento embarcou em uma viagem com destino à Europa. Como bem pontuou Fernández, neste momento, porém, ele já não era o mesmo de 1841. De recém-exilado transformou-se em um escritor polêmico, peça-chave na oposição ao rosismo e figura de destaque no meio intelectual chileno. Na bagagem, levou alguns volumes de *Facundo* para divulgar no exterior. Adriana Amante anotou essa estratégia nos seguintes termos: “Entretanto, não é indiscutivelmente alguém, mas já está convencido de que pode sê-lo todo”.²⁴⁸ Também é importante lembrar que entre a ideia inicial de 1841 e o momento de concretização da viagem, em 1845, Sarmiento pôde refletir acerca da escrita de um possível diário de viagem para futura publicação.

A viagem iniciada aos 34 anos, de Valparaíso em direção ao Rio da Prata (e posteriormente ao Rio de Janeiro e a Europa), nas palavras de Juan José Saer, representou a primeira confrontação do sanjuanino “com os arquétipos políticos, sociais e literários que, desde a sua adolescência, haviam moldado seu pensamento”²⁴⁹. Esta experiência possibilitou a Sarmiento que entrasse em contato com uma série de paisagens e grupos sociais já descritos em seus textos, mas ainda não conhecidos, pois até então nunca havia percorrido longas distâncias. A maior cidade que conhecia na época em que realizou a sua primeira grande viagem era Santiago do Chile.

²⁴⁵ FERNÁNDEZ, Javier. Introducción del Coordinador. In: SARMIENTO, *Viajes...*, *op. cit.*, p. XXIII. “Contra el dictador bonaerense fueron una escasa parte de los centenares que escribió durante esos años.”

²⁴⁶ *Idem*. “No dependía sino de la contingencia y de quien pudiera facilitarlo.”

²⁴⁷ PAGLIAI, *op. cit.*, p. 53. “Sarmiento cree tener en el *Facundo* su mejor carta de presentación”. Grifo meu.

²⁴⁸ FERNÁNDEZ, *Introducción...*, *op. cit.*, p. XXIII e AMANTE, *Introducción...*, *op. cit.*, p. 8. “Todavía no es indiscutiblemente alguien pero ya está convencido de que puede serlo todo.”

²⁴⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes...*, *op. cit.*, p. XVII. “Con los arquétipos políticos, sociales y literarios que, desde su adolescencia, habían moldeado su pensamiento”.

Nesta viagem, realizada entre 1845 e 1848, Sarmiento cruzou o Oceano Atlântico e passou por três continentes. Saiu de Valparaíso em outubro de 1845, carregando três malas, cartas de apresentação, uma quantidade modesta para seus gastos, além de alguns exemplares de *Facundo*. Passou por Montevideu, Rio de Janeiro e, em maio de 1846, desembarcou na Europa, onde conheceu algumas cidades da França, da Espanha, da Itália, da Suíça, da Alemanha e da Inglaterra. Também visitou a Argélia.²⁵⁰ Após sua passagem pela Europa e África, cruzou o Atlântico em direção aos Estados Unidos. Desembarcou em Nova York em setembro de 1847 e permaneceu por dois meses neste país, retornando a Valparaíso em fevereiro de 1848.²⁵¹

San Martín, Humboldt (de quem afirma ter recebido “mil atenções em homenagem ao governo do Chile”²⁵²), o educador Horace Mann, sua esposa Mary Mann e até mesmo o Papa foram algumas das figuras ilustres que conheceu em sua viagem e cujos encontros descreveu em suas narrativas.²⁵³ Durante a viagem, Sarmiento também teve contato com outros exilados argentinos. No Uruguai, Estebán Echeverría, Bartolomé Mitre, Florencio Varela, Dalmacio Vélez Sarsfield e, no Rio de Janeiro, José Mármol.

Sua viagem também serviu ao propósito de divulgar seus escritos, especialmente *Facundo*, “uma chave de leitura do mundo de que provém”, segundo Torres.²⁵⁴ Voltou com uma crença ainda maior em seu poder de escrita e na sua força de autoria, já que, após a longa peregrinação pela Europa, logrou comentários a respeito de *Facundo*, em uma resenha de Charles de Mazade, publicada na *Revue des Deux Mondes* em novembro de 1846,²⁵⁵ além de outros comentários críticos e traduções.²⁵⁶

²⁵⁰ Sobre a viagem a Argélia ver a interessante reflexão de: CICERCHIA, Ricardo. *Journey to the centre of the Earth: Domingo Faustino Sarmiento, a man of letters in Algeria*. **J. Lat. Amer. Stud.**, Cambridge: Cambridge University Press, v. 36, p. 665-686, 2004.

²⁵¹ Sarmiento permaneceu nos Estados Unidos durante seis semanas. Neste período, percorreu 21 estados do leste e ainda fez uma breve passagem por Montreal.

²⁵² SARMIENTO, **Recuerdos...**, *op. cit.*, p. 167. “Mil atenciones en honor al gobierno de Chile”.

²⁵³ Em sua pesquisa sobre os estabelecimentos de ensino europeus, Sarmiento buscou visitar as escolas pelas quais o educador estadunidense Horace Mann havia passado, quando fez uma viagem com propósitos parecidos com o do sanjuanino. Horace Mann (1796-1859) atuou na criação de escolas nos Estados Unidos, principalmente voltadas para surdos e mudos. Foi secretário da educação, legislador e governador de Massachusetts. Em 1847, quando de sua visita aos Estados Unidos, Sarmiento se encontrou com Mann em West Newton. Em suas conferências, Mary Mann, a esposa do educador estadunidense, os auxiliou traduzindo as conversas para o francês. Sarmiento estabeleceu uma amizade com o casal e, alguns anos depois, aprofundou os vínculos com Mary Mann, com a qual trocou diversas correspondências, muitas delas tecendo comentários sobre o Brasil e a Guerra da Tríplice Aliança.

²⁵⁴ TORRE, *op. cit.*, p. 461. “Una clave de lectura del mundo del que proviene”.

²⁵⁵ Charles de Mazade foi um escritor e político francês editor da *Revue des Deux Mondes*.

²⁵⁶ Pagliai fornece uma descrição de alguns comentaristas e das traduções realizadas durante o período em que Sarmiento estava em viagem pela Europa. PAGLIAI, *op. cit.*, p. 54-56.

A experiência de viagem de Sarmiento tem sido abordada pela historiografia, sobretudo a partir das conformações que tal experiência teria trazido para o olhar do sanjuanino. Diversos autores enfatizam que a experiência de viagem e conhecer países europeus e norte-americanos teria modificado seu olhar em relação às suas concepções políticas e sociais. Esses analistas também concordam com a ideia de que as viagens criaram uma desilusão com relação à Europa. Sarmiento considerou a legitimidade dos governos europeus desgastada e observou enormes contrastes sociais ao se impressionar com trabalhadores urbanos que vagavam em condições miseráveis pelas ruas de cidades da França e da Prússia.²⁵⁷ Tal experiência teria produzido uma nova postura de Sarmiento, de acordo com Katra, que seria a defesa da pequena cidade ou vila como centro do progresso e da civilização. Katra enfatiza ainda que o resultado da viagem aos Estados Unidos é contraditório, já que o autor não tocou (ou tocou de forma vaga) em temas importantes em relação à sua convicção política, como a questão da escravidão que considerava degradante para a sociedade, embora tenha se voltado para este assunto ao passar pelo Brasil, questão que será discutida no terceiro capítulo.

Para Maria Elisa Mäeder, a viagem de Sarmiento foi necessária para que ele adotasse uma determinada concepção de liberdade e de república com fervor e entusiasmo, identificada, sobretudo, com a experiência democrática estadunidense.²⁵⁸ A convicção no modelo de república norte-americano o fez pensar também “em uma sociedade aberta, na qual imigrantes e capital podiam fluir e onde garantias civis naturalmente abriam caminho para o progresso”.²⁵⁹ Torres também caminha nesta direção ao afirmar que os dois meses que permaneceu na América do Norte foram cruciais para suas concepções intelectuais.²⁶⁰

Esses autores consideram a experiência adquirida a partir do olhar sobre a Europa e sobre os Estados Unidos. O Brasil, entretanto, não figura nestes estudos como elemento-chave para a formação de perspectivas políticas e sociais. Muitos autores também consideram essa experiência de viagem a mais importante realizada pelo sanjuanino ao longo da vida. Para Javier Fernández, esta talvez tenha sido a mais original e interessante viagem realizada por um argentino no século XIX.

Sarmiento retornou ao Chile em 1848 trazendo anotações, estatísticas e observações. Como parte das contas que teve que prestar pela sua viagem, apresentou um informe técnico

²⁵⁷ Ver: KATRA, William H. Rereading *Viajes*: Race, Identity, and National Destiny. In: _____. **La Generación de 1837**. Buenos Aires: Emecé, 2000.

²⁵⁸ MÄDER, **Civilização e Barbárie...**, *op. cit.*, p. 57.

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 57 e 58.

²⁶⁰ TORRE, *op. cit.*, p. 453.

ao *Ministério da Instrução Pública*. Os resultados da viagem foram importantes para que Manuel Montt fundamentasse seu projeto de lei sobre Instrução Pública. A partir deste e de outros escritos, em 1849 Sarmiento publicou *De la educación popular*.

Sarmiento também registrou suas observações em correspondências dirigidas aos mais diversos interlocutores. Esses textos foram publicados em dois volumes, em 1849 e em 1851, respectivamente, sob o título *Viajes por Europa, África e América*. Também apareceram nos diários do Chile e do Uruguai, da Espanha e da França e, em 1856, em diários de Buenos Aires.

Viajes está organizada a partir de onze cartas destinadas a vários interlocutores, a maior parte deles também exilados argentinos que viviam no Chile e no Uruguai. Em uma destas cartas, narrou sua experiência no Brasil, local onde permaneceu por dois meses.

De acordo com Fernández, o texto de *Viajes* não foi lido por muitas pessoas na ocasião de sua publicação e nem foi motivo de polêmica.²⁶¹ Embora a narrativa de *Viajes* não tenha sido tão debatida quanto *Facundo*, o seu autor obteve prestígio pela viagem e pela acolhida deste último título no exterior.

Alguns meses após seu retorno, Sarmiento se casou com Benita Martínez, uma sanjuanina viúva de um chileno, que tinha um filho pequeno chamado Domingo Fidel (apelidado de Dominguito), que foi adotado por ele.

No ano de 1849, sob pressão do governo chileno, Sarmiento se afastou da vida pública, pois sua atuação estava prejudicando a diplomacia entre Chile e Confederação Argentina. Por este motivo, sua atividade como periodista não foi tão intensa como antes, mas ainda assim foi ininterrupta.

Em 1850, Sarmiento publicou *Recuerdos de Provincia*, considerada pela historiografia uma de suas mais importantes obras. Contando com 39 anos de idade, nesta obra o sanjuanino aprofundou aquilo que havia feito alguns anos antes em *Mi Defensa*. Embora existam várias reedições de *Recuerdos* em espanhol, não temos esta obra traduzida para o português, embora muitos historiadores enfatizem a sua importância no que concerne à produção sarmientina e aos textos fundadores e emancipacionistas da América Latina.

Recuerdos de Provincia (assim como *Mi Defensa*) são textos cujo estatuto é arriscado e difícil definir. Suas autobiografias, assim como outras narrativas que escreveu, são consideradas por alguns pesquisadores como parte de um conjunto de obras que Ana Pizarro denominou como literatura de emancipação. De acordo com esta autora, “a emancipação do

²⁶¹ FERNÁNDEZ, *Introducción...*, op. cit., p. XXIV.

discurso literário antecede em nosso continente à emancipação política.”²⁶² Neste sentido, a primeira metade do século XIX, para esta autora, foi o campo propício ao desenvolvimento de uma série de narrativas inscritas em um projeto comum para vários países (em formação) da América hispânica: a constituição da nação.

A relação contratual de que trata Lejeune estava presente na capa da primeira edição.²⁶³ O nome do autor não aparecia, mas a identidade era indicada pelo complemento: “por El autor de Civilización y Barbarie, Viajes por Europa, África e America i Educación popular”. O texto, dividido em vários subitens, iniciava com o título dedicatória “a meus compatriotas somente”. Na introdução, Sarmiento afirmou que as páginas que seguiam eram confidenciais e dirigidas a uma centena de pessoas.

Recuerdos é uma história de antepassados na qual Sarmiento estabeleceu sua linhagem de sangue, bem como sua linhagem histórica. Tem início com um quadro genealógico que culmina nele próprio. Os primeiros capítulos foram dedicados à história dos fundadores de San Juan, descendentes dos primeiros espanhóis.

Sarmiento estabeleceu os vínculos entre seus antecedentes e este espaço desde *Los Huares*, antigo grupo indígena que vivia na região quando chegaram os colonizadores e que dá nome a um dos capítulos de sua autobiografia. Os próximos capítulos foram dedicados a antigas famílias de San Juan, “los Sayavedras”, “los Oro”, etc., nos quais se destacam personagens que, em seu ponto de vista, tiveram importância na história de San Juan e em sua formação intelectual, moral e/ou política. Após discorrer sobre as antigas famílias sanjuaninas, escreveu sobre sua família, sua mãe, seu pai, suas irmãs, “el hogar paterno”, além de “mi educación” e “la vida pública”, onde explicou como se deu sua entrada nos debates e conflitos políticos de seu tempo de juventude. Ao final da autobiografia, narrou sua estadia no Chile, seus contatos e sua experiência como escritor, periodista e educador.²⁶⁴

Nas palavras dos críticos literários Carlos Altamirano e Beatriz Sarlo, *Recuerdos* constitui “uma teoria da história nacional pensada através de seus tipos fundamentais: uma linhagem de grandes homens que culmina no próprio Sarmiento”.²⁶⁵ Na autobiografia estão

²⁶² PIZARRO, *op. cit.*, p. 23. Tal emancipação teve início, de acordo com a autora, com a expulsão dos jesuítas no século XVIII. “La emancipación del discurso literário antecede en nuestro continente a la emancipación política.”

²⁶³ Refiro-me à ideia de pacto autobiográfico, no qual ocorre no texto a afirmação da identidade do autor e o desejo manifesto de o autor honrar sua assinatura. Ver: LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

²⁶⁴ SARMIENTO, *Recuerdos...*, *op. cit.*

²⁶⁵ ALTAMIRANO, *Ensayos argentinos...*, *op. cit.*, p. 106. “Una teoría de la historia nacional pensada a través de sus tipos fundamentales: un linaje de grandes hombres que culmina en el propio Sarmiento.”

presentes elementos que caracterizam o gênero autobiográfico e biográfico, como costumes de grupos e épocas, o panegírico, o anedótico, a cronologia, os retratos físicos e morais, juízos políticos e históricos.

Recuerdos de Provincia e *Mi Defensa* podem ser consideradas como autobiografias ou escritas de si, no sentido de uma narrativa na qual o autor buscou imprimir a memória de alguns aspectos de sua experiência de vida, criando um sentido de si, de suas ações, sentimentos e posturas, dando um significado a sua história por meio da sistematização dos elementos que considerou importantes o suficiente para serem contados. De acordo com Lejeune, o pacto autobiográfico é firmado entre o escritor e o leitor por meio da publicação. Propõe a imagem de si como verdadeira, a narrativa como expressão do testemunho do autor. O autor reivindica seu lugar de escritor, de pensador. É um ato de construir uma identidade e de comunicá-la, de justificá-la perante os demais. A história social ou política também pode ocupar espaço na autobiografia, elemento que sem dúvida alguma também está presente em *Recuerdos*.²⁶⁶

Com frequência, os gêneros literários da biografia e da autobiografia abordam a vida dos indivíduos de forma cronológica, a partir do nascimento, culminando em sua morte (no caso das biografias) e no momento presente ou de sucesso (no caso das autobiografias). Em *Recuerdos*, a narrativa inicia no plano histórico das origens dos habitantes de San Juan e termina com a produção bibliográfica do autor quando este vivia no Chile e já ocupava uma posição de destaque no meio intelectual chileno e platino.

Não há nada que não seja significativo na história passada e que não projete suas luzes e suas sombras sobre a vida do último grande homem sanjuanino, ele próprio Sarmiento: como tudo é significativo, tudo é entrelaçado no movimento do texto, que nunca deixa de assinalar as coincidências, as similitudes, os paralelos, as amplificações que unem história nacional e biografia pessoal.²⁶⁷

A autobiografia é ainda um gênero que guarda relação direta com a memória, uma memória seletiva. Nas duas autobiografias, as narrativas apontam para a pluralidade. Além de ser uma resposta aos seus oponentes, ao escrever *Mi Defensa* e *Recuerdos de Provincia*, o autor pretendeu criar uma imagem de si. De acordo com Angela de Castro Gomes, escrever

²⁶⁶ LEJEUNE, *op. cit.*

²⁶⁷ ALTAMIRANO, *Ensayos argentinos...*, *op. cit.*, p. 107. “No hay nada que no sea significativo en la historia pasada y que no proyecte sus luces y sus sombras sobre la vida del último grande hombre sanjuanino, el propio Sarmiento: como todo es significativo, todo es entrelazado en el movimiento del texto, que nunca deja de señalar las coincidencias, las similitudes, los paralelos, las amplificaciones que unen historia nacional y biografía personal.”

sobre si mesmo a partir de uma lógica retrospectiva é uma forma de o indivíduo conviver com as tensões do individualismo moderno e também uma maneira de criar uma sequência lógica, estável e coerente de sua existência, mediante as incompletudes e fragmentações da experiência vivida. A autobiografia possibilita ainda que a verdade seja alcançada a partir da história de vida, por meio do contato com a experiência íntima cotidiana, pois, em uma cultura da sociedade de tipo moderno, “a verdade passa a ter um forte vínculo com as ideias de foro íntimo”.²⁶⁸

É necessário ter em mente que, apesar da valorização das biografias e autobiografias na historiografia atual, como qualquer outro tipo de fonte, a autobiografia apresenta limites por ser fragmentária, subjetiva e fruto de uma memória seletiva, embora em muitas biografias sobre Sarmiento esses textos tenham sido utilizados como fontes documentais que atestam a verdade, corroborando, em grande medida, o projeto de Sarmiento de se colocar como o grande baluarte da nação argentina.

Para Altamirano e Sarlo, *Recuerdos* foi escrito com propósitos políticos, a chave da obra é política, mas não pode ser reduzida a esse objetivo devido a sua heterogeneidade. É preciso considerar que a autobiografia foi escrita para Sarmiento se defender dos ataques rosistas e para salvaguardar sua reputação frente aos argentinos. Segundo esses autores, “a polêmica rosista é só um pretexto para uma operação mais complexa e ambiciosa”: uma espécie de propaganda política, contrária ao regime dos caudilhos.²⁶⁹

Altamirano e Sarlo, autores que têm sido utilizados com grande recorrência nos estudos referentes a *Recuerdos*, interpretam que Sarmiento, ao escrever sua autobiografia, tinha como objetivo criar uma imagem positiva de si com vistas a se tornar o futuro presidente da República Argentina, ideia essa que, todavia, não aparece de forma literal no texto.

Na mesma época da publicação de *Recuerdos*, a luta contra o rosismo adquiriu contornos distintos entre os exilados, os países vizinhos à Confederação e algumas províncias da própria Confederação. Os governos de Corrientes e Entre Ríos reclamavam do encargo de Relações Exteriores. Além disso, fracassaram as negociações das províncias do litoral para regulamentar a navegação. Os exilados argentinos que viviam no Chile e em Montevidéu ansiavam pelo fim do rosismo, que viam possível devido à posição ocupada por Justo José de Urquiza, um caudilho federal do litoral que contava com apoio nacional e internacional contra o governo de Buenos Aires, o que incorreu em uma crise.

²⁶⁸ GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13.

²⁶⁹ ALTAMIRANO, **Ensayos argentinos...**, *op. cit.*, p. 105. “La polémica rosista es sólo el pretexto para una operación mas compleja y ambiciosa”.

Neste contexto, as obras de Sarmiento, principalmente *Argirópolis*, adquiriram destaque entre os governantes do interior. Ele acreditava que um dos maiores problemas para a Confederação Argentina residia no desequilíbrio de riquezas entre Buenos Aires e as demais províncias. *Argirópolis*, também publicado em 1850, consiste em uma proposta de transferência da capital federal – juntamente com a afândega, cujo lucro deveria, a partir de então, ser dividido entre todas as províncias – para a ilha Martín Garcia. *Argirópolis* seria então a nova capital e sede da ligação entre o Paraguai, o Uruguai e as demais províncias da Confederação.

A “carta-programa” apresentada por Sarmiento trouxe mais elementos para os governantes do interior refletirem sobre o papel de suas cidades na conjuntura *rosista* em relação a Buenos Aires.²⁷⁰ Na introdução da obra, comentou: “O presente opúsculo foi escrito com a mente a sugerir, pelo estudo dos antecedentes da luta, a geografia do país e as instituições argentinas, um meio de pacificação que por sua vez ponha fim aos males presentes e cegue em sua fonte a causa de novas complicações [...]”²⁷¹. Argumentou ainda que o texto se dirigia “aos governos confederados das províncias argentinas”, mas também “ao chefe das forças que sitiam Montevideu” e “ao agente da França que sustenta a defesa da praça acreditando interessada a sorte dos seus nacionais no desenlace da luta”.²⁷²

Sarmiento decidiu entrar na luta armada por meio da organização de uma expedição militar que atacaria a partir de Cuyo, juntamente com alguns compatriotas, entre os quais Bartolomé Mitre e Wenceslao Paunero e uma tropa com duzentos veteranos da independência e quatrocentos sanjuaninos exilados.²⁷³ Entretanto, com o assassinato de algumas lideranças antirosistas, o projeto foi inviabilizado.

²⁷⁰ Para uma reflexão sobre a utilização do gênero utópico em *Argirópolis*, bem como para o diálogo estabelecido por Sarmiento com o contexto político argentino e a proposição de soluções para o país nesta obra, ver: TERLIZZI, Bruno Passos. **Utopias e projetos de modernidade: Argirópolis a superação utópica da barbárie** em D. F. Sarmiento. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/bruno_terlizzi.pdf>. Acesso em: 04/08/2013.

²⁷¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Argirópolis*. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XIII. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 15. “El presente opúsculo ha sido escrito con la mente de sugerir, por el estudio de los antecedentes de la lucha, la geografía del país y las instituciones argentinas, un medio de pacificación que a la vez ponga término a los males presentes y ciegue en su fuente la causa de nuevas complicaciones”.

²⁷² *Idem*. “A los gobiernos confederados de las provincias argentinas”; “al jefe de las fuerzas que sitian a Montevideo”; “al agente de la Francia, que sostiene la defensa de la plaza creyendo interesada la suerte de sus nacionales en el desenlace de la lucha.”

²⁷³ Wenceslao Paunero nasceu na Banda Oriental e após a separação da República Argentina e do Uruguai, continuou servindo militarmente à primeira, na qual aderiu ao partido Unitário. Também esteve exilado no período *rosista*. Foi ministro da guerra durante o mandato de Bartolomé Mitre e enviado como Ministro Plenipotenciário ante o Império brasileiro durante o mandato de DFS, nos últimos anos da Guerra do Paraguai.

Mediante um convite de Justo José de Urquiza, Sarmiento pôde aderir à Campanha contra Rosas. Do quartel-general de Guleguaychú, às margens do Rio Uruguai, Urquiza escreveu a Sarmiento se mostrando contente pelo sanjuanino ter manifestado interesse em acompanhá-lo como encarregado da edição do boletim do *Ejército Grande de Sudamérica*. Urquiza optou pela divulgação de boletins de guerra durante a campanha contra Rosas, com o objetivo de estimular os soldados aliados e criar expectativas no inimigo. Na correspondência dirigida a Sarmiento, Urquiza afirmou que havia muito tempo Sarmiento já estava em campanha “combatendo com seus escritos ao tirano de nossa pátria” e que “seus serviços e inteligência serão de muita utilidade”.²⁷⁴ Em 1852, Sarmiento se uniu ao *Ejército Grande Aliado Libertador* como boletineiro.

1.5. *Yo sigo preparándome: de Caseros à República Argentina*

Em 1852, Sarmiento se uniu a Urquiza contra Rosas em uma campanha militar que envolveu argentinos, uruguaios e brasileiros. O auge foi a *Batalha de Monte Caseros*, quando Rosas foi confrontado pelas tropas aliadas e derrotado, fugindo em seguida para o exílio. Após esse confronto, Sarmiento viajou pela segunda vez para o Rio de Janeiro, local onde permaneceu durante algumas semanas.

Para percorrer o período buscando as relações e impressões de Sarmiento acerca do Brasil, utilizarei dois conjuntos documentais: a produção do sanjuanino sobre a *Batalha de Caseros*, registrada na obra *Campaña en el Ejército Grande Aliado de Sud-América*, e as correspondências trocadas entre ele e brasileiros que ocuparam posições de destaque na campanha ou como funcionários do Império, como Paulino José Soares de Sousa (o futuro Visconde do Uruguai) e Honório Hermeto Carneiro Leão.²⁷⁵

Campaña se caracteriza como um texto fronteiriço quanto ao gênero, devido à variedade discursiva que o constitui. Nele, Sarmiento registrou sua experiência na campanha contra Rosas, narrando desde a saída do Chile, na companhia de Paunero, Mitre e outros exilados argentinos, passando pelas batalhas, negociações e decepções que teve com Urquiza, até sua estadia no Rio de Janeiro, após a derrocada de Rosas. O livro é formado por cartas

²⁷⁴ URQUIZA, Justo José de. Carta para Domingo Faustino Sarmiento. Guleguaychú, 16 de novembro de 1851. In: SARMIENTO, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 41. “Combatiendo con sus escritos al tirano de nuestra patria”; “sus servicios e inteligencia serán de mucha utilidad”.

²⁷⁵ Paulino José Soares de Sousa e Honório Hermeto Carneiro Leão foram políticos brasileiros. Eles ocuparam diversos cargos públicos durante o período Imperial e participaram dos conflitos na região platina na metade do século XIX, defendendo os interesses brasileiros. Esse assunto será retomado nos próximos capítulos.

oficiais e privadas de diversos remetentes, alguns boletins que redigiu no *front*, conversas, artigos de periódicos, o diário de campanha, entre outros documentos. “Uma rapsódia [...]: uma junção de modalidades discursivas diversas, que se unem sem necessidade nem conexão forçosa”.²⁷⁶

Campanña foi editada a partir de três entregas realizadas pelo seu autor. As duas primeiras foram impressas no Brasil, sendo que a primeira foi concretizada no Rio de Janeiro, após ser organizada em Petrópolis. A terceira entrega foi feita no Chile.

Campanña está dividida em três partes distintas e autônomas. O testemunho dos acontecimentos e a posição política do autor deram o fio condutor à narrativa. A primeira parte recebeu o título *Ad Memorandum* e foi publicada no Rio de Janeiro em 1852. O restante, publicado inicialmente no Chile, foi também reproduzido na Argentina no periódico *El Nacional*. O *Ad Memorandum* constitui, de acordo com o autor, um “labirinto de fragmentos”. O texto faz referência aos antecedentes históricos da campanha e inclui informações publicadas em periódicos de Santiago e uma série de cartas trocadas entre 1848 e 1852 entre Sarmiento e diversos interlocutores envolvidos na luta contra Rosas, até o momento em que ele informou a Urquiza sobre sua partida para o Rio de Janeiro e de lá para o Chile.

A segunda parte, formada pelo prólogo, consiste em uma apresentação de Sarmiento e uma carta enviada a Bartolomé Mitre do Rio de Janeiro. Este segmento, de acordo com o autor, tem o propósito de “colocar ordem por escrito às minhas últimas reminiscências”²⁷⁷. Neste intervalo da obra também constam os boletins escritos durante a Campanha, sendo que dos 26 somente o terceiro e o vigésimo foram inseridos integralmente no livro pelo autor na ocasião da publicação.²⁷⁸

Sarmiento era o *boletínero*, atividade que realizou por meio de uma imprensa volante que acompanhava as tropas dos aliados. Os boletins trataram a campanha como epopeia, incitando os leitores por meio da descrição de pormenores. Eram traçadas as estratégias do inimigo e das tropas aliadas, mas com determinados artifícios narrativos que inflamavam e instigavam o imaginário dos soldados. O autor exagerava, aumentando o poder dos pares e diminuindo a capacidade de fogo do inimigo. Relatava detalhes referentes às condições dos chefes, às mazelas vivenciadas pelas tropas, às deserções e mortes, à fartura ou escassez de

²⁷⁶ AMANTE, Adriana. Sarmiento el boletínero: del diario de campaña al libro de vistas y paisajens: In: JITRIK, *História crítica...*, op. cit., p. 187. “Una rapsodia [...]: un ensamble de modalidades discursivas diversas, que se unem sin necesidad ni conexión forzosa.”

²⁷⁷ SARMIENTO, *Campanña...*, op. cit., p. 47. “Poner orden por escrito a mis últimas reminiscencias”.

²⁷⁸ Sarmiento não incluiu no livro todos os boletins escritos durante a Campanha contra Rosas. Seu neto, Augusto Belín Sarmiento, editor das *Obras Completas*, intercalou os boletins que não haviam sido inseridos originalmente.

recursos ou omitia informações. De acordo com Sarmiento, sua participação se deu de forma dupla, pois arrastou “do Pacífico ao campo de batalha aquela imprensa do Chile”.²⁷⁹ Na redação de alguns boletins, contou com a ajuda de Mitre, um dos chefes da artilharia. Teve auxílio ainda de um desenhista, um litógrafo, um empreiteiro, dois tipógrafos e um oficial e por meio de sua atividade de *boletínero* “continuou fulminando e perseguindo o tirano [Rosas] até as ruas de Buenos Aires”, conforme fez questão de enfatizar em *Campaña*.²⁸⁰

A publicação da segunda parte de *Campaña* foi dedicada a Juan Bautista Alberdi. “Conságrole a usted estas páginas”, escreveu Sarmiento, reprovando a situação de Alberdi como Embaixador da Confederação perante o Chile, pois tal cargo não havia sido oficialmente reconhecido pelo governo chileno. A orientação do sanjuanino era de que Alberdi se posicionasse de acordo com ele próprio, “na conveniência de não nos mesclarmos neste período de transição passageira, no qual a caudilhagem vai se esgotar em esforços inúteis para prolongar uma ordem de coisas de hoje mais impossível na República Argentina”.²⁸¹ Essa carta parece ter sido o ponto de partida e ruptura para a polêmica iniciada entre ambos e que renderia muitos debates e críticas ao longo dos anos.

Na terceira parte, o autor descreveu a campanha militar contra Rosas, com base em um caderno de bolso que carregou durante o conflito, onde anotava os pormenores e impressões relacionadas às suas observações. Na advertência ao leitor, reivindicou sua posição de testemunha ocular para narrar os acontecimentos: “[...] com relação à verdade dos feitos, não admito testemunho contrário a não ser dos que estiveram olhos e pernas e braços na realização dos atos”,²⁸² como uma crítica aos “teóricos” do Pacífico. Neste sentido, justificou o autor, “eu vi, eu ouvi, eu fiz”.²⁸³

O diário, em algum momento da campanha, caiu nas mãos de Rosas, sendo recuperado depois pelo seu autor. Esse documento foi a base da terceira parte de *Campaña*, embora alguns itens tenham sido suprimidos, ampliados ou alterados. Detalhes anteriormente negados ou omitidos nos boletins foram citados.²⁸⁴ De acordo com o autor, “este meu nomeado diário da campanha no exército grande tem por objeto dar conta a meus amigos dos feitos a que se

²⁷⁹ SARMIENTO, *Campaña...*, op. cit., p. 51. “Desde el Pacífico al campo de batalla aquella prensa de Chile”.

²⁸⁰ *Idem*. “Continuó fulminando y persiguiendo al tirano hasta las calles de Buenos Aires”.

²⁸¹ *Ibid.*, p. 59. “En la conveniencia de no mezclarnos en este período de transición pasajera, en que el caudillaje iba a gotarse en esfuerzos inútiles por prolongar un orden de cosas de hoy más imposible en la República Argentina.”

²⁸² *Ibid.*, p. 61. “[...] en cuanto a la verdad de los hechos no admito testimonio en contra sino de los que tuvieron ojos y piernas y brazos en la realización de los actos.”

²⁸³ *Idem*. “Yo vi, yo oí, yo hice”.

²⁸⁴ Para maiores detalhes sobre o diário de campanha, ver: AMANTE, *Sarmiento el boletínero...*, op. cit., v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 186. Sarmiento intitulou este documento como *El Diario de la campaña del Tente. Corl. D. F. Sarmiento en el Ejército Grande Aliado de Sud-América*.

refere como das coisas que os produziram, e dos resultados que deve e dará o triunfo de Monte Caseros”²⁸⁵.

O contexto relativo à Batalha de Caseros, à queda de Rosas e à participação de Sarmiento nesta conjuntura, é bastante amplo e envolve elementos que combinam a trajetória individual (e neste ponto uma determinada maneira de entender a política e a sociedade) e as configurações que envolveram o Brasil, a Confederação Argentina e a Banda Oriental. É possível incorporar ainda a polêmica travada com Alberdi, tema que será abordado no segundo capítulo.

Esse conjunto de fatores, dos quais fez parte a permanência de Sarmiento no Brasil durante várias semanas após Caseros, bem como as relações estabelecidas entre ele e os aliados brasileiros que atuaram ao lado de Urquiza, são elementos importantes que dizem respeito às mudanças nas configurações sociais de nível individual e nas relações entre os países envolvidos. Esses episódios atuaram na maneira como Sarmiento entendeu e descreveu o Brasil.

Enquanto aguardava no Rio de Janeiro por uma embarcação para retornar ao Chile, lamentou-se: “Emigrado outra vez! Prófugo! Proscrito!”²⁸⁶ Escreveu ainda:

O que sabe aquele que nasceu argentino onde amanhecerá amanhã, nem ante que nova tarefa há de ver grisalhar sua cabeça, desperdiçados já, mal gastos os mais claros e belos dias da vida atrás de alguma maçã dourada, como aquelas que diz crescer ao redor do Mar Morto, e ao mordê-las enchem de cinzas a boca do viajante que buscava alívio?²⁸⁷

A escrita de *Campaña* incorreu no retorno ao tom do exílio, talvez um sentimento sincero, mas certamente um recurso utilizado pelo autor para dramatizar ainda mais as circunstâncias anteriormente vividas. “Ando peregrinando pela terra de novo em busca de instrução para o povo! Demônio escapado do inferno do desterro eterno, volto, depois de haver baixado ao mundo da vida, a busca de novo a cadeia que me tem atado, longe do pedaço de terra que me foi por natureza assinado por pátria!”²⁸⁸

²⁸⁵ SARMIENTO, *Campaña...*, op. cit., p. 51. “Este mi titulado diario de la campanha en el ejercito grande tiene por objeto dar cuenta a mis amigos de los hechos a que se refiere como de las cousas que los produjeron, y los resultados que debiera dar y dará el triunfo de Monte Caseros”.

²⁸⁶ *Ibid.*, p. 49. “¡Emigrado otra vez! ¡Prófugo!... ¡Proscrito!”.

²⁸⁷ *Idem.* “¿Qué sabe el que nació argentino adónde amanecerá mañana, ni ante qué nueva tarea ha de ver encanecer su cabeza, malgastados ya, derrochados los más claros y belos días de la vida tras de alguna manzana dorada, como aquellas que diz que crecen alrededor del mar Muerto, y al morderlas llenan de cenizas la boca del viajero que buscaba refrigerio?”.

²⁸⁸ *Ibid.*, p. 49. “¡Ando peregrinando por la tierra de nuevo en busca de instrucción para el pueblo! ¡Demonio escapado do inferno del destierro sempiterno, vuelvo, después de haber bajado al mundo de la vida, a recoger de

Após a queda de Rosas, Urquiza foi investido com o título de Diretor Provisório da Confederação Argentina. As províncias confederadas se reuniram para discutir a nova organização constitucional do país. O resultado consistiu no Acordo de San Nicolas, que fixou as bases para a formação da nação argentina.²⁸⁹ A Legislatura da província de Buenos Aires, formada por alguns amigos de Sarmiento, como Bartolomé Mitre e Dalmacio Vélez Sarsfield, entre outros, rechaçou o acordo. A oposição de Buenos Aires a Urquiza deu início a um conflito que perdurou dez anos.

Neste contexto, também teve início uma polêmica entre Alberdi e Sarmiento. Alberdi, que ainda vivia no Chile, se posicionou a favor de Urquiza e publicou *Bases e puntos de partida para la organización política de la República Argentina*, texto que foi adotado como parâmetro para a constituição da República Argentina. Ao defenderem seu posicionamento político, Sarmiento e Alberdi travaram um intenso debate, questão que será desenvolvida no segundo capítulo.

Ao passo que mantinha tal debate, mediante uma encomenda do governo chileno, organizou e dirigiu *El Monitor de las escuelas primarias*, uma revista publicada entre 1852 e 1856. Também atuou como conferencista de temas pedagógicos para o estado chileno, que neste momento estava sob a liderança de Manuel Montt, presidente do Chile desde setembro de 1851.

Em 1853, Sarmiento escreveu uma carta a José Victorino Lastarria, na qual indicou mudanças em sua forma de pensar. “Eu me encontro em uma situação de espírito que necessito fazê-la conhecer a meus pares para explicar meus atos”.²⁹⁰ Denominada pelo autor como “revolução de ideias”, explicou que seguiu durante anos a escola francesa “esperando vê-la produzir feitos condizentes com sua doutrina”. Entretanto, “os feitos falharam e a doutrina também”.²⁹¹ Sarmiento se referia ao golpe de Luis Bonaparte, que demonstrava a instabilidade das instituições democráticas francesas, elemento que causou outra grande decepção no autor. Explicou ainda ao amigo chileno que “agora e desde estes últimos anos, me voltei a outro sol que não se eclipsa, que nenhuma nuvem oculta: os Estados Unidos.”

nuevo la cadena que me tiene ataado, lejos del pedazo de tierra que me fue por la naturaleza asignado por la patria!”.

²⁸⁹ Esse acordo será explicado no segundo capítulo.

²⁹⁰ A organizadora deste epistolário, Maria Luisa Del Pino de Carbone, explica os motivos que a fazem crer que a correspondência data de 1853 e não de 1852, como consta no início da mesma. SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para José Victorino Lastarria. Santiago, 16 de janeiro de 1852. In: LASTARRIA, José Victorino; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Correspondencia entre Sarmiento y Lastarria (1844-1888)**. Buenos Aires: Bartolomé Chiesino, 1954. p. 35-38. “Yo me encuentro en una situación de espíritu que necesito hacerla conocer a mis pares para explicar mis actos.”

²⁹¹ *Idem*. “Esperando verla producir hechos consiguientes a la doctrina”; “los hechos han fallado y la doctrina también.”

Para ele, neste país, “como teoria, como feito prático, como poder, como influência, como porvir, por todos os aspectos, a democracia ali a encontro forte, consistente consigo mesma e dominante ainda como feito”.²⁹²

Ao passo que admirava os Estados Unidos, criticava os encaminhamentos políticos adotados na região do Prata que culminaram na separação de Buenos Aires do restante da Argentina, já que Buenos Aires não aceitou o Acordo de San Nicolas. Sarmiento defendia a união da República Argentina, com Buenos Aires como capital federal. “Aquela pátria ideal, mas possível” ruiu aos olhos do sanjuanino, se fracionando. Novamente em tom profético, lembrou ao amigo Lastarria: “Faz já um ano exclamei, você sabe, ‘marchamos fatalmente para o desmembramento’.” O Brasil foi citado de forma acessória, para demonstrar que a desunião da população argentina possibilitou o avanço brasileiro no sul. “O Brasil marcha já sobre Montevideú, e a antiga senhora daquele Adriático está como Veneza humilhada, e desunida”.²⁹³

Sarmiento, ao criticar a política argentina, falou de si, do seu “abatimento” que, “longe de negá-lo, quisera poder pintá-lo quão profundo é”.²⁹⁴ O exílio e a luta foram reclamados na narrativa, tornando a correspondência mais dramática.

Havia vivido, e você o sabe, vinte anos lutando sem trégua pela reabilitação do que foi meu país, com sacrifício de posições que nunca tomei no Chile senão de modo precário, com míngua e gasto excessivo da minha escassa fortuna, e sem perdoar esforços, e atos de abnegação.²⁹⁵

Finalizou a carta lamentando o exílio para o amigo que “pelo menos tens pátria, que sirva de base a uma minguada esperança”.²⁹⁶

Ainda em 1854, viajou para Mendoza com sua esposa Benita e o filho Dominguito. Nesta província, foi preso, acusado de conspiração. Após sair em liberdade, regressou ao Chile. Ainda neste ano, Sarmiento foi eleito deputado por Tucumán e alguns meses depois foi eleito deputado para a Legislatura do Estado de Buenos Aires, mas não aceitou os cargos

²⁹² *Idem*. “Ahora y desde estos últimos años, me he vuelto a otro sol que no se eclipsa, que ninguna nube oculta: los Estados Unidos”; “como teoría, como hecho práctico, como poder, como influencia, como porvenir, por todos aspectos, la democracia allí la encuentro fuerte, consistente consigo misma y dominante aún como hecho.”

²⁹³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para José Victorino Lastarria. Santiago, 27 de maio de 1852. In: LASTARRIA, **Correspondencia...**, *op. cit.*, p. 45. “Aquella patria ideal pero posible”; “hace ya un año exclamé, vos lo sabéis ‘marchamos fatalmente a la desmembración’”; “el Brasil marcha ya sobre Montevideo, i la antigua señora de aquel Adriático está como Venecia humillada, i desunida.”

²⁹⁴ *Idem*. “Lejos de negaros, quisiera poder pintaroslo cuán hondo es”.

²⁹⁵ *Idem*. “Había vivido, i vos lo sabeis, veinte años luchando sin tregua por la rehabilitación del que fue mi país, con sacrificio de posiciones que nunca tomé en Chile sino de prestado, con mengua i [sic] despilfarro de mi escasa fortuna, i sin perdonar esfuerzos, i actos de abnegación”.

²⁹⁶ *Ibid.*, p. 48. “Por lo menos teneis patria, que sirva de base a una minguada experanza”.

devido à divisão da República Argentina e Buenos Aires. Em 1855, Sarmiento foi até San Juan para tratar com o governador Nazario Benavidez. Mediante o insucesso da conversa e desconfiança das autoridades, Sarmiento retornou novamente ao Chile.

Em 1855, se radicou em Buenos Aires, que resistia à integração com a República Argentina. A partir deste momento, o sanjuanino se converteu em um homem de Estado, mas não deixou de ser um publicista, pois sua escrita periodística continuou acompanhando as demais atividades, bem como a escrita epistolar.

Em Buenos Aires, foi nomeado redator chefe do diário *El Nacional* e, alguns meses depois, diretor. Neste jornal, que dirigiu até 1861, publicou diversos artigos, chegando a dois ou três por dia. Foi professor de Direito Constitucional da Universidade de Buenos Aires, conselheiro municipal, diretor do Departamento de Escuelas e publicou a obra *Educación Común*.

Neste contexto, defendeu em seus textos a liberdade de comércio e navegação, a educação, a imigração europeia, o desenvolvimento das linhas ferroviárias, a exploração racional da agricultura e a definição de fronteiras, reafirmando uma posição liberal e progressista.

Entre o final da década de 1850 e o início de 1860, Sarmiento ocupou diversos cargos públicos. Foi Chefe do Departamento de Escolas, membro Municipal da Cidade de Buenos Aires, senador da província de Buenos Aires e integrou a Comissão Reformadora de Buenos Aires e Revisora da Constituição Nacional. Quando Mitre se tornou governador de Buenos Aires, em 1860, Sarmiento foi designado Ministro de Governo da Província de Buenos Aires. Nesta época, também fundou os *Anales de la Educación Comum*, além de realizar outras atividades, todas concomitantes à escrita de artigos para periódicos e cartas. “As campanhas se sucedem ou intercalam, os textos se encadeiam e armam séries autônomas; Sarmiento se multiplica e no mesmo periódico parece cobrir o trabalho de vários autores.”²⁹⁷

De acordo com Gramuglia, ao escrever e defender o periodismo, Sarmiento fez de Buenos Aires uma república da opinião como foro de debate e se colocou como porta-voz da opinião pública. Se a opinião pública aparece como produto de um diálogo igualitário, há um sujeito privilegiado que o anuncia.²⁹⁸ Sarmiento debate, discute e intensifica os assuntos

²⁹⁷ GRAMUGLIA, *op. cit.*, p. 280. “Las campañas se suceden o intercalan, los textos se encadenan y arman series autónomas; Sarmiento se multiplica y en el mismo periódico parece cubrir el trabajo de varios autores.”

²⁹⁸ *Ibid.*, p. 282-283.

políticos por meio dos periódicos. Segundo Gramuglia, “com um pé na literatura e o outro na política, o publicista assume esse discurso fundador do Estado.”²⁹⁹

Durante a atuação de Sarmiento como estadista, sua escrita continuou se caracterizando pela diversidade, pela produção de artigos, livros, cartas, discursos, periódicos, etc. A atividade periodística foi fruto de muitas críticas devido ao caráter descuidado quanto à correção, elemento que caracterizou seus escritos. Mas tal situação foi assumida pelo seu autor como uma marca pessoal, uma forma de estilo imposto pela urgência, pela necessidade de comunicar, criticar, opinar. Velocidade, memória, vitalidade, acidez, visão crítica, como sugeriu Gramuglia, demonstram como o sanjuanino soube transformar o defeito, a imperfeição, o erro, em projeto. “A continuidade proposta no efetivo modo de publicação e produção periodística de Sarmiento constituem uma marca de estilo e um procedimento efetivo, sobretudo quando se pensa sua obra quantitativamente”.³⁰⁰ Esse projeto incidiu, principalmente, em se constituir como escritor, como autor e ao papel de publicista atribuído por ele próprio, agora também como estadista.

Esse parece ter sido um momento de menor preocupação econômica, pois não aparecem reclamações por falta de subscrições nos periódicos e existem poucos avisos publicitários em *El Nacional*. A ausência de queixas quanto a essa questão demonstra que essa não é mais a única fonte de renda de Sarmiento, até porque ele também recebia um soldo por sua atuação militar. Demonstra ainda que a escrita em periódicos é a continuidade de uma ação política, ou seja, que tal atividade não estava somente ligada à sobrevivência.³⁰¹

Em 1861, Sarmiento renunciou ao cargo de Ministro, devido ao assassinato de Aberastain. Neste mesmo ano, sua mãe, Paula Albarracín, faleceu. Em 1862, Bartolomé Mitre assumiu a presidência da República Argentina. Nesse período, Sarmiento foi designado governador interino e depois titular em San Juan. A região estava em conflito devido à rebelião do caudilho Vicente Peñaloza, conhecido como *el Chacho*, que havia se voltado contra o governo nacional, contando com o apoio de Urquiza que, todavia, se manteve fiel ao princípio constitucional.

A relação de Sarmiento com o periodismo frente à gestão política assumiu nova perspectiva em San Juan, entre 1862 e 1864. Como governador, ele refundou *El Zonda*, mas

²⁹⁹ *Ibid.*, p. 283. “Con un pie en la literatura y el otro en la política, el publicista se hace cargo de ese discurso fundador del Estado”.

³⁰⁰ *Ibid.*, p. 260. “La continuidad propuesta en el efectivo modo de publicación y producción periodística de Sarmiento constituye una marca de estilo y un procedimiento efectivo, sobre todo si se piensa su obra cuantitativamente.”

³⁰¹ *Idem.*

abandonou o tom irônico da primeira versão para criar um periódico que foi o órgão de informação oficial do seu governo, com a reprodução de leis e decretos, crônicas parlamentares, cartas de oficiais de guerra e de governadores e propostas de governo.

Sarmiento elaborou algumas reflexões sobre o Brasil entre o final da batalha de Caseros (1852) até o período de sua partida para os Estados Unidos (1864). Além de um discurso parlamentar de 1858, no qual comparou o estado da educação pública no Império brasileiro e na República Argentina, o sanjuanino também publicou alguns artigos em *El Nacional*, nos quais tratou da imigração e da febre amarela, também em uma perspectiva comparativa com Buenos Aires, conforme será abordado no terceiro capítulo.³⁰²

Em 1864, aos 53 anos de idade, Sarmiento renunciou ao governo de San Juan e partiu em missão diplomática, designado Ministro Plenipotenciário nos Estados Unidos e concorrente no Chile e no Peru. Levou consigo o neto Augusto Belín, na época com 10 anos de idade, para o Peru e depois para os Estados Unidos.³⁰³

No primeiro semestre de 1865, Sarmiento foi morar em Nova Iorque, para atuar à frente da Legação Argentina. Enquanto viveu neste país, estabeleceu relações com várias pessoas, entre educadores, escritores e políticos. Gould, Hill, Longfellow, George Emerson, Shelling, Barnard, Mazon Turner, Allen “e quantos personagens notáveis há em Cambridge”³⁰⁴. Foram muitos nomes e situações de convívio apresentados pelo autor nas missivas. Hospedou-se na casa de um, teve um dos seus textos traduzido por outro, discutiu sobre educação com muitos, enfim, diversos foram os contextos nos quais apresentou as pessoas com as quais conviveu na América do Norte. Os contatos se deram a partir das indicações de sua amiga Mary Mann, pelo intermédio de compatriotas ou através da apresentação e indicação que os novos conhecidos propiciavam cotidianamente.

³⁰² SARMIENTO, Domingo Faustino. Discurso Parlamentar de 5 de agosto de 1858. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XVIII. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 175. Esses artigos foram analisados também por MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. Olhares cruzados: Sarmiento e o Império do Brasil. In: **Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Vitória-ES, 2008.

³⁰³ Augusto Belín Sarmiento (1854-1936) era filho de Ana Faustina e de Júlio Belín. Nos Estados Unidos, estudou dois anos na Academia Militar de West Point. Em 1867 acompanhou Sarmiento em uma visita à Exposição de Paris e permaneceu nesta capital até 1870. Foi secretário de Sarmiento e uma das figuras mais importantes na divulgação e ampliação dos escritos do avô.

³⁰⁴ Sarmiento se referia à cidade de Cambridge, localizada no estado de Massachussetts, nas cercanias de Boston. SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Boston, 15 de setembro de 1865. In: _____. **Cartas de Sarmiento a la señora María Mann**. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1936; p. 192. “Y cuantos personajes notables hay en Cambridge”.

Nos Estados Unidos, Sarmiento aprofundou sua relação com Mary Mann.³⁰⁵ Ao descobrir que estava sendo inaugurada uma estátua em homenagem a Horace Mann, falecido em 1859, deu início a uma relação epistolar com a educadora estadunidense, que o acompanhou ao longo de sua vida, com momentos de maior e menor proximidade.³⁰⁶ Um ano após o envio desta carta, escreveu: “Acaso foi hoje o dia em que resolvi no ano passado lhe escrever congratulando-a pela inauguração da estátua de Mr. Mann, e a origem da nossa amizade, baseada na comum estimação do obrero e da obra.”³⁰⁷ Embora o conjunto epistolar entre ambos seja extenso, foram poucas as vezes em que se encontraram pessoalmente.

Além de educadora, Mary Mann também foi escritora. Escreveu a biografia do marido, *La vida de Horacio Mann*, traduzida para o espanhol por Sarmiento, que também foi biografado por ela. A educadora traduziu diversas obras de Sarmiento para o inglês, como *Facundo*.

Durante o período em que esteve nos Estados Unidos e nos anos subsequentes, manteve estreito contato com Mary Mann. Dialogava constantemente com ela sobre seus escritos, publicações e projetos de livros, consultando-a, solicitando sua opinião e seu empenho na divulgação dos mesmos.³⁰⁸

Em muitas correspondências Sarmiento se colocava como professor, atitude reivindicada inclusive nas narrativas do encontro com o Imperador do Brasil. Poucas vezes foi possível observá-lo se colocar na posição de aprendiz, como na relação estabelecida com Mary Mann. Um exemplo foi quando cedeu ao pedido da educadora: “Para satisfazer a sua

³⁰⁵ Mary Mann (1806-1887) nasceu em Massachusetts e era filha de um rico banqueiro filantropo, que investiu na área da educação de seu país. Sua mãe foi educadora e possibilitou que as duas filhas, Mary e Elizabeth, seguissem seus passos. Como educadores, escreveram várias obras sobre educação e também se dedicaram a escritos literários. Em sua viagem de lua de mel, Mary e Horace Mann visitaram vários estabelecimentos de educação na Europa, roteiro que posteriormente foi seguido por Sarmiento.

³⁰⁶ As correspondências trocadas entre Sarmiento e Mary Mann se iniciaram em 1865 e foram até 1884, ano da morte da educadora estadunidense.

³⁰⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Lake Oscawana, 7 de julho de 1866. In: _____. **Cartas de Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 197-198. “Acaso fué hoy el día en que resolví el año pasado escribirle congratulandola por la erección de la estatua de Mr. Mann, i el orijen de nuestra amistad, basada en la comun estimación del obrero i de la obra”.

³⁰⁸ As cartas de Sarmiento demonstram que ao longo do tempo suas condições financeiras se alteraram, de acordo com os cargos e posições ocupadas. Como Ministro Plenipotenciário da República Argentina nos Estados Unidos, sua situação financeira possibilitava oferecer auxílio à família, conforme carta escrita à irmã nos seguintes termos: “si necesitas dinero basta que libres contra Sarratea que pagará con fondos míos que tiene al efecto; porque no quiero que sufran escaseces, sin necesidad.” Nesta mesma missiva perguntou sobre a filha. “¿Cómo está Faustina? ¿Crees tú que es poco \$ 30 mensuales que le he asignado? Puedo ponerle más.” **Ver:** SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 20 de maio de 1866. In: _____. **Epistolário de Domingo Faustino Sarmiento:** cartas familiares. Buenos Aires: Asociación de Amigos del Museo Histórico Sarmiento, 2001. p. 49;

generosa e maternal solicitação, adotei uma *professora de inglês*; e já começo a fazer impavidamente os mais absurdos *blunders*”, justificou o sanjuanino.³⁰⁹

Nos anos em que viveu nos Estados Unidos, Sarmiento não cessou sua atividade literária, ao contrário, escreveu e publicou livros, além de dar continuidade a sua intensa produção epistolar. Em correspondência enviada a Mary Mann, confessou: “Tão atarefado estou em dar à luz *Ambas Américas* que apenas tenho tempo de nada”.³¹⁰ Em 1866 publicou a segunda edição corrigida e ampliada de *Vida de Abraham Lincoln. Décimo sexto Presidente de los Estados Unidos, Las escuelas, base de la prosperidad y de la república en los Estados Unidos* e *El Chacho, último caudillo de la montonera de los llanos*. Ao escrever para a irmã Bienvenida sobre o envio de exemplares da biografia do presidente norte-americano à República Argentina, explicou como estava se sentindo nos Estados Unidos, em relação à recepção de suas obras, se comparado a seu país. “Minha posição aqui é muito respeitada. Meus escritos geram tanto interesse aqui, como nem sempre obtiveram lá”. A explicação para este interesse residia, para o autor, no fato de que no norte havia “um milhão de homens capazes de julgar”, enquanto em seu país “os poucos” que poderiam proceder tal julgamento “têm a inveja e as pretensões como óculos para olhar”. E complementou com a provocação: “Quero vê-los em um teatro como este!”.³¹¹

Enquanto estava nos Estados Unidos, Sarmiento criou a revista *Ambas Américas*, cuja temática central era a educação. Aproveitou para fazer propaganda de seus escritos, enviando-os a conhecidos, à Biblioteca de Cambridge e à América do Sul, embora tenha se sentido inseguro em relação a estes últimos envios, conforme indicou na missiva escrita a Mary Mann. “Eu despachei *Ambas Américas* por todo o continente; mas como está em guerra, não seria estranho se eu não encontrasse apoio”.³¹²

Um dado que merece destaque especial nas correspondências de Sarmiento é o seu empenho na publicação, divulgação e circulação de seus livros e panfletos, entre familiares, amigos e pessoas influentes. Entre os familiares, por exemplo, em carta enviada à irmã,

³⁰⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Nova York, 25 de novembro de 1865. In: _____. **Cartas de Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 194. “Para satisfacer a su jenerosa y maternal solicitud he tomado una maestra de ingles; y ya comienzo a hacer impavidamente los mas absurdos *blunders*”. Grifos do autor.

³¹⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Nova York, 18 de abril de 1867. In: *Ibid.*; p. 199. “Tan atareado estoy en dar a luz *Ambas-americas* que apenas tengo tiempo de nada”.

³¹¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 10 de abril de 1866. In: _____. **Epistolário de Domingo...**, *op. cit.*, p. 47. “Mi posición aquí es muy expectable. Mis escritos excitan tanto interés aquí, como no siempre lo obtuvieron allá”; “un millón de hombres capaces de juzgar”; “[...] tienen los celos y las pretensiones por anteojos para mirar”; “¡Quisiera verlos en un teatro como éste!”.

³¹² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Nova York, 26 de maio de 1867. In: _____. **Cartas de Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 203. “Yo he despachado *Ambas Américas*, por todo el Continente; pero como está en guerra, no sería extraño que no hallase apoyo.”

solicitou quanto a uma de suas publicações: “Mande mostras dos livros para Lenoir ou Procesa, para que os conheçam”. Sugeriu também “há outra série de livros de leitura que são muito melhores que estes, e contém muitos trechos de *Facundo*”.³¹³ Nas correspondências também informava os amigos sobre suas publicações e, muitas vezes, encaminhava uma cópia das mesmas com a carta.³¹⁴

Após publicar *Vida de Abraham Lincoln* nos Estados Unidos, escreveu para Bienvenida: “Te mandei um exemplar de Lincoln, não sei se chegou”. Para além da opinião da irmã, o autor desejava a difusão de seu texto entre os argentinos. “Caso se interessem em San Juan obtê-lo, vê a alguém que se encarregue de vendê-lo, e peça a Ocampo a última caixa de 100 exemplares que foi”. Em seguida recomendou: “Se não houver [interessados] para tantos, é preciso não deixar em San Juan um número inútil”. Além da República Argentina, seu interesse era tornar a obra ainda mais conhecida em outros países da América do Sul. “Está sendo feita a 2.^a edição, a qual será mandada ao Chile, porque a primeira esgotou nestes países e em Buenos Aires”.³¹⁵

Uma correspondência enviada à irmã alguns meses depois demonstra que o escritor da missiva poderia esquecer os comentários realizados nas cartas anteriores (ou repetia a informação com a esperança de, quem sabe, obter uma resposta satisfatória). Assim, ainda sobre a biografia do presidente estadunidense, repetiu Sarmiento: “Meu livro está pronto. A primeira edição de Lincoln esgotou, e estão lançando a segunda. A Don Manuel Ocampo

³¹³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 20 de maio de 1866. In: _____. **Epistolário de Domingo...**, *op. cit.*, p. 49. “Mándale muestras de los libros a Lenoir o a Procesa, para que los conozcan”; “hay otra serie de libros de lectura que son mucho mejores que éstos, y continene muchos trozos del *Facundo*.” Grifo meu.

³¹⁴ O empenho na divulgação de suas obras foi uma das temáticas mais recorrentes nas cartas. Se Sarmiento se tornou um autor conhecido e debatido certamente isso se deveu, sobretudo, ao esforço empregado na difusão dos seus escritos na República Argentina, no Chile, mas também em outros países da América hispânica, na Europa e nos Estados Unidos. Ainda em 1888, ano de sua morte, encontramos nas correspondências uma dedicação constante para que suas obras fossem publicadas e divulgadas em outros países. Como exemplo, ver as correspondências: SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manoel José Quiroga. Santiago, 31 de julho de 1841. In: SEGRETI, **La correspondencia...**, *op. cit.*, p. 28, e SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manoel José Quiroga. Santiago, 15 de março de 1841. In: *Ibid.*, p. 19; SARMIENTO, Faustino Sarmiento. Carta para Luís Montt. Buenos Aires, 23 de maio de 1888. In: MONT, Manuel; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Manuel Mont y Domingo Faustino Sarmiento: epistolário 1833-1888**. Sergio Vergara Quiroz (Ed.). Santiago: Centro de Investigaciones Diego Barrios Arana, 1999. p. 203.

³¹⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 1º de janeiro de 1866. In: _____. **Epistolário de...**, *op. cit.*, p. 43. “Te he mandado un ejemplar de Lincoln, no sé si te habrá llegado”; “Si se interesan en San Juan en tenerlo, ve a alguno que se encargue de venderlo, y pídele a Ocampo en último cajón de 100 ejemplares que se ha ido”; “si no hay [interessados] para tantos, es preciso no ir a arrinconar a San Juan un número inútil”; “Se está haciendo la 2a. edición, de la que se mandará a Chile, porque la primera se ha agotado por estos países y Buenos Aires.”

enviei uma caixa com cem exemplares com expectativas de mandá-lo a San Juan. Não sei se dei a ordem”.³¹⁶

Embora tenha manifestado por duas vezes o desejo de enviar os livros para San Juan, demonstrou certa dúvida quanto ao sucesso de tal investimento e, ao mesmo tempo, nos deixou uma pista referente às práticas de leitura em sua província natal. “Dúvida tive se haverá tantos que leem. Ali possuem o hábito de não ler e basta um exemplar para que ande de mão em mão.”³¹⁷

As cartas demonstram também um cuidado de Sarmiento no sentido de controlar a circulação de suas obras, como podemos perceber por meio da reclamação na missiva enviada à irmã: “Como tanto tardam as coisas a chegar, já me cansam cartas que não me anunciam nem notícias de meus livros e utilidades que mandei, ainda que há meses sei que estão em Buenos Aires.”³¹⁸ Demonstram ainda a indignação do autor diante da demora, conforme atesta a correspondência seguinte: “Sei que tudo o que mandei estava em Buenos Aires. Tão lento é tudo para chegar que me aborrece. Assim que não estranho não receber resposta a coisas que por demasiado velhas esqueci”.³¹⁹

Ainda sobre os livros, as cartas nos mostram interesses, projetos e até mesmo empréstimos sem retorno realizados por Sarmiento quanto as suas obras, como nesta carta endereçada à irmã: “Quem de meus amigos ficou com o *Facundo* da 1ª edição que emprestei ali, e não me devolveram? Necesito dele agora e não sei onde procurá-lo.”³²⁰

Enquanto estava nos Estados Unidos, Sarmiento se empenhou não somente na publicação de livros, mas também na compilação de antigos escritos. Em correspondências enviadas a Bienvenida solicitou, em diversas ocasiões, livros, textos e discursos escritos e proferidos no passado. Nas cartas, tentava fornecer os indicativos dos locais onde ela poderia obter tais escritos. O irmão sugeria a ela que fizesse cópias e as enviasse para os Estados Unidos. Sua justificativa atendia sempre aos interesses em ampliar e difundir suas ideias.

³¹⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 10 de abril de 1866. In: *Ibid.*, p. 47. Mi libro está listo. La primera edición de Lincoln se ha agotado, y están tirando la segunda. A don Manuel Ocampo le envié un cajón con cien ejemplares con ánimo de mandarlo a San Juan. No sé si di la orden.”

³¹⁷ *Idem*. “Duda tuve si habrá tantos que lean. Allí tienen el hábito de no leer y basta un ejemplar para que ande de mano em mano.”

³¹⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 20 de março de 1866. In: *Ibid.*, p. 45. “Como tanto tardan las cosas de llegar, ya me cansan cartas que no me anuncian ni noticias de los libros y útiles que mandé, aunque hace meses sé que están en Buenos Aires”.

³¹⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 10 de abril de 1866. In: *Ibid.*, p. 46. “Sé que todo lo que he mandado estaba en Buenos Aires. Tan lento es todo para llegar que me aburre. Así que no extraño no recibir contestación a cosas que por demasiano viejas he olvidado”.

³²⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 20 de março de 1866. In: *Ibid.*, p. 45. “¿Quién de mis amigos se quedaría con el *Facundo* de 1ª edición que presté allí, y no me devolvieron? Lo necesito ahora y no sé de dónde procurármelo”. Grifo meu.

“Penso publicar um livro de meus discursos, entre os quais há muitos notáveis; e de interesse duradouro. Tudo está em reuni-los”.³²¹

Além das publicações, enquanto viveu nos Estados Unidos, Sarmiento teve um cotidiano bastante agitado e diversificado, levando em consideração os comentários realizados nas correspondências. Seus dias se intercalavam entre leituras, escritos, visitas a locais públicos como bibliotecas e até mesmo a pesquisa, seleção e envio de sementes de plantas à República Argentina.

Nesse período, circulou por Nova York um texto de 48 páginas, sem assinatura, escrito em inglês, que foi atribuído a Sarmiento, com tradução atribuída a Mary Mann. O artigo, denominado *Revelations on the Paraguayan War and the Alliances of the Atlantic and the Pacific*, defendia as posições da Tríplice Aliança, mostrava que o Paraguai estava localizado em uma importante área econômica e geopolítica e apresentava Solano López como um ditador corrupto.³²²

As relações de Sarmiento com a Guerra da Tríplice Aliança ultrapassaram os limites da reflexão política, uma vez que seu filho Dominguito morreu na batalha de Curupaiti, em setembro de 1866. Para ele, a Guerra do Paraguai representava um empecilho à República. Em uma carta enviada à irmã, enfatizou: “A guerra do Paraguai e Urquiza destruirão a República e as crianças nascerão sem cabeça.”³²³

Sobre a indicação de seu nome à presidência da República, em junho de 1867 Sarmiento enviou uma carta a sua irmã Bienvenida, informando: “Me escrevem de Buenos Aires e acreditam que não há outra candidatura possível além da minha”.³²⁴ Alguns meses antes havia escrito para Mary Mann; “É uma revolução a que me dizem se está gestando”.³²⁵ Fez questão de comentar a respeito de suas advertências anteriores em relação à política na República Argentina.

³²¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 20 de maio de 1866. In: *Ibid.*, p. 49. “Pienso publicar un libro de mis discursos, entre los cuales hay muchos notables; y de interés duradero. Todo está em reunirlos.”

³²² O texto *Revelations on the Paraguayan War and the Alliances of the Atlantic and the Pacific* foi escrito em 1866 e encontra-se disponível em: <<http://www.bn.gov.ar/digitalizaciones/ver.php?l=008416&p=2&id=879&g=>>> e em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/revelations.pdf>>. Acesso em: 08/07/2013.

³²³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 15 de junho de 1867. In: _____. *Epistolário de...*, *op. cit.*, p. 51. “La guerra del Paraguay y Urquiza darán al traste con la República y los niños nacerán sin cabeza.”

³²⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 15 de junho de 1867. In: _____. *Epistolário de...*, *op. cit.*, p. 51. “Me escriben de Buenos Aires que creen que no hay otra candidatura posible que la mía.”

³²⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Nova York, 18 de abril de 1867. In: _____. *Cartas de Sarmiento...*, *op. cit.*, p. 200. “Es una revolución la que me dicen se está obrando”.

Envio como prova uma diabrura que mando a B. Aires por este correio. São extratos de notas oficiais, por meio das quais se vê, que desde então *anunciei e previ* a catástrofe a que conduziriam as demagógicas doutrinas, que meus adversários no governo sustentavam, a fim de me prejudicar. Hoje sentem a terrível responsabilidade que pesa sobre eles; mas como o povo é esquecido, eu me encarreguei de lhes mostrar como pagamento por não *saber ler*, o que eu lhes digo.³²⁶

Sarmiento não se contentou somente em criticar a política de sua terra natal, mas enviou mostras “comprobatórias” de sua previsão anterior, de que havia prognosticado no passado os acontecimentos que vivenciavam no presente. Também não se deu por satisfeito em constatar que os fatos presentes confirmavam seu antigo prognóstico. Fez do momento uma espécie de vingança direcionada àqueles que não acreditaram em sua previsão. Não *saber ler* o que *ele* lhes dizia, neste sentido, acarretava a “terrível responsabilidade” de arcar com os acontecimentos do presente.

Para concluir sua reflexão, se colocou como uma das possíveis soluções para o problema, já vislumbrando sua ascensão à presidência da República. “No mais, minha *situación pessoal* ganha imenso terreno, e se fica a República em pé, acaso poderei ser eu quem a dirija por novos caminhos”.³²⁷ Os Estados Unidos, para ele, se apresentavam como possibilidade para essa solução. “E os olhos, como dizia Webster, se dirigem à luz do Norte, em todos os sentidos”.³²⁸

Seguindo esta linha de escrita, comentou com Mary Mann alguns dias depois, se referindo às informações que recebia constantemente de seus amigos: “Segundo as cartas me aguardam com angústia, acreditando que se eu apenas tocar com a borda do meu traje, a República será salva. É isso que me escreve García.”³²⁹ Em outra correspondência, justificou sua ascensão à presidência afirmando que seria um sacrifício de sua parte assumir tal cargo em vista dos problemas enfrentados pelo país. “Tão deplorável é a situação a que chegou a República que não seria matéria de ambição, mas de abnegação, aceitar o governo. Não

³²⁶ *Idem*. “Le acompaño en prueba una diablura que mando a B. Aires por este correo. Son extractos de notas oficiales, por los cuales se ve, que desde entonces *anuncié i previ* la catástrofe a que conducirían las demagógicas doctrinas, que mis adversarios en el gobierno sostenían, a fin de dañarme. Hoy sienten la terrible responsabilidad que pesa sobre ellos; pero como el pueblo es olvidadizo, yo me he encargado de mostrarle como pago no *saber leer*, lo que yo le digo.” Grifos do autor.

³²⁷ *Idem*. “Por lo demás mi *situación personal* gana imenso terreno, i si queda República en pie, acaso sea yo quien la dirija por nuevos senderos.” Grifos do autor.

³²⁸ *Idem*. “I los ojos como decía Webster se dirigen hacia la luz del Norte, en todos sentidos.”

³²⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Nova York, 22 de abril de 1867. In: *Ibid.*, p. 201. “Segun las cartas me aguardan con ansia, creyendo que si yo toco con la orla de mi vestido la República será salvada. Es eso mismo que me escribe García.”

contaria para erguê-la mais que com a boa reputação que me tem feito querer pelo menos curar seus males.”³³⁰

Mary Mann foi uma das maiores incentivadoras de Sarmiento à presidência da República Argentina e colaborou divulgando amplamente sua biografia, além de outros artigos elogiosos, escritos por ela e por seus filhos. Em meados de 1868, Sarmiento aos poucos foi se certificando sobre sua vitória: “[...] ontem recebi cartas de N. York me anunciando que os diários do Chile traziam a notícia de que em Buenos Aires, Córdoba, San Juan, Mendoza, San Luis, La Rioja, Salta e Jujuy havia triunfado completamente a lista Sarmiento.”³³¹ Até mesmo cidades da Europa foram referenciadas nas cartas como incentivadoras de sua eleição. “O telegrama novo de Lisboa nada disse de desfavorável. Novas cartas que recebo me falam com absoluta confiança”.³³² As correspondências demonstram ainda que, à medida que chegava o período final das eleições, a confiança na vitória aumentava. “Eu continuo me preparando”, escreveu o sanjuanino.³³³

Neste contexto, também reeditou a biografia de Facundo Quiroga, visando maior impacto editorial, principalmente entre os argentinos, já que tinha em vista a presidência da República. O autor novamente colocava as palavras “civilização e barbárie” no centro do debate. O título do seu livro, nesta terceira edição, saiu como *Facundo o civilización y barbarie en las pampas argentinas*. A utilização da expressão “pampas argentinas” tinha o propósito de clamar os argentinos à leitura.

Sarmiento chegou a Buenos Aires em 29 de agosto de 1868 e assumiu a presidência em 12 de outubro do mesmo ano. Neste contexto bonaerense e frente a um país que vivenciava diversos problemas, algumas cartas do início do mandato de Sarmiento demonstram certa satisfação com sua nova posição. No mês de sua nomeação, comentou: “Estes dias os passei felizes na medida do possível”. Atribuiu sua felicidade a alguns fatores. O primeiro estava relacionado a uma “afeição antiga que me trouxe infidelidades e injustiças,

³³⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Nova York, 26 de maio de abril de 1867. In: *Ibid.*, p. 202-203. “Tan deplorable es la situación a que ha llevado la Republica que no seria materia de ambición sino de abnegación, aceptar el gobierno. No contaria para enderezarla mas que con la buena reputación que me he hecho de querer por lo menos curar sus males.”

³³¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Sem indicação de local, 24 de junho de 1868. In: *Ibid.*, p. 190. “[...] ayer recibí cartas de N. York anunciandome que los diarios de Chile, traían la noticia de que en Buenos Aires, Cordova, San Juan, Mendoza, San Luis, La Rioja, Salta i Jujui habia triunfado completamente la lista Sarmiento.”

³³² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Nova York, 17 de julho de 1868. In: *Ibid.*, p. 208. “El telegrama nuevo de Lisboa nada dice de desfavorable. Nuevas cartas que recibo me hablan con absoluta confianza.”

³³³ *Idem*. “Yo sigo preparandome”.

e a encontro tão nobre e sinceramente correspondido”.³³⁴ Os demais motivos relacionavam-se às felicitações recebidas. “O Ministro norte-americano me comunicou outro dia que o governo dos Estados Unidos lhe dizia que sendo Mr. Sarmiento objeto da mais profunda simpatia para o povo norte-americano, lhe ordenava proceder de modo que seu governo fosse próspero e feliz.”³³⁵

A condição de presidente o obrigava a responder um número bem maior de interlocutores, fator que o deixava sem disposição para outros afazeres. “Agora, por ser Presidente, recebo de todo mundo umas quinhentas ou mil cartas de felicitação a que devo responder [...]”.³³⁶

Durante seu mandato, Sarmiento fundou diversos colégios nacionais nas províncias de Santa Fé, San Luis, Jujuy, Santiago del Estero, Corrientes e Rosario, bem como o Colégio Militar e a Academia de Ciências de Córdoba. Investiu na implantação de telégrafos e em melhorias no setor da educação. Em seu governo também foram inaugurados o *Parque 3 de Febrero de Palermo* e o cabo transoceânico ligando a República Argentina a vários outros países, mas também enfrentou vários problemas, como as vicissitudes dos últimos momentos da Guerra da Tríplice Aliança.

Em 1873, Sarmiento foi vítima de um atentado. Ao passar em uma carruagem pela esquina da rua Maipú com a Corrientes, três homens tentaram matá-lo, mas ele saiu ileso. Sarmiento terminou seu mandato como presidente em 1874, com a saúde abalada, vítima de uma surdez que piorou ao longo dos anos.

Mesmo neste contexto e ocupando o cargo de presidente da República, continuou sua atividade periodística e publicava constantemente em *El Nacional* e em *La Tribuna*. O tempo todo manteve a combinação deste tipo de escrita com obras mais extensas e de ambição literária. Embora publicasse bem menos do que na época em que vivia no Chile, durante as décadas de 70 e 80 continuou escrevendo artigos para vários periódicos e mantendo polêmicas pessoais.

³³⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Buenos Aires, 30 de outubro de 1868. In: _____. **Epistolário de...**, *op. cit.*, p. 52. “Que me ha vengado de infidelidades e injusticias, y la encuentro tan noble y sinceramente correspondida.”

³³⁵ *Idem*. “Estos días los he pasado felices en cuanto cabe”; “El Ministro norteamericano me comunicó el otro día que el gobierno de los Estados Unidos le decía que siendo Mr. Sarmiento objeto de la más profunda simpatia para el pueblo norteamericano, se le ordenaba, proceder de modo que su gobierno fuese próspero y feliz.”

³³⁶ *Idem*. “Ahora, con motivo de ser Presidente, recibo de todo el mundo unas quiniestas o mil cartas de felicitación a que debo responder [...]”

Após o fim do seu mandato, em 1874, uma nova força política, cujo epicentro estava fora de Buenos Aires, se consolidou no poder e impôs novas regras ao jogo político.³³⁷ Neste mesmo ano, Sarmiento publicou pela última vez uma edição de *Facundo*, com o mesmo título da publicação de 1868, *Facundo o Civilización y barbarie en las pampas argentinas*. Nesta publicação, houve uma nova reformulação relacionada ao contexto do fim do seu mandato e a entrada de Nicolás Avellaneda, eleito por meio de fraude eleitoral. Existia o medo do surgimento de um novo caudilho popular que ocupasse o lugar de Urquiza, assassinado recentemente.

Apenas quatro meses depois, em março de 1875, Sarmiento foi eleito Senador Nacional por San Juan. Como Senador, em vários momentos, enfrentou debates e procurou utilizar as críticas, que sempre foram muitas e bem pronunciadas, a seu favor. A partir de 1876, deu início à publicação do periódico *La Educación Común en la Provincia de Buenos Aires* e, em 1877, foi promovido ao grau de coronel maior dos exércitos da República.

Em setembro de 1879, durante o mandato de Nicolás Avellaneda, Sarmiento renunciou ao senado e ao cargo de *Director General de Escuelas* das províncias para assumir o cargo de Ministro do Interior.³³⁸ Alguns meses depois, se envolveu em um sério debate político com Julio Roca, futuro presidente da República, o que o levou à renúncia do cargo.³³⁹ Sobre esse episódio, escreveu Sarmiento para Montt, dizendo ter feito “a burrada” de aceitar o Ministério do Interior, pois tal ato naquele momento lhe parecia “um remédio heroico” aceito pela sua “ vaidade”.³⁴⁰

Afirmou ainda ter aceitado o encargo achando que conhecia bem o terreno no qual pisava, mas concluiu que o contexto político havia se transformado muito desde o tempo de Rosas. Escreve também que tinha “a fama de homem de governo, que outros traduzem como

³³⁷ SABATO, **Vida política...**, *op. cit.*, p. 486.

³³⁸ As ações de Sarmiento não passavam despercebidas pelos seus conterrâneos, como atesta uma correspondência recebida de sua irmã Bievenida, após o irmão assumir o Ministério do Interior. “Te felicito por ele contento con que han recibido, cuase en general, tu nombramiento ao Ministerio, aquí lo han recibido del mismo modo todos tus adictos”. SARMIENTO, Bienvenida. Carta para Domingo Faustino Sarmiento. San Juan, 10 de setembro de 1879. In: SARMIENTO, **Epistolario de...**, *op. cit.*, p. 80.

³³⁹ Sarmiento, após renunciar ao cargo de Ministro do Interior, entrou na sessão do Congresso para denunciar Roca, o acusando de conspiração contra a nação e o presidente Avellaneda. Sarmiento recebeu muitas críticas por esta atitude, devido a sua idade avançada e à impetuosidade do ato.

³⁴⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Montt. Buenos Aires, 6 de novembro de 1879. In: MONT, Manuel; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Manuel Mont y Domingo Faustino Sarmiento: epistolário 1833-1888**. Sergio Vergara Quiroz (Ed.). Santiago: Centro de Investigaciones Diego Barrios Arana, 1999. p. 13. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/correspmonttsarmiento.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2014; “la calaverada”, “un remedio heroico”, “vanidad”.

homem de Estado” e concluiu: “E te asseguro, minha última saída, não é para justificar nem um nem outro. Me portei como um jovem de vinte e oito anos ou como um velho unitário”.³⁴¹

Na mesma correspondência endereçada a Montt, informou sobre a certeza de vitória da candidatura do general Roca, mas que o outro candidato, Tejedor, também não era a melhor opção, mas que eram aspirações contraditórias. Criticou a falta de olhar daqueles que manejam a política por não pensarem nele como alternativa às duas candidaturas.³⁴²

A década de 1880 também foi um período de ação para Sarmiento. Até seus últimos dias, Sarmiento atuou em diversos projetos e na produção de textos, escrevendo sobre paisagens, quadros, moda feminina, arquitetura, indígenas, entre outros assuntos. Além de ocupar vários cargos públicos, publicou dois livros considerados importantes em seu conjunto de obras: *Conflicto y armonías de las razas* (1883) e *La vida de Dominguito* (1886). Em 1881, foi designado *Superintendente General de Escuelas del Consejo Nacional de Educación*, cargo ao qual renunciou em 1882. No final de 1885 teve início a publicação de *El Censor*, último periódico que fundou.

Um ano antes de sua morte, escreveu de Assunção, onde passava os invernos para cuidar da saúde: “Estou tão bem aqui, sou muito estimado, trabalho tanto de corpo e alma e sonho coisas tão possíveis que não tenho hora de descanso.”³⁴³

Três meses antes de sua morte, aos 77 anos de idade, Sarmiento escreveu para o neto:

Te espantaria saber o número de cartas que tenho escrito, as instruções de vinte páginas, as dissertações de cinquenta sobre festas de San Juan, que me proponho fazer de fomento à educação, pois não deixaremos de ser independentes; mas bárbaros podemos deixar de ser estimulando a educação.³⁴⁴

Nas correspondências das décadas de 1870 e 1880, as cartas familiares, trocadas com suas irmãs e netos, tratavam de assuntos cotidianos, referentes às moradias de Sarmiento (nas ilhas ou em Assunção), mas também de assuntos políticos, dos quais nunca se afastou. Sarmiento dava orientações sobre educação e sobre as leituras que realizava, escrevia sobre as

³⁴¹ *Idem*. “La fama de hombre de gobierno, que otros traducen de hombre de Estado”; “y le aseguro, que mi última salida, no es para justificar lo uno ni lo otro. Me he portado como un joven de veinte y ocho años o como un viejo unitario”.

³⁴² *Idem*. “Aspiraciones tan contradictorias”.

³⁴³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Augusto Belín Sarmiento. Assunção (Caprera), 20 de setembro de 1887. In: _____. *Epistolario de...*, op. cit., p. 217. “Me va tan bien aquí, estoy tan generalmente estimado, trabajo tanto de cuerpo y alma y sueño cosas tan posibles que no tengo hora de descanso”.

³⁴⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Augusto Belín Sarmiento. Assunção, junho de 1888. In: *Ibid.*, p. 218. “Te espantaría saber el número de cartas que he escrito, las instrucciones de veinte páginas, las disertaciones de cincuenta sobre fiestas de San Juan, que me propongo hacer de fomento de la educación, pues no hemos de dejar de ser independientes; pero bárbaros podemos dejar de ser estimulando la educación.”

dificuldades e melhorias da construção de sua casa em Assunção.³⁴⁵ Tanto nas missivas familiares como nas demais correspondências, o sanjuanino demonstrava grande empenho em publicar suas obras, como mostra uma carta enviada a Adolfo Saldías, na qual solicita que ele encaminhe dinheiro para o Chile, com o objetivo de publicar suas obras completas.³⁴⁶

As correspondências familiares, tanto quando tratavam de afazeres domésticos como quando estavam voltadas para assuntos políticos, demonstravam os laços de afetividade existentes entre os interlocutores. Expressões como “seu querido neto”, “seu querido avô”, “receba com carinho e respeito de seu neto”, eram corriqueiras. Com cada um dos netos parecia existir um assunto preferencial. Trocava cartas sobre arte com a neta Maria Eugenia Belín, que era pintora. Com Julio, tratava sobre assuntos relativos à infraestrutura de sua casa nas ilhas, com Helena Eloísa discorria sobre passáros, com Augusto Belín, seu braço direito, os assuntos eram variados e versavam, principalmente, sobre suas publicações e questões políticas. Com a sobrinha Sofia Lenoir comentou: “Penso daqui pra frente em me consagrar exclusivamente à vida privada, pois a pública não me dá meios de fazer frente às necessidades da vida.”³⁴⁷

Uma das preocupações após o mandato como presidente foi a sua ilha, no Delta no Tigre.³⁴⁸ Nas correspondências trocadas com seus netos Augusto Belín e Julio, seguiram-se várias orientações referentes aos cuidados que estes deveriam ter com a residência na ilha enquanto o avô estava distante. Nas missivas, foram recorrentes os avisos referentes ao envio de mudas, sementes e espécimes de plantas e frutas para o plantio, muitas vindas de outras províncias da Argentina, do Chile e até mesmo da Europa. Sarmiento se interessava pelo plantio de eucaliptos, tomates, milho, bambus, etc. Tinha também um grande interesse por frutas, a ponto de comentar: “Pêssegos gigantesco! Era de tirar a espada e abandonar o combate.”³⁴⁹ Esse interesse se fez presente também em relação aos produtos existentes no

³⁴⁵ Três meses antes de morrer, Sarmiento pediu ao neto Augusto Belín que conseguisse, junto ao Departamento de Escuelas, planilhas e regulamentos para que pudesse repassá-los no Paraguai, com a intenção de que adotassem o modelo argentino. Também comentou com o neto que estava lendo “una completa reseña del hombre prehistórico en América”, por Marquis de Rabailac. Ver *Ibid.*, p. 220.

³⁴⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Adolfo Saldías. Buenos Aires, 20 de maio de 1888. In: _____. **Páginas confidenciales...**, *op. cit.*, p. 242.

³⁴⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Sofia Lenoir de Klappenbach. Santiago, 13 de fevereiro de 1884. In: _____. **Epistolário...**, *op. cit.*, p. 159. “Pienso en adelante consagrarme exclusivamente a la vida privada, pues la pública no me dá medios de hacer frente a las necesidades de la vida”.

³⁴⁸ O Tigre é uma cidade da província de Buenos Aires, localizada no Delta do Rio Paraná. Sarmiento teve uma casa em uma das ilhas do Delta do Tigre (hoje transformada em museu) e realizou uma série de experimentos nesse local, a partir do plantio de diferentes espécimes de plantas e frutas.

³⁴⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Augusto Belín Sarmiento. Assunção, 17 de julho de 1888. In: *Ibid.*, p. 224. “¡Duraznos gigantesco! Era de tirar la espada y abandonar el combate.”

Brasil, quando ele passou por diferentes províncias, durante o período de sua presidência, assunto que será tratado no terceiro capítulo.

Durante a década de 1880, além das atividades políticas e literárias que continuou realizando, também buscou construir sua imagem como *prócer*³⁵⁰. Por meio da produção de discursos históricos, políticos e fúnebres, Sarmiento buscou transmitir mensagens nas quais sua identidade estivesse relacionada às ideias e valores defendidos pela nação em formação. Neste momento o que o preocupava era como seria recordado pela posteridade. Contando com grande número de inimizades, Sarmiento manifestava, por meio desses documentos, a “vontade de orientar a partir de seus próprios discursos as linhas fundamentais da homenagem que lhe seria dedicada à sua morte e que consagrará sua imagem”.³⁵¹

Augusto Belín teve um papel fundamental na reunião de materiais para a construção de uma memória do avô, mas enquanto este ainda estava vivo e sob sua rígida orientação. Sarmiento indicava ao neto como este deveria agir com seus interlocutores políticos, quanto aos exemplares que deveriam ser enviados e para quem deveria enviá-los, quanto às publicações e o que deveria ser incluso ou excluído de seus escritos. Augusto Belín realizava diversas tarefas relacionadas a publicações nos periódicos em nome do avô, quando este não estava em Buenos Aires. Ele era orientado a realizar a seleção, correção e publicação dos textos de Sarmiento. Segundo o encaminhamento de Sarmiento referente a um dos tomos das obras completas, escreveu ao neto:

Me envie pelo próximo navio exemplares ao Chile – cinquenta. Em todo caso, manda às províncias, por meio dos livreiros ou de outro modo porque interessa que seja conhecido por todas partes. A governadores – e a gerais – a Uruburu. Se souber quem são os deputados e senadores este ano, bom seria você enviar exemplares a cada um.³⁵²

Da mesma forma, ao finalizar mais uma edição de *La vida de Dominguito*, orientou o neto, enquanto estava em Tucumán: “Entre a primeira frase e a segunda faltam ligações,

³⁵⁰ A expressão *prócer*, na República Argentina, é utilizada como referência a indivíduos que se destacaram no meio político, sobretudo do século XIX. Essa forma de denominação é atribuída tanto a algumas lideranças que lutaram nas guerras de independência como aos escritores-estadistas que se destacaram, política e/ou intelectualmente, no período posterior.

³⁵¹ ARNOUX, Elvira Narvaja de. Discursos epidícticos y homenajes en los últimos años de Sarmiento. In: JITRIK, **História crítica...**, *op. cit.*, p. 580. “Voluntad de orientar desde sus propios discursos las líneas fundamentales del homenaje que se le debería rendir a su muerte y que consagrará su figura”.

³⁵² José Evaristo de Uruburu foi um político argentino do século XIX. SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Augusto Belín Sarmiento. Montevideu, 31 de janeiro de 1884. In: _____. **Epistolario de...**, *op. cit.*, p. 192. “Mándame por el próximo vapor ejemplares a Chile – cinquenta. En todo caso manda a las provincias, sirviéndote de libreros o de otro modo porque interesa que sea conocido por todas partes. A gobernadores – y a Generales – a Uruburu. Si supieras quiénes son Diputados y Senadores este año, bueno fuera mandarles tú ejemplares a cada uno.”

coloque-as. [...] Enfim, retire ou insira algum retoque que lhe falte”³⁵³; ou ainda: “Te incluo em duas caixas cartas para *El Nacional*. Faça-me o serviço de passá-las a limpo e corrija-las. Até o papel é ruim e me cansa a cópia”.³⁵⁴

O neto, por sua vez, enviava ao avô recortes de jornal nos quais ele havia sido citado ou trechos de periódicos que faziam referência aos discursos proferidos pelo avô nas províncias e países pelos quais passava como Ministro, o que demonstra, uma vez mais, que Sarmiento acompanhava tudo o que se falava dele na imprensa.

Em muitas correspondências, escritas principalmente entre 1886 e 1888, Sarmiento se queixava da saúde. Em 1887, iniciou viagens periódicas para Assunção, para fugir dos invernos bonaerenses, visando à recuperação. Em 1888, faz sua última viagem ao Paraguai, com sua filha Faustina e outros familiares. Morreu no dia 11 de setembro, em sua casa, em Assunção.

Um pouco antes, em julho, mediante a morte de Victorino Lastarria, ao enviar os pêsames para o filho do amigo, Sarmiento se lembrou com nostalgia dos tempos do exílio no Chile, ocasião na qual conheceu o amigo, como se este tivesse sido o período mais marcante de sua vida. O momento retrospectivo da narrativa serviu também ao propósito de falar de si uma vez mais:³⁵⁵

Você, nascido e criado em época posterior não pode ter ideia das preocupações, afinidades, repulsões e cuidados que inspirava a generalidade dos jovens daqueles tempos, a presença, a arrogância diziam, as pretensões incorporavam outros da imigração argentina em 1840. Havia de tudo na vinha de Deus, mas havia do outro lado a novidade de ver tomar seu lugar muitos forasteiros, expressar opiniões que não eram correntes e se inserir, digamos assim, na sociedade ativa pensante governante. Eu era um dos que mais excitava as susceptibilidades, ou por menos polido, pois era o mais provinciano ou por me sentir mais seguro. Experimentei todo gênero de

³⁵³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Augusto Belín Sarmiento. Tucumán, 28 de julho de 1886. Sem indicação de local e número de folhas. In: *Ibid.*, p. 208; Entre la primera frase y la segunda falta ligaduras, pónsela. [...] En fin, quitale o añádale algún retoque que le falta”.

³⁵⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Augusto Belín Sarmiento. Sem indicação de local. In: *Ibid.*, p. 242. “Te incluyo en dos paquetes cartas para El Nacional. Hazme el servicio de ponerlas en limpio y corregirlas. Hasta el papel es malo y me fatiga la copia”.

³⁵⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Demétrio Lastarria. Assunção, 10 de julho de 1888. In: LASTARRIA, **Correspondencia...**, *op. cit.*, p. 149. “V. nacido y criado en época posterior no puede formarse idea de las preocupaciones, afinidades, repulsiones, y celos que inspiraba a la jeneralidad de los jóvenes de aquellos tiempos, la presencia, la arrogancia decían, las pretensiones añadían otros de la inmigración argentina en 1840. De todo había en la viña de Dios, pero había del otro lado la novedad de ver tomar su puesto a muchos forasteros, espresar opiniones que no eran corrientes, e injerirse digámoslo así en la sociedad activa pensante gobernante. Yo era uno de los que mas exitaban las susceptibilidades, o por menos pulido por el roce pues era lo mas provinciano o por sentirme mejor apoyado. Esperimenté todo jénero de contrariedades, a veces repulsiones, tuve amigos sinceros o de circunstancias; pero entre todos ellos se distinguía Lastarria, por el afecto, por la deferencia, por una cierta aprobación tácita, y sobre todo por la protección que me dispensaba.[sic]”

contrariedades, às vezes repulsas, tive amigos sinceros ou de circunstâncias; mas entre todos eles se distinguia Lastarria, pelo afeto, pela deferência, por uma certa aprovação tácita, e sobretudo pela proteção que me dispensava [...].

2. LA TRANSICIÓN LENTA Y PENOSA: independência, soberania e o reordenamento rio-platense

Neste capítulo, minha intenção é situar Sarmiento em relação às configurações da época em que ele viveu. O objetivo não é construir um pano de fundo histórico, pois as configurações de uma época não estão localizadas no “fundo” de uma determinada experiência de vida, mas sim entender como essa vida encontrou sentido e atribuiu significados a sua existência a partir de um quadro social amplo, com o qual interagiu ininterruptamente.

Por mais que os desejos, anseios e perspectivas estejam na ordem do individual, eles se dirigem para o meio social no qual se vive e esse meio, por sua vez, exerce pressão no sujeito, corroborando ou alterando as expectativas, vontades e posicionamentos.³⁵⁶ Evidenciar os elementos conjunturais que marcaram posições políticas e intelectuais, observar as ideias circundantes da época e entender que o indivíduo estava inserido nesta conjuntura mais ampla pode auxiliar no entendimento das bases de sua formação política e, de forma geral, dos aspectos da sua visão de mundo.

Visando entender algumas das posições de Sarmiento perante a vida – principalmente no que diz respeito aos olhares que lançou sobre o Brasil –, destacarei momentos que me pareceram marcantes neste campo social para o qual Sarmiento dirigiu seus desejos, angústias, ações e pensamentos. As posturas tomadas frente a esse contexto podem auxiliar na compreensão acerca das considerações feitas sobre o Império brasileiro em diferentes ocasiões. Para isso, inicialmente, trabalharei com algumas mudanças que ocorreram na região platina no início do século XIX, resultado dos processos de independência que conduziram a uma série de transformações e reencaminhamentos políticos e sociais.

A história dos países da América do Sul, na primeira metade do XIX, esteve marcada por debates e conflitos relacionados à formação dos Estados e nações e Sarmiento atuou de forma intensa nestas discussões. Embora tenham existido tentativas de construção de uma ordem institucional estável e legítima, a libertação do domínio espanhol não culminou em uma unidade nacional para as *Provincias Unidas do Rio da Prata*, mas em um período de conflitos civis voltados à legitimação de poderes e a debates acerca da ideia de soberania. Do

³⁵⁶ Sobre esse assunto ver ELIAS, op. cit., p. 19.

Chile, Sarmiento acompanhou esses conflitos e alimentou posições sobre os grupos e temas envolvidos.

Após a Batalha de Caseros (1852), Sarmiento se destacou nos debates sobre os caminhos que deveriam ser adotados pela nação argentina, tanto por meio de seus textos como também a partir de diversos cargos públicos, culminando em sua atuação como Presidente da República Argentina, entre 1868 e 1874, momento importante nas relações entre o Brasil e os demais países do Prata, sobretudo devido à Guerra da Tríplice Aliança.

2.1. *La perspectiva crepuscular de una nueva época: da independência às tentativas de reordenamento político na primeira metade do século XIX*

Sarmiento nasceu em fevereiro de 1811, alguns meses após a Revolução de Maio de 1810, questão recorrente em muitas biografias, como foi observado no primeiro capítulo. A visão teleológica veiculada nessas narrativas, que entendem esse momento como conformador de um determinado caráter individual, não auxilia a entender os elementos conjunturais que certamente foram marcantes não na conformação de uma única personalidade, mas na formação de posturas intelectuais e políticas de diferentes grupos, muitos dos quais formavam o círculo de convívio de Sarmiento.

O período da independência na região do Prata ou período revolucionário, como esse contexto é constantemente referenciado na historiografia, esteve marcado por discussões acerca da legitimidade do poder e da soberania dos *pueblos*.³⁵⁷ Esse momento pode ser dividido em duas etapas. A primeira relacionada à *Revolução de Maio* e a segunda, à independência das *Provincias Unidas do Rio da Prata*. Embora Sarmiento tenha nascido após a *Revolução*, sofreu o impacto dos acontecimentos e das transformações que afetaram toda a extensão do território rio-platense nessa conjuntura.

Nesta época, início do XIX, a Argentina não existia como nação, nem possuía os contornos da atualidade. As províncias que atualmente compõem o país faziam parte do Vice-reinado do Rio da Prata, criado em 1776 pela coroa espanhola. Com a criação deste Vice-reinado, a cidade de Buenos Aires se tornou a capital de um amplo território formado por

³⁵⁷ É ponto de acordo entre diversos historiadores que os processos de Independência na América ibérica representam um dos acontecimentos mais importantes da história contemporânea. As independências tornaram-se um tema valorizado para a historiografia, que destacou e/ou enalteceu o caráter de ruptura entre as metrópoles espanhola e portuguesa e suas colônias americanas, como nos indicam, por exemplo: CHUST, Manuel; FRASQUET, Ivana. **Las independencias en América**. Madrid: Catarata, 2009, e MACFARLANE, Anthony. Independências americanas na era das revoluções: conexões, contextos, comparações. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A independência brasileira: novas dimensões**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Buenos Aires, Paraguai, Tucumán, Potosí, Charcas, Mendoza, San Juan e Santa Cruz de la Sierra. Neste momento, San Juan, a cidade natal de Sarmiento, ainda fazia parte da Capitania Geral do Chile.³⁵⁸

A palavra *argentina*, por sua vez, não era utilizada no início do século XIX como referência ao território que hoje forma o país e não indicava um sentimento de nacionalidade específico. *Argentina*, como substantivo, passou a ser empregada por escritores portenhos nesta época como referência à interlândia de Buenos Aires. Equivalia ao rio-platense ou ao bonaerense, ampliando-se progressivamente para as províncias do litoral à medida que se expandia o alcance territorial da capital do antigo Vice-reinado.³⁵⁹

Com a invasão napoleônica da Península Ibérica em 1808, o rei espanhol Fernando VII foi deposto e o irmão de Napoleão, José Bonaparte, assumiu a coroa espanhola. A primeira reação dos hispano-americanos foi a criação de juntas governativas, tanto na Península como na América³⁶⁰. Essas juntas declararam sua fidelidade a Fernando VII, pois a ascensão de Bonaparte à coroa espanhola não foi considerada legítima pelas *ciudades e pueblos* do mundo hispânico.³⁶¹

³⁵⁸ Até 1776, San Juan pertencia ao Reino do Chile e desde o início do século XVIII a classe dirigente cuyana debateu sobre a possibilidade de se unir politicamente com o lado da cordilheira no qual estavam localizados, com o objetivo de fortalecer os laços comerciais ao leste. Em 1703, o Cabildo de Mendoza solicitou ao rei espanhol a incorporação de Cuyo a *Gobernación de Córdoba del Tucumán*, justificando que os moradores de Santiago levavam a mão de obra indígena para o outro lado da Cordilheira e que Tucumán e as demais províncias do Prata representavam um importante mercado passível de ampliação para o comércio vitivinícola. O governo metropolitano atendeu a esta solicitação somente em 1776, quando incorporou San Juan e Mendoza ao recém-criado *Vice-reinado do Rio da Prata*.

³⁵⁹ No início do século XIX, as identidades se conformavam de acordo com o local de procedência do indivíduo. Assim, era possível ser espanhol americano diante do espanhol peninsular, bonaerense frente ao cordobês, rio-platense frente ao peruano, ou seja, existiam diversas formas de identidades na região rio-platense no período da emancipação. De acordo com Goldman, após 1810 se distinguiram com maior clareza três formas de identidade, embora outras continuassem existindo: a identidade americana, a urbana (em contraposição à provincial) e a rio-platense (ou argentina). GOLDMAN, Noemí. *Crisis imperial, revolución y guerra (1806-1820)*. In: _____. (Dir.). **Revolución, República, Confederación (1806-1852)**. Tomo III. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

³⁶⁰ Após a deposição de Fernando VII, foram criadas diversas juntas insurrecionais de apoio ao rei. Em janeiro de 1808, os moradores de Buenos Aires, que englobavam americanos e peninsulares, juraram fidelidade à Junta Central de Sevilha, como soberana do rei Fernando VII. De acordo com Goldman, os moradores da região estavam abertos a possíveis alianças e não estavam convencidos das vantagens de ruptura com a metrópole. Formaram-se juntas de governo na Península Ibérica (inicialmente em Sevilha e depois em Cádiz). Concomitante a esse processo, principalmente após a dissolução da Junta Central de Sevilha, formaram-se também juntas autônomas de governo em diferentes locais do Império espanhol, como em Buenos Aires. Os hispano-americanos questionaram muitas dessas formações criadas na Espanha, sobretudo as juntas centrais, pois em várias delas ou não existiam deputados americanos ou existiam em número considerado pequeno pelos americanos, que desejavam exercer os mesmos direitos que os peninsulares. Os americanos também não aceitaram ter sua participação considerada como uma concessão, mas desejavam que fosse entendida como um direito. Na América, foram estabelecidas juntas próprias, muitas das quais não reconheceram as juntas espanholas. Ver: GOLDMAN, *Crisis imperial...*, *op. cit.*, 1998.

³⁶¹ François-Xavier Guerra enfatiza a importância de compreendermos o período entre 1808 e 1809 a partir de uma visão de conjunto do qual tanto a Península como as colônias americanas faziam parte. Segundo Guerra, jornais, atas de cabildos e correspondências confirmam a ideia de que os americanos estavam preocupados com a

A partir da abdicação forçada do rei espanhol, os vínculos que uniam o mundo hispânico foram comprometidos, embora, inicialmente, nem todos os *pueblos* estivessem certos do rompimento com a metrópole e imperasse um sentimento de ambiguidade. Nas juntas formadas na América, as discussões se davam em torno do problema da legitimidade dos novos governos provisórios e da representação política. A dúvida que surgiu a partir da ausência do rei girou em torno da questão de quem governaria e em nome de quem enquanto Fernando VII estivesse cativo. Nestas deliberações, se optou pela adoção do conceito de soberania popular. Mas as ideias de soberania que existiram nesse momento estavam de acordo com o pacto de sujeição. Existia uma normativa vigente, que definia a reassunção do poder pelos depositários originais, os *pueblos*, em vista da vacância do monarca.

A notícia da queda da Junta de Sevilha, em maio de 1810, foi o primeiro passo em direção à mudança de regime. No mês seguinte, foi nomeada uma junta autônoma de governo em Buenos Aires, formada por moradores da cidade, momento conhecido como *Revolução de Maio*.³⁶²

A *Junta de Buenos Aires* admitiu a soberania dos *pueblos* como legítima face à vacância real. Mas essa ideia não coadunava com a tendência que também surgiu em 1810, de organizar um Estado unitário, com uma única soberania rio-platense, derivada do pacto social. Nesta perspectiva, uma vez formados os grupos representativos (assembleias, congressos, etc.), a soberania deixaria de emanar diretamente dos *pueblos* e passaria para a nação. Esse embate se transformou em uma das grandes divisões políticas que acometeu as províncias do ex-Vice-reinado do Rio da Prata durante a maior parte do século XIX e foi o motivo de muitos conflitos civis. Também foi um dos temas em torno do qual Sarmiento e seus contemporâneos debateram intensamente, pois muitos grupos eram contrários a um Estado unitário e defendiam a existência de soberanias, cujas decisões caberiam aos *pueblos*.

invasão napoleônica, com a formação das juntas, com as eleições para deputados, enfim, com o conjunto da monarquia da qual se sentiam parte. Neste sentido, as explicações que remetem a um sentimento nacionalista neste período incorrem em anacronismo, pois projetam para aquele momento uma sensação que só pôde ser formulada posteriormente. Essas explicações devem-se muito mais ao interesse em criar um imaginário nacional para os novos países independentes. Ver: GUERRA, François-Xavier. **Modernidad e Independencias**: ensayos sobre las revoluciones hispánicas. Madrid: Mapfre, 1992.

³⁶² Em fevereiro de 1811, as autoridades reunidas em Buenos Aires criaram Juntas Provinciais nas capitais de cada província (intendências) e Juntas Subordinadas nas cidades subalternas. De acordo com Chiaramonte, esse teria sido o ponto inicial das primeiras manifestações de autonomia por parte das cidades e para a formação das 14 províncias. Os *pueblos* do interior do Rio da Prata foram convidados a participar das deliberações em Buenos Aires, sendo que as cidades do interior encarregaram os Cabildos da eleição de deputados, portanto, a representação foi entregue para as cidades da colônia espanhola. Ver: CHIARAMONTE, **El federalismo...**, *op. cit.*, p. 105-110.

As décadas que se seguiram à independência suscitaram a necessidade de definir a natureza e os limites do novo Estado, uma vez que os pontos de referência de poder já não mais existiam. Assim como nas demais possessões da Espanha, no ex-Vice-reinado do Rio da Plata surgiram diversas soberanias “que correspondiam ao âmbito político das cidades. Ao mesmo tempo, o princípio de uma soberania ‘nacional’ surgia dos governos centrais e das primeiras assembleias constituintes.”³⁶³ Durante a década de 1810, a representação política, portanto, foi orientada pelas cidades, conforme a antiga tradição da Espanha. Existia somente uma noção contratualista referente à origem da nação entre as províncias rio-platenses.³⁶⁴ A ideia de nação, neste contexto, se transformaria ainda em objeto de debates e divergências.

Como nação, nos primeiros anos da Revolução, se entendia a nação espanhola ou a nação americana. Conforme Goldman, “a nação que se concebia até 1810 no Rio da Prata exhibe assim um aspecto concreto e territorial, é a reunião de seus componentes: assim dizendo, dos povos e províncias intencionais”.³⁶⁵ Portanto, a questão identitária estava vinculada aos *pueblos* organizados a partir das intendências. A partir do final da década de 1810, os *cabildos* e as províncias intencionais foram suprimidos do território rio-platense, dando lugar às províncias autônomas, ou seja, os antigos *pueblos* se transformaram em Estados soberanos sob o nome de províncias.³⁶⁶

Mariano Moreno foi uma das principais lideranças desta fase e os unitários – partido político ao qual Sarmiento se integrou, criado no Congresso Constituinte de 1824 – derivaram dessa matriz. Nesta primeira fase (1810-1814), os *morenistas* tentaram associar a luta de independência à construção de uma nova ordem.³⁶⁷ Também foi o período no qual os oficiais José de San Martín e Carlos de Alvear iniciaram suas atividades militares na região, defendendo a causa americana em detrimento de uma causa local.

³⁶³ GOLDMAN, *Crisis imperial...*, *op. cit.*, p. 23. “Que correspondiam con él ámbito político de las ciudades. Al mismo tiempo el principio de una soberanía ‘nacional’ surgía de los gobiernos centrales y de las primeras asambleas constituyentes.”

³⁶⁴ Durante o período dos Habsburgos, no século XVIII, a monarquia hispânica pautou seu domínio em uma relação contratual na qual existiam deveres e direitos recíprocos entre o rei e o reino. Daí derivou privilégios e liberdades particulares de comunidades políticas que faziam parte dos Vice-reinados.

³⁶⁵ GOLDMAN, *Crisis imperial...*, *op. cit.*, p. 40. “La nación que se concibe hacia 1810 en el Río de la Plata exhibe así un aspecto concreto y territorial, es la reunión de sus componentes; es decir, de los pueblos y provincias intencionales”.

³⁶⁶ Chiaramonte chama atenção para o significado de província nesta conjuntura. Ele enfatiza que a noção de província, até a metade do século XIX, se intercambiava com outras denominações, tais como *pueblos* e *ciudades*, em referência à fragmentação política do antigo vice-reinado. Ver: CHIARAMONTE, *El federalismo...*, *op. cit.*, p. 94.

³⁶⁷ Mariano Moreno, o secretário da Primeira Junta, adaptou o *Contrato Social* de Rousseau ao elaborar os princípios da soberania popular no Rio da Prata em 1810.

Durante e após a *Revolução de Maio*, se difundiram correntes do pensamento ilustrado. Diferentes tradições e linguagens se associavam às práticas políticas em alguns momentos e se distanciavam em outros. Não se tratava somente de uma mudança de governo, mas da “possibilidade de realizar o pensamento filosófico em versão republicana.”³⁶⁸

A *Revolução de Maio*, portanto, foi uma resposta à conjuntura de vacância real. Com a ascensão de um grupo mais radical voltado a ideais independentistas, com a volta de Fernando VII ao trono e a restauração do regime, em 1814, as elites revolucionárias não aceitaram uma nova dominação espanhola e declararam a independência em 1816, o que significou o rompimento definitivo com a Espanha.³⁶⁹ Diversas províncias do antigo Vice-reinado aderiram ao movimento de emancipação e foram incorporadas às *Províncias Unidas do Rio da Prata* (ou *Províncias Unidas da América do Sul*), com capital em Buenos Aires, como foi o caso das províncias cuyanas. Mas nem todas anuíram, a exemplo do Paraguai.

José Carlos Chiaramonte enfatiza a dificuldade para os historiadores definirem a natureza da organização política rio-platense após a independência, devido ao caráter de provisoriedade permanente que existiu.³⁷⁰ Os elementos que usualmente eram acionados como base para a legitimidade da nação, como língua, etnicidade e tradições não poderiam ser utilizados no caso dos países da América hispânica, pois a luta pela independência não pressupunha uma concepção pré-formulada de nacionalidade dentre aqueles que a ela aderiram, até porque “só muito lentamente [a elite revolucionária] chegou a ver na independência política uma possível saída para a crise do Império espanhol”³⁷¹.

Os historiadores têm dado grande importância ao uso e às (re)significações atribuídas ao vocabulário político utilizado na época, o qual tem sido analisado a partir dos sentidos conferidos no contexto em que foi pensado, evitando-se assim anacronismos. Chiaramonte, ao analisar as concepções políticas relacionadas às primeiras entidades soberanas criadas a partir do processo de independência da região platina, enfatiza a importância de não se utilizar

³⁶⁸ GOLDMAN, *Crisis imperial...*, op. cit., p. 45. “Posibilidad de realizar el pensamiento filosófico en versión republicana”.

³⁶⁹ Entre o período de 1810 e 1816, ocorreram diversos acontecimentos que levaram à declaração de independência, como a circulação do *Contrato Social* de Rousseau, a formação de juntas, a realização de Assembleias e a promulgação de vários decretos, muitos dos quais foram redigidos por Mariano Moreno. Durante esta fase, algumas cidades Aires, enquanto outras optaram pela lealdade à coroa espanhola. Após seis anos de batalhas contra os realistas (defensores da coroa), os rio-platenses declararam independência.

³⁶⁹ CHIARAMONTE, *El federalismo...*, op. cit., p. 81-131.

³⁶⁹ MYERS, *A revolução...*, op. cit., p. 75.

da região platina lutaram pelo rompimento com a Espanha, como Buenos Aires, enquanto outras optaram pela lealdade à coroa espanhola. Após seis anos de batalhas contra os realistas (defensores da coroa), os rio-platenses declararam independência.

³⁷⁰ CHIARAMONTE, *El federalismo...*, op. cit., p. 81-131.

³⁷¹ MYERS, *A revolução...*, op. cit., p. 75.

preferências conceituais predeterminadas para compreender como os atores sociais pensaram a experiência política das primeiras décadas do século XIX. De acordo com suas reflexões, palavras como Estado e nação, muitas vezes, foram consideradas como tendo um mesmo sentido quando eram empregadas pelas pessoas que viveram o período pós-independência e refletiam acerca da organização ou ordenação política.³⁷²

Nas vertentes historiográficas atuais se considera, ao pensar essa temática, a participação de diferentes atores sociais, de experiências e identidades distintas. A ideia de nação foi desnaturalizada e passou a ser compreendida como resultado de um processo histórico ou de uma invenção e não como a expressão de uma identidade política rio-platense que correspondesse a uma determinada forma de nacionalidade. Segundo Chiaramonte, a ideia de nacionalidade como base de um Estado nacional só se deu posteriormente às independências.³⁷³

No início do período independentista, a maioria dos *pueblos* não opôs grandes obstáculos à continuidade da função de Buenos Aires como capital e sede. Assim, na primeira década revolucionária, ocorreu um centralismo portenho, pois Buenos Aires, como antiga capital do Vice-reinado, concentrava elementos estruturais administrativos, além da aduana.³⁷⁴ Em Buenos Aires também se encontravam grupos militarizados que haviam se formado a partir da experiência da luta contra os ingleses que invadiram o litoral entre os anos 1806 e 1807. Esses corpos de milícias haviam sido formados por voluntários arregimentados entre os moradores de Buenos Aires e de regiões do Rio da Prata.

A experiência da luta contra os invasores ingleses – e depois com o processo revolucionário – permitiu que a elite formada por comerciantes e burocratas do litoral constituísse uma base de poder local. Possibilitou também que *criollos* sem recursos financeiros ou formação militar adquirissem prestígio entre as milícias e participassem da cena pública. Esses elementos alteraram as configurações de poder em Buenos Aires.³⁷⁵

A centralização de Buenos Aires não significou uma federalização. As relações estabelecidas com um poder central representado por Buenos Aires foram concebidas em termos de pacto. De acordo com Chiaramonte, foi somente com o passar do tempo, devido aos problemas ocasionados pelos inúmeros conflitos e às pretensões hegemônicas bonaerenses, que as ideias confederais se fortaleceram, parecendo às províncias – pautadas

³⁷² CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados: origens da nação argentina 1800-1846**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009. p. 12-13.

³⁷³ *Ibid.*, p. 61.

³⁷⁴ GOLDMAN, **Crisis imperial...**, *op. cit.*, p. 43.

³⁷⁵ *Ibid.*, p. 34.

ainda no antigo direito ao autogoverno – a melhor maneira de proteger seus interesses frente a Buenos Aires.

Diversos governos se sucederam durante o período revolucionário, como soluções provisórias que deveriam existir somente até a organização de um novo Estado, o que não foi ponto passivo, pois estavam preocupados com as bases sociais e políticas do novo poder. Os debates giravam em torno da forma de governo e de representação que os *pueblos* do antigo *Vice-reinado do Rio da Prata* deveriam adotar. As propostas constitucionais produzidas na década de 1810 foram rechaçadas pelas províncias, por seu caráter centralista. Esse foi um período de conflito entre federalistas e unitários, entre o governo central e as províncias, entre os interesses centrais e os regionais e entre as lideranças locais que comandavam grupos de *montoneras*.³⁷⁶

Diversos *pueblos* optaram por seguir a liderança de José Gervásio Artigas e enfrentar Buenos Aires.³⁷⁷ Artigas foi uma das principais lideranças da revolução de independência na região platina e esteve à frente do exército e dos interesses da Banda Oriental (sem a participação de Montevidéu). Artigas desejava formar uma confederação platina sem a existência de um executivo forte, contrariando tendências centralizadoras de lideranças bonaerenses. Essa disputa caracterizou a luta da Banda Oriental de forma peculiar, já que o inimigo não era a Espanha, mas o centralismo portenho. Embora grande parte do exército de Artigas fosse da Banda Oriental, lideranças do litoral oeste do Rio da Prata também aderiram ao projeto artiguista, que previa uma confederação entre diferentes províncias, não se restringindo somente à Província Oriental.

³⁷⁶ As *montoneras* eram forças guerrilheiras irregulares comandadas por caudilhos. Essas forças eram compostas por pequenos fazendeiros, trabalhadores assalariados, peões de estância e grupos arregimentados pelas lideranças caudilhas.

³⁷⁷ Desde sua criação, em 1724, Montevidéu respondia ao governo de Buenos Aires. Existiram diversas disputas entre os portos de Buenos Aires e Montevidéu antes da independência, mas esses conflitos não podem ser entendidos como um pressentimento de nacionalidade, embora existissem particularismos e sentidos de distinção, sobretudo após 1808, embora ainda nesta época não houvesse um projeto de independência da Banda Oriental. Em 1811, os governos de Buenos Aires e Montevidéu entraram em guerra e os portugueses, que já haviam demonstrado preocupação e interesse pelos domínios hispânicos na América desde 1808, intervieram. Neste mesmo ano, foi firmado um armistício entre Buenos Aires e Montevidéu, mas Artigas rompeu com os aliados e formou uma liderança política autônoma. De acordo com Pimenta, sob a liderança de Artigas, a Banda Oriental (sem o apoio de Montevidéu) ascendeu à condição de entidade política, sendo reconhecida como tal, como atestam documentos demonstrando a existência de pactos realizados entre a Banda Oriental e Buenos Aires. Ele conseguiu reunir um grande exército (em torno de quarenta por cento da população da Banda Oriental). Do projeto artiguista e das disputas relacionadas a ele adveio, segundo Pimenta, a generalização da identidade oriental para toda a província. Ver: PIMENTA, João Paulo G. *Província Oriental, Cisplatina, Uruguai: elementos para uma história da identidade oriental (1808-1828)*. In: PAMPLONA, Marco Antonio; MÄDER, Maria Elisa (Orgs.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: região do Prata e Chile**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 27-55.

A Constituição adotada pelos artiguistas tentava garantir um governo republicano e a liberdade civil e religiosa. Contando com o apoio de caudilhos, Artigas criou a *Liga de los Pueblos Libres*, que não reconheceu o governo central unitário estabelecido em Buenos Aires. Em uma assembleia com os representantes das províncias, eles declararam a importância de se adotar um sistema político federalista, de inspiração estadunidense, no qual as províncias poderiam se associar, delegando algumas atribuições ao poder central (como as relações externas), mas conservando sua autonomia. O poder do governo nacional designado deveria ser limitado. Mas, assim como os unitários, entre os federalistas existiam várias tendências e interesses e a ideia de federalismo passou por diversas nuances ao longo do século XIX. Nesta época, a cor vermelha se tornou o símbolo federalista.

Os grupos reunidos em torno de Artigas, os *pueblos* da Banda Oriental e do litoral, adotaram uma tendência federalista com a intenção de afirmar sua autonomia, o que mostra então, segundo Chiaramonte, que “o processo político da primeira década revolucionária é a perduração das tendências ao autogoverno provenientes do período hispanocolonial, reformuladas nas tendências autônomas desenvolvidas logo após maio de 1810 sobre a base da retroversão e a soberania”.³⁷⁸ Artigas também lutou contra os portugueses que invadiram a Banda Oriental e ocuparam Montevidéu entre 1816 e 1817, mas foi vencido em 1820.

A revolução desenhou duas tendências principais, que acompanharam Sarmiento e seus contemporâneos até as últimas décadas do século XIX: a que defendia a centralização em Buenos Aires e o autogoverno das províncias. As lideranças divergiam entre a autonomia provincial ou a união ao governo central, ou seja, os debates e tensões existentes nessa época giravam, sobretudo, em torno da coexistência da soberania das cidades com governos centrais ou uma única soberania rio-platense. Assim, muitas províncias, para manter sua soberania, optaram por um sistema de pactos, confederações ou ligas.³⁷⁹

A conjuntura da Independência também permitiu que as lideranças locais adquirissem um poder cada vez mais amplo. A autoridade conferida pelos *pueblos* aos governos centrais teve um caráter provisório. Seguiram-se diversas guerras civis no espaço que então havia compreendido o *Vice-reinado do Rio da Prata*. As tentativas de ordenamento, levadas a cabo pelos governos centrais e pelas assembleias constituintes, produziram projetos políticos que não foram implementados. Os interesses se manifestavam na defesa de alianças simples,

³⁷⁸ CHIARAMONTE, *El federalismo...*, *op. cit.*, p. 81-131. “Lo que muestra entonces el proceso político de la primera década revolucionaria es la perduración de las tendencias al autogobierno provenientes del período hispanocolonial, reformuladas en las tendencias autónomas desarrolladas luego de mayo de 1810 sobre la base de la retroversión y la soberanía.”

³⁷⁹ *Ibid.*, p. 115.

passando pela união confederal até o Estado unitário. O fracasso desses projetos deu ensejo a novos conflitos, que tiveram consequências políticas, sociais e econômicas, variando de acordo com a região.

No contexto pós-independência, se desenvolveu ainda o interesse econômico voltado para a pecuária, atividade que exigia grandes extensões de terra. Os proprietários de terras, muitos dos quais eram estancieiros, faziam parte de uma rede econômica, política e militar que ligava fazendeiros, deputados, oficiais da lei, funcionários públicos, militares e comerciantes. Esses grupos estabeleciam laços a partir de interesses comuns. Muitos estancieiros se tornaram caudilhos e sua atuação, para além da criação de gado, esteve relacionada a um contexto de guerras civis, pois também exerciam atividades militares e políticas, a exemplo de Juan Manuel de Rosas.³⁸⁰ Essas relações também estiveram presentes em Cuyo.³⁸¹ Alguns caudilhos se estabeleceram ou passaram por essa região e foram alvos das reflexões de Sarmiento, como Facundo Quiroga, imortalizado por meio da obra que leva o seu nome.

Diferentemente de outras regiões do Prata que se voltaram para a pecuária, em Mendoza e San Juan a atividade econômica de maior desenvoltura foi a vitivinicultura, desenvolvida desde o começo do século XVIII. Este tipo de produção possibilitou que essa região se desviasse da tendência dos grandes latifúndios (embora alguns vitivinicultores também criassem gado) e, aos poucos, permitiu a formação de uma burguesia industrial e comercial, organizada em pequenas propriedades nas quais trabalhava o dono da terra, que tinha preocupações com a inserção de novas tecnologias, de melhorias nos equipamentos e instalações.³⁸² Com a criação do porto de Buenos Aires, se consolidou um comércio oriundo

³⁸⁰ Na historiografia, é muito difícil diferenciar o *estanciero* do *caudillo*. De acordo com Lynch, o caudillo era um estanciero oriundo de famílias que já eram proprietárias de terras. Esses grupos, além da criação de gado, também atuaram ocupando cargos políticos e militares. Ainda de acordo com este autor, dos dezoito caudilhos que governaram províncias entre 1810 e 1870, treze eram grandes fazendeiros, todos ocupavam postos militares e nove haviam lutado nas guerras de independência. Ver: LYNCH, John. As repúblicas do Prata da Independência à Guerra do Paraguai. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: da Independência até 1870**. V. III. São Paulo: Edusp, 2001. p. 643.

³⁸¹ O complexo processo de independência da Região do Prata e, especificamente, da participação de Cuyo no processo de emancipação e de criação de novas formas de governo, foi discutido por CICERCHIA, Ricardo. **História de la vida privada en la Argentina**. V. IV: Cuyo, entre el Atlántico y el Pacífico. Buenos Aires: Troquel, 2006.

³⁸² Os donos das vinhas, muitas vezes, se dedicavam a outras atividades, como a criação de gado, o transporte realizado por meio de carretas e mulas, os moinhos de farinha e as bodegas (unidade econômica na qual o bodegueiro produzia e armazenava vinhos). Pablo Lacoste cita o exemplo de José Albino Gutiérrez (1773-1831), o mendocino que ao longo da vida se dedicou à agricultura, ao comércio, à criação de gado, à atividade de carreteiro e de bodegueiro, à carreira militar e política. LACOSTE, Pablo. Viticultura y política internacional: el intento de reincorporar Mendoza y San Juan a Chile (1820-1835). **Historia**, Santiago, v. 39, n. 1, jun. 2006. Disponible en: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-

de Cuyo, que conduzia tropas de carretas e mulas, com produtos como vinho e frutas. Os vitivinicultores cuyanos também realizavam um intenso comércio com o Chile.³⁸³

San Juan e Mendoza enfrentaram diversos problemas entre o final do século XVIII e a primeira metade do XIX. A indústria vitivinícola esteve constantemente ameaçada por problemas políticos e/ou sociais, como guerras civis nacionais e internacionais, políticas impositivas, transformações nas políticas e no mercado geradas em Buenos Aires e Santiago. Em diversos momentos essas transformações foram entendidas como um perigo pelas burguesias industriais e como resposta esse grupo adotou, em várias ocasiões, ações para proteger seus interesses, muitas vezes em sentido inverso às políticas de Santiago e de Buenos Aires. Os empresários da vitivinicultura que também constituíam a elite política desejavam paz, pois a produção de vinhos exige investimentos em termos de tempo e as guerras afetavam a continuidade desta atividade.

As guerras de independência e os conflitos do período posterior representaram um difícil obstáculo para a indústria vitivinícola cuyana, pois não existia garantia quanto à segurança das tropas de carretas que atravessavam os pampas conduzindo vinhos e frutas secas e que retornavam com vários produtos. Essas tropas eram constantemente atacadas e saqueadas, motivo que ocasionou a diminuição deste comércio durante as guerras civis do período.³⁸⁴

A passagem ou a permanência de caudilhos na região e os diversos conflitos que assolaram essas províncias durante o século XIX também afetaram a produção. Um exemplo pôde ser observado em 1814, quando San Martín foi nomeado governador intendente de Cuyo e instalou sua sede em Mendoza. Nesse local ele organizou o *Exercito dos Andes*, uma força militar para a libertação do Chile e do Peru. San Martín exerceu forte pressão entre os cuyanos para completar o quadro de soldados, que necessitava de 4.000 homens. Deste exército, cerca de 3.000 eram cuyanos, entre os quais 720 eram afro-americanos que haviam obtido a promessa de liberdade após a vitória das campanhas. A indústria vitivinicultora arrefeceu mediante a necessidade de contribuição com o exército comandado por San Martín, que necessitava de mulas, cavalos, alimentos e bebidas.

O *Exercito dos Andes* foi bastante oneroso para os vitivinicultores cuyanos, mas não somente para essa elite. De acordo com Sarmiento, quando veio o período da independência,

71942006000100005&lng=es&nrm=iso>. Accedido en: 04/enero/2014. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-71942006000100005>, p. 156.

³⁸³ A partir de 1817, a economia chilena voltou-se para um comércio mais ativo com o ultramar e possibilitou o desenvolvimento da economia a oeste da Argentina, com a comercialização de diversificados produtos.

³⁸⁴ LACOSTE, *op. cit.*, p. 156.

seu pai, José Clemente Sarmiento, malogrou “em serviços prestados à pátria as pequenas aquisições que ia fazendo”.³⁸⁵ Ele colaborou com o exército independentista realizando doações e com sua participação como oficial de milícias no serviço mecânico do exército. Participou da *Batalha de Chacabuco*, em 1817, sob a liderança de San Martín, episódio posteriormente transformado em texto por Sarmiento, citado no primeiro capítulo. Poucos regressaram com vida após os sete anos de campanha. O pai de Sarmiento foi um deles e retornou quando o filho tinha sete anos de idade.³⁸⁶

Embora no período dos conflitos em torno da independência Sarmiento ainda fosse criança, vivenciou essa experiência de diferentes formas: na maneira como o pai se voltou para o movimento independentista ao lado de San Martín, nos vínculos que seus parentes estabeleceram com os unitários, na vivência escolar, propiciada a partir do governo de Rivadavia, por meio do contato com ideias e palavras relacionadas à independência que circulavam por San Juan, observando e participando dos conflitos civis que assolaram Cuyo. Essas experiências marcaram profundamente sua visão de mundo. “A perspectiva crepuscular de uma nova época, a liberdade, a independência, o porvir, palavras novas então, certamente estremeceram docemente as fibras, excitaram a imaginação, concentraram o sangue por minutos ao coração de nossos pais”,³⁸⁷ explicou posteriormente em *Recuerdos*.

Recordou ainda Sarmiento, referenciando a única fase de sua vida onde conseguiu frequentar a escola de forma regular e atribuindo essa possibilidade às transformações ocasionadas pelo processo revolucionário: “Começaram a familiarizar meus olhos e minha língua com o abecedário, tal era a pressa com a qual os colonos, que se sentiam cidadãos, corriam para educar seus filhos, segundo se vê nos decretos da junta governativa e nos outros governos da época”.³⁸⁸ Lembrou que, em 1816, chegaram dois professores bonaerenses e ele passou a frequentar “a escola da pátria” com outras quatrocentas crianças “de todas idades e condições, que corriam apressadas para receber a única instrução sólida que se deu entre nós em escolas primárias”.³⁸⁹

³⁸⁵ SARMIENTO, *Recuerdos...*, *op. cit.*, p. 107. “En servicios prestados a la patria las pequeñas adquisiciones que iba haciendo.”

³⁸⁶ San Martín triunfou sobre Chacabuco em 1817, possibilitando a entrada das tropas em Santiago, a ocupação do porto de Valparaíso e a declaração de independência do Chile em 1818.

³⁸⁷ SARMIENTO, *Recuerdos...*, *op. cit.*, p. 118. “La perspectiva crepuscular de una nueva época, la libertad, la independencia, el porvenir, palabras nuevas entonces, ha debido estremecer dulcemente las fibras, excitar la imaginación, hacer agolpar la sangre por minutos al corazón de nuestros padres.”

³⁸⁸ *Idem*. “Empezaran a familiarizar mis ojos y mi lengua con el abecedario, tal era la prisa con que los colonos, que se sentían ciudadanos, acudían a educar a sus hijos, según se ve en los decretos de la junta gubernativa y los otros gobiernos de la época.”

³⁸⁹ *Idem*. “La escuela da la patria”; “de todas edades y condiciones, que acudían presurosos a recibir la única instrucción sólida que se ha dado entre nosotros en escuelas primarias.”

Até mesmo nas brincadeiras da infância o contexto da independência se fez presente para o sanjuanino, que afirmou: “Na escola aprendi a copiar valetes e depois fiz um molde para reproduzir uma figura de San Martín a cavalo”.³⁹⁰ Referência recorrente em muitas biografias como prenúncio de um caráter forte e singular que viria a assumir posteriormente, essa recordação diz, talvez, muito mais sobre a nostalgia do cotidiano infantil no qual se transformava imagens de guerra em brinquedos de menino. Demonstra também o interesse do autor em criar um vínculo com o momento de ruptura, sobretudo a partir do estabelecimento de uma relação entre sua infância e San Martín, que posteriormente encontrou quando de sua viagem a Paris.³⁹¹

Outra referência às brincadeiras infantis que imitam a guerra foi indicada em uma correspondência de Sarmiento escrita em 1888, a menos de três meses de sua morte. Ao fornecer orientações para Ignacio Flores sobre uma procissão que este deveria organizar em San Juan, o sanjuanino rememorou momentos ao lado do seu amigo José Ignacio, pai de Flores: “Íamos de nosso bairro pelas montanhas à escola [...] fazendo guerrilhas nas ruas e quando crianças, fazendo exercícios de soldados de granadas ou fortalezas, quando nos batíamos a pedradas”.³⁹² Para a geração de Sarmiento, nascida na época da independência, as imagens e referências vinculadas às atividades militares e políticas de homens como Moreno, San Martín ou Rivadavia foram marcantes.³⁹³

Como parte dessa disseminação de conceitos, vocabulários, imagens e ações conectadas ao desejo e ao ato emancipatório, é necessário observar que as guerras de independência, em grande medida, mudaram as relações entre os diferentes grupos sociais, fragmentaram o poder político, militarizaram a sociedade, mobilizaram recursos,

³⁹⁰ *Ibid.*, p. 123. “En la escuela aprendí a copiar zotas y me hice después de un molde para calcar una figura de San Martín a caballo”.

³⁹¹ Ver: SARMIENTO, *Viajes...*, *op. cit.*

³⁹² Nesta ocasião, Sarmiento orientou Ignacio Flores, filho do seu amigo de infância, José Ignacio, na organização de uma procissão que deveria ocorrer em julho do mesmo ano em San Juan, momento no qual se realizariam diversas comemorações, entre as quais a fundação da Escuela de la Patria e a memória de Ignacio Fermín Rodríguez, fundador e professor do estabelecimento. Na correspondência, a referência ao contexto de guerra civil continuou na descrição da brincadeira na qual Sarmiento mencionou como parte da mesma a tomada do acampamento, a existência do general, dos coronéis e do prisioneiro. SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta a Ignacio Flores. Asunción, 22 de junho de 1888. In: _____. **El gran Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 164. “Íbamos de nuestro barrio por las montañas a la escuela [...] haciendo guerrillas en las calles y cuando chicos, haciendo ejercicios de soldados de granaditas o fortalezas, desde donde nos batíamos a pedradas.”

³⁹³ Chiamonte chama a atenção para duas perspectivas preponderantes de interpretação das mudanças que ocorreram na América Latina durante os processos de independência. Uma dessas vertentes é defensora do processo de independência e observou com negatividade o passado colonial, como símbolo do atraso. Sarmiento pode ser considerado parte deste grupo. Outro caminho de interpretação, opositora da visão liberal, criticou a perda das raízes ocasionada pela independência e defendeu a permanência de elementos coloniais, como a religião cristã e a língua espanhola. Ver: CHIARAMONTE, *Cidades...*, *op. cit.*, p. 19.

transformaram as hierarquias, uma vez que a mobilidade social se tornou maior, sobretudo em relação aos cargos militares e políticos.

A independência representou para José Clemente uma possibilidade de ascensão para a família Sarmiento e em várias ocasiões ele tentou viabilizar os estudos do filho, desejando vê-lo consagrado como homem de letras. Segundo nos conta Sarmiento, o pai, “educado nos rudes trabalhos da época, peão na fazenda paterna de Bebida, arriero de tropa,”³⁹⁴ jamais permitiu que o filho pegasse em uma enxada, e com as ideias vindas com a revolução assumiu “um ódio invencível pelo trabalho material, ininteligente e rude em que se havia criado”³⁹⁵. É neste contexto que devemos inserir Sarmiento, para o qual o período das independências encerrou a fase colonial. “O que segue”, afirmou, “é a transição lenta e penosa de um modo de ser a outro; a vida da República nascente, a luta dos partidos, a guerra civil, a proscrição e o destierro.”³⁹⁶

Durante a fase colonial, poucos grupos tinham acesso efetivo à participação política. O processo de independência e a formação de províncias soberanas foram resultados de um processo de ampliação da participação política que se efetivou a partir de um novo regime representativo para as populações que viviam nas províncias e que, “no ordenamento comunal do regime espanhol, careciam como tais de representação nos ajuntamentos.”³⁹⁷

A família de Sarmiento não possuía uma posição de destaque entre a elite cuyana. A atividade militar de Clemente e, posteriormente, a atuação de Sarmiento como escritor, demonstram como grupos desvalidos de poder e de uma posição de prestígio puderam galgar espaço entre os principais grupos independentistas (no caso de Clemente) e fazer parte dos principais debates e acontecimentos acerca da formação da nação argentina (no caso de Sarmiento).

Após 1820, os esforços de reorganização do Estado concentraram-se nas cidades e suas jurisdições, mas agora como províncias soberanas.³⁹⁸ Durante este período, diversos governos se sucederam como solução provisória até que uma Assembleia Constituinte definisse as bases para a organização do Estado. Durante esta fase, o contexto político na região platina esteve marcado por um caráter de indefinição que englobava elementos

³⁹⁴ SARMIENTO, **Recuerdos...**, *op. cit.*, p. 107. “Educado en los rudos trabajos de la época, peón en la hacienda paterna de la Bebida, arriero en la tropa”.

³⁹⁵ *Idem*. “Un odio invencible por el trabajo material, ininteligente y rudo en que se había criado”.

³⁹⁶ *Ibid.*, p. 118. “Lo que sigue”, afirmou, “es la transición lenta y penosa de un modo de ser a otro; la vida de la República naciente, la lucha de los partidos, la guerra civil, la proscripción y el destierro.”³⁹⁶

³⁹⁷ CHIARAMONTE, **El federalismo...**, *op. cit.*, p. 113. “En el ordenamiento comunal del régimen español, carecían como tales de representación en los ayuntamientos”.

³⁹⁸ De acordo com Goldman a província autônoma não foi uma prolongação da província de intendência, mas significou a ampliação do papel político das cidades soberanas. GOLDMAN, **Crisis imperial...**, *op. cit.*, p. 41.

fundamentais da organização do Estado, como os limites territoriais da autoridade do governo central, a questão da soberania e os fundamentos a partir dos quais deveria se basear o governo.

Neste período, continuou existindo uma forte tensão entre os defensores da autonomia provincial (das ideias confederais) e os defensores da implementação de um governo central. Devido à dificuldade em se chegar a um consenso quanto à forma de governo, diversos conflitos civis ocorreram também no decurso da década de 1820 na região platina. Dessas tensões e debates se formou um grupo dirigente em Buenos Aires, o *Partido del Orden*. Composto por um grupo de elite heterogêneo, com lideranças advindas da experiência política do período pós-revolução e pós-independência, era um grupo interessado no comércio e na expansão da economia rural. Unidos em torno de um objetivo comum – o de modernizar a estrutura administrativa e ordenar a sociedade –, impuseram um novo princípio de autoridade, sem colocar Buenos Aires no centro do poder nacional, inaugurando uma nova etapa para as províncias rio-platenses.³⁹⁹

Essa investida culminou no governo de Martín Rodríguez, titular do Poder Executivo, e no Ministério de Governo, de Bernardino Rivadavia. Como primeiro-ministro de Rodríguez, Rivadavia realizou diversas reformas e transformações buscando a modernização. Em 1822 fundou a *Universidad de Buenos Aires*, cujos programas seguiam as orientações europeias em matéria de direito e economia política, rivalizando com a *Universidad de Córdoba*, cuja linha seguia o ensino da escolástica. A *Universidad de Buenos Aires* também era responsável pela educação pública em todo o país. Nesta época, Sarmiento, ainda criança, frequentou uma dessas escolas em San Juan durante nove anos “sem haver faltado um dia somente sob nenhum pretexto”.⁴⁰⁰ O *Colegio de Ciencias Morales*, vinculado a esta última instituição, passou a conceder bolsas aos moradores das províncias. Por meio deste programa, muitos portenhos e provincianos tiveram acesso à escolaridade, inclusive membros da futura *Geração de 37*. Foi uma dessas bolsas que Sarmiento perdeu e sobre a qual se lamentou posteriormente.⁴⁰¹

³⁹⁹ Questões discutidas por: TERNAVASIO, Marcela. Las reformas rivadavianas en Buenos Aires y el Congreso General Constituyente (1820-1827). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). **Revolución, República, Confederación** (1806-1852). Tomo III. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998. p. 159-198.

⁴⁰⁰ SARMIENTO, *Recuerdos...*, *op. cit.*, p. 119. “Sin haber faltado un solo día bajo pretexto ninguno.”

⁴⁰¹ Na época que Sarmiento perdeu a bolsa, o governador da Província de San Juan era Salvador Del Carril, sanjuanino, liberal, vinculado aos ideais da *Revolução de Maio*, defensor da educação popular. Ele foi o articulador da *Carta de Maio*, a primeira constituição provincial aprovada em 13 de julho de 1825 e promulgada em seguida, porém sem implementação. A *Carta de Maio* tinha como pressupostos a igualdade de todos perante a lei, a autoridade a partir do povo, a liberdade de crença e culto, a liberdade para exercício de pensamento, opinião e de imprensa, pois Carril acreditava que as críticas serviriam para melhorar o regime. O documento

Mas o período de reformas de Martín Rodríguez também não teve êxito por muito tempo. O poder se estabeleceu a partir de leis e por meio de um conjunto de práticas, sem a sanção de uma constituição provincial, e os conflitos e tensões continuaram existindo.

Outra tentativa de organização política ocorreu em 1824, quando deputados decidiram, via Congresso Nacional, pela criação de um poder executivo e pela eleição de um presidente, com o objetivo de organizar um governo nacional que centralizasse as decisões. Bernardino Rivadavia, do partido unitário, foi eleito presidente do conjunto de províncias e assumiu o cargo em 1826.⁴⁰² Muitos militares, intelectuais, políticos, burocratas, comerciantes e membros da elite bonaerense e das capitais das províncias se identificaram com as propostas unitárias, de tendência liberal.

Buenos Aires foi escolhida como sede por ser considerada mais apropriada em termos de infraestrutura, pois comportava recursos administrativos herdados da época do Vice-reinado, como já foi comentado, mas também devido ao porto, por meio do qual era realizada a maior parte das transações internacionais da região platina.

Com a elaboração da Constituição unitária, surgiu o termo República Argentina, com o significado mais próximo do hoje conhecido, a união de várias províncias sob uma constituição.⁴⁰³ Em seus escritos, essa foi a expressão usada recorrentemente por Sarmiento para se referir à sua terra natal, inclusive durante o governo de Juan Manuel de Rosas.

Mas o documento de caráter unitário apresentava restrições quanto à autonomia das províncias, o que ocasionou a oposição de muitas lideranças políticas locais e proprietários rurais, que desejavam uma solução federalista para a organização nacional, de inspiração

gerou polêmicas antes mesmo de sua aprovação pela Assembleia Legislativa de San Juan devido à inspiração estadunidense presente no documento, sobretudo no que concerne à liberdade de culto. Em 26 de julho de 1825, Del Carril foi preso, mas, devido aos contatos que possuía, foi libertado no mesmo ano. Segundo Sarmiento, a *Carta de Mayo* “dada em 1825, durante la administración de don Salvador M. Del Carril, ‘fue’ abolida y quemada en auto de fe público”. SARMIENTO, Comentaríos de la constitución VIII, 262-263, citado por VERDEVOYE, Domingo..., *op. cit.*, p. 14.

⁴⁰² Anteriormente, ocorreu uma tentativa de unificação por meio da Constituição de 1819, mas ela nunca foi aplicada. Com a independência do Brasil, em 1822, D. Pedro I retomou o projeto de anexação da Província Cisplatina e, diante da iminência de um conflito bélico com o Brasil, as Províncias Unidas optaram pela criação de um governo central. Rivadavia era liberal e demonstrou interesse em modernizar a República Argentina, por meio do livre comércio, de investimentos estrangeiros, da imigração e do incentivo à educação. Ele desejava a unificação e a eliminação dos particularismos políticos e econômicos. Durante o governo de Rivadavia houve o desenvolvimento de sociabilidades políticas e uma grande expansão do debate público. De acordo com Ternavasio: “Los nuevos valores proclamados por la Revolución debían tener su traducción en la prensa, en las prácticas, en las leyes e incluso en el ámbito urbano.” Também ocorreram investimentos na área da educação e cultura, com o incentivo à *Biblioteca Pública*, a criação das academias de *Medicina*, *Ciencias Físicas* y *Matemáticas*, *Jurisprudencia* y *Música*. A Universidade ficou encarregada do ensino primário. TERNAVASIO, Marcela. Las reformas rivadavianas em Buenos Aires y el Congreso General Constituyente (1820-1827). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). **Revolución, República, Confederación** (1806-1852). Tomo III. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998. p. 178-179.

⁴⁰³ MYERS, A **revolução**..., *op. cit.*, p. 69-92.

estadunidense, que possibilitasse a manutenção da autonomia local. Rivadavia também foi favorável a uma política anticlerical, com o objetivo de restringir o poder da Igreja e ampliar a liberdade religiosa, causando a objeção de grupos religiosos e pessoas que se identificavam aos valores tradicionais. Essa oposição uniu os federalistas, estancieiros e padres sob o lema *religión o muerte* e levou à recusa da Constituição unitária.

A República Argentina também enfrentava problemas com o Brasil desde o governo de Martín Rodríguez, quando a Banda Oriental foi anexada ao Reino de Portugal e, em 1822, ao Império do Brasil. O governo bonaerense, sob a liderança de Rodríguez, rechaçou a incorporação, mas não assumiu uma atitude bélica. Enquanto uma parte da elite bonaerense defendia a intervenção direta, outra parte acreditava que o desenlace deveria ser diplomático.

Em 1825, a República Argentina enviou uma expedição que, com o auxílio de Fructuoso Rivera, obteve êxito, conduzindo a reincorporação da Banda Oriental. Em 1826 teve início a guerra com o Brasil. O conflito levou a região platina a um grande desgaste econômico e político, pois o Império brasileiro demonstrou superioridade bélica, sobretudo naval, bloqueando canais de comércio do litoral platino e afetando interesses de grupos locais e de comerciantes ingleses.

As primeiras tentativas de paz foram realizadas em 1827, com grande desvantagem para os argentinos que, por meio da ação do então Ministro da Guerra, Martín Rodríguez, admitiram a devolução da Banda Oriental ao Império, contrariando as diretrizes presidenciais. Após o acordo com o Brasil, Rivadavia renunciou.

A polarização entre federalistas e unitários continuou após a renúncia de Rivadavia, acusado de ceder diante dos interesses dos britânicos e do Império brasileiro. Em 1827, a base federalista elegeu Manuel Dorrego como governador de Buenos Aires. Neste cargo, ele firmou um tratado de paz, aceitando a independência da Banda Oriental como República Oriental do Uruguai.⁴⁰⁴

Após a queda dos unitários, o destino do grupo, em grande medida, foi a dispersão. Muitos foram para Córdoba, onde José Maria Paz deu um formato específico ao partido nesta Província. Outros migraram para a Banda Oriental e continuaram atuando como unitários,

⁴⁰⁴ As demais províncias se declararam autonômas. As lideranças do Partido Unitário aproveitaram o descontentamento dos chefes militares com o tratado de paz com o Brasil e se revoltaram em 1828. O governador federal Manuel Dorrego foi destituído da magistratura provincial e depois fuzilado pelos unitários, marcando a ruptura na política local e possibilitando um acirramento ainda maior dos conflitos armados. Dorrego foi deposto pelos unitários sob a liderança de Juan Lavalle. Na sequência, o general Lavalle foi proclamado governador de Buenos Aires através de uma eleição irregular. Os federalistas das províncias se voltaram contra esse governo. Em 1829, Juan Manuel de Rosas arregimentou e comandou tropas contra Lavalle. A derrota do general Lavalle marcou a ascensão dos estancieiros na política bonaerense.

conspirando contra o federalismo, e uma parte dos antigos unitários se converteu ao rosismo.⁴⁰⁵

Enquanto isso, Sarmiento, por volta dos 15 anos de idade, começou a dar aulas para os moradores do *pueblo* de San Francisco del Monte, província de San Luís, ocasião na qual acompanhou o tio, o presbítero José de Oro. O “digno sacerdote”, como se referiu a ele, “se encarregou da minha educação”. De acordo com o sanjuanino, “me ensinou latim e geografia, e de nada cuidava mais que de formar meu caráter moral e de me instruir nos fundamentos da religião, e nos acontecimentos da revolução de independência, da qual ele havia sido ator”. De acordo com Sarmiento, “os sucessos políticos nos separaram” antes que pudesse concluir seus estudos, mas ainda assim José de Oro foi uma figura de destaque em sua formação, como ele mesmo ponderou, sobretudo no que concerne à influência liberal.⁴⁰⁶

Um ano depois, Sarmiento foi chamado pelo governo para ser enviado ao *Colegio de Ciencias Morales*, o que não ocorreu. Ele afirmou ter chegado a San Juan “no momento em que as lanças de Facundo Quiroga vinham em uma turba em polvorosa agitando suas sinistras bandeirolas pelas ruas.”⁴⁰⁷ Ao retornar a sua cidade natal, trabalhou como comerciante na loja de sua tia, Ángela Salcedo y Mallea, momento no qual Facundo Quiroga impôs um novo governador à província, Gregório Quiroga. Nessa ocasião, San Juan ficou sob orientação dos federalistas.⁴⁰⁸

Na década de 1810, enquanto Sarmiento vivenciava suas primeiras experiências de trabalho, como educador e comerciante, a República Argentina se debatia – por meio das armas principalmente – em busca de caminhos políticos que atendessem aos interesses de diversificados grupos. Entre 1810 e o *Pacto Federal* de 1831, foram realizadas quatro assembleias com fins constituintes (1813, 1816-1819, 1824-1826 e 1828). Destas, somente

⁴⁰⁵ HERRERO, Fabián. Los unitarios convertidos en federales y la organización de la nación: Buenos Aires, hacia 1830. *Bol. Inst. Hist. Argent. Am. Dr. Emilio Ravignani*, Buenos Aires, n. 30, dic. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0524-97672007000100002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 27/12/2013, p. 38.

⁴⁰⁶ Faziam parte da família Oro alguns religiosos que tiveram ampla participação no movimento de independência da região cuyana e, posteriormente, nas relações políticas e religiosas locais, como Frai Justo María de Oro (primo segundo de Sarmiento), seu irmão, José de Oro e Domingo de Oro. SARMIENTO, *Mi Defensa...*, op. cit., p. 17. “Digno sacerdote”; “se encargó de mi educación”; “me enseñó latín y geografía, y de nada se cuidaba más que de formar mi carácter moral y de instruirme en los fundamentos de la religión, y en los acontecimientos de la revolución de la independencia, de la que él había sido actor”, “los sucesos políticos nos separaron.”

⁴⁰⁷ SARMIENTO, *Recuerdos...*, op. cit., p. 127. “En el momento que las lanzas de Facundo Quiroga venían en bosque polvoroso agitando sus siniestras banderolas por las calles.”

⁴⁰⁸ Entre 1826 e 1827, haviam sido requisitados dois especialistas para realizar o trabalho topográfico e de contabilidade de uma sucursal do Banco Nacional criado recentemente em San Juan. Manuel Victor Barreau e Charles Tascheret foram os engenheiros contratados. Sarmiento foi um dos alunos de Barreau. De acordo com *Recuerdos*, ele auxiliou o engenheiro a elaborar o plano de algumas ruas da cidade e estudou matemática e agrimensura sob a supervisão de Barreau.

duas produziram textos constitucionais que, entretanto, foram invalidados por lideranças de províncias que não desejavam o pacto unitário. Desde então, até 1852, nenhum congresso constituinte se reuniu na República Argentina. Assim, a década de 1820 foi encerrada com o fracasso da tentativa de criação de uma ordem constitucional; com um contexto no qual existiram diversos conflitos e divergências políticas nas províncias do interior e do litoral; e em um cenário de devastação devido à guerra com o Brasil.

Após diversos conflitos envolvendo a sucessão de poder entre os unitários e os federalistas, aos poucos os comerciantes e os estancieros de Buenos Aires, dominantes economicamente e sob a denominação de Partido Federal, substituíram os unitários. Entre esses, emergiu a figura de Juan Manuel de Rosas, um estancieiro que também tinha experiência militar. Em 1829 ele foi eleito governador de Buenos Aires por meio de uma assembleia.

2.2. *Somos argentinos y son argentinos: alguns momentos do período rosista (1829-1852)*

A emergência de Rosas esteve relacionada à crise de legitimidade que atingiu Buenos Aires e as demais as províncias rio-platenses. Rosas governou a província de Buenos Aires entre 1829 e 1832. Retornou em 1835, permanecendo neste cargo até 1852. Durante a maior parte deste período, Sarmiento esteve exilado no Chile e foi justamente a partir de sua relação com o exílio e com o rosismo que ele se constituiu como escritor e como um dos principais opositores de Rosas. Norbert Elias chama atenção para o fato de que o conflito, muitas vezes, não acontece apenas no campo social mais amplo, mas também no interior dos indivíduos,⁴⁰⁹ elemento perceptível na experiência de Sarmiento, que estabeleceu relações com diversas lideranças contrárias à política federalista propulsionada por Rosas e foi também a partir desta oposição que o sanjuanino refletiu acerca de diversos temas, como a educação, a colonização e a natureza. O Brasil, assim como outros países, se tornou um dos pontos a partir dos quais Sarmiento analisou a conjuntura argentina.

Nos primeiros anos do governo de Rosas, lideranças unitárias de várias províncias formaram a *Liga del Interior* ou *Liga Unitária*, da qual participaram Catamarca, La Rioja, Tucumán, Salta, Santiago del Estero, San Luis, Mendoza, San Juan e Córdoba, cujo governador, o general José María Paz, foi nomeado chefe supremo militar. Entre os

⁴⁰⁹ ELIAS, *op. cit.*, p. 15-16.

participantes da *Liga* também surgiram dúvidas quanto à legitimidade das ações, pois as conquistas estavam ocorrendo por meio da força e das armas. Em 1831, a *Liga del Interior* enfrentou a *Liga del Litoral*, formada por Buenos Aires, Santa Fé, Entre Ríos e Corrientes, que assinaram o *Pacto Federal*. O federalismo que se instaurou como política oficial, desde então, foi afirmado neste pacto e manteve Rosas no poder até 1852. A *Liga del Interior*, criada para enfrentar o *Partido Federal*, foi vencida.

Vários pactos interprovinciais foram realizados e vários instrumentos legais foram criados na tentativa de conciliar a unificação à soberania e independência das províncias. O *Pacto Federal* de 1831 foi o mais representativo deles, culminando na criação da Confederação Argentina, a partir de uma aliança firmada entre as treze províncias. O documento deveria servir momentaneamente como a base de união das províncias, mas teve um longo período de vigência, mantendo o caráter “provisório e permanente”.⁴¹⁰

Chiaromonte enfatiza a dificuldade em precisar a natureza do *Pacto*, para ele “uma tênue organização confederal, que se conservou até a Constituição de 1853.”⁴¹¹ De acordo com esse documento, as províncias teriam o reconhecimento de sua liberdade e independência ao mesmo tempo em que delegavam a uma Comissão os acertos de paz, guerra e das forças militares. As relações entre a Confederação não eram regidas por uma constituição, mas sim por um poder informal, representado neste caso por Juan Manuel de Rosas.

O período denominado pela historiografia argentina como “rosista” está intimamente ligado ao desenvolvimento, debates e conflitos que envolveram os movimentos federalista e unitarista na Confederação Argentina.⁴¹² Esses movimentos não foram monolíticos, mas representaram posições complexas, englobando inúmeros pontos de vista, aproximações, distanciamentos, semelhanças e diferenças.

De acordo com Myers, a linguagem política do rosismo pode ser caracterizada como republicana. O historiador argentino enfatiza que essa linguagem foi organizada pelos seus membros em torno de um único programa de governo, mas que as relações entre o discurso

⁴¹⁰ O *Pacto de 1831* surgiu inicialmente como um tratado firmado por uma liga das províncias litorâneas. Posteriormente, foi assinado pelas demais províncias argentinas.

⁴¹¹ CHIARAMONTE, *El federalismo...*, op. cit., p. 93. “Una tenue organización confederal, que se conservó hasta la Constitución de 1853”.

⁴¹² O termo *rosismo* é utilizado como referência ao conjunto de enunciados que estão ligados ao movimento político liderado por Juan Manuel de Rosas e para definir um período no qual as práticas políticas da Confederação Argentina estiveram relacionadas com esse conjunto de enunciados, mesmo que o criticando. De acordo com Jorge Myers, é importante compreender que o movimento rosista, seu programa e seus ideais devem ser pensados como uma criação histórica, com diferentes etapas de consolidação, com um desenvolvimento permanente de seu discurso e estrutura. O autor realiza diversas considerações referentes ao uso do termo *rosismo*. Ver: MYERS, *Orden...*, op. cit., p. 16.

rosista e sua prática estiveram permeadas de contradições, ambiguidades, diferenciações e transformações internas, sendo mais complexo do que grande parte da historiografia difundiu.

Herrero refletiu a partir desse mesmo caminho. Segundo este autor, a partir de 1830, aos poucos se delinearam duas opções de institucionalização política. Mas essas duas opções não eram formações consolidadas, mas opções nas quais existiam tensões e contradições. Herrero enfatiza que nesta época não existia uma confederação, mas sim um sistema de *aislamiento* de províncias, um sistema político que, embora reconhecesse um âmbito nacional de pertencimento comum, não acreditava na conveniência de nenhum tipo de formalização institucional entre as províncias. Havia somente uma espécie de aliança implícita entre elas, mas esta não estava pautada em disposições legais estáveis e formais, mas somente em promessas de apoio mútuo e de auxílio frente a perigos internos e externos.⁴¹³

Rosas foi eleito governador de Buenos Aires pelo Partido Federal entre 1829 e 1832 e governou com faculdades excepcionais.⁴¹⁴ O seu primeiro governo foi marcado por conflitos bélicos e pela consolidação de lideranças caudilhas que atuavam por meio das milícias rurais armadas, as *montoneras*. O partido federal dominou várias províncias argentinas sob a liderança de Rosas em Buenos Aires. Vários aliados rosistas também se tornaram governadores de províncias, como Facundo Quiroga em La Rioja, Estanislao López em Santa Fé e Nazario Benavídez em San Juan, a quem Sarmiento se refere em suas autobiografias.

⁴¹³ De acordo com o autor, para o jornal rosista *La Gaceta*, o sistema confederado era considerado ideal, mas antes de alcançá-lo seria preciso passar pelo sistema de *aislamiento*, para que houvesse estabilidade para tal passagem. HERRERO, *op. cit.*, p. 44-55.

⁴¹⁴ No primeiro governo rosista, também prevaleceram dois grupos federais, em uma perspectiva historiográfica mais tradicional, e um terceiro grupo federal, na perspectiva de Herrero. O primeiro seria o partido rosista, oficial do governo, no qual os participantes eram adeptos da postergação da organização constitucional nacional e das faculdades extraordinárias do governo federal. O segundo, de oposição, seriam os dorreguistas (em alusão a Manoel Dorrego), defensores da constituição e contrários às faculdades extraordinárias concedidas a Rosas. Para Herrero, existia ainda uma terceira vertente federal, que seriam os unitários convertidos. No primeiro governo de Rosas, houve uma aproximação entre rosistas e dorreguistas. As principais diretrizes desta aliança, a partir de meados de 1830, consistiram na postergação da constituição e na renovação das faculdades extraordinárias concedidas ao governador de Buenos Aires. Essas tendências representavam uma postura hostil em relação à política interprovincial e uma postura menos tolerante com os unitários. O medo dos dorreguistas era que os unitários interferissem em demasia na elaboração da constituição, já que muitos delegavam poderes ao general José María Paz, mas as lideranças de Santa Fé e de Corrientes não estavam certas sobre a postergação da constituição. A aliança entre rosistas e dorreguistas em Buenos Aires não anulou a participação de unitários convertidos, nem impediu as críticas de dorreguistas que discordavam em diversos pontos. Herrero cita o exemplo do periódico *El Mártir o Libre*, dirigido pelo unitário convertido Rafael Saavedra. Ele apresentou uma reflexão alternativa neste jornal, uma iniciativa de organização nacional constitucional e de matriz liberal e republicana, defendendo que em épocas de crise os partidos deveriam se unir, em um contexto no qual rosistas e dorreguistas defendiam a exclusão total dos unitários. Também apresentou sugestões que deveriam ser adotadas para uma política interprovincial pacífica mediante vários artigos publicados em periódicos oficiais e dorreguistas que defendiam a luta armada. O jornal de Saavedra foi fechado, ele foi preso e posteriormente expulso da cidade. *Ibid.*, p. 40-50.

Após um contexto de conflitos que antecederam o ano de 1835, Rosas retornou ao governo eleito pela Câmara dos Deputados. Ele governou com poderes especiais, assumindo o posto de encarregado das Relações Exteriores da Confederação Argentina. Também detinha o controle sobre o legislativo e sobre o judiciário, setores que conferiam legitimidade institucional ao governo. O poder rosista se apoiou nas faculdades excepcionais como instrumento legal, mas para neutralizar ou eliminar seus rivais optou “por uma política de beligerância permanente contra todas as iniciativas de oposição, utilizando a guerra civil ou sua ameaça como arma de governo, e pela instrumentalização de mecanismos informais de coerção entre os setores populares do campo e da cidade”.⁴¹⁵

Chiaramonte alerta para que não se entenda o predomínio de Buenos Aires durante o período rosista como uma forma de unificação nacional, pois, entre os anos de 1831 e 1852, as províncias mantiveram sua autonomia. Ele afirma que é mais acertado entender que existiu um crescente aumento do poder de Buenos Aires e o submetimento, cada vez mais efetivo, de grande parte das províncias, mas que não consistia, todavia, em uma organização nacional.⁴¹⁶ Rosas estendeu sua influência para além de Buenos Aires, mas não tinha poderes sobre as demais províncias, que governavam de forma independente. Sobre essa questão, Myers indica que o projeto rosista consistiu em duas etapas. A primeira em uma progressiva acumulação de poder nas mãos do Executivo provincial; a segunda foi uma reinstitucionalização do espaço político argentino levada a cabo a partir da província de Buenos Aires.⁴¹⁷

A historiografia aponta também para a instabilidade do cenário, para um contexto de dúvidas e incertezas em relação aos caminhos políticos e militares a serem adotados por diferentes grupos e para a pluralidade de relações, evidenciando que Rosas contou com o apoio heterogêneo de forças políticas, de acordo com as necessidades de cada momento. Embora tivessem autonomia, muitas províncias se sentiam preteridas em relação a Buenos Aires, o que ocasionou muitas dissidências.

Diversos acontecimentos permearam tanto a ascensão de Rosas ao governo de Buenos Aires como também sua gestão neste cargo. Sarmiento escreveu um grande número de correspondências acompanhando o desenrolar desses eventos na Confederação, sobretudo a partir de 1841, momento no qual partiu em exílio para o Chile. Suas cartas demonstram a existência de muita ansiedade e angústia em relação ao contexto argentino. A grande

⁴¹⁵ MYERS, Orden..., *op. cit.*, p. 20. “Por una política de beligerancia permanente contra todos los conatos de oposición, utilizando la guerra civil o su amenaza como arma de governo, y por la instrumentación de mecanismos informales de coercion entre los sectores populares del campo y de la ciudad.”

⁴¹⁶ CHIARAMONTE, *El federalismo*..., *op. cit.*, p. 122-123.

⁴¹⁷ MYERS, Orden..., *op. cit.*, p. 19.

quantidade de missivas evidencia o interesse e o envolvimento do sanjuanino com esse amplo quadro social. As cartas tratam sobre os mais diversos temas associados às questões política e militar do período, como as expedições, as coalizações, as ações das lideranças, as batalhas, mortes e tensões que assolavam sua terra natal. O tom das narrativas variava de acordo com os acontecimentos, percorrendo da descrição factual ao uso de uma retórica apaixonada, indignada ou crítica.

Além dos conflitos que afligiam a Confederação, Sarmiento também demonstrou, por meio de suas correspondências, as relações estabelecidas entre os exilados, suas posições políticas e as divergências referentes a determinados grupos da Confederação. Mesmo formando uma rede de sociabilidades, os argentinos desterrados nem sempre concordavam sobre vários pontos de interesse relativos à pátria. Em uma missiva encaminhada para Manuel Quiroga Rosas, por exemplo, Sarmiento explicou os desacordos existentes quanto ao general Lavalle: “Aquí aparece una división entre nós; há uma espécie de reação democrática contra nós sobre a questão Lavalle.”⁴¹⁸

O período rosista se caracterizou pela forte repressão e controle político partidário e midiático. Rosas fez amplo uso da força armada e contou com a *Sociedad Popular Restauradora*, uma espécie de clube político e organização parapolicial que tinha a *mazorca* como extensão. A instituição militar era formada pelo exército regular e pela milícia e essas forças eram usadas por militares e pela polícia. O exército atuava nos conflitos com outros países e também nas guerras civis, consumindo grande parte das rendas públicas. Esse tipo de atividade variou de acordo com as pressões, sendo maior entre 1839 e 1842, quando o rosismo enfrentou as ameaças estrangeira de franceses e interna dos unitários e dos moradores do sul da província de Buenos Aires.

Devido à repressão, durante o período rosista, os principais líderes do unitarismo migraram para outros países, de onde conspiravam, como comprovam as diversas correspondências escritas por Sarmiento.⁴¹⁹

Com a ascensão de Rosas e o domínio de Juan Facundo Quiroga, cujas forças invadiram Mendoza em 1830, teve início um período de grande instabilidade em Cuyo, na qual unitários e federais se sucederam no poder. Cada governo que assumia a liderança na região lutava para reunir recursos humanos e econômicos, o que afetou os empresários da

⁴¹⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta a Manuel Quiroga Rosas. Santiago, 3 de maio de 1841. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo..., *op. cit.*, p. 24. “Aquí aparece una división entre nosotros; hay una especie de reacción democrática contra nosotros sobre la cuestión Lavalle.”

⁴¹⁹ Diversos federalistas contrários à política rosista também foram exilados.

vitivinicultura, atividade que entrou em decadência devido aos conflitos que oneravam os vitivinicultores, aos exílios e às mortes.⁴²⁰ Muitos moradores de Mendoza e de San Juan, sobretudo intelectuais e grupos da elite vitivinicultora, se exilaram no Chile.⁴²¹ De acordo com Sarmiento, “a parte culta e liberal de Mendoza, com suas glórias militares, se dispersou então para sempre, emigrando para o Chile o mais florido da população”.⁴²²

De acordo com Pablo Lacoste, enquanto Mendoza estava sob as ordens do federalismo rosista, os mendocinos solicitaram auxílio militar aos chilenos, a partir de termos que denotavam o desejo de anexação àquele país.⁴²³ Em correspondências de 1835, algumas lideranças mendocinas e sanjuaninas atestaram a intenção efetiva de incorporação ao Chile, argumentando sobre a necessidade de paz para a produção de riqueza. Um dos autores deste desejo foi José Lisandro Calle (um dos fundadores de *El Mercurio* e responsável pela inserção de Sarmiento no periodismo chileno, conforme indicado no primeiro capítulo) e o outro, Don Domingo Francisco de Oro, Ministro de Governo da Província de San Juan e tio de Sarmiento. Segundo Lacoste, “[...] ao artífice da Constituição do novo Estado chileno apontaram os cuyanos, à procura de reconstituir o contexto de estabilidade que necessitava a burguesia vitivinícola para sobreviver”.⁴²⁴ Mas o presidente chileno, José Tomás Ovalle, não aceitou a proposta, pois necessitava do apoio da Confederação Argentina para fazer frente à *Confederación Peru-Boliviana*. Rosas e Buenos Aires eram importantes para o Chile sair vitorioso deste conflito.⁴²⁵

⁴²⁰ Como sugere o exemplo de Félix Aldao em 1829, ex-frade dominicano e guerrilheiro da independência. Ele criou a *Comisión de Secuestros*, por meio da qual declarou os bens dos adversários propriedades fiscais. Quando Aldao estava no poder, muitos mendocinos e sanjuaninos participaram da guerra civil e muitos morreram. Aldao foi um importante colaborador de regime rosista na região noroeste, enfrentando os unitários em diversas ocasiões, conduzindo tropas por várias províncias.

⁴²¹ Na região de Cuyo, a situação se complicou com Quiroga, que agia com autoritarismo e violência, infligindo medo e terror. O ministro de governo de Mendoza, Tomás Godoy Cruz, tentou utilizar medidas diplomáticas para solucionar o problema, entre as quais a mediação do Chile, por meio do Ministro de Relações Exteriores, Diego Portales. O Chile encaminhou uma proposta de acordo para as províncias da Confederação Argentina, em agosto de 1830. As províncias do interior aceitaram, mas as litorâneas não e o Chile se retirou da arbitragem.

⁴²² SARMIENTO, Domingo Faustino Sarmiento. Mendoza en 1829. Buenos Aires: La Biblioteca, 1896. Citado por LACOSTE, *op. cit.*, p. 166. “La parte culta y liberal de Mendoza con sus glorias militares se dispersó entonces para siempre, emigrando a Chile lo más florido de la población.”

⁴²³ Outras províncias buscaram soluções parecidas. Algumas províncias do norte consideraram a possibilidade de anexação à Bolívia. Em novembro de 1833, o ministro argentino em Londres denunciou a intenção de Jujuy, Salta, Tucumán e Catamarca se anexarem à Bolívia e Cuyo ao Chile. Lacoste apresenta uma correspondência enviada pelos mendocinos José Lisandro Calle, Vicente Gil y Casimiro Recuero a Diego Portales em 1835, na qual solicitavam a anexação de Mendoza e San Juan àquele país. *Ibid.*, p. 171-172.

⁴²⁴ *Ibid.*, p. 173. “[...] al artífice de la Constitución del nuevo Estado chileno acudieron los cuyanos, en busca de reconstituir el contexto de estabilidad que necesitaba la burguesía vitivinícola para sobrevivir”.

⁴²⁵ Lacoste também citou uma carta enviada pelo coronel Lorenzo Barcala para o capitão José Maria Molina, na qual explica a intenção de matar Aldao e derrubar o governo rosista de Mendoza. Essa correspondência foi apreendida por rosistas, que prenderam Barcala. Sob pressão, Barcala delatou o nome dos conspiradores, entre os quais Domingo de Oro. *Ibid.*, p. 173-174.

A imprensa fazia propaganda positiva do regime, tanto em espanhol como em outras línguas, para circular no país e no exterior. Os diários não poderiam expressar ideais e valores unitários. Como sinal de adesão ao Partido Federalista, os adeptos deveriam usar a cinta vermelha, elemento simbólico muito valorizado por Sarmiento, como será possível observar adiante.

Rosas também fez amplo uso das correspondências privadas. Esses documentos tiveram importância na circulação de ideias e como instrumento ideológico, comprovada, segundo Myers, pela prática adotada por Rosas de publicar na imprensa as cartas trocadas com determinados interlocutores para atingir determinados propósitos.⁴²⁶

Rosas teve que vencer muitos percalços para se manter com poderes especiais até 1852, mesmo porque, entre os anos em que governou, as ideias de federalismo e república eram múltiplas, não somente entre as pessoas que viviam na Confederação, mas também entre os exilados.⁴²⁷ De acordo com Myers, a documentação referente à gestão de Rosas demonstra que não existia um projeto de governo elaborado de antemão, mas sim que o regime foi constituído aos poucos, de acordo com as necessidades que se apresentavam, e se caracterizou como um sistema inestável, contando com inúmeros momentos de rebelião e guerra civil.⁴²⁸

Em abril de 1840, Rosas se deparou com a *Coalizão do Norte*, uma aliança anti-rosista organizada pelo governador de Tucumán, Marco Avellaneda, que incluía também as províncias de Salta, La Rioja, Catamarca e Jujuy. No início de 1841, os federalistas dominaram Cuyo, onde lutaram contra a *Coalizão do Norte* liderada nesse local por Tomás Brizuela, que foi vencido em Mendoza por Félix Aldao, caudilho biografado por Sarmiento. Após diversos combates em San Juan e a queda de várias lideranças, a coalizão sucumbiu. De acordo com Verdevoye, “assim, em resumo, vemos a San Juan em meio a uma rede cujas malhas se estendem desde Buenos Aires até Montevideú, as províncias do Norte, Bolívia e Chile”.⁴²⁹ Sarmiento, embora desterrado, opinava, narrava os eventos e se lamentava por meio de suas missivas. Ele trocou correspondências com unitários e federalistas da Confederação Argentina como, por exemplo, quando aconselhou o general José María Paz em 1845, uma das maiores lideranças de resistência a tentar uma aliança com Nazario Benavídez,

⁴²⁶ MYERS, Orden..., *op. cit.*, p. 15-16.

⁴²⁷ Um exemplo pode ser observado entre 1838 e 1840, momento no qual ocorreram diversos levantes na Confederação Argentina. Rosas também enfrentou o bloqueio francês em Buenos Aires. A França desejava forçar a abertura do porto para novos mercados e estender seu poder ao Prata. A França contou com o apoio dos exilados argentinos unitários que estavam no Uruguai. O bloqueio deu um novo fôlego aos dissidentes litorâneos e interioranos, mas também gerou grandes represálias.

⁴²⁸ MYERS, Orden..., *op. cit.*, p. 18.

⁴²⁹ VERDEVOYE, *op. cit.*, p. 71.

governador federalista de San Juan, que, segundo Sarmiento, contava com apoio popular. Também encaminhou uma correspondência a Benavídez solicitando seu apoio contra Rosas.

Dos países nos quais estavam vivendo, os exilados argentinos se comunicavam sobre as rebeliões e revoltas que ocorriam na Confederação e deixavam transparecer as esperanças ou desesperanças que inspiravam os líderes para aqueles que assistiam à distância, mas apostando, debatendo e questionando as ações dos amigos e inimigos. Sarmiento comentou a respeito das lideranças anti-rosistas em vários momentos em suas cartas. Algumas vezes depositando confiança na capacidade de comando e nos interesses que representavam, em outras os desqualificando.⁴³⁰ Os desterrados também eram requisitados a auxiliar aqueles que perdiam os combates na Confederação e atravessavam os Andes em busca de abrigo, como demonstra uma correspondência enviada para Sarmiento por Juan de las Heras, na qual solicitou: “Atenda você a dar carne e pão aos infelizes argentinos famintos que vêm. [...] Abrace você em meu nome os valentes e desgraçados. Somos argentinos e são argentinos.”⁴³¹

A instabilidade e os conflitos civis foram permanentes no interior da Confederação, bem como as divergências com potências estrangeiras, passando pela guerra com a *Confederação Peruano-Boliviana*, por conflitos com a República Oriental – que conduziram a uma intervenção francesa e britânica no Rio da Prata – até desentendimentos com o Brasil e o Paraguai, que acabaram conduzindo ao fim do rosismo em 1852.⁴³²

Também foi no período rosista que a *Geração de 37* fez sua aparição em Buenos Aires em um Salão Literário. A escrita desses autores teve em comum uma estética desenvolvida a partir das preocupações com a questão nacional. Esteban Echeverría, Juan Bautista Alberdi, Juan María Gutiérrez, Vicente Fidel López e José Mármol se destacaram na produção de prosa, de crítica literária, de história e de poesia. O próprio Sarmiento iniciou seus escritos na direção da poesia, como foi observado na carta remetida a Alberdi em 1838, citada no primeiro capítulo, ainda que não tenha investido no gênero posteriormente. Mesmo na poesia, esses autores demonstraram preocupação com as questões políticas e sociais do país e com a atividade do escritor.

⁴³⁰ Sobre Lavalle, por exemplo, explicou a Quiroga que no Chile tinha inimigos “que lo desacreditan con razón o sin ella”, postura da qual discordou o sanjuanino, já que “aquel hombre y aquellos hombres son lo único que nos queda.” SARMIENTO, Domingo Faustino. Correspondência para Manuel Quiroga Rosas. Santiago, 3 de maio de 1841. In: SEGRETÍ, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 23.

⁴³¹ LAS HERAS, Juan Gregório de. Carta pra Domingo Faustino Sarmiento. Santiago, 1º de outubro de 1841. In: *Ibid.*, p. 29. “Atienda usted a dar carne y pan a los infelices argentinos hambrientos que vienen. [...] Abrace usted a mi nombre a los valientes y desgraciados. Somos argentinos y son argentinos.”

⁴³² MYERS, **Orden...**, *op. cit.*, p. 21.

O desenvolvimento destes textos e reflexões esteve relacionado com a cena pública, principalmente aquela formada dentro dos salões literários e tertúlias. Na primeira metade do XIX, podemos destacar como aspectos da vida cultural dos rio-platenses, chilenos de Santiago, de Valparaíso (e certamente de inúmeras cidades hispano-americanas) as conversas e debates travados nas tertúlias, bem como os encontros nos salões literários, nas sociedades e associações, muitas das quais foram idealizadas como secretas. Concomitante aos periódicos da época, nestes locais também circulavam artigos literários e políticos. Nestes espaços, Sarmiento desenvolveu e fez circular suas ideias e posicionamentos, alguns ardorosamente debatidos, criticados ou endossados.

Mas, antes mesmo da difusão de suas ideias nestes espaços, devemos considerar a importância de um desses salões bonaerenses em sua formação intelectual: o *Salón Literario*, criado em 1835 em Buenos Aires por Marcos Sastre, um livreiro uruguaio.⁴³³ Funcionava como uma biblioteca onde os interessados tinham acesso a obras de referência, a atividades culturais e a literatura em outras línguas.

A *Geração de 1837*, ou *geração romântica*, como costuma ser identificada pela historiografia, reuniu neste espaço de socialização os portenhos Esteban Echeverría, Juan María Gutiérrez, Vicente Fidel López e Félix Frias, além de jovens provincianos como Juan Bautista Alberdi, de Tucumán, Manuel Quiroga Rosa, de San Juan, entre outros. Foi o primeiro grupo intelectual que tentou se definir no Rio da Prata como tal e “que legitimará sua intervenção na cena política em função da posse de um capital simbólico.”⁴³⁴

O início desta fase do *Salón* ocorreu em 26 de junho de 1837 e teve como ato inaugural o discurso de Sastre, de Alberdi e de Gutiérrez, os quais insistiram na ideia de que a independência deveria se estender ao campo da literatura e da cultura. Neste momento, representantes do governo rosista estiveram presentes no local, como Vicente López y Planes, autor do hino argentino e funcionário do Superior Tribunal de Buenos Aires, além de Pedro

⁴³³ Sastre, um defensor da educação popular e da difusão cultural, inaugurou a *Librería Argentina* em 1833. No estabelecimento eram vendidos livros, pinturas, pincéis, artigos de perfumaria, entre outros produtos. Sastre fazia a propaganda da loja e dos produtos constantemente recebidos através dos periódicos que circulavam pela cidade. Devido ao sucesso do empreendimento, um ano e meio após a abertura, Sastre transferiu a loja para um local mais amplo na mesma rua (calle Reconquista). Em janeiro de 1835, inaugurou o *Salón Literario* neste mesmo local. O *Salón*, que abria durante a manhã, em uma parte da tarde e durante a noite, competia com a Biblioteca Pública, que só funcionava no período matutino, embora os frequentadores pagassem pela consulta das obras na livraria de Sastre. Ver: PARADA, E. Alejandro. **Los libros en la época del Salón Literario**: El Catálogo de la Librería Argentina de Marcos Sastre (1835). Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2008.

⁴³⁴ PALTÍ, Elías. **El momento romántico**: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009, p. 35. “Que legitimará su intervención en la escena política en función de la posesión de un capital simbólico”.

de Angelis, o principal intelectual do regime rosista, posteriormente crítico da *geração romântica*. Echeverría, por ser contrário a Rosas, não compareceu.⁴³⁵

Um mês depois do ato inaugural, Alberdi publicou *Fragmento preliminar al estudio del derecho*, no qual desenvolveu e sistematizou as ideias expostas no discurso inaugural.⁴³⁶ Neste texto, enfatizou a necessidade de superação da fase heroica da independência em favor de um momento mais reflexivo. Defendeu ainda a importância de a nação adquirir consciência própria.⁴³⁷ Devido a seus comentários e ao texto *Fragmento*, permeados de tensões e contradições, os unitários mantiveram uma desconfiança em relação a Alberdi mesmo após seu exílio.

Ainda em 1837, alguns frequentadores do *Salón* criaram o periódico *La Moda – Gacetín de música, de poesía, de literatura, de costumbres*, publicado em Buenos Aires. Entre seus editores estavam Juan Bautista Alberdi, Juan Maria Gutiérrez, Vicente Fidel López, Carlos Tejedor, José Barros Pazos, Manuel Quiroga Rosas, entre outros.

O período de ação destes jovens no *Salón* durou somente quatro meses, pois a *mazorca* o fechou e, em abril de 1838, *La Moda* também foi encerrado devido à perseguição rosista.

Embora o *Salón* tenha durado poucos meses, o pensamento e as críticas desenvolvidos por seus participantes se estenderam amplamente. Eles se tornaram idealizadores da nação argentina e as reflexões que elaboraram tiveram uma grande influência na história e na formação da nação.

Os membros da *Geração de 37*, assim como a geração revolucionária precedente, desejavam superar os princípios sociais tradicionalistas herdados da colônia. Mas se

⁴³⁵ RICUPERO, Bernardo. As nações do romantismo argentino. In: PAMPLONA; MÄDER, Maria Elisa (Orgs.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**: região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 222.

⁴³⁶ Alberdi fez um discurso inaugural que causou a desconfiança de rosistas e unitários, que não compreenderam para qual lado pendia seu discurso em termos políticos. Ele foi criticado por unitários (como Andrés Lamas) e despertou certo mal-estar no governo, embora este tenha guardado silêncio a respeito.

⁴³⁷ Existem distintas visões sobre a obra de Alberdi. Uma parte da historiografia defende sua afinidade com o regime rosista quando se considera o discurso inaugural do *Salón Literario*. Elías Paltí critica a tradição historiográfica que tentou identificar Alberdi e a *Geração de 1837* ao pensamento historicista e/ou iluminista, mostrando como prevaleceram nestas interpretações visões dicotômicas que classificaram o pensamento de Alberdi como pertencente a uma dessas duas correntes ou ainda como uma variante que agregava elementos historicistas e iluministas de acordo com o contexto. Paltí fez uma análise acurada da linguagem política deste autor e uma crítica historiográfica evidenciando as complexidades e tensões presentes no discurso proferido no *Salón* e no texto de *Fragmento*. Para Paltí, não é possível considerar Alberdi favorável a Rosas sem considerar algumas características da intrincada linguagem política e filosófica dos pensadores rio-platenses do período. De acordo com o historiador argentino, o projeto político de Alberdi poderia se situar em um meio termo entre iluminismo e historicismo, entre federalismo e unitarismo. Assim, Paltí refuta a ideia de ambiguidade ideológica na obra de Alberdi, mostrando que seus textos são mais complexos e problemáticos do que a antinomia iluminismo/historicismo pode sustentar. Diferencia ainda a postura política do conceito filosófico adotado por Alberdi. Ver: PALTÍ, **El momento...**, *op. cit.*, p. 29-38.

identificavam também com as ideias da ilustração e, diferentemente dos unitários, procuraram realizá-las de forma particular, nacional, romântica.⁴³⁸ Neste sentido, para a historiografia argentina, a *Geração de 37* marcou uma ruptura com o legado revolucionário de Maio, ao incorporar um princípio de realidade.

Para Paltí, de acordo com essa concepção historicista romântica, existiria um curso evolutivo a partir do qual as tendências políticas poderiam ser pensadas, somariam ou diminuiriam nesse curso, atenderiam as leis do progresso universal. Os estudos históricos criados a partir desta concepção, por tentarem encontrar as chaves fundamentais da evolução futura, possuíam conotações políticas.

Paltí afirma, ao analisar a linguagem política desenvolvida nesta concepção historicista romântica, que a *Geração de 37* pretendeu descobrir o “princípio oculto que rege a evolução nacional, prover uma unidade de sentido a seu aparente transcurso caótico, e dotá-la assim de uma consciência mais precisa de sua própria identidade.”⁴³⁹ Mas esse historiador também enfatiza que muitas contradições presentes nos textos dos membros da *Geração de 37* são oriundos de um problema maior, já que eles tinham em mãos uma dificuldade inerente ao pensamento político moderno em formação que nenhuma teoria política poderia resolver.⁴⁴⁰

Neste sentido, Paltí localiza uma tensão na *geração romântica*. Mediante a necessidade de conceber a nacionalidade, principalmente por meio da história – gênero fundamental do romantismo que articulava outros gêneros, como o romance e o pensamento político –, eles deveriam dar expressão escrita a um curso histórico que desafiava a ordem racional e o desenvolvimento das sociedades. Portanto, segundo o historiador argentino, o dilema estava em representar o irrepresentável.⁴⁴¹

Para Paltí, somente no período do exílio, a partir de 1842, a *Geração de 37* concluiu que a história local contradizia exigências da razão e burlava leis universais. No desterro, a *geração romântica* retirou das premissas historicistas outra conclusão, como forma de conseguir um alinhamento com os parâmetros do historicismo romântico. Para Alberdi, à medida que o regime rosista carecia de uma justificativa histórica, antecipava a própria

⁴³⁸ RICUPERO, Bernardo. As nações do romantismo argentino. In: PAMPLONA; MÄDER, Maria Elisa (Orgs.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas:** região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 225.

⁴³⁹ PALTÍ, Elías. **El momento romántico:** nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 35-36. “Principio oculto que rige la evolución nacional, proveer una unidad de sentido a su aparentemente caótico transcurso, y dotarla así de una consciencia más precisa de su propia identidad.”

⁴⁴⁰ *Ibid.*, p. 49.

⁴⁴¹ *Ibid.*, p. 28.

derrocada, já que violava as leis da história.⁴⁴² Neste sentido, foi notória uma transformação que perpassou o pensamento do grupo, conduzindo para uma oposição declarada ao rosismo e a uma desconfiança em relação aos setores populares.

A diferença entre os unitários e a *Geração de 37*, durante o período do exílio, era que a *Geração romântica*, apesar de defender a democracia, sentia desconfiança em relação ao poder das massas, ao sufrágio universal, pois acreditava que a população de forma geral ainda não possuía maioria política. Eles criticavam a ideia iluminista de que o povo poderia mudar sua natureza e seus costumes. Caberia, portanto, aos ilustrados, grupo que representavam, a tutela das massas e a condução a uma educação capaz de preparar o povo para o exercício da cidadania.⁴⁴³

O romantismo argentino criou uma nova forma de expressão, seus escritores foram homens de ação que se tornaram estadistas e buscaram construir sua reflexão literária e política agregando elementos que remetessem à nação e dessem expressão a ela, constituindo-a. Eles buscaram características que exaltassem os aspectos particulares do local onde viviam. A natureza, representada sobretudo pelo pampa, pelo deserto e seu outro, a civilização. A negação da herança ibérica e a valorização da cultura francesa como meta civilizatória. Queriam ainda a independência intelectual em relação à Europa, embora utilizassem os autores europeus.

Há uma grande ênfase historiográfica sobre esses textos produzidos pela *Geração de 37*, considerados inaugurais para as formas de se pensar a nação. Primeiramente com *Fragmentos*, depois com *El dogma socialista* (1846), de Esteban Echeverría, e *Bases e puntos de partida para la organización política de la República Argentina* (1852), de Alberdi, sobre a qual comentarei adiante.

Sarmiento não somente se identificou com esse grupo, mas é considerado pela historiografia parte da *Geração de 1837* – e *Facundo* é considerado uma dessas obras fundacionais e grande parte das respostas que elaborou para o meio social em que vivia foram alimentadas pelo desejo de aproximação ao grupo.⁴⁴⁴ Embora ele não tenha participado do *Salón*, trocou diversas correspondências com seus membros e estabeleceu contato com alguns deles, como Alberdi e Gutiérrez, quando estes se fixaram em Valparaíso, em 1843, ou com Quiroga Rosas, que se tornou seu amigo e confidente. Sarmiento encontrou inspiração nas

⁴⁴² De acordo com Paltí, essa foi também uma forma de Alberdi se livrar das contradições de seu discurso. *Ibid.*

⁴⁴³ Sobre esse assunto ver: RICUPERO, *op. cit.*, p. 225-227.

⁴⁴⁴ As reflexões de Norbert Elias sobre a trajetória de Mozart fornecem subsídios para a compreensão de como os indivíduos se preocupam com o reconhecimento do seu grupo restrito e como transformando esse desejo de reconhecimento em uma fonte de significados. Ver: ELIAS, *op. cit.*

declarações e textos da *geração romântica* e se identificou com algumas de suas propostas, como atesta, por exemplo, a correspondência remetida a Alberdi em 1838, na qual evidenciou seu interesse ao explicar que “[...] esta libertinagem literária que em mim existe, me fez abraçar com ardor as ideias apontadas em alguns discursos do Salão Literário dessa capital.”⁴⁴⁵ Para a crítica literária, Sarmiento representa um dos autores que melhor encarnou o romantismo, devido à sensibilidade de sua escrita.

Durante o exílio, Echeverría, Alberdi, entre outros, criaram o grupo secreto *Asociación de la Joven Generación Argentina*, também chamado de *Joven Argentina*.⁴⁴⁶ Como parte dos projetos que se comprometeram a colocar em prática, alguns membros da *Joven Argentina* se deslocaram por províncias do interior da Confederação, a exemplo de Córdoba, Tucumán, Salta e Cuyo, e países vizinhos, como a Bolívia, o Chile e o Peru. O objetivo destas peregrinações era a fundação de filiais da *Asociación*, em uma espécie de “caravana progressiva”, para difundir os ideais do grupo, criar novas escolas e levar a imprensa periódica a esses locais. Assim, outras figuras que seriam destaque no meio intelectual e político argentino se vincularam à *Asociación* e aos ideais da *Geração de 37*, como Bartolomé Mitre, em Montevideu, e Marco Avellaneda, em Tucumán. A partir da atuação de Quiroga Rosas, responsável pela criação da filial em San Juan, Sarmiento também se vinculou ao grupo.

Ao longo de suas trajetórias, atuando de diferentes formas e, muitas vezes, defendendo ideias distintas, como demonstra a polêmica entre Sarmiento e Alberdi,⁴⁴⁷ os membros da *Geração de 1837* refletiram sobre a construção da ordem e os rumos da nação, além de terem criado referências para a interpretação da história da Argentina.

2.3. Ermandad de ideas: do contexto chileno do exílio à viagem de 1846

Durante grande parte do período rosista, Sarmiento esteve exilado no Chile. Situar o contexto de sua inserção no mundo do periodismo chileno de meados do século XIX possibilita entender os motivos que tornaram possível sua ascensão como escritor. Tanto sua

⁴⁴⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Juan Bautista Alberdi. San Juan, 6 de julho de 1838. In: SARMIENTO, **Páginas...**, *op. cit.*, p. 20-21, “[...] este libertinaje literario que en mí existe, me ha hecho abrazar con ardor las ideas que se apuntaron en algunos discursos del Salón literario de esa capital.”

⁴⁴⁶ A *Asociación* criou 15 palavras simbólicas, escritas por Echeverría (a última escrita por Alberdi), sobre as quais os membros prestaram juramento. Essas diretrizes foram publicadas no periódico *El Iniciador*, de Montevideu, sob o título de *Creencia social*, depois alterado para *El dogma socialista*.

⁴⁴⁷ Essa polêmica será apresentada adiante.

experiência como redator de *El Zonda* como sua atividade como educador e diretor do Colégio de Señoritas de San Juan serviram como degrau para as atividades exercidas no Chile. Entretanto, foi com a intensa produção para periódicos, somada aos cargos que ocupou nos setores educacionais, que Sarmiento pôde assentar as bases do seu pensamento e das diretrizes que tomaria ao longo de sua vida também fora deste país, influenciando inclusive nos julgamentos elaborados sobre o Brasil. Sarmiento foi um dos principais protagonistas das polêmicas que ocorreram na cena pública chilena da década de 1840, tendo em vista que ele chegou ao país em um momento propício para o desenvolvimento destes debates.

O sanjuanino se estabeleceu em Santiago em dezembro de 1840, quando o país se preparava para as eleições presidenciais que ocorreriam no ano seguinte. No Chile, os períodos de eleições eram sempre momentos de grande tensão na imprensa, o que não passou despercebido por Sarmiento, que, no início de 1841, comentou com Quiroga Rosas: “As malditas eleições nos prejudicam muito e absorvem os ânimos”.⁴⁴⁸

Esse foi também o momento no qual ocorreu um grande desenvolvimento do periodismo em toda hispano-américa, de luta pela organização política e estabilidade social. Neste contexto, o Estado chileno gozava de prestígio, fruto da vitória sobre a *Confederación Peru-Boliviana* (1837-1839), o que permitiu uma transição política mais tranquila rumo ao republicanismo constitucionalista, à adoção de reformas liberais e à implementação de medidas repressivas não muito drásticas.

Após a independência chilena, diversos setores políticos convergiram na escolha da forma republicana de governo. As reformas foram conduzidas via Estado, que permaneceu gozando de legitimidade mesmo após o rompimento com a Espanha. O liberalismo forneceu o instrumental ideológico para as reformas do século XIX e foi compartilhado por vários grupos políticos. Esses setores priorizaram os debates e medidas referentes à proteção do indivíduo frente ao Estado, a ampliação das liberdades individuais, o equilíbrio de poderes entre o Executivo e o Congresso, bem como as formas e fins de representação. Diferentemente da Confederação Argentina, no Chile predominou um caráter de continuidade institucional, com transformações implementadas via reforma e não por meio de revoluções.⁴⁴⁹

⁴⁴⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para José Manuel Quiroga Rosas. Santiago, 15 de março de 1841. In: SEGRETÍ, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 19. “Las malditas elecciones nos perjudican mucho y absorben los ánimos”.

⁴⁴⁹ De acordo com Jaksic e Serrano, o período que corresponde à independência até 1830 no Chile foi caracterizado por várias mudanças governamentais e constitucionais, coerentes quando analisadas da perspectiva da construção de um regime político liberal que se debatia em torno de questões como a soberania popular, a divisão dos poderes e as garantias individuais. Esses debates marcaram o desenvolvimento da política chilena do século XIX. O primeiro governo nacional, de Bernardo O’Higgins, foi caracterizado por uma orientação liberal e

Sarmiento esteve exilado no Chile durante o período denominado pela historiografia daquele país como conservador (1830-1860). De acordo com Jaksic e Serrano, o eixo explicativo desta fase pode ser encontrado em premissas liberais.⁴⁵⁰ O regime iniciado em 1830 se pautou na Constituição de 1833 e teve um caráter presidencialista, centralizado, constitucional, popular representativo, com separação de poderes, garantias individuais e igualdade perante a lei. O presidente controlava os demais poderes e o circuito político por meio dos funcionários e da Guarda Nacional. O Congresso tinha atributos que permitiam limitar o poder executivo. As lideranças governamentais e as eclesiásticas eram conservadoras e republicanas, pois existia receio quanto a rebeliões. O conservadorismo liberal encontrava suas matrizes na ilustração.

A educação, na concepção da política chilena do período conservador, era considerada um elemento de transformação social. As práticas implementadas a partir dessa matriz possibilitaram a criação de um espaço para a formação de uma elite letrada e conduziram a debates sobre a educação na imprensa, no Parlamento e na cena pública.

Os conservadores ocupavam o Poder Executivo desde 1830. No início de 1840, eles se dividiam entre um grupo de caráter mais tradicional, composto pelas oligarquias e pelo clero, e outro de caráter modernizante, laico, formado pelos jovens. Os liberais, por sua vez, encontravam-se desacreditados, sem uma força política que pudesse se opor e vencer as eleições.

A ala tradicional do partido conservador escolheu o candidato Joaquín Tocornal e tentou uma aliança com os liberais para derrotar Manuel Bulnes, que também era conservador, mas pertencia à ala mais jovem. O grupo de Bulnes também buscou formar uma aliança com os liberais e, em grande parte devido à popularidade de Bulnes como herói da *Guerra da Confederación Peru-Boliviana* de 1841, ele venceu as eleições para a presidência da República.

O período Bulnes se caracterizou como uma época de implantação de reformas de cunho liberal, aplicadas de forma gradual e cautelosa na tentativa de manutenção da ordem. Foi um período de aumento das rendas públicas, de investimentos na área de infraestrutura e

pela adoção de medidas ditatoriais que geraram movimentos de oposição e conduziram a sua abdicação em 1823. Entre 1823 e 1830, ocorreram várias iniciativas federalistas, culminando na elaboração da Constituição de 1828. Em seguida, veio o período Portales, já comentado anteriormente. Enquanto na Confederação Argentina ocorriam diversos conflitos civis, no Chile, após a sanção da Constituição de 1833, seguiu-se um período de implantação e estabilização das instituições estatais. JAKSIĆ, Iván; SERRANO, Sol. El gobierno y las libertades. La ruta del liberalismo chileno en el siglo XIX. In: CARBÓ, Eduardo Posada; JAKSIĆ, Iván (Org.). **Liberalismo y poder**. Latinoamérica en el siglo XIX. Chile: FCE, 2011. p. 178.

⁴⁵⁰ *Ibid.*, p. 180.

da educação e de expansão cultural, propiciada, em grande medida, pela presença dos argentinos exilados. A *Geração de 1842*, como foram denominados os escritores desse período pela historiografia chilena, entre as diversas diretrizes de influência, absorveu elementos do romantismo francês de Sarmiento e Vicente Fidel López.

Ao longo XIX, ocorreu a separação entre a Igreja e a educação no Chile. Aos poucos a Igreja foi perdendo o controle das instituições de ensino, enquanto o Estado foi ampliando o controle sobre elas.⁴⁵¹ Assim como outras elites letradas, os intelectuais chilenos consideravam a educação um elemento de civilização e de formação da cidadania. Com o governo conservador da década de 1840, houve maior investimento do Estado no ensino popular, com a criação da *Universidad de Chile*, fundada conjuntamente à *Escuela Normal de Preceptores*, de 1842. Sarmiento, ao lado de Andrés Bello, Manuel Montt e Victorino Lastarria, foram figuras de destaque no âmbito das instituições educacionais chilenas desse período.

Nesta conjuntura, a imprensa chilena tentou se constituir e o seu desenvolvimento esteve no cerne destas duas diretrizes nos países hispano-americanos. Segundo Iván Jaksic, “a imprensa teve um papel importante nesta busca, pois representava, ou dizia representar, tanto a opinião pública como os princípios liberais contidos na maioria das constituições latino-americanas pós-independência”.⁴⁵²

A imprensa chilena do século XIX, uma das últimas da ibero-américa, se desenvolveu – após a independência e de forma sempre crescente –, com um forte caráter de contestação, sobretudo em relação aos políticos e com maior ênfase nos períodos eleitorais. Entre esses diários, poucos tinham a intenção de transmitir notícias ou discutir temas culturais de interesse geral. Na maior parte das vezes, eram veículos de crítica ou defesa do governo, de grupos militares, de ministros e de lideranças políticas. De acordo com Jaksic, os periódicos dessa época eram beligerantes, sectários e injuriosos. Muitos eram somente panfletos políticos que apareciam somente nos momentos de eleições.⁴⁵³

A relação entre a política e a imprensa foi uma característica bem marcada no Chile oitocentista. Muitos proprietários de periódicos, editores e escritores mantinham vínculos políticos, ocupando cargos públicos, muitas vezes de liderança. Em outros casos, estabeleciam

⁴⁵¹ Quanto ao Estado, somente os mais radicais defendiam sua separação da Igreja.

⁴⁵² JAKSIC, Iván. Sarmiento y la prensa chilena del siglo XIX. *História*, Santiago: PUC-CH, v. 26, p. 117-144, 1991-1992. Disponível em: <<http://revistahistoria.uc.cl/estudios/3227/>>. Acesso em: 20/01/2014. p. 117. “A prensa jugó un papel importante en esta búsqueda puesto que representaba, o debía representar, tanto la opinión pública como los principios liberales contenidos en la mayoría de las constituciones latinoamericanas postindependentistas.”

⁴⁵³ *Ibid.*, p. 123.

alianças com determinadas figuras públicas, como foi o caso de Sarmiento. Embora não tenha ocupado nenhum cargo diretamente vinculado à política, Sarmiento se manteve ao lado de Manuel Montt durante todo o período do exílio e esteve à frente de instituições de ensino.

A manutenção das publicações estava vinculada à obtenção de subsídio estatal. Mesmo contando com o auxílio do governo, muitos periódicos batalhavam para conseguir mais subscrições. Sarmiento serve como exemplo neste caso. Em diversos momentos ele se referiu ao “trabalho sem descanso para conseguir assinantes”.⁴⁵⁴ Em várias correspondências, comentou sobre a necessidade e, ao mesmo tempo, dificuldade em obter assinantes. Nesta mesma época, encerrou *La Crónica* por falta de subscrições. *El Mercurio* foi um dos poucos periódicos que permaneceu funcionando desde a sua criação em 1827 até o final do século XIX. Embora contassem com subsídios estatais, muitas publicações mantinham uma linha independente do governo, como no caso de *El Mercurio*.⁴⁵⁵

Para tentar controlar as críticas e contendas iniciadas a partir dos periódicos, existiam mecanismos de repressão que condenavam o injuriante. As principais leis de imprensa do XIX foram as de 1828 e 1846. A lei de 1828 impunha punições para a blasfêmia, a imoralidade, a injúria e a sedição, podendo o editor ou escritor acusado destas práticas ser penalizado com multas, prisão e exílio, o que ocorreu com diversos escritores e editores. A lei de 1846, criada no final do primeiro governo Bulnes, tornou a repressão ainda mais efetiva. Neste caso, a lei previa as mesmas punições para as mesmas categorias de infração, tornando-se mais rigorosa nos casos em que o editor ou escritor escondia sua identidade.⁴⁵⁶

Outra forma de repressão se deu a partir da atuação dos jurados. Eles eram nomeados pelo governo para emitir juízos sobre os processos relacionados à imprensa. Esses juízes manifestavam-se por meio de uma retórica apaixonada, faziam revelações surpreendentes sobre as partes envolvidas, permitiam a publicização dos seus pareceres. Isso conferia ainda mais popularidade à imprensa. Os temas das contendas eram debatidos nos salões e tertúlias e geravam temores de rebeliões populares, pois desacreditavam governantes e autoridades públicas. De acordo com Jakšić, muitas carreiras públicas iniciavam ou acabavam nestes

⁴⁵⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para José Manoel Quiroga. Santiago, 31 de julho de 1841. In: SEGRETI, **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I..., *op. cit.*, p. 28. “Trabajo sin descanso para proporcionarme inscriptores”.

⁴⁵⁵ No início da década de 1840, os periódicos tinham tiragens máximas entre 300 e 500 exemplares, com exceção de *El Mercurio*, cuja tiragem girava em torno de 1.000 exemplares. Era comum as tiragens serem produzidas nos domicílios dos editores. De acordo com Jakšić, as baixas tiragens estavam relacionadas com o alto índice de analfabetismo e à prática de passar as publicações de mão em mão. Muitos liam no trabalho, principalmente em empregos estatais. De forma geral, o interesse dos leitores se dirigia aos debates políticos e não a assuntos culturais ou notícias. JAKŠIĆ, **Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 131.

⁴⁵⁶ Para uma análise detalhada sobre as leis de imprensa do século XIX, ver: *Ibid.*, p. 121.

processos. Ainda assim, muitas acusações do governo a editores e escritores na década de 1840 não terminavam em condenações.⁴⁵⁷

Embora existissem leis restritivas à imprensa, elas também não conseguiam controlar o consumo cada vez maior de jornais e não eram eficazes o suficiente para alterar o caráter do jornalismo feito na época. Mesmo nos períodos mais repressivos, periódicos e pasquins continuaram sendo publicados.

A imprensa ameaçava a estabilidade governamental em um período no qual as repúblicas estavam em fase de consolidação. O problema maior consistia em equilibrar a balança entre a liberdade de imprensa e a estabilidade política. E muitos defensores desta liberdade também atuavam politicamente. Nestas condições, ter uma figura de destaque neste meio, que reunisse as características para centralizar os debates em torno de sua pessoa e, ao mesmo tempo, fosse um aliado, significava uma possibilidade maior de construir uma relação positiva com a opinião pública. Sarmiento surgiu nesse momento como a figura capaz de canalizar parte dos debates em torno de si e, ao mesmo tempo, se colocar como aliado do governo.

Quando Sarmiento se estabeleceu no Chile, em 1840, a imprensa já apresentava as características anteriormente indicadas, mas no período em que ele chegou houve um grande crescimento e, durante o governo de Bulnes, esse caráter contestatório em relação à política se acentuou ainda mais. Foi uma época na qual proliferaram diários e periódicos, sobretudo voltados para a cena política, em Santiago, em Valparaíso e também nas províncias.⁴⁵⁸ Sarmiento estabeleceu contato com vários interlocutores que escreviam para periódicos de diversas províncias chilenas, a exemplo de Copiapó e Salta.

Interessante observar a forma como os periodistas desta época se inteiravam dos assuntos e conseguiam informações para a edição de seus diários. Além da apropriação de notícias publicadas em periódicos de outros locais – como Manuel Rivadeneyra costumava fazer antes de Sarmiento assumir a redação de *El Mercurio* –, eram utilizadas as informações difundidas nas correspondências. Assim, ao informar o amigo Quiroga Rosas que seria o novo diretor de *El Mercurio*, Sarmiento aproveitou para solicitar que o mesmo lhe enviasse artigos de assuntos locais para mostrar que o periódico possuía correspondentes em diferentes regiões

⁴⁵⁷ Iván Jaksic cita alguns exemplos. *Idem*.

⁴⁵⁸ Entre 1828 e 1851, foram criados em torno de 152 diários e periódicos no Chile.

do Chile e pediu ainda ao amigo para que escrevesse algo interessante e que fosse rápido na resposta.⁴⁵⁹

Mas esse também foi um dos mecanismos utilizados para se inteirar de informações sobre a Confederação Argentina ou outras notícias que Sarmiento julgava interessantes para o público. Para Indalecio Cortínez, por exemplo, amigo de San Juan, solicitou informações sobre as minas, o colégio ou “qualquer tolice [...], alguma obra de sua arte, tudo seria bom” e enfatizou “mande-me o que puder. Não seja frouxo, eh! Olhe que conto com isso.”⁴⁶⁰

Muitos artigos publicados nos periódicos atingiam popularidade, como foi o caso do *12 de febrero de 1817*, o artigo sobre a Batalha de Chacabuco, escrito por Sarmiento e publicado em 1841.

A ampliação da imprensa a partir do governo Bulnes fomentou o desenvolvimento de um novo espaço público. Além de ampliar as reflexões sobre temas culturais e sociais, também propiciou debates entre os intelectuais, bem como a difusão de ideais liberais. Com a criação da *Universidad de Chile* em 1842, se ampliaram os estudos de humanidades, ciências e das carreiras profissionais. Esse contexto impulsionou a circulação de livros importados e deu vigor à publicação de obras locais. Sarmiento soube utilizar esse contexto para publicar seus textos.

Mas foi a partir de sua atuação nos periódicos que Sarmiento se constituiu como escritor. Ele acreditava que a imprensa seria um dos caminhos rumo ao progresso, responsável por evidenciar as necessidades sociais e atuar na formação do cidadão em prol da liberdade. Sarmiento se destacou na imprensa tratando sobre assuntos importantes no contexto chileno da metade do século XIX: o papel da imprensa na formação do cidadão e na política do país. Isso explica, em termos conjunturais, sua ascensão neste meio. A partir de sua habilidade como escritor – advinda principalmente da sua experiência anterior como redator de *El Zonda* –, ele escreveu aquilo que o público desejava ler. Mas também soube escolher os grupos aos quais se associar em um momento de contenda política.

Não somente Sarmiento, mas os exilados argentinos, de forma geral, renovaram a vida intelectual chilena. Estabeleceram vários embates no campo intelectual. Muitos chilenos se sentiam lesados com a popularidade alcançada por alguns argentinos e os acusavam constantemente da repetição de teses, de pedantismo ou de serem estrangeiros, desmerecendo

⁴⁵⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel José Quiroga Rosas. San Juan, 30 junho de 1840. In: SEGRETI, *La correspondencia de Sarmiento*. Tomo I..., *op. cit.*, p. 10.

⁴⁶⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Indalecio Cortínez. Santiago, 20 de janeiro de 1842. In: *Ibid.*, p. 37. “Cualquier sonsera [...], alguna operación de su arte, todo sería bueno”; “mandeme lo que pueda. No sea flojo, eh! Mire que cuento con ello.”

suas ideias. Devido a tais rivalidades, jovens chilenos reconhecidos no meio político e literário criaram, em 1842, a *Sociedad Literaria* e *El Semanario*, que possuíam redatores chilenos. Eles tinham a intenção de valorizar os escritores nacionais e repudiar os modelos e influências vindos de fora do país.

Escritores como Victorino Lastarria estiveram à frente destas iniciativas. Tais polêmicas certamente reforçaram a identidade argentina, como atestou Sarmiento por meio de suas correspondências. Em uma carta enviada para Félix Frías em fevereiro de 1843, ele pede o apoio do amigo em favor da batalha referente à reforma ortográfica.⁴⁶¹ Por meio do campo das letras, Sarmiento evidencia a existência de uma identidade específica entre os exilados: “Temos, amigo, uma literatura argentina: há entre nós certa irmandade de ideias, certo rumo geral nos conceitos: que nos distingue de toda a ralé.”⁴⁶²

Na mesma correspondência, Sarmiento demonstrou que o debate em torno da questão ortográfica, para ele, era uma batalha maior, que culminava no desejo de ampliá-la: “Penso em mandar todas essas discussões aos diários americanos para ver se travo a batalha geral. [...] Façamos, amigo, este serviço à América; desliguemos-na dos seus antecedentes fatais e coloquemos-na em uma nova e larga via. Combatamos, pois.”⁴⁶³

Pizarro caracteriza a produção literária (incluindo nesta lista vários gêneros, como a novela e a biografia) e historiográfica desse período como fundacional. Os debates relativos às questões gramaticais e aos usos da língua, por exemplo, discutidos com grande intensidade pelos pensadores da época, demonstram a grande preocupação que rondava as elites literárias no que concerne à constituição do Estado. Sarmiento se envolveu nestes debates durante a década de 1840, ao defender no Chile a alteração da língua de acordo com o seu uso, causando incômodo em diversos letrados, como Andrés Bello, para quem a regra culta deveria ser seguida. De acordo com Pizarro, “a função da literatura, como da língua, é, pois, no período de emancipação, uma função de legitimação das nações recentes, de afirmação da autonomia que está construindo o Estado.”⁴⁶⁴

⁴⁶¹ Nesta ocasião, Sarmiento escreveu de acordo com a reforma que propunha, evidenciando na escrita a forma falada.

⁴⁶² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Félix Frías. Santiago, 13 de fevereiro de 1844. 2 fls. In: FRÍAS, *op. cit.*, p. 12. “Tenemos amigo una literatura arjentina: ai entre nosotros sierta ermandad de ideas, sierto rumbo jeneral en los conseptos; qe nos distingue de toda la Chusma.”

⁴⁶³ *Ibid.*, p. 13. “Pienso mandar todas estas discusiones a los diarios americanos i ber si trabo la batalla jeneral. [...] Agamos amigo este serbisio a la America; desligemosla de sus antesedentes fatales i echemosla en una nueba i ancha bia. Combatamos pues.”

⁴⁶⁴ Com o processo de modernização, que na América hispânica ocorreu a partir do último quartel do século XIX, com temporalidades distintas e conotações peculiares a cada local, houve a separação entre o campo literário e o político. A literatura produzida nesse contexto culminou nas vanguardas e regionalismos. Ver: PIZARRO, *op. cit.*, p. 23-26. “La función de la literatura, como de la lengua, es, pues, en el período de la

Um dos ápices da atividade de Sarmiento como escritor no Chile foi a publicação de *Facundo*. A antítese civilização/barbárie constituiu uma ideia central em meados do século XIX, a partir da qual muitos pensadores construíram reflexões e modos de interpretação, de representação da nação. Entendida como devir, no sentido de “um processo progressivo fundamental da história, e também como um estado final resultante desse processo”, a ideia de civilização foi apropriada como um estado ideal a ser alcançado pelas nações, um termo em torno do qual muitos pensadores debateram, que ganhou autoridade no século XIX.⁴⁶⁵

Ao ser associada aos ideais da Revolução Francesa, a noção de civilização passou a ser vinculada à condição revolucionária deste país, o que tornaria a França a vanguarda do estado de nação civilizada. Muitos autores franceses lidos pelos americanos discutiam tais questões, como Guizot, por exemplo, uma das leituras de Sarmiento. Foi um termo que suscitou ações empregadas para que tal objetivo fosse conquistado na prática, uma vez que também se relacionava com a ideia de ação.

Na região do Prata, os termos civilização e barbárie apareceram no início do oitocentos nos periódicos de Buenos Aires. No sentido antinômico, apareceu pela primeira vez em 1827, no periódico *Mensajero Argentino*. Tais palavras também foram comuns nos debates da geração de 1837, como em *Dogma Socialista*, de Esteban Echeverría, e no *Fragmento Preliminar al Estudio del Derecho*, de Alberdi. Segundo Mäeder, “Sarmiento [...] informado pelas teorias europeias da época, constrói todo o *Facundo* com base nas ideias de civilização e barbárie, praticamente enquadrando as demais questões nessa antinomia fundamental.”⁴⁶⁶ Para esta autora, a ideia de civilização alcançou um valor capital na elaboração do conceito de nação de Sarmiento, que esteve identificada ao ideal de República. Seus pressupostos indicavam sua crença na ação dos exilados, que deveriam assumir o papel central em uma nova ordem política, possível somente após a queda do *rosismo*.⁴⁶⁷

Representações globalizantes, unificadoras e dicotômicas foram constantes na primeira metade do século XIX na região platina. Neste sentido, diversos autores observaram, em periódicos e textos políticos, como o uso dos termos *bárbaros* e *civilizados* foi recorrente e como esta foi uma forma de unitários e federais se autodenominarem e denominarem seus inimigos.

emancipación, una función de legitimación de las naciones recientes, de afirmación de la autonomía que está construyendo el Estado”.

⁴⁶⁵ MÄDER, *Civilização...*, op. cit., p. 34.

⁴⁶⁶ *Ibid.*, p. 40.

⁴⁶⁷ *Ibid.*, p. 63.

Em 1845, após a publicação de *Facundo*, como já foi comentado no primeiro capítulo, Manuel Montt, como Ministro da Instrução Pública no Chile, resolveu enviar Sarmiento para uma missão de investigação sobre os sistemas educacionais e de colonização na Europa e nos Estados Unidos, viagem que teve início no final deste mesmo ano.

O oitocentos foi o século dos viajantes e de romancistas que descreveram lugares e grupos sociais de terras consideradas exóticas para o pensamento ocidental. De Dickens a Conrad, de Humboldt a Saint-Hilaire, a ação de descrever povos, cidades e paisagens tornou-se comum e associou-se à intenção e à prática de conhecer para ocupar, colonizar e civilizar. Neste contexto, a experiência de narrar o *outro* ganhou contornos científicos também na América Latina. De acordo com a pesquisadora Mary Louise Pratt, após a viagem de Alexander von Humboldt à América, entre 1799 e 1804, a ciência oitocentista criou uma nova tendência, inaugurando uma literatura de cunho científico, onde os viajantes privilegiavam as descrições da viagem, a taxinomia, a história natural dos locais observados com vistas ao conhecimento científico.⁴⁶⁸ As narrativas de Humboldt influenciaram grande parte das narrativas oitocentistas sobre o Novo Mundo. A experiência de viagem resultou em uma série de textos de cunho científico e estético, nos quais a geografia, o clima, os animais, entre outros elementos, foram observados, descritos e analisados. Seus textos contribuíram decisivamente para o revigoramento do debate sobre o caráter da natureza americana.⁴⁶⁹ Sarmiento, em diversas narrativas, demonstrou a influência que os escritos de Humboldt exerceram em sua escrita.

Para Cicerchia, os relatos de viagem do século XIX condensam os elementos cruciais da modernidade: a ciência, a subjetividade e a memória histórica. Também fornecem justificativa para a emancipação do pensamento secular na sua forma instrumental e tecnológica, além de representarem dispositivos estratégicos do etnocentrismo europeu.⁴⁷⁰

Nessa época, as experiências de viagem estavam, muitas vezes, associadas a projetos imperiais e de formação de nações. A elaboração de uma cartografia, a coleta de espécimes,

⁴⁶⁸ Em 1799, época na qual diminuíram as restrições aos viajantes para a América do Sul, muitos viajantes percorreram a América Latina. Entre eles estavam Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland, que permaneceram na América do Sul por cinco anos. Dessa experiência, resultaram 30 volumes de textos escritos durante esse tempo. Para Mary Pratt, Humboldt foi o interlocutor mais influente no processo de redefinição americano do início do século XIX. Ele foi lido e comentado na Europa e na América e seus escritos consistiram em fonte de novas visões sobre a América, sendo referenciado por muitos americanos, entre os quais Símon Bolívar e Domingo Faustino Sarmiento. Ver: PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 196.

⁴⁶⁹ Sobre esse assunto ver PRATT, Mary Louise. Humboldt e a reinvenção da América. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, v. 4, n. 8, p. 151-165, 1991.

⁴⁷⁰ CICERCHIA, Ricardo. *Jornay to the centre of the earth: Domingo Faustino Sarmiento, a man of letters in Algeria*. In: **J. Lat. Amer. Stud.**, Cambridge: Cambridge University Press, v. 36, p. 665-686, 2004. p. 666-667.

além das narrativas que esquadrinharam os cursos dos rios, a vegetação, os indígenas e demais moradores das mais diversas regiões, foi utilizada como parte do discurso mediante o qual os Estados então em formação definiam e representavam o território. No caso da América, as independências trouxeram o desafio de construção das novas nações e o meio natural foi retomado com novo vigor e, muitas vezes, com novos e diferenciados sentidos, na formulação de diversos projetos nacionais. Segundo Pratt, a descrição da paisagem tornou-se um elemento fundamental para forjar as primeiras repúblicas da América.⁴⁷¹

O fim do domínio espanhol implicou novas relações e renegociações políticas, econômicas e culturais entre a América e a Europa. Para Pratt, os dois continentes tiveram que se reimaginar, concomitantemente. A reinvenção da América foi “um processo transatlântico que envolveu as energias e imaginações de intelectuais e de um vasto público leitor em ambos os hemisférios”.⁴⁷² Enquanto a Europa estava preocupada com a expansão tecnológica e de mercadorias, as elites da América independente se preocupavam com a autorreinvenção. Os viajantes forneceram enfoques para esses dois grupos.⁴⁷³

No início do século XIX, a literatura ocupou um espaço central na organização destas novas sociedades, constituindo “o lugar (fictício, talvez) onde se projetavam os modelos de comportamento, as formas necessárias para a invenção da cidadania, os limites e as fronteiras simbólicas, o mapa imaginário, enfim, dos Estados em vias de consolidação.”⁴⁷⁴ Neste contexto, o interesse em esquadrinhar o espaço, a natureza e os grupos sociais a partir de um projeto racionalista ganhou contornos científicos mas, sobretudo, políticos. Identificar a posição que os países latino-americanos ocupavam no compasso das civilizações representou um problema central para aqueles cuja atividade literária significou uma possibilidade de emancipação do pensamento e de equiparação aos Estados nacionais europeus e norte americano.

Sarmiento, influenciado pelos textos de viajantes, foi um destes idealizadores. Para ele, as viagens representavam “o complemento da educação dos homens”.⁴⁷⁵ Ele foi um articulador entre o romantismo e as ideias de nação. Entre outubro de 1845 e fevereiro de

⁴⁷¹ PRATT, *Os olhos...*, *op. cit.*, p. 154.

⁴⁷² *Ibid.*, p. 197.

⁴⁷³ Essas imagens e debates sobre a natureza dos trópicos tornaram-se mais complexos na medida em que foi publicada e divulgada *A origem das espécies*, de Charles Darwin (autor sobre o qual Sarmiento fez uma conferência em 1882). Tal publicação acarretou a esse imaginário a adoção de ideias cientificistas e evolutivas do ponto de vista biológico, para diversas áreas do conhecimento. Viajantes e pensadores, de forma geral, foram influenciados por esse pensamento, inclusive os intelectuais latino-americanos que tinham como ponto de referência de seus estudos a produção científica europeia, como o próprio Sarmiento fez questão de enfatizar em vários momentos.

⁴⁷⁴ MÁDER, *Civilização...*, *op. cit.*, p. 13.

⁴⁷⁵ SARMIENTO, *Recuerdos...*, *op. cit.*, p. 166. “El complemento de la educación de los hombres.”

1848, percorreu diversos países da Europa, passou pelo Magrebe e pelo leste dos Estados Unidos, além de Montreal. De acordo com Cicerchia, para além dos aspectos autobiográficos, ou como parte constituinte destes aspectos, a viagem de Sarmiento representa uma pedra angular em torno da qual os princípios da identidade nacional argentina foram elaborados.⁴⁷⁶ Para o historiador argentino, a obra *Viajes* fez parte de um *corpus* fundamental de escrita que surgiu em meio ao projeto modernizador da Argentina e fornece um retrato claro da ambição de Sarmiento de forjar a história à sua própria imagem.⁴⁷⁷

Para os propósitos deste trabalho, é interessante refletir sobre as possíveis transformações que a experiência vivenciada no Brasil poderia ter incutido no sanjuanino, reflexão que será realizada no terceiro capítulo.

Ao retornar ao Chile, em 1848, Sarmiento obteve prestígio pela acolhida de *Facundo* no exterior. Na sequência, publicou sua experiência de viagem, original e intencionalmente registrada em formato epistolar, com leitores previamente selecionados.

Torres chama a atenção para o uso da primeira pessoa nesta narrativa autobiográfica que resultou na obra *Viajes*, elaborada a partir das extensas cartas escritas a diversos destinatários durante o período de viagem, algumas das quais foram enviadas e outras não. Os destinatários foram escolhidos com intencionalidade e cuidadosamente selecionados.⁴⁷⁸ Sarmiento desejava causar um efeito calculado no leitor por meio da construção de uma determinada imagem de si, realizada a partir de artifícios estilísticos e da apresentação de determinados temas.⁴⁷⁹

Segundo Ricardo Cicerchia, que alerta para o caráter moralizador destas narrativas, Sarmiento optou pela carta pessoal por se tratar de um mecanismo mais flexível, capaz de

⁴⁷⁶ CICERCHIA, Ricardo. *Jornay to the centre of the earth: Domingo Faustino Sarmiento, a man of letters in Algeria*. In: **J. Lat. Amer. Stud.** Cambridge: Cambridge University Press, v. 36, p. 665-686, 2004. p. 665.

⁴⁷⁷ Cicerchia enfatiza a importância das narrativas que Sarmiento teceu sobre a Argélia, “o trecho mais genuinamente exótico” que se afasta do cânone de viagem para escrever o conto moral. O autor comenta que neste relato há estratégias de manipulação da observação e da experiência. Nesta narrativa, Sarmiento se afastou da convenção literária e optou por uma escrita tenaz, privilegiando a emoção, estética e moral. *Ibid.*, p. 666.

⁴⁷⁸ Entre os destinatários selecionados encontravam-se, por exemplo, Vicente Fidel López, exilado argentino, redator de *El Comercio*, de Valparaíso; Carlos Tejedor, exilado argentino, escritor em *El Progreso*, de Santiago; Antonino Aberastain, exilado sanjuanino, amigo de Sarmiento; Victorino Lastarria, chileno, editor de *El Siglo*, com quem Sarmiento mantinha um intenso debate, conforme indicado no primeiro capítulo; entre outros. A carta sobre os Estados Unidos é bastante extensa (400 páginas) e foi endereçada a Valentín Alsina, na época editor do periódico *Comercio del Plata*, de Montevidéu. O destinatário da correspondência sobre o Rio de Janeiro foi Miguel Piñero, sobre quem tratarei no terceiro capítulo.

⁴⁷⁹ Como, por exemplo, o conflito entre civilização e barbárie, os apontamentos sobre natureza e raça, sobre educação e colonização, sobre orientalismo, entre outros. Essas temáticas estavam vinculadas às posturas éticas e morais do autor. Sobre esse assunto ver: CICERCHIA, Ricardo. *Sarmiento: un hombre de letras en Argélia*. In: _____. **Viajeros. Ilustrados y románticos en la imaginación nacional**. Buenos Aires: Troquel, 2005. p. 153-174.

admitir diversos temas e estilos, podendo ser adaptado à variedade temática. Por meio da carta, ele evitou a função mediadora do diário, colocando um narrador ao invés de um viajante diante de seu público leitor pré-selecionado.⁴⁸⁰

O cruzamento entre o público e o privado foi um dos aspectos mais marcantes dos escritos que resultaram dessa viagem, já que Sarmiento entregou um parecer oficial dando conta da viagem, mas também publicou sua experiência, a partir do olhar pessoal e dirigido.⁴⁸¹ Embora o percurso da viagem tenha sido realizado a partir de escalas técnicas comuns nos itinerários que percorriam esse trajeto (Chile-Uruguai-Brasil-Europa-Estados Unidos-Chile), Sarmiento as narrou de um ponto de vista pessoal, literário e político, especialmente quando esteve no Rio de Janeiro, já que nesse local teve contato com exilados argentinos. Conforme Torres,

suas páginas servem para pensar o estatuto das formas que a autobiografia assume nos escritos de letrados latino-americanos que procuram para si um espaço privado que se quer intimista [...] mas que reclama seu efeito e suas consequências em um espaço maior, não íntimo, não privado: o da nação, da pátria em construção, o espaço público, o frágil terreno do futuro nacional.⁴⁸²

Para isso, Sarmiento dialogou com vários autores, justificando a escolha do estilo narrativo adotado. No prólogo de *Viajes*, por exemplo, escreveu sobre a importância de Dumas como um escritor de narrativas de viagens, criador inimitável do gênero e sua capacidade de criar um quadro no qual revestia de “cores vivas” todos os temas discutidos em seus textos. Dumas, de acordo com o sanjuanino, também “enfeitava” sua narrativa com ficções da fantasia, com acontecimentos dramáticos ocorridos em outros tempos e guardados pela memória local. Essa introdução à obra *Viajes* foi utilizada por Sarmiento na tentativa de mostrar como o texto de Dumas era composto de tal forma que o leitor se deleitava ao ponto de “não saber se o que se lê é um romance caprichoso ou uma viagem real sobre um ponto edênico da terra.” No mesmo prólogo, enfatizou: “escrevi pois, o que escrevi” seguindo seus

⁴⁸⁰ CICERCHIA, Jorney..., *op. cit.*, p. 669.

⁴⁸¹ TORRE, Claudia. Sarmiento en viaje. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina: Sarmiento**, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 452.

⁴⁸² TORRE, *op. cit.*, p. 454-455. “Sus páginas sirven para pensar el estatuto que las formas de la autobiografía asumen en los escritos de letrados latinoamericanos que procuran para sí un espacio privado que se quiere intimista [...] pero que reclama su efecto y sus consecuencia en un espacio mayor, no íntimo, no privado: el de la nación, la patria en construcción, el espacio público, el lábil terreno del futuro nacional”.

instintos e impulsos “que vêm de dentro e que às vezes a razão mesma não é capaz de frear”.⁴⁸³

As correspondências escritas durante o período da viagem estabelecem redes de relações, interesses e intenções, tanto entre os exilados como também em relação a pessoas e grupos com as quais Sarmiento desejava proximidade ou distanciamento.

Ao retornar ao Chile, Sarmiento não voltou para a redação de *El Progreso*, pois este jornal era propriedade de Manuel Camilo Vial, que neste momento estava distante politicamente de Montt. Nesta fase, o sanjuanino escreveu, principalmente, em apoio à candidatura do amigo que concorria à presidência da República. Sarmiento se posicionou ao lado do amigo e assim se manteve até o final do exílio no Chile, defendendo a ideia de que deveriam ocorrer reformas liberais, mas dentro de um quadro de ordem social.⁴⁸⁴ Montt era o candidato da ordem, figura que melhor se identificava com o governo conservador e contava com o apoio da Igreja.

Ainda em 1849, Manuel Montt havia apresentado um projeto como deputado no Congresso, no qual um dos artigos definia a educação como um direito e o Estado como responsável pela educação primária, elemento que demonstra a afinidade existente entre os dois, já que Sarmiento também foi um ardoroso defensor da educação pública.

Entre 1849 e 1851, ocorreram diversas manifestações e posturas de hostilidade em relação ao governo chileno, além do surgimento de uma oposição mais efetiva. A imprensa conclamou os cidadãos à rebelião contra o governo, fator que gerou conflitos. A oposição questionava o centralismo e o autoritarismo presidencial de Bulnes. Em 1851, ano das eleições, ocorreu uma guerra civil e, como parte dela, uma rebelião armada ao Palácio do Governo. Sarmiento chegou ao local armado e a cavalo para auxiliar o governo. Montt venceu as eleições para a Presidência da República em 1851.

Enquanto isso, na Confederação Argentina, várias províncias questionaram o monopólio do comércio exterior de Buenos Aires, sobretudo as províncias do litoral que tinham acesso à navegação, como Entre Ríos e Corrientes. O Brasil, por sua vez, também tinha interesse em manter a livre navegação pelos rios Paraná e Uruguai. Esses fatores contribuíram para uma aliança entre o Brasil e o governo uruguaio, representado por Fructoso Rivera, inimigo de Rosas. A guerra estourou quando, em maio de 1851, Rosas, como todos os

⁴⁸³ SARMIENTO, *Viajes...* *op. cit.*, p. 3-5. “He escrito, pues, lo que he escrito”; “no saberse si lo que se lee es una novela caprichosa o un viaje real sobre un punto edénico de la tierra”; “que vienen de adentro i [sic] que a veces la razon misma no es parte a refrenar”.

⁴⁸⁴ JAKSIĆ, *Sarmiento...*, *op. cit.*, p. 117-144. Disponível em: <<http://revistahistoria.uc.cl/estudios/3227/>>. Acesso em 20/01/2014, p. 121.

anos acontecia, apresentou sua renúncia ao cargo de responsável pelas relações exteriores das províncias argentinas. Como nenhuma outra pessoa manifestava seu interesse em assumi-lo, ele recorrentemente voltava a este posto. Mas, desta vez, Justo José de Urquiza, governador de Entre Ríos, aceitou o cargo.

Urquiza era governador da província de Entre Ríos, poderoso caudilho proprietário de grandes extensões de terras que havia enriquecido na década de 1840 abastecendo Montevideu quando esta se encontrava sitiada durante a Guerra Grande. A ele se uniram diversos opositores de tendências distintas, com interesses provinciais, os exilados, diversos grupos da banda oriental, além do Brasil. Ele esteve à frente de um exército composto por argentinos, uruguaios e brasileiros.

Esses acontecimentos, que afetaram a região do Prata entre o final de 1851 e o início de 1852, fizeram com que Sarmiento saísse do Chile.

2.4. *Una apoteosis militar: a batalha de Caseros e o fim do período rosista*

Em correspondência destinada a Sarmiento, o cordobês José María Paz, que estava exilado no Rio de Janeiro, escreveu informando que o Brasil havia sido incluído no plano de derrota de Rosas com “seu exército, sua esquadra, seus tesouros, tudo colocou na balança, e, posso dizer, até o sacrifício de suas pretensões hierárquicas”.⁴⁸⁵ Comunicou ainda que o exército imperial havia penetrado a fronteira norte sob as ordens de Caxias, “o general mais acreditado do Brasil”. O otimismo e a certeza de vitória transpareciam na missiva. Alguns apontamentos sobre a política externa brasileira podem auxiliar no entendimento dessa questão.

A política externa, assim como a política interna brasileira, se caracterizou em meados do XIX como parte do processo de constituição e consolidação do Estado imperial. Neste cenário, entre 1849 e 1853, Paulino José Soares de Sousa (futuro Visconde do Uruguai) foi ministro dos Negócios Estrangeiros e se dedicou ao fortalecimento do Estado, tanto no plano interno como no externo. Ele desempenhou importante papel nas negociações referentes à região platina, embora instituições como o Parlamento, a Câmara, o Senado, o Conselho de

⁴⁸⁵ PAZ, José María. Carta para Domingo Faustino Sarmiento. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1851. In: SARMIENTO, **Campaña...**, *op. cit.*, p. 28. “Su ejército, su escuadra, sus tesoros, todo lo ha puesto en la balanza, y, puedo decir, hasta el sacrificio de sus pretensiones jerárquicas”; “el general más acreditado del Brasil”.

Estado⁴⁸⁶ e a Coroa também tenham representado instituições fundamentais na tomada de decisões relacionadas à política externa brasileira. Conforme Gabriela Nunes Ferreira, o imperador, como chefe do Poder Executivo e chefe supremo da Nação “era o grande condutor da política imperial – tanto interna como externa”.⁴⁸⁷

Na Seção dos Negócios Estrangeiros, havia posicionamentos referentes à política externa geral e à solução de problemas diplomáticos. Os conselheiros eram escolhidos pelo Imperador “dentre figuras com consolidada experiência política e administrativa”, entre membros dos partidos Conservador e Liberal, embora no campo da política externa as diferenças ideológicas não fossem tão significativas e existissem defensores do pacifismo e do intervencionismo nos dois partidos. Para alguns analistas, a política externa teria mesmo os aproximado, embora Ferreira acredite que a partir da metade do XIX houve um alinhamento maior com a tendência defendida pelo partido Conservador, que dominou o cenário entre 1848 e 1853 e propiciou certa estabilidade quanto à orientação política externa.⁴⁸⁸

As questões externas se tornaram emergentes, sobretudo quando relacionadas à região platina, já que significavam a consolidação e manutenção do Estado brasileiro. Preocupavam o governo imperial as definições e garantias de fronteira no país, a livre navegação nos rios Paraná e Paraguai, a política de Rosas no Prata, a possível intervenção nos conflitos platinos, a aproximação e o estabelecimento de acordos com os países vizinhos e a pacificação no Rio Grande do Sul.⁴⁸⁹

O partido Conservador adotou como projeto político uma orientação voltada para os interesses nacionais, “caracterizada pela atuação enérgica em favor de uma inserção mais segura e favorável do império no contexto continental”.⁴⁹⁰ De acordo com Ferreira, as garantias das independências do Uruguai e do Paraguai seriam elementos-chave dessa orientação, como forma de impedir o engrandecimento da Confederação Argentina. Como parte desta proposta, houve intervenção no Prata, com a resistência a Rosas e a Manuel Oribe no Uruguai.

⁴⁸⁶ O Conselho de Estado foi um órgão consultivo. A partir de decreto de 1842, ele foi dividido nas seções: Negócios do Império, Negócios da Justiça e dos Estrangeiros, Negócios da Fazenda, Negócios da Guerra e da Marinha. De acordo com Ferreira, o Imperador substituiu o antigo ministro Olinda devido ao seu caráter pacifista. As discussões e opiniões do Parlamento e do Conselho de Estado eram importantes referenciais para os assuntos relacionados à política externa brasileira. No Conselho de Estado e em seu interior, principalmente na Seção dos Negócios Estrangeiros, as discussões eram menos retóricas.

⁴⁸⁷ FERREIRA, Gabriela Nunes. **O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial**. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 137.

⁴⁸⁸ *Ibid.*, p. 138.

⁴⁸⁹ *Ibid.*, p. 132-133.

⁴⁹⁰ *Ibid.*, p. 139.

Paulino José Soares de Sousa foi o Ministro dos Negócios Estrangeiros que permaneceu mais tempo no cargo no período Imperial, fator que possibilitou um preparo e uma cuidadosa execução de uma política voltada para a região do Prata. De acordo com Ferreira, o Visconde do Uruguai teve um papel fundamental no governo, “imprimindo a sua marca em toda a organização política do Segundo Reinado,”⁴⁹¹ não somente como liderança nos negócios estrangeiros, mas também como membro da Trindade Saquarema, do partido Conservador e como responsável pela pasta da Justiça em 1841, período no qual buscou implementar uma organização administrativa e política mais centralizadora.

Soares de Sousa, antes de assumir a pasta dos Negócios Estrangeiros e após deixar o cargo, teve uma carreira promissora como magistrado e político do Império. De acordo com José Murilo de Carvalho, o Visconde do Uruguai, cuja inspiração vinha de Tocqueville e Guizot, tinha como premissas metodológicas, retiradas da experiência europeia, as ideias de que o problema de um governo legítimo estava sendo enfrentado por outros países também e o governo brasileiro deveria aprender com tais experiências, mas cada um deveria resolver seus problemas de acordo com suas condições, sua história, seus costumes, seu caráter nacional.⁴⁹² Em 1853, recebeu o título de Visconde do Uruguai em homenagem ao seu desempenho na política externa estabelecida com os países vizinhos no Prata.⁴⁹³

Para o planejamento e a execução de políticas na região platina, Soares de Sousa contou com o auxílio de pessoas que também foram importantes nos diálogos estabelecidos com Sarmiento, quando de sua participação na Batalha de Caseros, como Honório Hermeto Carneiro Leão, José Maria da Silva Paranhos (futuro Visconde do Rio Branco), Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), também membros do Partido Conservador.

Grande parte das negociações realizadas entre Brasil e Uruguai em meados do século XIX foram consolidadas a partir das relações entre Soares de Sousa e o Ministro Plenipotenciário da República Oriental, Andrés Lamas. Este último foi uma figura de destaque das relações que Sarmiento fez questão de estabelecer no Rio de Janeiro no início de 1852. Neste sentido, é importante situar o papel do Brasil na aliança firmada com o Uruguai e Urquiza contra Rosas e Manuel Oribe.

No decorrer da década de 1840, as relações entre Brasil e a República Argentina foram tensas devido a questões não resolvidas e incidentes, situação que se agravou no final da

⁴⁹¹ *Ibid.*, p. 141.

⁴⁹² CARVALHO, José Murilo de (Org.). Visconde do Uruguai. São Paulo: Editora 34, 2002. Citado por MÄDER, *Civilização...*, *op. cit.*, p. 72.

⁴⁹³ Para uma comparação entre as ideias de Domingo Faustino Sarmiento e Paulino José Soares de Sousa, ver: *Ibid.*, p. 71-72.

década. Em 1849, o governo paraguaio invadiu e ocupou os territórios entre o Rio Paraná e o Uruguai, considerados pelo governo argentino parte da província de Corrientes. O Império brasileiro, por sua vez, optou pela não intervenção, posição que incomodou o governo argentino, o qual manifestou seu desagrado em vários momentos, por meio de correspondências enviadas a Paulino José Soares de Sousa pelo Ministro Plenipotenciário da República Argentina no Brasil, Tomás Guido. Somado a isso, Guido também informou o apoio de Manuel Oribe à legação argentina no Brasil e à solicitação de uma posição por parte do governo imperial.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros confirmou a não intervenção, justificando que o Império reconhecia a independência paraguaia e, ao mesmo tempo, não reconhecia o general Manuel Oribe como presidente da República do Uruguai. A tensão nas relações do Brasil com a Confederação Argentina, sob a liderança de Juan Manuel de Rosas e com Manuel Oribe à frente da nação Oriental, culminou no rompimento das relações diplomáticas e no “fim da política de neutralidade seguida havia anos pelo Brasil”.⁴⁹⁴.

Neste contexto, o governo brasileiro mudou os rumos da política externa na região platina. Em um discurso pronunciado em 1851 no Senado, o futuro Visconde do Uruguai se mostrou favorável à defesa da região platina, demonstrando interesse na manutenção da independência do Uruguai e do Paraguai, uma vez que o contrário poderia significar a anexação destes territórios pela Confederação Argentina, bem como colocar em risco províncias brasileiras, como o Rio Grande do Sul e Mato Grosso. O Império colocou em prática a nova política externa, manifestando apoio a Montevideu na resistência ao sítio de Manuel Oribe – com o objetivo de impedir o avanço de Rosas sobre o Uruguai – e fortalecendo as tropas do exército no sul do Brasil, prevendo uma possível guerra e realizando alianças.

O Império brasileiro buscou aliados entre governos e grupos que mantinham relações de tensão com Rosas e Oribe, como o Paraguai, cuja independência não havia sido reconhecida por Rosas. Também buscou aproximação com Justo José de Urquiza, que se tornou comandante-chefe do Exército de Operações contra Rosas.

Urquiza se ressentia do monopólio portuário portenho e por não ter liberdade de navegação nos rios da Confederação, o que impedia a província na qual vivia de comercializar diretamente com outros países. O Império brasileiro realizou um acordo tentando garantir o apoio de Urquiza para a elevação do General Eugenio Garzón, do partido colorado, à

⁴⁹⁴ FERREIRA, *op. cit.*, p. 157.

presidência do Uruguai, pois desta forma não estaria intervindo diretamente na República Argentina, uma vez que o problema residia somente em Rosas, devido ao apoio que este conferia a Manuel Oribe.

Como parte das alianças que o Império buscou estabelecer entre o final da década de 1840 e o início de 1850, no contexto de tensão na região platina, estão os políticos e intelectuais argentinos exilados, tanto os unitários da primeira geração, como também da chamada *Geração de 37*. De acordo com Ferreira, no Império brasileiro se conheciam os desafetos de Rosas e o Ministro dos Negócios Estrangeiros buscou explorar essa dissidência em benefício próprio.⁴⁹⁵

Como comentei no primeiro capítulo, no início de 1852 ocorreram as últimas ofensivas levadas a cabo pelo *Ejército Grande Aliado Libertador* contra Rosas e Oribe. Sarmiento chegou à região do Prata no início de 1852 para se integrar ao grupo como *boletínero*. Sua experiência neste contexto foi registrada em *Campaña en el Ejército Grande Aliado de Sud-América*, obra também descrita no primeiro capítulo.

Em *Campaña*, Sarmiento narrou sua chegada a Montevideu como um momento de grande tensão para aqueles que o acompanhavam na embarcação, pois não sabiam ao certo como estava a situação, se Oribe ou Urquiza haviam prevalecido neste local. Para narrar esse momento, utilizou o recurso do diálogo, comum em seus escritos:

Mas a verdade era que tínhamos um cuidado do diabo! Já estávamos desembarcados, e saberíamos da verdade provavelmente no cais ou na cadeia. Então fomos interrogar os barqueiros:

- Oi! Eh! Quem manda nesta praça?
- O governo.
- Oribe?
- Está em sua casa.
- E Urquiza?
- Embarcou ontem para Entre Ríos.
- E o sítio continua?
- Já acabou; todos se entregaram; há paz...⁴⁹⁶

⁴⁹⁵ De acordo com a autora, existem diferentes abordagens historiográficas. Algumas enfatizam a iniciativa do Brasil em termos de garantir a coalização antirrosista, enquanto outros apontam para a liderança de Urquiza nesta contenda. *Ibid.*, p. 166.

⁴⁹⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Montevideo. In: _____, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 72. “¡Pero la verdad era que teníamos un cuidado del diablo! Ya estábamos anclados, y la verdad la íbamos a saber probablemente en el muelle o en la cárcel. Entonces fuímos a interrogar a los boteros:

- ¡Hola! ¡eh! ¿quién manda en la plaza?
- El gobierno.
- ¿Oribe?
- Está en su casa.
- ¿Y Urquiza?

Nesta mesma ocasião, também informou sobre as boas vindas oferecidas pelos amigos, “antigos veteranos da luta contra Rosas”, sobre a presença da expedição francesa, de mulheres que foram prestigiar os recém-chegados, sobre as visitas de generais e ministros, como do Plenipotenciário brasileiro Carneiro Leão. Sarmiento manifestou certa desconfiança por não receber a visita de Urquiza, mas justificou enfatizando ser uma circunstância do momento ocasionada pela posição ocupada por ele. Por outro lado, informou que o filho de Urquiza, “grande propagador dos meus escritos em Buenos Aires”, fazia as vezes do pai “sublevando” o espírito do sanjuanino.⁴⁹⁷

Três dias após sua chegada a Montevideu, Sarmiento explicou como a situação se encontrava. Informou que o Rio da Prata e o Paraná estavam repletos de embarcações, com linhas estabelecidas do Paraná a Montevideu, de Montevideu a Buenos Aires. A vida “pululava” por todas as partes, a juventude saindo de Buenos Aires e indo para Montevideu. O espírito público “existe poderoso, inteligente e capaz de tudo; não dorme, mas espera com prudência, evitando toda manifestação que comprometa o êxito final”.⁴⁹⁸

Embora tenha afirmado ser impossível entrar em todos os detalhes, forneceu diversas orientações para o leitor, referentes ao contexto que presenciava. Sobre Montevideu escreveu que

as emoções daqueles dias sobrepunham-se a toda descrição. A cidade de Montevideu estava em transe de morte enquanto se desençava aquele estranho drama; a população, a despeito das ordens, saiu em massa, se aproximando daqueles exércitos silenciosos, enquanto se realizava um desenlace que ninguém podia prever, e quando se anunciou o resultado obtido, todos se beliscavam para se assegurar de que estavam acordados e não era aquilo um sonho ou um engano.⁴⁹⁹

Narrou a capitulação de Manuel Oribe e descreveu que Rosas ficou “aturdido” durante vários dias em Buenos Aires, dando ordens “incoerentes” às tropas, despachando cartas, se

- Se embarcó ayer para Entre Ríos.
- ¿Y el sitio sigue?
- Se acabó ya; todos se entregaron; hay paz...”

⁴⁹⁷ *Ibid.*, p. 72-73. “Antiguos veteranos todos de la lucha contra Rosas”; “grande propagador de mis escritos en Buenos Aires”.

⁴⁹⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta sem identificação do destinatário. Montevideu, 05 de novembro de 1851. In: *Ibid.*, p. 64. “Existe poderoso, inteligente e capaz de todo; no duerme sino que espera con prudencia, evitando toda manifestación que comprometa el exito final”.

⁴⁹⁹ *Idem.* “Las emociones de aquellos días sobrepasan a toda descripción. La ciudad de Montevideo ha estado en trances de muerte mientras se desenlazaba aquel extraño drama; la población, a despecho de las órdenes, salió en masa, acercándose a aquellos ejércitos silenciosos, mientras se estipulaba un desenlace que nadie podía prever, y cuando se anunció el resultado obtenido, todos se paopaban para asegurarse de que estaban despiertos y no era aquello un sueño o un engaño.”.

referindo a existência de milhares de soldados, da defesa heroica “e de se sepultar sob as ruínas de Buenos Aires”.⁵⁰⁰ Explicou que esta cidade estava agitada e teve início um grande movimento emigratório no qual “centenas” de passageiros e famílias partiam em busca de segurança, enchendo ainda mais as ruas de Montevideu. Os soldados de Rosas riam, mas tinham que acreditar na ideia segundo a qual seu líder poderia “opor resistência a uma invasão tão formidável”.⁵⁰¹

Em sua narrativa, Sarmiento ridicularizou Rosas, transformou suas atitudes em ações descontroladas, questionou seu poder, bem como o número de soldados que o inimigo possuía. Parecia estar certo da vitória, embora reconhecesse: “É possível que ainda existam algumas dificuldades para vencer”.⁵⁰² Em tom encorajador e positivo afirmou: “o porvir é nosso”, pois “a revolução de transformação está terminada e a guerra civil esgotada em suas fontes, como a tirania foi conhecida, experimentada e castigada.”⁵⁰³

Embora recém-chegado a Montevideu, deu a guerra por conclusa, antes mesmo de seu encontro com Urquiza.

O drama terrível que nosso país representou nestes anos terminou, pois, com uma catástrofe surpreendente, digno desenlace, sem dúvida, daquele poema sangrento. Uma só gota de sangue não foi derramada para tirar das mãos a espada do extermínio com que temos sido dizimados durante vinte anos, e o poder mais formidável dos tempos modernos desaparece na presença das resistências mais formidáveis ainda que conseguimos opor-lhe.⁵⁰⁴

⁵⁰⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta sem identificação do destinatário. Montevideu, 05 de novembro de 1851. Campaña en el Ejército Grande. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XIV. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 64. “El rechazo fue de otro género”; “y de sepultarse bajo las ruinas de Buenos Aires”.

⁵⁰¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta sem identificação do destinatário. Montevideu, 05 de novembro de 1851. Campaña en el Ejército Grande. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XIV. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 64. “Oponer resistencia a una invasión tan formidable”.

⁵⁰² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta sem identificação do destinatário. Montevideu, 05 de novembro de 1851. Campaña en el Ejército Grande. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XIV. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 64. “Es probable que aún queden algunas dificultades para vencer.”

⁵⁰³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta sem identificação do destinatário. Montevideu, 05 de novembro de 1851. Campaña en el Ejército Grande. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XIV. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 64. “El porvenir es nuestro”; “la revolución de transformación está terminada y la guerra civil agotada en sus fuentes, como la tiranía ha sido conocida, experimentada y castigada.”

⁵⁰⁴ *Ibid.*, p. 65. “El drama terrible que nuestro país ha representado en estos años ha terminado, pues, con una catástrofe sorprendente, digno desenlace, sin duda, de aquel poema sangriento. Una sola gota de sangre no se ha derramado para quitar de las manos la cuchilla del extermínio con que hemos sido diezados durante veinte años, y el poder más formidable de los tiempos modernos desaparece en presencia de las resistencias más formidables aún que hemos sabido oponerle.”

Sobre Urquiza, Sarmiento opinou ter este “uma inteligência pouco comum” e a inspiração capaz de fazer com que ele abandonasse, quando necessário, as vias conhecidas para vencer uma “causa moral de debilidade”. Possuidor ainda, na visão do autor, de uma “audácia que só justifica o êxito”, sentimento este oriundo de “uma fé profunda” e de “uma espécie de iluminismo”.⁵⁰⁵

Informou também que no dia seguinte partiria em uma embarcação para se encontrar com Urquiza e lhe informar sobre os acontecimentos do interior do país. Na missiva, prevaleceu um tom de confiança quanto ao encontro com o general: “todos pressentem que serei recebido favoravelmente, recordando algumas palavras com as quais [o general] me favoreceu.”⁵⁰⁶

Sobre o Brasil, reclamou que o General Urquiza, depois de aguardar cerca de dois meses pelo exército brasileiro – não obstante um tratado de abertura de campanha –, decidiu atacar Oribe. Adiante, informou que Urquiza contava com 30 mil homens ao todo, do qual faziam parte 12 mil brasileiros. Informou ainda que o Brasil e Montevidéu haviam colocado à disposição do general “exército, esquadra, transportes, navios e tudo quanto é necessário”.⁵⁰⁷

De acordo com sua narrativa, seu encontro com Urquiza consistiu em “quatro longas entrevistas”, que terminaram com a sua incorporação ao *Ejército Grande* e a designação dos serviços que deveria prestar. Este encontro representou para Sarmiento um momento de esperança, no qual ele demonstrou a confiança na liderança de Urquiza. Conforme suas palavras: “Estas entrevistas, como é fácil deduzir, encerram detalhes preciosíssimos que serão para mim uma recordação duradoura, para a realização de esperanças tantas vezes burladas, e um prospecto inteiro da política que há de dirigir os destinos da nossa pátria”.⁵⁰⁸

Sarmiento depositou expectativas em relação ao fim do rosismo. Os acontecimentos de Caseros, bem como os que se seguiram, foram importantes não somente porque alimentaram sua visão de mundo, mas também porque foi munido destes sentimentos que ele esteve pela segunda vez no Brasil e não é possível compreender sua análise sobre o Império sem observar o peso que os acontecimentos anteriores tiveram em sua forma de ver o mundo naquele momento.

⁵⁰⁵ *Idem*. “Una causa moral de debilidad”; “audacia que sólo justifica el éxito”; “de una fe profunda”; “de una especie de iluminismo”.

⁵⁰⁶ *Ibid.*, p. 66.

⁵⁰⁷ *Idem*. “Ejército, escuadra, transportes, vapores y cuanto es necesario.”

⁵⁰⁸ *Idem*. “Estas entrevistas, como es fácil inferirlo, encierran detalles preciosísimos que serán para mí de duradero recuerdo, para la realización de esperanzas tantas veces burladas, y un prospecto entero de la política que ha de dirigir los destinos de nuestra patria.”

Após o encontro com o General Urquiza, Sarmiento foi incorporado ao exército como Tenente Coronel e Oficial do Estado Maior, exercendo a função de *boletínero*. Embarcou no vapor *Afonso*, com a esquadra brasileira comandada por Grenfell, juntamente com Wenceslao Paunero e Bartolomé Mitre, em direção a Diamante, onde as forças de Urquiza e do Brasil se encontrariam e onde teve início sua participação na guerra contra Rosas.

Após vários embates, houve a Batalha de Monte Caseros, um dos últimos e mais importantes conflitos da guerra. Sarmiento narrou essa batalha no Boletim Número 26, escrito com a colaboração de Bartolomé Mitre. Este número do boletim não foi inserido pelo autor na primeira edição de *Campaña*. Foi agregado posteriormente ao livro nas *Obras Completas*.

No Boletim 26 encontra-se o que Sarmiento denominou “novela” da batalha de Caseros, “exemplo extremo da composição de uma apoteose militar pensada para ‘o público’ e escrita para contentar a Urquiza”.⁵⁰⁹ Neste texto, o autor buscou “dar conta da batalha mais memorável que registram os anais sul-americanos”, para o que era necessário “recordar alguns antecedentes gerais”.⁵¹⁰ A epopeia foi descrita a partir dos elementos relacionados às táticas e planejamento de ataque, elaborados por Urquiza. Sarmiento descreveu que o *Ejército Grande* venceu vários obstáculos antes de dar por conclusa a guerra. O golpe final, que veio com a Batalha de Monte Caseros, foi introduzido a partir da transposição destas dificuldades, que consistiam no transporte de armamentos, bagagens e das próprias colunas da infantaria, passando pelas dificuldades naturais apresentadas pelo pampa, motivo que teria levado Urquiza a optar pelo ataque via Buenos Aires.

Em seguida foi preciso interromper as comunicações, para que Rosas não pudesse se preparar. Na sequência, o autor descreveu momentos do avanço das tropas aliadas em direção a Buenos Aires até a chegada a Monte Caseros e o enfrentamento do *Ejército Grande* contra o exército da Confederação, liderado por Rosas. “Como uma fatalidade significativa, o Tirano e o Libertador se encontraram um momento ao fim da batalha um em frente ao outro, rodeado cada um de seus ajudantes. Desde aquele momento só pensou em salvar sua pessoa ao primeiro dos perigos que a cercavam”.⁵¹¹ Recorrendo a uma concepção fatalista da história, Sarmiento narrou o encontro entre Rosas e Urquiza, aqui caracterizado como Libertador,

⁵⁰⁹ AMANTE, Sarmiento..., *op. cit.*, p. 184. “Ejemplo extremo de la composición de una apoteosis militar pensada ‘para el publico’ y escrita para contentar a Urquiza”.

⁵¹⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Boletín Número 26. In: _____. *Campaña...*, *op. cit.*, p. 176. “Dar cuenta de la batalla más memorable que registran los fastos sudamericanos”; “recordar algunos antecedentes generales”.

⁵¹¹ *Ibid.*, p. 179. “Como una fatalidad significativa el tirano y el Libertador se encontraron un momento al fin de la batalla el uno al frente del otro, rodeado cada uno de sus edecanes. Desde aquel momento sólo pensó salvar su persona el primero de los peligros que la cercaban.”

título que faz referência ao *libertador* venezuelano Simon Bolívar, figura rememorada e heroicizada pelo autor em outros textos.

Em fevereiro de 1852, Rosas foi derrotado na Batalha de Monte Caseros. Em seguida, se refugiou na casa de um cônsul inglês antes de seguir em exílio para a Inglaterra. A queda de Rosas foi evidenciada na narrativa de Sarmiento nos seguintes termos: “A queda do tirano mais temido dos tempos modernos ocorreu em uma só campanha, sobre o centro de seu poder, em uma só batalha campal, que abria as portas da cidade, sede de sua tirania, e fechava toda possibilidade de prolongar a resistência”.⁵¹² A descrição da batalha finalizou com a proscrição de Rosas, “asilado hoje em um navio estrangeiro, para contemplar a ressurreição do povo que o maldice, irá rapidamente mendigar em climas distantes um esconderijo onde se afastará da execração de todos os povos cristãos”.⁵¹³ Sobre Urquiza, afirmou ser este um “verdadeiro gênio militar”, de uma “serenidade e valor dignos de um grande capitão” capaz de conduzir o exército por meio de “palavras enérgicas” e cheias de “confiança no êxito”.⁵¹⁴

Enfatizou ainda a permanência das “bandeiras de duas nações vizinhas”, da República Oriental e do Brasil. Sobre este último país, afirmou: “O senhor brigadeiro Marquez, chefe do centro e das forças brasileiras, deu um dia de glória a sua pátria, incorporando um novo triunfo a sua frente e adquirindo o respeito e a gratidão de seus aliados”.⁵¹⁵

Embora o Boletim Número 26 passe a ideia, para nós, de que Urquiza foi bastante elogiado, ele não ficou satisfeito na ocasião, pois considerou o texto pouco enaltecendo. Mas, ao passo que o Boletim 26 era elogioso (segundo a opinião de Sarmiento), *Campaña* desferiu um golpe em Urquiza. Nesta obra, Sarmiento questionou sua legitimidade e o representou como a reencarnação de Rosas. Teceu diversas acusações, enfatizou que o líder do *Ejército Grande* agiu como um assassino, matando um prisioneiro de guerra após negociar com ele. Tais acusações se generalizaram, proporcionando diversas posições de reprovação a Urquiza. Em *Campaña*, a guerra continuou mesmo após a queda de Rosas, pois Urquiza representava a continuidade.

⁵¹² *Ibid.*, p. 176. “La caída del tirano más temido de los tiempos modernos se ha logrado en una sola campaña, sobre el centro de su poder, en una sola batalla campal, que abría las puertas de la ciudad, sede de su tiranía, y cerraba toda posibilidad de prolongar la resistencia”.

⁵¹³ *Idem.* “Aislado hoy en un buque extranjero, para contemplar la resurrección del pueblo que lo maldice, irá bien pronto a mendigar en climas lejanos un escondite donde sustraerse a la execración de todos los pueblos cristianos.”

⁵¹⁴ *Ibid.*, p. 179. “Verdadero genio militar”; “serenidad y valor dignos de un gran capitán”; “palabras enérgicas”; “confianza en el éxito”.

⁵¹⁵ *Idem.* “Banderas de dos naciones vecinas”; “El señor brigadier Márquez, jefe del centro y de las fuerzas brasileras, ha dado un día de gloria a sua patria, añadiendo un nuevo laurel a su frente y granjeándose el respeto y gratitud de sus aliados.”

Nesta obra, Sarmiento informou que já nos primeiros dias lhe chamou atenção a preocupação de Urquiza com o uso da cinta colorada pelos argentinos que estavam em Montevideu. Ao sanjuanino pareceu absurdo “fazer com que os vencedores de uma luta de dez anos usem o símbolo da dependência de Rosas”, contra o qual havia combatido.⁵¹⁶ Sarmiento se preocupou ainda com fato de Urquiza tratar com “frequência e intimidade” alguns unitários com boa colocação no exército, como Adolfo Alsina e Vicente Fidel López, ao passo que injuriava, entre os seus, a obstinação dos unitários.

Ainda de acordo com a narrativa de Sarmiento, Urquiza teria explicado que sua intenção era conciliar as massas e provar a Rosas que era federal. O uso do cinto, portanto, não guardava um significado especial e quando chegassem em Buenos Aires poderiam “pisoteá-lo”. Tal explicação pareceu absurda a Sarmiento, que não entendia a necessidade do general se justificar a Rosas. Explicou ainda: “Quem leu em *Civilización y barbarie* o que eu escrevi sobre a cinta colorada, poderá formar uma ideia da admiração, da preocupação que me deixou essa persistência em seguir as práticas de Rosas.”⁵¹⁷ A partir deste momento, a opinião de Sarmiento sobre Urquiza se alterou radicalmente. Da imagem de uma pessoa com fé profunda e uma espécie de iluminismo, o entrerriano se transformou, na narrativa sarmientina, no caudilho representante da *bárbarie*.

Após esses eventos, Sarmiento afirmou que optou por não ir ao encontro de Urquiza em Entre Ríos, mas foi persuadido por seus amigos Alsina e López, que o aconselharam argumentando que todos estavam realizando esforços, brasileiros, orientais, argentinos e sua desistência causaria desânimo entre os seus compatriotas. De acordo com Sarmiento “eu cedi ao desejo de todos meus amigos, apresentando como uma necessidade pública, e decidi viajar para Entre Ríos”.⁵¹⁸

Para muitos argentinos exilados, a queda de Rosas representou um momento de re(fundação) da nova ordem política, comparável à independência.⁵¹⁹ Representou ainda a possibilidade de retorno à pátria, mas não para Sarmiento, que decidiu pela continuidade do exílio no Chile. Para Mitre, Sarmiento lamentou e fez um novo prognóstico. “Até o ano 52 me

⁵¹⁶ SARMIENTO, **Montevideo**..., *op. cit.*, p. 74. “Hacer llevar a los vencedores en la lucha de diez años el signo de dependencia de Rosas”.

⁵¹⁷ *Idem*. “Quien haya leído en *Civilización y barbarie* lo que sobre la cinta dolorada he escrito, podrá formarse idea de la extrañeza, de la preocupación en que me echaba esta persistencia en seguir las prácticas de Rosas”. Grifo no original.

⁵¹⁸ *Ibid.*, p. 75. “Yo accedí al deseo de todos mis amigos, presentado como una necesidad pública, y resolví mi viaje a Entre Ríos”.

⁵¹⁹ RICUPERO, *op. cit.*, p. 240.

havia dito. Em boa hora, será até o 56.”⁵²⁰ Em *Mozart, sociologia de um genio*, Elias enfatizou a importância de se conhecer o quadro social no qual um indivíduo vive, para entender qual foi a margem de opções que ele teve mediante as pressões sociais vivenciadas.⁵²¹ Neste sentido, Sarmiento, em meio a possibilidade de se unir a Urquiza e garantir uma boa colocação no novo governo que se formava, optou por retornar ao exílio e ser fiel aos seus princípios republicanos. Quanto ao Brasil, a vitória dos aliados em 1852 foi um passo importante para a restauração de sua capacidade interventora no Rio da Prata.⁵²²

Para alguns autores, a queda de Rosas e o governo de Urquiza representam o primeiro momento de controle nacional sobre as províncias e, portanto, o momento de início de um projeto efetivo de nação.⁵²³ O fim do período rosista ensejou diversos debates e polêmicas acerca dos modelos que deveriam ou poderiam ser adotados pela Confederação Argentina. Entre os principais elementos que fizeram parte das discussões na década de 1850 (alguns deles presentes até 1880), destacaram-se os limites e alcances da intervenção federal, a federalização de Buenos Aires e a questão alfandegária.

Após a queda de Rosas, as províncias confederadas foram convocadas a participar de uma reunião para discutir a constituição que adotariam a partir de então, resultando no acordo de San Nicolás (pois o encontro ocorreu nesta cidade). De acordo com Chiaramonte, o resultado foi uma solução mais próxima do Estado federal do que da confederação.⁵²⁴ Ocorreu um redirecionamento da orientação política à medida que as províncias confederadas aceitaram a criação de um Estado soberano. Essa mudança foi influenciada, entre outros motivos, pela posição dos exilados da *Geração de 37*, sobretudo Alberdi, que teria se distanciado dos unitários aceitando o federalismo com tendência a uma maior unidade nacional. Segundo Chiaramonte, “especialmente Alberdi se havia encarregado de difundir

⁵²⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Sem indicação de data e local. In: MITRE, *op. cit.*, p. 9. “Hasta el año 52 me había dicho. En hora buena, será hasta el 56.”

⁵²¹ Ver ELIAS, *op. cit.*, p. 19.

⁵²² Em termos diplomáticos, o Império brasileiro e a República do Uruguai assinaram o Tratado de 1851, para assegurar e regulamentar acordos e elementos de disputa, ficando predeterminada sua ratificação, que ocorreu em 1852, embora as discussões em torno dos acordos tenham se mantido durante a década de 1850. Ver: LADEIRA, Saionara Gomes. Andrés Lamas e Maria José da Silva Paranhos: fontes documentais para o estudo das ratificações dos Tratados de 1851. In: **Anais Eletrônicos do II Encontro Estadual de História**, Anpuh-RS. Porto Alegre-RS, 2008. Disponível em: <http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212351738_ARQUIVO_ANPUHRIOGRANDEDOSUI-ENVIO.pdf>. Acesso em: 03/07/2013.

⁵²³ Ver: BOTANA, Natalio. El federalismo liberal en Argentina: 1852-1930. In: CARMAGNANI, Marcello (Coord.). **Federalismos latinoamericanos**: México/Brasil/Argentina. México: Fondo de Cultura Económica/El Colegio de México, 1993. p. 234; MYERS, **A revolução...**, *op. cit.*, p. 69-92 e SHUMWAY, *op. cit.*

⁵²⁴ CHIARAMONTE, **El federalismo...**, *op. cit.*, p. 125.

essa política de conciliar as tradições federais e unitárias, que na realidade não eram mais que uma fórmula tendente a superar a união confederal”.⁵²⁵

Em 1852, o *Pacto Federal* de 1831 foi ratificado como lei fundamental da República e, na Constituição de 1853, foi invocado como pacto preexistente. No Congresso Constituinte, as províncias redigiram a Constituição e proclamaram o país uma República Federal. Entre os anos 1853 e 1860, prevaleceu na então República Argentina uma Constituição nacional que adotou a forma representativa republicana federal, com inspiração na Constituição Federal da Filadélfia.

A Constituição da República Argentina, promulgada em 1853, foi inspirada na obra *Bases e Puntos de Partida para la Organización Política de la Confederación Argentina*, publicada por Alberdi em 1852, logo após Caseros. A Constituição apresentava elementos do documento anterior, da constituição estadunidense e um modelo de república federativa, com a garantia de autonomia aos governos provinciais. Também atribuía poderes ao governo federal, permitindo que este interviesse quando ocorressem conflitos que confrontassem os interesses republicanos, contrabalançando assim a autonomia das províncias. O presidente seria escolhido por um colégio eleitoral para governar durante seis anos e receberia amplos poderes executivos. Alberdi aconselhou o equilíbrio entre o poder central e os provinciais e fez sugestões relativas à imigração e à educação.

Urquiza recebeu o título de Diretor Provisório da Confederação Argentina com poderes nacionais até o momento em que foi eleito como presidente. Ele decretou a nacionalização dos direitos alfandegários e a livre navegação dos rios Paraná e Uruguai. A sede da República ficou instalada, entre 1854 e 1860, em Entre Ríos, província na qual vivia Urquiza. O porto da República Argentina passou a funcionar nesta província, ocasionando um conflito comercial entre essa província e Buenos Aires.

Apesar da abertura dos rios para a livre navegação e de acordos comerciais firmados com a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, os navios comerciais continuavam descarregando seus produtos no porto de Buenos Aires, pois o porto de Rosário ainda não tinha estrutura adequada que justificasse cinco dias a mais de viagem, mesmo contando com tarifas especiais.

O Congresso Constituinte sancionou a Constituição sem a participação de Buenos Aires, que rechaçou o acordo de San Nicolás e foi sitiada. Buenos Aires manteve sua

⁵²⁵ *Ibid.*, p. 126-127. “Especialmente Alberdi se había encargado de difundir esa política de conciliar las tradiciones federales y unitarias, que en realidad no era más que una fórmula tendiente a superar la unión confederal.”

autonomia e também adotou uma constituição em 1854. Sarmiento e Mitre se colocaram ao lado dos portenhos, enquanto Alberdi se posicionou a favor de Urquiza e assumiu missões diplomáticas para este governo como *Encarregado de Negócios no Chile*. Do mesmo lado se colocaram Vicente Fidel López e Juan Maria Gutiérrez.

Esse também foi o momento, de acordo com a historiografia argentina, no qual se evidenciaram as duas principais concepções de nação do romantismo argentino. Enquanto Sarmiento retornou ao exílio, em *Bases e Puntos de Partida para la Organización Política de la Confederación Argentina*, Alberdi analisou a fundamentação de uma Constituição para o seu país com a preocupação de evidenciar o meio mais propício para completar o direito americano e buscou o equilíbrio entre as províncias argentinas e Buenos Aires, com um Estado federal, uma autoridade presidencial e um Poder Executivo com condições para exercer a coação do monopólio físico e dos recursos fiscais (com controle federal dos recursos da aduana de Buenos Aires), centralizado, que propiciasse a autonomia das demais províncias e contrário ao poder que a província de Buenos Aires imprimia às demais. Para garantir a mudança, defendia a entrada de imigrantes europeus.⁵²⁶

De acordo com alguns autores, em *Fragmento Preliminar*, Alberdi tentou aceitar os costumes acreditando que as instituições se adaptariam a eles. Em *Bases*, ele evidenciou a necessidade de uma ação voluntarista, na qual as instituições deveriam modificar os costumes.⁵²⁷ O tucumano tomou como ponto de comparação as constituições europeias, a estadunidense e as sul-americanas para indicar o caminho que a República Argentina deveria seguir. Para Alberdi, se na fase posterior à independência a preocupação girava em torno da garantia da liberdade e da democracia, seria o momento agora de estimular a riqueza, o progresso material, o comércio e a indústria, por meio do incentivo à imigração, sobretudo de anglo-saxões e do advento do capital estrangeiro.

Quando *Bases* foi publicada, Sarmiento considerou a obra “preciosa”, de acordo com uma carta remetida a Mitre. Comentou ainda que este livro tinha “o mérito histórico de ser a única manifestação espontânea do pensamento de nossos inteligentes estadistas”.⁵²⁸ Elogiou o fato de Alberdi criticar o antigo sistema colonial, responsável pelo atraso sul-americano, e

⁵²⁶ Segundo Botana, para Alberdi o federalismo consistia em uma imposição histórica que deveria dar forma a um ideal republicano, no qual o lugar do imigrante seria a sociedade civil. Todos os habitantes do país deveriam ter liberdades econômicas, mas as liberdades políticas deveriam se restringir a uma elite ilustrada. BOTANA, **El federalismo...**, *op. cit.*, p. 227-228.

⁵²⁷ RICUPERO, *op. cit.*, p. 240.

⁵²⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Yungai, 09 de julho de 1852. In: MITRE, Bartolomé; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Sarmiento-Mitre: Correspondencia 1846-1868**. Buenos Aires: Coni Hermanos, 1911. p. 21. “El mérito histórico de ser la única manifestación espontánea del pensamiento de nuestros inteligentes estadistas”.

ênfatiçou que, do Chile, os argentinos tinham maiores condições de refletir sobre as concepções e aplicações políticas em seu país. Isso porque, acreditava Sarmiento, estavam distantes dos conflitos e também por terem a oportunidade de observar a partir de um país constitucional e regular no exercício dos seus poderes, embora ainda mal constituído no que se referia às bases de associação.

Para Sarmiento, o desenvolvimento pelo qual passavam o Chile e a Califórnia foram possíveis devido ao grande número de imigrantes estabelecidos nestes locais, o que para ele também deveria ocorrer em seu país natal, visando a um maior crescimento. Concluiu a reflexão retomando o elogio a Alberdi: “Sustente as ideias de Alberdi, pois são as de todo americano que tenha olhos; que são as que triunfarão em detrimento das necessidades contrárias que existam, e as únicas que nos hão de fazer nação rica”.⁵²⁹

Entretanto, alguns meses depois, escreveu a Alberdi uma correspondência que foi incorporada a *Campaña*, como dedicatória a este autor. Na missiva, criticou-o e tentou dissuadi-lo da posição favorável a Urquiza nos seguintes termos: “Meu ânimo, pois, não é persuadi-lo, nem combatê-lo; você desempenha uma missão, e não hão de ser argumentos que o façam desistir dela”.⁵³⁰ Fazendo uso do vocabulário ácido de sempre, complementou: “Não é você o primeiro escritor invencível nestas alturas.”⁵³¹

A este ataque de *Campaña*, Alberdi respondeu por meio das chamadas *Cartas quillotanas*, por sua vez refutadas por Sarmiento por intermédio de *Las ciento y una*. Em *Cartas*, Alberdi construiu a ideia de que a República, depois de Rosas, era um espaço no qual se desenvolviam a ordem e a liberdade e ele, como jurisconsulto, seria o colaborador adequado para auxiliar institucionalmente a República Argentina. Sarmiento, por sua vez, representaria, na visão de Alberdi, um opositor filiado ao momento anterior, um caudilho da desordem ou *territorista de la prensa*, vinculado ainda aos valores do período rosista, incapaz de compreender o novo ordenamento. O sanjuanino também foi considerado inadequado por Alberdi para auxiliar na nova configuração social, pois não teria a formação nem a capacidade de observar as diferenças entre esse momento e o anterior.

En *Las ciento e una*, Sarmiento respondeu ao ataque afirmando que a conjuntura daquele momento nada mais era do que a continuação da *barbarie* rosista transfigurada na imagem de Urquiza. Sarmiento se colocou como a pessoa mais adequada para lutar contra

⁵²⁹ *Idem*. “Sostenga las ideas de Alberdi, que son las de todo americano que tenga ojos; que son las que triunfarán en despecho de cuanta necedad en contrario hagan, y las únicas que nos han de hacer nación rica”.

⁵³⁰ SARMIENTO, *Campaña*..., *op. cit.*, p. 60. “Mi ánimo, pues, no es persuadirlo, ni combatirlo; usted desempeña una misión, y no han de ser argumentos los que le hagan desistir de ella.”

⁵³¹ *Idem*. “No es usted el primer escritor invencible en esas alturas.”

esse contexto, pois Alberdi, conforme afirmou, era um escritor submetido à disciplina do governo distante dos conflitos que afligiam Buenos Aires.

O debate se caracterizou por uma série de textos e suas réplicas, nas quais se confundiam, misturavam, mesclavam e alternavam as figuras dos polemistas e os posicionamentos e ideias políticas que defendiam. Nas ofensas que trocaram, prevaleceu o estilo polêmico e irônico, com comparações de personagens e com a degradação do inimigo. Sarmiento mencionou assuntos públicos e privados da vida de Alberdi, sempre de forma ácida e irônica. Para Alberdi, *Campaña* não representava um testemunho histórico, mas um livro de acusação, uma arma de guerra. Alberdi também enfatizou que Sarmiento não conseguiria mudar a realidade por meio de sua escrita, já que a escrita, no exército, não seria uma arma. Criticou *Facundo*, afirmando que este, de forma intempestiva, colocou frente a frente as duas civilizações, o que não seria bom para a ordem e a paz na América do Sul.

Alberdi prometeu estudar os escritos de Sarmiento para poder se posicionar e Sarmiento respondeu a ele de sua forma habitual, questionando-o sobre o fato de querer destruir sua reputação. A argumentação de Alberdi para a defesa de Urquiza se transformou em motivo de chacota e de autodefesa para Sarmiento, que o acusou de usar sua posição de advogado para se colocar como superior, enquanto o sanjuanino não possuía títulos.

Nestes termos, Sarmiento e Alberdi trocaram diversas correspondências no Chile, seguindo a urgência do contexto posterior à guerra e a necessidade de organização política e social da República Argentina. De acordo com Gonzáles, o duelo epistolar entre ambos representou uma peça fundamental de um implícito debate constitucional no qual se evidenciaram ainda mais as relações entre a guerra e a imprensa, entre os escritores e os chefes militares.⁵³²

A polêmica Alberdi-Sarmiento foi analisada por vários pesquisadores que concluíram que essa desavença, para além do caráter pessoal, deve ser compreendida como um debate intelectual mais abrangente, referente aos rumos da nação argentina e ao alcance de tais querelas em termos institucionais, pois o que estava em jogo eram os encaminhamentos intelectuais que dariam os parâmetros institucionais na conformação da nação.⁵³³

⁵³² GONZÁLEZ, Horácio. El duelo epistolar: Sarmiento contra Alberdi. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 215.

⁵³³ Diversos autores se dedicaram à tarefa de compreender e analisar esta polêmica. Ver: CARRAL, Andrea Cobas. Sarmiento/Alberdi: apuntes para una polémica posible (o de cómo construir los esquivos destinos de la patria). In: **V Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria**. Universidade Nacional de La Plata-AR. 13 al 16 de agosto de 2003. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.8/ev.8.pdf>. Acesso em: julho 2013; GONZÁLEZ, op. cit.

A polêmica é exemplar na medida em que postula debates relativos aos caminhos que deveriam ser adotados e, principalmente, às aproximações ou continuidades dos autores das contendas com as vertentes anteriormente seguidas e questionadas por eles. Foi importante ainda no que se refere à postura adotada por Sarmiento, uma vez que, para além das divergências pessoais, o debate dizia respeito, sobretudo, a formas distintas de compreender como deveria se dar a construção de uma nova ordem política e social e as ambições políticas de ambos. Foi também a partir destas concepções que Sarmiento pôde refletir mais sobre seus pontos de vista, bem como acerca do papel dos intelectuais na construção da nação. O debate entre eles mostrou tanto a heterogeneidade dos projetos e interesses como também a falta de consenso entre a elite política argentina.

Sarmiento desejava uma solução institucional que desse conta de superar o conflito entre ilustração e caudilhismo, o que não destoava das ideias de Alberdi, mas apontava para uma mudança radical. Sarmiento sugeriu a adoção da Constituição da Filadélfia. No texto *Comentarios de la Constitución*, ele vislumbrava, tendo como modelo os Estados Unidos, costumes igualitários e progresso material. Para ele, a separação entre os habitantes estrangeiros e a oligarquia *criolla* traria consequências pouco benéficas para o federalismo republicano. Era preciso oferecer aos imigrantes uma comunidade política para compartilhar os bens públicos, programas de educação comum e obrigatórios e políticas agrícolas que possibilitassem o acesso à terra.

Muitos aspectos da Constituição de 1853 não agradaram a Sarmiento. Botano aponta para o fato de que suas reflexões e propostas evidenciavam caminhos teóricos que deixavam de lado algumas proposições de *Facundo*. Ele se identificou com a causa portenha, pois acreditava que o distrito federal era o símbolo do compromisso entre as províncias e deveria se instalar em um local neutro, como havia proposto pouco tempo antes em *Argirópolis*.⁵³⁴

No decurso de 1850, Sarmiento saiu do exílio e se estabeleceu em Buenos Aires, com sua esposa Benita e seu filho Dominguito. Neste local, assumiu cargos públicos e continuou com sua atividade de escritor, sobretudo produzindo artigos para os periódicos. Ao passo que escrevia correspondências nas quais informava sobre sua situação na República Argentina, também escrevia sobre a situação política do país.

Alguns anos após seu estabelecimento em Buenos Aires, que ocorreu em 1855, quando contava com 44 anos, sua situação parecia favorável. Em uma missiva endereçada ao genro Julio Belín, por exemplo, se resignou frente à impossibilidade de se tornar um homem

⁵³⁴ BOTANA, *El federalismo...*, op. cit., p. 228-229.

rico. “Eu só conto com meios de subsistência”, afirmou Sarmiento, “e por meu caráter e ocupações favoritas não conto fazer fortuna.” Também situou Belín quanto a sua posição: “Meus trabalhos sobre educação caminham admiravelmente e conto com a cooperação pública para realizar algo de sólido.”⁵³⁵ Buenos Aires ainda estava apartada da República Argentina e seguia sob a liderança de Urquiza, criticado constantemente por Sarmiento, muitas vezes de forma irônica, como nesta mesma carta. “Urquiza descobriu que as uvas estão ácidas”, comentou. Sarmiento reservou os últimos parágrafos da missiva para dar seu parecer sobre Buenos Aires, afirmando a convivência de todos os partidos em uma visão que contrastou com seu comentário sobre o entrerriano. “Esta é Buenos Aires e estes os frutos da liberdade, a verdadeira liberdade”.⁵³⁶

As relações entre os estados de Buenos Aires e da República Argentina foram tensas durante a década de 1850, com momentos de aproximação e de combates, como a Batalha de Cepeda, de 1859, na qual as forças nacionais saíram vitoriosas. Em 1860, ocorreu uma reforma constitucional em uma convenção da qual também participou Buenos Aires. Foi suprimida a possibilidade de intervenção nacional sem requisição, mas o governo federal passou a ter uma ampla margem de ação. Em 1861, houve um novo confronto entre as forças nacionais, lideradas por Urquiza, e as de Buenos Aires, com Bartolomé Mitre à frente. As tropas mitristas venceram as forças nacionais na Batalha de Pavón.

Em um acordo firmado entre as duas partes, Mitre foi declarado líder nacional e provincial, aceitando a constituição de 1853, mas mantendo sua tendência ao centralismo e ao poder presidencial. Mitre foi eleito o primeiro presidente constitucional para toda a nação em 1862, pela junta de eleitores das 13 províncias. Foi aceita a ideia da federação com Buenos Aires como centro e com a manutenção dos governantes provinciais. Assim como Sarmiento, Mitre defendia a unidade nacional, as instituições liberais e a modernização do Estado.

2.5. *La verdadera libertad*: do governo de San Juan à década de 1880

Mitre iniciou uma nova fase política na República Argentina. Para alguns autores, foi somente a partir deste momento que as lideranças se voltaram para a formação de uma

⁵³⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Julio Belín. Buenos Aires, 19 de março de 1859. In: SEGRETÍ, Carlos (Comp.). **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo II 1855-1861. Córdoba: Comisión Nacional de Homenaje a Domingo Faustino Sarmiento, 1988. p. 111. “Yo solo cuento con medios de subsistencia”; “y por mi carácter e ocupaciones favoritas no cuento hacer fortuna”; “Mis trabajos sobre educación marchan admirablemente y cuento con la cooperación pública realizar algo de sólido.”

⁵³⁶ *Ibid.*, p. 111-112. “Urquiza halla que las uvas están agrias”; “Este es Buenos Aires y estos los frutos de la libertad, la verdadera libertad”.

identidade nacional argentina.⁵³⁷ Foram criados os três poderes do governo federal em Buenos Aires, a partir dos quais surgiu o primeiro centro único de autoridade da República Argentina, situação que envolveu três governos, o de Mitre (1862-1868), o de Sarmiento (1868-1874) e o de Nicolás Avellaneda (1874-1880). Mas a federalização da cidade de Buenos Aires só ocorreu durante a presidência de Avellaneda.

O período que compreende as décadas de 1850 a 1880 foi caracterizado por conflitos civis e internacionais, mas também por um processo de transformações para o país a partir da modernização nos setores econômicos, sociais e políticos, com o crescimento do setor agropecuário, a construção de redes ferroviárias (sobretudo com capital inglês).

Nesta época, a República Argentina recebeu diversos grupos de imigrantes (entre os quais italianos, bascos, alemães, franceses, ingleses, etc.).⁵³⁸ Houve crescimento do setor da marinha, com empresas que iniciaram trabalhos regulares para o Prata, navios a vapor ligando os portos da região, modernização das docas e ancoradouros, além de um amplo desenvolvimento da área das comunicações, da imprensa, do serviço postal, do exército e do Banco Nacional, entre outras transformações. A cidade de Buenos Aires, por sua vez, passou por uma série de reformas para comportar a capital moderna que se desejava, a partir da pavimentação das ruas, do transporte público e da iluminação.

Além das mudanças estruturais, Sabato analisa o processo de formação de uma esfera pública “que operou como mecanismo de mediação entre sociedade civil e poder político”.⁵³⁹ Para esta autora, no contexto da formação de uma comunidade política nacional entre as décadas de 1860 e 1880, se desenvolveu na esfera pública uma cultura de mobilização que foi utilizada pela população para expressar sua opinião ou pressionar as autoridades políticas. Por meio de instituições como associações profissionais, sociedades de ajuda mútua, clubes e periódicos, trabalhadores de diversas áreas, imigrantes, comerciantes, maçons, periodistas, estudantes, se manifestavam nas ruas, praças e teatros e realizavam petições e atos. O desenvolvimento destas práticas, de acordo com Sabato, era entendido na época como mecanismos da sociedade democrática em conformidade com a constituição e as leis republicanas. A noção de opinião pública, “com seus distintos matizes e acepções, havia

⁵³⁷ Ver: MYERS, *A revolução...*, *op. cit.*, p. 69-92.

⁵³⁸ Muitos imigrantes que chegaram neste período se dedicaram a atividades horticolas ao redor das cidades, à criação de ovinos, à construção de estradas de ferro, de frotas de barcos a vapor, entre outras.

⁵³⁹ Hilda Sabato discute a existência de relações complexas entre os diferentes setores sociais do período que contrariam a ideia de um abismo entre as elites políticas e a população e a permanência de pautas tradicionais. SABATO, Hilda. Vida política y cultura de la movilización en Buenos Aires, 1860-1880. In: CARMAGNANI, Marcelo [El. Al]. **Para una historia de América III**. Los nudos (2). México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 483. “Que operó como mecanismo de mediación entre sociedad civil y poder político”.

alcançado, depois de Caseros, um lugar de privilégio no vocabulário político portenho, na medida em que se referia a uma instância que se considerava por sua vez fundadora e legitimadora do poder político”.⁵⁴⁰

No setor da imprensa, ocorreu a criação de diversas revistas e periódicos, muitos fundados por imigrantes que se estabeleciam no país.⁵⁴¹ O desenvolvimento da imprensa e dos meios de comunicação em geral colaborou para a formação de uma rede de informações conduzida pelos jornais e revistas que circulavam na América e na Espanha. A construção da identidade nacional foi um importante tema de debate neste contexto.⁵⁴²

Mas essas transformações ocorreram concomitantes a situações de grande tensão para os poderes constituídos. Durante seu governo, Mitre enfrentou vários obstáculos, como rebeliões no interior do país, principalmente em Cuyo, além da Guerra do Paraguai. Também enfrentou vários conflitos políticos no que se refere à federalização de Buenos Aires. Para alguns autores, com Mitre, além de ter início o processo de modernização do país, seu governo também denotou os primeiros esforços em direção à constituição de uma economia moderna, integrada ao mercado internacional. Durante seu governo, o Partido Liberal buscou unificar vontades, se tornar hegemônico e estável, mas acabou dividido em duas facções, o autonomismo e o nacionalismo. Essa divisão, de acordo com Sabato, “terminou por esgotar a experiência portenha”.⁵⁴³ Por outro lado, abriu a possibilidade para a formação de uma comunidade política mais ampla na medida em que essas mesmas elites, para implementar os mecanismos de representação modernos e construir os vínculos entre a sociedade civil e o

⁵⁴⁰ Em contraposição às mobilizações populares, geralmente pacíficas, existiam os comícios e as eleições nas quais eram frequentes os confrontos armados entre as diversas facções partidárias, embora este tipo de violência fosse considerado impróprio para um país civilizado e moderno. Os contemporâneos observavam com preocupação o caráter violento e restrito da participação eleitoral. As lideranças partidárias constituíam máquinas eleitorais e recrutavam clientelas entre as classes mais baixas da população, apesar de esses grupos representarem uma parcela pequena do total. As manifestações, entretanto, reuniam uma grande diversidade social e cultural e eram consideradas pela população meios mais eficazes de participação política e símbolos de uma prática mais civilizada e moderna em comparação às experiências eleitorais. *Ibid.*, p. 503. “Con sus distintos matices y acepciones, había alcanzado, después de Caseros, un lugar de privilegio en el vocabulario político porteño, en la medida en que se refería a una instancia que se consideraba a la vez fundadora y legitimadora del poder político.”

⁵⁴¹ Em 1872, José Hernández publicou *Martín Fierro* (Ida) e em 1879 (Volta). *Martín Fierro* e *Facundo* representam, cada um a seu modo, diferentes fases da nacionalidade argentina. Hernández estava ligado à causa federalista, era defensor da autonomia das províncias, e Sarmiento era favorável ao cosmopolitismo portenho. Hernández representa o campo, o pampa, o *gaucho*. Ele escreveu seu primeiro texto contra Sarmiento em um folheto sobre *El Chacho*, em 1863. Para Hernández, Sarmiento representava a morte do *gaucho*, pois ele defendia o avanço da civilização e o *gaucho* representava o atraso e a barbárie para o unitarismo portenho.

⁵⁴² BEIRED, José Luis Bendicho. Intelectuais e imprensa: a configuração de uma rede hispano-americana no espaço atlântico. **História**, São Paulo, n. 28, v. 2, p. 821-836, 2009.

⁵⁴³ SABATO, **Vida política...**, *op. cit.*, p. 486. “Terminó por agotar la experiencia porteña”.

regime político, precisaram ampliar o alcance aos setores mais amplos da sociedade, buscando legitimidade.⁵⁴⁴

Em 1863, diversas rebeliões ocorreram no interior do país contra o novo governo e este buscou reprimi-las. Um dos desafios se consolidou nas investidas do caudilho Angel Vicente Peñaloza, conhecido como *El Chacho*, de La Rioja. Nesta ocasião, Sarmiento era governador de San Juan e procônsul federal no interior. *El Chacho* foi rendido e assassinado por forças nacionais (por Irrazábal) após estar rendido e desarmado. Sua cabeça foi exposta em um mastro em San Juan. A morte de *El Chacho* ocorreu de forma ilegal e foi considerada cruel. Embora Sarmiento não tenha sido o mandante do crime, em diversas ocasiões manifestou sua aprovação para atitudes desta natureza, justificando a necessidade de extermínio das *montoneras*, o que lhe rendeu críticas tanto da oposição como também do governo constituído, que se debatia na intenção de alimentar um imaginário de respeito pela nova cultura das leis. Após esse episódio, Sarmiento se envolveu em diversos conflitos políticos e, para solucionar o problema, Mitre o enviou, em 1865, ao Peru e aos Estados Unidos como representante diplomático da República Argentina.

Mas, antes de Sarmiento embarcar em direção ao Peru e depois aos Estados Unidos, ainda em 1864, teve início a Guerra da Tríplice Aliança, um dos conflitos de maior proporção na América Latina no que se refere a duração, violência e mobilização popular. A Guerra Grande, como também foi denominada, envolveu grandes desafios para os países envolvidos, tanto no que concerne aos aspectos de ordem militar como também nos relacionados às políticas interna e externa. O Brasil, até então sob a orientação do projeto político do partido Conservador, buscava estabelecer as bases de um nacionalismo voltado à garantia dos interesses nacionais durante a Guerra. Mas a orientação da política externa esteve a cargo do partido Liberal, o que causou o rompimento, em vários aspectos, da linha que até então conduzia as negociações externas, sustentada pelo partido Conservador. Para Ferreira, a grande diferença em termos de política externa neste contexto foi a aproximação inusitada do Brasil com a Argentina, “sua grande rival no continente”.⁵⁴⁵

Solano López, presidente paraguaio, era contrário às práticas liberais e ao domínio econômico da República Argentina. A guerra contra o Brasil e a República Argentina tinha o propósito de defender os interesses nacionais e os valores tradicionais paraguaios. López fez exigências aos países vizinhos, mas estes países ignoraram. Enviou um pedido ao Brasil, para que o Uruguai não fosse invadido, mas tropas brasileiras cruzaram o Uruguai em auxílio a

⁵⁴⁴ *Ibid.*, p. 511.

⁵⁴⁵ FERREIRA, *op. cit.*, p. 139.

Flores, em 1864. López rompeu com o Brasil, apreendeu um navio brasileiro em Assunção e invadiu o Mato Grosso. Em 1865, Montevideu se entregou e Flores tomou o poder, como aliado do Brasil e da República Argentina.

Neste último país, os unitários apoiavam os colorados do Uruguai e desejavam manter a neutralidade na disputa entre o Brasil e o Paraguai. Entretanto, alguns meses após o início das hostilidades entre os dois países, em abril de 1865, Solano López solicitou autorização à República Argentina para cruzar a província de Misiones para chegar ao Uruguai, pedido negado por Mitre. Em resposta, os paraguaios invadiram as províncias de Corrientes e Misiones.

Assim, Mitre pôde justificar uma aliança com o Brasil sem receber muitas críticas. Ele declarou guerra ao Paraguai e se uniu ao Brasil e ao Uruguai, que se encontrava sob a liderança política de Flores. Urquiza, que a princípio demonstrou interesse em ficar ao lado de Solano López, optou por fornecer armas e gêneros ao exército aliado.

Mediante tais acontecimentos, Uruguai, Argentina e Brasil assinaram o Tratado da Tríplice Aliança e acordaram não depor armas até a queda do presidente paraguaio, além de concordarem com as cláusulas de demolir as instalações militares, desmobilizar o exército inimigo e resolver os problemas de fronteiras de acordo com seus interesses.⁵⁴⁶

Enquanto a Guerra do Paraguai se desenrolava na América do Sul, os Estados Unidos haviam recém-saído da guerra de Secessão, que colocou em evidência a escravidão *versus* o trabalho urbano capitalista. O país também vivenciava a política da *Marcha para o Oeste* e a ocupação de territórios indígenas.

Em maio de 1866, os países aliados venceram a batalha de Tuiuti, mas alguns meses depois foram derrotados na batalha de Curupaiti, na qual morreu Dominguito, filho adotivo de Sarmiento. Enquanto as tropas uruguaias, brasileiras e argentinas obtinham avanços e retrocessos, na República Argentina, Mitre enfrentava sérios problemas com as desordens civis nas províncias de Mendoza e La Rioja, ocasionando uma evasão de parte do exército argentino da guerra para as províncias argentinas em conflito, inclusive com a retirada do próprio comandante-geral Bartolomé Mitre do *front* de batalha. De acordo com Izecksohn, a partir deste momento, o auxílio argentino foi mais moral que prático, já que enfrentavam sérios problemas internos e esse apoio partiu do governo unitário de Buenos Aires. As

⁵⁴⁶ De acordo com Ferreira, a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança foi bastante criticada pelos conservadores da seção de Negócios Estrangeiros do Conselho de Estado do Império, por criar uma aproximação com a República Argentina contra o Paraguai. A independência do Paraguai era importante, segundo acreditavam os políticos brasileiros, por criar uma barreira separando a fronteira entre o Brasil e a República Argentina. *Ibid.*, p. 172.

províncias do norte auxiliaram na retaguarda, com os hospitais de campanha e depósitos de armas de munições. As invasões também ocorriam a partir do território argentino.⁵⁴⁷

A Guerra do Paraguai se mostrou longa e difícil para o Império brasileiro. Entre as dificuldades havia a morosidade das operações, os problemas de infraestrutura, as baixas por doenças e deserção, o desamparo das famílias dos soldados, a necessidade de ampliação dos contingentes e a resistência ao alistamento (fugas, agressões, casamentos, etc.). Ao tentar promover um maior índice de voluntários, o governo Imperial causou muitas tensões entre grupos políticos locais.

Com a saída de Bartolomé Mitre, Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, assumiu o comando-geral dos exércitos da Tríplice Aliança. Para Izecksohn, “a nomeação de Caxias correspondia ao desejo do governo imperial em dotar o Exército de comando unificado, para guerra cuja complexidade total só foi atingida lentamente e com dificuldade”.⁵⁴⁸ A nomeação de Caxias atendia ainda aos interesses imperiais de regular os limites das disputas entre os oficiais.

Já comentei no primeiro capítulo o quanto as cartas demonstram o empenho de Sarmiento tanto para a publicação como também para a circulação de suas obras. Uma das investidas de Sarmiento neste campo, que merece destaque, diz respeito à escrita e publicação da biografia sobre *El Chacho*, assassinado cinco anos antes durante seu mandato como governador de San Juan. Essa narrativa esteve atrelada às intenções presidenciais de Sarmiento no ano de 1868.

Em suas correspondências, como era comum, comunicou sobre seu projeto de escrita. “Publicarei logo a vida de *El Chacho*”. Em seguida, explicou do que se tratava a obra: “É um conto como o de Quiroga; mas com documentos”. Nas missivas, Sarmiento muitas vezes também fornecia previsões sobre as interpretações que fariam ao ler suas obras. “Quando a lerem vão ficar pasmados de saber tudo o que deixei ignorar.”⁵⁴⁹ Ele se referia à sua participação nos eventos citados e àquilo que não contou na ocasião sobre tais acontecimentos. Muito mais do que documentar a história de *El Chacho*, Sarmiento recorreu à publicação deste texto com vistas a construir uma imagem positiva no contexto presidencial. É importante lembrar que o sanjuanino foi criticado, na ocasião do assassinato do caudilho,

⁵⁴⁷ IZECKSOHN, Vitor. A Guerra do Paraguai. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.). **O Brasil Imperial**. Volume II, 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 401.

⁵⁴⁸ *Ibid.*, p. 408.

⁵⁴⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Nova York, 20 de maio de 1866. In: SARMIENTO, **Epistolario de Domingo...**, *op. cit.*, p. 49. “Publicaré luego la vida del Chacho”; “Es un cuento como el de Quiroga; pero con documentos”; “Cuando la lean se van a quedar pasmados de saber todo lo que dejé ignorar”.

por concordar com a violência aplicada a ele. *El Chacho, ultimo caudillo de la montonera de los llanos, episódio de 1863* foi uma biografia escrita para ser publicada juntamente com a terceira edição de *Facundo*, de 1868, em plena efervescência das disputas para a presidência da República Argentina.

Em 1868, como já foi comentado no primeiro capítulo, além da Guerra do Paraguai, o país vivenciava o momento das eleições para presidente, que iniciariam em abril do mesmo ano. Nesta época, a República Argentina enfrentava diversos problemas. Ocorriam conflitos em muitas províncias, levantes de caudilhos federalistas, sublevações militares, discórdias entre os diversos partidos e no interior destes também.

A situação era ainda mais complicada devido ao surto de cólera que assolava algumas regiões, causando inclusive a morte do vice-presidente da República, Marcos Paz. Em correspondência remetida a Sarmiento, seu amigo Félix Frías se lastimou: “Estamos atravessando uma época cruelmente calamitosa, na qual aos terríveis estragos da cólera se agregam os escândalos dos motins e a discórdia civil; coisa que imporão os diários, y que me inspira a repugnância mais profunda”.⁵⁵⁰ De acordo com Frías, “não há povoado do campo que a cólera não visite, como as estâncias situadas no meio da pampa – em Santa Fé e Córdoba morre muita gente vítima desta assoladora e incurável epidemia”.⁵⁵¹

Neste contexto, se desenrolou a candidatura de Sarmiento, inicialmente proposta por Lúcio Mansilla, admirador do sanjuanino, que teve proximidade com seu filho Dominguito, morto na Batalha de Curupaiti. Sarmiento escreveu a Mansilla aceitando a candidatura à presidência. A carta na qual deu sua resposta é considerada uma espécie de programa político, onde afirmou: “Meu programa está na atmosfera, em vinte anos de vida, feitos e escritos: isso se deseja, isso será.”⁵⁵² Este documento, publicado na íntegra nos periódicos bonaerenses *La Tribuna* e *El Nacional*, foi finalizado com um chamado emotivo: “Ponham-se ao meu lado (...), sustentem minha debilidade e por minha mãe e por Dominguito, prometo que levantarei a

⁵⁵⁰ FRÍAS, Félix. Carta para Domingo Faustino Sarmiento. Buenos Aires, 11 de janeiro de 1868. 2 f. In: _____. SARMIENTO, Domingo Faustino. **Epistolario inédito Sarmiento-Frías**. Barrenechea, Ana María (Ed.). Buenos Aires: Instituto Filológico Dr. Amado Alonso/Universidad de Buenos Aires, 1997, p. 108. “Estamos atravesando una época cruelmente calamitosa, en la que a los terribles estragos del cólera se agregan los escándalos de los motines y la discordia civil; cosa de que le impondrán los diarios, y que me inspira la repugnancia mas profunda”.

⁵⁵¹ *Idem*. “No hay pueblo de la campaña que el cólera no visite, como las estancias situadas en medio de la pampa – En Santa Fé y Córdoba muere mucha gente victima de esta asoladora e incurable epidemia”.

⁵⁵² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Lucio Mansilla. Nova Iorque, 20 de setembro de 1867. In: _____. **Obras completas...**, *op. cit.*, vol. XLIX, p. 193; “Mi programa está en la atmósfera, en veinte años de vida, hechos y escritos: eso se desea, eso será.”

pedra e a subirei sobre a montanha. Provemos, pois. Desde logo, aceito seu apoio; busque outras simpatias".⁵⁵³

Nesta mesma época, Mansilla foi nomeado Tenente-Coronel e gozava de boa reputação no Exército. A candidatura de Sarmiento, conforme afirmou em uma carta encaminhada ao sanjuanino, causava simpatias entre oficiais e comandantes de tropas. Por ser provinciano, Sarmiento também agregava adeptos no interior do país. Também recebeu apoio do *Club Libertad* e do *Club Argentino*, de Buenos Aires, defensores da combinação Sarmiento-Alsina.

Em meio aos grandes debates acerca dos presidenciais,⁵⁵⁴ Sarmiento ocupou as páginas de *La Tribuna* e *El Nacional* de Buenos Aires, de *El Zonda* de San Juan e de *El Constitucional*, de Mendoza que publicavam correspondências de sua autoria e artigos enaltecendo sua imagem.

As eleições na República Argentina na época em que Sarmiento concorreu à presidência eram realizadas em duas etapas.⁵⁵⁵ Na primeira eram nomeados eleitores mediante uma reunião das Juntas de Eleitores. Na segunda, os eleitores escolhidos deveriam votar nos candidatos, o que faziam de acordo com seus interesses, mas sob forte pressão dos defensores das combinações projetadas.⁵⁵⁶

Após a primeira fase das eleições, que aconteceu no dia 12 de abril de 1868, a atividade voltou-se para a formação de combinações. Os partidários dos candidatos proclamavam candidatos à presidência e a vice-presidência, podendo formar diversas combinações, de acordo com as forças que representavam (o autonomismo de Buenos Aires, o liberalismo portenho, o liberalismo do interior do país, o liberalismo do norte e o federalismo provinciano). Diversas combinações foram propostas, como Elizalde-Taboada (representando os liberais portenhos e do norte do país), Urquiza-Elizalde ou Urquiza-Taboada (federalismo do litoral e o liberalismo portenho e de parte do norte), Urquiza-Alsina (federalismo e o autonomismo), Sarmiento-Alsina (autonomismo e o liberalismo do interior), etc. Algumas

⁵⁵³ *Idem*; "Pónganse a mi lado (...); sostengan mi debilidad y por mi madre y por Dominguito, prometo que levantaré la piedra y la subiré sobre la montaña. Probemos, pues. Desde luego, acepto su apoyo; busque el de otras simpatías".

⁵⁵⁴ Além de Sarmiento, outros candidatos apresentados foram Rufino de Elizalde, Guillermo Rawson, Wenceslao Paunero, Justo José de Urquiza, Adolfo Alsina, Vélez Sarsfield, Juan Baustista Alberdi, entre outros.

⁵⁵⁵ As eleições eram orientadas a partir das escolhas dos governadores de províncias, que eram donos de 156 eleitores provinciais. Por este motivo, os partidários de cada candidato deveriam assegurar apoio entre os governos provinciais. De acordo com Rubé, não existia uma disciplina partidária e nem sempre os eleitores respeitavam os compromissos políticos anteriormente assumidos ou os grupos que os haviam escolhido. "En la mayoría de los casos se trataba de vecinos respetables, sin filiación política definida, para los cuales era lo mismo actuar en una agrupación o en otra," afirma Rubé. Ver: Rubé, *op. cit.*, p. 8.

⁵⁵⁶ *Idem*.

fórmulas eram totalmente imprevisíveis e causavam surpresa e repúdio em alguns Colégios de Eleitores.

Em 16 de agosto, enquanto Sarmiento fazia uma nova passagem pelo Brasil antes de chegar ao seu país, o Congresso Nacional da República Argentina se reuniu para computar os votos finais. Sarmiento venceu com 79 votos⁵⁵⁷ e Adolfo Alsina foi o mais votado como vice.

Vários motivos são apontados pela historiografia argentina como significativos para a vitória do sanjuanino. No caso do Exército, Sarmiento era admirado pela sua postura contra as *montoneras*. A morte de seu filho Dominguito também causou grande impressão no país, sobretudo no setor militar.

A crescente burguesia portenha e as lideranças do interior estavam interessadas em assegurar um desenvolvimento tranquilo de suas empresas e projetos e Sarmiento representava o fim da luta de facções para esses grupos, pois se opunha ao provincialismo e ao caudilhismo. Além disso, defendia um governo ordenado, principalmente para o interior do país; era adepto de um modelo progressista acompanhado de pragmatismo e estava empenhado na ampliação e melhoria do setor educacional. Também estava associado ao pensamento burguês e concentrava influências europeias e estadunidenses.

A combinação Sarmiento-Alsina agradou grande parte dos grupos de eleitores, pois se apresentava como uma opção intermediária entre o liberalismo de Rawson e Elizalde e o federalismo de Alberdi e Urquiza, enquanto os demais candidatos reuniam características que não pareciam apropriadas para o país na conjuntura em que este se encontrava.⁵⁵⁸ Também o favoreceu estar distante do país evitando assim que a sua imagem se desgastasse pelos embates políticos.

Embora existissem esses elementos favoráveis, não é possível entender que Sarmiento não participou de seu processo eleitoral. Quando optou por não retornar ao país para cuidar da sua candidatura, afirmou que essa decisão derivava da impossibilidade de abandonar seu posto como Ministro Plenipotenciário nos Estados Unidos. Entretanto, mesmo à distância, batalhou para construir uma opinião pública favorável às suas pretensões. A terceira edição de *Facundo* e o lançamento de *El Chacho* constituem elementos importantes dessa campanha. Em uma carta enviada para Mary Mann em abril de 1868, comentou: "Nos colégios daqui, cumprimentam a alguns com o grau de Doutor".⁵⁵⁹ Em seguida, explicou sua intenção a

⁵⁵⁷ Urquiza obteve 26 votos, Elizalde 22, Rawson 3 e Vélez Sarsfield 1.

⁵⁵⁸ Rubé, *op. cit.*, p. 6.

⁵⁵⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Mary Mann. Sem indicação do local, 6 de abril de 1868. Citada por: Rubé, *op. cit.*, p. 9; "En los colegios aquí cumplimentan a algunos con el grado de Doctor."

amiga: "Este título honorário (...) acabaria por romper a arma de meus opositores; pois lá valeria mais que o deles, mostrando que aqui sou tido em algo pelos homens notáveis".⁵⁶⁰ Em 24 de junho do mesmo ano, Sarmiento foi agraciado com o título de Doutor em Leis *Honoris Causa* pela Universidade de Michigan. Assim, a viagem aos Estados Unidos culminou na presidência da República.

Em agosto de 1868, agora como Presidente da República, Sarmiento encontrou um país endividado, com sérias tensões entre o governo central e as províncias, as quais careciam de infraestrutura e investimentos sociais. Além disso, estava envolvido na Guerra do Paraguai desde 1865 e havia gasto muito com o conflito. A capital, por sua vez, se modernizava e se constituía como o principal centro econômico, político e cultural do país. Como sede do governo nacional desde 1862, Buenos Aires possuía uma agitada vida política, na qual se intercalavam momentos mais calmos e mais intensos.

Quanto à Guerra da Tríplice Aliança, no semestre em que Sarmiento assumiu a presidência, Caxias buscava dar fim ao conflito com a invasão do Paraguai e a captura de Solano López. Após várias batalhas (Avaí, Itororó, Lomas Valentinas), o exército paraguaio foi praticamente dizimado, López fugiu para o interior do país e, em janeiro de 1869, as tropas brasileiras finalmente tomaram Assunção. Caxias, que acreditava no fim da Guerra, abandonou o Paraguai levando consigo muitos assessores e desestimulando as tropas que ainda permaneciam no local. O Paraguai perdeu também em termos territoriais para a República Argentina e para o Brasil.

Em termos governamentais, Sarmiento enfrentou vários problemas em seu mandato. Além da Guerra, defrontou-se com litígios relacionados às fronteiras com o Chile⁵⁶¹, sublevações provinciais, como a de Entre Ríos, e o assassinato de seu governador, José Justo de Urquiza, com quem havia se reconciliado publicamente pouco tempo antes. Para conter a revolta que persistiu por vários meses, o presidente aprovou a intervenção federal e o envio de tropas. Quanto ao Brasil, este talvez tenha sido um dos momentos mais profícuos em sua relação com o país vizinho, como será possível observar no terceiro capítulo, a partir das correspondências trocadas com o Ministro Plenipotenciário da República Argentina no Brasil, Wenceslao Paunero.

⁵⁶⁰ Idem; "Este título honorario (...) acabaría por romper el arma de mis opositores; pues allá valdría más que el de ellos, mostrando que aquí soy tenido en algo por los hombres notables".

⁵⁶¹ As disputas de limites entre República Argentina e Chile, durante o século XIX e anteriormente a 1860, haviam transcorrido em termos diplomáticos. Mas, desde o mandato de Mitre, o clima entre os dois países foi de receio e desconfiança, sentimentos que foram amenizados com Sarmiento à frente do governo, devido às boas relações que possuía com o Chile.

Ao final da Guerra do Paraguai, para o Brasil e para a República Argentina restou um grande *déficit*. Como presidente da República, Sarmiento recorreu a estados de exceção e à intervenção federal, instituiu a profissionalização militar subordinada à constituição e ao presidente. Ao final da presidência, em 1874, Sarmiento se deparava com um Estado mais centralizado, mas distante do modelo pensado anos antes a partir da influência de Tocqueville.

A visão do governo no país durante a presidência de Sarmiento, sobretudo nos anos finais, era de desconfiança. De acordo com Barrenechea, prevalecia a sensação de que a política externa era contraditória, incorreta e vacilante.⁵⁶² Diversas críticas eram realizadas ao governo por meio dos diários e revistas que circulavam no país. É possível ter uma ideia da imagem pública de Sarmiento a partir das sátiras que lhe eram desferidas pelo periódico *El Mercurio*.

O desenvolvimento da imprensa na segunda metade do século XIX, na República Argentina, teve um papel muito importante nos debates políticos e sociais.⁵⁶³ Geralmente estavam vinculados a posições partidárias e ideológicas, como demonstram os periódicos *El Nacional* e *La Nación*, fundados por Vélez Sarsfield e Barlolomé Mitre, respectivamente. Mas, paralelamente, desenvolveram-se nessa época revistas satíricas que veiculavam imagens e textos. As imagens ganharam um espaço maior, em termos de quantidade e qualidade, possibilitando a formação de cultura visual. *El Mosquito*, periódico satírico-burlesco, como se intitulou, iniciou suas publicações em 1863 e, a partir de 1868, contou com desenhos do caricaturista Henry Stein.

A linguagem adotada neste tipo de periódico caracterizou-se por um estilo crítico, irônico e mordaz, capaz de atingir um público mais amplo e popular, prevalecendo temas relacionados à situação política e social do país, com ênfase crescente para o uso das imagens em detrimento do texto. As diversas temáticas abordadas, como a sucessão presidencial, a febre amarela, a Guerra da Tríplice Aliança, eram apresentadas de forma humorística e ácida. Sarmiento foi uma figura de destaque nas páginas do periódico, representado pela pena de Henri Stein. “Seus desenhos, de excelente feitura, satirizaram sem piedade a Sarmiento durante todo seu mandato e continuaram ao concluir a presidência”.⁵⁶⁴

⁵⁶² BARRENECHEA, Ana María. Nota 2. In: SARMIENTO, **Epistolario inédito...**, *op. cit.*, p. 135.

⁵⁶³ Sobre esse tema ver: NODARI, Daniel Jacob. **La revista de Buenos Aires: construindo a nação Argentina através da historia durante a década de 1860**. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2013.

⁵⁶⁴ **POLÍTICA y humor: Sarmiento en las caricaturas de Stein y el humor de hoy por Nik**. Buenos Aires: Museo Histórico Sarmiento, 1998, página de presentación. “Sus dibujos, de excelente factura, satirizaron sin piedad a Sarmiento durante todo su mandato y continuaron al concluir la presidencia”.

Nos desenhos, Sarmiento foi representado de inúmeras formas, como criança, animalizado, vestido de maneiras distintas (como *gaucho*, de pijama, de religioso, de cavaleiro medieval, etc.), com as mais variadas expressões, com a cabeça ou o corpo representados de forma desproporcional. Em termos textuais foi denominado como “loco”, “don yo” ou ainda como “El torito de San Juan”. As situações exploradas por Stein eram variadas: Sarmiento e o censo argentino (ele foi o primeiro presidente a realizar o censo); Sarmiento e a questão das fronteiras com o Chile; ao lado de professoras “ianques”, pois mandou vir dos Estados Unidos professoras para atuarem no ensino público argentino, entre outros temas.

Em diversas caricaturas apareceu ao lado de D. Pedro II: durante as eleições presidenciais, demonstrando uma associação entre as duas partes; representando a aliança contra o Paraguai, etc. Em uma dessas imagens, D. Pedro II aparece utilizando a cabeça de Sarmiento como recipiente para tomar mate e a cabeça de Mitre como bombilha. O olhar crítico do periódico não desanimou Sarmiento que, ao contrário, exigia ser representado nas páginas da revista mesmo que a sátira o aborrecesse.⁵⁶⁵

A historiografia sobre Sarmiento dá maior ênfase aos seus escritos do que a sua atuação como líder da nação argentina, atividade pouco analisada em comparação com a grande quantidade de reflexões referentes aos seus livros. Ainda assim, em alguns trabalhos, como atesta o artigo de Martín Kohan, é possível perceber a grande preocupação do sanjuanino durante seu mandato com o desenvolvimento tecnológico, científico e industrial da República Argentina.⁵⁶⁶

A imprensa bonaerense retratou de forma crítica e caricata tais interesses, mas é importante sublinhar que eles atendiam a intenções e ideais calculados, relacionados à crença no desenvolvimento, progresso e ocupação do vazio do país, especialmente do interior.

Durante sua gestão como presidente da República, Sarmiento criou uma série de instituições que tinham como fim propiciar o desenvolvimento tecnológico e científico. A *Quinta Normal* de Mendonza, o *Club Industrial* de San Juan, a *Academia de Ciencias Naturales* e o *Observatório Astronómico* de Córdoba, a *Escuela Náutica*, a *Sociedade Sericicola*, a indústria de produtos de ébano e de couro em Tucumán. Durante seu mandato também foram construídos cinco mil quilômetros de conexões telegráficas, os transportes

⁵⁶⁵ EL CUMPLEAÑOS de “El Mosquito”. Buenos Aires: UBA, 1964, p. 23.

⁵⁶⁶ KOHAN, Martín. Sarmiento inventor. In: JITRIK, Noé (dir.). *História Crítica de la literatura argentina: Sarmiento*, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012, p. 159-180.

fluviais foram desenvolvidos e foi instalada uma ampla rede de ramais ferroviários e de iluminação a gás.

Além dessas iniciativas, Sarmiento contratou um técnico francês para supervisionar a instalação do sistema telegráfico, um estadunidense para dirigir o *Observatório Astronômico* de Córdoba, professoras deste mesmo país para atuarem no ensino público, além de ter viabilizado a tradução de obras de inglês e francês sobre ciência e tecnologia.

Essas ações estavam relacionadas a um projeto civilizacional que pode ser percebido desde sua viagem de 1846, quando observou, nos países pelos quais passou, elementos que propiciavam o desenvolvimento econômico, industrial ou científico desses locais, como o caso do cultivo da seda na França e do café no Brasil. Interesse esse também perceptível desde suas correspondências durante a década de 1840 no Chile.

Sarmiento se interessou por tudo. Pelas plantas, flores, pássaros, animais, insetos, frutas,⁵⁶⁷ pelas invenções manuais e industriais; pelos sistemas telegráficos, fluviais e ferroviários. Para o sanjuanino, interessava transformar a natureza em ciência, em desenvolvimento, em riqueza. Conforme Kohan, "a realidade política se ofereceu antes de tudo como um âmbito para a experimentação."⁵⁶⁸

Quanto ao *Observatório Astronômico* de Córdoba, por exemplo, Sarmiento enfatizou que esse era "um acontecimento de influência universal para a ciência",⁵⁶⁹ uma vez que o céu austral da América do Sul não poderia ser observado do outro hemisfério e seu conhecimento representava um importante passo no desenvolvimento científico universal. Outro exemplo pode ser observado a partir da inauguração da *Exposición Nacional de Industria e Agricultura de Córdoba*, em 1871, ato que teria representado para o presidente da República Argentina, segundo Kohan, "uma vitória política pessoal".⁵⁷⁰ Sarmiento se esforçou para que este evento se realizasse. Ele trocou diversas correspondências com representantes políticos argentinos que estavam atuando no exterior, como foi o caso do Ministro Plenipotenciário da Argentina no Brasil, Wenceslao Paunero. As missivas enviadas e recebidas não tratavam somente sobre assuntos referentes à Guerra da Tríplice Aliança, mas tinham também o propósito de viabilizar a permuta de espécimes para a formação do acervo da exposição.

⁵⁶⁷ Esses interesses não se restringiram somente ao período em que ocupou o cargo de presidente da República Argentina. Em correspondências posteriores essas preocupações foram muito pronunciadas. Ver SARMIENTO, *Epistolario de Domingo...*, *op. cit.*, p. 87, 92 e 98.

⁵⁶⁸ KOHAN, *op. cit.*, p. 161; "la realidad política se le ofrece ante todo como un ámbito para la experimentación".

⁵⁶⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Discurso de despedida a Benjamin Gould. Citado por *Ibid.*, p. 170.

⁵⁷⁰ *Ibid.*, p. 167.

Cada instituição construída, cada passo dado no sentido de fomentar a industrialização, o avanço tecnológico e científico, representou para Sarmiento a vitória da civilização sobre a *barbárie* e a entrada na modernidade. O interesse demonstrado por esses elementos durante o período em que ocupou o posto de presidente da nação foi um importante componente de aproximação entre a República Argentina e o Império brasileiro durante o conturbado contexto final da Guerra do Paraguai.

Nos anos seguintes ao fim do seu mandato, a incorporação dos imigrantes e a resolução da questão indígena eram os principais assuntos da pauta política e literária, áreas que continuaram se entrelaçando na tentativa de construção de uma identidade nacional.

Em 1880 houve a separação, com grande resistência de alguns portenhos, entre a capital e a província de Buenos Aires. Com a federalização da cidade de Buenos Aires, as dissidências provinciais foram vencidas. Em termos políticos, a Campanha do Deserto, responsável pela ampliação do território argentino, deu o tom da política de Roca, bem como o projeto de imigração, uma das principais demandas das elites progressistas argentinas. Para Shumway, a divisa entre a instabilidade e a moderna nação argentina pôde ser fixada neste momento.⁵⁷¹

O Estado argentino, neste contexto, teve um papel integrador e nacionalizador. A educação pública e o serviço militar foram formas estatais de incorporar os imigrantes, mas também existiram organizações civis com este fim, como associações religiosas e clubes.

Os intelectuais da geração de 1880, entre os quais podemos citar nomes como o de Lucio Mansilla, Eduardo Wilde, Miguel Cané, Vicente Quesada e Paul Groussac, continuaram com o papel de alimentar os ideais da identidade nacional. Por meio de revistas, periódicos, universidades, mas também com a circulação de ideias nas tertúlias, cafés e clubes, difundiram várias correntes de pensamento.

Em termos literários, após a fase romântica vinculada às tendências estéticas da *Geração de 1837*, relacionada com a instabilidade política, teve início um período de ordenação e os movimentos nacionalistas ganharam vulto. O romantismo foi cedendo lugar a correntes realistas e naturalistas. Novas tendências surgiam, como o positivismo, o modernismo literário, o socialismo e o anarquismo. Sarmiento, ao concluir que o contexto político da República Argentina se diferenciava muito dos tempos de Rosas, se referiu a estas mudanças nos seguintes termos: “Pertencemos os velhos unitários a uma geração que passou,

⁵⁷¹ SHUMWAY, *op. cit.*

a dos heróis da luta que precede a organização”⁵⁷², enquanto os mais jovens representavam a geração que aproveitava essa ordenação.

Como parte destas tendências, muitos intelectuais lamentaram o processo de modernização, encontrando nele um elemento devastador de velhos costumes e tradições. Relacionada a essa decepção, é possível observar a formação de uma resistência por parte de alguns grupos locais frente à imigração. Muitos imigrantes chegavam e se estabeleciam na região litorânea, principalmente em Rosário e em Buenos Aires. Eram, em sua maioria, italianos e espanhóis. A origem dos imigrantes gerou desconfiança e críticas por parte de muitos intelectuais que desejavam uma imigração europeia culta e educada.

Durante o processo de constituição do Estado, os lugares de memória ocupam espaço central no imaginário nacional. Na Argentina não foi diferente. Na segunda metade do XIX, deu-se lugar a construção do “panteão” da pátria entre os próceres que pudessem legitimá-la. Para a legitimação da República, diversos mecanismos foram acionados, como discursos históricos e fúnebres, homenagens, memórias, relatos patrióticos exemplares, estátuas, com o objetivo de fazer circular valores e ideias que se introjetassem, construindo a identidade coletiva da República. Sarmiento foi um grande produtor desse tipo de discurso.

⁵⁷² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Montt. Buenos Aires, 6 de novembro de 1879. In: MONTT, Manuel; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Manuel Montt y Domingo Faustino Sarmiento: epistolário 1833-1888**. Sergio Vergara Quiroz (Ed.). Santiago: Centro de Investigaciones Diego Barrios Arana, 1999, p. 13. Disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/correspmonttsarmiento.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2014. “Pertenece a los viejos unitarios a una generación que pasó, la de los heroes de la lucha que precede a la organización.”

3. OJEADA SOBRE EL BRASIL: os olhares de Sarmiento sobre o Império brasileiro

A análise de uma trajetória deve considerar que a elaboração de uma visão de mundo não está desconectada das demais experiências vividas, mas segue em consonância (ou discordância) com elementos sociais, culturais, políticos e econômicos do contexto em que se vive. As contradições, dúvidas, incertezas e mudanças de opinião fazem parte hoje do entendimento historiográfico que versa sobre a construção de subjetividades.⁵⁷³

Partindo destas premissas, neste capítulo analisarei as considerações de Sarmiento acerca do Brasil. A partir de diversas narrativas escritas sobre o país vizinho, identificarei quais aspectos do Brasil, do Império e dos brasileiros chamaram a atenção do sanjuanino, bem como as posturas intelectuais e políticas adotadas nestas reflexões, além de possíveis contradições, impasses, transformações ou (re)significações neste olhar.

Ao olhar para o Brasil, Sarmiento utilizou referenciais espaciais e raciais, atrelados a contextos específicos de sua vida. Suas narrativas apontam para hierarquias e tensões relacionadas com o campo no qual vivia, bem como para a valorização de determinados vínculos sociais.

Seus anseios e desejos, a maneira como se entendia e como compreendia seu papel como escritor, também coadunaram com a formação desse olhar. Também evidenciarei o caráter positivo ou negativo dessas reflexões, já que elas se relacionam à forma como Sarmiento entendia o “ser americano” ou argentino e demonstram ainda o grau de interesse e conhecimento do sanjuanino em relação a esta parcela do território americano.

Interessa ainda saber se seus textos sobre o Império apontam para um país homogêneo ou para a heterogeneidade e diversidade regional e se a postura adotada em relação ao Brasil foi a mesma ao longo do período que separa a primeira narrativa escrita sobre o país, em 1842, das correspondências das últimas negociações relacionadas à Guerra da Tríplice Aliança, durante sua presidência, entre 1868 e 1874.

⁵⁷³ Refiro-me aos seguintes textos: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, *op. cit.*, p. 183-192; DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da USP, 2009; LEVI, *op. cit.*, p. 167-182; LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 225-249.

3.1. *¿Cómo evitar que se desplome un edificio tan mal cimentado? As primeiras narrativas sobre o Brasil*

O segundo ano do exílio no Chile, 1842, foi um período de grande produção literária para Sarmiento. Além de artigos para os periódicos locais, ele produziu narrativas epistolares e publicou *Cartillas, Silabários e Otros Métodos de Lectura Practicados en Chile*. Também foi um momento importante devido aos contatos que estabeleceu neste país, como foi observado no primeiro capítulo. A partir destas relações e da ação periodística, o sanjuanino pôde criar uma rede de sociabilidades e de atividades que culminaram em uma série de desdobramentos, como os cargos públicos para os quais foi nomeado e que estiveram vinculados à educação (Diretor e organizador da primeira *Escuela Normal de Preceptores*, membro da *Facultad de Filosofía y Humanidades*). Neste contexto, Sarmiento publicou em *El Mercurio*, em 3 de outubro de 1842, o que acredito tenha sido sua primeira reflexão sistematizada sobre o Império brasileiro.

Ojeada sobre el Brasil (Mirada sobre o Brasil) trata-se de uma visão geral sobre o vizinho de língua portuguesa. Neste artigo, Sarmiento teceu uma espécie de diagnóstico no qual – a exemplo de outros textos que escreveu sobre o contexto de países da América do Sul, como o Uruguai e a própria República Argentina –, informou e refletiu acerca de alguns conflitos fronteiriços e da ordem política vivenciada naquele momento.

Em sua narrativa, destacou a “luta obstinada que há anos existe em uma das fronteiras” e, sobretudo, as “convulsões recentes de São Paulo e de Minas Gerais”, em alusão à fronteira sulina e às Revoltas Liberais. Escreveu ainda a respeito de “tantos arquezos democráticos que se tem visto repetidas vezes até mesmo na capital do Brasil ao lado do poder”.⁵⁷⁴

Para Sarmiento, o Brasil “apesar de ser o maior Estado sul-americano em população, em riqueza e em território, é, sem dúvida, o maior embrião de nação que temos em nosso continente e o país que, a nosso juízo, está destinado a passar por mais alterações em sua organização.”⁵⁷⁵ Embrião de nação devido, sobretudo, à extensão e à riqueza do território.

⁵⁷⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Ojeada sobre el Brasil*. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. VI. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 49. “Lucha obstinada que hace años existe en una de las fronteras del Brasil”; “convulsiones recientes de San Pablo y de Minas Gerais”; “y otros tantos resuellos democráticos que se han visto repetidas veces hasta en la misma capital del Brasil al lado del poder”.

⁵⁷⁵ *Ibid.*, p. 49-50. “El Brasil, a pesar de ser el Estado sudamericano más grande en población, en riqueza y en territorio, es, sin embargo, el mayor embrión de nación que tenemos en nuestro continente, y el país que, a nuestro juicio, está destinado a pasar por más alteraciones en su organización”.

Entretanto, vislumbrando alterações futuras, fez questão de enaltecer a fragilidade de tal embrião que deveria, antes de entrar em harmonia, sofrer uma decomposição.

De acordo com Sarmiento, para conservar a unidade em um território tão vasto em termos espaciais e sociais, seria necessário um governo apoiado em tradições antigas, mas que estivesse, ao mesmo tempo, repleto de vigor e força. As instituições deveriam ser antigas em termos de criação, mas modernas quanto à consonância com a época e as ideias de 1842. O povo, o corpo da nação, por sua vez, deveria ser são e homogêneo, forte e pujante e não sofrer de nenhuma enfermidade. Mas tais características, na visão de Sarmiento, faltavam ao Brasil naquele momento.

Em sua narrativa, Sarmiento perguntou: “Como conservar o equilíbrio, ou evitar que desmorone um edifício tão mal cimentado?” E prontamente ele mesmo respondeu: “O regime constitucional que hoje existe é uma árvore nova que se distancia muito de ter longas raízes” e “o atual governo não tem mais antecedentes que o presidente de qualquer de nossas repúblicas”. Tais circunstâncias, a tradição e a inovação, faltariam ao Brasil e os conflitos demonstravam “o porvir violento que aguarda este império”. Aqui, Sarmiento optou pela comparação com “nossas repúblicas”, em referência aos países hispano-americanos, e apontou para o regime presidencialista que, embora ainda não tivesse sido adotado na Confederação Argentina, existia no Chile, país que representava um modelo de ordenamento para o sanjuanino no momento de escrita deste artigo.

Transitando por entre o regime de governo e o governante, passando por sua população e geografia, o diagnóstico era fatal. Quanto à população, estava formada por homens livres e escravos, de duas raças “que não se deram nunca bem”, “povo heterogêneo quanto a seu sangue, o é também, obviamente, quanto a suas ideias e quanto a seus instintos”. Em termos espaciais, fez questão de enfatizar a dispersão dos brasileiros em vasto território, divididos entre a zona tórrida e a temperada, o que o fez supor que “semelhante povo” teria “também necessidades e interesses diversos e opostos por sua vez”.⁵⁷⁶

Em termos fatalistas, conclamou a Providência que, se não determinaria o resultado final, ao menos orientaria os rumos e conduziria os brasileiros pelas etapas da imensa transição, passagem de uma condição violenta a um porvir civilizado. Sarmiento pensou, para

⁵⁷⁶ *Ibid.*, p. 49-50. “Son éstas las circunstancias que se echan de menos en el Brasil”; “¿Cómo conservar el equilibrio, ni evitar que se desplome un edificio tan mal cimentado?”; “muestran el porvenir borrascoso que aguarda a ese imperio”; “El régimen constitucional que hoy existe, es un árbol nuevo que dista mucho de tener hondas raíces”; “el actual gobierno no tiene más antecedentes que el presidente de cualquiera de nuestras repúblicas”; “no se han llevado nunca bien”; “este pueblo heterogéneo en cuanto a su sangre, lo es también por supuesto, en cuanto a sus ideas y en cuanto a sus instintos”; “es claro que semejante pueblo tendrá también necesidades e intereses diversos y opuestos a la vez”.

o Império, na decadência e no renascimento através da história. Enxergava um padrão necessário de etapas em direção ao futuro, evolução imperiosa, que ocorreria dentro de um tempo linear, progressivo e fatídico. A situação somente se tornaria ruim se a Providência se abstivesse de efetuar a transição de forma lenta e gradual.

Embora prognosticando a divisão do território brasileiro em futuro próximo, não seria possível adiantar o motor da história, pois cada passo deveria ser dado de acordo com as condições de cada momento. Neste sentido, aconselhou: “Se guardem os brasileiros de romper antes do tempo os vínculos que os unem”.

Os homens de Estado do Brasil, ao lutarem contra a anarquia e as rebeliões, não deveriam desconhecer que ao fim sairiam “novos Estados do seio do império” e os esforços empreendidos “só devem se dirigir a retardar ao possível esse dia de desmembração para que não ocorra senão quando a ilustração estiver mais difundida e o povo mais nivelado”. Para Sarmiento, a ignorância representava um entrave na superação das etapas necessárias ao progresso. Valorizando o conhecimento ilustrado, defendeu a ideia de que a emancipação de cada parte, por sua vez, só seria possível mediante o saber ilustrado difundido entre a população.

O Brasil serviu como um espelho a partir do qual o autor pôde tecer comparações e hierarquizar os países de acordo com a etapa evolutiva que apresentavam frente a elementos políticos e sociais. Neste sentido, para Sarmiento, a República Argentina e o Chile já estavam em estágios adiantados quando comparados com o Brasil, uma vez que o desmembramento do território mais amplo, os Vice-reinados, já havia ocorrido. Se o Brasil ainda estava dando seus primeiros passos no encalço do processo civilizador, só continuaria sua caminhada mediante a conformação de toda a sociedade, o que se daria somente por meio da educação.

Sarmiento estabeleceu um padrão civilizacional conformando todos os povos americanos. Nesta perspectiva, questionou: “Que privilégio tem o império para que não passe pelas mesmas alterações que os Estados contemporâneos seus?” O Brasil, neste caso, emergiu mais como espelho do que como oposição. Surgiu como parte do *Mesmo* cujo destino não poderia se diferenciar, visto que a América caminhava para um mesmo fim, ou seja, a história deveria ter sentido idêntico nos dois polos, o de língua espanhola e o de língua portuguesa.

O Brasil não poderia ficar fora do movimento natural da história, do motor que impulsionava toda a América em uma mesma direção e durante esta caminhada compartilharia com o restante da América o princípio das subdivisões. “Lance um olhar pela

América, e se verá em toda sua força o princípio das subdivisões”.⁵⁷⁷ Para exemplificar a “teoria da divisão”, citou o exemplo do México (que estava prestes a perder seus extremos, Texas e Yucatán), da Argentina, que já não contava mais com o Paraguai, da Colômbia, que havia se dividido em três estados, e da Banda Oriental. Somente o Chile logrou manter sua extensão, graças à cordilheira. O Brasil, por sua vez, “não deve contar já com o Rio Grande”. A divisão territorial não se manifestava na escrita de Sarmiento como algo negativo, pois consistia na possibilidade de regiões com diferentes características geográficas e populacionais serem atendidas em suas necessidades, o que jamais poderia acontecer mediante a existência de caracteres tão díspares entre os brasileiros. Complementou argumentando: “Nestes tempos não se pode fundar grandes nações, e muito menos com os elementos heterogêneos do Brasil”.

A diferença entre as raças, refletida nas distinções sociais, seria outro impedimento. Se o destino estava revelado, o império brasileiro não poderia se furtar a sofrer suas ações.

Escreveu ainda o sanjuanino que causaria admiração se o governo imperial conseguisse apaziguar os conflitos e restabelecer a ordem no país e que “semelhante triunfo provará uma prudência e uma habilidade incomparáveis no atual gabinete” e

provará também que a maioria do povo brasileiro é tão patriota e tão amante de sua nacionalidade, que não bastam para dividi-los os muitos elementos de dissolução com que saiu o país das mãos de sua metrópole, e que se acham até agora confundidos com a base mesma de sua posição social.⁵⁷⁸

Sarmiento acreditava que os brasileiros conheciam muito bem os males que os ameaçam e sempre tratavam de precavê-los com “sábias disposições preparatórias”. Finalizou o artigo desejando “que o atual governo do Brasil logre estabelecer a ordem em todo o império, para que possa dirigir seus trabalhos sem interrupção e sem obstáculos até a civilização e liberdade do povo brasileiro”.⁵⁷⁹

Um balanço deste primeiro texto permite auferir que, para Sarmiento, o Brasil não representava uma ameaça iminente aos países de língua espanhola, pois, primeiramente,

⁵⁷⁷ *Ibid.*, p. 50.

⁵⁷⁸ *Ibid.*, p. 49-50. “Semejante triunfo probará una prudencia y una habilidad incomparables en el actual gabinete”; “probará también que la mayoría del pueblo brasilero es tan patriota y tan amante de su nacionalidad, que no bastan a dividirlo los muchos elementos de disolución con que salió el país de manos de su metrópoli, y que se hallan hasta ahora confundidos con la base misma de su posición social”.

⁵⁷⁹ *Ibid.*, p. 50. “Y el Brasil mismo no debe contar ya con el Río Grande”; “guárdense los brasileros de romper antes de tiempo los vínculos que los unen”; “Por nuestra parte deseamos que el actual gobierno del Brasil logre restablecer el orden en todo el imperio, para que pueda dirigir sus trabajos sin interrupción y sin obstáculos hacia la civilización y libertad del pueblo brasilero.”

estava às voltas com conflitos internos, brigas relacionadas aos limites e fronteiras, sobretudo no Rio Grande do Sul, e dissensos entre sua população heterogênea e desnivelada em termos educacionais. Em segundo lugar, o autor do artigo acreditava que, após transpor algumas etapas, o Brasil não existiria mais como país, mas se dissolveria em inúmeras repúblicas, a exemplo dos antigos vice-reinados, crença que estava relacionada à experiência dos demais países da América do Sul e ao contexto vivenciado por ele próprio em sua terra natal.

Ao contrário de repúdio ou medo, Sarmiento construiu um diagnóstico sobre o país vizinho, considerando algumas diferenças regionais, sociais e geográficas, além de prós e contras relacionados às possibilidades oferecidas pelo contexto histórico, evidenciando um olhar teleológico que incluía o Brasil, parte da América, no compasso de uma civilização idealizada. O final do texto aponta para um ato de boa vontade ou mesmo de apoio ao governo brasileiro.

O texto de Sarmiento sobre o Brasil, assim como outros artigos que escreveu nesse período, repercutiu e, como se tornaria lugar-comum em sua escrita, gerou desafetos. Ao que tudo indica, um correspondente brasileiro não concordou com o prognóstico. Não foi possível identificar se a crítica foi concretizada em forma de artigo ou por meio de uma nota encaminhada a *El Mercurio*. Alguns dias após a publicação do primeiro texto sobre o Brasil, Sarmiento escreveu outro, em resposta ao correspondente, uma figura misteriosa denominada somente Sr. Noticioso.

Em termos gerais, neste segundo artigo, o autor teve o propósito de se defender de acusações que teriam sido feitas pelo Sr. Noticioso. É possível ainda questionar se essa figura realmente existiu ou se a situação não foi criada pelo próprio Sarmiento com o propósito de expor uma defesa e, dessa forma, demonstrar suas ideias. Explicou que “por falta de espaço em nossas colunas não contestamos antes de ontem o remetido em que se contradizem algumas ideias que emitimos sobre o Brasil em um de nossos números anteriores, e vamos preencher hoje este vazio”.⁵⁸⁰

Sarmiento se queixou ao correspondente que parece tê-lo acusado de desferir um ataque ao Brasil e foi enfático ao afirmar que “não é assim como viu as coisas nosso correspondente”, pois sua reflexão não afetava “nem a dignidade daquele país, nem seu atual governo”.⁵⁸¹ Buscou reiterar algumas considerações feitas anteriormente: “Dissemos que esta

⁵⁸⁰ *Ibid.*, p. 51. “Por falta de espacio en nuestras columnas no contestamos antes de ayer el remitido en que se impugnan algunas ideas que emitimos sobre el Brasil en uno de nuestros números anteriores, y vamos a llenar este vacío”.

⁵⁸¹ *Idem*. “No es así como ha mirado las cosas nuestro corresponsal”; “ni a la dignidad de aquel país, ni a su actual gobierno”.

nação está destinada a um grande desenvolvimento” e “fizemos votos para que tal desenvolvimento ocorra gradualmente e não por saltos”.⁵⁸²

O sanjuanino analisou a questão recorrendo a elementos de alteridade, enfatizando que a leitura de um brasileiro poderia ser distinta da de um americano do sul, expressão utilizada de forma genérica, mas excluindo o Brasil:

Anunciamos que seu território será dividido, e se este anúncio pode ser triste para um brasileiro não o é para um americano do sul, contanto que tal desmembramento ocorra sem catástrofes, e que seja em proveito e para a maior prosperidade dos povos que compõem o império.⁵⁸³

Sarmiento complementou sua reflexão questionando seu interlocutor: “O que vale, Sr. Noticioso, o prazer de pertencer a uma pátria com vasto território, se esta circunstância é talvez incompatível com a felicidade dessa mesma pátria?”⁵⁸⁴

Na notícia anterior, o Brasil foi considerado indissociável da América e sua história foi pensada como parte de um futuro comum. Nesta segunda narrativa, ao definir o seu leitor ideal (um americano do sul), o autor destacou que o Brasil e a América poderiam ser considerados de forma distinta:

quando escrevemos para a América, e não para o Brasil, temos que visualizar algo além, e tratar de explicarmos o motivo de tantas revoluções uníssonas como vemos surgir no Brasil; e é então que percebemos os muitos germens de dissolução que contém, ou da posição anormal em que se encontra.⁵⁸⁵

Se em um primeiro momento sentimos que o autor realizou uma separação entre brasileiros e americanos, na sequência da narrativa essa impressão é solapada pela seguinte consideração: “Este modo de ver as coisas é puramente americano; se refere à ordem e bem-estar geral de nosso continente, e não envolve nenhuma questão pequena, nenhum desejo

⁵⁸² *Idem*. “Hemos dicho que esa nación está destinada a un gran desarrollo”; “y hemos hecho votos por que tal desarrollo se haga gradualmente y no por saltos”.

⁵⁸³ *Idem*. “Hemos anunciado que su territorio será dividido, y si este anuncio puede ser melancólico para un brasileiro no lo es para un americano del sur, con tal que la desmembración se haga sin catástrofes, y que sea en provecho y para la mayor prosperidad de los pueblos que componen el imperio”.

⁵⁸⁴ *Idem*. “¿Qué vale, señor *Noticioso*, el placer de pertenecer a una patria con vasto territorio, si esta circunstancia es tal vez incompatible con la ventura de esa misma patria?”.

⁵⁸⁵ *Idem*. “Pero no es así; los sacudimientos del Brasil envuelven cuestiones locales en que nosotros no tomamos la menor parte, y por lo que hace a su tendencia en general, hemos dicho ya que tememos mucho sean prematuros y fatales al país”; “sin embargo de esto, cuando escribimos para la América, y no para el Brasil, tenemos que alzar algo más la vista, y tratar de explicarnos el motivo de tantas revoluciones uníssonas como vemos estallar en él; y es entonces cuando nos apercibimos de los muchos gérmenes de disolución que contiene, u de la posición anormal en que se halla.”

hostil ao Brasil, nem uma inveja pueril de seu vasto território e de sua população.”⁵⁸⁶ Sarmiento se colocou como um americano preocupado com outros americanos e, neste sentido, novamente o Brasil foi considerado parte da América. Na resposta ao Sr. Noticioso, ao utilizar a expressão “nosso continente”, não somente incluiu o Brasil, mas também deixou transparecer que as questões envolvendo o país de língua portuguesa interessavam a ele, justamente pelo Brasil fazer parte do continente.

De acordo com Chiaramonte, durante esse período, as experiências coletivas das províncias rio-platenses ainda “eram muito débeis para poderem ser invocadas para estabelecer uma singularidade argentina com referência ao resto dos países hispano-americanos”. Neste sentido, os membros da *Geração de 1837* perceberam a inexistência de um princípio de nacionalidade que desse suporte para a nação independente. Essa nacionalidade almejada tinha como elemento distintivo somente a sua natureza americana. O *nós* que propagavam, era um nós americano e não especificamente argentino.⁵⁸⁷

Mas Sarmiento identificou esse sentimento de nacionalidade para o Brasil. Segundo o sanjuanino, o correspondente brasileiro, “possuído do seu nacionalismo” e “desprendido dos interesses americanos, pretende negar verdades que ressaltam no momento de lançar os olhos sobre o mapa do Brasil, sobre seu povo e seu governo.”⁵⁸⁸ Sarmiento criticou o interlocutor afirmando que ele lançou “um olhar mal encoberto de desdém” às repúblicas sul-americanas.⁵⁸⁹ Citou o trecho no qual o interlocutor teria se referido aos demais países sul-americanos nos seguintes termos:

Se o Brasil, disse (o correspondente brasileiro), fosse uma massa disforme, ou uma porção de habitantes sem ordem, nem método (não dissemos tanto), que é como o pinta exageradamente por meio da expressão de ser o maior embrião de nação, em meio a circunstâncias que se disse o favorecem com preferência a outros Estados sul-americanos, que seriam estes então?⁵⁹⁰

⁵⁸⁶ *Idem*. “Este modo de ver las cosas es puramente americano; se refiere al orden y bienestar general de nuestro continente, y no envuelve ninguna mira pequeña, ningún deseo hostile al Brasil, ni una envidia pueril de su vasto territorio y de su población”.

⁵⁸⁷ CHIARAMONTE, *Cidades...*, *op. cit.*, p. 258.

⁵⁸⁸ SARMIENTO, *Ojeada...*, *op. cit.*, p. 51. “Poseído de su nacionalismo”; “desprendido de los intereses americanos, pretende negar verdades que resaltan al momento de echar los ojos sobre el mapa del Brasil, sobre su pueblo y su gobierno.”

⁵⁸⁹ *Idem*. “Una mirada mal encubierta de desdén”.

⁵⁹⁰ *Idem*. “Si el Brasil, dice, fuera una masa informe, o una porción de habitantes sin orden, ni método (no hemos dicho tanto), que es como se le pinta exageradamente en la expresión de ser el mayor embrión de nación, en medio de las circunstancias que se dice le favorecen con preferencia a los otros Estados sudamericanos, ¿qué serían estos entonces?”

Se a carta do brasileiro realmente existiu, a provocação certamente causou animosidade em um autor cuja marca registrada se consolidava em narrativas pontuadas pela ironia e pela impetuosidade. Sarmiento foi ácido em sua resposta, o que possibilita perceber a mudança de tom em relação ao artigo anterior. “Que seriam? O que são povos embriões, mas menos embriões que o Brasil; menores, porém, mais homogêneos. Mais revolucionados alguns deles, e em estado de maior elaboração, mas sobre um molde já existente, e de acordo com a época”⁵⁹¹. Seu argumento para o Sr. Noticioso foi bem claro. O Brasil estava fora de sintonia histórica, atrasado em relação às demais repúblicas latino-americanas que já haviam galgado algumas etapas ainda não percorridas pelo vizinho, que já haviam passado por convulsões, descartado a monarquia e a escravidão, que estavam se reordenando, em “elaboração” rumo à civilização.

O Peru e a República Argentina seriam os estados a apresentar “um aspecto mais melancólico”, mas ainda assim estariam mais próximos de uma sólida paz “porque cem anarquistas e um tirano perecem mais rápido que uma dinastia e que umas instituições monárquicas”. Apesar dos problemas enfrentados em sua terra natal, o conflito com Rosas e outros caudilhos, em meio a uma pátria sem constituição formal, seria uma etapa mais adiantada em relação à monarquia, pois “o Rio Grande, e demais Estados que sairão algum dia do seio do Brasil, entretanto, ainda não deram o primeiro passo”. Sobretudo porque estes estados de língua espanhola já teriam, de acordo com o autor, iniciado sua “carreira perigosa de governarem-se a si mesmos”, enquanto o Brasil ainda era governado pela casa de Bragança.⁵⁹²

Neste ritmo, Sarmiento elaborou suas justificativas deixando o leitor com uma sensação de que, mesmo em meio aos conflitos e convulsões, as repúblicas se mostravam opções mais adequadas de governo que a monarquia, até porque uma delas estava fadada ao desaparecimento em benefício da outra. Neste sentido, os conflitos, tanto das repúblicas como da monarquia, poderiam ser inseridos em uma perspectiva positiva, já que prenunciavam novos tempos.

Na sequência, Sarmiento questionou: “Há acaso algum motivo para crer que serão eles mais felizes que as repúblicas hispano-americanas?” Sua conclusão foi, novamente, fatal e

⁵⁹¹ *Idem*. “¿Qué serían? Lo que son, pueblos embriones, pero menos embriones que el Brasil; más pequeños, pero más homogêneos. Más revolucionados algunos de ellos, y en estado de más elaboración, pero sobre un molde ya existente, y acorde con la época”.

⁵⁹² *Ibid.*, p. 51-52. “Un aspecto más melancólico”; “porque cien anarquistas y un tirano, perecen más pronto que una dinastía y que unas instituciones monárquicas”, “el Río Grande, y demás Estados que saldrán algún día del seno del Brasil, todavía no han dado ni el primer paso”; “Carrera peligrosa de gobernarse a si mismos”,

definitiva: os países sul-americanos, com exceção do Brasil, “são repúblicas por ser, e não impérios a serem destruídos”.⁵⁹³ Ou seja, as repúblicas americanas de língua espanhola já constituíam o germe da civilização, enquanto no Brasil, antes do reordenamento, deveria ocorrer o processo de destruição de suas instituições, a divisão do seu território e o nivelamento educacional do seu povo. A salvação estaria no futuro, para ambos, mas o império teria que caminhar um pouco mais para chegar lá. A temática da heterogeneidade foi retomada. O Brasil havia perdido o trem da história, estava atrasado em relação às repúblicas da América do Sul. Novamente a fatalidade histórica vinha à tona.

Na ânsia de se contrapor, o autor afirmou que o texto contestado foi escrito sobre bases diametralmente contrárias as suas ideias, pois a unidade do Império do Brasil e a conservação de suas instituições não representavam um feito final e não existia garantia quanto a sua preservação. Como exemplo, se referiu à “luta aberta em que se conserva ainda o Rio Grande depois de sete anos de esforços por parte do governo para apaziguá-los, e evitar que se desprendam para sempre do império”.

Sua conclusão foi de que tal situação “não é por certo um feito para inspirar nossa confiança na integridade futura do Brasil”. Outro argumento foi a utilização da Europa como ponto de comparação. De acordo com o autor, neste continente as monarquias, antiquíssimas e apoiadas em mil tradições e no auxílio mútuo, a cada dia perdiam mais terreno na opinião pública. Tal comparação o levou à seguinte conclusão: “Como não duvidaremos da duração de um império novo, por todas as partes rodeado de repúblicas, e com um menino de dezessete anos a sua cabeça?”.⁵⁹⁴ Não somente a ausência de tradição ou sua antiguidade eram elementos consideráveis, mas a influência do entorno e a pouca idade do monarca.

Enfatizou ainda o sanjuanino que a forma com a qual se posicionou no artigo anterior não estava relacionada a idealizar um futuro infeliz para “povos que podemos chamar vizinhos” e que “por mil circunstâncias nos interessam”. Tal postura estava direcionada, conforme justificou, a uma atitude de franqueza consigo mesmo e com a possibilidade de tirar proveito da história das nações, revelar os perigos e males que as ameaçavam para lhes oferecer possíveis remédios. Em um tom otimista, enfatizou: “E é, enfim, ter fé na liberdade,

⁵⁹³ *Idem*; “Hay acaso algún motivo para creer que serán ellos más felices que las repúblicas hispanoamericanas?”; “Son repúblicas por ser, y no imperios por destruir”.

⁵⁹⁴ *Ibid.*, p. 52. “La lucha abierta en que se conserva todavía el Rio Grande después de siete años de esfuerzos por parte del gobierno para apaciguarlo, y evitar que se desprenda para siempre del imperio”; “no es por cierto un hecho como para inspirar nuestra confianza sobre la integridad futura del Brasil”; “En la Europa cada día van perdiendo más terreno en la opinión pública monarquías antiquísimas, apoyadas en mil tradiciones y en el auxilio mutuo que se prestan”; “¿Cómo no hemos de dudar sobre la duración de un imperio nuevo, por todas partes rodeado de repúblicas, y con un niño de diecisiete años a su cabeza?”

e vislumbrar uma época melhor que a presente”⁵⁹⁵. Finalizou o artigo dizendo não pretender entrar em uma polêmica sobre o assunto e que nem se empenhou tanto em sustentar as informações anteriormente veiculadas, as quais repetiu:

Os distúrbios contínuos que agitam o país, e que não podem ser, como disse nosso correspondente, obra de uns poucos descontentes, confirmam nosso alarme, e nos fazem desejar, agora mais que nunca, sabedoria no atual governo e menos precipitação do povo brasileiro.⁵⁹⁶

Os dois artigos indicados contradizem a ideia de que o Brasil não interessava ou não importava para os letrados americanos de língua espanhola ou de que era desconhecido. Por mais que este interesse não fosse compartilhado por todos, alguns escritores, a exemplo de Sarmiento, não só deram importância a tal debate, como evidenciaram conhecer alguns pormenores sobre as tensões que assolavam o Império brasileiro. Sarmiento não somente demonstrou interesse pela história do país vizinho, mas, sobretudo, procurou interpretar determinados processos históricos.

De forma otimista, Sarmiento previu a salvação em um futuro, mais próximo para as repúblicas de língua espanhola e um pouco mais distante para o país de língua portuguesa. Esse tipo de utopia produzido pelas filosofias da história, de acordo com Reis, “é fruto da fantasia imaginativa, da análise do presente, da crítica da ordem estabelecida, da defesa de valores racionais e da esperança de que a história e seus horrores serão superados”.⁵⁹⁷ A Confederação Argentina era o modelo do qual partia o autor, era o palco dos horrores vivenciados pelos seus compatriotas, muitos dos quais se encontravam proscritos. A república, como sistema de governo, representava seu horizonte de expectativas, não somente para sua pátria, mas para os vizinhos americanos também.

Sarmiento fez questão de demonstrar que a compreensão que o Sr. Noticioso teve em relação a sua reflexão o ofendia e se empenhou em explicar seu ponto de vista, em enfatizar que tal olhar não caracterizava uma reprovação ao império brasileiro, mas uma análise cujo objetivo era contextualizar a situação de um dos países americanos para os próprios americanos. Pesou em sua análise o anacronismo atribuído ao país de língua portuguesa, que há pouco havia renovado a orientação monárquica enquanto a América de língua espanhola

⁵⁹⁵ *Ibid.*, p. 52. “Pueblos que podemos llamar vecinos”; “por mil circunstancias nos interesan”; “y es, en fin, tener fe en la libertad, y divisar una época mejor que la presente”.

⁵⁹⁶ *Idem.* “Los disturbios continuos que agitan al país, y que no pueden ser, como dice nuestro corresponsal, obra de unos pocos descontentos, confirman nuestras alarmas, y nos hacen desear, ahora más que nunca, sabiduría en el actual gobierno y menos precipitación en el pueblo brasileiro.”

⁵⁹⁷ REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papirus, 1994. p. 158.

buscava encontrar os caminhos para organizar o país após os processos de independência. Também é possível observar a existência de ressentimentos quando da comparação entre o Brasil e a América de língua espanhola no que concerne à fragmentação. Se os antigos vice-reinados sofreram tal processo na visão de Sarmiento, o Brasil certamente os sofreria, já que não existia uma hierarquia que tornasse o Brasil superior ou que o guardasse do advento da modernidade, sentida a partir do esfacelamento territorial, político e social.

Ao enfatizar que somente os brasileiros ilustrados entenderiam seu ponto de vista, o sanjuanino buscava a legitimação do seu discurso a partir de um filtro iluminista que estabelecia os parâmetros ideais da caminhada rumo ao progresso dos povos americanos. Tal progresso, em sua visão, só poderia se concretizar mediante um processo educativo amplo. Se a França era o modelo, a revolução representava um passo em direção à civilização.

3.2. *Las maravillas tropicales*: a viagem de 1846

Em 1846, aos 34 anos de idade, Sarmiento deu início a sua primeira viagem para a Europa e para os Estados Unidos. Antes de se distanciar do continente americano, permaneceu por dois meses no Rio de Janeiro. Dessa viagem, resultaram algumas correspondências. Aqui destacarei, principalmente, a carta enviada a Miguel Piñero, por ter sido esta que o sanjuanino selecionou para compor a obra *Viajes* e também por ser a mais longa e detalhada. Durante o período em que esteve no Rio de Janeiro, Sarmiento também enviou cartas para Bartolomé Mitre, Esteban Echeverría, Juan María Gutiérrez e Manuel Montt. Com exceção de Manuel Montt, os demais interlocutores eram argentinos exilados.

A narrativa enviada a Piñero sobre o Rio de Janeiro caracteriza-se por uma longa descrição da experiência do autor na cidade. Aparentemente não existe uma sequência ordenada e vários assuntos muitas vezes se mesclam no mesmo parágrafo. Natureza, raça, progresso, governo imperial, Rugendas, plantas, enfim, parece que Sarmiento escrevia a partir da observação cotidiana, ou talvez de acordo com o que se lembrava posteriormente. A carta consiste em uma narrativa contínua, na qual o autor tratou sobre diferentes aspectos da cultura carioca. Embora o autor tenha enfatizado a despreocupação do viajante ao anotar suas “observaciones, reminiscencias, impresiones e incidentes”, é possível perceber uma intenção relacionada a determinadas matrizes filosóficas e à visão de mundo de um indivíduo que vivia em um momento de mudanças. Para uma análise mais detalhada, optei por uma divisão, de acordo com os temas tratados por Sarmiento.

Assim como os romances estudados por Said em *Cultura e Imperialismo*, as narrativas de viajantes que percorreram as terras americanas ao longo do oitocentos podem ser compreendidas como responsáveis pela criação de imagens, símbolos e ideias sobre o território descrito (e que revelam muito sobre aquele que está construindo a narrativa). A natureza esteve entre um dos principais elementos que compunham tais narrativas desde o período do descobrimento da América. Ora utilizada para detratar, ora para enaltecer, o discurso sobre a exuberância, o caráter edênico, a debilidade da natureza americana foram questões abordadas com ênfase ao longo dos séculos.

Neste sentido, o ainda “Novo Mundo” era um lugar privilegiado para tais incursões. Além das populações indígenas, exóticas aos olhos europeus e aos de muitos cidadãos americanos, a América guardava uma natureza ainda considerada selvagem, pura, pouco conhecida e pouco explorada, embora sobre ela já existisse, desde o final do século XV, uma grande variedade de teses e debates que versavam sobre a sua posição diante do Velho Mundo.⁵⁹⁸ A partir de elementos desse imaginário de longa duração, muitos escritores do XIX atribuíram grande importância à natureza americana como um elemento identitário de sua cultura, mesmo que isso significasse refletir sobre uma parcela bastante urbanizada do Rio de Janeiro, que foi o local onde Sarmiento permaneceu durante dois meses de 1846.

Conforme Maria Ligia Coelho Prado, artistas românticos do oitocentos atribuíram à natureza qualidades e defeitos semelhantes aos dos seres humanos e nela projetaram sentimentos, anotando suas sensações de admiração e temor.⁵⁹⁹ Diversos pensadores latino-americanos compartilharam dessa noção de natureza, ao mesmo tempo em que refletiram sobre a América e sua região de origem, relacionando aspectos sociais, culturais e políticos à grandiosidade e exuberância ou às dificuldades que uma natureza considerada bruta e, muitas vezes, ainda inacabada conferia à sociedade.

A natureza foi o elemento privilegiado na narrativa de Sarmiento sobre o Rio de Janeiro. Maria Elisa Mäeder sublinhou a importância dessa temática na elaboração de uma ideia de nação para o autor, presente principalmente no texto *Facundo*, no qual ele expressou tal reflexão por meio de significados atribuídos a representações dicotômicas, sobretudo por meio da antinomia pampa/cidade, mas pensando a Confederação Argentina.⁶⁰⁰ Na narrativa

⁵⁹⁸ Conforme nos mostra GERBI, Antonello. **O novo mundo: história de uma polêmica (1750-1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁵⁹⁹ PRADO, Maria Ligia Coelho. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp, 2004. p. 179.

⁶⁰⁰ Sarmiento dialogou com viajantes, cientistas e naturalistas. A natureza, nesta obra, aparece ora de forma positiva, quando a paisagem é descrita como capaz de reservar um grande destino à nação argentina e como um

de *Viajes* referente ao Brasil, a natureza também aparece como representação espacial. Neste sentido, é importante indagar quais foram as imagens relacionadas a esta representação para esta parte da América. Prevaleceu uma visão dicotômica ou o viajante teve outro tipo de percepção? Quais foram os significados atribuídos à natureza brasileira?

Sarmiento iniciou sua descrição reclamando do calor excessivo da capital do Império já às seis horas da manhã, momento no qual despertou para escrever ao seu amigo sobre sua experiência em uma das maiores cidades dos trópicos do século XIX. Explicou a Miguel Piñero que se encontrava nesta cidade há 20 dias e o sol e o calor excessivo o faziam permanecer imóvel, prostrado, letárgico. Em seguida, a referência ao trópico foi requisitada:

Sob os trópicos a natureza vive em orgia perene. A vida surge por todas as partes, menos no homem que se intimida e desconcerta, talvez para manter um equilíbrio desconhecido entre as forças de produção. O homem nascido nestas latitudes resiste a sua ação instantânea; porém, com o tempo, se vê em seus filhos, em seus hábitos, debilitar-se e perder a energia original da raça.⁶⁰¹

Adriana Amante confere grande importância para o ato de prostração de Sarmiento ocasionado pelo calor excessivo.⁶⁰² Sobre essa questão, embora existisse um imaginário a partir do qual essa ideia era corrente (ou exatamente por isso), é preciso lembrar que o ato da escrita é intencional. A ênfase nas dificuldades em lidar com o calor, na debilidade que transforma a energia original da raça, são elementos de um discurso bastante antigo difundido sobre a América. Esse discurso era conhecido por Sarmiento e foi utilizado de forma eficaz, a ponto de Amante entender sua dificuldade em lidar com o calor como experimentações de um viajante que descobre os segredos do local que percorre, de forma surpresa e inesperada (como se no Chile ou na Confederação Argentina não existissem dias muito quentes).

A referência à natureza aparecia unida, constantemente, a comentários sobre a questão racial. Nesta citação, o clima foi requisitado como uma explicação para a debilidade do corpo humano. Embora incomodado com a temperatura, Sarmiento reconheceu na natureza do Rio de Janeiro algo de sublime, pois ao mesmo tempo em que o calor paralisava os movimentos, o sol, “astro matador”, “artífice supremo”, encantava por fazer parte das “maravilhas tropicais”,

elemento de unidade que justificaria sua organização político-administrativa unitária, mas também de forma negativa, quando a grandeza do território é associada à dispersão do povoamento e aos espaços vazios. MÄDER, *Civilização...*, *op. cit.*, p. 91-110.

⁶⁰¹ SARMIENTO, *Viajes...*, *op. cit.*, p. 57. “Bajo los trópicos la naturaleza vive en orgía perenne. La vida bulle por todas partes, menos en el hombre que se apoca i anonada, acaso para guardar un equilibrio desconocido entre las fuerzas de producción. El hombre nacido en estas latitudes, resiste a su acción instantánea; pero a la larga, vésele en sus hijos, en sus hábitos, debilitarse i perder la energía original de la raza.”

⁶⁰² AMANTE, *Poéticas...*, *op. cit.*, p. 27.

ideia fundamental no início do século XIX.⁶⁰³ “Passeio atônito pelos arredores do Rio de Janeiro, e a cada detalhe do espetáculo sinto que minhas faculdades de sentir não alcançam a abarcar tantas maravilhas”, comentou.⁶⁰⁴

Neste contexto, além da valorização da razão e do conhecimento ilustrado, o narrador *civilizado* aos moldes europeus deveria adquirir uma determinada sensibilidade que o tornasse capaz de descrever as características identitárias de cada local. Criou-se uma valorização da experiência de viagens e da produção de narrativas descrevendo essas experiências. A sensibilidade deveria torná-lo apto a perceber costumes exóticos e a indicar aspectos da natureza exuberante por meio de narrativas de ficção ou por meio de textos e imagens apontados como científicos.

Na correspondência encaminhada a Piñero, após comentar sobre a presença escrava na cidade, Sarmiento narrou os detalhes que observou ao percorrê-la. Na narrativa, adotou o tom do encontro com o *maravilhoso*, como se ainda fosse o mesmo maravilhoso encontrado por Colombo e Cabral quando da chegada à América, vinculado ao mar, ao sol, à mata, enfim, à paisagem de modo geral. Na carta, descreveu o Pão de Açúcar, cartão postal do Rio de Janeiro até os dias atuais, a Baía de Guanabara e a Serra dos Órgãos.

Sarmiento descreveu também as “sensações de prazer, o inefável deleite, a excitação de entusiasmo, quase delirante” que lhe causava a natureza “de gala, sempre brilhante e carregada de perfumes e de flores”, apesar da “fadiga que o calor causa”.⁶⁰⁵ A opção por iniciar descrevendo a natureza americana da América portuguesa não pode ser considerada um ato ocasional, mas sim intencional.

Escreveu ainda sobre os pés de cafés, as mangueiras, os coqueiros, as laranjeiras. Observou que algumas dessas plantas estavam emaranhadas, parecendo “verdadeiras selvas primitivas”, outras pareciam “oásis floridos”. Descreveu o morro do Corcovado, enfatizando sua forma imperiosa e considerou bela a paisagem circundante. Tal descrição foi apresentada em detalhes:

Botafoogo tem uma baía à parte, que semeia um lago tranquilo quase encerrado por promontórios coroados de palmeiras, e a suas costas se levanta o Corcovado, imenso fragmento de granito que avança de uma maneira ameaçadora sobre a linha perpendicular, como se o núcleo da montanha houvesse desejado tirar a cabeça, em meio às convulsões da agonia, a

⁶⁰³ As expressões citadas estão em SARMIENTO, *Viajes...*, *op. cit.*, p. 58.

⁶⁰⁴ *Ibid.*, p. 60. “Paseome atónito por los alrededores de Rio Janeiro, i a cada detalle del espectáculo siento que mis facultades de sentir no alcanzan a abarcar tantas maravillas.”

⁶⁰⁵ *Ibid.*, p. 61. “Sensaciones de placer, el inefable deleite, la escitacion de entusiasmo, casi delirante”; “de gala, siempre brillante i recargada de perfumes i de flores”; “fatiga que el calor causa”.

respirar o ar livre, sufocado pelas massas de vegetação, ervas, arbustos, árvores, trepadeiras, amontoadas, superpostas, intrincadas e impenetráveis que a cobrem desde a base até os quatro quintos de sua elevação total. A paisagem que desde o cume do Corcovado se descobre é estupenda. Ao oriente a imensa baía com seus barcos e suas ilhas, até a base da cidade e seus arredores, e os morros olhados com olhos de pássaro e nivelando-se aparentemente com o solo como oásis floridos. Nas costas até o ocidente e o norte um mar verde cujas ondas formam uma série de montanhas que se perde no horizonte, e que servem de guarita inabordável aos negros quilombolas.⁶⁰⁶

Sarmiento sentiu um interesse especial pelo jardim do Imperador, “onde se aclimatam as plantas úteis de todos os climas”⁶⁰⁷ e sentiu prazer em ser acompanhado por um naturalista alemão, que forneceu detalhes sobre flores e plantas.

Da mesma forma, se interessou pelo Jardim Botânico. As correspondências escritas por Sarmiento até essa data, de 1846, demonstravam um grande interesse do autor pela descoberta de produtos que pudessem auxiliar o desenvolvimento e o progresso do seu país. O empenho em descobrir as formas de criação do bicho-da-seda, assunto sobre o qual sempre tratava com seu primo Domingo Soriano, constitui um exemplo. No Brasil, Sarmiento destacou a importância de uma “multiplicidade de árvores e plantas produtivas ou aplicáveis à indústria, de todos os países tropicais do mundo.”⁶⁰⁸

É possível ter ideia da importância atribuída por Sarmiento ao Jardim Botânico a partir de um comentário que fez sobre um deputado que teria “denunciado este jardim como um luxo inútil que absorvia as rendas do Estado”.⁶⁰⁹ Ele escreveu não saber se o deputado tinha razão ou não, mas enfatizou que o jardim “é efetivamente um belíssimo estabelecimento, sustentado com assiduidade extrema, e enriquecido com um tanto de vegetal produtivo que há nos países tropicais e cujas sementes e plantas se distribuem gratuitamente aos fazendeiros

⁶⁰⁶ *Ibid.*, p. 61-62. “Botafogo tiene una bahia aparte, que semeja un lago tranquilo casi encerrado por promontorios coronados de palmeros, i a su espalda se levanta el Corcobado, inmenso fragmento de granito que se avanza de una manera amenazante sobre la línea perpendicular, como si el núcleo de la montaña hubiese querido sacar la cabeza, en medio de las convulsiones de la agonía, a respirar el aire libre, sufocado por las masas de vejetacion, yerbas, arbustos, árboles, enredaderas, amontonadas, superpuestas, intrincadas e impenetrables que la cubren desde la base hasta los cuatro quintos de su elevacion total. El paisaje que desde la cumbre del Corcobado se descubre es estupendo. Al oriente la inmensa Bahia con sus buques i sus islas, hácia la base la ciudad i sus alrededores, i los morros mirados a vista de pájaro i nivelándose aparentemente con el suelo como oasis floridos. A la espalda hacia el occidente i el norte un mar de verdura, cuyas olas las forman una serie de montañas que se pierde en el horizonte, i que sirven de guarida inabordable a los negros cimarrones.”

⁶⁰⁷ *Ibid.*, p. 63. “Donde se aclimatan las plantas útiles de todos los climas”.

⁶⁰⁸ *Idem.* “I multitud de árboles i plantas productivas o aplicables a la industria, de todos los paises tropicales del mundo.”

⁶⁰⁹ *Idem.* “Un diputado había denunciado este jardín como un lujo inútil que absorvia las rentas del Estado.”

que as solicitam.”⁶¹⁰ E afirmou ainda que naquela ocasião completavam cinquenta anos que se havia introduzido a primeira semente de café no Rio de Janeiro e naquele momento já passavam de 800.000 sacos enviados aos mercados do mundo. Sua conclusão foi a de que

O açúcar e os diamantes cederão seu lugar ao café como produção principal, quatrocentas mil almas formam a província do Rio de Janeiro que exporta café; a capital se encheu de riquezas, de edifícios e de população, a baía está sempre em movimento provendo café as centenas de embarcações que o demandam, e o café é enfim o Anjo Salvador do Brasil cujos açúcares perdem dia após dia seu valor em todos os mercados.⁶¹¹

A partir da década de 1830, o café se tornou o maior produto de exportação do Brasil e o Rio de Janeiro seu maior produtor. A centralização política foi favorecida por tal fator. Sarmiento observou esse ponto como positivo. Para ele, a criação e a manutenção de novas indústrias constituíam um desafio aos governos americanos, uma vez que prevaleciam entre a população a incúria e a preguiça, “a facilidade de viver como queira e com qualquer coisa.”⁶¹² Neste sentido, Sarmiento se questionou sobre o quanto o Jardim Botânico pode ter contribuído para o estímulo desta população. Embora compartilhando de um imaginário comum referente à natureza americana, Sarmiento pôde identificar alguns elementos que considerava favoráveis ao desenvolvimento econômico da América Latina. Essa questão vai de encontro à afirmação de Ricardo Cicerchia, segundo o qual o viajante-narrador produz sentido informado tanto por aspectos ideológicos como também por uma experiência aberta a novas fronteiras culturais.⁶¹³

Na missiva a Miguel Piñero, Sarmiento descreveu também o centro da cidade, os bairros populosos e os aristocráticos, os morros ao redor dos bairros. Escreveu sobre a composição de cores da vegetação, das baías, dos barcos, das ilhotas, das ruas mais largas e das mais estreitas, sem muitos veículos, “para o movimento das mercadorias que trazem os negros no ombro”.⁶¹⁴

⁶¹⁰ *Idem*. “Es efectivamente un bellissimo establecimiento, sostenido con asiduidad extrema, i enriquecido con cuanto vegetal productivo hay en los paises tropicales i cuyas semillas i plantas se distribuyen gratis a los hacendados que las solicitan.”

⁶¹¹ *Ibid.*, p. 63-64. “La azúcar i los diamantes han cedido su lugar al café como produccion principal, cuatrocientas mil almas forman la provincia de Rio Janeiro que explota el café; la capital se ha llenado de riquezas, de edificios i de poblacion, la Bahia está siempre en movimiento proveyendo café a los centenares de buques que lo demandan, i el café es en fin el Anjel Salvador del Brasil cuyos azúcares pierden de día en día su valor en todos los mercados.”

⁶¹² *Ibid.*, p. 64. “La facilidad de vivir como quiera, i con cualquier cosa.”

⁶¹³ CICERCHIA, *Jornay...*, *op. cit.*, p. 668.

⁶¹⁴ SARMIENTO, *Viajes...*, *op. cit.*, p. 62, “para el movimiento de las mercaderías que hacen los negros a hombro”.

Comentou ainda sobre os tipos de pedras usados nas ruas e comparou com o calçamento do Chile. “O empedrado se compõe de fragmentos de granito ajustados entre si com areia e cascalho, o que lhe dá uma tolerável igualdade e duração que não se pode obter no Chile com os empedrados de seixo”.⁶¹⁵ Essa foi a primeira confrontação que Sarmiento realizou entre diferentes países nesta carta e a referência não foi à Confederação Argentina ou San Juan, mas o Chile.

A comparação prosseguiu e Sarmiento afirmou que, “entre as vantagens com que a natureza contemplou o Rio de Janeiro, conta a inapreciável da mais rica espécie de granito azul” e “parece que mostra perceptível no material dos edifícios na América, dos progressos da civilização ou da proximidade da Europa”⁶¹⁶. Ele deixou em suspenso a dúvida quanto aos materiais utilizados para as construções. São materiais que vieram da Europa ou foi a inventividade local, signo do progresso civilizacional? Embora o tema pareça simples, pois se trata de pedras usadas para construção no Brasil, torna-se significativo à medida que o sanjuanino inseriu o seu modelo de civilização ideal como parâmetro de confrontação.

A descrição sobre a cidade passou a ser o ponto de partida para analisar os materiais de construção de diferentes núcleos urbanos da América do Sul. Observou que no Chile, desde o “mas rico proprietário” até o “infeliz lavrador”, as construções são realizadas com barro, adobe e reboque de terra molhada. Comparou os materiais de construção deste país com Montevidéu, dizendo que nesta cidade foram utilizados ladrilho e cal, o que culminou em “uma aparência elegante e elevada.”⁶¹⁷

Sarmiento identificou bairros aristocráticos como sendo o Catete e o Botafogo e afirmou que eram “verdadeiros *Saint-Germain* da nobreza estrangeira, da diplomacia, da finança e tudo o que pode aspirar a folga repousada que exige um clima abrasador”. Enfatizou que “este *Saint-Germain* brasileiro conserva todo o tipo do país”, fazendo referência às árvores e plantas próprias da região. Conforme explicou Amante, a comparação foi utilizada para decodificar a paisagem observada, trazendo à tona elementos do modelo de civilização parisiense, que o sanjuanino não conhecia pessoalmente.⁶¹⁸ Descreveu uma mansão inglesa do local “circundada de jardins, coberta com uma capa de trepadeiras que apenas o deixa dar

⁶¹⁵ SARMIENTO, *Viajes...*, *op. cit.*, p. 62. “el empedrado se compone de fragmentos de granito ajustados entre si con arena e cascajo, lo que le da una tolerable igualdad i la duración que no puede obtenerse en Chile con los empedrados de guijarro.”

⁶¹⁶ *Ibid.*, p. 63 e 62, respectivamente, “entre las ventajas con que la naturaleza se ha complacido en dotar o Rio de Janeiro, cuenta la inapreciable de la más rica especie de granito azul”; “parece que hubiera una muestra perceptible en el material de los edificios en América, de los progresos de la civilización o de la proximidad de la Europa.”

⁶¹⁷ *Ibid.*, p. 63. “Una apariencia elegante i elevada”.

⁶¹⁸ AMANTE, *Poéticas...*, *op. cit.*, p. 28.

com a porta, abrigada sob a sombra de árvores estranhas em formas e frutos que o país produz”.⁶¹⁹

Ao identificar diferentes espaços, ocupados por grupos socialmente diversos, o autor da carta demonstrou a preocupação com a compreensão do espaço. É necessário indicar a importância conferida pelos pensadores desse período à relação entre conhecimento e espaço, pois as nações serão identificadas a certas paisagens naturais. Said, em *Orientalismo*, denomina de geografia imaginativa a relação entre espaço e conhecimento. De acordo com este autor, “é possível que a vários objetos ou lugares ou épocas sejam atribuídos papéis e significados dados que adquirem validade objetiva só depois que essas atribuições acontecem.”⁶²⁰ O espaço, portanto, adquiriu um sentido emocional, pois fez o calor, as montanhas, as plantas, os coqueiros, enfim, todos esses elementos da narrativa, serem convertidos em significado para nós:

Em outras palavras, essa prática universal de designar na própria mente um espaço familiar que é “nosso” e um espaço desconhecido além do “nosso” como “deles” é um modo de fazer distinções geográficas que *pode ser* inteiramente arbitrário. Uso a palavra *arbitrário* porque a geografia imaginativa do tipo “nossa terra-terra bárbara” não requer que os bárbaros reconheçam a distinção. Para “nós”, basta estabelecer essas fronteiras em nossa mente; conseqüentemente, “eles” ficam sendo “eles”, e tanto o território como a mentalidade deles são declarados diferentes dos “nossos”.⁶²¹

Sarmiento comentou sobre as praças, as fontes, os edifícios, as obras públicas, os meios de locomoção, o porto e seus navios. Admirou o vaivém de embarcações comerciais e afirmou que “o Brasil em locomoção aquática sai já do rol dos povos sul-americanos que tão nécia incapacidade têm mostrado até aqui em tudo o que tem relação com viabilidade.”⁶²² Conclui, quanto a este assunto, que o “Rio de Janeiro, na navegação universal, ocupa o mesmo posto que Bizâncio ou Constantinopla na antiga esfera de navegação dentro do Mediterrâneo”.⁶²³

⁶¹⁹ SARMIENTO, *Viajes...*, *op. cit.*, p. 61-62. “Verdaderos Saint-Germain de la nobleza extranjera, de la diplomacia, la finanza, i todo lo que puede aspirar a la holganza reposada que exige um clima abrasador.”; “este Saint-Germain brasileiro conserva todo el tipo del país”; “circundada de jardines, cubierta con una capa de enredaderas que apenas os deja dar con la puerta, abrigada bajo la sombra de los árboles estraños en formas i frutos que el país produce”.

⁶²⁰ SAID, *Orientalismo...*, *op. cit.*, p. 64.

⁶²¹ *Idem*. Grifos do autor.

⁶²² SARMIENTO, *Viajes...*, *op. cit.*, p. 65. “El Brasil en locomoción acuática sale ya del rol de los pueblos Sud-Americanos, que tan supina incapacidad han mostrado hasta aquí en todo lo que tiene relación con la viabilidad.”

⁶²³ *Idem*. “Rio Janeiro, en la navegación universal, ocupa el mismo puesto que Bizancio o Constantinopla en la antigua esfera de navegación dentro del Mediterráneo.”

Informou ainda que à medida que as províncias se distanciavam da costa, a natureza adquiria um aspecto primitivo, com caminhos vulneráveis às chuvas. Citou o exemplo de Minas Gerais, local onde se realizava agricultura, mas onde as propriedades não eram demarcadas, o que obrigava os trabalhadores a constante transferência de local buscando espaços livres na mata do trópico.

Escreveu ainda que entre as populações de campanha, distantes do Rio de Janeiro, existiam assassinos profissionais, existia o *gaucho* em São Paulo e São Pedro, com sua energia, destreza, mas também negligência. “A decomposição enfim se efetua nos extremos como no resto da América, se bem que compensa a vida que principia na capital.”⁶²⁴

Nem o carnaval passou despercebido, não pelo interesse em descrever a festividade, mas pelo receio de ser alvo dos foliões. Sarmiento comentou que, no primeiro dia da festa, fugiu ao lado de Rugendas, para escaparem “da granizada de balõesinhos de cera cheios de água de cheiro que de todas as janelas saltam, empapam e assustam ao indefeso transeunte.”⁶²⁵

Na narrativa do sanjuanino, a natureza foi valorizada em detrimento das pessoas. Ela é descrita como uma tela “des-historicizada”, pois indiferente à presença humana. A sociedade circundante não apareceu como parte integrante da paisagem, mas somente como pano de fundo, a não ser quando Sarmiento se referiu aos escravos. Em sua descrição, ele teria sido despertado pelo canto dos escravos um dia e, ao olhar pela janela, contemplou a escravatura “em toda sua deformidade”.⁶²⁶ Sarmiento visualizou negros carregadores que faziam seu trabalho cantando “para animarem-se com o compasso de sua voz: ao ouvi-la em coro com a dos que a precedem e os seguem se sentem homens ainda, e preveem que existe um fim próximo para sua fadiga [...] e um fim distante, a morte que cura todas as dores.”⁶²⁷

O parecer negativo sobre a escravidão foi relacionado aos povos ibéricos, criticados por Sarmiento quanto ao grau de civilização que possuíam. “A raça negra é a única hoje escravizada pelos últimos na escala dos povos civilizados, os portugueses e os espanhóis.”⁶²⁸ Para Sarmiento, a escravidão era sinônimo de que ainda não se havia alcançado determinado

⁶²⁴ *Idem*. “La descomposición en fin se efectua en los extremos como en el resto de la América, si bien la compensan la vida que principia en la capital.”

⁶²⁵ *Ibid.*, p. 63. “De la granizada de globillos de cera llenos de agua de olor con que de todas las ventanas asaltan, empapan i aturden al indefenso transeunte.”

⁶²⁶ *Ibid.*, p. 58. “En toda su deformidad.”

⁶²⁷ *Idem*. “Para animarse con el compas de su voz: al oiria en coro con la de los que le preceden i le siguen se siente hombre todavia, i prevee que hai un término próximo a su fatiga, [...] i un fin lejano, la muerte que cura todos los dolores.”

⁶²⁸ *Idem*. “La raza negra queda hoi tan solo esclavizada por los últimos en la escala de los pueblos civilizados, los portugueses i los españoles”.

grau civilizatório. “A escravidão é como as fraldas da indústria”. Para ele, à medida que o ser humano avançou em termos tecnológicos, substituiu a exploração de homens pela força do vapor. Ele concluiu que a escravidão estava relacionada à ausência de um poder adequado, forte, presente. “Há escravos onde não existem poderes dinâmicos, onde o indivíduo se reconhece débil em presença das resistências físicas, eles existem no Brasil, em Cuba, na extremidade sul dos Estados Unidos.”⁶²⁹

Mas o preço civilizacional pago pelo uso da força humana escrava era visível no Brasil, de acordo com o autor:

Mas bem caro pagam essa injustiça! A raça branca no Rio de Janeiro está castigada com enfermidades africanas, que participam do caráter odioso e disforme das degenerações dos trópicos, onde o que não alcança a ser belo é monstruoso e repugnante: mariposas douradas ou largatixas espantosas.⁶³⁰

Para o sanjuanino, os escravos garantiam segurança, pois “o proprietário não ousa ser livre, porque sente remover-se sob seus pés a vítima que a sua vez oprime.”⁶³¹ A escravidão também afetava a família, um santuário entre os povos lusitanos, “aquele último asilo do egoísmo, [a família], se dissolve também e o câncer da escravatura leva a degradação ao lar doméstico, a libertinagem suja às vezes, e ao esfacelamento de todos os vínculos sociais.”⁶³² Sarmiento, ao comentar sobre a imoralidade que se estabelecia em um sistema escravista, considerou especialmente as relações sexuais entre o proprietário e sua escrava, vínculo que atrapalhava a união legítima. “O amo descobre com seu olho negreiro atrativos raros em sua escrava jovem que o fazem esquecer seus deveres conjugais” e realizar “orgias de adolescentes que fazem sob o teto doméstico”, conduzindo a uma “torpe guerra entre marido e mulher”.⁶³³

As mulheres, conforme seu ponto de vista, enfrentavam problemas não somente com o adultério do marido. “A esposa infeliz sofre continuamente as mordeduras atroz dos ciúmes, vendo ao lado da sua crescerem famílias espúrias das quais podem chamar de irmãos ou pais

⁶²⁹ *Idem*. “Hai esclavos donde no hai poderes dinámicos, donde el individuo se reconoce débil en presencia de las resistencias físicas, hailos en el Brasil, en Cuba, i en la estremidad sud de los Estados Unidos.”

⁶³⁰ *Idem*. “Pero bien cara que pagan esta injusticia! La raza blanca en Rio Janeiro está plagada de enfermedades africanas, que participan del carácter odioso i deforme de las degeneraciones de los trópicos, donde lo que no alcanza a ser bello es monstruoso i repugnante; mariposas doradas o sabandijas espantables.”

⁶³¹ *Idem*. “La raza esclava sirve de seguros del despotismo, i el amo no osa ser libre, porque siente removerse bajo sus plantas, la víctima que a su vez oprime.”

⁶³² *Idem*. “Aquel último asilo del egoísmo, se disuelve también i el cáncer de la esclavatura lleva la degradacion al hogar doméstico, la crápula sucia a veces, i la relajacion de todos los vínculos sociales.”

⁶³³ *Idem*. “El amo descubre con su ojo negrero atractivos raros en su esclava jóven que le hacen olvidar los deberes conjugales”, “orjias de adolescentes que hacen bajo el techo doméstico”, “torpe guerra entre marido i mujer”.

os seus filhos.”⁶³⁴ E, assim, Sarmiento enfatizou que “o crime cometido contra uma raça, e consentido pela moral pública, vai depositando lentamente seus germens no seio da mesma raça opressora”⁶³⁵ e concluiu: “Oh! Por que Deus não deu aos tiranos uma vida mais longa que a suas vítimas momentâneas, a fim de que não se esquivassem com sua prematura morte à lei infalível do mal, que é matar ao mesmo que o promove.”⁶³⁶

Também comentou sobre a “raça portuguesa”, enfatizando seu estado de decrepitude e inanição. Na sequência, escreveu sobre o mulato, para ele uma “raça viril que conserva o sangue ardente do africano, resistente para ferver sob os raios verticais do sol, ao mesmo tempo em que a organização de seu crânio se liga à família europeia.”⁶³⁷ Reconheceu diversos nomes (Dumas, Heredia, Petion e Barcalla) que se destacaram nas artes, na música, na poesia e nas ciências médicas, indicados como “homens notáveis”. Afirmou ainda:

Me detenho sem querer sobre as brilhantes qualidades morais desta raça intermediária entre o branco que se enerva em climas equatoriais e o negro incapaz de se elevar em altas regiões da civilização. Outra vez havia notado a predisposição constante do mulato a se enobrecer, e seu sentimento extraordinário de arte, que o faz instintivamente músico.⁶³⁸

Deu exemplos sobre a musicalidade dos negros, de como o gosto pelo som os auxiliava a carregar o fardo do trabalho, de como a canção compassada robustecia e alentava. Citou o caso de negros exaustos por carregar algo muito pesado ou cansados de remar e afirmou que se animavam e ganhavam novo fôlego ao ouvirem e cantarem a própria música e concluiu: “Não! Os artistas da ópera não me permitiram sentir a música como uma negra a quem requebrava [...]. Sua boca, seus olhos, seus nervos todos seguiam por segundos as modulações monótonas do tentador, como se cada nota daquelas se assentassem visivelmente em sua fisionomia, até a exaltação e o delírio.”⁶³⁹

⁶³⁴ *Idem*. “I la esposa infeliz sufre de continuo las mordeduras atroces de los zelos, viendo a la par de la suya crecer familias espúreas de los que pueden llamar hermanos o padres a sus hijos”.

⁶³⁵ *Idem*. “el crimen cometido contra una raza, i consentido por la moral pública, va deponiendo lentamente sus jérmenes en el seno mismo de la raza opresora”.

⁶³⁶ *Ibid.*, p. 59. “Oh! porque no ha dado Dios a los tiranos una vida mas larga que a sus víctimas momentâneas, a fin de que no se sustrajesen con su temprana muerte a la lei infalible del mal, que es matar al mismo que lo promueve.”

⁶³⁷ *Idem*. “Raza viril que conserva la sangre ardiente del africano, templada para bullir bajo los rayos verticales del sol, al mismo tiempo que la organizacion de su cráneo lo liga a la familia europea.”

⁶³⁸ *Idem*. “Me detengo sin quererlo sobre las brillantes cualidades morales de esta raza intermediaria entre el blanco que se enerva en los climas ecuatoriales i el negro incapaz de elevarse a las altas rejiones de la civilizacion. Otra vez habia notado la predisposicion constante del mulato a ennoblecerse, i su sentimiento esquisito Del arte, que lo hace instintivamente músico.”

⁶³⁹ *Ibid.*, p. 60; “No! los artistas de La ópera no me han mostrado sentir la música como una negra a quien requebraba [...]. Su boca, sus ojos, sus nervios todos seguían por segundos las modulaciones monótonas del

Sarmiento enfatizou a consideração atribuída aos mulatos no Brasil. Segundo ele, na imprensa brasileira, mais repleta de injúrias do que a chilena, os escritores se insultavam proferindo ofensas nas quais se chamavam até mesmo de sodomitas, mas jamais de mulatos, primeiramente porque “cada um se sente implicado nesta reprovação, em seus filhos, em seus parentes ou em si mesmo.”⁶⁴⁰ Em segundo lugar porque “há uma lei que proíbe o uso deste epíteto, medida segura para pesar a gravidade do mal.”⁶⁴¹

Para Sarmiento, a música guardava uma relação com a natureza tropical. Na Europa, conforme sua narrativa, a harmonia se reduzia quando em direção ao Norte. Os aborígenes e africanos conseguiam ouvir melodias inaudíveis para outros no sussurrar da vegetação, no murmúrio do vento batendo nas palmeiras e eram ritmos próximos aos seus. Quanto à diferença entre os lugares quentes e frios, afirmou:

Em climas temperados reina sobre toda a criação um claro obscuro debilmente iluminado que revela a proximidade das zonas frias, onde o abeto e o urso são igualmente negros. Suba você a temperatura alguns graus até fazê-la tropical, e então os mesmos insetos são carbúnculos ou rubis, as mariposas plumas de ouro flutuantes, pintadas as aves que adornam penachos e decorações fantásticas, verde esmeralda a vegetação, embalsamadas e púrpuras as flores, tangível a luz do céu, azul cobalto o ar, douradas a fogo as nuvens, vermelha a terra, e as areias entremescladas de diamantes e de topázios.⁶⁴²

Após uma breve explicação de quatro parágrafos sobre a presença africana no Rio de Janeiro, os inseriu na paisagem, como se estivessem representados no mesmo quadro, mesclados aos elementos da natureza como parte integrante dela. Neste sentido, o ser humano se tornou diminuto perante a natureza exuberante, altiva e imponente. De acordo com Naxara, este tipo de leitura representa uma “imagem poderosa para se pensar a relação homem-natureza de um ponto de vista romântico; poderosa para se pensar as regiões tropicais e sua

tentador, como si cada nota de aquellas se asentase isiblemente en su fisonomia, animada hasta la exaltacion i el delirio.”

⁶⁴⁰ *Ibid.*, p. 59. “Porque cada uno se siente implicado en el reproche, en sus hijos, en sus deudos o en sí mismo.”

⁶⁴¹ *Idem.* “Hai una lei que prohíbe el uso de este epíteto, medida segura para pesar la gravedad del mal.”

⁶⁴² *Ibid.*, p. 60. “En los climas templados reina sobre toda la creacion un claro obscuro débilmente iluminado que revela la proximidad de las zonas frías, en donde el pinabeto i el oso son igualmente negros. Suba V. La temperatura algunos grados hasta hacerla tropical, i entonces los mismos insectos son carbunclos o rubies, las mariposas plumillas de oro flotantes, pintadas las aves que engalanan penachos i decoraciones fantásticas, verde esmeralda la vejetación, embalsamadas i purpúreas las flores, tanjible la luz del cielo, azul cobalto el aire, doradas a fuego las nubes, roja la tierra, i las arenas entremezcladas de diamantes i de topacios.”

população”, e possibilitou que os trópicos fossem “adquirindo significados míticos e simbólicos”.⁶⁴³

Nestas narrativas, a ideia de natureza não aparece dissociada da ideia de homem (ainda que este homem seja compreendido, em muitos momentos, de forma des-historizada) e da crença da ação da natureza sobre esse mesmo homem. Se o ideal civilizatório, industrializante, moderno, previa que o homem deveria dominar a natureza, nos trópicos, local onde o rei sol imperava em toda sua magnitude, isso não era possível. Se o europeu conseguiu ter domínio sobre a natureza, nas regiões tropicais o ser humano não conseguiu construir a mesma relação, pois a natureza ocasionava “a limitação de suas faculdades físicas e morais”.⁶⁴⁴

Sarmiento caracterizou o brasileiro "de origem" como nobre, "mesmo que às vezes mulato". Enfatizou ainda que poderia ser ministro, aduaneiro, empregado, fazendeiro ou ainda "condecorado de cruces de diamantes".⁶⁴⁵ O autor criticou a importância conferida ao imigrante português e inglês em detrimento ao nacional: "Eu tenho buscado em vão no Rio de Janeiro ao brasileiro, sem poder-lhe encontrar se não por raras mostras que me hão deixado suspeitar que deve existir em alguma parte."⁶⁴⁶ Anotou a proeminência dos lusitanos e do comércio que realizavam no Rio de Janeiro e afirmou que eram superiores aos brasileiros em inteligência.

O autor teceu comentários sobre a imigração no Brasil, indicando a presença de suíços, franceses e alemães. Afirmou que o projeto migratório assumiu um êxito deplorável nessa parte do continente, uma vez que os imigrantes foram dizimados "pela miséria, o calor, a febre e o desencanto."⁶⁴⁷ Sarmiento não identificou esse problema como uma exclusividade brasileira. Segundo ele, essas dificuldades decorreram de uma "imperícia" comum a todos os descendentes da península para assimilar povos diferentes. Ele afirmou também que seria um dia de glória para os brasileiros se o Imperador mandasse embora as esquadras dos estrangeiros e proibisse a introdução de artefatos europeus. Essa ação, segundo ele, permitiria que os nacionais produzissem aquilo que necessitassem.

⁶⁴³ NAXARA, Márcia. Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001. p. 438.

⁶⁴⁴ SARMIENTO, **Viajes...**, *op. cit.*, 57. "La limitacion de sus facultades físicas e morales".

⁶⁴⁵ *Ibid.*, p. 66; "aunque a veces mulato"; "condecorado de cruces de diamantes."

⁶⁴⁶ *Id.*; "yo he buscado en vano en Rio Janeiro al brasileiro, sin poderlo encontrar sino por raras muestras que me han dejado sospechar que debe existir en alguna parte."

⁶⁴⁷ *Id.*; "por la miseria, el calor, la fiebre i el desencanto".

Sobre a questão política, Sarmiento teceu diversas considerações. Afirmou que "o sonho dourado do moderno Império" era ter seus limites territoriais definidos entre o Amazonas ao norte e o Prata ao oriente. Considerou serem pretensões "um pouco exageradas, visto o desigual desenvolvimento das forças produtivas em proporção à riqueza do solo e a desejável posição geográfica do Império."⁶⁴⁸

Ao se referir à composição política da capital, definiu o monarca nos seguintes termos: "o imperador é um grande centro de aspiração que atraí a si incessantemente todas as partículas de poder e de riqueza que podem desprender-se da massa geral".⁶⁴⁹ Os ministros, por sua vez, "exercem a atração para seu próprio centro; e descendendo a escala da hierarquia social, se encontra que cada indivíduo é um centro, um imã mais ou menos grande."⁶⁵⁰ Sarmiento criticou a centralização política do principal círculo de poder imperial e atribuiu essa forma de organização ao sistema monárquico ao concluir: "o egoísmo é, pois, a lei universal e aqui como em todas partes, pode dizer aos povos o que Beranger dizia aos belgas: queres reis? Tomem rei!"⁶⁵¹

Sobre D. Pedro II, também afirmou ser ele

um jovem, idiota no conceito de seus súditos, devotíssimo e um santo no de seu confessor que o governa; muito dado a leitura, e segundo o testemunho de um personagem distinguido, excelente jovem que não carece de inteligência, mas seu juízo está retardado pela falta de espetáculo, e as más ideias de uma educação desordenada.⁶⁵²

Sarmiento se absteve de dar uma opinião pessoal sobre o Imperador de forma direta. Ao invés disso, ele utilizou como recurso a descrição fornecida por uma testemunha "distinguida", possivelmente com o intuito de dar maior credibilidade à narrativa, já que ele próprio não conhecia o monarca. Após conhecê-lo, em 1852, esmiuçarà suas características pendendo para uma visão positiva, como será possível observar adiante.

⁶⁴⁸ Ibid., p. 67; "el sueño dorado del moderno Imperio"; "un poco exageradas, visto el desigual desarrollo de las fuerzas productivas en proporción de la riqueza del suelo i de la envidiable posición geográfica del Imperio!"

⁶⁴⁹ Id.; "el emperador es una grande bomba de aspiración que atrae a sí incesantemente todas las partículas de poder i de riqueza que pueden desprenderse de la masa jeneral."

⁶⁵⁰ Id.; "ejercen la atracción para su propio centro; i descendiendo la escala de la jerarquía social, se encuentra que cada individuo es un centro, un iman mas o ménos grande."

⁶⁵¹ Id.; "el egoismo es, pues, la lei universal, i aquí como en todas partes, puede decirse a los pueblos lo que Beranger decia a los belgas: ¿quereis reis? ¡tomad rei!"

⁶⁵² Ibid., p. 68; "un jóven, idiota en el concepto de sus súbditos, devotíssimo i un santo en el de su confesor que lo gobierna; mui dado a la lectura, i según el testimonio de un personaje distinguido, excelente jóven que no carece de inteligencia, aunque su juicio está retardado por la falta de espectáculo, i las malas ideas de una educación desordenada."

Em contraposição à monarquia, criticada pelo autor, Sarmiento observou manifestações republicanas, "última expressão da inteligência humana", em alguns locais do Brasil. Segundo ele, nas "províncias pastoras" de São Pedro (Rio Grande do Sul) e São Paulo houve o aparecimento da república e em Minas Gerais ocorreram "excursões momentâneas", mas "sem ousar aproximar-se da capital".⁶⁵³ Quanto às relações entre o Império brasileiro e o Rio da Prata, enfatizou "a fanfarronada nas palavras e a indecisão nos feitos".⁶⁵⁴

Sarmiento também pensou seu país a partir de termos comparativos ao afirmar que os diários e os estadistas do Brasil "propalam a missão do Brasil para colocar-se à cabeça da cruzada contra as pretensões europeias".⁶⁵⁵ Para ele, a Confederação Argentina seria capaz de realizar essa oposição, crença demonstrada também em outros momentos, como por exemplo, quando o sanjuanino concordou com as ideias de Alberdi em 1838, na intenção de criar uma literatura nacional. O grande empecilho para a realização de tal projeto, entretanto, residia em Rosas.

Outro tema recorrente na missiva encaminhada a Miguel Piñero refere-se ao exílio. Essa condição se converteu em uma grande rede de sociabilidades entre os desterrados argentinos. Na viagem ao Rio de Janeiro, o sanjuanino anotou o encontro ou o desejo de conhecer alguns compatriotas. Don Vicente López, "de cujos trabalhos fazia você tanto caso", disse a Mitre, foi um encontro oportuno. A intenção de ampliação desta rede é notória, já que Sarmiento solicitou a Mitre que o indicasse a outros argentinos estabelecidos no Brasil. "Recorde você meu nome aos senhores Lamas e Pacheco, a quem desejo tratar de perto". Comentou com o amigo que "o trabalho de Lamas é de uma alta importância e julgo que valerá uma merecida reputação de observador inteligente".⁶⁵⁶

Além da reafirmação e ampliação desta rede literária de conhecidos, os contatos também tinham um propósito político. López, por exemplo, "vai disposto a cooperar da forma como puder para o triunfo de nossa bela causa". Neste sentido, o Brasil se converteu em um dos locais para pensar e lutar pela pátria. Sarmiento se despediu de Mitre desejando "glória,

⁶⁵³ Id., "ultima expresion de la intelijencia humana"; "provincias pastoras"; "escursiones momentâneas"; "sin osar acercarse a la capital".

⁶⁵⁴ Id.; "la fanfarronería en las palabras i la endecision en los hechos."

⁶⁵⁵ Ibid., p. 66; "propalan la mision del Brasil para ponerse a la cabeza de la cruzada contra las pretensiones europeas".

⁶⁵⁶ SARMIENTO, Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1846. In: *MITRE, op. cit.*, p. 7-8. "De cuyos trabajos literarios hacía usted tanto caso"; "Recuerde usted mi nombre a los señores Lamas y Pacheco, a quienes hubiera deseado tratar de cerca"; "el trabajo de Lamas es de una alta importancia, y juzgo que le valdrá una merecida reputación de observador inteligente."

sucesso literário e um retorno rápido à pátria”, local onde “um dia, o espero, o prazer de lhe dar um abraço”.⁶⁵⁷

No Rio de Janeiro, Sarmiento também conheceu José Mármol. Reproduziu seu *Cantos del Peregrino* na correspondência. Teceu considerações sobre o autor do poema, enfatizando o seu lugar em uma nova etapa da literatura argentina, que se sobrepunha ao neoclassicismo. A literatura, associada a Mármol, apareceu na carta como um elemento capaz de concentrar a nova fase vivenciada em sua terra natal.

Na historiografia sobre a América Latina das duas últimas décadas, muitos pesquisadores evidenciaram a recorrência do discurso acerca da natureza e de sua relação com a formação de identidades nacionais a partir das narrativas de pensadores que escreveram nos séculos XIX e XX. Nessas narrativas, observamos a existência de diversas reflexões a respeito dos elementos que compunham (ou que deveriam compor) a unidade nacional dos países latino-americanos. Tornou-se importante estabelecer os parâmetros de uma identidade nacional, identificando os grupos sociais, o território, a história, a natureza, a literatura, entre outros elementos que deveriam fazer parte da nação almejada ou que compunham a imagem então existente sobre o local analisado.

Sarmiento é um representante desse campo de batalha cultural e podemos dizer que ele elaborou sua tradução, sua leitura sobre o Brasil partindo do que já era conhecido. Os aspectos subjetivos de tal comparação apareceram nas palavras que adjetivaram aquilo que ele observou: “aparência elegante e elevada”. De acordo com Hall, o conceito de tradução cultural trata dessas pessoas dispersadas de sua terra natal, mas que mantêm vínculos e tradições, que sentem a necessidade de negociar novas culturas.⁶⁵⁸ Ao requisitar as diferenças nomeando o que pertence àquela e o que pertence a essa cultura, ocorre uma operação de tradução, dupla neste caso, pois Sarmiento não era chileno ou brasileiro. Em termos políticos e teóricos, é importante buscar os significados das narrativas para além das subjetividades originárias e refletir a respeito dos significados e ressignificações identitárias que ocorrem nos momentos em que essa leitura é realizada. Sobre esse assunto, Said propõe, em uma de suas reflexões:

Se fôssemos ingleses ou franceses na década de 1860 [...] Em nossas narrativas, histórias, relatos de viagem e explorações, nossa consciência se apresentaria como a principal autoridade, um ponto ativo de energia capaz

⁶⁵⁷ *Idem*. “Va dispuesto a cooperar en cuanto esté de su parte al triunfo de nuestra bella causa”; “gloria, suceso literario y una pronta vuelta a la patria”; “un día, lo espero, el placer de darle un abrazo.”

⁶⁵⁸ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 84.

de dar sentido não só as atividades colonizadoras, mas também aos povos e as geografias exóticas.⁶⁵⁹

Esse argumento foi utilizado em *Cultura e Imperialismo*, uma obra na qual o eixo central da discussão gira em torno da ideia de cultura, analisada em sua relação com a experiência imperial registrada nos romances, principalmente ingleses e franceses. Cultura, parafraseando Said, pode ser entendida como a prática da descrição, da comunicação e da representação, mas também pode ser compreendida como um campo de batalha “onde as causas se expõem à luz do dia e lutam entre si”, como um campo onde se travam batalhas identitárias.⁶⁶⁰ Ao propor o significado de cultura como sendo um espaço de conflitos (de lutas ideológicas ou subjetivas), onde cada sujeito tenta conhecer, descrever, representar, comunicar o significado de determinados elementos (natureza, raça, território). O objetivo aqui é exatamente buscar aquela consciência indicada por Said há pouco como parte integrante do relato de um viajante do século XIX. Se, como propõe Said, os viajantes possuem um ponto ativo de energia capaz de dar sentido aos povos e à geografia dos locais por onde passam, então é esse sentido que procuro encontrar ao analisar a narrativa de viagem de Sarmiento.

Convencionou-se afirmar que as relações entre Brasil e os demais países da América Latina, sobretudo a Argentina, sempre foram tensas, devido a uma pretensão do Brasil em incorporar territórios fronteiriços. Historicamente, podemos encontrar as raízes de tal pensamento no período colonial, quando então espanhóis e portugueses lutavam pela expansão de seus territórios. Depois, novamente podemos encontrar respaldo para tal ideia nos discursos de Simon Bolívar e San Martín, os próceres libertadores que sonhavam com uma unificação ou união sul-americana, mas sem a presença do Brasil, ou ainda nas pretensões de Carlota Joaquina sobre o Prata, sem contar ainda com as políticas expansionistas dos governos de D. Pedro I e seu filho D. Pedro II.

De qualquer forma, há uma tendência, quando pensamos na relação do Brasil com seus vizinhos de língua espanhola, de enfatizar os aspectos de tensão. Sarmiento, em alguns momentos de sua vida, estabeleceu relações com o Brasil. Aqui, a análise esteve centrada no primeiro contato deste escritor com o país. Poderíamos pensar que nesse momento de confronto entre as duas culturas pesaria uma visão sobre o *outro* inscrita em uma imagem de cultura previamente estabelecida e tradicionalmente aceita, no sentido de que sempre existiu

⁶⁵⁹ SAID, *Cultura e imperialismo...*, *op. cit.*, p. 23.

⁶⁶⁰ *Ibid.* A primeira definição de cultura se encontra na página 12 e a segunda, na página 14.

um conflito, uma disputa explícita e latente entre os dois lados da fronteira. Entretanto, a articulação da diferença, sua leitura ou percepção, é uma negociação que não é fixa e preestabelecida, mas está em andamento, é complexa e movediça.

Neste sentido, embora seja possível perceber na escrita de Sarmiento momentos de desconforto e crítica em relação ao Brasil, principalmente no que concerne à escravidão, a narrativa da experiência de viagem que realizou parece ter sido muito mais alimentada pelo imaginário sobre a natureza nos trópicos do que por uma aversão ao país vizinho. Visto que cultura aqui é entendida como campo de batalha, a disputa discursiva demonstra o interesse em vencer tal conflito, menos no sentido de tornar o Brasil inferior aos olhos dos seus, mas muito mais voltado para a construção de uma narrativa memorável, digna de um bom observador e que pudesse ser legitimada como um discurso de autoridade entre os pares.

3.3. *Los más gratos recuerdos: de Montevideu ao Rio de Janeiro em 1852*

Em março de 1852, Domingo Faustino Sarmiento escreveu sobre a experiência de assistir a uma ópera ao lado do Imperador e da corte brasileira. Segundo ele, “não sem grande estupefação” observavam sua presença ao lado do sobrinho e do irmão de Juan Manuel de Rosas, também exilados nos trópicos. De acordo com o autor, D. Pedro II e o público do teatro “não conseguiam decifrar aquele enigma vivo, exposto ante seus olhos”.⁶⁶¹

Para Sarmiento era desconcertante estar ao lado dos familiares daquele que até alguns dias atrás era declaradamente o seu grande inimigo. Os comentários acerca da admiração que tal cena causava ao Imperador e a sua corte se mostrou uma interessante oportunidade para o autor se referir ao evento como “uma lição das raras vicissitudes da política argentina”.⁶⁶²

Os comentários sobre o Brasil serviam como artifício a partir do qual era possível atualizar a crítica aos desígnios políticos de sua pátria. Esse foi o tom de muitas narrativas escritas acerca do país vizinho, sobretudo nas correspondências que trocou ao longo de sua vida. Em diversos momentos, quando aludia ao Brasil, Sarmiento estava se referindo também à sua terra natal e quando mencionava o seu país ou qualquer outro, se referia também a si próprio.

Assim foi em 1852, logo após a batalha de Monte Caseros, na qual Juan Manuel de Rosas foi vencido pelo exército de Justo José de Urquiza em uma aliança firmada com o

⁶⁶¹ SARMIENTO, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 52; “no sin grande estupefacción”; “no acertaban a descifrar aquel enigma viviente, expuesto ante sus ojos”.

⁶⁶² *Idem.*; “una lección de las raras vicisitudes de la política argentina.”

Brasil. Sarmiento descreveu sua experiência com os brasileiros na região platina e, posteriormente, no Rio de Janeiro, em várias correspondências anexadas a *Campaña*. Além desses documentos, em dois artigos publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, um de 1952 e outro de 1971, José Antonio Soares de Sousa descreveu o contexto da saída de Sarmiento do Rio da Prata e as relações estabelecidas entre ele e o Imperador D. Pedro II no início de 1852 e transcreveu diversos documentos, principalmente epistolares, produzidos pelos atores sociais que participaram dos eventos.⁶⁶³ Destes documentos, analisarei algumas cartas trocadas entre Sarmiento, Honório Leão e Paulino José Soares de Sousa, tanto do contexto da Batalha de Caseros como logo posteriormente a ela, no período em que Sarmiento esteve na capital do Império.⁶⁶⁴

Mas as primeiras referências ao Brasil já apareceram nas cartas escritas no momento em que Sarmiento estava em Montevideu, durante a *Campaña del Ejército Grande*. Ele teceu vários comentários em suas correspondências que davam a entender como observava a participação brasileira neste contexto. Em um desses documentos, no qual descreveu seu primeiro encontro com Urquiza, comentou a respeito de vários assuntos que a ele pareceram interessantes. Entre eles figurava a participação do Brasil no conflito.

Depois de sua passagem por Entre Rios, tratou sobre as dificuldades pelas quais passavam os componentes do exército *rosista*, que não recebiam salários nem conseguiam ter grande mobilidade nas tropas, sobre a moralidade que reinava entre eles, a “resignação” e o “estoicismo” vinculados aos anos de sofrimento pelo duro cotidiano das tropas, contou sobre seu encontro com Urquiza em Gualeguaychú, conforme já foi comentado no segundo capítulo. Sarmiento forneceu detalhes sobre essa cidade, como a importância do seu porto, a presença de italianos, a variedade de alimentação proporcionada por estes imigrantes e pelos rios que forneciam grande variedade de peixes, comentou até mesmo sobre ser “surpreendido agradavelmente” pelo “bom gosto que reina no vestir das senhoritas e nos modos cultos e desembaraçados que só se notam nas grandes capitais”.⁶⁶⁵

⁶⁶³ O referido autor é descendente do Visconde do Uruguai e em seus trabalhos confere importância exclusiva ao Visconde do Uruguai nos rumos da política externa brasileira, elemento que é questionado por outros autores, como FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 131.

⁶⁶⁴ SOUSA, José Antonio Soares de. Sarmiento em Petrópolis, com D. Pedro II. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, v. 291, p. 3-14, abril-junho 1971.

⁶⁶⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta sem identificação do destinatário. Montevideu, 05 de novembro de 1851. In: SARMIENTO, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 69-70; “sorprendido agradavelmente”; “gusto exquisito que reina en el vestir de las señoritas y los modales cultos y desembaraçados que sólo se notan en las grandes capitales.”

Em seguida, explicou sobre seu retorno a Montevideu e sobre sua passagem por Colônia, “teatro das últimas matanças da guerra civil no Estado Oriental”, local onde informou estar acampado “o conde de Caxias”, com doze mil homens.⁶⁶⁶ Nesta mesma correspondência, escreveu sobre a participação na *Campaña*:

A América não viu jamais massa de homens mais numerosa; infantaria mais disciplinada e valente, cavalaria mais brilhante. A tirania mais célebre, mais espantosa dos tempos modernos será conduzida ao túmulo por quarenta mil homens em armas, pelas províncias argentinas, o Estado Oriental devastado, o Brasil ameaçado, e os exércitos do mesmo tirano, que vão a pedir-lhe conta das devastações que os têm forjado a fazer em dez anos.⁶⁶⁷

Em *Campaña*, Sarmiento se referiu a uma visita feita ao Ministro Plenipotenciário do Brasil, Honório Hermeto Carneiro Leão, que o recebeu com distinção e, no dia seguinte, junto com seu secretário, retribuiu a visita. Leão, na ocasião, manifestou o desejo de vê-lo “nos termos que um personagem sabe fazê-lo, sem descender e sem fazer sentir sua superioridade.”⁶⁶⁸ Segundo Sarmiento, Carneiro Leão trouxe para ele ver os tratados secretos celebrados com Urquiza e o governo de Montevideu “para mostrar-me como estavam em harmonia com os interesses, integridade, honra e glória da República Argentina, e as ideias econômicas sobre navegação dos rios que me havia constituído órgão.”⁶⁶⁹ Neste momento, Sarmiento era considerado uma autoridade, uma pessoa pública, cuja opinião importava em meio a uma guerra envolvendo os três países, sobretudo por ser ele um dos mais conhecidos entre os inimigos declarados de Rosas. O sanjuanino, por sua vez, fez questão de citar as autoridades brasileiras que estavam no local e a relação que estabeleceu com o grupo, enfatizando a confiança depositada em sua pessoa.

Após Caseros, de acordo com Soares de Sousa, o Ministro Honório Leão se dirigiu a Sarmiento e reclamou do conteúdo do Boletim Número 26, afirmando que este não fazia jus à participação dos soldados brasileiros. Leão teria argumentado que, após a batalha, Sarmiento cumprimentou um militar brasileiro, momento no qual teria afirmado que o Brasil conquistara duas vitórias, uma contra o exército *rosista* e outra no seio do próprio exército brasileiro. Leão

⁶⁶⁶ *Ibid.*, p. 70. “Teatro de las últimas matanzas de la guerra civil en el Estado Oriental.”

⁶⁶⁷ *Idem.* “La América no ha visto jamás masa de hombres más numerosa; infantería más disciplinada y aguerrida, caballería más brillante. La tiranía más célebre, más espantosa de los tiempos modernos, será conducida a la tumba por cuarenta mil hombres en armas, por las provincias argentinas, el Estado Oriental devastado, el Brasil amenazado, y los ejércitos del mismo tirano, que van a pedirle cuenta de las devastaciones que les ha forjado a hacer en diez años.”

⁶⁶⁸ SARMIENTO, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 73; “en los términos que un personaje sabe hacerlo, sin descender y sin hacer sentir su superioridad.”

⁶⁶⁹ *Idem.* “Para mostrarme cómo estaban en armonía con los intereses, integridad, honor y gloria de la República Argentina, y las ideas económicas sobre navegación de los ríos de que me había constituído órgano”.

ênfatiçou o olhar testemunhal do sanjuanino, que havia presenciado o desempenho dos brasileiros na Campanha.

De acordo com as correspondências de Honório Leão, Sarmiento se justificou por meio de uma missiva, datada de 15 de fevereiro de 1852, na qual informou que não haviam lhe dado a liberdade de escrever exatamente o que ocorreu em Caseros. Nesta carta, o sanjuanino descreveu os pormenores do conflito, contando como havia se reunido com a coluna oriental. Explicou que dois batalhões brasileiros seguiam as tropas de Urquiza, sob as ordens do brigadeiro Marques, com o objetivo de reforçar as demais colunas que deveriam adentrar a casa de Rosas, a qual se encontrava fortificada. Enquanto o batalhão oriental atacou frontalmente, os batalhões brasileiros formaram a retaguarda, “de maneira que algumas das colunas de ataque orientais encontraram já cadáveres de soldados brasileiros em seu trânsito”.⁶⁷⁰

Após a batalha de Monte Caseros e o exílio de Rosas, Urquiza se indispôs com os unitários ao tentar obrigá-los a usar os distintivos vermelhos, como já foi dito. Alguns unitários, a exemplo de Sarmiento, consideraram o ato uma afronta. Assim, em fevereiro de 1852, o sanjuanino escreveu para Urquiza informando que, mediante a permissão obtida para regressar ao Chile, se dirigiria para o Rio de Janeiro a fim de tomar uma embarcação em direção ao Pacífico. Disse ainda: “Aceleram esta resolução a linguagem e os propósitos da proclamação que circulou ontem”⁶⁷¹, que orientava para o uso do objeto vermelho. Mediante tal proclamação, Sarmiento atestou: “Sendo minha intenção decidida a de não me submeter à insinuação ameaçante de levar um cinto vermelho, por repugnar as minhas convicções e desdizer dos meus honoráveis antecedentes”⁶⁷². Escreveu ainda que esta atitude era um “feito pessoal” e que tal situação definia como “perdida a esperança de um regresso definitivo a minha pátria”.⁶⁷³ Disse também estar decepcionado com Urquiza, que teria se lançado em uma “escabrosa senda”, deixando se dissipar “a glória que por um momento se havia reunido em torno de seu nome”.⁶⁷⁴

⁶⁷⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Honório Hermeto Carneiro Leão. Sem indicação de local, 15 de fevereiro de 1852. Citado por SOUSA, **Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 5. “De manera que alguna de las columnas de ataque orientales encontraran ya cadáveres de soldados brasileiros en su tránsito”.

⁶⁷¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Justo José de Urquiza. Buenos Aires, 23 de fevereiro de 1852. In: SARMIENTO, **Campanha...**, *op. cit.*, p. 45; “aceleran esta resolución el lenguaje y los propósitos de la proclama que ha circulado ayer”.

⁶⁷² *Idem*. “Siendo mi intención decidida no suscribir a la insinuación amenazante de llevar un cintillo collarado, por repugnar a mis convicciones, y desdecir de mis honorables antecedentes.”

⁶⁷³ *Idem*. “Malograda la esperanza de un regreso definitivo a mi patria”.

⁶⁷⁴ *Idem*. “Malograda la esperanza de un regreso definitivo a mi patria”; “la gloria que por un momento se había reunido en torno de su nombre”.

De acordo com Honório Leão, o sanjuanino “pediu-me lhe proporcionasse pronto refúgio e passagem em um navio da nossa esquadra”, ao que Leão atendeu. “Prestei-lhe o favor pedido, mandando que fosse recebido no vapor que me devia trazer a essa cidade. Veio comigo nesse vapor e daqui seguiu para o Rio de Janeiro a tomar aí passagem em algum vapor da escala do Chile”⁶⁷⁵, explicou o Ministro. Assim, em 25 de fevereiro de 1852, os dois partiram, primeiramente a bordo do *Recife* para Montevideu, passando em seguida para o *Prince*, com destino ao Rio de Janeiro.

Em 12 de março de 1852, Sarmiento chegou ao Rio de Janeiro. Diferentemente de 1846, agora não somente como autor do recém-lançado *Facundo*, mas de diversas obras que receberam atenção do público leitor, como *De La Educación Popular*, *Recuerdos de Provincia*, *Argirópolis* e *Viajes por Europa, África y América*, e havia sido requisitado como *boletín* na guerra contra Rosas devido a sua fama de escritor. Nesta segunda viagem, Sarmiento já não é o mesmo de 1846 e as experiências vivenciadas até então certamente transformaram o olhar que lançou nesta ocasião em direção ao Império.

Nesta segunda estadia no Rio de Janeiro, escreveu a Paulino José Soares de Sousa: “Sabendo que S. M. o Imperador regressou a Petrópolis onde devo passar alguns dias [...] tomo a liberdade de manifestar de novo meu desejo de ser apresentado a S. M. o Imperador, para cujo fim pode me servir uma recomendação de S. Exa. à pessoa da corte que julgue conveniente.”⁶⁷⁶

Durante o período que permaneceu na capital do Império, entre março e abril de 1852, Sarmiento escreveu várias correspondências, sobretudo para seu amigo Bartolomé Mitre. Entre notícias e comentários referentes aos acontecimentos no Prata, ele também registrou suas impressões sobre o Brasil, sobre D. Pedro II e deixou transparecer muitas de suas angústias e de seus desejos. Nas cartas para Mitre, é importante considerar o tom amistoso, despreocupado e tranquilo que caracteriza esses documentos, pois escrevia para um amigo, pessoa com a qual mantinha uma relação de intimidade.

Um dos temas dessas correspondências escritas durante sua estadia no Rio de Janeiro se referia ao novo exílio. Alguns dias depois, do Brasil, em uma carta que denotava inicialmente certa tranquilidade frente aos acontecimentos de Caseros, Sarmiento escreveu ao

⁶⁷⁵ LEÃO, Honório Hermeto Carneiro. Carta para Paulino José Soares de Sousa. Sem indicação do local, 5 de março de 1852. Citado por SOUSA, *Sarmiento...*, *op. cit.*, p. 5-6.

⁶⁷⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Paulino José Soares de Sousa. Rio de Janeiro, 16 de março de 1852. Reproduzida na íntegra por SOUSA, *Sarmiento...*, *op. cit.*, p. 8. “Habiendo sabido que S. M. El Emperador ha regresado a Petropolis a donde debo pasar algunos dias [...] me tomo la libertad de manifestarle de nuevo mi deseo de ser presentado a S. M. El Emperador, para cuyo fin puede servirme una recomendación de S. Exa. a la persona de la corte que juzgue conveniente.”

amigo Bartolomé Mitre parabenizando-o por ter sido nomeado coronel, embora lamentasse ter de se afastar dele. Explicou também a Mitre que sua carta “ao general tinha o mérito da moderação, e da sensibilidade bíblica.” Sobre a decisão do exílio, complementou: “Vou ao Chile, primeiro porque vou, e em seguida pela linguagem e propósitos da proclamação, que não me satisfazem”.⁶⁷⁷

Em outra missiva, dirigida ao amigo Antonino Aberastain, tentou explicar os motivos do retorno ao exílio: “Minha posição pessoal no estado maior do caudilho estava cada dia mais embaraçosa. Desde Rosário haviam mostrado zelos pela popularidade do meu nome como escritor, e nossa chegada a Buenos Aires não era como para dissipá-los”.⁶⁷⁸ Explicou ainda que a linha de política adotada por Urquiza, “sem consultar a ninguém”, mancharia sua reputação frente aos seus amigos, pois a utilização do cinto vermelho seria uma humilhação para quem havia condenado seu uso e desmentiria “as promessas de dez anos de trabalhos”.⁶⁷⁹ Teceu críticas a Urquiza, comentando que ele havia saído do “fundo de uma província” e tinha dificuldades em compreender as modificações que “a tirania de Rosas” havia efetuado nos partidos políticos. Era sua intenção, explicou a Aberastain, “voltar ao Chile”. Do Chile estabeleceria contatos com as demais províncias e tentaria se opor ao poder de Urquiza.

Quanto ao desterro, concluiu Sarmiento, em correspondência enviada a Urquiza, que tal ato justificava sua radicação no Chile e “ao meu juízo, malograda a esperança de um regresso definitivo a minha pátria.”⁶⁸⁰ Decidiu retornar ao exílio, pois considerava diferentes a obediência do soldado e a subserviência do cidadão. Ainda na correspondência dirigida a Mitre do Rio de Janeiro, quando esta parecia adquirir um tom de resignação, o sanjuanino contou haver deixado de retornar ao Chile na embarcação do dia anterior e tentou expor seus sentimentos frente ao novo exílio.

[...] depois de navegar o Atlântico e o Pacífico, o Paraná e o Uruguai, assistido à queda dos tiranos, me envolvendo em dois grandes combates, e retornado ao desterro, como aqueles diabos que descem ao mundo no dia de

⁶⁷⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Sem indicação de data e local. In: *MITRE, op. cit.*, p. 8-10. “Mi carta al general tenía el mérito de la moderación, y de la sencillez bíblica”; “Me voy a Chile, primero porque me voy, y en seguida por el lenguaje y propósitos de la proclama que no me acomodan.”

⁶⁷⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Antonino Aberastain**. Petrópolis, 5 de abril de 1852. 7 f. Cópia de Olga Ottolenghi. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Rollo 009, n, 7922. “Mi posición personal en el estado mayor del caudillo se hacia cada día mas embarazosa. Desde el Rosario habianse mostrado zelos por la popularidad de mi nombre como escritor, y nuestra llegada a B.ª Aires no era como para disiparlos.”

⁶⁷⁹ *Idem*. “Sin consulta de nadie”; “las promesas de [diez] años de trabajos.”

⁶⁸⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Justo José de Urquiza. Sem indicação de local, 23 de fevereiro de 1852. Citado por SOUSA, **Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 7. “A juicio mio, malograda la esperanza de un regreso definitivo a mi patria”.

São Bartolo, fazem das suas, e voltam a continuar seu emprego de diabos devorados pelas chamas do inferno.⁶⁸¹

Sarmiento não havia entrado na primeira embarcação com destino ao Chile talvez na esperança de que Urquiza revogasse a declaração, mas, sem ter certeza de tal ratificação, um dos motivos que o atrelava ao Brasil era a possibilidade de se encontrar “com os ministros e o imperador”.⁶⁸²

Dessa forma, no início de março de 1852, Sarmiento chegou ao Rio de Janeiro com uma carta de Honório Leão o apresentando a Paulino José Soares de Sousa, então Ministro dos Negócios Estrangeiros. Na correspondência, Honório posicionou o argentino dizendo que ele estava insatisfeito com Urquiza e que o havia dissuadido de uma conspiração em Buenos Aires. Solicitou ao Ministro que o apresentasse ao Imperador, a partir da seguinte justificativa: “Como o Dr. Sarmiento acompanhou a Urquiza na sua campanha além do Paraná, pode instruir a vossa excelência e a sua majestade, o Imperador, que estou certo gostará de o ouvir”. Também emitiu um parecer sobre Sarmiento: “Há no Dr. Sarmiento alguma coisa de poesia, mas, dado esse desconto, e reduzida a importância que ele crê ter, há nele muito a aproveitar”.⁶⁸³

Nas cartas escritas no Rio de Janeiro, Sarmiento deu continuidade ao estilo de escrita combativa, criticando seus inimigos: “Condenado a ler nos diários, como se fosse uma lua sem telescópio, vejo a marcha dos acontecimentos. Vejo a mão de Urquiza, fazendo e desfazendo disparates [...]”. A ironia sobre os diários se referia ao fato de não receber maiores informações por meio das missivas, questão que será abordada adiante. Nas cartas, também comunicava a Mitre sobre os envios dos textos referentes à Batalha de Caseros, os quais, posteriormente, deram forma ao livro *Campaña*. Sobre esse assunto, escreveu: “Como você sentirá logo, meu ânimo tem sido que o leitor por si mesmo ligue as ideias, e reivindicar assim meu lugar na revolução consumada e que você sabe, da qual querem me tirar”.⁶⁸⁴

⁶⁸¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Sem indicação de data e local. In: MITRE, op. cit., p. 8-10. “después de navegar el Atlántico y el Pacífico, el Paraná y el Uruguay, asistido a la caída de dos tiranos, hallándome en dos grandes combates, y vuelto al destierro, como aquellos diablos que descienden al mundo el día de San Bartolo, hacen de las suyas, y vuelven a continuar su empleo de diablos devorados por las llamas en el infierno.”

⁶⁸² Idem. “Con los ministros y el emperador.”

⁶⁸³ LEÃO, Honório Hermeto Carneiro. Carta para Paulino José Soares de Sousa. Sem indicação de local e data. Citada por SOUSA, Sarmiento..., op. cit., p. 6-7.

⁶⁸⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 12 abril 1852. In: MITRE, op. cit., 12-17; “Condenado a leer en los diarios, como si fuera la luna sin telescopio, veo que marchan los acontecimientos. Veo la mano de Urquiza, haciendo y deshaciendo disparates”; “Como usted lo sentirá luego, mi ánimo ha sido, que el lector por sí mismo ligue las ideas, y reivindicar así mi rol en la revolución que hemos consumado y que usted sabe quieren quitarme.”

Solicitou a Mitre que publicasse um de seus panfletos e o prólogo, pois buscava uma conciliação. “Pode bastar isso, e me preservo de entrar na luta”, afirmou. Comunicou ainda ao amigo possuir importantes documentos que comprometiam a Urquiza e o ameaçou nos seguintes termos: “Se se obstina, hei de deixá-lo de camisa e calções, e se mais, como sua mãe o pariu”.⁶⁸⁵

Sua permanência durante várias semanas no Rio de Janeiro foi justificada como sendo necessária em vista dos acontecimentos de Montevideu, já que do Rio de Janeiro poderia ter uma visão mais próxima dos eventos por se relacionar com pessoas interessadas e envolvidas com as questões políticas do Prata. Mas sua estadia na capital do Império também se condicionava a outros fatores, como esclareceu na correspondência a Mitre. “Penso permanecer aqui até que acabe o dinheiro que trouxe, o que ocorrerá logo.”⁶⁸⁶

A Antonino Aberastain escreveu: “Eu estou em uma colônia alemã, sobre as montanhas do Rio de Janeiro”. Após a referência geográfica, comentou com o amigo que estava encerrado no quarto, “distante de nosso país e às escuras dos acontecimentos que por lá têm lugar”. Em tom lastimoso, se identificou como “um proscrito da vitória” e explicou os motivos que o levaram ao Rio de Janeiro: “Vim ao Rio de Janeiro em busca de um navio para regressar ao Chile”. E, em seguida, a Petrópolis: “[...] tive que subir as montanhas para escapar dos estragos da febre amarela reinante no porto e na Capital”.⁶⁸⁷

Comentou ainda com Aberastain que não conseguiria uma embarcação com destino ao Chile “até o início de maio”. Para Mitre, o sanjuanino enfatizou que o mês de repouso em Petrópolis na “linda colônia alemã sobre a montanha dos Órgãos” o retirou do marasmo ocasionado depois do que chamou “grande esforço do espírito”. “Estou, pois, fresco e contente”.⁶⁸⁸

Na correspondência enviada para Aberastain, explicou que sua “residência forçada nesta corte está sendo empregada, entretanto, de uma maneira proveitosa”. Sobre a política brasileira, concluiu que era “muito ilustrada” e “muito conforme nossos interesses reais e

⁶⁸⁵ *Idem*. “Puede bastar eso, y ahorrarme entrar en lucha [...]”; “Si se obstina lo he de dejar en camisa y calzoncillos, y si más, como su madre lo parió.”

⁶⁸⁶ *Idem*. “Pienso permanecer aquí hasta que se me acabe el dinero que traje, lo que será luego.”

⁶⁸⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Antonino Aberastain**. Petrópolis, 5 de abril de 1852. 7 f. Cópia de Olga Ottolenghi. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Rollo 009, n. 7922. Essa carta se encontra incompleta no microfilme; “Yo estoy en una colonia alemana, sobre las montañas de Rio Janeiro”; “alejado de nuestro pais y a oscuras de los acontecimientos que por allá tienen lugar”; “soy un proscrito de la victoria”; “vine a Rio Janeiro en busca de un Vapor para regresarme a Chile”; “he tenido que subirme a las montañas para escapar de los estragos de la fiebre amarilla reinante en el puerto y Capital”.

⁶⁸⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. In: SARMIENTO, **Campaña...**, *op. cit.*, p. 52; “linda colonia alemana sobre la montaña Dos Orgas”, “estoy, pues, fresco y contento”.

duradouros”, mas se encontrava “frustrada como nós” dos esforços e sacrifícios “imensos que tem feito”, já que, de acordo com o parecer do autor, o Brasil sentia necessidade, cada dia mais, “de se apoiar no Rio da Prata, no partido civilizado, como única garantia de uma paz duradoura”.⁶⁸⁹

A Mitre, enfatizou que a questão do Rio da Prata chamou a atenção do governo brasileiro para a história, os costumes, os homens e as coisas da Argentina. Argumentou também que, se anteriormente o espírito guerreiro argentino ou a desconfiança suscitada pelas intrigas, descortesias, trapaçarias e querelas de Rosas haviam criado uma experiência negativa, inspirando temor, “se sucedeu o respeito pelo caráter moral de que deram mostras tanto os que combateram a tirania e em homenagem às luzes e inteligência de nossos escritores e homens de estado”.⁶⁹⁰ Em outra carta, Sarmiento contou que na conferência com D. Pedro II explicou a participação dos argentinos das “glórias” de Tonelero, sobretudo no que se referia a sua participação, a de Mitre e a de Paunero.⁶⁹¹

Adriana Amante sublinhou a força da imaginação geográfica de Sarmiento em *Campaña*.⁶⁹² No que concerne ao Brasil, a premissa se confirma, já que o autor descreveu um Rio de Janeiro enaltecido pelas belezas naturais que o caracterizavam como parte do trópico. A Serra dos Órgãos, o Pão de Açúcar e o Corcovado compunham o cenário observado (e narrado) pelo autor durante a escrita de algumas partes do texto de *Campaña*. De acordo com o sanjuanino, a escrita de alguns trechos ocorreu nos arredores da “luxuosa baía [...] no Catete, bairro pitoresco e fascinante, Hotel dos Estrangeiros, em um quarto alegre cujas janelas dão para um pedaço de mar”.⁶⁹³ Sobre Petrópolis, se referiu nos seguintes termos:

Sobre a Serra dos Órgãos, com um clima doce no verão, em meio a picos de granito revestidos de vegetação espessa, nas profundezas que os dividem, ao largo de ruas terraplanadas nas partes baixas, ou cortadas nos declives, se

⁶⁸⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Antonino Aberastain**. Petrópolis, 5 de abril de 1852. 7 f. Cópia de Olga Ottolenghi. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Rollo 009, n. 7922. “muy ilustrada”; “muy conforme con nuestros intereses reales y duraderos”; “desfraudada como nosotros”; “de los esfuerzos y sacrificios inmensos que ha hecho”; “de apoyarse en el Rio de la Plata, en el partido civilizado, como única garantía de una paz duradora”.

⁶⁹⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. In: SARMIENTO, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 53. “Se ha sucedido el respeto por el caracter moral de que han dado muestras tanto de los que han combatido la tiranía y en homenaje a las luces e inteligencia de nuestros escritores y hombres de estado.”

⁶⁹¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Petrópolis, 22 de março de 1852. In: MITRE, *op. cit.*, p. 10-12.

⁶⁹² AMANTE, *Sarmiento...*, *op. cit.*, p. 200.

⁶⁹³ SARMIENTO, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 49. “Lujosa bahía [...] en el Catete, barrio pintoresco y fashionable, Hôtel des Etrangers, en una habitación alegre cuyas ventanas dan hacia el pedazo de mar”.

fundou a colônia de Petrópolis, na propriedade do Imperador, que a cedeu para este ensaio de colonização.⁶⁹⁴

A menção aos detalhes naturais da colônia de Petrópolis foi recorrente na narrativa de Sarmiento, conforme será possível observar a partir da análise de outros textos, principalmente das cartas. O clima tórrido do Rio de Janeiro, tão sentido e criticado pelo autor em *Viajes*, perdeu espaço na escrita para o “clima doce do verão” que prevalecia entre as montanhas da Serra dos Órgãos. Em relação a este local, escreveu:

O caminho que do Rio de Janeiro leva a Petrópolis é pitoresco e variado, atravessando em navios a baía, ascendendo às montanhas em veículos conduzidos por alemães, por um caminho cortado no flanco, e parapeitado pelo lado dos precipícios com um balaústre corrido de granito lavrado. Esta obra custa mais de um milhão de pesos com os terraplanos da população.⁶⁹⁵

O estilo de narrativa, ainda típico de um viajante romântico, enalteceu os caracteres naturais da paisagem e da composição humana, que se mesclava ao meio, parecendo parte indissociável dele. A referência ao Imperador interrompeu o tom edênico dado à narrativa. “O Imperador reside em um palácio que ainda continua em construção, e a sua residência somente é um fomento para o progresso da colônia que, não obstante a escassez de terra para o trabalho, prospera e aumenta.”⁶⁹⁶

Para exemplificar o crescimento pelo qual passava Petrópolis, o autor citou as construções existentes, o número de habitantes, além de sua composição étnica. “Há seis hotéis, alguns capazes e cômodos, duas capelas, uma católica e outra protestante, três colégios, e uma população de dois mil habitantes alemães e brasileiros”.⁶⁹⁷

Após algumas explicações referentes à composição da colônia, bem como aos contatos que estabeleceu no local, Sarmiento explicou que “cada navio que chega ao Rio de Janeiro nos traz a continuação do drama que eu deixava representando-se no Rio da Prata”⁶⁹⁸. Embora

⁶⁹⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Petrópolis. In: *Ibid.*, p. 207-208; “Sobre la montaña Das Orgas, con un clima dulce en verano, en medio de picos de granito revestidos de vegetación tupida, en las hondonadas que los dividen, ya lo largo de calles terraplenadas en los bajos, o cortadas en los declives, se ha fundado la colonia de Petrópolis, en propiedad del emperador, que la cedió para este ensayo de colonización.”

⁶⁹⁵ *Ibid.*, p. 208. “El camino que de Río de Janeiro lleva a Petrópolis es pintoresco y variado, atravesando en vapores la bahía, ascendiendo las montañas en vehículos conducidos por alemanes, por un camino cortado en el flanco, y parapetado por el lado de los precipicios con un balaustre corrido de granito labrado. Esta obra cuesta más de un millón de pesos con los terraplenes de la población.”

⁶⁹⁶ Idem. “El emperador reside en un palacio que aún continúa en construcción, y su residencia sola es un fomento para el progreso de la colonia que, no obstante la escasez de tierra de labor, prospera y aumenta.”

⁶⁹⁷ Idem. “Hay seis hoteles, algunos capaces y cómodos, dos capillas, una católica y otra protestante, tres colegios, y una población de dos mil habitantes alemanes y brasileiros.”

⁶⁹⁸ *Ibid.*, p. 209. “Cada buque que llega a Río de Janeiro nos trae la continuación del drama que yo dejaba representándose en el Río de la Plata”.

a descrição de detalhes sobre os locais por onde passou e das pessoas com as quais conviveu certamente fosse sentida como parte da atividade de escritor, sua grande preocupação neste momento recaía sobre os últimos acontecimentos do Rio da Prata.

Há uma recorrência muito forte na utilização da natureza como parâmetro para descrever e analisar o Brasil. E tal temática não esteve presente somente em Sarmiento, mas em outros exilados que viveram no Rio de Janeiro, como José Mármol e Juan María Gutiérrez. Segundo Amante, todos ficam presos à natureza e não deixam de cantá-la em suas produções literárias.⁶⁹⁹

Mas a narrativa de Sarmiento não se resume ao enaltecimento da natureza. Se na viagem de 1846, houve grande ênfase no calor tórrido da capital imperial, nesta segunda passagem pelo Rio de Janeiro os ares de Petrópolis causaram sensações distintas. “Minha residência em Petrópolis tem sido um preventivo contra a febre amarela, um estudo prático sobre os efeitos benéficos da imigração e um bálsamo para meu espírito”⁷⁰⁰. Escreveu ainda sobre a localização montanhosa desta cidade e a presença de imigrantes alemães.⁷⁰¹

As cartas demonstram que a permanência de Sarmiento nesta cidade esteve relacionada tanto às suas expectativas acerca do encontro com o Imperador do Brasil como ao receio de contrair febre amarela no litoral. Por estes motivos, Petrópolis constituía um local propício para aguardar o momento de embarcar em direção ao Chile.⁷⁰²

Na carta dirigida a Mitre, Sarmiento também narrou momentos do seu encontro com o Imperador D. Pedro II, além das impressões que tal encontro lhe causou. Explicou sentir dificuldades para inserir em poucas linhas “os assuntos variadíssimos daquelas conferências”. Disse ter sido recebido pelo Imperador “com uma indulgência e atenção que às vezes o fazia abandonar as formalidades da etiqueta”.⁷⁰³ Em outra carta, anotou que o Imperador, além de recebê-lo bem, demonstrou interesse pela Argentina. “Estive com o Imperador, que me recebeu com grande distinção, me fazendo mil perguntas sobre nossas coisas”. Sobre o Imperador, acrescentou: “É um raro jovem cheio de moderação, pouco comunicativo para

⁶⁹⁹ AMANTE, **Poéticas...**, *op. cit.*, p. 41.

⁷⁰⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. In: SARMIENTO, **Campaña...**, *op. cit.*, p. 53. “Mi residencia en Petrópolis ha sido un preservativo contra fiebre amarilla, un estudio práctico sobre los efectos benéficos de la emigración, y un bálsamo para mi espíritu.”

⁷⁰¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Petrópolis, 22 de março de 1852. In: *MITRE, op. cit.*, p. 10-12. “Entre mis alemanes que ignoran que tienen un huésped amigo”.

⁷⁰² *Idem.*

⁷⁰³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. In: SARMIENTO, **Campaña...**, *op. cit.*, p. 53. “He sido recibido por el Emperador con una indulgencia y atención que a veces le hacía derogar de las formalidades de la etiqueta.”

assuntos ordinários, e muito dado hoje ao estudo das letras argentinas, pelas quais se mostra simpático e admirado.”⁷⁰⁴

Nestes encontros com D. Pedro II, escreveu Sarmiento, eles pareciam dois estudantes, um deles “entendido e ávido de conhecimentos” e o outro “endurecido nas lutas do pensamento, professor em matérias de imigração, cultivo de seda e da história íntima de seu país”⁷⁰⁵.

Neste trecho da carta, Sarmiento construiu uma espécie de hierarquia na qual se colocou como professor, pois em sua narrativa ele ensinava, explicava e respondia ao Imperador, tentando sanar suas dúvidas. Explicou que, por temer ser indiscreto, economizou suas visitas ao monarca, mas ainda assim disse ter passado “horas inteiras respondendo a suas perguntas, explicando-lhe as coisas que os escritos não alcançam, dando-lhe notícias sobre o paradeiro de homens cujos nomes lhe interessaram”.⁷⁰⁶ Essa é uma recorrência também em outras correspondências, o ato de se colocar como um orientador, como uma pessoa experiente, capaz de auxiliar àqueles que têm sede de conhecimento. Neste caso, a idade seria um fator a mais, pois Sarmiento contava 41 anos e D. Pedro II tinha 26. Também explicou ao Imperador suas ideias sobre imigração e cultivo de seda, conforme informou.

Para demonstrar que D. Pedro II havia apreciado sua companhia, Sarmiento escreveu que o governante brasileiro seguia com interesse o fio de suas ideias, “apoiando cada frase com um movimento de cabeça em sinal de afável assentimento”⁷⁰⁷. Além da concordância com suas colocações, o sanjuanino fez questão de frisar que seu bom humor divertia o Imperador. “Me perguntou se eu havia estudado na *Universidad de Buenos Aires* e respondi que era doutor *montonero*, como tantos de nossos generais, o que o fez rir muito”.⁷⁰⁸ Interessante notar que o autor da missiva nesta ocasião ou não quis fazer referência ao seu autodidatismo quando questionado pelo Imperador (elemento que não raramente declarava

⁷⁰⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Petrópolis, 22 de março de 1852. In: MITRE, *op. cit.*, p. 10-12. “Estuve con el emperador quien me recibió con suma distinción haciéndome mil preguntas sobre nuestras cosas”; “Es un raro joven lleno de moderación, poco comunicativo de ordinario, y muy dado hoy al estudio de las letras argentinas, por las que se muestra simpático y admirado.”

⁷⁰⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. In: SARMIENTO, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 54. “Los asuntos variadísimos de aquellas conferencias”, “más que Emperador y un simple particular extranjero, parecíamos dos estudiantes”, “entendido y ávido de conocimientos”, “endurecido en las luchas del pensamiento, profesor en materias de emigración, cultivo de la seda e historia íntima de su país”.

⁷⁰⁶ *Ibid.*, p. 55. “Horas enteras respondiendo a sus preguntas, explicándolo las cosas que los escritos no alcanzan, dándole noticias sobre el paradero de los hombres cuyos nombres le han interesado.”

⁷⁰⁷ *Idem.* “Apoyando cada frase con un movimiento de cabeza en señal de afable asentimiento”.

⁷⁰⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Petrópolis, 22 de março de 1852. In: MITRE, *op. cit.*, p. 10-12. “Preguntóme si yo había estudiado en la universidad de Buenos Aires y respondíle que era doctor montonero como tantos de nuestros generales, lo que le hizo reír mucho.”

aos seus interlocutores) ou preferiu silenciar esta informação em prol de uma conversa mais descontraída, se é que a conversa realmente ocorreu nestes termos.

Também se vangloriou por ter agido com “insolência” ao se apresentar ao público e à corte em uma ópera, o que teria causado “uma grande sensação”⁷⁰⁹ nos presentes e o riso do Imperador, quando do encontro de ambos.

De acordo com suas explicações a Mitre, durante os momentos em que esteve com o Imperador este mostrou seu lado privado e não o público. Escreveu ainda: “Pois o Imperador, o homem de Estado é reservadíssimo, muito circunspecto, e ainda desconfiado que o surpreendam com palavras inoportunas, seu pensamento íntimo”.⁷¹⁰

Sarmiento também elogiou a formação do Imperador:

A etiqueta de Don Juan VI regulamenta todas suas ações e a estratégia constitucional, suas palavras e pensamentos; deixando para a vida doméstica seus afetos, e para as gentes de letras, brasileiros ou estrangeiros, estas manifestações de sua inteligência cultivada com esmero.⁷¹¹

A valorização de uma educação ilustrada é perceptível na forma como o sanjuanino descreveu D. Pedro II. “O Imperador, jovem de 26 anos, estudioso, e dotado de qualidades de espírito e de coração que o fariam um homem distinto em qualquer posição da vida, se entregou com paixão ao estudo de nossos poetas, publicistas e escritores sobre costumes e caracteres nacionais”.⁷¹²

Surpreendeu-se com o conhecimento demonstrado pelo Imperador por autores argentinos como Esteban Echeverría, José Mármol, Juan Bautista Alberdi, entre outros. Comentou que o Imperador lhe perguntou “com interesse, se a juventude atual de Buenos Aires tinha o mesmo valor que os ausentes, cujos livros conhecia”.⁷¹³

A respeito de seus escritos, disse: “havíamos introduzido favoravelmente *Civilización y Barbárie*, faz tempo, com a primeira edição” no Brasil. Afirmou que posteriormente o

⁷⁰⁹ *Idem.*

⁷¹⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. In: SARMIENTO, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 54. “Pues el Emperador, el hombre de Estado es reservadísimo, muy circunspecto, y aun desconfiado de que se le sorprenda, en palabras inoportunas, su pensamiento íntimo”.

⁷¹¹ *Ibid.*, p. 55. “La etiqueta de don Juan VI regla todas sus acciones y la estrategia constitucional, sus palabras y pensamientos; dejando para la vida doméstica sus afecciones, y para las gentes de letras, brasileiros o extraños, estas manifestaciones de su inteligencia cultivada con esmero.”

⁷¹² *Idem.* “El Emperador, joven de veintiséis años, estudioso, y dotado de cualidades de espíritu y de corazón que lo harían un hombre distinguido en cualquier posición de la vida, se ha entregado con pasión al estudio de nuestros poetas, publicistas y escritores sobre costumbres y caracteres nacionales.”

⁷¹³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Petrópolis, 22 de março de 1852. In: MITRE, *op. cit.*, p. 10-12; “[...] con interés, si la juventud actual de Buenos Aires valía lo que los ausentes cuyos libros conocía.”

Imperador procurou por outros textos de sua autoria como *Sud América*, *Argirópolis* e *Educación Popular*. Afirmou que sua recepção havia sido favorecida por tais antecedentes. Sarmiento, por sua vez, lhe deu a obra *Crónica*.⁷¹⁴

Embora a assistência que o sanjuanino forneceu ao Imperador, respondendo suas perguntas e explicando suas ideias, seja uma recorrência maior em sua carta, ele comentou que D. Pedro II, por sua vez, também o orientou em alguns assuntos. Ele deu conselhos sobre a escrita de livros, por exemplo.

De acordo com sua narrativa, Sarmiento se sentiu em uma situação embaraçosa em determinado momento. Segundo o sanjuanino, ele não comentou sobre *Viajes*, pelo fato desta obra conter uma “infeliz” carta sobre o Brasil. Mas percebeu que D. Pedro II conhecia o livro e teria comentado que os negros haviam chamado demasiada atenção do viajante naquela ocasião. Complementou ainda afirmando que o Imperador teria feito o seguinte comentário se referindo a *Viajes*: “Se exagerou a influência da raça negra sobre nosso porvir, e sobre nossas instituições”.⁷¹⁵

A resposta de Sarmiento foi que o juízo foi “feito de forma rápida, a partir da primeira impressão dos sentidos”. Escreveu também: “Há muito que atribuir à precipitação do viajante (que por ver uma servente caolha crê que todos os habitantes do país que atravessa são caolhos).” Explicou ainda que os argentinos carregavam as preocupações que os espanhóis transmitiram sobre os portugueses “e antes de chegar ao Brasil vimos já dispostos a julgá-los pelo lado desfavorável”.⁷¹⁶

Sarmiento teria dito ainda ao Imperador que o conhecimento que estabeleciam naquele momento era importante para desvanecer as posições desfavoráveis. Neste sentido, o escritor se redimiou: “E eu me encarrego desta tarefa”.⁷¹⁷ Para aqueles que defendem que a narrativa de *Viajes* sobre o Rio de Janeiro consistiu um olhar negativo sobre o Brasil, a postura assumida agora em relação ao Imperador e ao Império denota uma mudança de posição bastante evidente. Esse elemento possibilita refletirmos sobre as ideias de Giovanni Levi, para o qual a

⁷¹⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1852. In: SARMIENTO, *Campaña...*, *op. cit.*, p. 55. “Habíamos introducido favorablemente Civilización y barbarie, hace tiempo, con la primera edición”.

⁷¹⁵ *Ibid.*, p. 54. “Se ha exagerado la influencia de la raza negra sobre nuestro porvenir, y sobre nuestras instituciones”.

⁷¹⁶ *Ibid.*, p. 54-55. “Hecho a la ligera, y por la primera impresión de los sentidos”; “hay mucho que atribuir a la precipitación del viajero (que por ver uns sirienta tuerta cree que todos los habitantes del país que atraviesa son tuertos)”; “y antes de llegar al Brasil venimos ya dispuestos a juzgarlo por el lado desfavorable”.

⁷¹⁷ *Idem*. “Y yo me encargo de esta tarea”.

historiografia sobre trajetórias de vida nos possibilita pensar o indivíduo de forma menos coerente e racional, aberto a mudanças de opinião e sensível a novas experiências.⁷¹⁸

Enfim, muitos foram os elogios ao Imperador. Sarmiento o descreveu como comunicativo, franco e possuidor de um “abandono afetuoso e cordial”, além de generosidade de caráter, sinal de que o narrador estava mais preocupado com as relações construídas naquele contexto, com uma identidade a ser afirmada no momento posterior ao encontro, do que em sustentar pontos de vista anteriores, vinculados à sua primeira viagem. Ao invés de desvalorizar a primeira narrativa sobre o Brasil, atribuiu à “precipitação do viajante” e ao imaginário existente entre os argentinos sobre os espanhóis e portugueses. Também se atribuiu a tarefa de aproximar os dois países, valorizando (ou supervalorizando?) sua posição como sujeito histórico, já que acreditava, conforme demonstra na correspondência, que teria condições sozinho de resolver as diferenças ocasionadas por contendas históricas mais antigas.

Em outra correspondência Sarmiento escreveu a respeito das “agradáveis conferências” com D. Pedro II, “francas” e “cheias de indulgência”. Para o sanjuanino, diante de tantos dissabores causados com os “tratamentos descorteses de régulos” de sua pátria, os encontros com o Imperador lhe causaram um “efeito balsâmico” e tal evento se colocava “entre as mais gratas recordações.”⁷¹⁹ Neste caso, ao utilizar o termo *régulos*, o autor se referia a Rosas e a Urquiza, para ele caudilhos que se assemelhavam. Sobre a reunião com o monarca brasileiro, Sarmiento escreveu ainda: “Falamos ambos horas inteiras, disputando as palavras sobre uma diversidade de questões interessantes, seja imigração, poesia, características nacionais”.⁷²⁰

Sobre os seus livros, o escritor argentino comentou “[D. Pedro II] conhece todos meus escritos e me falou de vários detalhes de pessoas e incidentes que se encontram neles. Gostava muito dos caracteres que tracei aqui e ali em biografias e me indicava que os reunisse em um

⁷¹⁸ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 93-101.

⁷¹⁹ Essa carta pertenceu ao arquivo do Visconde do Uruguai. De acordo com Soares de Sousa, provavelmente estava endereçada a José Maria da Silva Paranhos, na época secretário brasileiro da Missão Especial, ou a José Ribeiro da Silva Pontes, Encarregado de Negócios em Montevidéu. Ainda de acordo com Soares de Sousa, possivelmente já sabendo da satisfação que teria o Imperador D. Pedro II ao ler a carta, o destinatário a enviou a Paulino José de Sousa, para que este encaminhasse ao Imperador. A carta não teria sido restituída ao dono e, por este motivo, encontrava-se no arquivo do Visconde do Uruguai. SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta. 14 abril 1852. Sem indicação de destinatário. Impressões sobre D. Pedro II. Reproduzida por SOUSA, **Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 12, “entre los más gratos recuerdos”.

⁷²⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta sem indicação de local e destinatário. 14 abril 1852. Reproduzida por SOUSA, **Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 12-13. “Hablamos ambos horas interas, disputandonos las palabras sobre una multitud de cuestiones interesantes, sea, imigración, poesia, caracteres nacionales”.

só livro”.⁷²¹ O escritor argentino diz ter indicado ao monarca algumas obras de sua autoria ainda desconhecidas por ele. Comentou também que o Imperador ficou desconcertado quando o sanjuanino lhe disse haver um livro que não gostaria que ele lesse, mas não citou o nome da obra. D. Pedro II, por sua vez e de acordo com a narrativa de Sarmiento, teria solicitado que o autor inserisse sinais nas partes que não deveriam ser lidas, para que o Imperador pudesse pular tais trechos. Por este episódio, o escritor argentino ressaltou “o quanto há de sensivelmente nobre neste abandono”.⁷²²

Sobre a obra *Viajes*, escreveu que D. Pedro II “tocou com uma discrição afetuosa algo de minhas viagens, menos para me fazer uma reprovação dela, que para me mostrar quão seguro estava de meus sentimentos de justiça”.⁷²³ Concluiu se dirigindo ao interlocutor da carta: “Julgue você, pois não faço mais que lhe indicar qual deve ser minha afeição profunda e meu respeito por homem tão altamente colocado e tão enriquecido das qualidades que adornam o caráter e o espírito.”⁷²⁴

É evidente que o autor da missiva procurava construir uma identidade para si a partir da narrativa sobre o encontro com o Imperador. Em outra correspondência, encaminhada a Aberastain, Sarmiento deu o mesmo parecer sobre D. Pedro II, enfatizando como a produção literária de seu país seria talvez o ponto crucial para uma aproximação maior entre a República Argentina e o Brasil. Para ele, o Imperador:

jovem [...] dotado das mais felizes disposições de espírito e de caráter e neste momento entregue com entusiasmo, novidade, e interesse crescente pela leitura de nossos poetas, escritores e demais, assombrado de tanta originalidade, de caracteres tão enérgicos e de cultura, desenvolvimento e instrução de que, não obstante os progressos admiráveis do império, vê tão poucas mostras entre seus nacionais.⁷²⁵

⁷²¹ *Idem*. “Conoce todos mis escritos y me ha hablado de cuanto detalle de personas e incidentes se encuentran en ellos. Gustaba mucho de los caracteres que he trazado aqui e allí en biografías y me indicaba que los reuniese en uno solo libro.”

⁷²² *Ibid.*, p. 13. “O cuanto hai de sencillamente noble en este abandono.”

⁷²³ *Ibid.*, p. 12-13. “Tocome con una discreción afectuosa algo de mis viajes, menos para acerme un reproche de ello, que para mostrarme cuán seguro estaba de mis sentimientos de justicia”.

⁷²⁴ *Ibid.*, p. 13. “Juzgue V. por cuanto no hago más que indicarle cual debe ser mi afección profunda y mi respecto por hombre tan altamente colocado, y tan noblemente enriquecido de las prendas que adornan en el caracter y el espíritu”.

⁷²⁵ SARMIENTO, **Carta para Antonino Aberastain**. Petrópolis, 5 de abril de 1852. 7 f. Cópia de Olga Ottolenghi. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Rollo 009, n, 7922; “joven de 25 años, dotado de las mas felices disposiciones de espíritu y de caracter y en este momento entregado con entusiasmo, novedad, e interés creciente a la lectura de nuestros poetas, escritores y demás, asombrado de tanta originalidad, de caracteres tan enérgicos y de cultura, desenvolvimiento é instruccion de qué, no obstante los progresos admirables del imperio, ve tan pocas muestras entre sus nacionales.”

Para o autor da missiva, a literatura assumiria um amplo papel. Na narrativa do sanjuanino, D. Pedro II procurava entre os argentinos o que não conseguia encontrar no Brasil. Entre tantos livros e poetas, Sarmiento destacou o interesse do imperador por suas obras, mas também enfatizou sua curiosidade em relação à cultura e política do país vizinho. “Meus escritos o têm fascinado e passamos muitas horas em Petrópolis em conferências repetidas a pedido seu para me mostrar sua aprovação e me pedir explicações sobre tudo aquilo que em nossos costumes ou negócios públicos excita sua curiosidade”.⁷²⁶ Informou também que discorreram sobre os mais diversos assuntos, como viagens, cultura, educação, imigração, sobre Quiroga, Oro, etc., “porque os caracteres argentinos lhe causam uma grande impressão”.⁷²⁷

Como bem pontuou Adriana Amante, Sarmiento se pavoneou na carta escrita a Mitre, satisfeito por ter como leitor de seus livros o imperador D. Pedro II.⁷²⁸ Na missiva escrita a Aberastain, também se vangloriou a partir do conhecimento que informou terem os brasileiros sobre seus livros: “Os agentes brasileiros me haviam preparado o caminho para eu me aproximar com sucesso dos ministros, e o que eles não haviam feito o fez a leitura dos meus livros, panfletos e periódicos que restavam à ordem do dia entre os homens públicos.”⁷²⁹ Quanto a D. Pedro II, o escritor argentino fez questão de destacar detalhes que o imperador apontou sobre seus escritos. “Antes de ontem me perguntou pelo Doutor Aberastain, se havia tido notícias dele, pois em *Recuerdos de Provincia*, que não sei onde procurou, lhe chamou a atenção pelos serviços que me havia prestado em meus primeiros passos”.⁷³⁰

Paulino José Soares de Sousa, de acordo com o sanjuanino, teria dito a ele: “Muito temos, senhor, que aprender em seus livros e é uma das felicidades que obtivemos como resultado de nossos esforços haver rompido a barreira que separava dois povos destinados a se ilustrar reciprocamente com seus trabalhos.” Concluiu a ideia deixando em suspenso possíveis

⁷²⁶ *Idem*. “Mis escritos lo tienen fascinado y largas horas pasamos en Petrópolis en conferencias repetidas a pedido suyo para mostrarme su aprobación y pedirme explicaciones sobre todo aquello que en nuestros costumbres o negocios públicos excita su curiosidad.”

⁷²⁷ *Idem*. “Porque los caracteres argentinos le causan una grande impresión.”

⁷²⁸ A vaidade e o fato de Sarmiento se colocar como um grande escritor não desmentem o mérito alcançado com **Campaña**. Segundo Amante, existem diversos registros de reconhecimento de sua habilidade de escritor no que diz respeito a esta publicação. A fama, para Amante, “o convertía en un personaje más interesante y esperado por el pueblo que el propio general en jefe”. Ver AMANTE, **Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 195-196.

⁷²⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Antonino Aberastain**. Petrópolis, 5 de abril de 1852. 7 f. Cópia de Olga Ottolenghi. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Rollo 009, n. 7922; “Los agentes brasileiros me habían preparado el camino para acercarme con suceso a los ministros, y lo que ellos no hubieran hecho tenialo adelantado la lectura de mis libros, panfletos y periodicos que restaban a la orden del dia entre los hombres públicos.”

⁷³⁰ *Idem*. “Anteayer me preguntó por el Doctor Aberastain, si habia tenido noticias de él, pues en Recuerdos de Provincia que no sé dónde se ha procurado, le había llamado la atención por los servicios que me había prestado en mis primeros pasos.” Grifo do autor.

propostas e ofertas que o Ministro dos Negócios Estrangeiros poderia ter feito a ele. “Omito outros detalhes, promessas e oferecimentos”.⁷³¹ Na correspondência enviada a Mitre também se referiu de forma amistosa a Paulino José Soares de Sousa, dizendo que este fez votos de que argentinos e brasileiros se apreciem e auxiliem.⁷³²

Paulino José Soares de Souza, por sua vez, também deixou registrado seu parecer sobre o sanjuanino, em correspondência remetida a Honório Leão, na qual afirmou: “O Dr. Sarmiento já esteve com o Imperador em Petrópolis e com ele conversou largamente. Com efeito, o homem tem muito merecimento, e é muito interessante, mas tem a cabeça mais poética do que política”.⁷³³ Em outra missiva endereçada a Sarmiento, o futuro Visconde do Uruguai foi bastante cordial ao responder uma carta do sanjuanino. Disse que o Imperador deu uma prova de apreço pelos “talentos” e “importância da pessoa de V.Sr.” ao nomeá-lo oficial da Ordem da Rosa, atitude que “aplaudo de todo meu coração”. Aproveitou ainda a correspondência para solicitar “mil perdões” devido à demora na resposta da carta remetida pelo sanjuanino alguns dias antes, para comunicar que estava “às ordens de Vs., na minha casa” e para “renovar os protestos de alta estima e distinta consideração com que tenho a honra de ser seu afetuoso e seguro servidor”.⁷³⁴

Para Sarmiento, a estadia no Rio de Janeiro também se mostrou uma boa oportunidade para criticar a Confederação Argentina. Para um escritor astuto, diversos caminhos poderiam ser percorridos para a narrativa produzir os efeitos desejados. O assunto, muitas vezes, era um artil para iniciar uma crítica ou um debate. Um exemplo deste tipo de estratégia utilizada com frequência por Sarmiento se refere aos comentários que realizou sobre a febre amarela na capital federal do Império brasileiro.

Sarmiento anotou que nos dias em que esteve no Rio de Janeiro a febre amarela representava uma ameaça constante e que os sobrinhos e irmãs de Rosas, que viajaram com ele do Uruguai ao Brasil na embarcação *Prince*, tinham medo de desembarcar e serem vítimas da doença. A oportunidade para escrever sobre seu país a partir destes comentários. De acordo

⁷³¹ *Idem*. “Mucho tenemos, Señor, que aprender en los libros de U. y es una de las felicidades que hemos obtenido por resultado de nuestros esfuerzos haber roto la barrera que separaba dos pueblos destinados a ilustrarse reciprocamente con sus trabajos”; “Omito otros detalles, promesas y ofrecimientos”.

⁷³² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Petrópolis, 14 abril 1852. Reproduzida por SOUSA, **Sarmiento...**, *op. cit.*, 1971.

⁷³³ SOUSA, Paulino José Soares de. Carta para Honório Hermeto Carneiro Leão. Sem indicação de local, 26 de março de 1852. In: SOUSA, **Sarmiento...**, *op. cit.*, p. 8.

⁷³⁴ SOUZA, Paulino José Soares de. **Carta para Domingo Faustino Sarmiento**. Sem indicação de local. 14 de abril de 1852. 1 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, carpeta 36, n. 3973.

com o autor, as praias argentinas deixavam saudades, pois não ameaçavam o homem com doenças peculiares ao clima, “como o vômito negro de Havana ou as febres de Lima”.⁷³⁵

Mas o elogio ao litoral rio-platense foi rapidamente abandonado em favor da crítica. Para Sarmiento, os parentes de Rosas “se esqueciam de que na Confederação reinava, até agora pouco, enfermidade endêmica, mais rápida em seus efeitos, mais devoradora em seus estragos que o cólera *morbus asiático*”.⁷³⁶ A política reinante no período de Rosas foi comparada a uma epidemia desoladora. Segundo Sarmiento, “chamou-se aquela enfermidade degola” e a salvação para tal doença poderia ser encontrada somente no desterro, “regime que dura por anos sem término”.⁷³⁷ As epidemias do Rio de Janeiro foram abandonadas na narrativa para dar lugar à crítica referente ao contexto argentino.

Quando os sintomas da enfermidade apareciam no semblante ou nos atos e algum vizinho, dava-se ao pesteadado o nome de selvagem unitário e então os marcavam, evitando seu encontro, pois que as leis da justiça e da humanidade e até as do decoro cessavam de protegê-lo.⁷³⁸

A partir do olhar dirigido aos problemas relacionados à saúde enfrentados no Brasil, a terra natal tornou-se o assunto principal. A natureza ofereceu elementos para que os exilados pudessem refletir sobre sua pátria. De acordo com Amante, o Brasil

Desenha-se como o país das maravilhas da natureza e sua exuberância encontra nos escritos dos proscritos – somando-se ou contrapondo-se à ideia do deserto e do pampa – outra configuração do espaço como paisagem estética e politicamente produtiva que se imbrica com o discurso sobre a pátria perdida.⁷³⁹

Assim, antes de retornar ao Chile Sarmiento perguntou, se referindo à Confederação Argentina: “É este um povo de loucos, de estúpidos ou de bêbados?”⁷⁴⁰

⁷³⁵ SARMIENTO, *Campaña...*, op. cit., 49, “como el vómito negro de La Habana o las tercianas de Lima.”

⁷³⁶ *Ibid.*, p. 49-50. “Se olvidaban que en la Confederación reinaba, hasta ahora poco, enfermedad endémica, más rápida en sus efectos, más devoradora en sus estragos que el cólera morbus asiático.”

⁷³⁷ *Ibid.*, p. 49. “Llamóse aquella enfermedad degüello”, “régimen que dura por años sin término.”

⁷³⁸ *Ibid.*, p. 49-50. “Cuando los síntomas de la enfermedad aparecían en el semblante o en los actos de algún vecino, dábale al apestado el nombre de salvaje unitario y entonces se lo señalaban los unos a los otros, evitando su encuentro, pues que las leyes de la justicia y de la humanidad y hasta las del decoro, cesaban de protegerlo.”

⁷³⁹ AMANTE, *Poéticas...*, op. cit., p. 42-43. “Se diseña como el país de las maravillas de la naturaleza, y su exuberancia encuentra en los escritos de los proscritos – sumándose o contraponiéndose a la idea del desierto y la pampa – otra configuración del espacio como paisaje estética y políticamente productivo que se imbrica con el discurso sobre la patria perdida”.

⁷⁴⁰ SARMIENTO, *Campaña...*, op. cit., p. 51. “¿Es éste un pueblo de locos, de necios, o de borrachos?”

No navio *Prince*, Sarmiento encontrou Juan Terrero, parente e amigo de Rosas. Após a queda de Rosas, muitas pessoas ligadas ao seu círculo partiram em exílio. Nesta embarcação, Sarmiento também se referiu ao jovem Mansilla, sobrinho de Rosas. Ele se tornou, posteriormente, admirador do sanjuanino e foi uma das pessoas que lançou sua candidatura à presidência, em 1868. Em um tom amargo e lançando mão de uma construção discursiva de efeito, ele se comparou a Rosas.

tive que o seguir há pouco; como ele, me asilar em um navio de guerra; como ele, contemplar tristemente Buenos Aires três dias desde as balizas; como ele, dizer adeus à pátria e tomar o caminho do estrangeiro, acompanhado, para maior desgraça da fortuna, de seu sobrinho e de seu irmão, o general Mansilla, com quem, debilitadas as asperezas do espírito dividido pelo enfrentamento diário, assisti à Ópera em um palco comum no Rio de Janeiro [...].⁷⁴¹

As críticas a Rosas e a Urquiza se mesclavam nas correspondências escritas no Rio de Janeiro. Na missiva dirigida a Aberastain, comentou que “às vezes” lançava “tristemente” os olhos ao seu país recordando como ele tem sido “tratado por homens cujo mérito é insignificante e cuja posição é uma das anomalias que resultam do deslocamento geral em que vivemos.”⁷⁴²

Por meio das correspondências encaminhadas do Brasil, Sarmiento deu continuidade ao seu projeto de intervenção na política da Confederação Argentina, conforme nos mostram algumas missivas. O escritor argentino enfatizou para Aberastain: “[...] você conceberá facilmente o quanto auxílio podem me servir para o que virão as simpatias com as quais devo contar no Chile e no Brasil”, países que para Sarmiento representavam “os dois estados mais fortes que nos rodeiam”. Além dos países citados, Sarmiento esperava contar com “o apoio das províncias com as quais é prudente contar e a opinião em massa de Buenos Aires, que me pertence”.⁷⁴³

⁷⁴¹ *Ibid.*, p. 52. “Tuve que seguirle a poco; como él, aislarme en un buque de guerra; como él, contemplar tristemente a Buenos Aires tres días desde las balizas; como él, decir adiós a la patria y tomar el camino del extranjero, acompañado, para mayor irrisión de la fortuna, de su sobrino u de su hermano el general Mansilla, con quienes, embotadas las asperezas del espíritu de partido por el roce diario, asistí a la Opera en palco común en Río de Janeiro, no sin grande estupefacción del Emperador, de la corte y de público, que no acertaban a descifrar aquel enigma viviente, expuesto ante sus ojos, como una lección de las raras vicisitudes de la política argentina”.

⁷⁴² SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Antonino Aberastain**. Petrópolis, 5 de abril de 1852. 7 f. Cópia de Olga Ottolenghi. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Rollo 009, n. 7922. “[...] tratado por hombres cuyo mérito es insignificante y cuya posición es una de las anomalías que resultan de la dislocación general en que vivimos.”

⁷⁴³ *Idem.* “[...] U. concebirá fácilmente de cuanto auxílio pueden serme para lo sucesivo las simpatias con que debo contar en Chile i el Brasil”; “los dos estados más fuertes que nos rodean”, “el apoyo de las provincias con que es prudente contar y la opinion en masa de Buenos Aires; que me pertenece.”

Sarmiento também forneceu algumas informações sobre a condução das questões de política externa brasileira, quando comentou com o amigo: “Me vejo privado de aproveitar a partida do vapor que levará esta ao Chile”. O motivo seria por “haver interessado ao ministério do Brasil e ao enviado oriental a esta corte, em dar alguns passos em relação ao Governo de Buenos Aires e de Urquiza a fim de evitar um rompimento público comigo e buscar um meio honroso de acomodamento.”⁷⁴⁴

Enquanto aguardava a embarcação para o Chile, no Rio de Janeiro, em março de 1852, confessou (ou mentiu, na tentativa de dissimular a saudade?) a Mitre: “Escrevo por aborrecimento, como outro passaria suas horas a acariciar os bigodes”. E se o desejo de escrever não era tão grande, a vontade de ler as correspondências remetidas a ele foi expressa no imperativo ao amigo: “Indague, averigue, inquiria onde param as cartas do Chile para mim”.⁷⁴⁵

Durante as semanas em que permaneceu no Brasil, Sarmiento se lamentou com seus amigos por não estar sendo lembrado. Em uma das cartas escritas a Mitre, o sanjuanino demonstrou se sentir solitário durante a espera pelo retorno ao Chile e se empenhou em tentar manter os vínculos e em se fazer lembrar por meio das correspondências. Assim, pediu ao amigo: “Me escreva algo, para que eu não pense que fui esquecido por todos”.⁷⁴⁶

Ao final desta mesma missiva, o autor não se conteve. “Espero suas cartas com impaciência”, disse a Mitre.⁷⁴⁷ Este documento é revelador quanto ao fato de mostrar o desejo de ser lembrado e demonstra ainda que, talvez em alguns contextos, a vontade de ler uma correspondência fosse maior do que o desejo de escrever, pois as cartas recebidas confirmavam que os demais sentiam sua falta, que não o haviam esquecido. As correspondências funcionavam como uma ponte entre a solidão do exílio – que neste caso era maior que a do Chile, devido à diferença linguística e ao fato de não estar inserido em uma rede mais ampla de conhecidos – e os amigos.

Mas, à medida que o tempo passava, as correspondências não chegavam e a impaciência se tornava maior:

⁷⁴⁴ *Idem*. “Me veo privado de aprovechar de la partida del Vapor que llevará esta a Chile”; “haberse interesado el ministerio del Brasil y el enviado oriental en esta corte, en dar algunos pasos cerca del Gobierno de Buenos Aires y de Urquiza a fin de evitar un rompimiento público [conmigo], i buscár un medio honroso de acomodamiento”.

⁷⁴⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Petrópolis, 22 de março de 1852. In: MITRE, *op. cit.*, p. 10-12; “Escribo por aburrimiento, como otro pasaría sus horas en amansarse los bigotes”; “Indague, averigue, inquiera donde paran cartas de Chile para mí”.

⁷⁴⁶ *Idem*. “Escríbame algo, para no creerme de todos olvidado”.

⁷⁴⁷ *Idem*. “Espero sus cartas con impaciencia”.

Necesito ter toda fé que tenho na boa vontade dos amigos, e toda a indulgência que para com os demais nos dá a consciência de nossos próprios descuidos, para não aceitar a ideia de que fui esquecido ao ponto de que ninguém me escreveu neste vapor, nem Albarracín, nem López, nem Alsina, nem você.⁷⁴⁸

Informou que aguardaria o dia seguinte, pois ficou sabendo que um oficial teria levado suas missivas antes do vapor. Suas súplicas continuaram ainda assim. “Por Deus, não me façam sentir o vazio em torno de mim, porque sucumbiria a esta ideia.” Ao final da correspondência, convocou os amigos: “A todos que me escrevam”.⁷⁴⁹

Em 08 de abril, Sarmiento se deslocou de Petrópolis para o Rio de Janeiro e se hospedou na casa de Andrés Lamas.⁷⁵⁰ A oportunidade que teve em Petrópolis de conhecer Lamas e “tratá-lo de perto” foi valorizada por ele. Sarmiento nos forneceu dados sobre esse exilado, nos seguintes termos:

Escreve a vida e campanhas do general Belgrano, sobre memórias de nossos generais mais acreditados. É muito argentino como você sabe, e o hábito de uma diplomacia laboriosa lhe deu essa maleabilidade e tato dos homens e das coisas que a mim falta, depois de servir tantos anos de cunha, de agulha para furar o muro de granito que nos tinha separado de nossa pátria.⁷⁵¹

Informou que passaram algum tempo juntos “trocando reminiscências, ideais, feitos e estudos”. Encontrar um exilado era uma maneira de formar uma rede de interesses, reforçar determinada identidade e poderia significar ainda um alívio se o motivo da viagem tivesse sido ocasionado por disputas de cunho ideológico. Lamas, disse o sanjuanino, “logrou introduzir em meu espírito um pouco de calma e quase desisti de lançar à queima-roupa uma

⁷⁴⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1852. In: *MITRE, op. cit., p. 12-17*. “Necesito tener toda la fe que tengo en la buena voluntad de mis amigos, y toda la indulgencia que para con los otros nos da la conciencia de nuestros propios descuidos, para no aceptar la idea de que he sido olvidado hasta el punto de que nadie me haya escrito en este vapor, ni Albarracín, ni López, ni Alsina, ni usted.”

⁷⁴⁹ *Idem*. “Por Dios, no me hagan sentir el vacío en torno mío, porque sucumbiría a esta idea”; “A todos que me escriban”.

⁷⁵⁰ Andrés Lamas nasceu em Montevideu em 1817. Em 1836 se exilou no Brasil, por se posicionar contrariamente ao governo. Combateu Juan Manuel de Rosas e foi Ministro Plenipotenciário ante o Brasil em 1847. Atuou como político, diplomata, escritor. Fundou o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai.

⁷⁵¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bartolomé Mitre. Petrópolis, 22 de março de 1852. In: *MITRE, op. cit., p. 10-12*. “Escribe la vida y campañas del general Belgrano, sobre memorias de nuestros generales más acreditados. Es muy argentino como usted sabe, y el hábito de una diplomacia laboriosa le ha dado esa soplesse y tacto de los hombres y de las cosas que a mí me falta, después de haber servido tantos años de cuña, de púa para horadar el muro de granito que nos tenía separados de nuestra patria.”

crítica que não seria senão o aviso de que abro uma nova campanha para continuar o trabalho começado”.⁷⁵²

Escreveu outra carta a Paulino José Soares de Sousa, datada de 09 de abril, para comunicar sua chegada de Petrópolis, “onde teve a honra de ser recebido por S. M. o Imperador várias vezes, com uma indulgência que excitará sempre minha gratidão”.⁷⁵³ Além de se colocar à disposição do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Sarmiento enfatizou: “A partida para o Chile do vapor S. Lewis me faria desejar o que é possível sem intrometimento da política argentina, a fim de poder informar isso ao Presidente da República do Chile, a nossos numerosos e influentes amigos naquela República e a meus correspondentes nas províncias do interior”. O comunicado que gostaria de fazer é que “eles podem oferecer uma grande influência nos negócios, e conviria dar direção acertada à ação de que deles depende”.⁷⁵⁴

Também informou a Hermeto Leão sobre a condecoração com a *Ordem da Rosa*, uma homenagem do Imperador em gratidão aos seus préstimos na Batalha de Tonelero. Interessante notar, neste caso, as impressões de alguns brasileiros, tanto em relação às sensações de Sarmiento mediante o encontro com o Imperador e a condecoração, bem como em relação ao próprio argentino. O Ministro Plenipotenciário Hermeto Leão informou a Paulino Soares de Sousa sobre a satisfação demonstrada pelo escritor argentino: “Sarmiento escreveu-me uma carta [...] em que se mostra muito penhorado da recomendação que lhe dei para Vossa Excelência, e de que resultou ser lhe apresentado a Sua Majestade o Imperador. Está encantado do acolhimento que teve, e das bondades que Sua Majestade lhe tem dispensado”. Mas se mostrou descontente com a condecoração que o Imperador deu ao argentino: “Estimei muito o seu despacho; mas desejaria que fosse demorado para ocasião mais oportuna”.⁷⁵⁵ Uma pista para essa resistência da parte do futuro Visconde do Uruguai talvez resida no pensamento que pôde ser identificado em outra missiva. De acordo com José

⁷⁵² Idem. “Trocando reminiscencias, ideas, hechos, estudios”; “Él ha logrado introducir en mi espíritu un poco de calma y casi he desistido de lanzar a quema ropa un brulote que no sería sino el aviso de que abro una nueva campaña para continuar el trabajo comenzado.”

⁷⁵³ SARMIENTO, Domingo Faustino, Carta para Paulino José Soares de Sousa. Sem indicação do local, 09 abril de 1852. In: SOUSA, Sarmiento..., *op. cit.*, p. 9. “Donde he tenido la honor de ser recebido por S. M. el Emperador varias veces, con una indulgencia que excitará siempre mi gratitud.”

⁷⁵⁴ Idem. “La partida para Chile del vapor S. Lewis, me haria desear lo que es posible sin entrometimiento de la política argentina a fin de poder informar de ello al Presidente de la República del Chile, a nuestros numerosos e influentes amigos en aquella Republica y a mis correspondentes en las provincias del interior”; “pues ellos pueden ofrecer una grande influencia en los negocios, i convendria dar dirección acertada a la acción que de ellos depende”.

⁷⁵⁵ LEÃO, Honório Hermeto Carneiro, Carta para Paulino José Soares de Sousa. Montevideu, 20 abril de 1852. In: SOUSA, *Sarmiento...*, *op. cit.*, p. 9-10.

Antonio Soares Sousa, em uma das correspondências trocadas entre o Ministro dos Negócios Estrangeiros e Hermeto Leão, este garantia que Sarmiento, Mitre e Paunero “todos unitários [...] são considerados pestíferos”.⁷⁵⁶

Interessante também observar como outros representantes do governo brasileiro sentiram, naquele contexto, o encontro entre D. Pedro II e Sarmiento. Em cartas dirigidas a Paulino José Soares de Sousa, o diplomata Duarte da Ponte Ribeiro, que estava em Santiago, escreveu: “Li cartas de D. Domingo Sarmiento, escritas dessa Corte, em que se mostra encantado de Sua Majestade o Imperador. Confessa-se arrependido das ligeirezas com que falou das pessoas e coisas do Brasil quando por aí passou de relance para a Europa”. Ponte Ribeiro destacou que o sanjuanino “ainda não tinha saído da surpresa que lhe causara ouvir falar a Sua Majestade da política da América e das pessoas que nela têm figurado”.⁷⁵⁷

Ponte Ribeiro enfatizou o trecho da carta do escritor argentino no qual ele asseverou que “dentro de pouco [D. Pedro II] será o primeiro político não só da América, mas também da Europa”. Sobre a organização política brasileira, de acordo com o diplomata, o sanjuanino “faz grandes elogios a nossa Constituição e deseja que outra igual seja adotada pela República Argentina.” Ponte Ribeiro finalizou explicando: “Ainda que conheça a Sarmiento como um poeta visionário, sem ideias fixas, contudo causa-me prazer a leitura de suas cartas, que ele escreve aos seus estando bem longe de pensar que eu estou aqui para lê-las: que é tanto maior quanto vejo a boa impressão que causam.”⁷⁵⁸

3.4. *Un largo viaje: dos Estados Unidos à Presidência da República Argentina*

No dia 21 de agosto de 1868, dezesseis anos após a Batalha de Monte Caseros, em um diário de viagem, Sarmiento registrou um novo encontro com o Imperador brasileiro. “Me recebeu, com efeito, com as mais cordiais mostras de amizade pessoal”.⁷⁵⁹ Esta conferência ocorreu em um momento especial para o escritor argentino, que assumia o cargo de presidente da República Argentina. Ocasão delicada também para os dois países, que vivenciavam o

⁷⁵⁶ *Ibid.*, p. 10.

⁷⁵⁷ RIBEIRO, Duarte da Costa. Carta para Paulino José Soares de Sousa. Sem indicação de local, 31 de maio de 1852. In: SOUSA, Sarmiento..., *op. cit.*, p. 10.

⁷⁵⁸ *Idem.*

⁷⁵⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. Memórias: Rio de Janeiro. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. Buenos Aires, Universidad Nacional de la Matanza, 2001, v. XLIX, p. 235. “Me recibe, en efecto, con la más cordiales muestras de amistad personal”.

contexto final da Guerra da Tríplice Aliança, questão que não passou em branco na reunião das duas lideranças políticas da América do Sul.

Em meio à conformação de uma ideia fixa sobre as relações entre Brasil e Argentina, acreditamos na importância de destacar como essa participação se deu quando Sarmiento esteve à frente da presidência de seu país. Como o sanjuanino se relacionou com o Império? Como se posicionou em relação à Guerra da Tríplice Aliança? É possível indicar posturas distintas em relação ao Brasil de acordo com cada interlocutor ou o autor sustentou a mesma posição durante todo seu mandato? Qual imagem do Brasil e da República Argentina Sarmiento privilegiou ao tratar desta relação? Essas são algumas questões que a bibliografia sobre o assunto, o diário escrito durante sua passagem pelo Brasil e as correspondências do período da presidência de Sarmiento incitam.

Em julho de 1868, já certo da vitória para a presidência, Sarmiento retornou ao seu país, após viver alguns anos nos Estados Unidos. A narrativa de viagem de retorno à República Argentina foi editada no livro *Memórias* sob o título *Una viaje de Nueva York a Buenos Aires*, realizada entre 23 de julho a 29 de agosto daquele mesmo ano. Originalmente, foi escrita em um caderno de 200 páginas, a lápis, sem pontos ou vírgulas. O livro *Memórias* foi resultado de uma compilação realizada por um editor, amigo de Sarmiento. Na organização da obra, ele reuniu vários textos e anotações do autor referentes a diferentes contextos e períodos.⁷⁶⁰

A narrativa de viagem consiste em uma série de anotações sobre sua despedida dos Estados Unidos, país no qual viveu durante quatro anos e para o qual foi designado pelo governo argentino como Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário. Entre suas anotações consta um último passeio ao rio Hudson e às cataratas do Niágara. Também passou por Chicago, Boston e Cambridge. Comentou sobre algumas despedidas de cunho político e ofereceu um pequeno texto a algumas mulheres importantes em sua vida, como a sua mãe, sua madrinha, sua tia, entre outras: “à grata memória de todas as mulheres que me amaram e me ajudaram na luta pela existência”.⁷⁶¹

Na sequência, Sarmiento descreveu sua viagem desde a partida da baía de Nova Iorque, em 24 de julho de 1868, passando por algumas ilhas caribenhas, por períodos no mar, até chegar ao Brasil. Neste país, passou pelo Pará, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro e para

⁷⁶⁰ SARMIENTO, *Memórias...*, op. cit., p. 230-232.

⁷⁶¹ *Ibid.*, op. cit., p. 210. “A la grata memoria de todas las mujeres que me amaron e me ayudaron en la lucha por la existencia.”

cada um desses locais escreveu um texto, que analisarei aqui de forma conjunta, evidenciando a recorrência a alguns temas.

No diário, Sarmiento se apresentou como mero observador: “Nesta viagem me proponho descrever, o viajante solitário é o protagonista”.⁷⁶² Relatou também algumas características daquilo que era observado, narrando suas emoções e sensações, inclusive aquelas de foro íntimo, como um mal-estar digestivo derivado da ingestão de abacates consumidos no Pará e a necessidade de seguir uma dieta para estar “preparado para todas as contingências”, entre as quais, apreciar os ananases de Pernambuco que, segundo ouviu dizer, eram deliciosos.⁷⁶³

No dia 7 de agosto, aos 57 anos de idade, desembarcou no Pará. Além de enaltecer a natureza, Sarmiento não deixou de anotar a importância hidrográfica da América do Sul, relacionando-a ao crescimento do continente.

Terra! Terra da América do Sul! A boca do Amazonas, ampla, aberta como o pórtico que dará entrada ao velho mundo para o futuro, que se estende por 1.600 rios navegáveis até os Andes, o Paraguai, o Orinoco. As ilhas que estão no majestoso rio, como migalhas na boca de um glutão, são grandes como Estados. As águas que condizem são verdes no mar, verde pálido na boca, até que mudam para topázio palhico como no Prata. Esta é a cor régia que usam os rios soberanos.⁷⁶⁴

Um dos primeiros elementos que chamam a atenção no diário de Sarmiento é a recorrência às descrições nas quais enalteceu a natureza brasileira. O sanjuanino anotou com grande ênfase seu encanto pela natureza do Pará, por exemplo, quando apontou com detalhes as sensações e características dos locais por onde passou, como o lado externo da casa dos Piedrabuena: “Fora da casa, plantas, frutas, flores, belas, absurdas, impossíveis e reais em forma, cor, fragrância. Oh! Que vida, que natureza divina!”⁷⁶⁵

Descrevendo o que chamou de “natureza tropical” como uma obra de arte, observou enxames de formigas, de abelhas, de moscas, ervas variadas, plantas, arbustos, árvores, troncos, musgos, orquídeas, etc. No jardim de Piedrabuena tinha o que existia em todos os jardins brasileiros: hibiscos, laranjas, palmas, de diversas formas e cores. Trazia consigo a

⁷⁶² *Ibid.*, p. 206. “En este viaje que me propongo describir, el viajero sólo es el protagonista”.

⁷⁶³ *Ibid.*, p. 228. “Preparado para todas las contingencias”.

⁷⁶⁴ *Ibid.*, p. 225. ¡Tierra! ¡Tierra de Sud América! La boca del Amazonas, ancha, abierta como el pórtico que dará entrada al viejo mundo hacia el futuro, que se extiende por 1.600 ríos navegables hasta los Andes, el Paraguay, el Orinoco. Las islas que se le quedan al majestuoso río, como migajas en la boca de un glotón, son grandes como Estados. Las aguas que conduce son verdes en el mar, verde pálido en la boca, hasta que cambian en topacio pajizo como en el Plata. Este es el color regio que usan los ríos soberanos.

⁷⁶⁵ *Idem*. “Fuera de la casa, plantas, frutas, flores, bellas, absurdas, imposibles y reales en forma, color, fragancia. ¡Oh! ¡qué vida, qué naturaleza divina!”

obra do casal Agassiz sobre o Amazonas, livro que o estava inspirando, conforme confessou. Fez referência às teorias de Agassiz e Darwin sobre a mudança de forma dos animais, identificou plantas desenhadas por Agassiz em sua visita ao Brasil. Concluiu que toda essa natureza “é não somente para viver, mas também para gozar, para tomar sua parte na universal orgia, de que dão testemunho os impudicos perfumes que escapam do pólen das flores, desonestas e ébrias como bacantes antigas”.⁷⁶⁶ Enfim, Sarmiento conferiu certo exotismo à natureza brasileira. “O jardim brasileiro”, disse ele, “reúne tudo o que a natureza produziu de extravagante em formas e cores.”⁷⁶⁷

Entre os elementos que considerou interessantes, deu atenção especial aos japiús, talvez para descrever algo singular, em relação àquilo que Agassiz tinha descrito e desenhado. Neste sentido, desfez de algumas características naturais para evidenciar outras. Citou os tigres, crocodilos, insetos venenosos, escorpiões e centopeias sem se demorar muito, preferindo deixar “para os naturalistas e para os tontos estas sombras da pintura.”⁷⁶⁸ “Tenho outra mais plácida para fazer”,⁷⁶⁹ justificou.

Como “fundo do quadro” idealizado, pediu ao leitor para imaginar, em seu conjunto, aquilo que observava ao lado da casa de Piedrabuena, “um jardim que reúne as belezas das montanhas, com suas sinuosidades escuras e perspectivas em sombra, o luxo ébrio do bosque e a culta extravagância do jardim”.⁷⁷⁰

No primeiro plano do quadro, Sarmiento inseriu “a cabana pintada em que vive um negro velho, com sua velha negra e meia dúzia de negrinhos que me olham com seus olhos de gazela tímida e o dedinho na boca, como os anjinhos de Rafael na Madona de São Sisto. Anjinhos negros, nus, inocentes. Por que não?”⁷⁷¹ Sobre a cabana, em uma árvore muito alta, os ramos “desta árvore agrupam quatrocentos ou quinhentos japiús.”⁷⁷² O japiú, conforme explicou, era um passarinho amarelo de asas azuis. Sarmiento considerou interessante o fato de eles se reunirem em tão grande quantidade “não somente para pôr seus ovos,”⁷⁷³ mas “para

⁷⁶⁶ *Ibid.*, p. 226. “Es no sólo para vivir sino para gozar, para tomar su parte en la universal orgía, de que dan testimonio los impúdicos perfumes que se escapan del polen de las flores, deshonestas y ebrias como bacantes antiguas.”

⁷⁶⁷ *Ibid.*, p. 227. “El jardín brasileiro”, disse ele, “reúne todo lo que la naturaleza ha producido de extravagante en formas y colores.”

⁷⁶⁸ *Idem.* “Para los naturalistas y para los tontos estas sombras de la pintura.”

⁷⁶⁹ *Idem.* “Tengo otra más plácida que hacerle”.

⁷⁷⁰ *Idem.* “Fondo del cuadro”; “un jardín que reúne las bellezas de las montañas, con sus sinuosidades oscuras y perspectivas umbrosas, el lujo ebrio del bosque y la culta extravagancia del jardín”.

⁷⁷¹ *Idem.* “El cortijo pintado en que vive un negro viejo, con su vieja negra y media docena de negritos que me miran con sus ojos de gacela tímida y el dedito en la boca, como los angelitos de Rafael en la Madonna de San Sixto. Angelitos negros, desnudos, mamoncitos, ¿por qué no?”

⁷⁷² *Idem.* “De este árbol anidan cuatrocientos o quinientos japiús.”

⁷⁷³ *Idem.* “No solo para poner sus huevos”.

viver, gozar dos prazeres domésticos, conversarem e rirem todo o dia”.⁷⁷⁴ Eles não cantavam, observou, mas gritavam e imitavam os humanos e outros pássaros para expressarem suas emoções.

Em Pernambuco, local onde Sarmiento esteve entre os dias 14 e 16 de agosto, a natureza também ganhou destaque em sua narrativa. Ele permaneceu dois dias nesta cidade e narrou brevemente algumas características da população, da cidade e da ocupação holandesa, após descrever algumas características de Recife, “a Veneza do Trópico.”⁷⁷⁵ Escreveu o sanjuanino: “Minhas impressões são vivíssimas e me parece que ainda vejo suas árvores, suas casas, suas flores, luminosas como incrustações de conchas em papel machê”.⁷⁷⁶

Descreveu ainda os rios, as frutas, os papagaios, “as chácaras deliciosas, as casas magníficas”. Entusiasmado, comentou sobre o sabor das frutas: “Não há laranjas mais doces que as de Pernambuco”.⁷⁷⁷ Essa constatação pode nos parecer hoje uma simples recorrência de retórica que um viajante imprimia em sua narrativa. Do ponto de vista da história e partindo de uma perspectiva de desnaturalização das ideias, tal afirmação pode ser relacionada a um conjunto simbólico de representações recorrentes no pensamento latino-americano e Ocidental, de forma geral.

Cientistas, naturalistas, botânicos, artistas, escritores, voltaram-se para a natureza na tentativa de controlar suas ações, de entender suas leis ou simplesmente para encontrar inspiração para suas obras. Essa vontade de verdade que pesou sobre a natureza no século XIX ocupou um lugar privilegiado na elaboração de esquemas e explicações sobre as nações americanas (ou sobre as dificuldades de se constituir como tal), conforme já foi comentado. O tema da natureza estava inscrito na tradição. Francisco Morán evidencia como, desde Colombo, outros elementos se agregam a essas narrativas, como a abundância das árvores, rios e pássaros. Sarmiento, assim como outros pensadores latino-americanos do oitocentos, imprimiu uma consciência americana a essas impressões que poderiam ser denominadas, para usar a expressão de Morán, como “cornucópia paradisíaca americana”.⁷⁷⁸

⁷⁷⁴ *Idem*. “Para vivir, gozar de los placeres domésticos, conversar y reírse todo el día”.

⁷⁷⁵ *Ibid.*, p. 230. “La Venecia Del Trópico”.

⁷⁷⁶ *Idem*. “Mis impresiones son vivísimas y me parece que aún veo sus árboles, sus casas, sus flores, luminosas como incrustaciones de conchas en papier maché”.

⁷⁷⁷ *Ibid.*, p. 230-231. “Las chacras deliciosas, las casas magníficas”; “no hay naranjas más duces que las de Pernambuco”.

⁷⁷⁸ MORÁN, Francisco. La expresión americana: cornucopia colonial o la jugosa construcción de la nación. **La Habana elegante, segunda época**: revista semestral de literatura y cultura cubana, caribeña, latinoamericana, y de estética. Dallas, Texas: Southern Methodist University, n. 15. 2001. Disponível em: <<http://www.habanaelegante.com/Fall2001/Agosto2001.html>>. Acesso em: 17/01/2011. p. 3.

No dia 17 de agosto desembarcou na Bahia, “a mais velha e graciosa cidade do Brasil”, que se mostrava inteira, de acordo com Sarmiento, parecendo um anfiteatro, revestida de palmeiras e torres, “não há joia, cores, nem flores de que não se há revestido”. Mas tudo isto “para ver de longe”.⁷⁷⁹ De perto, Sarmiento enfatizou que a Bahia

cheira mal, as cores vivas estão sujas, os conventos são de péssima arquitetura portuguesa e os frades sujos e brutos (supondo caridosamente); e como é uma encosta e está chovendo e faz frio e venta, não quero descer, contudo a escada da marina que vem a colocar-se a minhas ordens. Tenho apreensão de que seja pegajosa!⁷⁸⁰

Mas considerou o jardim público “belíssimo” na cidade que conservava “muito do antigo tipo português.”⁷⁸¹

Sarmiento narrou alguns episódios da história da cidade, como o fato de Américo Vespúcio ter encontrado pau-brasil em seu litoral e a batalha de expulsão dos holandeses. Comentou ainda sobre a riqueza de obras de viajantes encontradas na biblioteca dos jesuítas após sua expulsão. Forneceu dados sobre a cidade, explicando que o entorno da baía era esplêndido, com sua vegetação iluminada em caminho sinuoso, com vales profundos. A cidade sobre o barranco era menos estreita que o porto, onde era possível transitar apenas a pé ou em carruagens. Para vencer as ladeiras, anotou a necessidade de cadeiras cobertas e sustentadas nos ombros pelos negros. Indicou ainda que a maioria da população vivia na costa e na ilha próxima à baía.

Sarmiento também descreveu as belezas naturais do Rio de Janeiro, local onde chegou no dia 20 de agosto:

A baía se desenha, ao fim, pelos morros, as ilhas, as enormes muralhas que revelam um mundo destruído. Aqui se sente que o ator tem sido Deus. O caos parecia rebelde a ele. Que aterrate deve ter sido a luta! Passada a ilha que guarda a entrada, o telão se levanta e aparece a baía estupenda, o Corcovado, como bastidor enorme daquele sublime cenário, a montanha dos Órgãos, em perspectiva, ao fundo da paisagem. Os que recém os veem se

⁷⁷⁹ SARMIENTO, *Memórias...*, *op. cit.*, p., 232. “La más vieja coqueta ciudad del Brasil”, “no hay joya, colorín, ni flores de que no se haya revestido”; “para visto de lejos”.

⁷⁸⁰ *Idem*. “Huele mal, el colorín está chorreado, los conventos son de pésima arquitectura portuguesa y los frailes sucios y brutos (supondo caritativamente); y como es un faldeo y está lloviendo y hace frío y viento, no queiro bajar, no obstante la escalera de la marina que viene a ponerse a mis órdenes. ¡Tengo aprensión de que se legañosa!”.

⁷⁸¹ *Idem*. “Mucho del antiguo tipo portugués.”

felicitam de havê-lo visto; eu acredito que esqueci minhas impressões passadas, tão forte são as que experimento.⁷⁸²

A natureza, muitas vezes idealizada, em outros momentos entendida como barreira para o advento da civilização (como os desertos despovoados da Argentina, por exemplo), foi recorrente nos textos dos pensadores latino-americanos do oitocentos, como no caso de Sarmiento.⁷⁸³ De acordo com Maria Ligia Prado,

na perspectiva do historiador, a natureza pode ser entendida como um objeto sobre o qual se elaboram representações que carregam visões de mundo e contribuem para a gestação de imagens e ideias que vão compor repertórios diversos, entre eles, os constitutivos da identidade do território e da nação.⁷⁸⁴

Portanto, ao se pensar nos elementos da natureza destacados por Sarmiento em sua narrativa, é possível considerá-los como parte integrante de um imaginário que englobava ideias, imagens e símbolos recorrentes no pensamento ocidental referente à América⁷⁸⁵ e que pode ser relacionada ao “modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.”⁷⁸⁶ Sarmiento, ao citar frutas, pássaros, chácaras, rios, transformando-os em elementos exuberantes, se inscrevia uma vez mais na ordem do discurso, um discurso alimentado por viajantes, naturalistas, cientistas e políticos.

A alimentação e, mais especificamente, as frutas, também consistiram em uma temática recorrente nas narrativas sarmientinas sobre o Brasil. No Pará, por exemplo, afirmou ter comido abacate e lastimou a perda de algumas frutas que havia separado para a viagem.

Na Bahia, após diversas considerações sobre a paisagem (nem sempre agradável de perto), sobre episódios de sua história e sua constituição urbana, Sarmiento enalteceu um dos

⁷⁸² *Ibid.*, p., 234. “La bahía se diseña, al fin, por los morros, las islas, las enormes murallas que revelan un mundo derruido. Aquí se siente que el actor ha sido Dios. El caos se le mostraba rebelde. ¡Qué aterrantemente ha debido ser la lucha! Pasada la isla que guarda la entrada, el telón se levanta y aparece la bahía estupenda, el Corcovado, como bastidor enorme de aquel sublime escenario, la montaña Das Orgas, en perspectiva, al fondo del paisaje. Los que recién lo ven se felicitan de haberlo visto; yo creo que he olvidado mis pasadas impresiones, tan fuerte es la que experimento.”

⁷⁸³ PRATT, Humboldt..., *op. cit.*, p. 151-165.

⁷⁸⁴ PRADO, América..., *op. cit.*, p. 180.

⁷⁸⁵ De acordo com o estudo realizado por Antonello Gerbi, desde a descoberta da América foram edificadas numerosas representações sobre a sua natureza, resultado das narrativas “que se expressavam como surpreendentes notícias de terras longínquas”. Desde o século XVIII, especificamente a partir das teses de Buffon, os europeus estabeleceram uma polêmica em torno da inferioridade da natureza americana. Tal debate foi ininterrupto e muito profícuo, gerando discursos de apoio e contestação no decorrer dos séculos XVIII e XIX. Nestas narrativas, representações diversas acerca dos animais, flores, plantas, frutas e indígenas foram elaboradas, alimentando o imaginário ocidental referente à natureza do Novo Mundo. GERBI, *op. cit.*

⁷⁸⁶ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2000. p. 17.

elementos encontrados durante sua estadia nessa província. “Mas o que fará a eterna glória da Bahia, mais que suas antiguidades, suas ruas impraticáveis, seus conventos e seu teatro, é o hiperbólico, superlativo, incomparável e doce de suas laranjas.”⁷⁸⁷ Sarmiento traçou a genealogia da fruta. “A laranja nasce em Buenos Aires, ácida aos 35° de latitude. Ascende em tamanho e assume todas as variedades de china, angelina, tetón de negresse, limas, etc., no Rio de Janeiro até que na Bahia chega ao auge, ao apogeu, a laranja umbilical, sem semente, grande como um melão cantaloupe”.⁷⁸⁸

A laranja, nesta narrativa, ganhou tanta força que Sarmiento atribui poderes a ela. Para ele, ela poderia dulcificar possíveis inimigos e opositores a seu governo. “Levo prisioneiras em uma caixa uma centena a Buenos Aires, seguro de converter as vontades, desarmar as presunções, derrotar a oposição, fazendo com que cada malquerente ganhe uma laranja da Bahia, laranja excelsior, ótima, a última palavra da laranja: sua *nec plus ultra*.”⁷⁸⁹

A referência às frutas americanas constituiu um importante recurso da retórica daqueles que se voltaram para a descrição da América desde o século XVI. Desde Colombo, os frutos americanos passaram a fazer parte da tradição narrativa ocidental. De acordo com Morán, marcado pela heterogeneidade e por ambiguidades.⁷⁹⁰

Sarmiento também anotou detalhes sobre a forma de vida no Brasil quando descreveu, por exemplo, a casa do senhor Piedrabuena, local onde ficou estabelecido durante sua estadia no Pará, no mesmo quarto ocupado anteriormente por Agassiz, segundo fez questão de informar. De acordo com o escritor argentino: “O brasileiro vive: casa senhorial, escravos mudos e complacentes, muito ar, muito espaço, todos os confortos da vida civilizada exteriormente, dentro a hospitalidade no coração”.⁷⁹¹

Muitos podem ter sido os motivos que levavam Sarmiento a uma descrição e a um olhar positivo em relação aos paraenses e, especialmente, ao senhor Piedrabuena, como sua

⁷⁸⁷ *Ibid.*, p. 233. “Pero lo que hará la eterna gloria de Bahía, más que sus antiguidades, sus calles impracticables, sus conventos y su teatro, es lo hiperbólico, superlativo, incomparable y dulce de sus naranjas.”

⁷⁸⁸ *Idem.* “Llevo prisioneiras en un cajón un centenar a Buenos Aires, seguro de congraciarme las voluntades, desarmar las presunciones, derrotar toda oposición con sólo hacer a cada malqueriente presente de una naranja de Bahía, naranja excelsior, óptima, la última palabra de la naranja: su *nec plus ultra*.” Sublinhado no original.

⁷⁸⁹ *Nec Plus Ultra* é uma expressão latina que significa a ideia de um limite que não pode ser ultrapassado. *Idem.* “La naranja principia en Buenos Aires, agria a los 35° de latitud. Ascende en tamaño y toma todas las variedades de china, angelina, tetón de negresse, limas, etc., en Río de Janeiro hasta que en Bahía toca al cenit, al apogeo, la naranja umbilical, sin semilla, grande como melón cantaloup.”

⁷⁹⁰ MORÁN, *op. cit.*, p. 6.

⁷⁹¹ SARMIENTO, *Memorias...*, *op. cit.*, p. 225. “El brasilero vive: casa señorial, esclavos mudos y complacentes, mucho aire, mucho espacio, todos los confortos de la vida civilizada exteriormente, adentro la hospitalidad en el corazón”.

hospitalidade ou o fato de estar a alguns dias do resultado final das eleições e já contar com uma vitória. De qualquer forma, é notória a descrição aprazível que elaborou.

Quanto aos escravos, se na viagem de 1846 Sarmiento ainda tinha algum comentário crítico em relação à escravidão africana no Brasil, neste relato se limitou a observar que os escravos são mudos e complacentes e a imaginar os sofrimentos pelos quais passaram para ficarem assim. “Quantas amarguras terão dulcificado aqueles companheiros na longa e penosa vida do pobre negro escravo!”, afirmou.⁷⁹² Na Bahia, Sarmiento observou somente que os negros representavam “o grosso da população” e que eram “da raça mina, que é bem formada e corpulenta.”⁷⁹³ No Rio de Janeiro, não fez comentários sobre os negros escravizados ou livres.

É importante salientar ainda o caráter pedagógico desta narrativa, que sinalizava o espaço que os grupos sociais, étnicos e políticos ocupavam (ou deveriam ocupar) nos nascentes países sul-americanos. Um exemplo pode ser encontrado quando Sarmiento contextualiza o período de ocupação holandesa no litoral brasileiro, no texto sobre Pernambuco. Para ele, foi um importante momento de desenvolvimento local, pois os governantes holandeses ofereceram escolas e permitiram a pluralidade religiosa. Para reforçar seus argumentos, comparou o momento de ocupação holandesa com o governo estadunidense: “Dois séculos há, iniciava-se, pois, nesta parte da América, a obra que só se há de realizar na última metade do século XIX para o norte.”⁷⁹⁴ Os conflitos que existiram entre holandeses e colonizadores foram silenciados, bem como o contexto de Restauração.

Quanto às eleições para presidente da República Argentina, no texto sobre o Pará, fez um rápido comentário se referindo ao número de votos obtidos e confessou a expectativa de “tantas esperanças e projetos e temores!”.⁷⁹⁵ No dia 10 de agosto, a caminho de Pernambuco, escreveu: “Cada um me dá os parabéns sobre as notícias trazidas pelo vapor, dando por segura minha nomeação. Serei, pois, presidente.”⁷⁹⁶ Em seguida, fez uma lista de pessoas que já morreram, de quem sentia falta e que gostariam de vê-lo presidente. Citou várias mulheres, entre algumas da família, que sempre o incentivaram e que para ele representavam a sensibilidade humana.

⁷⁹² *Ibid.*, p. 228. “¡Cuántas amarguras habrán dulcificado aquellos compañeros en la larga y penosa vida del pobre negro esclavo!”.

⁷⁹³ *Ibid.*, p. 232. “El grueso de la población”, “de la raza miná, que es bien formada y corpulenta”.

⁷⁹⁴ *Ibid.*, p. 231. “Dos siglos ha, principiábase, pues, en esta parte de América, la obra que sólo se ha de realizar en la última mitad del siglo XIX para el norte.”

⁷⁹⁵ *Ibid.*, p. 225. “Tantas esperanzas, y proyectos y temores!”.

⁷⁹⁶ *Ibid.*, p. 228. “Cada uno me da el parabién sobre las noticias traídas por el vapor, dando por seguro mi nombramiento. Seré, pues, presidente.”

Entre os dias 14, 15 e 16 de agosto, momento no qual desembarcou em Recife, foi recebido com festividades devido às notícias sobre sua vitória nas eleições presidenciais da República Argentina. Ao som de “¡Humaitá tomado!! ¡Hurra! ¡Hurra! ¡Hurra!”⁷⁹⁷, Sarmiento fez questão de referenciar a Guerra do Paraguai e o fim do cerco a Humaitá, com a vitória dos brasileiros, que havia ocorrido alguns dias antes.

Ao citar as ovações referentes a um momento considerado glorioso para os dois países (Brasil e República Argentina), Sarmiento não somente se colocou como portador de uma visão legítima (ou que se pretendia verdadeira), mas considerou os países da Tríplice Aliança como representantes de uma causa autêntica, reconhecida pelo grupo de brasileiros que o recebeu em Recife. Mas sua narrativa também procurou construir a imagem de um homem autorizado pelo grupo de origem (argentinos) de falar por eles, de personificá-los na acolhida que teve no Brasil e no recebimento de informações referentes à guerra.

Quanto aos brasileiros e ao conflito em si, com a tomada de Humaitá, o controle do rio Paraguai e a possibilidade de invasão de Assunção, acreditava-se que a guerra estava finalizada e mesmo Caxias explicou ao Imperador D. Pedro II que seria perda de tempo e dinheiro insistir na continuidade da mesma, até a captura de Solano López. Mas o monarca optou pela tomada de Assunção e deposição de López, ocasionando uma evacuação paulatina da população paraguaia rumo ao interior, sem uma infraestrutura adequada, levando a muitas mortes.⁷⁹⁸

Sarmiento, por sua vez, para completar a narrativa descrita como um quadro ou como uma cena teatral, comentou sobre a sua acolhida em Pernambuco e os adornos que enfeitavam a cidade, propositalmente inseridos para recebê-lo: “Navios embandeirados, [...] bandeiras da Tríplice Aliança nos edifícios do governo.”⁷⁹⁹ A referência à bandeira foi um elemento essencial naquele momento, pois aludia à união dos dois países em uma causa comum. A referência aos enfeites pensados para o seu recebimento é narrada pelo autor como um elemento importante.

Sarmiento procurou exprimir as estratégias encontradas pelo grupo que o recebeu para homenageá-lo e a partir desse discurso buscou impor uma identidade, construindo sua imagem a partir da demonstração de como o grupo enalteceu sua presença naquele momento. Em sua narrativa, o escritor argentino buscou evidenciar elementos que marcassem sua

⁷⁹⁷ *Ibid.*, p. 230.

⁷⁹⁸ IZECKSOHN, Vitor. A Guerra do Paraguai. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). **O Brasil Imperial**. v. II, 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 412.

⁷⁹⁹ SARMIENTO, **Memorias...**, *op. cit.*, p. 230. “Buques empavesados, [...] banderas de la triple alianza en los edificios del gobierno.”

identidade e o instituíssem como representante de um determinado grupo. Em meio a referências sobre a natureza brasileira, seu discurso esteve permeado por comentários a respeito da sua proclamação. “Fui proclamado presidente da República aliada”, se vangloriou.⁸⁰⁰

Descreveu ainda o momento no qual um capitão de guerra norte-americano o recebeu em uma embarcação para lhe atribuir o título de presidente, de acordo com as notícias recém-chegadas do Rio de Janeiro. Em seu discurso de agradecimento, Sarmiento utilizou frases de forte teor emotivo. O viajante, agora coroadado com o título de presidente, afirmou: “Sinto subir das pernas aos braços um golpe de...” e “Oh, acalme-se coração!”⁸⁰¹. As reticências marcam, na ordem discursiva, o teor emotivo da enunciação. A referência ao capitão norte-americano, embora possa parecer um mero detalhe, torna-se importante em seu texto, pois faz referência ao propósito de evidenciar a relação que possuía com o país do Norte, muitas vezes enaltecido como parâmetro político e civilizacional em outras narrativas suas.

Sarmiento encerrou seu texto sobre Pernambuco citando um trecho do sermão de um padre após ser avisado sobre a vitória à presidência da República.

“We are journeing”. Como ilustração de que o homem deve ter uma carta que o guie na jornada à verdade, cita o exemplo de um dos passageiros que lutou toda sua vida para estabelecer o império da verdade no governo do seu país e se dirige agora, até ele, neste navio, a colocá-la em prática, etc., etc. Concluído o sermão, mostro ao reverendo Fletcher este diário de viagem e as palavras que o servem de lema: – *Ma vie est un combat*, de Beaumarchais, e a minha é uma grande viagem. Chegarei? Circunstância que o surpreende pela sua novidade.⁸⁰²

Ao citar o sermão do padre, novamente buscou se legitimar e conferir autoridade à sua fala, uma vez que recorreu a uma instituição religiosa representada pela figura do clérigo para apoiar suas ideias. O padre utilizou o próprio Sarmiento como exemplo, elemento discursivo novamente enfatizado pelo autor, que tentou se impor. Finalizou sua narrativa utilizando uma frase de Beaumarchais, tida como lema pelo padre, “*Ma vie est un combat*”, e contrapôs com o seu próprio lema de vida, articulação que faz com que os elementos do discurso sejam consagrados, enaltecidos, valorizados pelo autor; “A minha é uma grande viagem. Chegarei?”

⁸⁰⁰ *Ibid.*, p. 210. “Soy proclamado presidente de la república aliada.”

⁸⁰¹ *Idem.* “Siento subirme desde las piernas a los brazos una oleada de...”; “¡Oh, serénate corazón!”

⁸⁰² *Ibid.*, p. 231. “‘We are journeing’. Como ilustración de que el hombre debe tener una carta que lo guíe en la jornada, la verdad, cita ejemplo de uno de los pasajeros que han luchado toda su vida para establecer el imperio de la verdad en el gobierno de su país y se dirige ahora, hacia él, en este buque, a ponerla en práctica, etc., etc. Concluído el sermón, muestro al reverendo Fletcher este diario de viaje y las palabras que le sirve de lema: – *Ma vie est un combat*, de Beaumarchais, y, la mía es un largo viaje. ¿Llegaré? Circunstancia que le sorprende por su novedad.”

Na Bahia, onde chegou no dia 17 de agosto, Sarmiento foi saudado com tiros de canhão, marchas e com um ato de armas realizado pela guarda nacional. Recebeu os cumprimentos do comandante do porto e, depois, do Presidente da Província e concluiu: “É, pois, nestas latitudes feito consumado, inquestionável, reconhecido por todas as nações que sou presidente da República Argentina.”⁸⁰³ O provinciano sanjuanino chegou ao ápice da sua trajetória, se pensarmos em termos políticos, na importância conferida ao cargo de líder de uma nação. Diferentemente do Mozart, de Elias, que não teve seus sonhos concretizados e seus desejos satisfeitos, Sarmiento vibrou uma conquista pouco provável caso ainda vivesse no contexto colonial. Oriundo de uma família modesta, natural de uma província afastada do centro do poder do Vice-reinado do Rio da Prata, destituído de meios materiais e simbólicos, já que não teve acesso a uma formação escolar, elemento tão recorrente em Alberdi e outros críticos, Sarmiento representou a possibilidade de ascensão e mobilidade propiciada pelo fim da situação colonial e pela emergência de novas ideias e práticas políticas iniciadas a partir da independência.

No dia 17, ainda na Bahia, o sanjuanino fez referência aos comentários recebidos referentes à sua relação com o Brasil e que, segundo ele, teriam vindo do Rio da Prata. “Soube pelos que vêm da terra que é coisa recebida na Bahia que eu sou inimigo da guerra e, portanto, do Brasil.”⁸⁰⁴ Alguém lhe mostrou um artigo do periódico *Siglo*, de Montevideu, no qual eram analisadas as candidaturas da República Argentina. Sarmiento afirmou que o jornal, “depois de enumerar minhas virtudes e prendas em termos que merecem minha cordial aprovação, prova como três e dois que farei a paz com López e me prepararei para fazer crua guerra ao Brasil ou ao Império.”⁸⁰⁵ Sarmiento, embora tenha feito referência a esse comentário, não o desmentiu nem o confirmou, simplesmente descreveu o conteúdo do periódico, sem tecer maiores considerações quanto a sua posição em relação ao Paraguai ou ao Brasil.

Assim que desembarcou no Rio de Janeiro, no dia 20 de agosto, teve um encontro com o Ministro Plenipotenciário da Argentina no Brasil, Juan Torrent, que o teria colocado a par do que estava acontecendo, daquilo que temiam e esperavam os brasileiros de sua postura como presidente. Torrent também teria dito a Sarmiento, segundo o diário, que o Imperador

⁸⁰³ *Ibid.*, p. 233. “Es, pues, en estas latitudes hecho consumado, incuestionable, reconocido por todas las naciones que soy presidente de la República Argentina.”

⁸⁰⁴ *Idem.* “Supe por los que han venido de tierra que es cosa recibida en Bahía que yo soy enemigo de la guerra, y por tanto del Brasil.”

⁸⁰⁵ *Idem.* “Despues de enumerar mis virtudes e prendas en términos que le merecen mi cordial aprobación, prueba como tres e dos que haré la paz con López y me prepararé a hacer cruda guerra al Brasil o al Imperio.”

desejava vê-lo o quanto antes. Mas Sarmiento optou por realizar outras atividades no dia seguinte. De acordo com sua narrativa, optou por ir ao Jardim Botânico, do qual guardava boas recordações. A partir desta visita, realizou comparações entre o parque brasileiro e o Central Park, de Nova Iorque.

Esta manhã, percorrendo o jardim, as vizinhanças adornadas por aquela vegetação iluminada, pintada, sombreada por picos, morros e cumes gigantescos, voltava a me dizer, não obstante que visitei o Central Park de Nova York, o mais belo do mundo, com intenção de compará-lo. Aquele é uma gravação em ferro, bem interpretado; este, um quadro de Ticiano.⁸⁰⁶

Ao retornar do Jardim Botânico, teve uma reunião com um ministro norte-americano, que o informou sobre o fato de que muitas pessoas “altamente colocadas” estavam ansiosas com sua chegada, mas temiam, pois, “segundo os boatos da imprensa de Buenos Aires, o senhor Sarmiento está contra a guerra e contra a aliança.”⁸⁰⁷ Sarmiento se encontrou, neste primeiro dia, com o Reverendo Fletcher, que o acompanhou durante a viagem “e me conta os detalhes de uma visita ao Imperador.” De acordo com Fletcher, o Imperador D. Pedro II teria questionado: “Por que não veio o senhor Sarmiento imediatamente?” E teria complementado a solicitação com o comentário: “Com o senhor Sarmiento não há etiqueta, somos velhos amigos; o trato como a Agassiz e lhe dou a mão.”⁸⁰⁸

Existia essa tensão ou Sarmiento desejou, na narrativa, aumentar as expectativas em torno de sua presença? O Imperador realmente estava impaciente ou o sanjuanino quis demonstrar que era requerido com urgência? Certamente, a tensão estava presente diante das circunstâncias, uma vez que a troca de presidente seria crucial para a manutenção ou finalização da Guerra da Tríplice Aliança. Entretanto, não podemos deixar de anotar a intenção do autor em construir uma narrativa marcando uma posição de destaque na corte brasileira devido, primeiramente, a sua nova condição de presidente. O escritor argentino também atribuía o interesse do Imperador a uma antiga relação de “velhos amigos”. Como elemento fundamental nessa relação, o monarca brasileiro teria dito ainda: “Quero falar com

⁸⁰⁶ *Ibid.*, p. 234. “Esta mañana, recorriendo el jardín, las vecindades engalanadas por aquella vegetación iluminada, pintarrajeada, sombreada por picos, morros y crestas gigantescas, volvía a repetirme lo mismo, no obstante que visité el Central Park de Nueva York, el más bello del mundo, ex profeso para compararlo. Aquél es un grabado en acero, bien interpretado; éste un cuadro del Ticiano.”

⁸⁰⁷ *Idem.* “Según los boatos de la prensa de Buenos Aires, el señor Sarmiento está contra la guerra y contra la alianza”.

⁸⁰⁸ *Idem.* “Y me cuenta los detalles de una visita al emperador.”, “¿Por qué no ha venido el señor Sarmiento inmediatamente?”, “Con o señor Sarmiento no ha etiqueta, somos viejos amigos; lo trato como a Agassiz y le doy la mano”.

ele. Tenho a mais completa confiança em seu caráter”. E Sarmiento, por sua vez, concluiu: “Sua impaciência cresce à medida que o tempo avança.”⁸⁰⁹

O clérigo Fletcher assegurou a D. Pedro II que o sanjuanino não era contrário à aliança, afirmação que o Imperador teria contraposto com o seguinte comentário: “Eu sei, eu sei [...] eu conheço o senhor Sarmiento; mas a pressão que exercerá a opinião pública sobre ele em seu país pode ser superior a sua vontade”.⁸¹⁰ É preciso lembrar ainda que esses dados foram fornecidos por Sarmiento em seu diário de viagem.

Mais tarde, no mesmo dia, Paranhos procurou Sarmiento com uma carta do Imperador, referente à demora em visitá-lo. Na sequência, o sanjuanino relatou o encontro com o monarca. “Me recebe, com efeito, com as mais cordiais mostras de amizade pessoal. Me dá a mão, se senta e me faz sentar, contra todas as formas de etiqueta, e faz alarde desta velha amizade, me dizendo que suas filhas e genros me conhecem e leem meus livros e escritos.”⁸¹¹

Quanto à questão do Paraguai, disse Sarmiento: “Fala-se de tudo; toca-se no ponto delicado.”⁸¹² A presença do Ministro Torrent, de acordo com Sarmiento, confere um caráter oficial à visita, “impede a ele [o Imperador] e me impede de nos estendermos mais, eu para corroborar seus temores e requerer de sua parte se evitem dificuldades que possam os justificar; ele para se expressar sobre a situação assumida por Urquiza e poder medir a gravidade do conflito e os meios de pará-lo.”⁸¹³

Sarmiento informou que a visita durou uma “larga” hora até o momento em que D. Pedro II foi chamado para presidir a reunião do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro “e me diz”, segundo o escritor argentino: “Por que não vamos? Vamos, isto é de estudantes, aludindo ao que uma vez disse e eu corroborava a Fletcher, Torrent e outros que havíamos passado quinze dias em Petrópolis, tratando-nos como dois colegiais.”⁸¹⁴ Explicou ainda que Torrent aproveitou a ocasião para desmentir alguns pontos sobre uma aparente imagem de hostilidade para com o Império, que havia sido criada pela imprensa. Depois de descrever

⁸⁰⁹ *Idem*. “Quiero hablar con él. Tengo la más completa confianza en su carácter”, “su impaciencia crece a medida que el tiempo avanza.”

⁸¹⁰ *Idem*. “Lo sé, lo sé – le repite con vivacidad –, yo conozco a o señor Sarmiento; pero la presión que ejercerá la opinión pública sobre él en su país, puede ser superior a su voluntad”.

⁸¹¹ *Idem*. “Me recibe, en efecto, con las más cordiales muestras de amistad personal. Me da la mano, se sienta y me hace sentar, contra las formas de la etiqueta, y hace alarde de esta vieja amistad, diciéndome que sus hijas y yernos me conocen y leen mis libros y escritos”.

⁸¹² *Idem*. “Hablase de todo; tócase el punto delicado.”

⁸¹³ *Idem*. “Le impide a él y me impide a mí extendernos más, yo para corroborar sus temores y requerir de su parte se obvien dificultades que pueden justificarlos; él para expresarse sobre la situación asumida por Urquiza y poder medir la gravedad del conflicto y los medios de pararlo.”

⁸¹⁴ *Idem*. “Y me dice: ‘¿Por qué no vamos?’ Vamos, esto es de estudiantes, aludiendo a lo que una vez dije y él corroboraba a Fletcher, Torrent y otros que habíamos pasado quince días en Petrópolis, tratándonos como dos colegiales.”

rapidamente a sessão do Instituto Histórico e Geográfico, Sarmiento narrou a partida para o sul, com passagem por Montevidéu.

Em outubro do mesmo ano, Sarmiento assumiu a presidência da República Argentina, dando início a um novo momento das relações entre este país e o Brasil, que se encaminhavam para o fim da Guerra da Tríplice Aliança.

3.5. Confidencial: do período presidencial às últimas correspondências

O arquivo de Wenceslao Paunero é um material à parte entre as correspondências utilizadas neste trabalho. Por meio delas é possível visualizar o alcance dos acontecimentos, opiniões e pronunciamentos do Império acerca da Guerra do Paraguai e da Tríplice Aliança, bem como a posição de Sarmiento. Devido à amizade existente entre Paunero e Sarmiento, também permite conhecer vários aspectos da cultura brasileira que interessavam ao sanjuanino, para além dos elementos de ordem política.

Wenceslao Paunero atuou junto a Sarmiento no *Ejército Grande*, ao lado de Urquiza. Depois, lutou contra *El Chacho* e outros caudilhos. Trocou diversas correspondências com Sarmiento quando este era governador de San Juan, entre 1862 e 1864. Em 1869, foi nomeado por Sarmiento como *Enviado Extraordinário y Ministro Plenipotenciario de la Republica Argentina* para atuar junto ao Brasil na resolução das questões relativas à Guerra do Paraguai. Dessa nomeação advieram diversas correspondências que nos informam sobre a relação entre ambos, mas também forneceram pistas de como Sarmiento estava se posicionando em relação ao Brasil.⁸¹⁵

As correspondências escritas por Paunero e endereçadas a Sarmiento encontram-se no arquivo do *Museo Historico Sarmiento*. Por motivo de preservação, é possível consultá-las somente através de microfilme. Já as cartas de Sarmiento para Paunero encontram-se no *Museo Mitre*, no *Fondo Particular Wenceslao Paunero*, e é possível consultar os originais. O contato com o manuscrito permite refletir um pouco mais sobre a questão da escrita em relação aos limites impostos pelos epistolários publicados, já transcritos e corrigidos, como a percepção de palavras sublinhadas, reforçadas ou riscadas.

⁸¹⁵ Em uma de suas correspondências, Sarmiento escreveu a Paunero dizendo que sua nomeação atendia ao propósito de auxiliá-lo “em sua penosa situação doméstica” e que tal nomeação foi “um ato de justiça e conveniência pública.” SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Sem indicação do local. 13 de janeiro de 1869. 2 f. In: Museo Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3136; “ayudarlo en su penosa situación domestica”, “un acto de justicia y de conveniencia pública”.

As reflexões sobre a forma como Sarmiento percebeu o Brasil durante o seu mandato serão evidenciadas, principalmente, por essas missivas. Em alguns casos, destacarei algumas correspondências que fazem parte desses fundos documentais, cujo interlocutor ou autor não foi Sarmiento ou Paunero, mas um político brasileiro ou argentino. Em determinados momentos, o leitor possivelmente sentirá um vácuo entre uma carta e outra, o que também senti, pois nem todas as correspondências que esses indivíduos escreveram encontram-se arquivadas, o que gera algumas lacunas, mas não diminui a importância das pistas evidenciadas a partir dessas correspondências.

A não existência de muitas respostas, por um lado, causa certa ansiedade e incerteza, pois se institui um hiato para determinadas questões que, devido à não existência das respostas, ficam em suspenso. Como contemporâneos, investigadores do passado e herdeiros de um pensamento racionalista (mesmo lutando contra ele), nos sentimos como caminhantes percorrendo um trajeto labiríntico cujo fim jamais se aproxima, pois novos caminhos se abrem a cada correspondência. Essa premissa é tão mais apropriada na medida em que as cartas trocadas entre essas pessoas, de forma intensa e ininterrupta, podem desvelar vários aspectos das sociabilidades, do pensamento político e social da época, bem como das angústias, sensibilidades e interesses individuais.

Por outro lado, o hiato criado pela ausência de respostas também é criativo. Ao invés de uma conclusão definitiva, emerge um conjunto de possibilidades referentes que se apresentam tão mais amplas quanto mais escassas são as respostas ou fragmentárias são as correspondências. Ainda assim, friso novamente, as cartas trocadas entre Paunero e Sarmiento fornecem diversas pistas do olhar e dos interesses do sanjuanino acerca do Brasil entre 1868 e 1874.

Quanto às cartas de Paunero, algumas iniciavam com a palavra “Confidencial”, destacada na parte superior do documento. Pelo que foi possível observar, as correspondências que carregavam esse aviso referiam-se à Guerra do Paraguai, à situação política entre os países envolvidos e ao Tratado da Tríplice Aliança. Esse conjunto de cartas também trazia a rubrica WC referente às iniciais de Paunero, certamente como uma forma de garantir a autenticidade e a inviolabilidade das mesmas.

As correspondências escritas por Sarmiento e endereçadas a Paunero, levam o carimbo de “*Presidente de la República Argentina*”, mas em seu transcorrer parecem menos formais que as correspondências escritas por Paunero, conforme foi possível perceber.

Uma dessas primeiras correspondências do período da presidência de Sarmiento foi uma carta enviada por José Maria da Silva Paranhos, futuro Visconde do Rio Branco, a

Paunero, onde afirmou estar cumprindo um “grato dever” por testemunhar a solenidade de 12 de outubro da “Nação Argentina”, momento no qual o sanjuanino assumiu oficialmente a presidência da República. Para Paranhos, tal contexto “se assinala por uma das mais raras eleições” e marcava “uma nova época para a República Argentina e para os seus vizinhos”. Esse tempo vindouro se daria por meio dos benefícios que a República Argentina concederia “e pelos novos penhores de paz e de boa inteligência que oferecerá” aos países vizinhos.⁸¹⁶

Paranhos complementou, enfatizando o prazer sentido ao se dirigir a um antigo conhecido: “Espero que V. E. veja nestas expressões não uma mera cortesia oficial, mas uma convicção nascida dos primeiros atos de seu governo, e dos sentimentos que lhe professo desde que pela primeira vez, em 1852, tive a fortuna de conhecê-lo pessoalmente”. Para além da diplomacia oficial, Paranhos fez questão de invocar lembranças em comum, o que os tornava não somente políticos cumprindo o protocolo oficial, mas antigos conhecidos que compartilhavam momentos históricos.⁸¹⁷

No desenvolvimento da missiva, lembrou que, naquele contexto de 1852, o Império e a República Argentina haviam se aliado “pela paz e pela civilização” e comparou com o momento que viviam em 1868. Primeiramente, a união se deu contra Rosas e, no período de escrita da carta, o inimigo comum era Francisco Solano López à frente do Paraguai. De acordo com Paranhos, “hoje se dá o mesmo efeito e por causa quase idêntica”.⁸¹⁸

Complementou sua argumentação demonstrando confiança na união das duas nações: “Esta coincidência aviva ainda mais aqueles meus sentimentos e robustece a minha fé no triunfo de uma aliança, que é antes obra dos acontecimentos que dos homens, e que parece fadada a receber as bênçãos de toda a humanidade”.⁸¹⁹

Após assumir a presidência da República Argentina, Sarmiento fez referência a uma mensagem enviada pelo Imperador brasileiro. “O ministro brasileiro me leu por ordem do Imperador a nota em que ordenava congratular-me com palavras amistosas e enérgicas com que havia prometido sustentar a guerra e a aliança.”⁸²⁰ A alusão ao Brasil, neste caso, foi acompanhada da indicação de aliança entre os dois países na questão da Guerra da Tríplice Aliança.

⁸¹⁶ PARANHOS, José Maria da Silva. **Carta para Domingo Faustino Sarmiento**. Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1868. 1 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Carpeta 34, n. 3964.

⁸¹⁷ *Idem*.

⁸¹⁸ *Idem*.

⁸¹⁹ *Idem*.

⁸²⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Bienvenida Sarmiento. Buenos Aires, 30 de outubro de 1868. In: SARMIENTO, **Epistolário de Domingo...**, *op. cit.*, p. 52. “El ministro brasileño me leyó por orden del Emperador la nota en que le ordenaba congratularme por las palabras amistosas y enérgicas con que había prometido sostener la guerra a alianza.”

Sarmiento, por sua vez, ao nomear Paunero como Ministro Plenipotenciário, também forneceu um parecer otimista em relação ao Brasil, talvez para esclarecer a Paunero quais seriam as expectativas do presidente da República Argentina em relação às negociações e encaminhamentos que poderiam ser estabelecidos com o Brasil e de que forma ele poderia conduzir os diálogos como Ministro Plenipotenciário. De acordo com Sarmiento: “Nossas relações com o Brasil hão de ser sempre cordiais, e em todo caso sinceras. Respetaremos e cuidaremos de seus interesses em Mato Grosso e de suas reivindicações legítimas sobre o Paraguai”.⁸²¹

Na sequência, fez uma crítica ao Brasil relacionada aos custos da guerra. “Mas a condição de uma conduta franca de sua parte e da renúncia franca também de ter uma política no Rio da Prata, cujo discordante penhor lhes custou já três tremendas guerras, 1826, 1852 e 1869, que lhe custam 600 milhões e nesta última nos envolveu nos colocando à beira da ruína”.⁸²² Apesar da crítica, o tom de otimismo prevaleceu nesta missiva, como é possível perceber no seguinte comentário: “Faço justiça ao governo brasileiro ao acreditar que não lhe passa pela mente fazer valer seu superior exército e encorajados como razões que hão de influir em nossos ânimos para fazer concessões para além do que a justiça e o interesse bem entendido destes países reclamem.”⁸²³

Este comentário leva à seguinte questão: será que Sarmiento acreditava demasiadamente no seu poder carismático junto ao Imperador? Acreditava talvez que a amizade estabelecida em 1852 seria suficiente para impedir que o Brasil levasse adiante possíveis pretensões de dominação territorial no Prata?

Sarmiento também demonstrou satisfação ao saber da acolhida que os brasileiros tiveram em relação ao Ministro Plenipotenciário da República Argentina: “Recebi com muito prazer sua carta me dando conta da cordial recepção que S. M. o Imperador, o Sr. Ministro Paranhos e o povo brasileiro te dispensaram”.⁸²⁴ Relacionou a boa acolhida de Paunero à sua

⁸²¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Sem indicação do local. 13 de janeiro de 1869. 2 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3136. “Nuestras relaciones con el Brasil han de ser siempre cordiales, y en todo caso sinceras. Respetaremos y cuidaremos de sus intereses en Matogrosso y de sus reclamos legítimos sobre el Paraguay”.

⁸²² *Idem*. “Pero a condición de una conducta franca de su parte y de la renuncia franca también de tener una política en el Rio de la Plata, cuyo desacordado empeño le cuesta ya tres tremendas guerras 1826, 1852 y 1869 que le cuestan 600 millones y en esta ultima nos ha envuelto a nosotros poniendonos al borde de la ruina”.

⁸²³ *Idem*. “Hago la justicia al gobierno brasilero de creer que no le pasa por las mientes hacer valer su superior ejercito y encorazados como razones que hayan de influir en nuestros ánimos para hacer concesiones mas alla de lo que la justicia y el interés bien entendido de estos países reclamen”.

⁸²⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 12 de dezembro de 1869. 2 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3135. “Recibi con mucho placer su carta dandome cuenta de la cordial y distinguida recepción que S. M. el Emperador, el Sr Mtro. Paranhos y el pueblo brasilero le han dispensado.”

relação com o Imperador. “Muito se deve atribuir aos sentimentos amistosos do aliado da República algo como a amizade com que me honra o Imperador, e boa parte as simpatias pessoais para com o senhor, de que o felicito cordialmente.”⁸²⁵

Quanto à Guerra do Paraguai, a partir de 1869 ela ganhou contornos desgastantes para o Brasil e catastróficos para o Paraguai. Acreditava-se que, mesmo refugiado nas montanhas, López poderia reorganizar o exército paraguaio “forçando o império a negociar uma paz que àquela altura seria humilhante”⁸²⁶ e por isso, D. Pedro II, estrategicamente, nomeou seu genro, Conde d’Eu, como comandante-em-chefe. Essa seria uma forma de diminuir os problemas que as forças brasileiras enfrentavam devido à insatisfação dos veteranos e aos conflitos políticos e pessoais entre os oficiais. Paranhos também foi para o Paraguai, segundo Sarmiento, “para prestigiar o novo General-Chefe – para acelerar as operações da guerra”.⁸²⁷ Com o Conde d’Eu, entretanto, os problemas foram agravados por vários motivos, como o desconhecimento do terreno, os atrasos nos salários, as falhas no abastecimento, o grande número de deserções, a falta de disciplina e a impaciência no comando.

Não era somente D. Pedro II que temia uma nova investida de López. Para Sarmiento, “logo a guerra tomou, como aqueles incêndios que voltam a se ascender por um tição mal extinto, uma nova forma. [...] O inimigo conta com o tempo e as serranias, e o que o acaso lhe traga.”⁸²⁸ Em fevereiro de 1869, Paranhos foi enviado ao Paraguai para amenizar os problemas. De acordo com Sarmiento, “a vinda do Sr. Paranhos lhe mostrará que é aqui onde se movem os interesses da Aliança; e como era esperada de muitos dias estamos em suspenso”.⁸²⁹ Para o escritor argentino, Paranhos “vinha por um término ostensivo a isto, pedindo nosso auxílio para fazer com que se estabeleça um governo com quem celebrar os pactos estipulados no tratado de aliança e assuma a representação da soberania do país”.⁸³⁰

Sobre a ida de Paranhos ao Paraguai, escreveu ainda Sarmiento:

⁸²⁵ *Idem*. “Mucho se debe atribuir a los sentimientos amistosos del aliado de la República, algo a la amistad con que me honra el Emperador, y su buena parte a las simpatías personales hacia U. de que lo felicito cordialmente.”

⁸²⁶ IZECKSOHN, Vitor. A Guerra do Paraguai. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). **O Brasil Imperial**. V. II, 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 413.

⁸²⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 12 de fevereiro de 1869. 4 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3137. “Para prestigiar al nuevo Jeneral en Jefe – para acelerar las operaciones de la guerra”.

⁸²⁸ *Idem*. “Luego la guerra ha tomado, como aquellos incendios que vuelven a encenderse por un tizon mal estinguido, una nueva forma. [...] El enemigo [cuenta] con el tiempo y las serranias, y lo que el acaso le depara.”

⁸²⁹ *Idem*. “La venida del Sôr Paranhos le mostrará que es aquí donde se mueven los intereses de la Alianza; y como era esperada de muchos dias estabamos en suspenso.”

⁸³⁰ *Idem*. “Venía a poner término ostensible a esto, pidiendo nuestro concurso [para] hacer que se establezca un gobierno con quien celebrar los pactos estipulados en el tratado de alianza y asuma la representación de la soberania del país.”

Esperamos ver o que o Senhor Paranhos vai trazer, depois de ver a realidade dos acontecimentos, tanto a rápida prossecução da guerra, como para inventar um povo do Paraguai que não temos. Apenas o Gen. Mitre mandou uma expedição fora, trouxe duas mil mulheres e crianças. Este é o lastro de toda política.⁸³¹

Sarmiento escreveu ainda a Paunero que não enviaria ninguém da Argentina para o Paraguai.

Poucas foram as críticas que encontrei nas correspondências enviadas por Sarmiento para Paunero referentes ao Brasil. O sanjuanino argumentou sobre o governo que deveria se constituir no Paraguai. Para ele, o sistema brasileiro se fundava “desgraçadamente” em hipóteses, pois dava a guerra por concluída. “Nós tomamos por base a verdade dos acontecimentos. Não há mais paraguaios em Assunção do que os que estão ao nosso serviço. Não ocupamos ainda o país – não está deposto López –, não está terminada a guerra”, concluiu.⁸³² Para Sarmiento a guerra continuava.

Compreendemos todas as dificuldades de nossa situação, desde que o término da guerra parece indefinido e o povo do Paraguai há deixado quase de existir; mas não devemos agravar dando uma falsa solução a acontecimentos que não estão relacionados à marcha dos acontecimentos. Procuremos, ao contrário, pelos meios que estão ao nosso alcance. Vinha em seguida a dificuldade de dar unidade às operações. Por falta delas não se terminou a guerra em Angostura, pois será difícil diante da história provar que não puderam mil, quinhentos, menos homens de cavalaria seguir a López até onde fosse possível.⁸³³

Sarmiento enfatizou que sua postura era distinta da postura brasileira, pois, conforme acreditava, estava mais preocupado que os brasileiros com o rumo dos acontecimentos. Ele justificou seus motivos e estes pareciam estar bem distantes de uma preocupação com o poderio do Império.

O que estipularemos como um simulacro de governo será um argumento contra nós mesmos. Em lugar, pois, de formas que carecem de matéria,

⁸³¹ *Idem*. “Esperamos ver lo que el Señor Paranhos traiga, despues de haber visto la realidad de los hechos, tanto para la rápida prosecución de la guerra, como para inventar un pueblo del Paraguay que no tenemos. Apenas el Gen. Mitre mandó una espedicioncita afuera, trajo dos mil mujeres y niños. Este el lastre de toda politica.”

⁸³² *Idem*. “Nosotros hemos tomado por base la verdad de los hechos. No hai mas paraguayos en la asunción que los que van a nuestro servicio. No ocupamos aun el país – no está depuesto Lopez – no está terminada la guerra.”

⁸³³ *Idem*. “Comprendemos todas las dificultades de nuestra situación, desde que el termino de la guerra parece indefinido y el pueblo del Paraguay ha dejado casi de existir; pero no debemos agravarla dando en falso solución a hechos que no la han obtenido de la marcha de los acontecimientos. Procuremosla por el contrario, por los medios que esten a nuestro alcance. Venia en seguida la dificultad de dar unidad a las operaciones. Por falta de ellas no se terminó la guerra en la Angostura, pues será difícil ante la historia probar que no pudieron mil, quinientos, menos hombres de caballeria seguir a López, hasta donde se pudiera.”

vamos criar a matéria que deverá revestir essas formas, um povo paraguaio, subjugado ou livre, mas povo visível. Para ele formaremos um Governo Provisório que tome a seu cargo a parte civil, que restabeleça a Sociedade, que atraia famílias, estabeleça aduana, polícia e juízes. Este governo emanava de uma iniciativa dos aliados não dependente dele, mas coordenado, porque nos fica o direito supremo da guerra que exercer até sua conclusão. Este governo de fato preparará o governo de direito que haverá de se estabelecer quando houver povo paraguaio. Esta prática está conforme nossos princípios de governo.⁸³⁴

Para justificar sua posição, contrária à escolha popular de um governo provisório no Paraguai, citou o exemplo da queda de Rosas em 1852, quando Urquiza nomeou o governo provisório até que os argentinos pudessem escolher os governantes. Citou ainda o exemplo dos Estados Unidos, dizendo que quando o norte triunfou sobre o sul, foram nomeados governos provisórios. Pautado nestas experiências, concluiu:

Uma eleição em Assunção hoje entre nossos próprios soldados paraguaios somaria o ridículo à impotência; e nós devemos nos precaver contra as influências da opinião externa que tão adversa nos tem sido em toda a terra, e que somente podemos reconquistar, já pelos crimes de López, ou pela sinceridade de nossos atos.⁸³⁵

Um pouco depois, em março 1869, em meio a comentários referentes aos conflitos que enfrentava nas províncias e a um bordado que sua irmã havia feito para Paunero, Sarmiento forneceu as diretrizes que estavam sendo adotadas para a Guerra do Paraguai no que concerne ao acordo firmado com o Brasil.⁸³⁶ Conforme essa correspondência, Paranhos e Mitre concordaram que o governo do Paraguai deveria ser provisório e deveria ser nomeado popularmente em Assunção para conferir um caráter legítimo ao ato, de soberania própria. Mas Sarmiento discordou veementemente dessa opção e insistiu na ideia de que deveria ser nomeado um chefe pelos aliados, “para ir organizando o governo civil e estendendo sua

⁸³⁴ *Idem*. “Lo que estipulemos con un simulacro de gobierno, será un argumento contra nosotros mismos. En lugar pues de formas que carecen de materia, vamos a crear la materia que habra de revestir esas formas, un pueblo paraguayo, subyugado o libre, pero pueblo visible. Para ello formemos un Gobierno Provisorio que tome a su cargo la parte civil, que restablezca la Sociedad, que atraiga familias, establezca aduana, [policía y] juzgado. Este gobierno emanava de una [iniciativa] de los aliados no dependiente de él, sino coordinado, porque nos queda el derecho supremo de la guerra que ejercer hasta su conclusión. Este gobierno de hecho preparará el gobierno de derecho que habrá de establecerse cuando haya pueblo paraguayo. Esta practica está conforme con nuestros principios de gobierno.”

⁸³⁵ *Idem*. “Una elección en la Asunción hoy entre nuestros propios soldados paraguayos, añadiría el ridiculo a la impotencia; y nosotros debemos precavernos contra las influencias de la opinión externa que tan adversa nos ha sido en toda la tierra, y que solo podemos reconquistar, ya por los crímenes de López, ya por la sinceridad de nuestros actos”.

⁸³⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 05 de março de 1869. 2 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3138.

jurisdição à medida que avancem nossas armas.”⁸³⁷ Enquanto isso, “nosso exército empreende um forte reconhecimento com toda a cavalaria, para buscar a López e avançar com o exército.”⁸³⁸

Para o Paraguai, os meses finais foram desastrosos devido ao grande número de mortes ocasionadas por epidemias, fomes, saques, remoções. Em setembro desse mesmo ano, Félix Frías, então à frente da Legação Argentina no Chile, escreveu para Sarmiento sobre as informações que receberam em Santiago: “As últimas notícias que temos do Paraguai nos mostram López em fuga; e nos fazem considerar como terminada já esta guerra”.⁸³⁹

Mas, apesar de ponderar desfavoravelmente à formação de um governo provisório que não fosse diretamente nomeado pela Aliança, ao final de 1869, Sarmiento não deixou de demonstrar o quanto se sentia bem com o tratamento dispensado por D. Pedro II a ele: “A alusão que o Imperador faz à presença de Mitre, sua e minha na guerra é simpática, e muito agradável para mim, como deve ter sido para você e para o General Mitre.”⁸⁴⁰

Em novembro de 1869, Sarmiento escreveu a Paunero informando que soubera, por meio do Ministro Varela – que se encontrou com Paranhos em Assunção –, que o Príncipe (Conde D’Eu) estava disposto a diminuir o exército “cuja parte ativa quase pereceu de fome por falta de provisões, diz-se que temos baixas, desta origem, como de uma batalha.”⁸⁴¹ Essas baixas ocorriam, segundo Sarmiento, mesmo com o pagamento de “três milhões e meio de víveres”, segundo informações prestadas por Paranhos.⁸⁴²

Para Sarmiento, se o número de soldados aliados no Paraguai tivesse diminuído, o problema não teria sido tão grande. Ele também acreditava que não seria possível esperar que o general em chefe brasileiro (Conde D’Eu) decidisse pela baixa de soldados, pois tais tramitações demorariam muito e se gastariam muitas provisões esperando a resolução final.

⁸³⁷ *Idem*. “Ir organizando el Gobierno civil y estendiendo su jurisdicción a medida que avancen nuestras armas.”

⁸³⁸ *Idem*. “Nuestro ejército emprende un fuerte reconocimiento con toda la caballería, para buscar a Lopez y avanzar con el ejército.”

⁸³⁹ FRÍAS, Félix. **Carta para Domingo Faustino Sarmiento**. Santiago, 19 de setembro de 1869. 2 f. In: FRÍAS, *op. cit.*, p. 119. “Las últimas noticias, que aquí tenemos del Paraguay, nos muestran a Lopez en fuga; y nos hacen considerar como terminada ya esa guerra”.

⁸⁴⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 12 de dezembro de 1869. 2 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3135. “La alusión que el Emperador hace a la presencia de Mitre, U y yo en la guerra es simpática, y mui agradable para mi, como ha debido serlo para U. y para el Jeneral Mitre.”

⁸⁴¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 29 de novembro de 1869. 4 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3144. “Cuya parte activa casi ha perecido de hambre por falta de provisiones, se dice que tenemos bajas, de este origen, como de una batalla”.

⁸⁴² *Idem*. “Tres y medio millones por viveres”.

De acordo com o sanjuanino, “somos aliados com igual poder de tomar resoluções sem quebrar o tratado”.⁸⁴³

O receio de Sarmiento era manter o exército todo no Paraguai causando dispêndios muito grandes ao tesouro nacional. Pelo lado do Brasil, ele concluiu:

Muito confidencialmente devo lhe dizer que razões de decoro de dignidade de um Príncipe de sangue, de política podem forçar o Brasil a manter em sua integridade um exército numeroso, pois soaria mal a um Príncipe a cabeça de 4.000 homens; mas nós não devemos gastar o que não temos em tais exigências. O general Mitre ou outro pode ficar com 1.000 soldados, sem descrédito de sua linhagem.⁸⁴⁴

E concluiu: “Felizmente tudo terminou, porque o Príncipe, depois de esforços heroicos, se convenceu de que não se pode tudo que se quer, nem ainda com a submissão dos ministros do Império constituídos como provedores.”⁸⁴⁵

Quanto ao fim da Guerra, explicou Sarmiento: “Nossas tropas se vão retirando, sem menosprezar as guerrilhas que constituem a guerra atual [...]. Não imitemos a López, lutar, resistir [se arruinar] por orgulho. Fizemos tudo. Não há glória em fazer mais.”⁸⁴⁶ No final de 1870, Sarmiento já dava a guerra por finalizada. “Tudo marcha bem no melhor dos mundos possíveis. Com o exército do Paraguai, com cinco Generais, armas reservadas, não tivemos um combate em cinco meses que mereça o nome de batalha.”⁸⁴⁷ Informou ainda nesta carta que Mitre estava doente e faz algumas críticas sobre como os exércitos argentinos estavam sendo conduzidos.

Em março de 1870, tropas brasileiras encontraram Solano López na fronteira do Mato Grosso e, após o combate, o ditador paraguaio foi morto, dando fim ao conflito. Ao final da Guerra, duas questões preocupavam o governo imperial. A primeira dizia respeito ao retorno dos veteranos e a segunda, ao acerto com os governos da Aliança, sobretudo com a República

⁸⁴³ *Idem.* “Somos aliados con igual poder de tomar resoluciones sin quebrantar el tratado”.

⁸⁴⁴ *Idem.* “Mui confidencialmente debo decirle que [razones] de decoro de dignidad de un Principe de la sangre, de política pueden forzar al Brazil a mantener en su integridad un ejército numeroso, pues sonaría mal un Príncipe a la cabeza de 4.000 hombres; pero nosotros no debemos gastar lo que no tenemos en tales exigencias. El Jral. Mitre u otro puede quedar con 1.000 soldados, sin desdoro de su prosapia.”

⁸⁴⁵ *Idem.* “Felizmente todo ha terminado, porque el Príncipe después de esfuerzos heroicos, se ha convencido de que no se puede todo lo que se quiere, ni aun con la sumisión de los ministros del Imperio constituidos en provedores.”

⁸⁴⁶ *Idem.* “Nuestras tropas se iran retirando, sin menoscabo de las guerrillas que constituyen la guerra actual [...] No imitemos a Lopez, pelear, resistir, [arruinarse] por orgullo. Hemos hecho todo. No hai gloria en hacer mas.”

⁸⁴⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 03 de outubro de 1870. 2 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3151. “Todo marcha bien en el mejor de los mundos posibles. Con el ejército del Paraguay, con cinco Generales, armas a discreción no hemos tenido un combate en cinco meses que merezca el nombre de batalla”.

Argentina. Neste contexto, se insere a presença do Ministro Plenipotenciário argentino no Brasil. As correspondências possibilitam observar algumas das preocupações que Paunero sentiu e transmitiu ao presidente do seu país, bem como algumas ações adotadas pelo governo imperial no sentido de manter as boas relações com o fim da Aliança.

Um dos assuntos que dizem respeito a esta última preocupação do governo imperial brasileiro se refere à proposta de condecorações realizada por D. Pedro II. Esse assunto fez Paunero escrever a Sarmiento que, embora não quisesse fazer com que o Presidente perdesse tempo, não tinha como não se referir a uma conversa que teve no dia anterior com o Barão de Cotegipe, na época Ministro dos Negócios Estrangeiros do Império. Paunero citou o trecho da conversa com o Barão, nos seguintes termos: “Aproveito esta ocasião para pedir ao Sr. Paunero que averigue de seu governo, como seria considerado se o governo do Brasil oferecesse aos mais eminentes personagens políticos, diplomáticos e militares, condecorações em favor dos que tomaram parte notável na guerra contra o Paraguai.”⁸⁴⁸ Paunero contestou o Barão, dizendo que consultaria o governo argentino e, ao repassar tal informação ao sanjuanino, além desta explicação, acrescentou seu ponto de vista.

Mas creio que uma oferta assim não poderia deixar de ser aceita, todavia, com a reserva de usar ou não as condecorações, porque assim, se salvaria a susceptibilidade republicana, pois se veria que você e eu temos condecorações dadas pelo Brasil, não as usaríamos na República Argentina mas sim no exterior.⁸⁴⁹

De acordo com Paunero, o Barão de Cotegipe já esperava essa resposta, uma vez que este também havia sido o posicionamento do general Mitre quando recebeu a Grande Cruz da Ordem do Cruzeiro.

Na continuidade, informou ainda que o Imperador havia perguntado se o governo argentino e o Oriental concordariam em “distribuir uma medalha comemorativa da guerra a todos os generais, chefes, oficiais e soldados que tomaram parte dela” e que a medalha

⁸⁴⁸ PAUNERO, Wenceslao. **Carta para Domingo Faustino Sarmiento**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1870. 3 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Carpeta 19, n. 2351. “Aprobecho esta ocasión para pedir al S.^r Paunero averigue de su gobierno, como sería considerado el que el Gobierno del Brasil ofreciese a los más eminentes personajes políticos, diplomáticos y militares, condecoraciones en obsequio [a los] que han tomado una parte notable en la guerra contra el Paraguay.”

⁸⁴⁹ *Idem*. “Pero creo que una oferta así no podía menos de ser aceptada aunque con la reserva de usar ó nó las decoraciones, por que así, se salvaria la suceptibilidad republicana, pues el veria que U. y yo que tenemos decoraciones dadas por el Brasil, no las usabamos en la Repub.^a Argentina y si en el Exterior.”

deveria ser confeccionada em “um modelo comum com as armas e cores das três nações”.⁸⁵⁰ Mediante o exposto, solicitou uma resposta do presidente para os dois oferecimentos.

Além das comendas e medalhas, o governo brasileiro, ao que parece, procurou enfatizar ainda mais as relações de amizade e proximidade entre Argentina e Brasil, questão que pôde ser observada quando Paunero referiu-se à comemoração da Revolução de Maio. Informou a Sarmiento que, no dia anterior à escrita da missiva, o Barão de Cotegipe, as legações, os navios de guerra da Baía de Guanabara “estiveram embandeirados” e houve saudação à bandeira do país vizinho com 21 tiros de canhão.

Também comunicou ao presidente sobre a mudança de Ministério, ocasionada pela chegada de José Maria da Silva Paranhos. Segundo Paunero, de acordo com “muitos boatos”, um novo ministério seria organizado, mas “desde agora se prognostica que será da mesma cor do outro, pois os liberais e conservadores aqui são como o azeite e a água”.⁸⁵¹ Paunero já havia se referido a esse assunto em correspondência anterior, onde informou que Paranhos “tomará o posto de Presidente do Conselho de Ministros, organizando o Ministério a seu modo, o que equivale a dizer que não haverá uma crise, mas sim uma nova modificação com puros conservadores.”⁸⁵²

Em correspondência de 30 de junho, Paunero escreveu a Sarmiento dando informações sobre o contexto brasileiro. “Agora vou me ocupar sobre os assuntos que creio no dever de chamar toda sua atenção”. Ele informou que juntamente com a carta enviaria uma cópia do *Jornal do Comércio* de 28 de junho, onde estava registrada a sessão do dia 22 da Câmara dos Deputados. Explicou o conteúdo da sessão chamando a atenção para o discurso do Barão de Cotegipe, então Ministro das Relações Exteriores, que tratava sobre “os assuntos do Paraguai”.⁸⁵³

A preocupação de Paunero residiu na afirmação feita pelo Barão de que o Brasil não teria como garantir a região do Chaco para a República Argentina. Paunero destacou esta afirmação transcrevendo a parte do discurso que mais o teria incomodado: “[...] não garantimos absolutamente os limites da República Argentina naquele ponto, é questão que

⁸⁵⁰ *Idem*. “Una medalla conmemorativa dela guerra a todos los Grdes, Jefes y oficiales y soldados que tomaron parte en ella”; “un modelo comun con las armas y colores de las tres naciones.”

⁸⁵¹ *Idem*. “Desde ahora se [pronostica] que será del mismo color del otro, pues los liberales y conservadores aqui son como el aceyte y el agua.”

⁸⁵² PAUNERO, Wenceslao. **Carta para Domingo Faustino Sarmiento**. Rio de Janeiro, 05 de abril de 1870. 3 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Carpeta 19, n. 2349. “Paranhos tomará el puesto de Presidente del Consejo de Ministros, organizando el Ministerio a su modo, lo que equivale a decir que no habrá tal crisis sino una [nueva] modificacion con [puros] conservadores.”

⁸⁵³ PAUNERO, Wenceslao. **Carta para Domingo Faustino Sarmiento**. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1870. 3 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Carpeta 19, n. 2352. “Ahora voy a ocuparme de asuntos sobre los cuales me creo en el deber de llamar toda su atención”.

não nos traz compromisso algum e que tem de ser ventilada ou liquidada entre as duas Repúblicas”.⁸⁵⁴ Paunero se opôs ao posicionamento do Barão de Cotegipe utilizando como argumento o artigo 17 do Tratado de Aliança, segundo o qual, de acordo com sua escrita, os aliados deveriam garantir reciprocamente os convênios firmados na ocasião, e concluiu: “No entanto, o Barão de Cotegipe põe em dúvida nosso direito sobre o Paraguai”.⁸⁵⁵

Mediante o conteúdo da explanação do discurso na Câmara brasileira, Paunero solicitou ao presidente da República Argentina “que leia com calma o imenso discurso do Sr. Junqueira que vai destacado, e a contestação dada pelo Sr. de Cotegipe, Ministro dos Negócios Estrangeiros”. Finalizou a correspondência explicando que sentiu vontade de solicitar uma explicação do Governo Imperial, mas, diante do fato de não ter recebido instruções para tanto, preferiu remeter o acontecido ao conhecimento do presidente e ao Ministério.⁸⁵⁶

Alguns dias antes, Paunero havia escrito a Mariano Varela, Ministro das Relações Exteriores da República Argentina, para informar que, ao mesmo tempo em que chegavam ao Rio de Janeiro “as cópias do tratado preliminar de paz e protocolos realizados no Paraguai”, o Barão de Cotegipe declarava nas câmaras brasileiras que, apesar do tratado de Aliança, o Paraguai “não ficava excluído de reclamar ante os Aliados tudo que vinha a convir em pontos de limites”.⁸⁵⁷ Também comentou com Varela já haver comunicado o presidente da República Argentina sobre o assunto em correspondência anterior.

As cartas de Paunero fornecem elementos que auxiliam a conhecer as condições nas quais se encontravam os governos dos países da América do Sul envolvidos na Guerra da Tríplice Aliança em seus últimos momentos. Ainda em 1870, Paunero escreveu a Mariano Varela explicando não ser prudente viajar à Europa em uma nova missão antes de concluir o conflito do Paraguai, “que se retarda com grave prejuízo de crédito para o Governo Nacional e de tranquilidade do Governo Oriental, o qual vejo muito em perigo”.⁸⁵⁸

As cartas de Wenceslao Paunero tratavam, sobretudo, da questão do Paraguai e da aliança. As de Sarmiento, entretanto, estão pontuadas também por outros assuntos. É

⁸⁵⁴ *Idem*. “Resolvámos garantimos absolutamente os limites da Rep.^a Arg.^a naquelle ponto, é questão que nos não traz compromisso algum é que tem de ser ventilada ó liquidada entre as duas Republicas”. Grifo no original.

⁸⁵⁵ *Idem*. “Ahora bien, el Baron de Cotegipe pone en duda nuestro derecho sobre el Paraguay.”

⁸⁵⁶ *Idem*. “[...] que lea con calma el larguísimo discurso del S.^r Junqueira que va señalado, y la contestación dada por el S.^r de Cotegipe Ministro de Negocios Extranjeros.”

⁸⁵⁷ PAUNERO, Wenceslao. **Carta para Mariano Varela**. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1870. 3 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Carpeta 19, n. 2355. “Las copias del tratado preliminar de paz y protocolos celebrados en el Paraguay”; “no quedaba excluido de reclamar ante los Aliados todo que viene convenirse en punto a límites”.

⁸⁵⁸ *Idem*. “Que se retarda con grave perjuicio del crédito del Gobierno Nacional, y de la tranquilidad del Gobierno Oriental, al cual veo muy en peligro.”

interessante notar que, em diversas missivas, Sarmiento pareceu se esquivar dos assuntos políticos, especialmente daqueles referentes à Guerra do Paraguai. Assim, pediu a Paunero: “Tenho recebido com regularidade suas cartas, na última se queixa de não recebê-las com frequência daqui. Para evitar discrepâncias, lhe direi que se estenda nas suas com o Ministro, de preferência, pois minhas opiniões não devem servir de guia, mas sim as dele”.⁸⁵⁹ Sarmiento fazia referência, provavelmente, ao Ministro da Fazenda e das Relações Exteriores, Mariano Varelo, citado em algumas correspondências.

Com frequência, os interlocutores não acusavam o recebimento das missivas, levando o remetente a acreditar no extravio das mesmas, o que acontecia inclusive com as correspondências indicadas como confidenciais. Em uma carta datada de setembro de 1869, por exemplo, Sarmiento reclamou com Paunero por não ter recebido a resposta a uma “confidencial extensa” endereçada a ele e ironizou: “E se eu a encaminhei mal e ela tiver ido à Europa?”⁸⁶⁰ E complementou ainda: “De outro modo era impossível que você não respondesse, posto que nela falava de coisa que devia ter contestação.”⁸⁶¹ Embora na sequência tenha escrito sobre o crédito na Europa e sobre projetos de governo na República Argentina, que foram aprovados mesmo com a existência da oposição, enfatizou: “Não estou para lhe falar de política e oposições”.⁸⁶² Escreveu ainda que seu descontentamento em termos políticos era com “a imoralidade” e concluiu: “Quanto mais esforço faço para fundar doutrinas, mais se desenvolve o cinismo da falta de princípios”.⁸⁶³

Nas missivas escritas por Sarmiento para Paunero prevaleciam também informações referentes aos conflitos nas províncias, ao ataque de indígenas nas fronteiras de Buenos Aires e, principalmente, ao interesse do sanjuanino pelas plantas e animais brasileiros. Em um desses documentos, Sarmiento explicou a Paunero que em correspondência anterior havia comentado sobre sua contribuição para um museu de San Juan e havia solicitado a ele que se insinuasse ao Imperador para obter alguns espécimes brasileiros. De acordo com o

⁸⁵⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 12 de fevereiro de 1869. 4 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3137. “He recibido con regularidad sus cartas, en la última de las cuales se queja de no tenerlas frecuentes de aquí. Para evitar discrepancias le diré que se estiende en las suyas con el Ministro, de preferencia pues mis opiniones no deben servirle de guia sino las de aquel.”

⁸⁶⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 29 de setembro de 1869. 2 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3141. “larguísima confidencial”, “Si la habré dirijido mal, y habrá ido a Europa?”.

⁸⁶¹ *Idem*. “De otro modo era imposible que U. no contestase, puesto que en ella le hablaba de cosa que debia tener contestacion.”

⁸⁶² *Idem*. “No estoy para hablarle de política y oposiciones”.

⁸⁶³ *Idem*. “La inmoralidad política”; “Cuanto más esfuerzo hago por fundar doctrinas, mas se desenvuelve el cinismo de la falta de principios”.

sanjuanino, “meu desejo [era] de que me provesse das duplicatas de ornitologia, de insetos e de objetos de história natural de que é tão rico o Brasil”.⁸⁶⁴ Explicou ainda a Paunero a intenção de realizar uma troca com o Império brasileiro: “Na carta original me estendia sobre esse ponto, oferecendo dar em troca tatu ou *chlamyphorus* se ali não existissem.”⁸⁶⁵

Resumiu a carta anterior solicitando a Paunero: “Você pode, pois, refazer esse pedido, fale com o Imperador, ou se informe antes se é possível obter sem gasto as peles e objetos que serviriam para representar o Brasil em um museu.”⁸⁶⁶ Solicitou ainda que enviasse “um quadro de borboletas e insetos.”⁸⁶⁷ Em outra correspondência, Sarmiento acusou: “Estava esperando ocasião para lhe avisar que não havia recebido as borboletas, quando um dia veio uma estranha caixinha que podia ser de doces, a faço abrir e eram borboletas de cuja existência e entrega não me haviam dado parte.”⁸⁶⁸ Em outra missiva, Sarmiento escreveu a Paunero informando sobre o envio de bambu para as ilhas do Delta do Tigre, onde o presidente tinha uma casa. Ele escreveu: “Este assunto de canas é o mais útil de que podem falar um Presidente e um Ministro respeitado próximo a uma corte”.⁸⁶⁹

As cartas de Paunero são reveladoras ainda por apontarem o interesse do presidente da República Argentina pelas plantas, frutas e insetos das terras do Império. Ele sempre o questionava a respeito do recebimento de encomendas e presentes que havia enviado do Brasil a pedido do sanjuanino.

Com frequência, Paunero remetia junto às missivas dirigidas a Sarmiento recortes de jornais do Rio de Janeiro, referentes aos discursos nas Câmaras dos Deputados e a outros assuntos relacionados às ações e intenções do governo brasileiro em relação à República vizinha. Nas cartas, o Ministro Plenipotenciário descrevia o conteúdo do recorte ao presidente e, muitas vezes, inseria trechos da notícia na redação. Esse recurso era uma forma de ampliar a informação e dar maior veracidade e dramaticidade aos comunicados.

⁸⁶⁴ *Idem*. “mi deseo de que me proveyese de los duplicados de ornitología, de insectos y otros objetos de historia natural de que es tan rico el Brasil”.

⁸⁶⁵ O *pichiciego* ou *chlamyphorus* (gênero) é uma espécie rara de tatu, encontrado na América do Sul, especificamente na Argentina. *Idem*. “En la carta original me extendía sobre este punto, ofreciendo dar en cambio pichiciegos o chlamyphorus si allí no hubiesen”. Sublinhado no original.

⁸⁶⁶ *Idem*. “Si puede U. pues recalentar este fiambre, hablele al Emperador, o informese antes si el puede obtener sin gasto, las pieles y objetos que servirían para representar el Brasil en un Museo.”

⁸⁶⁷ *Idem*. “Un cuadro de mariposas e insectos”.

⁸⁶⁸ *Idem*. “Estaba esperando ocasión para avisarle que no había recibido las mariposas, cuando un día veo un extraño cajoncito que podía ser de dulces lo hago abrir y eran mariposas de cuya existencia y entrega no me habían dado parte”.

⁸⁶⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Carta para Wenceslao Paunero**. Buenos Aires, 03 de outubro de 1970. 2 f. In: Museo Historico Mitre. Fondo General Wenceslao Paunero. Id. 3151. “Este asunto de cañas es lo más útil de que pueden hablar un Presidente y un Ministro acreditado cerca de una corte.”

Em abril de 1870, após a morte de Solano López, Paunero comunicou a Sarmiento que o Imperador estava ocupado com o transporte de produtos a Córdoba, local onde iria ocorrer uma exposição, e indica diversos brasileiros envolvidos com o evento (Barão do Bom Retiro, Barão das Três Barras, Tomás Gomez dos Santos, Zacarias de Góes e Vasconcelos, entre outros). Também noticiou ao presidente a popularidade do evento no Brasil e no exterior.⁸⁷⁰ Assim como importou objetos para organizar a *Exposición Nacional* em Córdoba, Sarmiento buscou reunir espécimes animais e vegetais sul americanos para incrementar o evento.

Sarmiento, como já foi anotado anteriormente, compartilhava de um imaginário científico mais amplo. O colecionismo de museu, nesta época, era valorizado pelos grupos ilustrados. O presidente da República Argentina, vislumbrava possibilidades de progresso mediante o conhecimento de determinados gêneros e espécies da flora e da fauna sul-americana. Para ele, as exposições de museus e, especialmente, a exposição que organizou em Córdoba, possuía um sentido pedagógico e produziria frutos culturais e econômicos representando mais alguns passos em direção ao progresso. Durante seu mandato, as relações entre o *Museo de Buenos Aires* e o *Museu Nacional do Rio de Janeiro* se intensificaram por meio da troca de produtos botânicos e zoológicos para a complementação de suas coleções.⁸⁷¹ O desenvolvimento da ciência estava relacionado à formação das nações e as exposições e museus conferiam legitimidade para projetos políticos mais amplos, como a exploração e ocupação de territórios indígenas e os programas de extermínio desses grupos, por exemplo.

As frutas, especialmente as laranjas, constituíam um tema de recorrente importância para o presidente. Em diversas correspondências, o Ministro Plenipotenciário da Argentina transmitiu a ideia de que Sarmiento solicitava, com frequência, o envio de frutas do Brasil para Buenos Aires. Em uma dessas missivas, avisou Paunero “com o primeiro destas duas pessoas, e ao cuidado de ambas, lhe mando dois tonéis de laranjas, uma de seletas e outra de tangerinas.”⁸⁷² Em outra carta, solicitou que Sarmiento comunicasse sobre o recebimento de

⁸⁷⁰ PAUNERO, Wenceslao. **Carta para Domingo Faustino Sarmiento**. Rio de Janeiro, 05 de abril de 1870. 3 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Carpeta 19, n. 2349.

⁸⁷¹ Os museus do Rio de Janeiro e de Buenos Aires possuíam coleções botânicas, zoológicas, paleontológicas, arqueológicas, antropológicas e mineralógicas. Essas instituições serviam como órgão consultivo no qual os governos de seus países analisavam assuntos relacionados a geologia, mineração e aos recursos naturais disponíveis. As relações entre esses museus são analisadas em um interessante artigo no qual a autora demonstra as conexões existentes entre os dois países neste campo durante o século XIX. Ver: LOPES, Maria Margaret. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 21, n. 41, 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 08 July 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000200004>.

⁸⁷² PAUNERO, Wenceslao. **Carta para Mariano Varela**. Rio de Janeiro, 26 de mayo de 1870. 3 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Carpeta 19, n. 2351. “Con el primero de estas dos personas, y al cuidado de ambas, le mando dos barricas de naranjas, una de selectas, y otra de tangerinas.”

laranjas. Outro comentário demonstra que as frutas não eram enviadas somente por Paunero. Ao se referir a Varela, em tom bem-humorado e de certa forma concorrente, perguntou: “Será porque as laranjas que você recebeu são doces e as dele ácidas?”⁸⁷³

As cartas referentes aos espécimes enviados do Brasil para a República Argentina demonstravam não somente a amizade entre Paunero e Sarmiento, mas um grau de intimidade que extrapolava os vínculos exclusivamente políticos.⁸⁷⁴ Um indicativo desta relação pode ser observado quando o Ministro Plenipotenciário não se furtou a chamar a atenção do Presidente quando seus pedidos ultrapassavam o bom senso:

Sua encomenda de dez bolsas de raízes de bambu está feita e creio que d. Luis Costa ou D. Eduardo Molinos que estão aqui poderão lhe mandar uma parte se não toda a quantidade pedida que é enorme. Sabe você o que são dez bolsas de raízes? Mas poderá encher com elas todas as ilhas do Paraná porque se devem plantar quando menos de dez em dez varas de espaço porque o bambu brota em grupos lindíssimos e se propagam mais que a *caña de castilla*.⁸⁷⁵ Pode se dizer com propriedade que são os coelhos da espécie vegetal.⁸⁷⁶

Embora Sarmiento compartilhasse de um pensamento científico valorizado pelas elites letradas da época, seus excessos eram notórios e Paunero, antigo companheiro de campanhas militares, não deixou de anotá-los. Fora desta relação pessoal, a ênfase dada pelo sanjuanino para tais investimentos, como foi indicado no segundo capítulo, se tornou assunto para diversas caricaturas referentes à figura presidencial e aos interesses defendidos durante sua gestão.

⁸⁷³ PAUNERO, Wenceslao. **Carta para Domingo Faustino Sarmiento**. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1870. 6 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Carpeta 19, n. 2353; ¿Será porque las naranjas que U. recibio son dulces y las del agrias?”.

⁸⁷⁴ As relações entre Sarmiento e Paunero datavam de Valparaíso, local onde se conheceram durante o exílio. Posteriormente, estiveram juntos em Caseros (1852), quando se uniram ao *Ejército Grande*, liderado por Urquiza. Em 1862, mantiveram uma intensa troca de correspondências, durante a repressão aos conflitos civis do interior da República Argentina, momento no qual Paunero assumiu o posto de Ministro da Guerra.

⁸⁷⁵ *Caña de Castilla* (*arundo donax*) recebe também outros nomes populares como *caña común*, *guájara*, *canã gigante*, *cañavera*, etc. É uma planta de origem europeia cultivada principalmente na América Central.

⁸⁷⁶ PAUNERO, Wenceslao. **Carta para Domingo Faustino Sarmiento**. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1870. 6 f. In: Museo Histórico Sarmiento. Archivo, Carpeta 19, n. 2353. “Su encargo por las diez bolsas de raíz de bambú está hecho y creo que d. Luis Costa o D. Eduardo Molinos que están aquí podrá mandarle una parte sino el todo de la cantidad pedida que es enorme ¿Sabe U. lo que son diez bolsas de raíces? pero habrá con ellas para llenar todas las islas del Paraná por que se deben plantar cuando menos de diez en diez varas de espacio por que el bambú brota en grupos lindísimos y se propaga más que la caña de castilla. Puede decirse con propiedad que son los conejos de la especie vegetal.”

Martín Kohan anotou como a natureza e a política apareciam juntas para Sarmiento em *Recuerdos de Provincia*.⁸⁷⁷ Essa relação também é perceptível desde suas primeiras correspondências no Chile. No caso do Brasil, o interesse pela natureza não estava vinculado a uma mera curiosidade. O sanjuanino observava o potencial de diversas plantas e como poderiam ser útil ao progresso e desenvolvimento do seu próprio país. Sarmiento vislumbrou esse crescimento na potencialidade de cada espécie, de cada fruto, de cada descoberta, por meio de um interesse que muitas vezes beirava a obsessão. Ele pretendia transplantar, levar para a República Argentina, replantar. Enviou sementes de flores de um cemitério quando estava nos Estados Unidos, pediu sementes do Chile ao amigo Posse, solicitou a Paunero o envio de frutas e plantas do Brasil para semear em sua ilha no Delta, transformada em uma espécie de laboratório.

Paunero também comentou que os brasileiros haviam prometido dar uma planta parecida com o bambu e que possibilitava obter lucro. Seriam umas raízes e “umas enormes canas grossas maciças, mais grossas que as que nossos homens do campo usam”. Quanto ao uso, informou que seriam de “muita aplicação na construção de choças de campanha, galpões e meias-águas”.⁸⁷⁸ Paunero complementou a informação através de uma brincadeira: “Se você logra aclimatar essas duas espécies nas ilhas e creio que o fará, se converterá muito rapidamente em um Creso”, último rei da Lídia entre os anos 560 e 546 a.C., antes da invasão persa, e famoso por sua riqueza.⁸⁷⁹

Paunero também demonstrava, por meio de suas cartas, a visão geral que possuía sobre os brasileiros. O documento a seguir exemplifica essa questão. “Você acredita que esqueci sua solicitação de negociar com o Museu daqui para que nos deem algumas espécies [...] duplicadas e que tenham em troca outras do nosso?”⁸⁸⁰ Apesar do esquecimento, informou ao presidente sobre o recebimento de várias ofertas do Ministro da Agricultura, mas complementou enfatizando que o oferecimento não garantia a obtenção das espécies, já que no Brasil “é necessário se resignar a lutar contra uma força de inércia aterradora”. A esta frase, acrescentou que já havia explicado, mas não se cansaria de repetir que o “modo que deve se empregar para conseguir algo é dar [aos brasileiros] o exemplo de lhes mandar algo

⁸⁷⁷ KOHAN, op. cit.

⁸⁷⁸ *Idem*. “Unas enormes cañas gruesas macizas más gruesas que las que nuestros hombres del campo usan”; “mucha aplicación en la construcción de chozas de campaña, galpones, medias aguas”.

⁸⁷⁹ Creso foi o último rei da Lídia (560-546 a.C.) famoso por sua riqueza. *Idem*. “Si U. logra aclimatar esas dos especies en las islas y creo que lo logrará, se convertirá muy luego en un Creso.”

⁸⁸⁰ *Idem*. “U. creará que he olvidado su encargo de negociar con el Museo de aquí el que nos den algunas especies delas duplicadas que tengan en cambio de otras del nuestro?”

nosso para que nos retribuam".⁸⁸¹ prática essa comum à época, como já foi comentado anteriormente.

Mas se nas cartas dirigidas a Paunero muitas vezes prevaleceu a impressão de que Sarmiento não desejava se estender em relação aos assuntos da Guerra da Tríplice Aliança, em algumas correspondências trocadas com o Manuel Rafael García, Ministro Plenipotenciário da República Argentina nos Estados Unidos, esse tema ganhou peso central na pena de Sarmiento, seguido de críticas às pretensões brasileiras.

Nestas missivas, Sarmiento tratou sobre vários aspectos da Guerra, como as mortes, a necessidade de finalizá-la, a participação estadunidense e o reconhecimento de um novo governo paraguaio. Mas um dos assuntos que mais parece ter preocupado o presidente da República Argentina diz respeito à posição do Brasil em relação ao fim da Aliança e suas aspirações.

Nestas cartas, o sanjuanino também escreveu sobre as intenções de seu país, geralmente em comparação às ambições brasileiras. Afirmou que o único desejo da Argentina era "abrir a navegação dos rios, e fazer entrar a emigração até o Paraguai para restabelecer a indústria e mesclar a raça guarani, incapaz de resistir a seus tiranos".⁸⁸² Sobre o vizinho de língua portuguesa, escreveu: "nossa política com o Brasil será sempre leal e franca" e complementou: "mas sem consentir-lhe nenhuma absorção de território, muito menos uma política dominante no Rio da Prata."⁸⁸³

Em outra correspondência, na qual demonstrou preocupação em relação à posição dos Estados Unidos na Guerra, Sarmiento afirmou que os interesses dos argentinos e do Brasil não eram os mesmos e que necessitariam "do apoio ou ao menos das simpatias republicanas dos Estados Unidos, para colocar fim, se necessário for, aos avanços do Brasil."⁸⁸⁴

Em setembro de 1869, a preocupação com as pretensões imperialistas do Império brasileiro ainda constituía uma importante pauta nas cartas trocadas com Manuel García. De acordo com o sanjuanino, que contava com o apoio do país norte-americano: "com os Estados

⁸⁸¹ *Idem.* "Es necesario resignarse a luchar contra una fuerza de inercia aterradora"; modo que debe empregarse para conseguir algo es darles nosotros el ejemplo de mandarles algo nosotros para que nos lo retribuyan."

⁸⁸² SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Rafael García. Buenos Aires, 14 de janeiro de 1869. In: GARCÍA, Manuel Rafael; SARMIENTO, Domingo Faustino. *Cartas confidenciales de Sarmiento a M. R. García, 1866-1872. Buenos Aires: Coni Hermanos, 1917, p. 29;* "abrir la navegación de los ríos, y hacer entrar la emigración hasta el Paraguay para restablecer la industria y mezclar la raza guaraní, incapaz de resistir a sus tiranos."

⁸⁸³ *Idem.*; "nuestra política con el Brasil sería siempre leal y franca"; "pero sin consentirle ninguna absorción de territorio, ni menos una política dominante en el Río de la Plata."

⁸⁸⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Rafael García. Buenos Aires, 12 de fevereiro de 1869. In: GARCÍA, *op. cit.*, p. 31; "del apoyo o al menos de las simpatías republicanas de los Estados Unidos, para poner coto si necesario fuere a los avances del Brasil."

Unidos conteremos ao império em seus avanços."⁸⁸⁵ Sarmiento diferenciou a política brasileira e tentou mostrar o interesse de diferentes grupos no contexto da Guerra: "Há partidos no Brasil, o liberal, que crêem na liberdade Argentina, a amam e a acatam."⁸⁸⁶ Para ele, os maiores problemas estavam relacionados com a atuação do Partido Conservador.

As missivas enviadas a García também demonstram que a República Argentina e o Brasil desejavam encaminhamentos distintos para o fim da guerra. Sarmiento desejava a retirada das tropas argentinas do Paraguai e pretendia que os sobreviventes paraguaios constituíssem um governo para realizar os tratados, nos quais deveria constar o reconhecimento dos limites do território paraguaio, de acordo com o que propunham os aliados. O Brasil, por sua vez, conforme narrou Sarmiento, desejava que este assunto fosse tratado a partir de um governo provisório ou por meio de um tratado de paz, que deveria ser ratificado pelo congresso. Mas Sarmiento acreditava que um governo provisório não teria faculdades para obrigar o Paraguai a respeitar o acordo.⁸⁸⁷

A disputa em torno da questão territorial entre a República Argentina e o Império brasileiro foi uma das grandes preocupações de Sarmiento, conforme indica essa mesma missiva de 1870, que denota certa tensão entre esses países aliados. Segundo o presidente argentino:

O Brasil parece não perdoará a dívida; mas se mostra disposto a ceder algo de território, em troca que nós cedemos o Chaco. Aqui está a intriga. O Brasil no tratado de aliança se deu a seu arbítrio limites que nunca havia pretendido. Cedendo, pois, território, cede o que era do Paraguai. Nós nos demos os limites antigos reconhecidos, que o Paraguai não disputou e somente os López invadiram o Chaco e Corrientes, fazendo uma ponta do rio Paraguai e do Paraná. A guerra nos colocou em possessão de nosso próprio território em Corrientes e Chaco e o conservamos. Paranhos pretende que nos empenhemos em tratar porque "o tigre já agarrou sua presa", frase iracunda do debate. Se a guerra é um tigre, a guerra nos deu o nosso e nada mais.⁸⁸⁸

⁸⁸⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Rafael García. Buenos Aires, 7 de setembro de 1869. In: GARCÍA, *op. cit.*, p. 39; "con los Estados Unidos hemos de contener al imperio en sus avances. del apoyo o al menos de las simpatías republicanas."

⁸⁸⁶ *Idem.*; "Hay partidos en el Brasil, el liberal, que creen en la libertad Argentina, la aman y la acatan."

⁸⁸⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Rafael García. Buenos Aires, 12 de abril de 1870. In: GARCÍA, *op. cit.*, p. 56.

⁸⁸⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Rafael García. Buenos Aires, 12 de abril de 1869. In: GARCÍA, *op. cit.*, p. 56; "El Brasil parece no perdonará la deuda; pero se muestra dispuesto a ceder algo de territorio, a trueque que nosotros cedamos del Chaco. Aquí está la intriga. El Brasil en el tratado de alianza se dio a su arbitrio límites que nunca había pretendido. Cediendo, pues, territorio, cede lo que era del Paraguay. Nosotros nos dimos los límites de antiguo reconocidos, que el Paraguay no disputó y sólo los López invadieron en el Chaco y Corrientes, haciendo una punta del río Paraguay y del Paraná. La guerra nos puso en posesión de nuestro propio territorio en Corrientes y Chaco y lo conservamos. Paranhos pretende que nos empeñamos en

De acordo com Doratioto, o governo de Sarmiento mudou de posição a partir do final de 1870 e, de uma política que defendia que a vitória militar não dava direitos ao vencedor sobre o vencido, passou a reivindicar os territórios destinados à República Argentina conforme o Tratado da Tríplice Aliança, independente dos títulos de propriedade.⁸⁸⁹

Ainda conforme Doratioto, após o fim da guerra, a política externa do governo brasileiro, representada pelo Partido Conservador, buscou criar mecanismos para evitar que a República Argentina ficasse com todo o Chaco, conforme estava delimitado no Tratado da Tríplice Aliança.⁸⁹⁰ Isso significa que tanto os comentários de Wenceslao Paunero, como o de Sarmiento, tinham fundamento, já que a questão territorial foi um dos elementos de divergência e disputa entre Brasil e Argentina. Essa tensão também foi evidente entre 1870 e 1876, quando a política externa brasileira se voltou para o então frágil governo paraguaio que se formou após a Guerra. O Brasil desejava um governo paraguaio que não estivesse alinhado aos interesses argentinos e que pudesse resistir às pretensões argentinas sobre o Chaco e, por este motivo, apoiou o fortalecimento das instituições e do poder central paraguaio. Assim, "entre 1869 e 1876, o Paraguai foi praticamente um protetorado do Império."⁸⁹¹

Em janeiro de 1872 o Brasil rompeu com a determinação do Tratado da Tríplice Aliança de que a paz deveria ser assinada em conjunto pelos países aliados e assinou individualmente um acordo com o Paraguai, causando diversas críticas na República Argentina.⁸⁹² Em correspondência destinada a Manuel García, afirmou o presidente argentino: "Temos em campanha outra vez a tradicional política brasileira, que terminará por tragar-se o Paraguai (...) passando ao Chaco teremos em poucos anos o Brasil limítrofe de Santa Fé e Salta."⁸⁹³

Sarmiento enfatizou que a assinatura do tratado com o Paraguai foi arquitetada pelo barão de Cotegipe, "segundo chefe do partido conservador."⁸⁹⁴ Para Sarmiento, nem Paranhos, nem o Imperador coadunavam com essa proposta. Os correspondentes do

tratar porque "el tigre ya agarró su presa", frase iracunda del debate. Si la guerra es un tigre, la guerra nos dio lo nuestro y nada más.

⁸⁸⁹ DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 464.

⁸⁹⁰ *Ibid.*, p. 463.

⁸⁹¹ *Ibid.*; p. 464.

⁸⁹² *Ibid.*, p. 466.

⁸⁹³ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Manuel Rafael García. Buenos Aires, 16 de fevereiro de 1872. In: GARCÍA, *op. cit.*, p. 75; "Tenemos en campaña otra vez la tradicional política brasileña, que terminará por tragarse el Paraguay (...) pasando al Chaco tendremos en pocos años al Brasil limítrofe de Santa Fe y Salta."

⁸⁹⁴ *Ibid.*, p. 77; "segundo jefe del partido conservador."

presidente argentino que estavam no Brasil nesta ocasião, acreditavam que D. Pedro II era "amigo sincero da aliança".⁸⁹⁵ Ainda sobre esse assunto, concluiu Sarmiento: "Tal é a situação que criou o tratado Cotegipe, que nos levariam a guerra inevitavelmente, ou a deixar o Paraguai província brasileira, a que se agregará pelos mesmos meios mais tarde a Banda Oriental, e não tardaria em seguir-lhes Corrientes e Entre Ríos."⁸⁹⁶

Portanto, é possível concluir que durante sua presidência, Sarmiento dialogou intensamente com o Brasil, principalmente pelo intermédio de representantes do governo argentino que aqui estavam atuando nas questões da Guerra da Tríplice Aliança.

Paunero, por sua vez, em diversos momentos, demonstrou angústia e receio da posição brasileira em relação ao fim da Guerra, sentimentos manifestados nas correspondências encaminhadas a Sarmiento. Algumas lacunas podem ser observadas, já que nem sempre foi possível identificar as respostas para as cartas mais críticas de Paunero em relação ao Império. Mas o que ficou evidente nas missivas trocadas entre os dois políticos argentinos foi à importância atribuída por Sarmiento às riquezas naturais do país vizinho.

Em termos políticos, o sanjuanino tratou sobre a Guerra do Paraguai buscando uma solução conclusiva para a questão e, por vezes, criticando a posição do Brasil no que concerne ao prolongamento do conflito e as pretensões expansionistas e imperiais, tanto nas cartas trocadas com Paunero como com Manuel García.

Após o mandato como presidente da República Argentina, poucas foram as correspondências nas quais Sarmiento tratou sobre o Brasil, ao menos entre aquelas que teve acesso. No geral, ele teceu apenas alguns comentários de forma passageira. Um exemplo pode ser encontrado em uma carta de 1875, onde o Brasil aparece somente como exemplo em uma brincadeira. Segundo Sarmiento: "Gostei muito de receber um telegrama assinado conjuntamente, como esperava, por Frías e Posse, pretendendo que segundo a regra inversa de que dois inimigos de um terceiro são necessariamente amigos entre si. O Brasil e o Prata, por exemplo, contra o Paraguai."⁸⁹⁷ Neste comentário, há uma alusão à Guerra do Paraguai e um olhar que entende a relação entre Brasil e República Argentina como amistosa.

⁸⁹⁵ *Idem*, amigo sincero de la alianza."

⁸⁹⁶ *Ibid.*, p. 76; " Tal es la situación que ha creado el tratado Cotegipe, que nos llevarían la guerra inevitablemente, o a dejar el Paraguay provincia brasileña, a la que se agregará por los mismos medios más tarde la Banda Oriental, y no tardaría en seguirles Corrientes y Entre Ríos."

⁸⁹⁷ SARMIENTO, Faustino Sarmiento. Carta para Jose Posse. Buenos Aires, 10 de janeiro de 1875. 4 fls. In: POSSE, José; SARMIENTO, Domingo Faustino. *Epistolário entre Sarmiento y Posse (1845-1888)*. Antonio P. Castro (Org.). v. 2. Buenos Aires: Museo Histórico Sarmiento, 1947, p. 58, disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/sarmiento%20posse%202.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2014. "Mucho he gustado de recibir un telegrama firmado conjuntamente, como lo esperaba por Frías y Posse,

Em 1888, ano de sua morte, Sarmiento teceu algumas considerações sobre o Brasil. Em correspondência enviada ao filho de Manuel Montt, comentou sobre o envio e publicação de alguns tomos das *Obras Completas* no Chile. Informou ainda estar doente devido ao frio de Buenos Aires e sobre a construção de uma casa no Paraguai, onde se refugiava constantemente do clima bonaerense.⁸⁹⁸

Contextualizou as comemorações argentinas face à abolição da escravidão no Brasil, sancionada por meio da Lei Áurea, alguns dias antes.⁸⁹⁹ “Aqui estamos manifestando, pelo sentimento de humanidade, que deu liberdade aos últimos escravos que existiam na América”.⁹⁰⁰ Sobre a política brasileira, comentou: “Uma mostra de simpatia pelo Brasil faz pensar que ali há entre os abolicionistas tendências republicanas que dissipam as velhas preocupações.”⁹⁰¹ Como “velhas preocupações” se referia certamente ao regime monárquico, criticado pelo autor em outras ocasiões, como na viagem de 1846.

Sobre o governo imperial teceu o seguinte comentário:

O imperador D. Pedro II está muito doente, correndo risco de morte, e seu desaparecimento da cena produzirá, me parece, uma espécie de alto, como aquele que se produziu, ainda que por motivos diversos, no Paraguai quando Francia morreu. O que vai a suceder...! Não sucedeu nada e isso pode ocorrer no Brasil.⁹⁰²

Sarmiento observou a possibilidade de continuação do sistema monárquico após a morte de D. Pedro II utilizando como argumento o exemplo histórico do caso de Francia e do Paraguai. Em sua correspondência, a ideia de “humanidade” foi utilizada para tratar da questão da escravidão no Brasil. O autor identificou as possíveis tendências republicanas dos abolicionistas como algo positivo, que lhe permitia observar com “simpatia” o país vizinho.

pretendiendo que según la regla inversa de que dos enemigos de un tercero son necesariamente amigos entre sí. El Brasil y el Plata por ejemplo contra el Paraguay.”

⁸⁹⁸ SARMIENTO, Faustino Sarmiento. Carta para Luís Montt. Buenos Aires, 23 de maio de 1888. In: *MONTT, Manuel; SARMIENTO, Domingo Faustino. Manuel Montt y Domingo Faustino Sarmiento: epistolário 1833-1888*. Sergio Vergara Quiroz (Ed.). Santiago: Centro de Investigaciones Diego Barrios Arana, 1999. p. 203.

⁸⁹⁹ Também comentou sobre a abolição da escravatura no Brasil em uma correspondência enviada para Adolfo Saldías, onde se referiu às comemorações. Ver: SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Adolfo Saldías. Buenos Aires, 20 de maio de 1888. In: _____. *Páginas..., op. cit.*, p. 242.

⁹⁰⁰ SARMIENTO, Faustino Sarmiento. Carta para Luís Montt. Buenos Aires, 23 de maio de 1888. In: *MONTT, Manuel; SARMIENTO, Domingo Faustino. Manuel Montt y Domingo Faustino Sarmiento: epistolário 1833-1888*. Sergio Vergara Quiroz (Ed.). Santiago: Centro de Investigaciones Diego Barrios Arana, 1999. p. 203. “Por acá hemos estado de manifestaciones, del sentimiento de humanidad, que ha dado libertad a los últimos esclavos que quedaban en América.”

⁹⁰¹ *Idem*. “Una muestra de simpatía hacia el Brasil hace pensar que allí hay en los abolicionistas tendencias republicanas que disipan las viejas preocupaciones.”

⁹⁰² *Idem*. “El emperador don Pedro II está muy enfermo, con riesgo de muerte, y su desaparición de la escena producirá, me parece, una especie de alto, como aquél que se produjo, aunque por diversos motivos, en el Paraguay a la muerte de Francia. ¡Que va a suceder...! No sucedió nada y eso puede ocurrir en el Brasil.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem a seguir constitui um retrato desses comumente utilizados em biografias. O indivíduo é apresentado em um viés “oficial”, em roupas solenes e em uma pose formal. Seria possível dizer que a imagem em questão diz muito mais sobre o pintor do que sobre a pessoa retratada. Mas, no caso de Sarmiento, os óleos sobre tela nos quais ele foi representado ao longo de sua vida indicam intencionalidades distintas e dizem mais a respeito dos seus desejos do que pode parecer em um primeiro momento.



SARMIENTO, Eugenia Belín. Domingo Faustino Sarmiento. Óleo. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. I Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 11-28.

Em uma carta enviada a Félix Frías no início de 1844, Sarmiento orientou o amigo em relação ao caminho que este deveria seguir para escrever um artigo. De acordo com o sanjuanino, este artigo completaria a obra “de reabilitação que postulo em meu favor.” Assim, pediu ao amigo: “Se a você lhe parece oportuno [...] fale de mim – necessito não deixar passar essa ocasião de fazer abrir os olhos ao público e estabelecer meu nome.” Na sequência da missiva, Sarmiento sugeriu ao amigo: “Pode você motivar seu artigo nas coincidências da época, mostrando que me é peculiar à observação própria, o estudo dos eventos, o sentimento americano, a filosofia dos acontecimentos.”

Também indicou os itens que poderiam compor o texto e forneceu resumos de suas atividades.⁹⁰³ Para Ana Maria Barrachenea, esta correspondência, assim como a produção sarmientiana de modo geral, evidencia um projeto autobiográfico vinculado a um projeto de nação e, por este motivo, mas também para construir uma imagem positiva de si, Sarmiento guiou os escritos autobiográficos sobre a sua pessoa. Nesta carta “se explicita a estratégia que o destinatário deve seguir para obter indiretamente, pela boca de outro, as metas que o escritor deseja alcançar”, pontua Barrachenea.⁹⁰⁴

Em outra correspondência enviada à irmã Procesa, no ano de 1884, Sarmiento a orientou a respeito de como ela deveria compor os detalhes de um quadro que preparava, representando-o:

Te mando essa fotografia recente de Santiago, que não pode ser melhor, para que dulcifique a sobrelheira que é duríssima na de Buenos Aires que te serve de modelo, e diminua todo o áspero do semblante, ainda que me pareça que algo do espaço entre as sobrelheiras deve deixar, pois desde jovem tinha, você sabe, dois traços ou fendas perpendiculares, que Alberdi te aconselhava em Santiago conservar em um retrato meu que fazia, como características do hábito de pensar, a contração.⁹⁰⁵

⁹⁰³ Nesta carta, Sarmiento utiliza a ortografia de acordo com a reforma que estava propondo. SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Félix Frías. Santiago, entre 20 e 23 de fevereiro. 5 fls. In: FRÍAS, *op. cit.*, p. 22-23; “de reabilitacion qe prinsipió en mi favor”; “Si a U. le parese oportuno [...] able de mi – nesesito no dejar pasar esta ocasion de aser abrir los ojos al público, i establecer mi nombre”. “Puede U. motibar su articulo en las coinsidencias de la epoca, mostrando qe me es peculiar la obserbasion propia, el estudio de los echos, el sentimiento americano; la filosofia de los susesos.”

⁹⁰⁴ Ver: BARRENECHEA, Ana Maria. Autobiografía y epistolario: a propósito de una carta de Sarmiento a Frías. In: Biblioteca Virtual Miguel Cervantes. **Filología**, v. 23, n. 2, p. 45-62, 1988. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/autobiografia-y-epistolario-a-proposito-de-una-carta-de-sarmiento-a-fras-0/>>. Acesso em: 10/03/2014; “se explicita la estrategia que el destinatario debe seguir para obtener indirectamente, por boca del otro, las metas que el escritor desea alcanzar.

⁹⁰⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. Carta para Procesa Sarmiento. Santiago, março de 1884. In: _____. **Epistolário íntimo...**, *op. cit.*, p. 133. “Te mando esa fotografia reciente de Santiago, que es inmejorable, para que le culcifiques la ceja que es duríssima en el de Buenos Aires que te sirve de modelo, y disminuyas todo lo

Sarmiento descreveu detalhadamente para a irmã as características do rosto que desejava deixar registrado em um quadro para imortalizar uma determinada imagem. Embora com a intenção de transformar a expressão severa, austera, talvez grosseira, em um semblante mais suave, a manutenção de uma fisionomia que remetesse o espectador a uma aparência reflexiva, pensativa, era fundamental. Sarmiento deseja perpetuar a imagem de um pensador, quicá de um sábio.

Esse óleo pode não elucidar muito a respeito de quem realmente foi Domingo Faustino Sarmiento, mas possibilita termos uma noção de como ele desejou ser lembrado. Se os quadros que ele não pintou trazem referências biográficas, as correspondências e diários que escreveu ao longo da vida reconstroem sua trajetória e uma parte, ainda que pequena, dessa recomposição diz muito sobre seu pensamento em relação ao Brasil.

Os escritos de Sarmiento criaram um sentido de si e é com base neste sentido que ele formulou suas opiniões sobre o país vizinho. Por este motivo, no primeiro capítulo, alguns momentos-chave da trajetória individual foram ressaltados, com o propósito de evidenciar aspectos relacionados à formação intelectual, as matrizes de pensamento adotadas ao longo da vida e as posturas assumidas. Conforme Elias, “a busca de significado e realização e a procura de uma existência segura raramente apontam para a mesma direção”⁹⁰⁶, questão que se apresentou para Sarmiento a partir dos vários conflitos e dissensos que teve ao longo da vida. Esses momentos possibilitam perceber como este indivíduo se portou diante das exigências do seu meio, quais foram suas respostas, como estas respostas estavam de acordo (ou desacordo) com suas aspirações e desejos e também como criaram novas expectativas.

Neste sentido, foi importante destacar alguns momentos marcantes da vida de Sarmiento, como o exílio no Chile, local onde conviveu e participou de uma forma mais ordenada de governo do que o exemplo argentino. Local onde se constituiu como escritor, fazendo da cena pública um espaço privilegiado de debate. O exílio também foi o espaço no qual o sanjuanino criou uma espécie de retórica do ressentimento, ao tratar dos problemas políticos do seu país durante a fase rosista. Quanto ao Chile, é preciso considerar que a sua experiência como redator de *El Zonda* e como criador e diretor do *Colégio de Señoritas* de San Juan viabilizou a união de suas intenções e ambições pessoais com interesses políticos do grupo conservador reunido em torno de Manuel Bulnes.

áspero del semblante, aunque me parece que algo del entrecejo debe dejarse, pues desde joven tenía, tú sabes, dos rayas o quebraduras perpendiculares, que Alberdi te aconsejaban en Santiago conservar en un retrato mío que hacías, como características del hábito de pensar, la contracción”.

⁹⁰⁶ ELIAS, *op. cit.*, p. 126.

Elías Palti fala da importância de traçarmos perspectivas que evidenciem problemáticas que não se pode simplesmente atribuir à persistência dos resíduos tradicionalistas herdados da colônia, mas que poderiam revelar contradições e perspectivas inerentes ao processo de modernização política.⁹⁰⁷ Com esta questão em mente, no segundo capítulo apresentei alguns momentos do conturbado contexto de transformações que ocorreram na região platina durante grande parte do século XIX.

Foi neste meio que Sarmiento viveu e foi nele também que aprendeu a se portar perante a vida. Bebendo das mais diversas fontes, como dos debates da *Geração de 37*, do modelo de governo liberal chileno que optou por seguir e respeitar, da experiência de viagem realizada em 1846, da Guerra contra Rosas e dos momentos em que assumiu cargos governamentais até chegar à Presidência da República Argentina, Sarmiento certamente experimentou uma ampliação em seus horizontes de expectativas e essas experiências estiveram relacionadas às transformações que assolaram a América no período pós-independência e às tentativas de reordenamento político e social posterior.

Esses elementos foram importantes na definição de um modo de ser, de se posicionar no mundo e em relação a ele. As dinâmicas sociais e os campos de tensão apresentados possibilitaram determinados posicionamentos e permitem entender de que forma Sarmiento, proveniente de uma família sem grandes recursos, saiu de uma província do interior para configurações cada vez mais amplas.

A experiência da viagem ao Brasil de 1846, embora não tenha sido referenciada pela historiografia como um momento importante para a formação da sua visão de mundo, teve peso na forma como permitiu a ele refletir sobre sua terra natal, à medida que teve contato com exilados argentinos e com temáticas variadas, como a imigração, a monarquia, os transportes e possíveis caminhos econômicos como o café. Esse contexto também trouxe à tona um dado posicionamento sobre o tema da escravidão.

No terceiro capítulo, foi possível acompanhar os diferentes momentos do pensamento de Sarmiento em relação ao Brasil. Essas narrativas demonstraram a existência de olhares distintos de acordo com o contexto vivenciado por ele. Pensar a trajetória de um indivíduo e, mais precisamente, como ele se posicionou diante de um “outro”, não constitui uma tarefa muito simples. Ao contrário de uma abordagem biográfica de caráter exemplar, na qual os personagens são apresentados, muitas vezes, como seres conscientes e coerentes ou “lisos, decorativos, convencionais, bem penteados e, sobretudo, cuidadosamente amputados da

⁹⁰⁷ PALTI, *El momento...*, op. cit., p. 21.

cintura para baixo”,⁹⁰⁸ é importante atentar para as contradições, incertezas e mudanças de posição. Sarmiento, tanto na viagem de 1846, como durante seu mandato como presidente, vivenciou essas oscilações nos julgamentos que estabeleceu sobre o vizinho de língua portuguesa, ora elogiado ora criticado.

Sarmiento passou pelo Brasil primeiro como viajante, depois como militar e ainda uma vez mais como presidente da República. Em todos esses momentos, como escritor. Em um artigo, Maria Elisa Mäeder concluiu que Sarmiento abrandou a forma como se referia ao Brasil entre a viagem de 1846 e o período de Caseros, em 1852, tornando-se “mais simpático e até curioso sobre as coisas do Brasil”⁹⁰⁹. Fato é que em 1842, mesmo antes de conhecer o vizinho de língua portuguesa, é possível notar essa postura de curiosidade e, certamente, a demonstração de interesse.

Em *Ojeada sobre o Brasil*, Sarmiento não somente demonstrou interesse pelo país vizinho, como também evidenciou conhecimento sobre diferentes províncias e as tensões existentes entre elas, ao citar as Revoltas Liberais que envolveram São Paulo e Minas Gerais. Neste mesmo texto, o escritor argentino apontou para a existência de diferentes necessidades vinculadas à amplitude do território brasileiro e para a permanência de tensões relacionadas à questão racial. Ao analisar o Brasil, Sarmiento enquadrou os países da América do Sul em uma sequência evolutiva na qual sua terra natal estaria mais adiantada que o Brasil no compasso histórico.

Na viagem de 1846, Sarmiento demonstrou, por meio de suas narrativas publicadas em formato epistolar, que compartilhava do imaginário social referente à natureza dos trópicos ao descrever suas sensações de calor extremo e de percepção do maravilhoso. O sanjuanino entendeu o desenvolvimento do café como algo positivo, chegando a denominar esse produto como Anjo Salvador do Brasil, já que havia substituído o açúcar e o ouro, produções decadentes no país. Também anotou que o calçamento das ruas do Rio de Janeiro e a navegação eram dados positivos. Como pontos negativos, indicou a existência dos *gauchos* nos extremos do território e, sobretudo, enfatizou diversos problemas gerados pelo sistema escravista.

Na segunda viagem ao Brasil, realizada em 1852, logo após a Batalha do Monte Caseros, a natureza surgiu como algo positivo quando o narrador pensou a cidade de Petrópolis, local onde permaneceu alguns dias para facilitar seu encontro com D. Pedro II. O

⁹⁰⁸ ELLIS, Havelock. An open letter to biographers (1896), citado por LORIGA, *op. cit.*, p. 245.

⁹⁰⁹ MÄEDER, Maria Elisa Noronha de Sá. Olhares cruzados: Sarmiento e o Império do Brasil. In: **Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Vitória-ES, 2008. p. 13.

contato com o monarca também foi um ponto destacado como positivo pelo sanjuanino, caracterizado como uma das “mais gratas recordações”. Sarmiento, nesta ocasião, enalteceu a formação e a inteligência do governante brasileiro e se colocou como responsável por “desvanecer posições desfavoráveis” entre os dois países. Ao ser questionado sobre a visão negativa da viagem anterior, na qual o escritor registrou seu desapeço pela escravidão, Sarmiento se esquivou dizendo se tratar de uma primeira impressão influenciada pelo olhar transmitido ao longo dos séculos pelos espanhóis.

Ainda na viagem de 1852, Sarmiento anotou a existência de uma epidemia de febre amarela, mas não abordou essa questão como um ponto em si mesmo, sobre o qual discorreu demoradamente. O problema de saúde vivenciado na capital do Império foi acionado como ponto de comparação. Primeiramente, para indicar que as praias argentinas não possuíam esse tipo de doença e, em seguida, para criticar o rosismo, que, para o autor, se comparava a uma epidemia.

No diário que escreveu em 1868, quando retornou dos Estados Unidos e fez escala em várias províncias brasileiras, poucos pontos foram abordados de forma negativa. Um deles foi a Bahia, cujos odores, cores e arquitetura portuguesa não agradaram ao recém-eleito presidente da República Argentina. A natureza, em comparação, foi bastante enaltizada, sobretudo no que concerne às frutas. Em sua passagem pelo Rio de Janeiro, nesta ocasião, entretanto, não anotou características da natureza, como aconteceu nas experiências anteriores, pois estava às voltas com o início de suas atividades como presidente e sentiu a pressão desse cargo enquanto estava na capital do Império e enfatizou o fato de ser requisitado pelo Imperador.

Durante o período da presidência, foi possível observar, a partir das correspondências trocadas entre Sarmiento e Paunero e entre Sarmiento e García, o estreitamento dos laços entre os dois países nesse momento. Nas cartas enviadas a Manuel García, Sarmiento criticou enfaticamente a postura brasileira em relação à Guerra da Tríplice Aliança. Suas preocupações se relacionavam ao receio do avanço territorial, ao aumento do poder do Império na região e a grande mortandade ocasionada pelos confrontos e pela fome.

Quanto às missivas dirigidas a Paunero, embora Sarmiento tenha elaborado algumas críticas ao Brasil pela demora na conclusão da Guerra e Paunero tenha demonstrado receio da postura dos políticos brasileiros em relação à Argentina, em suas cartas prevaleceram discussões referentes ao interesse na obtenção de exemplares da fauna e da flora brasileira, assunto que por vezes pareceu interessar muito mais ao sanjuanino, inclusive como elemento das relações da política externa, em comparação a temas vinculados a possíveis pretensões do

Império sobre a República Argentina ou ao Paraguai, ainda que essas questões tenham sido levantadas com angústia pelo Ministro Plenipotenciário da República Argentina no Brasil.

As correspondências desse período, portanto, demonstram que a natureza do interesse de Sarmiento pelo Brasil durante essa fase de sua vida, esteve voltada para assuntos da política externa argentina e dos limites territoriais com o Paraguai. Sarmiento também se preocupou com a coleta de plantas e animais para a formação de coleções, questão que pode ser compreendida como elemento fundamental na definição de políticas e que se relaciona com a formação da identidade nacional argentina.

Diversos estudos tratam das dificuldades nas relações diplomáticas entre o Brasil e os países vizinhos, sobretudo a República Argentina. Os problemas relacionados ao estabelecimento de boas relações diplomáticas, de acordo com alguns autores, se deram em função das disputas fronteiriças e das pretensões expansionistas do Brasil, causando desconfiança e receio nos países platinos, sentimento que se tornou mais exacerbado após a incorporação da Banda Oriental (Uruguai), em 1821.⁹¹⁰ Às missões diplomáticas enviadas aos países vizinhos muitas vezes aliou-se a força na resolução das contendas, outro motivo indicado como responsável pelas desconfianças em relação ao Império.

Embora Sarmiento tenha figurado como um dos personagens desse amplo quadro social, no decorrer desta pesquisa, foi possível perceber que, para ele, o Brasil fazia parte da América do Sul e ele tinha curiosidade e interesse pelo vizinho de língua portuguesa. Sabia diferenciar aspectos da geografia do Império, pois distinguiu Minas Gerais de São Paulo, indicou tensões no Rio Grande do Sul, observou que os escravos se refugiavam e formavam quilombos em regiões de serras e apontou para peculiaridades das províncias do Pará, de Pernambuco e da Bahia, quando passou por elas.

Nas narrativas de Sarmiento sobre o Brasil foi possível perceber uma mudança de postura. Sarmiento, em alguns momentos, lançou olhares críticos à monarquia, à escravidão e às pretensões expansionistas. Em outros, elogiou as frotas marítimas do Rio de Janeiro, enalteceu a natureza e se colocou como uma espécie de instrutor do Imperador, figura pela qual demonstrou admiração em diversas ocasiões.

Sarmiento, longe de ser aquela figura coerente das biografias exemplares, demonstrou inclusive certo constrangimento diante do Imperador por ter realizado algumas críticas alguns anos antes na narrativa de *Viajes*. É importante ainda perceber que ele fez questão de enfatizar esse constrangimento.

⁹¹⁰ IZECKSOHN, *op. cit.*, p. 388.

Alguns elementos foram recorrentes nas narrativas sobre o Brasil, como o tempo passado ao lado de D. Pedro II, a importância atribuída à natureza, aos animais e plantas. Se por um lado, a Guerra do Paraguai demonstrou ser uma preocupação durante o período presidencial, obter espécimes raros do país vizinho não consistiu em um interesse menor, ao menos nas cartas trocadas com Paunero.

Por fim, neste trabalho, optei por analisar as narrativas de Sarmiento sobre o Brasil, embora existam inúmeras outras possibilidades de reflexão englobando as conexões entre o Brasil e a Argentina. Os textos de Sarmiento sobre o vizinho de língua portuguesa constituíram um ponto a mais em torno do qual elementos da identidade nacional argentina foram elaborados. Analisar as premissas e argumentos dos discursos construtores de alteridades/identidades, bem como suas possibilidades de circulação e alcance, consiste em um passo indispensável para as reflexões acerca das relações entre as diferentes Américas.

De forma ampla, este estudo demonstrou que, longe de considerar os indivíduos como meros reflexos de contextos duros que os conduzem a realizar suas ações, é importante considerar margens para as escolhas e dúvidas pessoais. A historiografia, nos últimos anos, orienta-se para o caráter subjetivo das relações, ações e sensibilidades humanas. Ao contrário de buscar, em uma trajetória pessoal, construir a imagem de um ator social coerente, estável e assertivo em seus pontos de vista, o historiador deve abrir a possibilidade de indagar sobre as dúvidas, angústias e aparentes incoerências que conformam a personalidade e as relações desses sujeitos, pois, como Bourdieu bem lembrou, indivíduo e sociedade não são antagônicos e os atores sociais agem “numa pluralidade de campos, a cada instante”.⁹¹¹

⁹¹¹ Alguns estudos que apontam para essas questões são: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 183-191; LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *Ibid.*, p. 167-182; LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. A citação encontra-se em: LEVI, Giovanni. Usos da biografia. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 169.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia geral

ALABARCES, Pablo. Las lecturas revisionistas de Sarmiento. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 293-314.

ALBERDI, Juan Bautista. **Polémica Alberdi-Sarmiento**: Cartas quillotanas: las ciento y una. Buenos Aires: Losada, 2005.

ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão (Orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2001.

ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. **Ensayos argentinos**: de Sarmiento a la vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997.

AMANTE, Adriana. **Poéticas y políticas del destierro**: argentinos en Brasil en la época de Rosas. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

AMANTE, Adriana. Introducción: Sarmiento. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 7-12.

_____. Sarmiento el boletínero: del diario de campaña al libro de vistas y paisajens: In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 181-212.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 15-36.

ARNOUX, Elvira Narvaja de. Discursos epidícticos y homenajes en los últimos años de Sarmiento. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 580-601.

ASSADOURIAN, Carlos; BEATO, Guilherme; CHIARAMONTE, José Carlos. **História Argentina 2**: de la conquista a la independência. Buenos Aires: Paidós, 2010.

AUGUSTO, Miriam Toledo. **Os ideais políticos de Domingo Faustino Sarmiento**. Juiz de Fora: Centro de Pesquisas Estratégicas Paulino Soares de Sousa. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/IPDFS.pdf>>. Acesso em: 02/12/2010.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. V. 5 – Anthopos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

BATTICUORE; Graciela; GALLO, Klauss; MYERS, Jorge (Orgs.). **Resonancias románticas**: ensayos sobre historia de la cultura argentina 1820-1890. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

BARRENECHEA, Ana Maria. Autobiografía y epistolario: a propósito de una carta de Sarmiento a Frías. Biblioteca Virtual Miguel Cervantes. **Filología**, v. 23, n. 2, p. 45-62, 1988. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/autobiografia-y-epistolario-a-proposito-de-una-carta-de-sarmiento-a-fras-0/>>. Acesso em: 10/03/2014.

BEIRED, José Luis. Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas. In: **Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Campinas: 2006. Disponível em: <http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro7/jose_beired.pdf>. Acesso em: 15/01/2011.

_____. Intelectuais e imprensa: a configuração de uma rede hispano-americana no espaço atlântico. **História**, São Paulo, v. 28, n. 2, 2009, p. 821-836.

_____. Tocqueville, Sarmiento e Alberdi: três visões sobre a democracia nas Américas. **História**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 59-78, 2003.

BETHELL, Leslie. (Org.). **História da América Latina. Da Independência até 1870**. V. III. São Paulo/Brasília: Edusp/Imprensa Oficial do Estado/Fundação Alexandre Gusmão, 2001.

BLANCO, Alejandro. Sociologia e literatura: a renovação da crítica na Argentina. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 21, n. 2, 2009. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702009000200013&lng=en&nrm=iso>. Access on: 15/05/2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702009000200013>.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brunesieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Marcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2004.

BOTANA, Natalio. El federalismo liberal en Argentina: 1852-1930. In: CARMAGNANI, Marcello (Coord.). **Federalismos latinoamericanos**: México/Brasil/Argentina. México: Fondo de Cultura Económica/El Colegio de México, 1993. p. 224-262.

_____. **La tradición republicana**: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo. Buenos Aires: Sudamericana. No computador.

_____. Vida y obra de Domingo Faustino Sarmiento. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. **Obras completas**: artículos críticos y literarios (1841-1842). Tomo I. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Matanza, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 183-192.

BUNKLEY, Allison Williams. **Vida de Sarmiento**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1966.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos: Indivíduo, Biografia, História**, n. 19, p. 1-14, 1997.

_____. História como memória social. In: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 67-89.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

BRIZUELA, Natalia; AMANTE, Adriana. Iconografía sarmientina. In: AMANTE, Adriana (directora del volumen), Sarmiento, v. IV de Noé Jitrik (director de la obra). **Historia crítica de la literatura argentina**. Buenos Aires: Emecé, 2012.

CABO, Josefina; NIJENSOHN, Camila. Sarmiento a través de sus ediciones. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 719-721.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1997.

CARBÓ, Eduardo Posada; JAKSIC, Iván. **Liberalismo y poder**. Latinoamérica en el siglo XIX. Chile: FCE, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARMAGNANI, Marcello (Coord.). **Federalismos latinoamericanos**: México/Brasil/Argentina. México: Fondo de Cultura Económica/El Colegio de México, 1993.

CARRAL, Andrea Cobas. Sarmiento/Alberdi: apuntes para una polémica posible (o de cómo construir los esquivos destinos de la patria). In: CONGRESO INTERNACIONAL ORBISTERTIUS DE TEORÍA Y CRÍTICA LITERARIA. 5., 2003. **Anais...** Universidade Nacional de La Plata-AR. 13 al 16 de agosto de 2003. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.8/ev.8.pdf>. Acesso em: julho 2013.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. Ideias e identidade na América: quatro visões. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 1, p. 7-28, julho 1975.

_____. O movimento latino-americano de História das Ideias e os desafios da integração regional. **Princípios**, São Paulo, v. 88, p. 21-25, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. **Teatro de sombras**: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. (Org.). **Nação e cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de (Orgs.). **Literatura e história na América Latina**: Seminário Internacional, 9 a 13 de setembro de 1991. São Paulo: USP, 2001.

CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados: origens da nação argentina 1800-1846**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009.

_____. En torno de los orígenes de la nación argentina. In: CARMAGNANI, Marcelo [El. Al]. **Para una história de América II**. Los nudos (1). México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 286-317.

_____. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. In: JANCÓS, István (Org.). **Brasil: formação do Estado e da nação**. São Paulo/Ijuí: Hucitec/Unijuí/FAPESP, 2003. p. 61-91.

_____. **Nación y Estado en Iberoamérica: el lenguaje político en tiempos de las independencias**. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

_____. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. In: CARMAGNANI, Marcello (Coord.). **Federalismos latinoamericanos: México/Brasil/Argentina**. México: Fondo de Cultura Económica/El Colegio de México, 1993. p. 81-131.

CHUST, Manuel; FRASQUET, Ivana. **Las independencias en América**. Madrid: Catarata, 2009.

CICERCHIA, Ricardo. **História de la vida privada en Argentina**. Vol. IV. Cuyo: entre el Atlántico y el Pacífico. Buenos Aires: Troquel, 2006.

_____. Journey to the center of the Earth: Domingo Faustino Sarmiento, a man of letters in Algeria. **J. Lat. Amer. Stud.**, Cambridge: Cambridge University Press, v. 36, p. 665-686, 2004.

_____. **Viajeros. Ilustrados y románticos en la imaginación nacional**. Buenos Aires: Troquel, 2005.

COSTA, Wilma Peres. **A espada de Dâmocles: o exército, a guerra do Paraguai e a crise do Império**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

CRESPO, Maria Victoria. La frontera como noción fundadora de un proyecto de estado-nación en Argentina y en Estados Unidos. **Nostromo, Revista Crítica Latinoamericana**, México: UNAM, n. 3, p. 10-14, primavera-verão 2010.

DAFLON, Cláudio Luis Q. Argirópolis e as mudanças na concepção histórica de Domingo Faustino Sarmiento. **História da Historiografia**, v. 7, p. 56-77, 2011. Disponible en: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/332/201>>.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEVOTO, Fernando; MADERO, Marta (Dir.). **História de la vida privada en la Argentina**. Tomo I. País antiguo. De la colonia a 1870. Buenos Aires: Taurus, 2006.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da USP, 2009.

DI PASQUALE, Mariano. Apuntes en torno a la historia intelectual Argentina en el siglo XIX. Metodologías, perspectivas y desafíos. **Historiografías**, v. 4, p. 27-46, julio-diciembre, 2012. Disponible en: <<http://www.unizar.es/historiografias/historiografias/numeros/4/pasquale.pdf>>.

DUARTE, Regina Horta. Olhares estrangeiros: viajantes no vale do rio Mucuri. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, v. 22, n. 44, p. 267-288, 2002.

DUJOVNE, León. **La filosofía de la historia em Sarmiento**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2005. Disponible em: <http://www.raoulwallenberg.net/wp-content/files_flutter/1296225734ebookdujovnesarmiento.pdf>.

EL CUMPLEAÑOS de “El Mosquito”. Buenos Aires: UBA, 1964.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ESTRADA, Ezequiel Martínez. **Radiografía de la pampa**. Paris/Madri/Argentina: ALLCAXX, 1997.

FERNÁNDEZ, Javier. (Coord.). Introducción del Coordinador. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes por Europa, África y América 1845-1847 y Diario de Gastos*. Javier Fernández, coord., Barcelona: Colección Archivos/ALLCAXX, 1996. p. XXI-XXV.

FERNÁNDEZ, Juan Rómulo. **Sarmiento**: semblanza e iconografía. Buenos Aires: Librería del Colégio, 1938.

FERREIRA, Gabriela Nunes. **O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial**. São Paulo: Hucitec, 2006.

FUNES, Patricia. Leer versos con los ojos de la historia: literatura y nación en Ricardo Rojas y Jorge Luis Borges. **História**, Franca, v. 22, n. 2, 2003. Disponible em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05/07/2011. doi: 10.1590/S0101-90742003000200006.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Latino-americanas na Europa e nos Estados Unidos: relatos sobre as tradições e as condições das viagens no século XIX. In: BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia Coelho (Orgs.). **Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas**. Assis: FCL-Assis-UNESP Publicações; São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas – FFLCH – USP, 2010. p. 113-142. Disponible em: <http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/Intercambios_Politicos_-

_e-book.pdf>. Acesso em: 04/05/2011.

_____. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa II**. São Paulo: USP, 2011, p. 62-86. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf>>. Acesso em: 04/05/2011.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. O Brasil no epistolário de Simón Bolívar: uma análise sobre o descobrimento entre as Américas. **História Revista**, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, v. 8, p. 89-115, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/10475/6956>>. Acesso em: 04/06/2013.

_____. Notas metodológicas e trajetória de pesquisa: um estudo sobre o epistolário bolivariano (1799-1830). **Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas**, São Paulo: USP, v. I, p. 44-65, 2009. Disponível em: <<http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP1.pdf>>. Acesso em: 21/02/2013.

_____. **Guerras e escritas: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)**. São Paulo: Unesp, 2010.

FREITAS NETO, José Alves de. A formação da nação e o vazio na narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX. **Revista Esboços**. Florianópolis-SC: UFSC, n. 20, p. 189-202, 2009.

_____. Tradições barrocas e emergência iluminista: questões políticas e culturais em tempos de transição na América hispânica (XVIII-XIX). In: BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia Coelho (Orgs.). **Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas**. Assis: FCL-Assis-UNESP Publicações; São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas – FFLCH – USP, 2010. p. 505-526. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/Intercambios_Politicos_-_e-book.pdf>. Acesso em: 04/05/2011.

_____. Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino. **História da Historiografia**, v. 07, p. 56-77, 2011. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/292/202>>.

FRIAS, Ana Cristina Figueiredo de. **Las bayonetas inteligentes: imprensa e opinião pública nos escritos de Domingo Faustino Sarmiento**. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

GÁRATE, Miriam. **Civilização e barbárie n'Os Sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Construir el estado, inventar la nación: el Río de La Plata, siglos XVIII-XIX**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 337-376.

GELLNER, Ernest. **Nações e nacionalismo**. Lisboa: Gradiva, 1983.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo**: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GUERRERO, Cesar R. **Mujeres de Sarmiento**. Buenos Aires: Edición del Autor, 1960.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOETHE. Afinidades eletivas. **Rio de Janeiro**: Ediouro. [s. d].

GOLDMAN, Noemí (Dir.). **Revolución, República, Confederación** (1806-1852). Tomo III. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998a.

_____. Los orígenes del federalismo rioplatense (1820-1831). In: _____ (Dir.). **Revolución, República, Confederación** (1806-1852). Tomo III. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998b.

_____. Crisis imperial, revolución y guerra (1806-1820). In: _____ (Dir.). **Revolución, República, Confederación** (1806-1852). Tomo III. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998c. p. 21-67.

_____; SALVATORE, Ricardo (Orgs.). **Caudillismos rioplatenses**: nuevas miradas a un viejo problema. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONZÁLEZ, Horacio. El duelo epistolar: Sarmiento contra Alberdi. In: JITRIK, Noé (Dir.). **Historia Crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012.

GOODRICH, Diana Sorensen. **Facundo and the construction of Argentine culture**. Texas: University of Texas Press, 1996.

GUAZZELLI, C. A. B. Sarmiento e seus monstros: caudilhos, deserto e violência na Argentina do Século 19. **História da Historiografia**, v. 7, p. 29-55, 2011. Disponível em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/324/199>>.

GUERRA, F. X. **Modernidad e independencias**: ensayos sobre las revoluciones hispánicas. Madrid: Ed. Mapfre, 1992.

GUIA descriptiva del Museo Histórico Sarmiento: formación, contenido, significado de sus colecciones. Buenos Aires: Museo Histórico Sarmiento, 1943.

GUTIÉRREZ, Horácio; NAXARA, Márcia R. C.; LOPES, Maria Aparecida de S. (Orgs.). **Fronteiras: paisagens, personagens, identidades**. Franca: UNESP; São Paulo: Olho D'Água, 2003.

GRAMUGLIA, Pablo M.; MENDONÇA, Inês de; SERVELLI, Martín. El gaucho malo de la prensa. In: JITRIK, Noé (Dir.). **Historia crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 259-291.

GRUZINKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio. **Estud. Av.** [on-line], v. 17, n. 49, p. 321-342, 2003. ISSN 0103-4014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300020>>. Acesso em: 05/06/2013.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. (Org.). **Sarmiento: author of a nation**. Berkeley: University of California Press, 1994.

_____. **La tradición republicana**: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1997a.

_____. **Una nación para el desierto argentino**. Buenos Aires: Editores de América Latina, 1997b.

_____. A economia e a sociedade na América Espanhola do pós-independência. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina**: da Independência a 1870, v. III. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 277-328.

_____. **História contemporânea da América Latina**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 2007.

HARDMAN, F. F. (Org.). **Morte e progresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Unesp, 1998.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999.

HERRERO, Fabián. Los unitarios convertidos en federales y la organización de la nación: Buenos Aires, hacia 1830. **Bol. Inst. Hist. Argent. Am. Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, n. 30, dic. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0524-97672007000100002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 27/12/2013.

HOBBSAWM, Eric. J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IGLESIA, Cristina. Contingencias de la intimidad: reconstrucción epistolar de la familia del exilio. In: DEVOTO, Fernando; MADERO, Marta (Dir.). **História de la vida privada en la Argentina**. Tomo I. País antiguo. De la colonia a 1870. Buenos Aires: Taurus, 2006. p. 202-223.

IMBERT, Enrique Anderson. **Genio y figura de Domingo F. Sarmiento**. Buenos Aires:

Eudeba, 1988.

IZECKSOHN, Vitor. A guerra do Paraguai. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). **O Brasil Imperial**. Vol. II, 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 385-424.

JAKSIĆ, Iván. Sarmiento y la prensa chilena del siglo XIX. **História**, Santiago: PUC-CH, v. 26, p. 117-144, 1991-1992. Disponível em: <<http://revistahistoria.uc.cl/estudios/3227/>>. Acesso em: 20/01/2014.

_____.; SERRANO, Sol. El gobierno y las libertades. La ruta del liberalismo chileno en el siglo XIX. In: CARBÓ, Eduardo Posada; JAKSIC, Iván (Org.). **Liberalismo y poder**. Latinoamérica en el siglo XIX. Chile: FCE, 2011. p. 177-206.

JITRIK, Noé. **Muerte y resurrección de Facundo**. Buenos Aires: CEAL, 1868.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: _____.; FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa II**, São Paulo: USP, p. 44-61, 2011. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf>>. Acesso em: 04/05/2011.

KARNAL, Leandro. O Brasil e a América Latina denegada. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 28, p. 99-110, jul.-dez. 2000.

KATRA, William H. Rereading *Viajes*: race, identity, and national destiny. In: _____. **La generación de 1837**. Buenos Aires: Emecé, 2000.

KOHAN, Martín. Sarmiento inventor. In: JITRIK, Noé (dir.). **História Crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012, p. 159-180.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto - Ed. PUC-Rio, 2006.

LACOSTE, Pablo. **La imagen del outro en las relaciones de la Argentina y Chile (1534-2000)**. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2003.

_____. Viticultura y política internacional: el intento de reincorporar a Mendoza y San Juan a Chile (1820-1835). **Historia (Santiago)**, Santiago, v. 39, n. 1, jun. 2006. Disponible en: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-71942006000100005&lng=es&nrm=iso>. Accedido en: 04/01/2014. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-71942006000100005>.

LADEIRA, Saionara Gomes. Andrés Lamas e Maria José da Silva Paranhos: fontes documentais para o estudo das ratificações dos Tratados de 1851. **Anais Eletrônicos do II Encontro Estadual de História**, Anpuh-RS. Porto Alegre-RS, 2008. Disponível em: <http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212351738_ARQUIVO_ANPUHRIOGRANDEDOSUI-ENVIO.pdf>. Acesso em: 03/07/2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte:

UFMG, 2008.

LEONI, Maria Silvia. Visiones sobre “el otro” en una historiografía provincial: Brasil, Uruguay y Paraguay en la historiografía correntina. **Anais Eletrônicos do VI Encontro da ANPHLAC**. Maringá, 2004.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 167-182.

LOPES, Maria Margaret. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 21, n. 41, 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 08 July 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000200004>.

LUGONES, Leopoldo. **História de Sarmiento**. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1988.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 225-249.

LYNCH, John. As repúblicas do Prata da independência à guerra do Paraguai. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: da Independência até 1870**. Vol. III. São Paulo: Edusp, 2001. p. 625-694.

MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. **Civilização e barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai**. 232 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História da Universidade Federal Fluminense-RJ. Niterói-RJ, 2006.

_____. Civilização, barbárie e as representações espaciais da Nação. **Anais Eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Campinas, 2006b. Disponível em: <http://anphlac.org/periodicos/anais/encontro7/maria_elisa_mader.pdf>. Acesso em: 02/12/2010.

_____. Olhares cruzados: Sarmiento e o Império do Brasil. **Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Vitória-ES, 2008.

MADRIZ, Gladys. As memórias como pretexto da autobiografia, ou como se (re)cria um escritor latino-americano. **Letras**, v. 49, n. 75, p. 36-63, 2007. ISSN 0459-1283. Em PDF.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **El general en su laberinto**. Colômbia: Oveja Negra, 1989.

MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia (Org.). **Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

MARTINEZ, Pedro Santos. **La incógnita de Caseros: revelada en documentos diplomáticos y otros estudios**. Buenos Aires: Fabro, 2009.

MARTINEZ ESTRADA, Ezequiel. **Meditaciones sarmientinas**. Santiago: Editorial Universitaria, 1968.

McFARLANE, Anthony. Independências americanas na era das revoluções: conexões, contextos, comparações. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A independência brasileira: novas dimensões**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 387-417.

MEGLIOLI, Mauricio. **La polémica de la monja Zañartu y mi defensa**. In: Biblioteca Sarmiento. Org.: vida y obra de Domingos Faustino Sarmiento. Disponível em: <<http://bibliotecasarmiento.org/2009/05/21/090501/>>. Acesso em: 15/01/2010.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Evaristo de Moraes, Tribuno da República**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

MITRE, Antonio. A parábola do espelho: identidade e modernidade no **Facundo** de Sarmiento. In: _____. **O dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 29-38.

MOLINA, Diego A. Sarmiento e o romantismo no Rio da Prata. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 27, n. 77, 2013. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000100023&lng=en&nrm=iso>. Access on: 04/Jan/2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000100023>.

MOLLOY, Sylvia. Los objetos de Sarmiento. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura Argentina: Sarmiento**, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012.

MONTEIRO, Cláudio Antônio Santos. Impérios, repúblicas e fronteiras (1840-1850). In: ENCONTRO INTERNACIONAL ANPHLAC, 8., 2008, Rio de Janeiro; COLÓQUIO TRADIÇÃO E MODERNIDADE NO MUNDO IBERO-AMERICANO, 5., 2008. [Trabalho apresentado].

MORÁN, Francisco. La expresión americana: cornucopia colonial o la jugosa construcción de la nación. **La Habana Elegante: segunda época: revista semestral de literatura y cultura cubana, caribeña, latinoamericana, y de estética**. Dallas, Texas: Southern Methodist University, n. 15, 2001. Disponível em: <<http://www.habanaelegante.com/Fall2001/Agosto2001.html>>. Acesso em: 17/01/2011.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. História e memória: algumas observações. **Práxis: Revista Eletrônica de História e Educação**, Salvador, v. 2, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf>. Acesso em: 15/01/2011.

MORENO-DURAN, Rafael Humberto. **De la barbarie a la imaginación**. Fondo de Cultura Economica, 2002.

MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

MURUCI, Fabio. História, biografia e nação na Argentina no início do século XX. Sarmiento

lido por Ricardo Rojas. **História da Historiografia**, v. 7, p. 116-133, 2011.

MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romântica de 1837 en la cultura y en la política argentinas. In: GOLDMAN, Noemí (Org.). **Nueva Historia Argentina**. Revolución, República, Confederación (1806-1852). Tomo 3. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

_____. A revolução de independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825) In: PAMPLONA, Marco A.; MÄDER, Maria Elisa (Orgs.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**: região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 69-92.

_____. **Orden y virtud**: el discurso republicano en el régimen rosista. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2011a.

_____. **Rumbos pátrios**: la cultura del viaje entre fines de la Colonia y la Independencia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011b.

_____; BATTICUORE, Graciela; GALLO, Klaus (Orgs.). **Resonancias románticas**: ensayos sobre historia de la cultura argentina 1820-1890. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

NAXARA, Márcia. **Cientificismo e sensibilidade romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: UnB, 2004.

_____. Historiadores e texto literário: alguns apontamentos. **História: Questões e Debates**, v. 44, p. 112-128, 2006.

_____; MARSON, Isabel Andrade; MAGALHÃES, Marion Brepohl de (Orgs.). **Figurações do outro na história**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

NODARI, Daniel Jacob. **La revista de Buenos Aires**: construindo a nação Argentina através da historia durante a década de 1860. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2013.

NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. RIEDEL, Dirce Côrtes (Org.). **Narrativa**: ficção e história. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p.10-35.

NUNES, Leandro José. Facundo: civilização e barbárie, uma leitura da sociedade argentina no século XIX. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 45, n. 83, p. 104, jul./dez. 2011. Em pdf.

O'GORMAN, Edmundo. **La invención de América**: investigación acerca de la estructura histórica del Nuevo Mundo y del sentido de su devenir. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

PAGLIAI, Lucila. Facundo: La historia del libro en vida de Sarmiento. In: JITRIK, Noé (Dir.). **Historia crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 33-66.

_____. Sarmiento en campaña presidencial: *El Chacho, último caldillo de la montonera de los llanos*. Episodio de 1863 (la escritura del crimen argumentado). In: **Cuadernos Lirico**, n. 9, 2013. In: <http://lirico.revues.org/1161>. Acesso em: 10 junho 2014.

PALCOS, Alberto. **Sarmiento**. La vida, la obra, las ideas, el genio. Buenos Aires: Aimece, 1962.

PALTI, Elías José. **El momento romántico**: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

_____. **El tiempo de la política**: el siglo XIX reconsiderado. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

_____. **La nación como problema**. Los historiadores y la “cuestión nacional”. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

PAMPLONA, Marco Antonio. Nação e modernidade nos escritos de Sarmiento e Nabuco. In: **A Visão do Outro**: seminário Brasil-Argentina. Brasília: Funag, 2000.

_____. Ambiguidades do pensamento latino-americano: intelectuais e a ideia de nação na Argentina e no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, n. 32, p. 3-31, 2003.

_____; DOYLE, Don (Orgs.). **Nacionalismo no Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____; MÄDER, Maria Elisa (Orgs.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**: região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PARADA, E. Alejandro. **Los libros en la época del Salón Literario**: el catálogo de la Librería Argentina de Marcos Sastre (1835). Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 2008.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIZARRO, Ana. La emancipación del discurso. In: _____. (Org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. Vol. 2. São Paulo/Campinas: Memorial/Unicamp, 1994. p. 21-34.

PRIETO, Adolfo. *La literatura autobiográfica argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

PIMENTA, João Paulo G. **Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata 1808-1828**. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. Província Oriental, Cisplatina, Uruguai: elementos para uma história da identidade oriental (1808-1828). In: PAMPLONA, Marco Antonio; MÄDER, Maria Elisa (Orgs.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**: região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 27-55.

PISANO, Natalio J. **Cartilla Sarmientina**. Buenos Aires: Instituto Sarmiento de Sociologia e História, 1988.

PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. Vol. 2. São Paulo/Campinas: Memorial/Unicamp, 1994.

POLÍTICA y humor: Sarmiento en las caricaturas de Stein y el humor de hoy por Nik. Buenos Aires: Museo Histórico Sarmiento, 1998.

POMER, Leon (Org.). **Sarmiento**: política. São Paulo: Ática, 1983.

PORTO, Diego Gobo. O americanismo em Domingo Faustino Sarmiento: paradoxo e desilusão. 2010, 164 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória-ES, 2010.

POZZI, Pablo A. Estados Unidos y Sarmiento: una visión para el desarrollo nacional. In: ARGÜELLO, Ana Rosa Suárez; WEISS, Víctor A. Arriaga (Comp.). **Estados Unidos desde América Latina**. Sociedad, política y cultura. México: Centro de Investigación y Docencia Económicas, El Colegio de México, 1995.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Prefácio à edição brasileira. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo, civilização e barbárie**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **América Latina no século XIX**: tramas, telas e textos. Bauru/S. Paulo: Edusc/Edusp, 1999.

_____. Repensando a história comparada da América Latina. **Revista de História**, São Paulo: USP, n. 153, p. 11-33, 2005.

_____. **O Brasil e a distante América do Sul**. Disponível em: <<http://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/4101/prado.pdf?sequence=2>>. Acesso em: junho 2013.

PRATT, Mary Louise. Humboldt e a reinvenção da América. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 151-165, 1991.

_____. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RAMOS, Júlio. Saber do outro: escrita e oralidade no **Facundo** de Domingos Faustino Sarmiento. In: **Desencontros da modernidade na América Latina**: literatura e política no século 19. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 27-45.

REICHEL, Heloisa Jochims. Relatos de viagens como fonte histórica para estudo de conflitos étnicos na região platina (séc. XIX). In: VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). **Literatura e história**: perspectivas e convergências. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 55-78.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcos. **O alufá Rufino**: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (1822-1853). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papirus, 1994. p. 158.

RICUPERO, Bernardo. As nações do romantismo argentino. In: PAMPLONA, Marco A.; MÄDER, Maria Elisa (Orgs.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**: região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 215-250.

RODRÍGUES, Fermín. Las operaciones de la crítica. In: JITRIK, Noé (Dir.). **Historia crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 603-630.

ROJAS, Ricardo. **El profeta de la pampa**. Vida de Sarmiento. Buenos Aires: Losada, 1951.

ROMERO, José Luis. **Las ideas políticas en Argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1981.

_____. **América Latina**: as cidades e as ideias. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

RUBÉ, Julio Horácio. **La candidatura presidencial de Sarmiento**. Capítulo IV. Disponível em: http://www.redu.colegiomilitar.mil.ar/pdf/ReDiU_0310_art2-La_candidatura.pdf. Acesso em: 10 junho 2014.

SABATO, Hilda (Coord.). Vida política y cultura de la movilización en Buenos Aires, 1860-1880. In: CARMAGNANI, Marcelo [El. Al]. **Para una historia de América III**. Los nudos (2). México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 482-506.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Fabio Muruci dos. Nascidos no maravilhoso: o excepcionalismo americano nos escritos de viagem de Domingo Sarmiento e José Martí. **Revista de História (UFES)**, v. 19, p. 49-72, 2007.

_____. História, biografia e nação na Argentina no início do século XX: Sarmiento lido por Ricardo Rojas. **História da Historiografia**, v. 7, p. 116-133, 2011. Disponível em: <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/290/204>.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

_____. **Tiempo pasado**: cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

_____. **Escritos sobre literatura argentina**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2007.

_____. Sarmiento en el siglo XX. In: JITRIK, Noé (Dir.). **Historia crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 367-392.

SARMIENTO, Augusto Belin. **Índice analítico de las obras completas de Sarmiento**. Buenos Aires: Sociedad de Estudios Bibliográficos Argentinos, 2000.

SCHMIDT, Benito. Construindo biografias. Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, n. 19, 1997. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>>.

SCHWARCZ, Lília Maria. **As barbas do Imperador**. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SEIXAS, Jacy Alves de; BRESCIANI, Maria Stella, BREPOHL, Marion. (Orgs.). **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SHUMWAY, Nicolás. **A invenção da Argentina**: historia de una ideia. São Paulo: Edusp; Brasília: UnB, 2008.

SOARES, Gabriela Pellegrino. História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa II**. São Paulo: USP, 2011. p. 87-97. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/leha/cms/UserFiles/File/CSP2.pdf>>. Acesso em: 04/05/2011.

SOMMER, Doris. **Ficções de fundação**: os romances nacionais da América Latina. Belo Horizonte. Ed. UFMG: 2004.

SORENSEN, Diana. **El Facundo y la construcción de la cultura argentina**. Rosario-AR: Beatriz Viterbo Editora, 1998.

SOUSA, José Antonio Soares de. O General Urquiza e o Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, v. 206, p. 3-101, janeiro-março 1952.

_____. Sarmiento em Petrópolis, com D. Pedro II. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, v. 291, p. 3-14, abril-junho 1971.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SOUZA, Fábio Francisco Feltrin de. **Extremidades da nação**: violência, biopolítica e antimodernidade no discurso fundacional da Argentina. 247 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2011.

SVAMPA, Maristella. La dialéctica entre lo nuevo y lo viejo: sobre los usos y nociones del caudillismo en la Argentina durante el siglo XIX. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo. **Caudillismos Rioplatenses**: nuevas miras a un viejo problema. Buenos Aires, Eudeba, s/d.

_____. Civilización o Barbarie: de “dispositivo de legitimación” a “gran relato”. Ponencia presentada en **Seminario de Mayo**: 200 años de historia argentina: El difícil proceso de

construcción de una nación. Buenos Aires-AR, 12-14 de mayo de 2010. Disponível em: <<http://www.maristellavampa.net/archivos/ensayo48.pdf>>. Acesso em: 07/01/2014.

SUBIRATS, Eduardo. Conversión e invención: dos visiones del Nuevo Mundo. **Cuadernos de Recienvenido**, São Paulo, Depto. de Letras Modernas/FFLCH/USP, v. 6, p. 5-21, 1997.

TERÁN, Oscar. **História de las ideas en la Argentina**: diez lecciones iniciales, 1810-1980. Buenos Aires: Siglo Veinteuno Editores, 2010.

TERLIZZI, Bruno Passos. **Conceitos em disputa**: as linguagens políticas nas obras de Sarmiento e o conflito em torno do conceito de *americanismo*. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH, da Universidade Estadual de Campinas-SP. Campinas-SP, 2013.

_____. **Utopias e projetos de modernidade**: Argirópolis a superação utópica da barbárie em D. F. Sarmiento. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/anais/bruno_terlizzi.pdf>. Acesso em: 04/08/2013.

TERNAVASIO, Marcela. Las reformas rivadavianas em Buenos Aires y el Congreso General Constituyente (1820-1827). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). **Revolución, República, Confederación** (1806-1852). Tomo III. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998. p. 159-198.

TORRE, Claudia. Sarmiento en viaje. In: Sarmiento. In: JITRIK, Noé (Dir.). **História crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012. p. 451-473.

VALLEJOS, Julio Pinto; ZÁRATE, Verônica V. **¿Chilenos todos?** La construcción social de La nación (1810-1840). Santiago: LOM Ediciones, 2009.

VERDEVOYE, Paul. **Domingo Faustino Sarmiento**: educar y escribir opinando (1839-1852). Buenos Aires: Plus Ultra, 1988.

WASSERMAN, Cláudia. A historiografia latino-americana da questão nacional: nações inacabadas; inimigos da nação e a ontologia da nacionalidade. In: MALERBA, Jurandir; ROJAS, Carlos A. (Orgs.). **Historiografia contemporânea em perspectiva crítica**. 1. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

_____. **História da América Latina**: cinco séculos (temas e problemas). 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

ZILLY, Berthold. A barbárie: antítese ou elemento da civilização? Do *Facundo* de Sarmiento a *Os Sertões* de Euclides da Cunha. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; _____. LIMA, Eli Napoleão (Orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2001.

Fontes consultadas

Obras de Domingo Faustino Sarmiento

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Obras completas**. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. 54 v.

SARMIENTO, Domingo Faustino. Mi Defensa: In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. III. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 11-28.

SARMIENTO, Domingo Faustino. Recuerdos de Provincia. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. III. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 29-170.

SARMIENTO, Domingo Faustino. Campaña en el Ejército Grande. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XIV. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001.

SARMIENTO, Domingo Faustino. Discurso Parlamentar de 5 de agosto de 1858. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XVIII. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 175-176.

SARMIENTO, Domingo Faustino. La Inmigración. El Nacional, 29 de dezembro de 1856. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. v. XXIII. Buenos Aires: Universidad Nacional de la Matanza, 2001. p. 264-267.

SARMIENTO, Domingo Faustino. Memorias. In: _____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. Buenos Aires, Universidad Nacional de la Matanza, 2001, vol. XLIX.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Viajes por Europa, África y América 1845-1847 y Diario de Gastos**. Javier Fernández (Coord.). Barcelona: Colección Archivos /ALLCA XX, 1996.

Epistolários

ALBERDI, Juan Bautista. **Cartas inéditas a Juan Maria Gutierrez y a Félix Frías**. MAYER, Jorge M.; MARTINEZ, Ernesto A. (Comps.). Buenos Aires: Luz del Dia, 1953.

ARGOS, Santiago; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Epistolário de Santiago Argos a Domingo Faustino Sarmiento, 1861-1874**. Buenos Aires: Asociación de Amigos del Museo Historico Sarmiento, 2000.

BILBAO, Manuel; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Cartas Bilbao á Sarmiento, recopiladas por unos amigos de la verdad**. Buenos Aires: Imprenta Rural, 1875.

BOMBINI, Gustavo. **El gran Sarmiento: las cartas que develan al hombre de acción y su intimidad**. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2001.

FRÍAS, Félix; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Epistolario inédito Sarmiento-Frías**. Barrenechea, Ana María (Ed.). Buenos Aires: Instituto Filológico Dr. Amado Alonso/Universidad de Buenos Aires, 1997.

GARCIA, Manuel Rafael; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Cartas confidenciales de Sarmiento a M. R. García**, 1866-1872. Buenos Aires: Coni Hermanos, 1917.

LASTARRÍA, José Victorino; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Correspondencia entre Sarmiento y Lastarria** (1844-1888). CARBONE, María Luisa del Pino (Org.). Buenos Aires: Bartolomé Chiesino, 1954.

LUIGGI, Alice Houston. Some letters of Sarmiento and Mary Mann (1865-1876). **The Hispanic American Historical Review**, v. 32, n. 3, 1952.

MONTT, Manuel; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Manuel Mont y Domingo Faustino Sarmiento: epistolário 1833-1888**. QUIROZ, Sergio Vergara (Ed.). Santiago: Centro de Investigaciones Diego Barrios Arana, 1999. Xerox.

POSSE, José; SARMIENTO, Domingo Faustino. **Epistolário entre Sarmiento y Posse** (1845-1888). CASTRO, Antonio P. (Org.). 2 v. Buenos Aires: Museo Histórico Sarmiento, 1946-1947. Fotografía e proyecto.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Cartas de Sarmiento a la señora María Mann**. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1936.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Cartas y discursos políticos**. BARREIRO, José P. (Ed.). Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1963.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Correspondencia de Sarmiento** (enero/mayo 1862). Buenos Aires: Asociación de Amigos del Museo Histórico Sarmiento, 1997.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **El gran Sarmiento**. Cartas que develan al hombre de acción y su intimidad. BOMBINI, Gustavo (Comp.). Buenos Aires: El Ateneo, 2001.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Epistolario de Domingo Faustino Sarmiento: Cartas familiares, 1864-1888**. MURO, Adriana de; KLUG, Diana (Eds.). Buenos Aires: Asociación de Amigos del Museo Histórico Sarmiento, 2001.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Epistolário íntimo**. ARRILI, Bernardo González (Ed.). Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1961.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Páginas Confidenciales: sus luchas, sus pasiones, sus triunfos, las mujeres de su vida**. Buenos Aires: Editorial Elevación, 1944.

SEGRETI, Carlos (Comp.). **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo I, 1838-1854. Córdoba: Comisión Nacional de Homenaje a Domingo Faustino Sarmiento, 1988.

SEGRETI, Carlos (Comp.). **La correspondencia de Sarmiento**. Tomo II, 1855-1861. Córdoba: Comisión Nacional de Homenaje a Domingo Faustino Sarmiento, 1988.

Archivos consultados

- Archivo General de la Nación
Inventario de Fondo de Documentación Donado y Adquirido
Colección Carlos Casavalle
Colección Museo Historico Nacional (legajos 23-63)
- Museo Histórico Sarmiento
Archivo histórico
- Museo Mitre
Fondo Wenceslao Paunero

LISTA DE NOMES

Aberastain, Antonino (1810-1861) – jurisconsulto e político sanjuanino. Fez parte da *Asociación de Mayo* de San Juan, juntamente com seu amigo Domingo Faustino Sarmiento.

Albarracín, Paula (1774-1861) – mãe de Domingo Faustino Sarmiento.

Alberdi, Juan Bautista (1810-1884) – nasceu em Tucumã, em 1810, em uma família proeminente da região. Seu pai apoiou e vivenciou a *Revolução de Maio*. Ganhou uma bolsa pela província de Buenos Aires para estudar no *Colegio de Ciencias Morales*. Sua formação, entretanto, esteve entrecortada por desistências e retornos. Ganhou destaque como escritor e pensador na região platina durante o século XIX, principalmente a partir de sua oposição ao rosismo. Foi um dos membros da *Generación de 37*. Com Sarmiento empreendeu diversos debates.

Alsina, Adolfo (1829-1877) – bonaerense, se exilou em Montevideu durante o período rosista. Retornou à República Argentina após a queda de Rosas e atuou como político. Foi vice-presidente durante parte do mandato de Domingo Faustino Sarmiento (1868-1873).

Alvear, Carlos María de (1789-1852) – militar e político rio-platense. Participou das lutas pela independência.

Angelis, Pedro de (1784-1859) – italiano que atuou como periodista no Rio da Prata durante o século XIX. Foi um dos principais colaboradores do rosismo, sobretudo no segundo governo de Rosas.

Artigas, José Gervásio (1764-1850) – militar rio-platense nascido na Banda Oriental. Participou das lutas pela independência do Rio da Prata durante a segunda década do século XIX. Artigas defendeu a autonomia federal das províncias platinas e criou em 1814 a Liga dos Povos Livres, abrangendo o território da Banda Oriental, Santa Fé, Entre Rios, Corrientes e, no ano seguinte, Córdoba e La Rioja. Artigas lutou contra os unitários de Buenos Aires e Montevideu e contra os portugueses que tinham interesse na Banda Oriental.

Avellaneda, Marco (1813-1841) – Estudou no *Colegio de Ciencias Morales* de Buenos Aires. Pertence ao círculo da *Generación de 37*. Fundador da *Asociación de Mayo* de Tucumán.

Avellaneda, Nicolás (1836-1885) – Filho de Marco Avellaneda. Sucedeu Domingo Faustino Sarmiento na presidência da República Argentina.

Belín, Julio (1815-1865) – Livreiro francês. Estabeleceu-se no Chile em 1848, local onde criou uma tipografia. Editou diversos livros e periódicos de Domingo Faustino Sarmiento e casou-se com sua filha Faustina.

Bello, Andrés (1781-1865) – Literato, ensaísta, filólogo, político, educador e jurista venezuelano. Estabeleceu-se no Chile em 1829 e neste país ocupou cargos públicos, dirigiu periódicos e atuou na área da educação. Desenvolveu intensa polêmica com Domingo Faustino Sarmiento sobre questões gramaticais.

Benavídez, Nazario del Carmen (1805-1858) – militar sanjuanino. Participou do grupo de Juan Facundo Quiroga durante a campanha sobre Tucumán e Salta, em 1831, e na Campanha

do Deserto, encabeçada por Rosas durante seu governo. Foi governador de San Juan de 1836 a 1854.

Bulnes, Manuel (1799-1866) – militar e político chileno. Foi presidente do Chile entre 1841 e 1846, sendo reeleito para o período de 1846 a 1851. A maior parte do exílio de Sarmiento no Chile se deu sob o governo de Bulnes.

Calle, José Lisandro – foi um escritor mendoncinho. No Chile, foi redator do periódico *El Mercurio*, no qual Sarmiento publicou diversos artigos.

Cané, Justa (1815-1910) – exilada argentina, esposa de Florencio Varela, escritor argentino também exilado no período rosista.

Cortínez, Indalecio (1811-1858) – amigo de infância de Sarmiento, estudou com ele na *Escuela de la Patria* de San Juan. Formou-se médico.

Del Canto, Maria – mãe de Faustina, filha de Sarmiento.

Echeverría, Esteban (1805-1851) – escritor e poeta argentino do romantismo. Membro da *Generación de 37*, participou do *Salón Literario*. Em Montevidéu, local onde ficou desterrado durante o período rosista, juntamente com outros exilados, criou a *Asociación de Mayo*. Morreu antes da queda de Rosas, em janeiro de 1851.

Fletcher – reverendo que acompanhou Sarmiento em sua viagem de Nova York à República Argentina em 1868.

Frías, Félix (1816-1881) – Participou do *Salón Literario* e em Montevidéu, durante o exílio, foi um dos criadores da *Asociación de Mayo*. No Chile, tornou-se amigo de Sarmiento e de Bartolomé Mitre e colaborou com *El Mercurio*.

García, Baldomero (1799-1870) – político argentino. Foi enviado por Rosas para o Chile em 1845 com o objetivo de reprimir as críticas ao rosismo elaboradas pelos argentinos exilados neste país e de estreitar os laços com o governo chileno.

García, Manuel Rafael (1826-1887) – diplomático argentino. Foi Ministro Plenipotenciário da República Argentina nos Estados Unidos durante o mandato de Sarmiento.

Godoy, Domingo Santiago – chileno que se posicionou contra alguns dos escritos de Sarmiento no Chile.

Guido, Tomás (1788-1866) – Atuou como Ministro Plenipotenciário da República Argentina no Brasil durante parte da Guerra da Tríplice Aliança. Recebeu Sarmiento no Rio de Janeiro quando este ganhou as eleições para presidente da República.

Gutiérrez – Juan María (1809-1878) – poeta, político, jurisconsulto. Fez parte da *Generación de 37*, frequentou o *Salón Literario* e, junto com outros exilados do rosismo, auxiliou na criação da *Asociación de Mayo* em Montevidéu. Manteve um diálogo frequente em Sarmiento.

Klappenbach, Sofía Lenoir de (1851-1933) – sobrinha de Sarmiento. Filha de Procesa e Benjamín Lenoir. Atuou como educadora em San Juan e Buenos Aires.

Lamas, Andrés (1817-1891) – Andrés Lamas nasceu em Montevideu. Atuou como político, diplomata e escritor. Em 1836 se exilou no Brasil. Combateu Juan Manuel de Rosas e foi Ministro Plenipotenciário ante o Império brasileiro em 1847.

Lastarría, José Victorino (1817-1888) – periodista e político chileno. Foi amigo de Sarmiento.

Leão, Honório Hermeto Carneiro (1801-1856) – Diplomata e político brasileiro. Ocupou diversos cargos públicos, como a presidência das Províncias do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Conheceu Sarmiento no Rio da Prata, durante a aliança realizada entre o Brasil e Justo José de Urquiza contra Juan Manuel de Rosas, em 1852.

López, Vicente Fidel (1815-1903) – historiador, periodista e jurisconsulto argentino. Integrante do *Salón Literario* e da *Asociación de Mayo*. Durante o exílio no período rosista, viveu no Uruguai e, posteriormente, no Chile. Com Sarmiento, de quem se tornou amigo, fundou *El Liceo* e *El Progreso*.

López y Planes, Vicente – escritor e político argentino, um dos auxiliares midiáticos de Rosas, junto com Pedro de Angelis.

Mann, Horace (1796-1859) – educador e jurisconsulto estadunidense. Suas ideias e ações sobre a educação primária influenciaram Sarmiento, que se tornou seu amigo.

Mann, Mary (1806-1887) – educadora estadunidense, esposa de Horace Mann. Foi amiga de Sarmiento principalmente no período em que ele viveu nos Estados Unidos. Trocaram um grande número de correspondências entre o final da década de 1860 e início de 1870.

Mansilla, Lucio (1851-1913) – escritor e político argentino. Lutou na Guerra da Tríplice Aliança. Propôs a candidatura de Sarmiento à Presidência da República.

Maradona, Timoteo (1794-1863) – político e religioso sanjuanino. Durante o período em que Sarmiento escreveu *El Zonda*, Maradona foi ministro do governador rosista Nazario Benavídez.

Mármol, José (1817-1871) – escritor, periodista e político bonaerense. Durante o período rosista, viveu no Brasil.

Mendeville, María Sánchez de (1786-1868) – exilada argentina do período rosista que viveu no Uruguai e no Brasil.

Miguel Piñero – escritor e advogado cordobês. Acompanhou Facundo Quiroga em uma de suas viagens e, por este motivo, foi uma das pessoas consultadas por Sarmiento para escrever a biografia do caudilho.

Mitre, Bartolomé (1821-1906) – da mesma geração de Sarmiento e com uma trajetória similar em vários aspectos. Também foi exilado durante o período rosista. Nesta época, esteve no Uruguai, no Chile, na Bolívia e no Peru. Atuou como escritor, militar e ocupou cargos públicos, inclusive o de presidente da República Argentina entre 1862 e 1868. Figura ao lado de Sarmiento como um dos idealizadores da nação argentina. Como escritor, a historiografia deu grande destaque a sua obra *História de Belgrano*.

Montt, Manuel – (1809-1880) – político e jurisconsulto chileno. Ocupou vários cargos públicos no Chile, inclusive o de presidente da República, posição que alcançou com o apoio

do amigo Domingo Faustino Sarmiento. Durante o período de desterro, auxiliou Sarmiento em várias ocasiões.

Ocampo, Manuel – (1810-1895) – ocupou vários cargos públicos em Buenos Aires. Durante o mandato de Sarmiento como presidente da República Argentina, o auxiliou quanto à gestão financeira.

Oribe, Manuel (1792-1857) – militar e político nascido em Montevideu. Participou dos conflitos civis que assolaram a região platina na primeira metade do século XIX e ocupou diversos cargos públicos, como a presidência da República Oriental do Uruguai entre 1835 e 1838. Lutou ao lado de Artigas e contra os interesses portugueses e brasileiros e, posteriormente, ao lado de Juan Manuel de Rosas. Foi vencido em 1852, pela aliança firmada entre o Império brasileiro e Justo José de Urquiza.

Oro, José de (1775-?) – irmão do frei Justo de Santa Maria de Oro (que fora bispo de Tucumán e Cuyo) e de Tránsito de Oro. Participante do movimento de Independência. Sacerdote responsável pela educação de Sarmiento no período da adolescência. Em *Recuerdos de Provincia*, Sarmiento explicou que José de Oro estudou e se ordenou no Chile. Participou da batalha de Chacabuco, mas teve um grave desentendimento com San Martín.

Oro, Justo de Santa María de (1772-1836) – irmão de José de Oro, religioso e político sanjuanino. Participou dos movimentos de Independência do Chile e de San Juan.

Oro, Tránsito de (1879-?). Com Sarmiento, assumiu a direção do *Colegio de Señoritas de la Advocación de Santa Rosa de America*, criado em San Juan em 1839.

Paranhos, José Maria da Silva (1819-1880) – um dos mais destacados políticos do Partido Conservador brasileiro. Ocupou diversos cargos públicos, serviu como diplomata e atuou em diferentes ocasiões na pasta dos Negócios Estrangeiros. Em 1870, recebeu o título de Visconde do Rio Branco, devido a sua atuação nas negociações políticas da Guerra do Paraguai.

Paunero, Wenceslao (1805-1871) – militar uruguaio, lutou nos conflitos civis da região platina ao lado dos unitários. Participou da Campanha contra Rosas em 1852. Ocupou diversos cargos públicos, inclusive o de Ministro Plenipotenciário da República Argentina no Brasil durante parte do mandato de Sarmiento (entre 1869 e 1871).

Paz, José Maria (1791-1854) – foi um militar cordobês, que atuou nas guerras de independência e nos conflitos civis que assolaram a Confederação Argentina, momento no qual se posicionou a favor dos unitários. Também atuou contra o Brasil na guerra da Cisplatina.

Portales, Diego (1793-1837) – político chileno. Ocupou vários ministérios em seu país, inclusive a pasta de Ministro das Relações Exteriores durante um período do governo de José Tomás Ovalle (entre 1830-1831).

Posse, José (1816-1906) – político e periodista tucumano. Lutou contra o rosismo. Foi um dos grandes amigos de Sarmiento.

Quiroga, Facundo (1788-1835) – caudilho rio-platense que defendeu a causa federal. Foi biografado por Sarmiento.

Rawson, Benjamín Franklin (1819-1871) – artista sanjuanino, membro da *Sociedad Dramática de San Juan*. No Chile, viveu ao lado de Sarmiento e suas irmãs.

Rivadavia, Bernardino (1780-1845) – político rio-platense. Lutou no processo de independência e foi presidente das Províncias Unidas do Rio da Prata entre 1826 e 1827.

Rivadeneira, Manuel (1805-1872) – tipógrafo e editor espanhol. Se estabeleceu no Chile em 1837. Foi dono de *El Mercurio*.

Rivera, José Fructuoso (1784-1854) – militar e político uruguaio (Partido Colorado). Foi favorável à união da Banda Oriental com o Brasil e, devido a sua posição favorável a Portugal e ao Brasil, foi nomeado Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro em 1823. Foi presidente do Uruguai duas vezes (1830-1834 e 1838-1843). Lutou contra Juan Manuel de Rosas e Manuel Oribe (Partido Blanco).

Roca, Julio Argentino (1843-1914) – militar e político argentino. Participou de vários conflitos civis na década de 1860 e da Guerra da Tríplice Aliança. Foi presidente da República Argentina entre 1880-1886.

Rodríguez, Ignacio Fermín – professor de Sarmiento na *Escuela de la Patria*, em San Juan.

Rodríguez de Oro, Elena – filha de Tránsito de Oro. Jovem pela qual Sarmiento se apaixonou antes do exílio no Chile. Foi aluna e professora do *Colegio de Señoritas Santa Rosa*.

Rodríguez, Martín (1771-1845) – político e militar rio-platense. Participou do processo de independência platina. Foi governador de Buenos Aires entre 1820 e 1824.

Román, García – pseudônimo utilizado por Sarmiento em 1838 em correspondência trocada com Juan Bautista Alberdi.

Rosas, Juan Manuel de (1793-1877) – militar e político rio-platense. Governador da província de Buenos Aires entre 1829 e 1832 e entre 1835 e 1852.

Rosas, Manuel Quiroga – amigo de Sarmiento, fazia parte da *Asociación de la Joven Argentina*.

Salcedo y Mallea, Ángela (?–1841) – tia de Sarmiento, mãe de Domingo Soriano Sarmiento.

Saldías, Adolfo (1849-1914) – político, militar e historiador argentino.

San Martín, José de (1778-1850) – um dos principais generais sul-americanos da independência.

Sarmiento, Ana Faustina (1832-1904) – única filha de Sarmiento. Tornou-se educadora.

Sarmiento, Augusto Belín (1854-1936) – neto de Sarmiento. Foi seu colaborador e secretário.

Sarmiento, Bienvenida (1804-1900) – irmã de Sarmiento. Teve uma importante atuação em San Juan como educadora.

Sarmiento, Faustino Soriano (1821-1867) – primo de Sarmiento. Atuou no campo político sanjuanino.

Sarmiento, Helena Eloísa Belín (1857-1945) – neta de Sarmiento. Foi secretária do avô durante o seu mandato como presidente da República e se dedicou aos cuidados dos seus pássaros.

Sarmiento, José Clemente (1778-1848) – pai de Sarmiento.

Sarmiento, José Manuel Eufrásio de Quiroga (1777-1852) – tio de Sarmiento, foi bispo de Cuyo.

Sarmiento, María Eugenia Belín (1860-1952) – neta de Sarmiento. Foi pintora e retratou o avô em diferentes momentos.

Sarmiento, Paula (1803-1889) – irmã mais velha de Sarmiento.

Sarmiento, Procesa (1818-1899) – irmã de Sarmiento. Pintora especialista em retratos e miniaturas. Foi professora de desenho, francês, literatura e bordados.

Sarmiento, Rosário (1812-1902) – irmã de Sarmiento. Participou da *Sociedad Dramática Filarmónica de San Juan*. Possuía uma relação estreita com Sarmiento. Cuidou de sua casa durante o mandato presidencial.

Sarsfield, Dalmacio Vélez (1800-1875) – político e advogado argentino. Exilou-se em Montevideu durante o período rosista. Com a queda de Rosas, retornou à cena política da República Argentina, onde manteve relações constantes com Sarmiento.

Sastre, Marcos (1808-1887) – foi o criador do *Salón Literario*, em 1835.

Sousa, Paulino José Soares de (1807-1866) – político do Império brasileiro, ocupou diversos cargos ao longo da vida, representando uma figura de destaque na política imperial brasileira e, principalmente, nas questões diplomáticas envolvendo a região platina durante a década de 1850. Recebeu o título de Visconde do Uruguai.

Torrent, Juan Eusebio (1834-1901) – escritor, político e jurisconsulto argentino. Era Ministro Plenipotenciário da Argentina no Brasil em 1868, ano em que Sarmiento venceu as eleições para a presidência da República.

Urquiza, Justo José de (1801-1870) – militar e político rio-platense. Foi governador de Entre Rios e estabeleceu uma aliança com o Brasil em 1851, momento no qual se pronunciou contra Juan Manuel de Rosas, vencido por Urquiza na Batalha de Monte Caseros.

Varela, Florencio (1807-1848) – líder do partido unitário no exílio em Montevideu, onde se estabeleceu em 1829. Teve um papel importante na luta contra Rosas, pois reuniu um grande número de pessoas em torno de si. Foi assassinado em 1848, em Montevideu, e em seu enterro ocorreram manifestações políticas exaltadas dos exilados. Varela foi com sua família para o Rio de Janeiro em 1841, para tentar melhorar suas condições financeiras. Em *Viajes*, Sarmiento fala dele com admiração.

Varela, Mariano (1834-1902) – periodista e político uruguaio. Filho de Florencio Varela e de Justa Cané. Esteve presente na Batalha de Caseros, foi Ministro da Fazenda e das Relações Exteriores durante o mandato presidencial de Sarmiento.

Vial, José Joaquín Prieto (1786-1854) – foi presidente do Chile entre 1831 e 1841.

Villafañe, Benjamín (1819-1893) – escritor, militar e político tucumano Fez parte da *Asociación de Mayo* e participou dos conflitos civis do período rosista lutando contra Rosas.